COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

PAULO
O 13º APÓSTOLO

Ernest Renan

TEXTO INTEGRAL

MARTIN CLARET

PAULO
O 13º APÓSTOLO

Ernest Renan

TEXTO INTEGRAL

LIVRO: INSTRUMENTO DE LIBERDADE E PODER

No início do terceiro milênio e após as comemorações dos quinhentos anos do descobrimento do Brasil, vivemos num momento especial.

Nós, da Editora Martin Claret, também vivemos estes dias com grande confiança e enorme entusiasmo.

Pesquisas de campo têm constatado que, apesar de crises e turbulências econômicas, o brasileiro está lendo mais. Novos canais de distribuição estão surgindo no mercado. Mídias eletrônicas e de alta tecnologia estão sendo oferecidas para facilitar a vida do leitor.

Começamos a compreender que conhecimento é poder. Mais e mais as pessoas es-

PAULO
O 13º APÓSTOLO

Ernest Renan

TEXTO INTEGRAL

TRADUÇÃO: TOMÁS DA FONSECA

COLEÇÃO A OBRA-PRIMA DE CADA AUTOR

PAULO

O 13º APÓSTOLO

Ernest Renan

TEXTO INTEGRAL

MARTIN CLARET

IDEALIZAÇÃO E REALIZAÇÃO
Martin Claret

CAPA
Ilustração
Cláudio Gianfardoni

MIOLO
Revisão
Ana Cristina Teixeira
Marinice Argenta

Tradução
Tomás da Fonseca

Projeto Gráfico
José Duarte T. de Castro

Direção de Arte
José Duarte T. de Castro

Digitação
Celina Vian Marques

Editoração Eletrônica
Editora Martin Claret

Fotolitos da Capa
OESP

Papel
Off-Set, 70 g/m²

Impressão e Acabamento
Paulus Gráfica

Editora Martin Claret - Rua Alegrete, 62 - Bairro Sumaré
CEP 01254-010 - São Paulo - SP
Tel.: (0xx11) 3672-8144 - Fax: (0xx11) 3673-7146
www.martinclaret.com.br

Agradecemos a todos os nossos amigos e colaboradores — pessoas físicas e jurídicas — que deram as condições para que fosse possível a publicação deste livro.

Este livro foi composto e impresso no outono de 2003.

A história do livro e a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"

MARTIN CLARET

Que é o livro? Para fins estatísticos, na década de 60, a UNESCO considerou o livro "uma publicação impressa, não periódica, que consta de no mínimo 49 páginas, sem contar as capas".

O livro é um produto industrial.

Mas também é mais do que um simples produto. O primeiro conceito que deveríamos reter é o de que o livro como objeto é o veículo, o suporte de uma informação. O livro é uma das mais revolucionárias invenções do homem.

A *Enciclopédia Abril* (1972), publicada pelo editor e empresário Victor Civita, no verbete "livro" traz concisas e importantes informações sobre a história do livro. A seguir, transcrevemos alguns tópicos desse estudo didático sobre o livro:

O livro na Antiguidade

Antes mesmo que o homem pensasse em utilizar determinados materiais para escrever (como, por exemplo, fibras vegetais e tecidos), as bibliotecas da Antiguidade estavam repletas de textos gravados em tabuinhas de barro cozido. Eram os primeiros "livros", depois progressivamente modificados até serem feitos — em grandes tiragens — em papel impresso mecanicamente, proporcionando facilidade de leitura e transporte. Com eles, tornou-se possível, em todas as épocas, transmitir fatos, acontecimentos históricos, descobertas, tratados, códigos ou apenas entretenimento.

Como sua fabricação, a função do livro sofreu enormes modifi-

cações dentro das mais diversas sociedades, a ponto de constituir uma mercadoria especial, com técnica, intenção e utilização determinadas. No moderno movimento editorial das chamadas sociedades de consumo, o livro pode ser considerado uma mercadoria cultural, com maior ou menor significado no contexto socioeconômico em que é publicado. Como mercadoria, pode ser comprado, vendido ou trocado. Isso não ocorre porém, com sua função intrínseca, insubstituível; pode-se dizer que o livro é essencialmente um instrumento cultural de difusão de idéias, transmissão de conceitos, documentação (inclusive fotográfica e iconográfica), entretenimento ou ainda de condensação e acumulação do conhecimento. A palavra escrita venceu o tempo, e o livro conquistou o espaço. Teoricamente, toda a humanidade pode ser atingida por textos que difundem idéias que vão de Sócrates e Horácio a Sartre e McLuhan, de Adolf Hitler a Karl Marx.

Espelho da sociedade

A história do livro confunde-se, em muitos aspectos, com a história da humanidade. Sempre que escolhem frases e temas, transmitem idéias e conceitos, os escritores estão elegendo o que consideram significativo no momento histórico e cultural que vivem. Desta forma, fornecem dados para a análise de sua sociedade. O conteúdo de um livro — aceito, discutido ou refutado socialmente — integra a estrutura intelectual dos grupos sociais.

Nos primeiros tempos, o escritor geralmente vivia em contato direto com seu público que era formado por uns poucos letrados, já cientes das opiniões, idéias, imaginação e teses do autor, pela própria convivência que tinha com ele. Muitas vezes, mesmo antes de ser redigido o texto, as idéias nele contidas já haviam sido intensamente discutidas pelo escritor e parte de seus leitores. Nessa época, como em várias outras, não se pensava no enorme percentual de analfabetos. Até o século XV, o livro servia exclusivamente a uma pequena minoria de sábios e estudiosos que constituíam os círculos intelectuais (confinados aos mosteiros no início da Idade Média) e que tinham acesso às bibliotecas, cheias de manuscritos ricamente ilustrados.

Com o reflorescimento comercial europeu em fins do século XIV, burgueses e comerciantes passaram a integrar o mercado livreiro da época. A erudição laicizou-se, e o número de escritores aumentou, surgindo também as primeiras obras escritas em línguas que não o latim e o grego (reservadas aos textos clássicos e aos assuntos considerados dignos de atenção).

Nos séculos XVI e XVII, surgiram diversas literaturas nacionais, demonstrando, além do florescimento intelectual da época, que a população letrada dos países europeus estava mais capacitada a adquirir obras escritas.

Cultura e comércio

Com o desenvolvimento do sistema de impressão de Gutenberg, a Europa conseguiu dinamizar a fabricação de livros, imprimindo, em cinqüenta anos, cerca de vinte milhões de exemplares para uma população de quase cem milhões de habitantes, a maioria analfabeta. Para a época, isso significou enorme revolução, demonstrando que a imprensa só se tornou uma realidade diante da necessidade social de ler mais.

Impressos em papel, feitos em cadernos costurados e posteriormente encapados, os livros tornaram-se empreendimento cultural e comercial; os editores passaram logo a se preocupar com melhor apresentação e redução de preços. Tudo isso levou à comercialização do livro. E os livreiros baseavam-se no gosto do público para imprimir, sobretudo, obras religiosas, novelas, coleções de anedotas, manuais técnicos e receitas.

O percentual de leitores não cresceu na mesma proporção que a expansão demográfica mundial. Somente com as modificações socioculturais e econômicas do século XIX — quando o livro começou a ser utilizado também como meio de divulgação dessas modificações, e o conhecimento passou a significar uma conquista para o homem que, segundo se acreditava, poderia ascender socialmente se lesse — houve um relativo aumento no número de leitores, sobretudo na França e na Inglaterra, onde alguns editores passaram a produzir, a preços baixos, obras completas de autores famosos. O livro era então interpretado como símbolo de liberdade, conseguida por conquistas culturais. Entretanto, na maioria dos países, não houve nenhuma grande modificação nos índices percentuais até o fim da Primeira Guerra Mundial (1914/18), quando surgiram as primeiras grandes tiragens de livros, principalmente

romances, novelas e textos didáticos. O número elevado de cópias, além de baratear o preço da unidade, difundiu ainda mais a literatura. Mesmo assim, a maior parte da população de muitos países continuou distanciada, em parte porque o livro, em si, tinha sido durante muitos séculos considerado objeto raro, passível de ser adquirido somente por um pequeno número de eruditos. A grande massa da população mostrou maior receptividade aos jornais, periódicos e folhetins, mais dinâmicos e atualizados, além de acessíveis ao poder aquisitivo da grande maioria.

Mas isso não chegou a ameaçar o livro como símbolo cultural de difusão de idéias, como fariam, mais tarde, o rádio, o cinema e a televisão.

O advento das técnicas eletrônicas, o aperfeiçoamento dos métodos fotográficos e a pesquisa de materiais praticamente imperecíveis fazem alguns teóricos da comunicação de massa pensar em um futuro sem os livros tradicionais, com seu formato quadrado ou retangular, composto de folhas de papel, unidas umas às outras por um dos lados.

Seu conteúdo e suas mensagens, racionais ou emocionais, seriam transmitidos por outros meios como, por exemplo, microfilmes e fitas gravadas.

A televisão transformaria o mundo inteiro em uma grande "aldeia" (como afirmou Marshall McLuhan), no momento em que todas as sociedades decretassem sua prioridade em relação aos textos escritos.

Mas a palavra escrita dificilmente deixaria de ser considerada uma das mais importantes heranças culturais, para todos os povos.

E no decurso de toda a sua evolução, o livro sempre pôde ser visto como objeto cultural (manuseável, com forma entendida e interpretada em função de valores plásticos) e símbolo cultural (dotado de conteúdo, entendido e interpretado em função de valores semânticos). As duas maneiras podem fundir-se no pensamento coletivo como um conjunto orgânico (em que texto e arte se completam como, por exemplo, em um livro de arte) ou apenas como um conjunto textual (no qual a mensagem escrita vem em primeiro lugar — em um livro de matemática, por exemplo).

A mensagem racional, prática ou emocional de um livro é sempre intelectual e pode ser revivida a cada momento.

O conteúdo, estático em si, dinamiza-se em função da assimilação das palavras pelo leitor, que pode discuti-las, reafirmá-las, negá-las ou transformá-las. Por isso, o livro pode ser considerado um instrumento cultural capaz de liberar informação, sons, imagens, sentimentos e idéias através do tempo e do espaço.

A quantidade e a qualidade das idéias colocadas em um texto podem ser aceitas por uma sociedade, ou por ela negadas, quando entram em choque com conceitos ou normas culturalmente admitidas.

Nas sociedades modernas, em que a classe média tende a considerar o livro como sinal de *status* e cultura (erudição), os compradores utilizam-no como símbolo mesmo, desvirtuando suas funções ao transformá-lo em livro-objeto.

Mas o livro é, antes de tudo, funcional — seu conteúdo é que lhe confere valor (como os livros das ciências, de filosofia, religião, artes, história e geografia, que representam cerca de 75% dos títulos publicados anualmente em todo o mundo).

O mundo lê mais

No século XX, o consumo e a produção de livros aumentaram progressivamente. Lançado logo após a Segunda Guerra Mundial (1939/45), quando uma das características principais da edição de um livro eram as capas entreteladas ou cartonadas, o livro de bolso constituiu um grande êxito comercial. As obras — sobretudo *best-sellers* publicados algum tempo antes em edições de luxo — passaram a ser impressas em rotativas, como as revistas, e distribuídas às bancas de jornal. Como as tiragens elevadas permitiam preços muito baixos, essas edições de bolso popularizaram-se e ganharam importância em todo o mundo.

Até 1950, existiam somente livros de bolso destinados a pessoas de baixo poder aquisitivo. A partir de 1955, desenvolveu-se a categoria do livro de bolso "de luxo". As características principais destes últimos eram a abundância de coleções — em 1964 havia mais de duzentas nos Estados Unidos — e a variedade de títulos, endereçados a um público intelectualmente mais refinado.

A essa diversificação das categorias adiciona-se a dos pontos-de-venda, que passaram a abranger, além das bancas de jornal, farmácias, lojas, livrarias, etc. Assim, nos Estados Unidos, o número de títulos publicados em edições de bolso chegou a 35 mil em 1969, representando quase 35% do total dos títulos editados.

Proposta da coleção "A Obra-Prima de Cada Autor"

A palavra "coleção" é uma palavra há muito tempo dicionarizada, e define o conjunto ou reunião de objetos da mesma natureza ou que têm qualquer relação entre si. Em um sentido editorial, significa o conjunto não-limitado de obras de autores diversos, publicado por uma mesma editora, sob um título geral indicativo de assunto ou área, para atendimento de segmentos definidos do mercado.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" corresponde plenamente à definição acima mencionada. Nosso principal objetivo é oferecer, em formato de bolso, a obra mais importante de cada autor, satisfazendo o leitor que procura qualidade.*

Desde os tempos mais remotos existiram coleções de livros. Em Nínive, Pérgamo e na Anatólia existiam coleções de obras literárias de grande importância cultural. Mas nenhuma delas superou a célebre biblioteca de Alexandria, incendiada em 48 a.C. pelas legiões de Júlio César, quando estes arrasaram a cidade.

A coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" é uma série de livros a ser composta de mais de 300 volumes, em formato de bolso, com preço altamente competitivo, e pode ser encontrada em centenas de pontos-de-venda. O critério de seleção dos títulos foi o já estabelecido pela tradição e pela crítica especializada. Em sua maioria, são obras de ficção e filosofia, embora possa haver textos sobre religião, poesia, política, psicologia e obras de auto-ajuda. Inauguram a coleção quatro textos clássicos: *Dom Casmurro*, de Machado de Assis; *O Príncipe*, de Maquiavel; *Mensagem*, de Fernando Pessoa e *O Lobo do Mar*, de Jack London.

Nossa proposta é fazer uma coleção quantitativamente aberta. A periodicidade é mensal. Editorialmente, sentimo-nos orgulhosos de poder oferecer a coleção "A Obra-Prima de Cada Autor" aos leitores brasileiros. Nós acreditamos na função do livro.

* Atendendo a sugestões de leitores, livreiros e professores, a partir de certo número da coleção, começamos a publicar, de alguns autores, outras obras além da sua obra-prima.

A Cornélia Scheffer

Éfeso e Antioquia, Filipos e Tessalônica, Atenas e Corinto, Colossas e Laodicéia... conhecemos juntos. Jamais escutei um lamento, uma queixa sequer que saísse de sua boca, apesar dos caminhos tortuosos e perigosos; jamais falaste: Chega! tanto nessas viagens como nos momentos de pesquisa. Sobre as ruínas espalhadas da antiga muralha, em Selêucia, sentimos ímpetos de imitar os apóstolos que embarcaram ali, para desbravarem o mundo, envoltos naquela fé, tão flamejante, do iminente reino de Deus. Porém, apesar de nossa fé nesse reino ideal ser menos obstinada é de igual modo viva.

Símbolo e sonho é tudo que existe no mundo. Descartes estava certo em não acreditar na realidade do mundo antes da existência de Deus ser apresentada; e Kant tinha razão em duvidar de tudo até que descobrisse o dever. A nossa juventude viveu dias sombrios e temo que a riqueza nos não mostre nenhum bem, antes da morte. Sérios erros empurram o nosso país para o precipício, sorrindo aqueles a quem os apontamos. No dia das decisivas provas, sê tu, para mim, a mesma de quando visitamos as sete Igrejas da Ásia: a leal companheira que com a sua mão continua segurando aquela que uma vez apertou.

Análise crítica dos documentos originais

Este volume abrange os quinze ou dezesseis anos de história religiosa, na fase embrionária do cristianismo, que são aqueles com maior quantidade de informações. Semelhantes às imagens de um paraíso distante, perdidas em uma névoa misteriosa, estão Jesus e a antiga igreja de Jerusalém. No entanto, a chegada de Paulo em Roma, devido à resolução do autor dos *Atos* de concluir a sua narrativa, assinala na história das origens cristãs o princípio dessa noite escura, em que apenas o brilho sangrento das festas bárbaras de Nero e os raios do Apocalipse iluminam fracamente. A morte dos apóstolos, principalmente, anda envolvida em uma obscuridade impenetrável. Todavia, a época das missões de Paulo, sobretudo da segunda e da terceira, é-nos revelado por documentos de inestimável valor. Até então lendários, os *Atos* tornam-se, de repente, de uma grande segurança; os últimos capítulos, compostos em parte segundo o relato de uma testemunha ocular, são a única descrição totalmente histórica que possuímos relativa aos iniciais tempos do cristianismo. Por um privilégio raro num tal assunto, estes anos nos revelam documentos datados de uma autenticidade absoluta: uma série de cartas em que as mais importantes resistem a todas as objeções da crítica e que jamais foram interpoladas.

Na introdução do volume anterior, realizamos a análise do livro dos *Atos*. Agora, umas após outras, serão discutidas as diferentes epístolas que têm o nome de Paulo. O apóstolo Paulo menciona que, durante sua vida, já circulavam com o seu nome cartas

falsas[1], e muitas vezes eram tomadas precauções para evitar as fraudes.[2] Nada mais fazemos do que nos resignarmos com as suas intenções, submetendo a uma censura rigorosa os escritos considerados como dele.

São catorze epístolas no Novo Testamento; porém é preciso classificá-las em duas categorias. No próprio texto, treze destes escritos inserem o nome do apóstolo, ou seja, estas cartas apresentam-se como obra de Paulo; apesar de não poderem contatar com certeza se realmente Paulo é o seu legítimo autor ou se serão obra de um falsário que quisesse ter feito passar os seus escritos como obra de Paulo. A décima quarta epístola não tem endereço;[3] o autor entra no assunto sem se nomear. A atribuição desta epístola a Paulo baseia-se apenas na tradição.

As treze epístolas consideradas como sendo de Paulo, podem, relativamente à sua autenticidade, dividir-se em cinco classes:

1º Epístolas incontestáveis e incontestadas: a Epístola aos Gálatas, as duas aos Coríntios e a Epístola aos Romanos;

2º Epístolas certas, ainda que a seu respeito se tenham feito algumas ressalvas: as duas aos Tessalonicenses e a Epístola aos Filipenses;

3º Epístolas de uma provável autenticidade, ainda que lhe pesem graves objeções: a Epístola aos Colossenses, tendo anexo o bilhete a Filémon;

4º Epístola duvidosa: a chamada Epístola aos Efésios;

5º Epístolas falsas: as duas a Timóteo e a Epístola a Tito.

Com relação às Epístolas da primeira categoria nada temos a ressaltar; os críticos mais sérios, tais como Cristiano Baur, aceitam-nas sem críticas. Falaremos apenas, rapidamente, das da segunda classe. As dificuldades que alguns escritores atuais têm tecido

[1] II *Tess.*, II, 2.

[2] II *Tess.*, III, 17; I *Cor.*, XVI, 21; *Col.*, IV, 18; *Gál.*, V, 111.

[3] Em toda a exposição que irei apresentar denomino "endereço" a primeira frase, e "título" a indicação que os manuscritos trazem no cabeçalho de cada epístola.

contra elas são suposições inerentes à crítica, ao direito de exprimir livremente, mas de forma breve, quando razões de valor não as confirmam. Os detalhes de autenticidade destas três epístolas suplantam qualquer outra consideração. O único grave obstáculo que se levantou contra as Epístolas aos Tessalonicenses é sobre a passagem relativa ao Anticristo, exposta no segundo capítulo da segunda aos tessalonicenses, passagem que parece igual à do Apocalipse, e que faria supor que Nero já tinha morrido na época de sua elaboração. Mas esta objeção é fácil de ser descartada, como veremos no decorrer deste volume. O autor do Apocalipse nada mais fez do que adaptar ao seu tempo um conjunto de idéias que em parte remontavam às próprias origens da crença cristã, e em outra formaram- se até o tempo de Calígula.

Alvo de mais graves contestações foi a Epístola aos Colossenses. É verdade que as expressões utilizadas nesta epístola para definir o que Jesus representava no seio da Divindade, como criador e protótipo de toda a Criação,[4] são muito diferentes da linguagem das epístolas autênticas e parecem aproximar-se do estilo dos textos atribuídos a João. Lendo essas passagens, parece que se está em pleno gnosticismo.[5] A Epístola aos Colossenses é dissemelhante às epístolas autênticas; o vocabulário é alguma coisa diferente, o estilo é mais enfático e arredondado, menos elegante e natural; por vezes é difícil, declamatório, sobrecarregado, semelhante ao das falsas epístolas a Timóteo e a Tito. Os pensamentos podem ser de Paulo. No entanto, a exposição pura e simples da fé religiosa não ocupa o primeiro plano nas preocupações do apóstolo; a lenda dos anjos é mais aumentada; começam a surgir os monstros.[6] Não é apenas um fato terrestre; a redenção de Cristo amplia-se ao universo inteiro.[7] Em muitos trechos alguns críticos julgam poder assinalar imitações de outras epístolas,[8] ou a vontade de conciliar a tendência particular de Paulo com as escolas diferentes da sua (desejo evidente no autor dos *Atos*), ou ainda a predisposição

[4] *Col.*, I, 15 e seg.

[5] Comp. *Col.*, II, 2-3.

[6] *Col.*, I, 16-19.

[7] *Col.*, I, 20.

[8] *Col.*, III, 11; Comp. a *Gál.*, III, 28; *Col.*, II, 5; Comp. a I *Cor.*, V, 3.

para substituir as fórmulas morais e metafísicas, tais como o amor e a ciência, pelas fórmulas sobre a fé e as obras que, durante o primeiro século, geraram tantas lutas. Outros críticos, para esclarecer essa mistura estranha do que é próprio de Paulo com o que não é, imaginam interpolações, ou supõem que Timóteo redigiu essa epístola para Paulo. É certo que a tentativa de aproximar esta epístola com a dos Filipenses, numa narrativa contínua da vida de Paulo, não ocorre com as grandes Epístolas reconhecidamente autênticas, anteriores à prisão de Paulo. Com estas últimas a análise realiza-se quase sozinha; os fatos e os textos ligam-se uns nos outros sem esforço. Com as epístolas da prisão, ao contrário, há necessidade de mais de uma combinação trabalhosa, tendo de se silenciar certos escrúpulos,[9] reparando-se logo de imediato que as idas e vindas dos discípulos não se harmonizam e que várias circunstâncias de tempo e de lugar chegam inclusive a ser contraditórias.

Porém nenhuma argumentação é decisiva. Se a Epístola aos Colossenses é (como acreditamos) de autoria de Paulo, foi escrita nos últimos anos da vida do apóstolo, numa data em que a sua biografia é muito obscura. Mais tarde demonstraremos que é muito admissível a teologia de Paulo, que desde as Epístolas aos Tessalonicenses até a Epístola aos Romanos, tanto se desenvolveu, teria se desenvolvido também no intervalo que vai da Epístola aos Romanos até a sua morte; demonstraremos ainda que as mais duras expressões da Epístola aos Colossenses nada mais fazem do que ressaltar um pouco mais que nas epístolas anteriores.[10] Paulo era um destes homens que pela natureza do seu espírito, passam facilmente de uma seqüência de idéias a outra, ainda que o seu estilo e a sua maneira de sentir apresentem detalhes próprios. O gnosticismo que se encontra na Epístola aos Colossenses aparece também, mesmo que

[9] A passagem *Filém.*, 9, provoca admiração. Pode-se dizer o mesmo dos projetos de viagem, *Fil.*, II, 24; *Filém.*, 22 (Comp. *Rom.*, XV, 23 e seg.; *Atos,* XX, 25, sem esquecer as tradições sobre a viagem de São Paulo a Espanha). As saudações, *Col.*, IV, 10, 11, 14; *Filém.*, 23/24, são estranhas em alguns casos. Surpreende também encontrar relações tão pessoais entre Paulo e as cidades do vale do Lico, que ele desconhecia.

[10] *Rom.*, IX, 5; I *Cor.*, VIII, 6; II *Cor.*, V, 19.

sutilmente, nos outros escritos do Novo Testamento, especialmente no Apocalipse e na Epístola aos Hebreus.[11]

Em vez de negar a autenticidade das passagens do Novo Testamento em que se encontram traços de gnosticismo, algumas vezes é melhor raciocinar ao contrário e procurar nestas passagens o nascimento das idéias gnósticas que prevaleceram ainda no século II. Até certo ponto, é possível dizer que estas idéias eram anteriores ao cristianismo, e que o cristianismo, ao nascer, delas se utilizou em grande parte. Assim, a Epístola aos Colossenses, ainda que repleta de singularidades, não apresenta nenhum dos obstáculos que oferecem as Epístolas a Tito e a Timóteo; e nela se encontram muitos traços que afastam a idéia de uma fraude. Deste número é evidentemente a sua conexidade com o bilhete a Filémon. Se a Epístola é apócrifa o bilhete também o é; ora, poucas páginas têm um ar de sinceridade tão forte; apenas Paulo, estima-se, poderia ter escrito essa pequenina obra-prima. Imperfeitas e pesadas são As Epístolas apócrifas do Novo Testamento, por exemplo as escritas a Tito e a Timóteo; a Epístola a Filémon em nada tem parentesco com esses amontoados de frases deselegantes e cansativas.

Logo teremos ocasião de verificar que a Epístola que se tem como dirigida aos efésios é copiada em parte da Epístola aos Colossenses; o que parece supor que o redator da considerada Epístola aos Efésios julgava realmente a Epístola aos Colossenses como sendo um original apostólico. Cabe destacar ainda que Márcion, que em geral também se inspirou na crítica dos textos de Paulo e que repudiava com convicção as Epístolas a Tito e a Timóteo, admitia sem contestar, na sua compilação, as duas Epístolas citadas.[12]

As objeções que se podem levantar contra a suposta Epístola aos Efésios são, sem dúvida, muito mais sérias. Desde já vale destacar que esta designação não é correta. A epístola é destituída de qualquer traço que lhe dê valor de autenticidade; não se dirige a nenhuma pessoa em particular; os destinatários ocupam no pensamento de Paulo lugar ainda menor de que os seus

[11] *Apoc.*, XIX, 13; *Hebr.*, I, 2 (escritos datados com a maior precisão e apenas três ou quatro anos após a data em que Paulo teria escrito a Epístola aos Colossenses).

[12] *Epifânio, haer.*, XLII, 9.

demais correspondentes de então.[13] É porventura admissível que Paulo escrevesse a uma igreja com que mantinha relações muito próximas sem saudar ninguém, ou destinar aos fiéis os cumprimentos dos irmãos que eles conheciam, em particular de Timóteo, nem levar aos seus discípulos algum conselho, tampouco lhes falar das relações anteriores, que essa epístola apresente nenhum dos traços específicos que constituem a prova de autenticidade das outras epístolas? A epístola é dirigida aos pagãos convertidos;[14] ora, a igreja de Éfeso era, em sua maioria, judaico-cristã. Ao se considerar o ardor com que Paulo, em todas as suas epístolas, aproveita e provoca os pretextos para falar do seu ministério e da sua pregação, experimenta-se uma viva surpresa vendo que, através de toda uma carta voltada a esses mesmos efésios, "que durante três anos não deixou de exortar, dia e noite, com lágrimas", ele deixa escapar todas as ocasiões propícias para lhes lembrar a sua estada entre eles, vendo-o, repito, fechar-se obstinadamente na filosofia abstrata ou, o que é mais singular ainda, nas fórmulas decadentes, que só podiam explicar-se dirigidas à primeira igreja.[15] Como ocorre inteiramente o inverso nas Epístolas aos Coríntios, aos Gálatas, aos Filipenses, aos Tessalonicenses, e até na Epístola aos Colossenses que o apóstolo não conhecia senão indiretamente! A esse respeito, a Epístola aos Romanos é a única que se parece um pouco com a de que vimos tratando. Enquanto nas epístolas voltadas a leitores que dele receberam o Evangelho, Paulo supõe sempre conhecidas as bases do seu ensino, limitando-se apenas a destacar algum ponto que venha a propósito, a Epístola aos Romanos é uma exposição doutrinal completa. Qual a explicação, pois, de que as duas únicas cartas, impessoais, que existem de Paulo sejam, por um lado, uma epístola dirigida a uma igreja que ele não conhecia[16] e,

[13] Veja-se *Éf.*, VI, 21, confrontando-o com *Col.*, IV, 7.

[14] *Éf.*, I, 11-14; II, 11 e seg.; III, 1 e seg.; IV, 17.

[15] *Éf.*, I, 13, 15; II, 11 e seg.; III, 1-13; IV, 20 etc. Ver em especial as passagens III, 2; IV, 21, as quais chegam a supor que entre as pessoas a que Paulo se dirige se possa encontrar pessoas que não o conheça.

[16] O raciocínio que aqui fazemos ainda é mais seguro, caso a Epístola aos Romanos tenha sido escrita como circular.

por outro, uma epístola dirigida à igreja com que havia tido as mais estreitas e contínuas relações?

Apenas uma simples leitura da suposta Epístola aos Efésios bastaria para levantar a suspeita de que ela não foi escrita para a igreja de Éfeso. O testemunho dos manuscritos transforma estas suposições em certeza. As palavras *en Éfeso*, do primeiro versículo, foram inseridas no fim do século IV. Tanto o manuscrito do Vaticano como o *Codex Sinaiticus*, ambos do século IV e cuja autoridade, ao menos quando estão acordados, os coloca em um patamar de todos os outros manuscritos juntos, não contêm estas palavras. Um manuscrito de Viena, que nas coleções das epístolas de Paulo recebeu o número 67, do século XI ou século XII, apresenta-as riscadas. Segundo São Basílio os antigos manuscritos que consultou não tinham estas palavras.[17] A existência dessas palavras do primeiro versículo eram desconhecidas segundo provam os testemunhos do século III.[18] Se, a partir de então, toda a gente começou a acreditar que a epístola de que se trata foi dirigida aos efésios, era devido ao título, não ao endereço. Marción, um homem que, apesar do espírito *a priori* dogmático que empregava muitas vezes na correção dos livros santos, teve também em situações determinadas verdadeiros rasgos de crítica admirável, pretendia (pelo ano 150) que a suposta Epístola aos Efésios fosse a dirigida aos laodicenos, de que Paulo fala na Epístola aos Colossenses.[19] Considera-se mais verdadeiro que a suposta Epístola aos Efésios não tenha tido como alvo nenhuma igreja determinada; e a ser de autoria de Paulo, é uma simples carta circular destinada às igrejas da Ásia, constituídas por pagãos convertidos. Constante em muitos

[17] *Contra Eunomius*, II, 19. Este tratado foi escrito aproximadamente no ano 365.

[18] Orígenes, passagem tirada de uma cadeia, no Tischendorf, *Nov. Test.*, 7ª edição (Lípsia, 1859), p. 441, nota, Tertuliano, *Contra Márcion*, V, 11, 17 (passagens que supõem que nem Márcion nem Tertuliano tinham essas palavras nos seus manuscritos no versículo 1. Sem isto: 1º não se conceberia a opinião de Márcion; 2º Tertuliano o arrasaria com esse texto. Tertuliano combate Márcion ora com o título, ora com a autoridade da Igreja); São Jerônimo. *In Eph.*, Iº, onde *quidam* se refere sem dúvida a Orígenes.

[19] Tertuliano, *l. c.* Ver, contudo, *Epif. haer.*, XLII, 9, 11, 12. Cânone de Muratori, linhas 62-67.

exemplares, o endereço destas cartas, podia ter, depois das palavras *tois ousin*, um espaço em branco, destinado ao nome da igreja a que era dirigida. A igreja de Éfeso podia possuir um destes exemplares, de que o editor das cartas de Paulo se teria utilizado. O fato de encontrar esse exemplar em Éfeso teria sido o bastante para ele escrever cabeçalho *Pros Ephesious*.[20] Como não tivesse existido o cuidado de preencher todo o espaço em branco depois da palavra *ousin*, a frase ficou: *tois agiois tois ousin kai pistois*, lição pouco satisfatória,[21] que se teria tentado corrigir no século IV, inserindo depois da palavra *ousin*, de harmonia com o título, as palavras *en Éfeso*.

A reflexão crítica levanta, sobre este ponto, novas suposições sobre a dúvida a respeito dos destinatários da chamada Epístola aos Efésios que poderia muito bem conciliar-se com a sua autenticidade. Logo a princípio um fato que impressiona é a semelhança que se nota entre a chamada Epístola aos Efésios e a Epístola aos Colossenses. As duas são decalcadas uma sobre a outra: certas frases passaram textualmente de uma para a outra. Qual a epístola que serviu de original e qual pode ser considerada como uma imitação? O original deve ter sido a Epístola aos Colossenses e imitação a intitulada Epístola aos Efésios. Esta segunda é mais elaborada,[22] as fórmulas são mais exageradas; tudo o que distingue a Epístola aos Colossenses das epístolas de Paulo aparece ainda mais realçado na chamada Epístola aos Efésios. A Epístola aos Colossenses está coberta de detalhes, correspondendo bem às realidades históricas em que deve ter sido escrita; a Epístola aos Efésios é inteiramente

[20] É também bem provável que tal atribuição tenha sido o resultado de uma conjectura proveniente da aproximação de *Éf.*, VI, 21-22, com II *Tim.*, IV, 12.

[21] Cf. *Rom.*, I, 7; II *Cor.*, I, 1; *Fil.*, I, 1.

[22] Comp. *Éf.*, II, com *Col.*, I, 13-22, e com *Col.*, II, 12-14; *Éf.*, III, 1-12 *Col.*, I, 25-28, *Éf.*, III, 18-19, com *Col.*, II, 2-3; *Éf.*, IV, 3-16, com *Col.*, III, 14; *Éf.*, V, 21-VI, 4 com *Col.*, III, 18-21; *Éf.*, III, 19; IV, 13, com *Col.*, II, 9-10. Pelo contrário, *Éf.*, IV, 14 e V, 6, tem menor desenvolvimento que *Col.*, II, 4-23, por isso que nessa epístola, sem direção fixa, essa passagem contra os falsos doutores deveria apresentar apenas os traços gerais.

vazia. É fato que um catecismo geral possa ser extraído de uma carta particular, mas não que o inverso seja possível. Enfim, o versículo VI, 21, da chamada Epístola aos Efésios supõe que a Epístola aos Colossenses foi escrita anteriormente. Admitida esta obra como de Paulo, a questão que se levanta seria: como Paulo podia ter gasto tempo a contrafazer uma das suas obras, a repetir-se, a fazer uma carta banal com uma carta tópica e particular?

Isto é pouco verossímil mas não é completamente impossível. Essa inverosimilhança poderia ser atenuada se imaginarmos que Paulo confiou o seu trabalho a um dos seus discípulos. Timóteo, por exemplo, poderia ter sido incumbido de transformar a Epístola aos Colossenses ampliando seu texto para que pudesse ser dirigido a todas as igrejas da Ásia. É difícil pronunciarmo-nos sobre isto com segurança porque é admissível também que a epístola tenha sido realizada após a morte de Paulo, numa época em que se procuravam, por toda a parte, os escritos apostólicos, e que devido o seu reduzido número, não houve escrúpulos em fabricar mais, imitando-os, misturando-os, copiando e ampliando textos considerados anteriormente como apostólicos. Nesse sentido, a chamada segunda Epístola de Pedro foi construída com a *1ª Petri* e com a Epístola de Judas. A chamada Epístola aos Efésios talvez devesse a sua origem a igual processo.[23] As objeções feitas à Epístola aos Colossenses, com relação à linguagem e às doutrinas, reportam-se principalmente àquela. Por meio de seu estilo, a Epístola aos Efésios separa-se sensivelmente das epístolas certas; tem expressões únicas, modos de dizer que só a ela pertencem, palavras estranhas à linguagem de Paulo e das quais se encontram algumas nas epístolas a Timóteo, a Tito e aos hebreus; a frase é opaca, mole, cheia de palavras inúteis e de repetições, enredada por incidentes desnecessários, repleta de pleonasmos e obstáculos.[24]

[23] Comp. por exemplo, *Éf.*, IV, 2, 32; V, 1, com *Col.*, III, 12-13; a imitação é nessa parte tão gritante que só pode ser atribuída a um copista servil. Comp. também *Éf.*, IV, com I *Cor.*, XII, 28; *Éf.*, III, 8, com I *Cor.*, XV, 9; *Éf.*, III, 9, com I *Cor.*, IV, 1; *Éf.*, I, 20, com *Rom.*, VIII, 34; *Éf.*, IV, 17 e seg., com *Rom.* I, 21 e seg.; *Éf.*, V, 17, com I *Tess.*, V, 8.

[24] Principalmente Capítulos II e III.

Com relação às idéias nota-se a mesma diferença: na chamada Epístola aos Efésios, o gnoticismo manifesta-se claramente;[25] a idéia da igreja, concebida como organismo vivo,[26] é nela desenvolvida de uma forma que nos faz regressar ao espírito dos anos 75 ou 80; a exegese distancia-se muito dos hábitos de Paulo;[27] a maneira como se refere aos "santos apóstolos" causa estranheza; a teoria do casamento é diferente da que Paulo expõe aos coríntios.[28]

O objetivo e o interesse que teria o falsário compondo esta epístola são incompreensíveis, por isso que pouco acrescenta à dos Colossenses. A princípio parece que um falsário teria escrito uma carta que se ajustasse claramente ao destinatário e fosse particularizada, como no caso das Epístolas a Timóteo e a Tito. Quase não se pode admitir que Paulo tenha escrito ou ditado esta carta, mas sim que alguém a compusesse em sua vida, sob os seus olhos, em seu nome, também não é muito improvável. Paulo, prisioneiro em Roma, conseguiu encarregar Ticico de ir visitar as igrejas da Ásia[29] e enviar-lhes muitas cartas, a Epístola aos Colossenses, o bilhete a Filémon, a Epístola, hoje desaparecida, aos Laodicenos;[30] além disso pôde enviar-lhes cópias dessa espécie de carta circular em que o nome da igreja destinatária estava em branco, e que podia muito bem ser a intitulada Epístola aos Efésios.[31] Na sua estadia em Éfeso, Ticico poderia ter mostrado esta carta aberta aos efésios e é

[25] I, 19 e seg.; II, 2; III, 9 e seg.; 18-19; IV, 13; VI, 12. Comp. Valentim, nos *Philosophumena*, VI, 34.

[26] Ver sobretudo II, 1-22.

[27] *Éf.*, IV, 8-10; V, 14; VI, 2-3.

[28] *Éf.*, V, 22 e seg. Comp. I *Cor.*, VII.

[29] *Col.*, IV, 7; *Éf.*, VI, 21-22.

[30] Se a intitulada Epístola aos Efésios fosse a Epístola aos Laodicenos, mencionada em *Col.*, IV, 16, não se compreenderia bem que São Paulo ordenasse às duas igrejas emprestarem-se mutuamente dois escritos tão semelhantes. Além disso, visto que a Epístola dirigida aos Colossenses, com os quais Paulo não tinha tido relações pessoais (*Col.*, II, 1) contém uma parte tópica, de saudações etc., porque não a teria a Epístola aos Laodicenos? Enfim, não há explicação plausível de como *en Laodikeia* se transformaria *en Epheso*, ou teria desaparecido.

[31] *Kai umeis* (VI, 21), explica-se bem assim.

natural supor que eles lhe pedissem um exemplar ou guardassem uma cópia. A semelhança desta epístola geral com a escrita aos colossenses viria, ou do fato de que um homem, que escreve muitas cartas com poucos dias de intervalo e que está preocupado com um determinado número de idéias fixas, recorre às mesmas expressões por distração, ou de que Paulo tivesse encarregado Timóteo[32] ou Ticico de compor a circular, decalcando-a na Epístola aos Colossenses e eliminando tudo o que tivesse um caráter acentuadamente particular.[33] A passagem *Col.*, IV, 16, mostra que Paulo ordenava algumas vezes que as suas cartas circulassem de uma igreja para outra. Uma semelhante hipótese deveria ter se realizado para explicar certas particularidades da Epístola aos Romanos, conforme veremos mais adiante. Nesses últimos anos, pode ser que Paulo tenha adotado as cartas encíclicas como uma forma de escritos muito apropriada ao amplo ministério pastoral que tinha a realizar. Escrevendo a uma igreja, lembrava-se que as coisas que ditava podiam servir a outras igrejas, e tratava assim de as fazer de uma maneira particularizada. Assim chega-se a considerar a Epístola aos Colossenses e a chamada Epístola aos Efésios, no seu conjunto, como uma ligação com a Epístola aos Romanos, como uma espécie de exposição teológica destinada a ser divulgada em forma de circular às diversas igrejas fundadas pelo apóstolo. O grau de autenticidade da Epístola aos Colossenses não era o mesmo da Epístola aos Efésios; mas, como tinha um aspecto mais geral, foi a preferida. É considerada uma obra de Paulo e um escrito de grande veracidade. Prova-o a utilização que dela se fez na primeira epístola atribuída a Pedro,[34] opúsculo cuja veracidade não é muito contestada, e que é, em todo o caso, da época apostólica. Entre as cartas que trazem o nome de Paulo, a Epístola aos Efésios é talvez a

[32] Esta suposição poderia ser confirmada com a falta do nome de Timóteo na direção da Epístola aos Efésios, quando o seu nome se encontra na da Epístola aos Colossenses.

[33] Orígenes imagina uma hipótese semelhante para explicar as particularidades da Epístola aos Hebreus. Em Eusébio, *H. E.*, VI, 25.

[34] Cf. I, Petri, I, 1, 2, 3 (*Éf.*, I, 3, 4, 7); II, 18 (*Éf.*, VI, 5); III, 1 e seg. (*Éf.*, V, 22 e seg.); III, 22 (*Éf.*, I, 20 e seg.); V, 5 (*Éf.*, V, 21).

que primeiramente se citou, como de autoria do apóstolo dos pagãos.[35]

Sobram as duas Epístolas a Timóteo e a Epístola a Tito. Grandes obstáculos oferece a autenticidade destas três epístolas. Eu as considero como peças apócrifas. Para o provar, poderia demonstrar que a linguagem destes três textos não é a de Paulo; poderia destacar uma quantidade de períodos e de expressões ou exclusivamente próprias ou particularmente utilizadas pelo autor que, sendo características, deveriam encontrar-se em proporção análoga nas outras epístolas de Paulo, o que não acontece. Além disso, faltam-lhes outras expressões, que são como a assinatura de Paulo. Poderia principalmente mostrar que estas epístolas contêm um elevado número de detalhes que não se apropriam ao autor suposto, nem aos supostos destinatários.[36] A habitual característica das cartas

---

[35] Policarpo, *Epíst., Phil.*, c. 1 e c. 12 (talvez interpolada); Inácio (?) *ad Éf.*, c. 6 (interpolada), c. 12; Ireneia, *Adv. haers*, V, II, 3; Clemente de Alex., *Cohort. ad gentes*, c. 9; *Strom.*, IV, 8; Tertuliano, *Adv. Marc.*, V, 11, 17; Valentim, nos *Philosophumena*, VI, 34; Cânone de Muratori, linha 50.

[36] Por exemplo, as direções solenes (confronte-se com *Filém.*, 1; e contudo Paulo era menos amigo de Filémon do que de Tito e Timóteo); as longas dissertações que Paulo faz sobre o seu apostolado (I *Tim.*, I, 11 e seg.; II, 7), dissertações que, sendo dirigidas a um discípulo, são completamente inúteis; a enumeração das suas virtudes (II *Tim.*, 10-11,); a sua convicção na salvação final (II *Tim.*, IV, 8; cf. I *Cor.*, IV, 3-4; IX, 27) I *Tim.*, I, 13, é bem do estilo de um discípulo de Paulo e não do próprio Paulo. I *Tim.*, II, 2, não pode explicar-se nos últimos anos de Nero; devia ter sido escrito depois da proclamação de Vespasiano. *Ibid.*, V, 18, encontra-se aí citada como *graphé* uma passagem de *Lucas*, X, 7; ora o Evangelho de Lucas não existia, pelo menos como *graphé*, antes da morte de Paulo. Por fim a organização das igrejas, a hierarquia, o poder presbiterial e episcopal são, nessas epístolas, muito mais desenvolvidos do que seria natural supor nos últimos anos da vida de Paulo (ver *Tit.*, I, 5 e seg. etc.; Timóteo recebeu as insígnias espirituais pela imposição das mãos do colégio dos padres de Listres: I *Tim.*, IV, 14). A doutrina sobre o casamento I *Tim.*, II, 15; IV, 3; V, 14 (cf. III, 4, 12; V, 10) é também de uma época mais atual e está em contradição com I *Cor.*, VII, 8 e seg., 25 e seg. O destinatário das Epístolas a Timóteo supõe-se em Éfeso; por que não se encontra nestas epístolas nenhuma comissão, nenhuma saudação específica para os efésios?

elaboradas com uma intenção doutrinária é a de que o falsário vê o público sobre a cabeça do destinatário e escreve a este coisas muito conhecidas, muito familiares, mas que o falsário pretende fazer conhecidas do público. As três epístolas que discutimos têm, num grau muito elevado, esta característica.[37] Paulo, cujas cartas autênticas são tão especiais, tão precisas, Paulo que, acreditando num fim do mundo próximo, nunca supõe que virá a ser lido através dos séculos, teria sido aqui um pregador geral, despreocupado com o seu correspondente para lhe fazer sermões que não tinham nenhuma relação com ele e dirigir-lhe um pequeno código de disciplina eclesiástica, considerando o futuro.[38] Mas estes argumentos, que por si só seriam decisivos, posso perfeitamente dispensá-los. Para provar a minha tese, utilizarei apenas argumentos que o sejam por assim dizer materiais; procurarei demonstrar que não existe maneira destas epístolas encaixarem-se nem no quadro conhecido nem no quadro possível da vida de Paulo. Inicialmente muito importante é a semelhança perfeita destas três epístolas entre si, semelhança que nos impele a admiti-las como autênticas ou a repeli-las como apócrifas. As particularidades que as distinguem profundamente das outras epístolas de Paulo são as mesmas. As expressões pouco usuais ao estilo de Paulo, encontram-se por igual em todas três. As imperfeições, que tornam a sua linguagem indigna de Paulo, são idênticas. É esquisito que cada vez que Paulo escreve aos seus discípulos, se esqueça da sua maneira corriqueira, caindo nas mesmas divagações, nas mesmas bobagens. As próprias idéias dão lugar a uma observação análoga.

As três epístolas estão repletas de conselhos vagos, exortações morais de que Timóteo e Tito, familiarizados por um comércio cotidiano com as idéias do apóstolo, não tinham nenhuma necessidade. Uma espécie de gnosticismo são os erros que nelas se combatem. Nas três epístolas a preocupação do autor

---

[37] Observe-se por exemplo, II *Tim.*, III, 10-11, ou melhor, I *Tim.*, I, 3 e seg., 20; *Tit.*, I, 5 e seg., e a menção de Pôncio Pilatos, I *Tim.*, VI, 13 etc.

[38] Destaca-se a insignificância da passagem I *Tim.*, III, 114-115, que procura mostrar razão destas inúteis ampliações.

não muda; reconhece-se a idéia obsidiante e incansável de uma ortodoxia já formada e de uma hierarquia já desenvolvida. Muitas vezes os três escritos repetem-se entre si[39] e copiam as outras epístolas de Paulo.[40] Sem dúvida que, se estas três epístolas foram ditadas por Paulo, todas são de um determinado período da sua vida,[41] distante em muitos anos do tempo em que redigiu as outras epístolas. Qualquer hipótese que coloque entre estas três epístolas um intervalo de três ou quatro anos, por exemplo, ou que coloque entre elas algumas das outras epístolas, deve ser repudiada inteiramente. Existe apenas uma única hipótese para explicar a semelhança das três epístolas entre si e a sua dessemelhança com as outras, ou seja, que é a de que foram escritas num espaço de tempo muito curto e muito tempo após as outras, numa época em que todas as circunstâncias que rodeavam o apóstolo tinham mudado, tendo ele envelhecido e alterado as suas idéias e o seu estilo. A possibilidade de se provar essa hipótese, não significa que se resolva a questão. O estilo de um homem pode mudar; mas de um estilo o mais impressionante e inimitável que nunca existiu, não se passa para um estilo prolixo e sem vigor.[42] Além disso, tal hipótese é formalmente destruída pelo que nós conhecemos, com segurança, da vida de Paulo. A seguir, isso será demonstrado.

Apesar de a primeira epístola a Timóteo ser a que oferece menos particularidades, nem por isso, mesmo que apenas ela existisse, se poderia compreender em qualquer altura da vida de Paulo. Este, no caso de ser o autor da epístola, afastara-se de Timóteo há pouco tempo, pois que ainda lhe não escrevera desde a sua partida (I, 3).

[39] Compare-se I *Tim.*, I. 4; IV, 7; II *Tim.*, II, 23; *Tit.*, III, 9; I *Tim.*, III, 2; *Tit.*, I, 7; I *Tim.*, IV, 1 e seg.; II *Tim.*, III, 1 e seg.; I *Tim.*, II, 7; II *Tim.*, I, 11. Observe-se a analogia na maneira de introduzir no assunto. I *Tim.*, 1, 3, e *Tit.*, I, 5.

[40] II *Tim.*, I, 3 (*Rom.*, I, 9), 7 (*Rom.*, VIII, l5); II, 20 (*Rom.*, IX., 21); IV, 6 (*Fil.*, I, 30; II, 17; III, 12 e seg.).

[41] Nas duas epístolas que lhe são dirigidas observe-se que Timóteo figura como um homem ainda jovem: I *Tim.*, IV, 12; II *Tim.*, II, 22.

[42] Apesar de Lamennais ter mudado muito, o seu estilo manteve sempre a mais perfeita unidade.

O apóstolo deixou Timóteo em Éfeso. Na oportunidade, Paulo partia nesse momento para a Macedônia e não tendo tempo para combater os erros que começavam a se disseminar em Éfeso, cujos chefes eram Himeneu e Alexandre (I, 20), deixou Timóteo visando combater esses erros. Paulo planeja uma viagem de curta duração; espera vir logo a Éfeso (III, 14-15; IV, 13). Duas hipóteses foram propostas para situar esta epístola no quadro da vida de Paulo, tal qual é dado pelos *Atos* e confirmado pelas epístolas incontestáveis. Segundo uns, a viagem de Éfeso para a Macedônia, que separou Paulo de Timóteo, é a que se narra nos *Atos*, XX, 1. Esta viagem aconteceu durante a terceira missão. Paulo permaneceu três anos em Éfeso. Em seguida partiu para voltar a visitar as suas igrejas da Macedônia e depois as de Acaia. Imagina-se que fosse de Macedônia ou Acaia que ele escreveu ao discípulo que deixara em Éfeso com plenos poderes. Esta hipótese é inadmissível. Em primeiro lugar, os próprios *Atos* nos informam (XIX, 22) que Timóteo tinha partido antes do mestre para a Macedônia, onde efetivamente este vem juntar-se-lhe (II *Cor.*, I, 1). Depois é sem dúvida admissível que quase no dia seguinte ao da sua partida de Éfeso, Paulo tenha necessidade de fazer ao seu discípulo as recomendações que se lêem na primeira a Timóteo? Os erros que lhe atribui, ele mesmo os podia ter combatido. O texto do versículo I, *Tim.*, 1, 3, não é de maneira nenhuma natural em um homem que partiu de Éfeso depois de uma longa permanência. Além disso, Paulo denuncia a intenção de regressar a Éfeso (III, 14; IV, 13); ora, Paulo, ao deixar Éfeso, tinha tomado a resolução de ir a Jerusalém sem passar de novo em Éfeso (*Atos*, XIX, 21; XX, 1, 3, 16; I *Cor.*, XVI, 4; II *Cor.*, I, 16).[43] A isto deve ser somado que, se se supõe que a epístola foi escrita nesta ocasião, nada joga certo; tendo de admitir-se que muitas das cartas são apócrifas, não podendo ter-se certeza de nada, pois que em muitas delas o autor escreveria ao seu

[43] Em momento algum da vida de Paulo não existe outro em que melhor se conheçam seus projetos de viagem. Realmente Paulo modificou muitas vezes o seu itinerário; mas nunca mudou a respeito da sua intenção de não passar outra vez em Éfeso; e isto explica-se facilmente pelo fato de ali ter vivido três anos.

correspondente fictício, informando-lhe sobre fatos dos quais ele devia estar ciente.

Visando evitar esta dificuldade e sobretudo para explicar a intenção que Paulo manifestou de voltar a Éfeso, recorreu-se a um outro sistema. Imaginou-se que a viagem da Macedônia, do versículo I *Tim.*, I, 3, não fosse relatada pelos *Atos*, que Paulo teria feito durante os três anos de residência em Éfeso. Durante esse tempo é realmente para acreditar-se que não estivesse sedentário. Supõe-se que deu uma volta pelo arquipélago, e daí originou-se o elo com que se pretende ligar a Epístola a Tito, de uma maneira mais ou menos plausível à vida de Paulo. A possibilidade de uma tal viagem não pode ser negada, ainda que o silêncio dos *Atos* seja uma barreira apreciável; mas negamos que isso seja evitar o embaraço que apresenta a primeira a Timóteo. Nesta hipótese, compreende-se, menos ainda que na primeira, o versículo I, 3. Para que dizer a Timóteo o que ele sabe perfeitamente? Um ou dois anos em Éfeso Paulo acaba de passar ; aí voltará em breve. Exatamente no momento de sua partida, o que significam esses erros que ele descobre e, pelos quais, deixa Timóteo em Éfeso? Além disso, na mesma hipótese, a primeira a Timóteo teria sido escrita na mesma época que as grandes epístolas autênticas de Paulo. Mas como pode admitir-se que seja pouco depois da Epístola aos Gálatas e pouco antes das Epístolas aos Coríntios que Paulo escrevesse uma tão rebuscada ampliação? Seria preciso admitir-se que ele perdera o seu estilo habitual ao sair de Éfeso e que o readquirira ao voltar a essa cidade, para escrever as cartas aos coríntios, retomando poucos anos depois o mesmo estilo da pretendida viagem, para escrever a Timóteo! Segundo inúmeros estudiosos, a segunda a Timóteo não pode ter sido escrita antes de Paulo ter chegado a Roma como prisioneiro. Dessa forma, deveriam ter corrido muitos anos entre a primeira a Timóteo e a escrita a Tito, por uma parte, e a segunda a Timóteo, por outra. Isso é impossível. As três epístolas copiam-se entre si; como pode pois supor-se que, com um intervalo de cinco ou seis anos, Paulo, escrevendo a um amigo, reproduza antigas cartas? Esse predimento seria digno desse mestre da arte epistolar, tão ardente e tão brilhante em idéias? A segunda hipótese assim como a primeira é, portanto, um tecido de inverossimilhanças. O versículo I *Tim.*, I, 3, é um círculo de que o apologista não pode fugir; este versículo criou uma impossibilidade na biografia de Paulo. É preciso descobrir uma circunstância em que ele indo para

a Macedônia passasse rapidamente por Éfeso; porém tal fato não existe na vida de Paulo antes da sua prisão. Acrescente-se a isto que, quando lhe atribuímos a epístola que se discute, a igreja de Éfeso possuía uma organização completa de anciãos, diáconos e diaconisas[44]; e oferecia ainda fenômenos ordinários de uma comunidade antiga, com dissidêcias e erros,[45] o que nada se ajusta aos tempos da terceira missão.[46] Se a primeira a Timóteo é de Paulo, é preciso admitir-se um período hipotético da sua vida para além da sua prisão e fora do quadro dos *Atos*. Esta hipótese, a mesma a que leva a análise das duas outras epístolas de que ainda abordaremos de falar, será estudada mais adiante.

Uma maior quantidade de fatos apresenta a segunda Epístola a Timóteo. O apóstolo está aprisionado, evidentemente em Roma (I, 8, 12, 16, 17; II, 9, 10). Timóteo está em Éfeso (I, 16, 8; II, 17; IV, 14, 15, 19), onde as más doutrinas continuam a crescer pela falta de Himeneu e de Fileto (II, 17). Paulo está em Roma e na prisão há pouco tempo, pois conta a Timóteo, como novidades, certos pormenores de uma viagem que acaba de fazer pelo arquipélago: em Mileto deixou Trofimo doente (IV, 20); em Troas, deixou objetos na casa de Carpo (IV, 13); Erasto ficou em Corinto (IV, 20). Em Roma, os asiatas, entre outros, Figelo e Armógenes, abandonaram-no (I, 15). Contrariamente, um outro efésio, Onesíforo, um dos seus antigos amigos, tendo ido a Roma, procurou-o, encontrou-o e tratou-o durante o seu cativeiro (I, 16, 18). O apóstolo está envolvido pelo pressentimento de sua morte próxima (IV, 6-8). Os seus discípulos estão longe. Demas deixou-o para seguir os seus interesses mundanos, partindo para a Tessalônica (IV, 10); Crescente foi para a Galácia (*ibid.*); Tito para a Dalmácia (*ibid.*); Paulo enviou Ticico a Éfeso (IV, 12); só Lucas está com ele (IV, 11). Um operário metalúrgico de Éfeso chamado Alexandre, criou-lhe problemas e fez-lhe uma viva oposição; este Alexandre voltou mais tarde para Éfeso (IV, 14-15). Paulo, nessa época, já havia comparecido ante a autoridade romana; a este fato ninguém assistiu (IV, 16); mas Deus ajudou-o e arrancou-o da garganta do leão (IV,

---

[44] I *Tim.*, III, 15; V, 9, 17, 19-20.

[45] I *Tim.*, I.

[46] Observe-se, em particular, *Atos*, XX, 29 e seg., em que os erros no futuro são apontados.

17). Em virtude disso, pede a Timóteo que venha visitá-lo antes do inverno (IV, 9, 21) e traga Marcos com ele (IV, 11). Dá-lhe juntamente a incumbência de lhe trazer os livros e os folhetos de pergaminho que deixou em Troas, na casa de Carpo (IV, 13). Recomenda-lhe que saúde Prisca, Áquila e a família de Onesíforo (IV, 19). Envia-lhe saudações de Eubulo, de Pudente, de Lino, de Cláudio e de todos os irmãos (IV, 21).

Esta simples análise é suficiente para revelar estranhas incoerências. O apóstolo está em Roma; acaba de viajar pelo Arquipélago, envia notícias a Timóteo como se lhe não tivesse escrito depois desta viagem; na mesma carta faz o relato da sua prisão e do seu processo. Pode-se dizer que esta viagem pelo arquipélago seja a viagem de Paulo preso, contada nos *Atos*? Porém, nessa viagem, Paulo não atravessou o arquipélago; não podia ir nem a Mileto nem a Troas, nem a Corinto, pois na altura de Cnido, a tempestade impeliu o navio para Creta, depois para Malta. Pode-se considerar que a viagem em questão é a última de Paulo livre, a sua viagem de regresso a Jerusalém, em companhia dos deputados encarregados da cotização? Mas Timóteo estava presente nessa viagem, pelo menos desde a Macedônia (*Atos*, XX, 4). Mais de dois anos se passaram entre essa viagem e a chegada de Paulo a Roma (*Atos*, XXIV, 27). Admite-se que Paulo conte a Timóteo, como novidades, coisas que se tinham passado na sua presença já há muito, quando, nesse intervalo, eles tinham se estado juntos e tinham apenas se separado por pouco tempo?[47] Ao contrário de ter ficado doente em Mileto, Trofimo seguiu o apóstolo até Jerusalém, onde deu causa à sua prisão (*Atos,* XXI, 29). A passagem I *Tim*., IV, 10-11, comparada com *Col*., IV, 10, 14 e com *Filém*., 24, apresenta uma contradição de igual gravidade. Se Demas deixou Paulo quando este escreveu a segunda a Timóteo, é esta posterior à Epístola aos Colossenses e à Epístola a Filémon. Ao escrever estas últimas epístolas, Paulo tem a companhia de Marcos; como pode ele dizer então, ao escrever a segunda a Timóteo: "Convida Marcos e trá-lo contigo; porque eu tenho necessidade dele para o diaconato"? Entretanto, como já vimos, não é fácil separar as três cartas; ora, de qualquer maneira que se tente, haverá sempre três anos, pelo menos, entre a primeira

[47] *Fil*., I, 1; II, 19; *Col*., I, 1; *Filém*., 1; *Hebr*., XIII, 23.

e a segunda a Timóteo, e é preciso colocar entre elas a segunda aos Coríntios e a Epístola aos Romanos. Aqui, nos resta um único recurso, para a primeira a Timóteo: é supor que a segunda a Timóteo foi escrita numa prolongação da vida do apóstolo, que os *Atos* não registram. A possibilidade desta hipótese poderia demonstrar-se sem que, no entanto, tivesse desaparecido uma quantidade enorme de dúvidas nascidas dessa epístola. Timóteo estaria em Éfeso e (IV, 12) Paulo diria secamente: "Enviei Ticico a Éfeso" como se Éfeso não fosse o lugar do destinatário. Existirá comentário mais frio que a passagem II *Tim*., 10-11? O que há de mais inexato? Paulo não se reúne a Timóteo senão na segunda missão; ora as perseguições que Paulo sofreu em Antioquia de Pisídia, em Icônio, em Listres, tinham ocorrido na primeira. Escrevendo a Timóteo, o verdadeiro Paulo, teria muitas outras provações comuns a recordar-lhe; e não teria perdido o seu tempo para recordar-lhas. Inúmeras inverossimilhanças surgem de todos os lados; mas é inútil discuti-las, porque a hipótese de que se trata, e segundo a qual essa epístola seria posterior ao comparecimento de Paulo diante do conselho de Nero, essa, por si mesmo, deve ser colocada à parte, como o demonstraremos quando inserimos a Epístola a Tito no debate.

Paulo estava na ilha de Creta (I, 5) quando escreveu a Epístola a Tito. Acabava de visitar esta ilha e ficara muito descontente com os seus habitantes (I, 12-13), deixando aí o seu discípulo para completar a organização das igrejas e para ir de cidade em cidade estabelecer *presbyteri* ou *episcopi* (I, 5). Paulo promete a Tito enviar-lhe em breve Artemas e Ticico; pede ao seu discípulo que, logo que receba estes dois irmãos, venha juntar-se-lhe em Nicópolis, onde espera passar o inverno (III, 12). Em seguida o apóstolo recomenda ao seu discípulo que faça honrosa companhia a Lenas e a Apolos, precavendo-se com eles (III, 13).

As dificuldades surgem a cada frase. Nem uma palavra para os fiéis de Creta; nada, senão uma impassibilidade injuriosa e inconveniente (I, 12-13); novas declamações contra os erros cuja existência, em igrejas recentemente fundadas, não se concebe (I, 10 e seg.), erros que Paulo, ausente, vê e conhece melhor que Tito, que atua nesses lugares; já pormenores que fazem supor que o cristianismo era já antigo e se tinha desenvolvido completamente na ilha (I, 5-6); recomendações triviais, sobre pontos muito claros. Essa epístola teria sido verdadeiramente inútil a Tito; nela não havia sequer uma palavra de tudo que ele já não

conhecia de cor. Mas não é apenas por induções da naturalidade destas epístolas; e sim por argumentos diretos que se pode demonstrar o caráter apócrifo do documento.

Se busca-se relacionar esta carta ao período da vida de Paulo, como *Atos*, encontram-se idênticas dificuldades para as precedentes. Segundo os *Atos*, Paulo não visita Creta senão uma vez, e isto no seu naufrágio, tendo aí apenas uma curta permanência, durante a qual foi preso. Certamente não é nesse momento que Paulo pôde começar a fundar igrejas na ilha. Além disso, se era à viagem de Paulo, aprisionado, a qual se referia Tito (I, 5), quando Paulo escreveu, estava prisioneiro em Roma. Como pode ele escrever, da sua prisão de Roma, que tencionava ir passar o inverno em Nicópolis? Como se explica que não faça, como era seu costume, a menor referência ao seu estado de prisioneiro?

Levantou-se outra hipótese, ligar uma à outra a Epístola a Tito e a primeira a Timóteo; supôs-se que as duas eram o resultado da viagem episódica que Paulo teria feito durante a sua estada em Éfeso. Mesmo que esta hipótese não seja suficiente para explicar as dificuldades da primeira a Timóteo, examinemo-la, para ver se a Epístola a Tito lhe dá algum respaldo.

Paulo está em Éfeso há um ano ou dois. Durante o verão elabora o projeto de uma viagem apostólica de que os *Atos* não teriam mencionado. Deixa Timóteo em Éfeso e é acompamhado por Tito e os dois efésios, Artemas e Ticico. Dirige-se para a Macedônia, depois para Creta, onde funda algumas igrejas. Na ilha, fica Tito encarregado de prosseguir a sua obra, e visita Corinto com Artemas e Ticico. Conhece Apolos, que nunca tinha visto e que estava para viajar para Éfeso. Pede a Apolos que se desvie um pouco do seu caminho para passar por Creta e levar para Tito a epístola que hoje possuímos. O seu plano é ir a Épiro e passar o inverno em Nicópolis. Plano que escreve a Tito, anunciando-lhe que mandara a Creta Artemas e Ticico, pedindo-lhe que depois de vê-los, venha juntar-se-lhe em Nicópolis. Paulo faz então a sua viagem a Épiro. Escreve de Épiro a primeira a Timóteo e incumbe Artemas e Ticico de a levarem; recomenda-lhes, porém, que passem por Creta, para darem ao mesmo tempo a Tito o sinal de vir a ele reunir-se em Nicópolis. Tito vai até Nicópolis, e o apóstolo e o seu discípulo regressam juntos a Éfeso.

Circunstâncias da Epístola a Tito somam-se a essa hipótese e da primeira a Timóteo e mais ainda , obtêm-se duas vantagens aparentes. Admite-se explicar as passagens das Epístolas aos Coríntios, de onde parece, à primeira vista, que Paulo, visitando Corinto no fim da sua grande permanência em Éfeso, retoma aí pela terceira vez (I *Cor.*, XVI, 7; II *Cor.*, II, 1; XII, 14, 21; XIII, l); julga-se também explicar a passagem em que Paulo pretende ter pregado o Evangelho até a Ilíria (*Rom.*, XV, 19). Nada porém é conclusivo,[48] e quantas tentativas frustradas foram necessárias , no verossímil, para obter isso! Em primeiro lugar, esta pretendida viagem episódica, tão pequena que o autor dos *Atos* nem sequer julgou necessário citá-la, teria sido importantíssima, pois abrangeria uma viagem à Macedônia, outra a Creta, uma estada em Corinto, e uma hibernagem em Nicópolis. Duraria cerca de um ano. Assim, como pode o autor dos *Atos* dizer que a permanência de Paulo em Éfeso foi contínua durante três anos (*Atos*, XIX, 8, 10; XX, 31)? Com certeza estas expressões não excluiriam pequenas ausências, mas sim uma série de viagens. Além disso, na hipótese que discutimos, a viagem de Nicópolis ter-se-ia realizado antes da segunda Epístola aos Coríntios. Nesta epístola, Paulo declara que Corinto é, à época em que ele escreve, o ponto extremo das suas missões para o oeste.[49] Enfim, o itinerário que se traça da viagem de Paulo é pouco verdadeiro. De início Paulo vai à Macedônia; o texto é formal (I *Tim.*, I, 3) e de lá parte para Creta. Para ir da Macedônia a Creta, devia, percorrendo ao largo da costa, ter passado em Éfeso, caso em que o versículo I *Tim.*, 1, 3, é vazio de sentido, ou em Corinto, caso em que se não acredita que ele tenha necessidade de aí retornar logo. Pretendendo fazer uma viagem a Épiro, como se explica que Paulo fale da hibernagem que deve terminá-la e não propriamente da viagem ? E por que não sabemos nada da sua permanência em Nicópolis? Supor que se trata de Nicópolis da Trácia, sobre o Nesto, faria apenas aumentar a dificuldade, e não teria nenhuma

---

[48] Admitindo até que dê a entender que Paulo esteve muito perto da Ilíria, o fato de ele ter estado em Nicópolis em nada resolve a questão *Illyrikon*, em qualquer sentido que se considere a palavra, não estava mais distante que os montes Acroceráunianos. Épiro nunca fez parte, pelo menos nos tempos do Alto Império, da província da Ilíria nem de *Illyrikon* em qualquer sentido. A província pretoriana da *Illyria juxta Epirum*, alta Albânia atual (Estrabão, XVII, III, 215), era limitada pelos montes Acroceráunianos, o monte Scardus e o Drilo. Em Beréa, Paulo estava mais perto da Ilíria do que esteve em Nicópolis.

[49] II *Cor.*, X, 14-16.

das vantagens aparentes da hipótese anteriormente exposta. Alguns exegetas pensam destruir a dificuldade modificando um pouco o roteiro exigido por esta hipótese. Segundo eles, Paulo iria de Éfeso a Creta, de lá a Corinto, depois a Nicópolis, em seguida à Macedônia. O versículo fatal, I *Tim*., 1, 3, opõe-se a isso. Imaginemos uma pessoa partindo de Paris, com a intenção de fazer uma viagem pela Inglaterra, margens do Reno, Suíça e Lombardia. Essa pessoa, chegada à Colônia, escreveria a um dos seus amigos de Paris: "Deixei-vos em Paris, partindo para a Lombardia..."?

Em todas estas suposições, a conduta de Paulo, não é menos absurda que o seu itinerário. Não se justifica a viagem de Ticico e de Artemas para Creta. Por que Paulo não daria a Apolos uma carta para Timóteo?[50] Para que se utilizaria de Ticico e Artemas para lhe escrever? Por que não diria logo a Tito o termo em que devia ir reunir-se a ele já que os seus projetos eram tão firmes? Estas viagens de Corinto a Éfeso, realizadas todas por Creta pelas necessidades da apologética, são muito antinaturais. Paulo, nesta hipótese da viagem episódica, qualquer que seja o roteiro traçado, avança e retroage sem cessar; inicia certos atos que não termina; não tira das suas marchas senão uma parte do resultado, reservando para outras ocasiões o que podia fazer imediatamente. Com relação a estas epístolas, parece-nos que se inverteram as leis ordinárias da verossimilhança e do bom senso. Todas as tentativas feitas para incluir as epístolas a Tito e a Timóteo no quadro da vida de Paulo, traçado pelos *Atos*, encontram-se cercadas de contradições insolúveis.

As epístolas autênticas de Paulo explicam-se e supõem-se, interpenetrando-se mutuamente; as três epístolas abordadas, formariam um pequeno círculo inteiramente à parte, e isto seria tanto mais estranho quanto é certo que duas entre elas, a primeira a Timóteo e a dirigida a Tito, cairiam precisamente no meio desse turbilhão de questões tão bem estudadas, tão conhecidas às quais se referem a Epístola aos Gálatas, as duas aos Coríntios e aos Romanos. Inúmeros exegetas, que defendem a autenticidade destas três epístolas, também recorreram a outra hipótese. Pretendem que

[50] I *Tim*., 1, 3, acha-se que Paulo tenha escrito ao seu discípulo pela primeira vez, desde a sua partida de Éfeso.

estas epístolas devem ser colocadas num período da vida de Paulo de que não constariam dos *Atos*. Segundo eles, Paulo, depois de ter comparecido diante de Nero, como os *Atos* o supõem, foi colocado em liberdade, o que é muito possível, mesmo provável.

Livre, retoma o seu curso apostólico e vai para a Espanha, o que é também provável. Segundo os críticos de que falamos, Paulo, neste período da sua vida, faria uma nova viagem no arquipélago, da qual faria menção na primeira Epístola a Timóteo e na Epístola a Tito. Retornaria a Roma; aí seria preso pela segunda vez e da sua cela escreveria a segunda a Timóteo.Tudo isso cabe confessá-lo, parece-se muito com o sistema artificial da defesa de um acusado que, para responder a contestações, se sente obrigado a imaginar um conjunto de fatos que não têm relação com nada conhecido. Estas hipóteses isoladas, sem ligação com o resto, que se sabe de positivo, são, na justiça, o sinal de culpabilidade, e na crítica, o sinal do apócrifo. Considerando-se inclusive a possibilidade desta nova viagem no arquipélago, ter-se-ia ainda um trabalho enorme para fazer concordar as circunstâncias das três epístolas; as idas e vindas seriam muito mal justificadas.

Mas é inútil essa discussão; com certeza o autor da segunda a Timóteo ouviu falar da prisão mencionada pelos *Atos*, ao qual se referem as Epístolas aos Filipenses, aos Colossenses e a Filémon. Prova-o o confronto do II *Tim*., IV, 9-22, com as conclusões das Epístolas aos Colossenses e a Filémon. As pessoas que cercam o apóstolo são quase as mesmas nos dois casos. A prisão de onde se julga que Paulo escreve a segunda a Timóteo terminará com a sua libertação (II *Tim*., IV, 17-18); Paulo, nesta epístola, está repleto de esperança; estuda novas atividades e está preocupado com o pensamento que o envolveu efetivamente durante todo o seu primeiro (e único) aprisionamento, de completar a sua pregação evangélica, anunciando o Cristo a todas as nações e em particular aos povos do extremo Ocidente.[51]

[51] Comp. *Col*., I, 25; II *Cor*., X, 16; *Rom*., XVI, 26. Não nos compete levantar a contradição que há entre II *Tim*, IV, 17-18, e II *Tim*., IV, 6-8. Referir II *Tim*., IV, 16-17 à primeira prisão como uma indicação histórica retrospectiva é inadmissível, considerando-se principalmente a conexão destes dois versículos com o versículo 18.

Se as mencionadas três epístolas datam de uma época posterior, não se compreende como Timóteo nelas seja tratado sempre como um jovem. Além disso, nós podemos provar diretamente que esta viagem do arquipélago, posterior à estada de Paulo em Roma, não aconteceu. Nessa viagem, com certeza, Paulo devia ter parado em Mileto (II *Tim.*, IV, 20). Porém, no belo discurso que o autor dos *Atos* atribui a Paulo ao passar em Mileto no fim da terceira missão, este autor faz palavras de Paulo: "Eu sei que não voltareis a ver o meu rosto, todos vós entre os quais passei, anunciando o reino".[52] Não se pode acreditar que Paulo tivesse se enganado nas suas previsões, mudado de opinião[53] e regressasse a uma igreja da qual já se despedira. Essa não é a questão. Não nos importa que Paulo tenha ou não pronunciado estas palavras. O autor dos *Atos* sabia perfeitamente a continuidade da vida de Paulo, ainda que ele não tenha julgado inútil narrá-la. É impossível que ele pusesse na boca do seu mestre falsas palavras.

Assim, as cartas a Timóteo e a Tito são repudiadas por toda a contextura da biografia de Paulo. Quando nela se fazem entrar por um lado, saem logo pelo outro. Mesmo criando para elas um período na vida do apóstolo, nada se obtém de satisfatório. Estas epístolas não sobrevivem por si mesmas; estão recheadas de contradições;[54] poderiam pôr-se de parte os *Atos* e as epístolas corretas, nem por isso se teria chegado a criar uma hipótese para sustentar os três escritos mencionados. E não se diga que um falsário não poderia cair assim nessas contradições. No século II, Dionísio de Corinto, tem uma teoria igualmente bizarra das viagens de Paulo, fazendo-o vir a Corinto e de Corinto partir para Roma em companhia de São Pedro,[55] o que é totalmente impossível. Na verdade as três epístolas em questão foram elaboradas numa época em que os *Atos* não tinham ainda uma grande autoridade. Mais tarde, ter-se-iam bordado sobre a tela dos *Atos*, como fez o autor da fábula de Tecla

[52] *Atos*, XX, 25.

[53] *Fil.*, II, 24; *Filém.*, 22.

[54] Assim Onesíforo e Alexandre, o caldeireiro são partilhados entre Roma e Éfeso de uma maneira inexplicável. II *Tim.*, I, 16-18; IV, 14-15.

[55] Em Eusébio, *H. E.*, II, 25.

no ano 200. Quem escreveu estas epístolas sabe os nomes dos principais discípulos de Paulo; leu muitas das suas epístolas;[56] faz uma idéia indefinida das suas viagens; impressionou-se, e de uma maneira correta, com esse enxame de discípulos que rodeavam Paulo e que o apóstolo enviava para todos os lugares.[57] Mas os detalhes que cria são falsos e inconsistentes: imagina Timóteo sempre um homem sem idade; a noção incompleta que tem de uma passagem de Paulo por Creta, faz-lhe acreditar que o apóstolo aí tivesse fundado igrejas. As pessoas que surgem nestas três epístolas são principalmente efésias; chega-se por vezes a acreditar que não tenha sido estranho ao falsificador o desejo de exaltar certas famílias de Éfeso e depreciar outras.[58] As três epístolas ou são apócrifas do princípio ao fim, ou foram desenvolvidas por bilhetes autênticos dirigidos a Tito e a Timóteo, transformados conforme as idéias do tempo e na intenção de justificar, com a autoridade do apóstolo, o progresso que ia mudando a hierarquia eclesiástica? Eis o que não é fácil decidir. Talvez em certas partes, no fim da segunda a Timóteo, por exemplo, bilhetes de diferentes datas tenham sido aproveitados; mas, mesmo assim, é necessário admitir que o falsário tinha uma grande experiência nesses trabalhos. Uma conseqüência resultante do que foi dito anteriormente é que as três epístolas são idênticas, constituindo, por assim dizer, uma única obra, não podendo fazer-se distinção entre elas, pelo que se refere à sua autenticidade.

Muito diferente é saber-se se alguns dos dados da segunda a Timóteo, por exemplo, I, 15, 18; II, 17-18; IV, 9-21, não terão valor histórico. O falsário, ainda que pouco soubesse sobre a vida de Paulo e não possuísse os *Atos*,[59] podia ter, especialmente sobre os últimos anos de vida do apóstolo, pormenores originais.

[56] Parece também que tem reminiscências da *1ª Petri.* Comp., I *Tim.*, III, 9 e seg., com *I Petri*, III, 1 e seg.

[57] II *Tim.*, IV, 9 e seg.

[58] II *Tim.*, I, 15, 16 e seg., em especial o versículo 18.; II, 17 e seg., IV, 14 e seg., sobretudo o versículo 15.

[59] Verifique-se contudo II *Tim.*, III, 11. Compare-se ainda *Atos*, XX, 25 e II *Tim.*, IV, 7.

Acreditamos, em especial, que a passagem da segunda a Timóteo, IV, 9-21, tem grande importância e lança verdadeira luz sobre a prisão de Paulo em Roma. O quarto Evangelho é também, por esta forma, uma obra apócrifa; no entanto, não se pode dizer que por isso seja uma obra destituída de valor histórico. Com relação ao que nos causa estranheza , segundo as nossas idéias, nas suposições que fazemos destas obras, não é caso para nos surpreender. Nisso não havia o menor escrúpulo.[60] Se fosse permitido ao piedoso autor das falsas cartas a Timóteo e a Tito ressuscitar e assistir às discussões que causou entre nós, não se defenderia; responderia como o padre da Ásia, autor do *Romance de Tecla*, quando se viu atacado: *Convictum atque confessum in se amore Pauli fecisse*.[61]

Supõe-se entre o ano 90 ou 100 a época da composição destas três epístolas. Teófilo de Antioquia (no ano 170) cita-as expressamente.[62] Ireneu,[63] Clemente de Alexandria,[64] Tertuliano,[65] também admitem-nas; Márcion, ao contrário, repudia-as ou não as conhece.[66] Duvidosas são as alusões que julgamos encontrar nas epístolas atribuídas a Clemente Romano,[67] a Inácio[68] e a Policarpo[69]. Determinadas frases homiléticas já feitas, eram muito vulgares naquela época; o surgimento destas frases num escrito, não prova que o autor as copiasse diretamente de outro escrito onde encontravam-se. As semelhanças que se notam entre certas expressões de

[60] Existiram ainda outras epístolas apócrifas de Paulo desde o século II. *Cânone de Muratori*, linhas 62-67; *Epif. haer.*, XLII, 9, 11, 12; São Jerônimo *De Viris Ill.*, 5; Teodoreto; *Col.* IV, 16 e seg.

[61] Tertuliano, *De Baptismo*, 17.

[62] *Ad Anatolyc*, III, 14.

[63] *Contra haer.*, I, proem., 1.

[64] *Stromates*, II, 11.

[65] *Praescr.*, 25.

[66] Tertuliano, *Adv. Marc.*, V, 21; *Epif. haer.*, XLII, 9.

[67] *Epist. I ad Cor.*, 2, 29.

[68] *Ad Ephes.*, 2.

[69] *Ad Phil.*, 4.

Hegesipo[70] e algumas passagens das epístolas mencionadas são singulares; não se sabe que conseqüência tirar do fato; porque, se nessas expressões, Hegesipo objetiva a primeira epístola a Timóteo, pareceria que a considera como um texto posterior à morte dos apóstolos. Dessa forma, é claro que quando se realizou a coleção das cartas de Paulo, as cartas a Tito e a Timóteo gozavam da maior autoridade. Onde foram redigidas? Talvez em Éfeso; talvez em Roma. Os seguidores desta segunda hipótese podem atestar que no Oriente não se teriam cometido os erros que nelas se encerram. O estilo apresenta latinismos. A intenção que ditou o escrito, isto é, o desejo de aumentar a força do princípio hierárquico e a autoridade da igreja, apresentando um modelo de piedade, de docilidade e de "espírito eclesiástico" traçado pelo próprio apóstolo, está em completa harmonia com o que conhecemos do caráter da igreja romana desde o século I.

A partir de agora analisaremos a Epístola aos Hebreus. Como já foi dito, esta epístola não seria de Paulo, mas não devia ter a mesma categoria das duas Epístolas a Timóteo e da Epístola a Tito, por isso que o seu autor não teve a intenção em fazer passar a sua obra por um escrito do apóstolo Paulo. Qual é o valor da opinião que se estabeleceu na igreja e segundo a qual Paulo teria sido o autor da referida epístola? O estudo dos manuscritos, o exame da tradição eclesiástica e a crítica intrínseca do próprio texto vão nos esclarecer.

Os antigos manuscritos trazem esclarecimentos apenas no cabeçalho da epístola: *Prós Ebratous*. O *Codex Vaticanus* e o *Codex Sinaiticus*, que representam a tradição alexandrina, quanto à ordem da transcrição situam esta epístola entre as de Paulo. Os manuscritos greco-latino, ao contrário, denunciam todas as hesitações que permaneciam ainda no Ocidente na primeira metade da Idade Média, sobre a canonicidade da Epístola aos Hebreus e, por conseguinte, sobre a sua autoria por Paulo. Ela é omitida pelo *Codex Boernerianus*; o *Codex Augiensus* o apresenta em latim, logo em seguida às Epístolas de Paulo. O *Codex Claromontanus* traz a epístola em questão em separado, como uma espécie de apêndice, junto da esticometria geral da

[70] Em Eusébio, *H. E.*, III, 32. Comp. I *Tim.*, I, 3, 6, 10; VI, 20. Veja-se Baur, *Paulus* (2ª edição), t. II, pp. 110-112.

Escritura,[71] o que prova que a epístola não constava no manuscrito de onde foi copiado o *Claromontanus*. Na citada esticometria (texto muito antigo), a Epístola aos Hebreus não o figura, ou, se figura, é com o nome de Barnabé.[72] As faltas inúmeras de que está repleto o texto latino da epístola no *Claromontanus*, bastariam para despertar as suspeitas do crítico e provar que esta epístola não entrou no cânone da igreja latina, senão tardiamente e de forma inesperada.[73]

Existe a mesma incerteza na tradição. Márcion não contava com a Epístola aos Hebreus na sua coleção das Epístolas de Paulo;[74] o autor do cânone considerado como de Muratori omite-a na sua lista. Ireneu conhecia o texto citado, mas não o considerava como sendo de Paulo.[75] Clemente de Alexandria[76] acredita na autoria de Paulo mas lembra a dificuldade de a atribuir ao apóstolo e recorre, para desvencilhar-se do embaraço, a uma hipótese pouco aceitável: a de que Paulo escreveu a epístola em hebreu e que Lucas a

[71] Sobre a esticometria nos manuscritos antigos, veja-se Frei Ritschl, *Opuscula Philologica*, I, pp. 74 e seg., 190 e seg.

[72] Esta esticometria (fol. 4168 v.) insere na relação dos escritos sagrados uma *Epistola Barnabae*, que pode ser a epístola ordinariamente atribuída a Barnabé. No entanto, a esticometria do *Codex Claromontanus* dá à sua *Epistola Barnabae* um número que é mais ou menos o algarismo que se ajusta à Epístola aos Hebreus, e não o algarismo da epístola atribuída a Barnabé (veja-se Gredner, *Gesch. des Neutest. Kanon*, p. 175 e seg., 242 e seg.). Concluiu-se assim que a *Epistola Barnabae* mencionada na esticometria do *Codex Claromontanus* era a Epístola aos Hebreus, que Tertuliano atribui realmente a Barnabé. Este raciocínio peca no seguinte: 1º, a esticometria do *Claromontanus* apresenta muitas falhas e particularidades; 2º, a epístola ordinariamente atribuída a Barnabé encontra-se no *Codex Sinaiticus* com o *Pasteur*, de um modo que parece corresponder à esticometria do *Claromontanus* (veja-se, entretanto, Tertuliano, *De Pudic*., 20).

[73] Tischendorf, *Codex Claromontanus*, p. XVI.

[74] *Epif. haer*., XLII, 9.

[75] Estevão Gobar, em Proto, *Bibliot*., cod. CCXXXIII, p. 291 (Bekker); Eusébio, *H. E.*, V, 26. Na sua luta contra as heresias, Ireneu quase sempre cita todas as Epístolas de Paulo; menos, porém, a Epístola aos Hebreus, que tão bem se ajustava ao seu fim.

[76] Citado por Eusébio, *H. E.*, VI, 13, 14.

traduziu para o grego. Orígenes admite também, até certo ponto, a Epístola aos Hebreus como sendo autoria de Paulo, mas reconhece a sua negativa por muitas pessoas ; porém não reconhece o estilo de Paulo e supõe, mais ou menos como Clemente de Alexandria, que só a base das idéias pertence ao apóstolo. "O caráter do estilo da epístola que tem por título *Aos Hebreus*", diz ele, "não tem a rusticidade do apóstolo...; esta carta é, quanto à disposição das palavras, muito mais helênica, como o confessará quem tenha competência para julgar da diferença dos estilos... Para mim, se eu tivesse de dar a minha opinião, diria que os pensamentos são do apóstolo, mas que o estilo e a disposição das palavras são de alguém que teria conservado de memória as suas palavras, e que teria redigido o que ouvira ao mestre. Se, portanto, alguma igreja considera esta epístola como sendo de Paulo, não há motivo para a não aprovar; porque não é sem razão que os antigos a transmitiram como de Paulo. Quanto à questão de saber quem escreveu estas epístolas só Deus sabe a verdade. Entre as opiniões que a história nos transmitiu, uma quer que tenha sido escrita por Clemente, que foi bispo dos romanos, a outra por Lucas, que escreveu os Evangelhos e os *Atos*".[77]

Tertuliano não faz tantas ressalvas: apresenta claramente a Epístola aos Hebreus como sendo obra de Barnabé[78] Caio, padre de Roma;[79] São Hipólito[80] e São Cipriano[81] não a colocam entre as Epístolas de Paulo. Na discussão do novacianismo, em que esta epístola tinha muitos motivos para ser utilizada, dela não se faz menção.

É Alexandria o centro da opinião que intencionava intercalar a

[77] *Homil. in Hebre*, citadas por Eusébio, *H. E.*, VI, 25; *Epist. ad Africanum*, c. 9; *In Math*., coment. séries, 28; *De Princip*., pref. 1; III, I, 10; IV, 22.

[78] *De Predictia*, 20. Tertuliano, além disto, não faz dela a mesma utilização que das outras Epístolas de Paulo; não condena Márcion por a ter suprimido.

[79] Eusébio, *H. E.*, VI, 20; São Jerônimo, *De Viris Ill*., 59.

[80] Fótio, *l. c.* e cod. CXXI, p. 94 (Bekker). Nos *Philosophumenas* a Epístola aos Hebreus não aparece citada, apesar de, muitas vezes, as demais epístolas serem mencionadas.

[81] *Ad Fortunatum, de exportmart*., 11.

Epístola aos Hebreus na série das cartas de Paulo. Em meados do século III, Dionísio de Alexandria[82] parece não ter dúvidas de que seja Paulo o autor. A partir dessa época, é esta a opinião generalizada no Oriente;[83] porém não cessam de se fazer ouvir os protestos divergentes.[84] São principalmente enérgicos entre os latinos;[85] a igreja romana, em particular, sustenta que a epístola não é de Paulo.[86]

Eusébio tem muitas dúvidas e reedita as hipóteses de Clemente de Alexandria e de Orígenes; inclina-se a acreditar que a epístola foi escrita em hebreu, por Paulo, e traduzida por Clemente Romano.[87] São Jerônimo[88] e Santo Agostinho[89] têm dificuldade em calar as suas dúvidas, e jamais citam esta parte do cânone sem reservas. Vários doutores insistem em nomear, como autor da obra de Lucas, Barnabé ou Clemente.[90] Os antigos manuscritos de

[82] Citado por Eusébio, *H. E.*, VI, 41.

[83] Concílio de Antioquia do ano 264 em Mansi, *Coll. Concil.*, I, p. 1038; Alexandre de Alexandria, em Teodoreto, *H. E.*, I, 3, e em Sócrates. *H. E.*, I, 6; Atanásio, *Epist. Fest.* (Op. I, p. 962, ed. Bened. *Svnopsis script sacr.* (Op. II, p. 130, 197); São Greg. de Naz., *Carmina*, pp. 216 e 1105 (ed. Caillau).

[84] Eusébio, *H. E.*, III, 3, 38; VI, 13; São Greg. de Naz., *Op. cit.*, p. 1105.

[85] São Jerônimo, *In Is.*, c. VI, VII, VIII; *In Zach.*, VIII; *In Math.*, XXVI; *De Viris ill.*, 59; *Epist ad. Paulinum II, de stud. script.* (t. IV, 2ª parte, col. 5741, Martianay); *Epist. ad Dardanum* (II, 608, Mart.); Santo Agostinho, *De civ. Dei*, XVI, 22; Primasius, *Comment. in epist. Pauli*, praef. (na *Max. Bill. vet Patrum*, Lugd, X, p. 144); Filastre, De haeresibus, haer. LXI (em Gallandi, *Bibl. vet. Patrum.* VII, pp. 494-495); Isidoro de Sevilha, *De eccl. officiis*, I, XII, 11). Veja-se sobretudo a reduzida utilização que fazem os padres latinos dos séculos IV e V desta epístola.

[86] Eusébio, *H. E.*, III, 3; VI, 20; São Jerônimo, *De viris ill.*, 59. Hilário, diácono da igreja de Roma (o ambrosiastro) menciona "as treze" Epístolas de Paulo e não a Epístola aos Hebreus.

[87] Eusébio, *H. E.*, III, 38.

[88] *Epist. ad Dardanum, 1. c.*; *In Jerem.*, XXXI; *In Tit.*, I, 5; II, 2; *De viris ill.*, 5.

[89] *De peccatorum meritis et remissione*, I, § 50; *Inchoata expositio op. ad Rom.*, § 11. Comp. também *De doctrina christ.*, II, § 13.

[90] Passagens de Eusébio, de São Jerônimo, de Primásio, de Filastro, de Isidoro de Sevilha.

de origem latina bastariam, como já vimos, para testemunhar a repugnância que o Ocidente experimentou quando esta epístola lhe foi apresentada como obra de Paulo. É claro que, quando se elaborou, se é permitido assim denominar a *editio princips* das cartas de Paulo, a sua quantidade foi estimada em treze. Depois, foram-se acostumando a colocar após estas treze cartas a Epístola aos Hebreus, escrito apostólico anônimo, que se aproxima em certos trechos, pelas idéias, dos escritos de Paulo. Daí não havia quase nenhuma distância para se chegar a pensar que a Epístola aos Hebreus era do apóstolo. Tudo leva a crer que esta indução foi feita em Alexandria, quer dizer, numa igreja relativamente moderna, se comparada às igrejas da Síria, da Ásia, da Grécia e de Roma. Essa hipótese não pode ter valor para a crítica, se entretanto boas provas intrínsecas nos desviam de atribuir a epístola citada ao apóstolo Paulo.

Na realidade é isso que ocorre. Clemente de Alexandria e Orígenes, verdadeiros bons julgadores em estilo grego, não encontram nessa epístola a cor do estilo de Paulo. A mesma impressão tem São Jerônimo; os padres da igreja latina, que se recusam a acreditar que a epístola seja de Paulo, estão unidos pela mesma razão da sua dúvida: *propter styli sermonisque distantiam.*[91] Esta razão é excelente. O estilo da Epístola aos Hebreus é definitivamente diferente do de Paulo; é mais retórico, de frase mais acabada; o vocabulário possui palavras elaboradas. A base dos pensamentos não se afasta muito das opiniões de Paulo, sobretudo de Paulo preso; mas a exposição e a exegese são muito diferentes. Não tem subscrição nominativa, contrariamente ao costume constante do apóstolo; faltam certas características, que se espera encontrar numa epístola de Paulo. A exegese é contudo alegórica, assemelhando-se mais à de Fílon do que à de Paulo. O autor participa da cultura alexandrina. Utiliza-se somente da versão denominada dos Setenta; realiza sobre o texto desta versão considerações que provam uma completa ignorância do hebraico;[92] a sua maneira de citar e de analisar os textos bíblicos é diferente ao método de Paulo. Entretanto, o autor é um judeu;

[91] Passagens mencionadas anteriormente.

[92] Observe-se sobretudo X, 5, onde a argumentação se baseia em uma falta de leitura ou de copista.

crê enaltecer o Cristo comparando-se ao grande padre hebreu; o cristianismo para ele não é senão um complemento do judaísmo; está longe de considerar a Lei como abolida. A passagem II, 3, em que o autor se coloca entre os que não conhecem os mistérios da vida de Cristo senão de forma indireta, da boca dos discípulos de Jesus, não corresponde, de forma nenhuma, às pretensões mais firmes de Paulo. Finalmente cabe destacar que, escrevendo aos cristãos hebreus, Paulo teria esquecido o seu mais rigoroso preceito, que era nunca fazer ato pastoral no terreno das igrejas judaico-cristãs, para que os apóstolos da circuncisão não usurpassem, pelo seu lado, as igrejas dos incircuncisos.[93]

Em definitivo a Epístola aos Hebreus não é de autoria de Paulo. De quem é portanto? Onde foi escrita? A quem foi destinada? Em nosso quarto volume todas essas questões serão examinadas. Aqui, apenas a data de um importante escrito nos interessa. Ora esta data pode ser determinada com grande precisão.

Segundo todas as verossimilhanças, a Epístola aos Hebreus é anterior ao ano 70, pois o serviço levítico do templo aí é representado como tendo prosseguido regularmente e sem interrupção.[94] No entanto, XIII, 7, e mesmo V, 12, parecem uma referência à morte dos apóstolos de Jerusalém, de Tiago, irmão do Senhor, por exemplo; XIII, 13, parece referir-se a uma libertação de Timóteo, posterior à morte de Paulo;[95] X, 32 e seg., talvez XIII, 7, são, acredito, uma clara referência à perseguição de Nero no ano 64. Pode-se acreditar que a passagem III, 7 e seg., compreende outra alusão aos princípios da revolta da Judéia esta passagem (ano 66) e um pressentimento das desgraças que virão a seguir; Esta passagem também dá a entender que o ano 40 depois da morte de Cristo não tinha ainda passado e que este termo se aproximava. Tudo se harmoniza, pois, para fazer supor que a redação da Epístola aos Hebreus ocorreu do ano 65 ao ano 70, provavelmente em 66.[96]

---

[93] *Gál.*, II, 7-8; II Cor., X, 13 e seg.; *Rom.*, XV, 20 e seg.

[94] VII, 27; VIII, 3-4; IX, 6-10; XIII, 11-13. Examinar-se-ão no tomo VI os objetos contrários a este argumento.

[95] Comp., X, 34.

[96] O autor da carta anuncia notícias de Timóteo; supõe como coisas conhecidas a perseguição de Nero e a morte dos apóstolos; é-se pois levado a crer que, quando escrevia, estes últimos fatos eram já um pouco

Após termos discutido a autenticidade, iremos discutir a integridade das Epístolas de Paulo. As epístolas autênticas nunca foram interpoladas.[97] O estilo do apóstolo é tão pessoal, tão original, que toda mudança se destacaria sobre a base do texto pela sua falta de vigor. Quando as epístolas foram colecionadas, no trabalho de edição que foi realizado, fizeram-se algumas operações que é preciso explicar. O objetivo dos editores parece ter sido: 1º, não ampliar o texto; 2º, não perder nada do que se acreditava ter sido ditado ou escrito pelo apóstolo; 3º evitar as repetições impossíveis de deixar de produzir, sobretudo quando se tratasse de cartas circulares, apresentando partes comuns. Neste caso, os editores parecem ter seguido um sistema de emendas ou de intercalação, cujo intuito supomos ter sido salvar partes do texto que, sem isto, teriam se perdido. Assim a passagem II *Cor.*, VI, 14; VII, 1, forma um pequeno parágrafo que contém tão sem apuro a seqüência da epístola, que se é levado a acreditar que foi ali costurado grosseiramente. Os últimos capítulos da Epístola aos Romanos apresentam fatos mais destacados ainda e que importa discutir com minúcia; porque muitos trechos da biografia de Paulo dependem do sistema que se adota a respeito destes capítulos.

Lendo a Epístola aos Romanos, experimenta-se, a partir do Capítulo XII, um certo espanto. Paulo parece despedir-se do seu princípio habitual: "Cada um no seu território". É interessante que dê conselhos imperativos a uma igreja que não fundou, ele que condena tão ardorosamente a impertinência dos que procuram edificar nos alicerces construídos por outros.[98] No fim do Capítulo XIV, começam a aparecer particularidades estranhas. Muitos manuscritos, acompanhados por Griesbach, depois de São João Crisóstomo, Teodoreto, Teofilato, Oecumenius,[99] colocam neste trecho o final do Capítulo XVI (versículos 25-27). O *Codex*

---

quando escrevia, estes últimos fatos já haviam ocorrido há muito tempo, X, 34, contudo repugna acreditar que o fossem muito.

[97] São escólios modernos, destituídos de todo o valor, as palavras finais que no texto grego, recebido do Novo Testamento e nas versões que dele derivam, pretendem indicar o lugar em que a epístola foi escrita e o nome do portador,

[98] *Cor.*, X, 13 e seg.; *Rom.*, XV, 20 e seg.

[99] Griesbach, *Nov. Test.*, II, pp. 212-213.

Alexandrinus e alguns outros, repetem duas vezes este sinal, uma no fim do Capítulo XIV e outra no fim do Capítulo XVI.

Os versículos 1-13 do Capítulo XV causam-nos novo espanto. Estes versículos repetem e resumem, sem vigor, o que vem a seguir.

É pouco provável que estes estejam na mesma carta em que estavam os versículos precedentes. Paulo repete-se por vezes no decurso das mesmas considerações, mas não retorna nunca sobre essas considerações para as resumir e enfraquecer. Cabe acrescentar que os versículos 1-13 parecem dirigir-se a judeus-cristãos. Paulo neles tece concessões às idéias judaicas.[100] Que há de mais intrigante que o versículo 8, em que Cristo é chamado *diaconos peritomez*? Dir-se-ia que se tratava de um resumo dos Capítulos XII, XIII e XIV, para leitura de um público judaico-cristão, aos quais Paulo pretende provar, por meio de textos, que a adoção dos pagãos não exclui o privilégio de Israel e que Cristo cumpriu as antigas promessas.[101]

O Capítulo XV, 14-13, é evidentemente dirigido à igreja de Roma e apenas a esta. Paulo exprime-se com reserva, escrevendo como convém a uma igreja que desconhece e que, sendo na sua maneira judaico-cristã, não é da sua jurisdição direta. Nos Capítulos XII, XIII e XIV, o tom das cartas é mais seguro; o apóstolo fala com uma doce autoridade; serve-se do vocábulo *paracalo*, vocábulo de uma expressão muito mitigada é claro, mas que é sempre a palavra utilizada quando fala aos seus discípulos.[102]

O versículo 33 termina de maneira brilhante a Epístola aos Romanos, segundo as regras das conclusões de Paulo. Os versículos 1 e 2 do Capítulo XVI poderiam ser admitidos ainda como pós-escrito da Epístola aos Romanos; mas o que segue a partir do versículo 3 faz nascer verdadeiras polêmicas: Paulo, como se não tivesse terminado a sua carta pela palavra *Ámen*, começa a saudar vinte e seis pessoas sem mencionar cinco igrejas ou grupos. Paulo jamais realiza dessa maneira estas saudações, depois da bênção e do *Ámen* final. Além disso, não se trata de saudações banais como é costume dirigir a pessoas desconhecidas. Paulo teve com certeza as mais estreitas

[100] Verifique-se em especial os versículos 8-9.

[101] *Ibid.*, vers. 9-12.

[102] II *Cor.*, VIII, 6; IX, 5; XII, 18; cf. I *Tim.*, I, 3. Veja-se São João Crisóstomo, sobre esta última passagem.

relações com as pessoas que saúda. Todas têm alguma coisa especial: esta trabalhou com ele; aqueles foram companheiros na prisão; uma outra serviu-lhe de mãe (naturalmente tratando-o de alguma doença); o apóstolo sabe em que época cada um se converteu; todos são seus amigos, seus colaboradores, seus companheiros íntimos. Não é natural que ele tenha profundas relações com uma igreja onde nunca esteve, que não é da sua escola, uma igreja judaico-cristã, em que os seus princípios lhe proíbem trabalhar. Não apenas conhece pelo nome todos os cristãos da igreja a que se dirige, mas ainda distingue os senhores dos que são escravos, Aristóbulo, Narciso; como designa ele, com tanta precisão, estas duas casas, se elas situam-se em Roma, onde ele nunca esteve? Quase sempre escrevendo às igrejas que fundou, Paulo saúda duas ou três pessoas; por que aqui saúda um número tão elevado de irmãos e de irmãs de uma igreja que desconhece?

Se estudarmos detalhadamente as pessoas que Paulo saúda, veremos com mais evidência ainda que esta página de saudações nunca foi dirigida à igreja de Roma. Nela não encontramos nenhuma das pessoas que sabemos terem participado dessa igreja[103] e encontramos muitas que, com certeza, nunca dela participaram. Em primeiro lugar (V, 3-4) figuram Áquila e Priscila. É de todos sabido que poucos meses decorreram entre a redação da primeira Epístola aos Coríntios e a redação da Epístola aos Romanos. Assim quando Paulo escrevia a primeira aos Coríntios, Áquila e Priscila estavam em Éfeso.[104]

Poderia ser dito que neste ínterim os dois poderiam ter viajado para Roma. Isto seria muito singular. Áquila e Priscila tinham partido uma primeira vez de Roma, expulsos por um édito; vamos encontrá-los em seguida em Corinto, depois em Éfeso; reconduzi-los a Roma sem que haja sido suspensa a sua sentença de expulsão, precisamente pouco depois do dia em que Paulo acaba de se despedir em Éfeso, é atribuír-lhes uma vida nômade demais; é acumular as inverossimilhanças. A isso acrescente-se que o autor da segunda epístola apócrifa de Paulo a Timóteo supõe Áquila e Priscila em

[103] II *Tim.*, IV, 21, passagem que apresemta valor histórico, mesmo a carta sendo apócrifa.

[104] I *Cor.*, XVI, 19.

Éfeso,[105] o que prova que a tradição aí os fixava. O pequeno martirológio romano (origem das redações posteriores) faz menção deles, a 8 de julho, *In Asia Minori, Aquilae et Priscillae, uxoris ejus*.[106] Não é tudo. No V, 5, Paulo saúda Epeneto, "o que na Ásia primeiro nasceu em Cristo". Então toda a igreja de Éfeso tinha vindo entrevistar a Roma? A relação dos nomes a seguir é igualmente mais própria de Éfeso do que de Roma.[107] A primeira igreja de Roma com certeza foi de língua grega; entre os escravos e os libertos em que se recrutava o cristianismo, os nomes gregos, mesmo em Roma, eram triviais.[108] Porém, examinando as inscrições judaicas de Roma, o Padre Garruci notou que a quantidade dos nomes latinos era o dobro da dos gregos.[109] Neste caso, em 24 nomes, há dezesseis gregos, sete latinos, um hebraico, sendo que a quantidade dos nomes gregos ultrapassa o dobro da dos latinos. Os nomes dos chefes de casa Aristóbulo e Narciso também são gregos.

Assim, os versículos XVI, 3-16, não foram dirigidos à igreja de Roma, mas sim à de Efeso. De modo algum, os versículos 17-20 não podem ter sido dirigidos aos romanos. Paulo neles utiliza a palavra que lhe é habitual, quando dá uma ordem aos seus discípulos (*paracalo*); exprime-se com aspereza sobre as divisões criadas pelos seus adversários; tem-se a impressão de que o apóstolo está em família; sabe a situação da igreja a que se dirige e glorifica-se da sua boa reputação; desvanece-se com ela como um mestre com

[105] IV, 19. Éfeso é sempre o ponto estratégico do autor das Epístolas a Timóteo, mesmo que a este respeito se mostre inconseqüente. Os teólogos ortodoxos, que entendem isto à letra, *Rom.*, XVI, 3 e II *Tim.*, IV, 19, são obrigados a fazer viajar Áquila e Priscila de Roma para Corinto e Éfeso (*Atos*, XVIII, 2, 18, 19, 26), de Éfeso para Roma (*Rom., l. c.*), de Roma para Éfeso (II *Tim., l. c.*). É provável que se quis reservar-lhe dia para os fazer voltar uma segunda vez de Éfeso a Roma. De Rossi, *Bull. di arch. christ.*, 1867, p. 44 e seg.

[106] Ed. de Rosweyde, Anvers, 1613. Cf. De Rossi, *l. c. Roma sott.*, II, pp. XXVIII-XXIX.

[107] Veja-se, por exemplo, o nome de Flegon.

[108] Devido em parte, à ordem de Cláudio a respeito da usurpação dos nomes romanos. Suetônio, *Cláudio*, 25.

[109] *Cimitero degli antichi Ebri*, p. 63.

os seus discípulos (*eph'umin cairo*). Estes versículos nada significam se se supõem dirigidos pelo apóstolo a uma igreja estranha; cada palavra é a prova de que ele pregava àqueles a quem escreveu, e que eram solicitados pelos seus inimigos. Estes versículos só podem ter sido dirigidos aos coríntios ou aos efésios. A epístola, no fim da qual são citados, foi escrita em Corinto; estes versículos, que constituem um final de carta, foram dirigidos a Éfeso.

Uma vez demonstrado que os versículos 3-16 também foram dirigidos aos fiéis de Éfeso, obtemos um longo fragmento (XVI, 3-20) que deve ter feito parte de uma carta aos efésios. Assim é comum ligar a estes versículos 3-20 os versículos 1-2 do mesmo capítulo, versículos que poderiam ser considerados como um pós-escrito depois do *Ámen*, mas que melhor podem ser referidos ao que segue. A viagem de Foebé é assim mais verossímil. Finalmente, as recomendações bastante imperativas de XVI, 2, e o motivo por que Paulo as apoia, são melhor compreendidas se dirigidas aos efésios, que deviam tantas obrigações ao apóstolo do que aos romanos que não lhe deviam nada.

Não existe razão dos versículos 21-24 do Capítulo XV[110] fazerem parte de uma Epístola aos Romanos do que os antecedentes. Por que motivo, pois, todas essas pessoas, que não conheciam Roma, que não eram conhecidas dos fiéis de Roma, os saúdam? Que poderiam significar esses nomes desconhecidos para a igreja de Roma? Uma observação muito importante é a de que são todos os nomes de macedônios ou de pessoas que podiam conhecer as igrejas da Macedônia. O versículo 24 é um final de carta. Os versículos 21-24 podem ser um remate da epístola que foi dirigida aos tessalonicenses.

Um novo final apresentam-nos os versículos 25-27, que não têm nada de tópico e que, já foi dito, se encontra em inúmeros manuscritos, no fim do Capítulo XV. Em outros, porém, especialmente no *Boernerianus* e no *Augiensis* (parte grega) esse final não existe.[111]

[110] Veja-se Griesbach, *Nov. Test.*, II, p. 222, sobre a incerteza dos manuscritos, a propósito da colocação do versículo 24,

[111] Leia-se as edições dos *Codices* feitas por Malthaei (Meissen, 1791) e por Scrisener (Cambrígia, 1859), ou Griesbach, *Nov. Test.*, II,. p. 212.

Sem dúvida esses versículos não fizeram parte da Epístola aos Romanos, concluída no versículo XV, 33, nem da Epístola aos Efésios que termina com o versículo XVI, 20, nem da epístola às igrejas da Macedônia, que finaliza pelo versículo XVI, 24. Atingimos um resultado singular: a epístola acaba quatro vezes, e cinco no *Codex Alexandrinus*. Isto é totalmente contrário aos hábitos de Paulo e mesmo ao bom senso.

Existe aqui uma desarmonia proveniente de qualquer acidente particular. Devemos, com Márcion[112] e com Baur, declarar apócrifos os dois capítulos da Epístola aos Romanos? Surpreende que um crítico tão hábil como Baur se satisfaça com uma solução tão grosseira. Para que teria um falsário inventado tão insignificantes detalhes? Para que teria juntado à obra sagrada uma lista de nomes próprios? No primeiro e no segundo século, quase todos os autores de apócrifos manifestavam um interesse dogmático; interpolavam os escritos apostólicos considerando uma doutrina ou uma disciplina a estabelecer. Achamos possível propor uma hipótese mais satisfatória do que a de Baur. Acreditamos que a chamada Epístola aos Romanos, 1º, não foi dirigida inteiramente aos romanos; 2º, não foi somente dirigida aos romanos.

Prosseguindo na sua carreira, Paulo tinha o hábito de escrever epístolas encíclicas,[113] destinadas a serem lidas em diversas igrejas.[114] Acreditamos que a base da Epístola aos Romanos foi uma encíclica desta espécie. Paulo, ao atingir a sua maturidade, dirige-se às mais

p. 212. No *Boernerianus*, deixaram um espaço em branco no final do Cap. XIV. No *Claromontanus*, encontra-se essa passagem no término do Cap. XVI, mas nota-se que os corretores a consideravam suspeita (Tischendorf, *Codex. Clarom.*, p. 550).

[112] Veja-se Orígenes, *Comment. sur l'Epitre aux Rom.*, livro X, 43. Com relação a isso Márcion não obedecia a nenhum intuito dogmático.

[113] Observe-se *Col.*, IV, 16, e mais acima p. XX e seg. É para ressaltar que o autor da *1ª Petri*, que utilizou-se das Epístolas de Paulo, emprega principalmente a Epístola aos Romanos e a Epístola aos Efésios, quer dizer, as duas epístolas que são consideradas tratados gerais, catequeses.

[114] Veremos como as denominadas "epístolas católicas" tiveram origem em um costume semelhante.

importantes igrejas, pelo menos a três entre elas e, por exceção, também à igreja de Roma. Os quatro finais que se ajustam aos versículos XV, 33; XVI, 40; XVI, 24; XVI, 27, são os finais dos diversos exemplares enviados. Quando se fez a edição das epístolas, tomou-se por base o exemplar dirigido à igreja de Roma;[115] mas para que nada fosse perdido, puseram as variantes em seguida ao texto, bem como os diversos finais dos exemplares, que se colocavam em separado.[116] Desta forma se explicam tantas singularidades: 1º, o emprego, em duplicado, que se nota na passagem XV, 1-13, e nos Capítulos III, XIII, XIV, capítulos que, não podendo dizer respeito senão a igrejas fundadas pelo apóstolo, não deviam encontrar-se no exemplar enviado aos romanos, ao passo que a passagem XV, 1-13, que não pode ser apropriada aos discípulos de Paulo e convém perfeitamente aos romanos; 2º, certas particularidades da epístola que não adaptam senão muito mediocremente aos fiéis de Roma e constituiriam uma indiscrição, se fossem dirigidas unicamente a estas;[117] 3º, os questionamentos dos melhores críticos sobre a questão de saber se a epístola foi dirigida a pagãos convertidos, ou a judaico-cristãos, hesitações que são muito simples, segundo a nossa hipótese, uma vez que os seus pontos principais teriam sido redigidos para servir a muitas igrejas ao mesmo tempo; 4º, o que há de surpreendente que Paulo componha um texto tão importante apenas para uma

[115] Talvez a edição das cartas de Paulo fosse feita em Roma.

[116] Poderiam supor-se constituídos os quatros exemplares da seguinte maneira:

1º Exemplar da igreja de Roma: os onze primeiros capítulos e o Capítulo XV completo;

2º Exemplar da igreja de Éfeso: os catorze primeiros capítulos (com as modificações realizadas na primeira metade do primeiro capítulo), mais XVI, 1-20;

3º Exemplar da igreja de Tessalônica: os catorze primeiros capítulos (com as modificações realizadas na primeira metade do primeiro capítulo), mais XVI, 21-24;

4º Exemplar dirigido a uma igreja desconhecida: os catorze primeiros capítulos (com as modificações realizadas na primeira metade do primeiro capítulo), e XVI, 25-27, versículos que, como já dissemos, aparecem em muitos manuscritos, logo a seguir às últimas palavras do Capítulo XIV.

[117] Veja-se em especial as seguintes passagens: II, 16; XI, 13; XVI, 25.

igreja que não conhecia e sobre a qual não tinha senão direitos contestáveis; 5º, enfim as intrigantes particularidades dos Capítulos XV e XVI, essas saudações insensatas, esses quatro finais, três dos quais não se encontravam, com certeza, no exemplar enviado a Roma. Ver-se-á, no decorrer do presente volume, quanto esta hipótese se concilia bem com todas as outras circunstâncias conhecidas da vida de Paulo.

Não iremos omitir o testemunho de um importante manuscrito. O *Codex Boernerianus* esquece a indicação de Roma nos versículos 7 e 15 do primeiro capítulo. Não se poderá dizer que esta omissão seja produzida pelas leituras nas igrejas; o manuscrito boerneriano, obra dos filólogos de S. Gall, no ano 900, propõe-se a um objetivo puramente exegético e foi copiado de um antiquíssimo manuscrito.

As notas bastarão para explicar ao leitor a natureza dos outros documentos de que me utilizei. Não desprezei nenhum meio de informação e de crítica. Visitei todos os países a que se refere esta obra, exceto a Galácia. Na parte talmúdica tive a sábia colaboração de M. Joseph Derenborug e de M. Neubauer. Em geografia, conferi acessos difíceis com MM. Perrot, Heuzey, Ernest Desjardins, e sobretudo com M. Kiepert, que se prestou a traçar o mapa anexo a este volume. Na parte grega e latina, principalmente na epigrafia, três companheiros, cuja amizade tem para mim um apreço infinito, MM. Leon Renier, Egger, Waddington, permitiram-me que recorresse sem cessar à sua experimentada crítica e ao seu profundo saber. M. Waddington, em especial, conhecia tão admiravelmente a Síria e a Ásia Menor que, nas questões relativas a estes países, eu nunca ficava tranqüilo enquanto não conseguia conciliar-me de acordo com este sagaz e judicioso explorador.

Sinto não poder trazer neste livro, a narrativa dos últimos anos de vida de Paulo; mas para isso seria necessário aumentar desmedidamente o número de páginas. Além disso, o terceiro livro teria perdido um pouco da solidez histórica que o caracteriza. Depois da chegada de Paulo a Roma deixa-se de pisar no terreno firme dos textos incontestados; começamos a nos debater na noite das lendas e dos documentos apócrifos. O próximo volume (quarto livro da História das Origens do Cristianismo) abordará o término da vida de Paulo, os acontecimentos da Judéia, a vinda de Pedro a Roma (considero-a como provável), a perseguição de Nero, a morte dos apóstolos, o Apocalipse, a tomada de Jerusalém e a redação dos Evangelhos sinópticos. Depois, um quinto e último volume

abrangerá a redação dos escritos mais atualizados do Novo Testamento, os movimentos interiores das igrejas da Ásia Menor, os progressos da hierarquia e da disciplina, o nascimento das seitas gnósticas, a constituição definitiva de uma ortodoxia dogmática e do episcopado. Concluída a redação do último texto escrito do Novo Testamento, constituída a autoridade da igreja e preparada como que com uma pedra-de-toque para discernir o erro da verdade, e quando as pequenas confrarias democráticas dos iniciais tempos apostólicos abdicam os seus poderes nas mãos do bispo está completo o cristianismo. A criança irá se desenvolver ainda; mas já possui todos os seus membros; não é apenas um embrião; não terá de adquirir nenhum órgão essencial. Nessa época, os últimos laços que ligavam a igreja cristã à sua mãe, a sinagoga judaica, são rompidos; a igreja existe como ser independente; não nutrirá mais pela sua mãe senão aversão. A História das Origens do Cristianismo termina neste momento. Espero poder, dentro de cinco anos, concluir esta obra, a qual quis destinar à época de maior reflexão da minha vida. Muitos sacrifíficos ter-me-ia custado , principalmente o de me excluir do ensino do Colégio de França, segundo objetivo que eu havia proposto. Mas é necessário não ser muito exigente; talvez aquele que, em dois projetos, conseguiu realizar um, não deve acusar a sorte, sobretudo se cumpriu o seu objetivo como se cumpre um dever.

CAPÍTULO I

Primeira viagem: missão de Chipre

Despedindo-se de Antioquia,[1] Paulo e Barnabé, levam consigo João Marcos, dirigiram-se para Selêucia. De Antioquia a esta cidade a caminhada é curta. A estrada acompanha a margem direita do Oronte, sobe as últimas ondulações das montanhas da Piéria e vai atravessar as inúmeras cachoeiras que daí despencam. Por todos os lados surgem verdadeiros bosques de mirtos, medronheiros, loureiros, carvalhos verdes; e vêem-se, lá ao topo, as prósperas aldeias suspensas das encostas cortadas da montanha. À esquerda, estende-se a planície do Oronte, diante dos olhos dos viajantes, a sua cultura brilhante. Os topos cobertos de árvores das montanhas de Dafne encerram o horizonte pelo lado do sul. Esta região já não é a Síria[2]. É em terra clássica, alegre, fértil, civilizada que se está pisando. Lembram todos os nomes a poderosa colônia grega que deu a estes lugares uma elevada importância histórica e aí fundou um centro de oposição, muitas vezes violento, contra o espírito semítico.

Selêucia[3] era o porto de Antioquia e a grande saída da Síria

---

[1] *Atos*, XIII, 4 e seg.

[2] O limite geográfico da Síria é o monte Cássio.

[3] O local está hoje deserto, restando belas ruínas e incríveis trabalhos nas rochas. V. Ritter, *Erdkund*, XVII, p. 1233 e seg.; *Estudos de Teol., de Fil. e de Hist.*, publicados pelos padres da Companhia de Jesus, setembro, 1860.

setentrional para o ocidente. A cidade situava-se em parte na planície e em parte nas alturas abruptas, no ângulo que formam as aluviões do Oronte com o sopé do Corifeu,[4] a cerca de légua e meia ao norte da nascente do rio. É neste lugar que todos os anos embarcava uma multidão de seres corrompidos, nascidos de uma podridão secular, que vinha desembarcar em Roma e contagiá-la.[5]

Personagens de muitas lendas,[6] o monte Cássio abrigava o culto principal, admirável pico de uma forma regular, situado do outro lado do Oronte. Sua costa é inóspita e tempestuosa. O vento do golfo, descendo do alto das montanhas e apanhando as ondas de revés, produz sem cessar uma ampla e forte ondulação. Uma bacia artificial, ligando-se com o mar por uma abertura estreita, protegia os navios das investidas da maré. Ainda existem[7] os cais e o molhe, formados de enormes blocos, e esperam silenciosamente o dia, próximo, em que Selêucia voltará a ser o que foi no passado, a origem de uma das maiores estradas do planeta.[8] Pela primeira vez, saudando os seus irmãos reunidos sobre a areia negra da praia, Paulo tinha à sua frente o belo arco formado pela costa até a nascente do Oronte; à sua direita, o cone simétrico do Cássio, sobre o qual devia elevar-se, trezentos anos após, a fumaça do último sacrifício pagão;[9] à sua esquerda, as descidas íngremes do monte Corifeu; atrás dele, nas nuvens, as neves do Touro e a costa da Cilícia, que fecha o golfo de Isso. A hora era sagrada . O cristianismo ainda não tinha transposto os limites da Síria, apesar de estar muito distante do seu país de origem. Os judeus consideram toda a Síria, até o Amano, como parte ainda da Terra

[4] Extensão do Amano.

[5] *Juvenal*, III, 62 e seg.

[6] Vaillant, *Numism. graeca imp. rom.*, p. 30, 46, 110; Mionnet, *Descr. das Med. Ant.*, V, p. 271 e seg.

[7] É provável que as obras atualmente existentes datem do século II ou posteriores.

[8] A estrada de ferro que ligará entre si e com a Europa, a Síria, as bacias do Tigre e do Eufrates, a Pérsia, a Índia, pode conduzir ao Mediterrâneo apenas pelo vale do Oronte e terminará em Selêucia ou no porto de São Simão a pouca distância dela.

[9] Ammien Marcelino, XXII, 14.

Santa, participando das suas prorrogativas, dos seus ritos e dos seus deveres.[10] Esse é o momento exato em que o cristianismo abandona verdadeiramente a sua terra natal para se lançar no vasto mundo. Para divulgar o nome de Jesus, Paulo já tinha viajado muito. Tornara-se cristão havia sete anos, e nem só um dia sua ardente convicção diminuíra. No entanto, sua partida de Antioquia com Barnabé, assinala uma mudança decisiva na sua atividade. Iniciou então essa vida apostólica a que dedicou um trabalho sem igual e um grau extraordinário de ardor e de paixão. As viagens eram então muito difíceis; as estradas para carros e os próprios veículos não existiam ainda. É por esse motivo que a propagação do cristianismo se fez ao longo das costas e dos grandes rios. Pouzzoles e Leão já contavam com cristãos e ainda uma imensidão de cidades vizinhas do berço do cristianismo não tinham escutado falar de Jesus.

Considera-se que Paulo viajava quase sempre a pé,[11] vivendo de pão, legumes e leite. Quantas privações passou e a quantas provas se submeteu nesta vida de pioneiro sem destino! Foi capturado[12] sete vezes. Quando podia escolher, preferia a navegação. Estes mares são admiráveis, nas horas de calmaria, mas também podem sofrer mudanças bruscas; a única saída possível então é encalhar sobre a areia ou agarrar-se a um dos destroços da embarcação. O perigo ronda por toda a parte: "As fadigas, as prisões, os ferimentos, a morte", diz o próprio herói, "eu os experimentei em abundância. Cinco vezes os judeus me aplicaram os seus trinta e nove açoites de cordas;[13] três vezes fui agredido com bastão;[14] uma apedrejado;[15]

[10] Mischna, *Schebiit*. VI, 1; Challah, IV, 8; Tosiphta *Challah*, ch. 2; Talm. de Jer., *Schebiit*, VI, 2; Talm. de Bab., *Gittin*, 8 a; Targum de Jerusalém, *Nombres*, XXXIV, 8; São Jerônimo, *Epist. ad Dardanum* (Martiany, II, 609) cf. Neubauer, a *Geogr. do Talmude*, p. 5 e seg.

[11] *Atos*, IX, 4, 8; XX, 13.

[12] Clemens Rom., *ad Cor.*, I, c. 5.

[13] Cf. Deuter., XXV, 3; cf. Mischna, *Maccoth*, III, 10. Os *Atos* não mencionam nenhuma destas flagelações. Comp. *Gál.*, VI, 17.

[14] Os *Atos* (XVI, 22) mencionam apenas um desses castigos com vara.

[15] *Atos*, XIV, 19; Clem. Rom., *ad Cor.*, I, 5.

naufraguei três vezes;[16] passei um dia e uma noite no abismo.[17] Nas inúmeras viagens, perigos à passagem dos rios, de ladrões provenientes da raça de Israel, no deserto, no mar e dos falsos irmãos, tudo isso conheci. Fadigas, trabalhos, vigílias repetidas, fome, sede, jejuns prolongados, frio, nudez, nisto se resume a minha vida".[18] Era no ano 56 que o apóstolo escrevia isto, em um tempo em que as suas provações estavam ainda muito longe do final. Ainda mais dez anos ele devia levar esta existência, coroada apenas com a morte.

Paulo teve companheiros em quase todas as suas viagens mas recusou sempre, sistematicamente, um conforto em que os outros apóstolos, especialmente Pedro, tiveram tanta consolação e auxílio. Quero referir-me a uma companheira do seu ministério apostólico e dos seus trabalhos.[19] A sua aversão pelo casamento ampliava-se mais ainda em razão de delicadeza. De maneira alguma levar às igrejas o peso da alimentação de duas pessoas. Barnabé pensava igual. Paulo insiste muito neste pensamento: nada custar às igrejas. Acha perfeitamente correto que o apóstolo viva da comunidade, que o evangelizador tenha tudo em comum com o que evangeliza,[20] mas coloca nisso muitos escrúpulos, não querendo utilizar-se mesmo do que seria legítimo.[21] Com uma única exceção, a sua prática constante foi sempre a de não dever a sua subsistência senão ao seu trabalho. Par`h`aulo era uma questão de moral e de bom exemplo, porque um dos seus provérbios era: "Aquele que não trabalha não deve comer".[22] Procurava, além

---

[16] Estes três naufrágios não são mencionados pelo autor dos *Atos*; pois o que ele conta (XXVII) é posterior à data em que Paulo escrevia a passagem que citamos.

[17] Com certeza sobre um destroço de navio, nadando para escapar à morte.

[18] II *Cor*., XI, 23-27. Comp. I *Tess*., II, 9; *Gál*., V, 11; I *Cor*., IV, 11-13; XV, 30-31; II *Cor*., IV, 8 e seg.; 17, VI, 4 e seg.; *Rom*., VIII, 35-36.

[19] I *Cor*., XI, 5 e seg.

[20] *Gál*., VI, 6; I *Cor*., IX, 7 e seg.

[21] I *Cor*., IX, 4 e seg.; II *Cor*., XI, 9 e seg.; XII, 13, 14, 16; I *Tess*., II, 5, 7, 9; III *Tess*., III, 8 e seg.; *Fil*. IV, 15; *Atos*, XX, 33-34.

[22] II *Tess*., III, 10-12.

disso, ser o mais econômico possível, temendo que lhe censurassem o que ele custava, exagerando os escrúpulos para evitar insinuações: uma pessoa torna-se mais prudente em questões financeiras vivendo no meio de pessoas que com ele se preocupam muito. Em qualquer lugar onde Paulo se demorasse, estabelecia-se, retomando o seu ofício de tapeceiro.[23] A sua vida pública assemelhava-se à de um operário que dá a volta à Europa semeando as idéias de que está preenchido.

Esse estilo de vida, impossível nas sociedades modernas para toda e qualquer pessoa que não seja um operário, é fácil nas sociedades que, como os grupos religiosos ou as aristocracias comerciais, compõem uma espécie de franco-maçonaria. A rotina dos viajantes árabes, de Ibn-Batutah, por exemplo, assemelha-se muito à que devia ter levado Paulo. Caminhavam esses viajantes de um limite ao outro do mundo muçulmano, fixando-se nas grandes cidades, exercendo nessas a profissão de juiz, de médico, casando-se, sendo em toda a parte bem-recebidos e tendo a possibilidade de encontrar trabalho. Benjamim de Tudéle e os outros viajantes judeus da Idade Média tiveram uma existência semelhante, indo de judiaria em judiaria, logo ficando íntimos do seu hospedeiro. Essas judiarias eram bairros específicos, muitas vezes fechados com uma só porta, tendo um chefe de religião, com uma jurisdição vasta; ao centro existia uma praça comunitária e um lugar de reunião onde se faziam as orações. Atualmente as relações dos judeus entre si apresentam ainda alguma coisa parecida. Em todo lugar, onde a vida judaica manteve-se com uma forte organização, as viagens dos israelitas são realizadas de gueto em gueto, com cartas de recomendação. O que acontece em Trieste, Constantinopla e Esmirna, é, a este respeito, o retrato exato do que se passava, no tempo de Paulo, em Éfeso, Tessalônica e Roma. Qualquer um que chegasse e se apresentasse, no sábado, à sinagoga, era logo notado, cercado e interrogado: perguntava-se-lhe de onde era, quem era seu pai, que notícias trazia. Em quase toda a Ásia e em uma parte da África, os judeus têm facilidades de viagem muito particulares, devido à espécie de sociedade secreta que formam e à neutralidade que observam nas

---

[23] *Atos*, XVIII, 3: XX, 3; XX, 34. *Tess*., II, 9; II *Tess*., III, 8; I *Cor*., IV, 12.

lutas intestinas dos diferentes países. Benjamim de Tudéle vai até ao fim do mundo, sempre encontrando judeus; Ibn-Batutah, muçulmanos.

Veículos excelentes para a propagação das doutrinas são estas pequenas sociedades. Nelas se é muito conhecido, cercado de cuidados ininterruptos; em lugar algum se está mais distante da banal liberdade das nossas sociedades modernas em que os homens tão pouco interagem. As divisões dos partidos fazem-se segundo a religião, todas as vezes que a política não seja a primeira prioridade de uma cidade. Entrando uma questão religiosa, nestes grupos de israelitas fiéis, tudo inflamava, determinando as divisões e as rixas. A maioria das vezes, a questão religiosa, não era mais que um fogacho avidamente aceso por ódios anteriores, que o utilizavam como pretexto para se dividirem.

Não poderia compreender-se a disseminação do cristianismo sem as sinagogas, de que já estavam cobertas as regiões marginais do Mediterrâneo quando Paulo e os outros apóstolos se puseram a caminho para as suas missões. Quase sempre estas sinagogas nada tinham que as destacasse; eram casas como as outras, formando com o bairro de que constituíam o centro e a ligação um pequeno *vicus* ou *angiport*. Estes bairros ressaltavam-se por um sinal: a ausência de enfeites de escultura viva, sendo as decorações realizadas por processos falhos, enfáticos e falsos. Mas o que denunciava mais rápido o bairro judeu a quem desembarcasse em Selêucia ou Cesaréia eram as características da raça, as jovens vestidas de cores vistosas, as mulheres de talhe suave, faces rosadas, com uma ligeira expressão de bondade e doces olhos maternais.

Logo ao chegar e depressa acolhido, o apóstolo aguardava o sábado. Dirigia-se para a sinagoga. Era hábito, quando se apresentasse um estrangeiro com jeito de estudado ou cuidadoso, convidá-lo a dizer ao povo algumas palavras de edificação.[24] O apóstolo utilizava-se deste costume e expunha a doutrina cristã. Exatamente da mesma maneira Jesus havia procedido.[25] Inicialmente o sentimento geral era de surpresa. A repressão só se fazia mais

[24] *Atos*, XIII, 14-16, XVI, 13, XVII, 2.

[25] *Luc.*, IV, 16.

tarde, quando começassem as conversões. Então muitas vezes os chefes da sinagoga empregavam as violências: ordenavam que se aplicasse ao apóstolo o mesmo castigo infame e cruel que se infligia aos heréticos; outras vezes apelava-se para as autoridades, para que o rebelde fosse expulso ou bastonado. Somente depois de ter pregado aos judeus é que o apóstolo pregava aos pagãos. Em geral, os convertidos do paganismo eram menos numerosos, e assim mesmo quase todos se recrutavam nas camadas da população que já estavam em contato com o judaísmo e propensas a segui-lo.

Como era natural este proselitismo, apenas atingia as cidades. Os primeiros apóstolos cristãos não pregavam nos campos. O camponês (*paganus*) foi o último a tornar-se cristão. O motivo disso, em parte, eram os dialetos locais, que o grego não tinha conseguido destruir nos campos. Na verdade, o camponês, espalhado fora das cidades, era raro nos países e na época em que o cristianismo começou a propagar-se. Essencialmente urbana era a organização do culto apostólico em assembléias (*ecclesia).* O islamismo era do mesmo modo, por excelência uma religião das cidades. Só se completa com as suas grandes mesquitas, suas escolas, seus ulemás, seus muezins. A alegria, a juventude que respiram essas odisséias evangélicas foram algo de novo, original e encantador. Os *Atos dos Apóstolos*, em que se exprime este despertar inicial da consciência cristã é um livro de felicidade,[26] de sereno entusiasmo. Depois dos poemas homéricos, não havia aparecido nenhuma outra obra tão repleta de sensações agradáveis. Se nos é permitido dizer, uma brisa matinal, um cheiro de mar, inspirando alguma coisa de vivo e forte, penetra todo o livro, fazendo dele um maravilhoso companheiro de viagem, o breviário delicado de quem anda em busca das antigas relíquias nos mares do meio-dia. Foi a nova poesia do cristianismo. O lago de Tiberíades e as suas barcas de pescadores constituíram a primeira. Agora, um sopro mais poderoso, aspirações para terras mais distantes, nos arrastam para o alto mar.

O ponto inicial onde se abordaram os três missionários foi a ilha de Chipre, antiga terra mista onde as raças gregas e fenícia, a princípio, uma ao lado da outra, tinham quase acabado por fundir-se. Era a pátria de Barnabé, e com certeza este aspecto

[26] *Atos*, XIII, 52; XV, 3, 31.

foi, em grande parte, o motivo que orientou a missão nos seus primeiros passos. Chipre tinha recebido a semente da fé cristã,[27] e a nova religião já contava com muitos adeptos.[28] O número das judiarias era considerável.[29] Cabe destacar desde já que todo o círculo de Selêucia, Tarso, Chipre, é pouco extenso, e que o reduzido grupo de judeus espalhados nestes pontos representa, mais ou menos, o que seriam as famílias parentes estabelecidas em Saint-Brieuc, Saint-Malo e Jérsia. Era a primeira vez que Paulo e Barnabé saíam do país que lhes era conhecido.

O grupo apostólico atingiu o antigo porto de Salamis.[30] Atravessou toda a ilha de leste a oeste, dirigindo-se para o sul e seguindo provavelmente a costa que era a parte mais fenícia da ilha onde que se encontravam as cidades de Cítia, Amatunte e Pafo, antigos centros semíticos cuja originalidade ainda resplandecia. Paulo e Barnabé pregaram nas sinagogas dos judeus. Conhecemos apenas um incidente desta viagem. Foi em Nova Pafo,[31] cidade moderna, estabelecida muito próxima da antiga, célebre pelo culto de Vênus (Palaepaphos).[32] Nessa época, Nova Pafo era, ao que parece, residência do procônsul[33] romano que governava a ilha de Chipre. O procônsul era Sérgio Paulo,[34] homem de nascimento ilustre que,

[27] *Atos*, XI, 19.

[28] *Atos*, XI, 20; XXI, 16.

[29] Jos., *Ant.*, XIII, X, 4; XVII, XII, 1-2; Filom., *Leg. ad Caium*, § 36.

[30] Porto-Costanzo, a duas léguas ao norte de Famagusta. A cidade está quase desaparecida.

[31] Hoje Bafo.

[32] Estrabão, XIV, VI, 3; mapa de Peutinger, segm. IX, F.; Plínio, V, 35; Ptolomeu, V, XIV, 1; Pompônio Mela, II, VII, 5.

[33] A província era senatorial. Estrabão, XIV, VI, 6; XVII, III, 25; Díon Cássio, LIV, 4; medalhas proconsulares de Chipre; *Corp. inscr. gr.*, nº 2 632.

[34] Apenas aqui Sérgio Paulo é citado. É necessário ter clao que os procônsules das províncias senatoriais eram alvo raras exceções, anuais, e que Chipre era a menor das províncias romanas. Os textos, as medalhas proconsulares e as inscrições de Chipre não permitem formar uma relação, ainda que aproximada, dos procônsules da ilha. Pode-se, semin verossimilhança, identificar o personagem dos *Atos* com o naturalista do mesmo nome citado por Plínio (*index* dos autores no frontispício do

como ocorria muitas vezes aos romanos, parece ter-se deixado levar pelas crenças supersticiosas do país onde o acaso o havia levado.[35] Um judeu, chamado Barjésu, vivia em sua casa, se fazia passar por mágico e dava a si mesmo um título que se exprime por *alim* ou "sábio".[36] Aí ocorreram cenas semelhantes às que tinham acontecido em Sebasta entre os apóstolos e Simão, o Mágico.[37] Barjésu fez uma grande oposição a Paulo e Barnabé. A tradição explicava, tempos depois, que o término desta luta fora a conversão do procônsul. Dizia-se que, em uma discussão pública, Paulo, para diminuir o seu adversário, lançou-lhe uma cegueira temporária, e que o procônsul, surpreendido com o prodígio, se converteu. A conversão de um romano desse gabarito, e em uma tal época, é coisa absolutamente inadmissível.[38] Com certeza, Paulo considerou

II e do livro XVIII). Lúcio Sérgio Paulo, cônsul no ano 168, e sua filha Sérgia Paulina, que deram o seu nome a um célebre colégio doméstico (Oreli, 2414, 4938; Gruter, 117, 7; Trabetti, *Inscr. dom.*, p. 146, nº 178; Amaduzzi, *Anecd. litt.*, I, p. 476, nº 39, 40; Otto Iahn, *Specimen epigraph.*, p. 79 e seg.), eram muito provavelmente descendentes deste Sérgio Paulo. Borghesi, *Teastes consul* (ainda inéditos), no ano 168.

[35] Comp. Jos., *Ant.*, XX, VII, 2.

[36] Palavra árabe cujo plural é *ulemá*. A palavra não existe nem em hebreu nem em armênio, o que torna muito duvidosa a etimologia de Elymas.

[37] O paralelismo destas duas passagens levanta algumas dúvidas para se acreditar em todo o episódio. Parece que em muitos trechos se tratou de moldar a lenda de Paulo pela de Pedro.

[38] Um procônsul era uma personagem muito respeitável, e é provável que se tal fato tivesse ocorrido, nós o conheceríamos pelos historiadores romanos, como aconteceu a respeito de Pompônio Grecino, Flávio Clemente e Flávia Domitília. O autor dos *Atos* apresenta-se neste ponto preocupado pela sua idéia de converter o maior número possível de pagãos, pelo prazer de mostrar magistrados romanos favoráveis ao novo culto e pelo desejo de impor imediatamente Paulo como um apóstolo de pagãos. Além disso, o narrador dos *Atos* denuncia esse ingênuo sentimento que torna o homem do povo orgulhoso por ter se relacionado com os homens célebres ou importantes. Parece que pretendeu assim responder aos seus adversários, que sustentavam que os cristãos eram pessoas miseráveis, sem família e sem nome.

uma conversão à sua fé os sinais de interesse que Sérgio lhe demonstrou; talvez mesmo se iludisse com a ironia do procônsul, tomando-a por bondade. Os orientais não compreendem a ironia. Além disso a sua máxima é a de que quem não é contra eles é por eles. A curiosidade testemunhada por Sérgio Paulo devia ter parecido aos olhos dos missionários uma disposição favorável.[39] Como muitos romanos, Paulo podia ser muito crédulo; talvez os ilusionismos a que Paulo e Barnabé recorreram mais de uma vez[40] (disto não podemos infelizmente duvidar), fossem para ele mais impressionantes e mais fortes que os de Barjésu. Mas deste sentimento de admiração até uma conversão existe grande distância. A lenda parece ter dado a Sérgio Paulo o raciocínio de um judeu ou de um sírio que encaram o milagre como prova da doutrina pregada pelo taumaturgo. Se for instruído, o romano encara o milagre como um ilusionismo com que pode divertir-se; se é crédulo e ignorante, o milagre para ele não é nada mais do que uma dessas coisas que acontecem de tempos a tempos. Porém, o milagre para ele não prova nenhuma doutrina. Profundamente despidos do sentimento teológico, os romanos não imaginavam que poderia ser um dogma o objetivo que um deus se propõe ao realizar um milagre.[41] O milagre era para eles uma coisa estranha, ainda que natural (a idéia das leis da natureza era-lhes desconhecida, a menos que não tivessem estudado a filosofia grega), ou um ato em que a presença imediata da Divindade se manifestava.[42] Se realmente Sérgio Paulo acreditou nos milagres de Paulo, o raciocínio que devia ter feito foi o seguinte: "Este homem é muito poderoso; é talvez um deus", e não: "A doutrina que prega este homem é a verdade".[43] De qualquer forma, se a conversão de Sérgio Paulo se baseou em razões tão frágeis, consideramos fazer justiça ao cristianismo não chamando a isso

[39] Compare-se *Atos*, XXV, 22 e seg.

[40] Comp. *Rom.*, XV, 19; II *Cor.*, XII, 12.

[41] Veja-se Valério Máximo, livro I.

[42] Veja-se mais adiante a aventura de Listres e *Atos,* XXVIII, 6.

[43] Os muçulmanos admitem dessa forma os milagres dos cristãos, e procuram aproveitar-se deles em seu benefício, sem tornarem-se cristãos.

uma conversão, situando Sérgio Paulo como não fazendo parte dos cristãos.

É provável que ele tivesse, com a missão, relações de amabilidade, visto que ela conservou a lembrança de um homem atencioso e bom.[44] A suposição de São Jerônimo,[45] segundo a qual Saulo teria tomado o seu nome de Paulo deste Sérgio Paulo, não passa de uma conjectura; todavia, não se pode dizer que seja inverossímil pois, a partir deste momento, o autor dos *Atos* substitui quase sempre o nome de Saulo pelo de Paulo.[46] Talvez o apóstolo o escolhesse por patrono e lhe utilizasse o nome em sinal de clientela. Também é provável que Paulo, à semelhança de muitos judeus, tivesse dois nomes,[47] um hebreu e outro arranjado por helenização ou latinização grosseira do primeiro (da mesma forma que os Joseph se fazem chamar Hégésippe etc.) e que seja apenas a partir do momento em que o apóstolo travou relações mais contínuas e mais diretas com o mundo pagão, que começou a usar o nome de Paulo.[48]

Não sabemos quanto tempo a missão permaneceu em Chipre. Evidentemente esta missão não teve grande importância, pois Paulo a ela não se refere nas suas epístolas nem cogitou rever as igrejas que fundou na ilha pois talvez as considerasse como pertencendo mais a Barnabé do que a ele. Em todo o caso, esta primeira tentativa de viagem apostólica foi decisiva na vida de Paulo. Nessa época, assume um ar de mestre.[49] Até então era apenas um subordinado a Barnabé que era mais antigo na igreja; tinha sido quem o introduzira e por ele se responsabilizara, inspirando por isso, maior confiança. Mudaram-se os papéis durante a missão. O talento de Paulo para o sermão fez com que o encargo da palavra

[44] *Atos*, XIII, 7.

[45] *De viris ill.*, 5.

[46] E sobre isso ele adverte o leitor, XIII, 9.

[47] Inscr. em Garruci, *Dissert. arch*, II, p. 166 (*Cocotio qui et Juda*) cf. Orelli, *Inscr. lat.*, nº 2522.

[48] O nome de Paulo é usado por um grande número de cilicianos. V. Pape, *Woert der. griech.* Eigennamen, 2ª edição, s p. 1150.

[49] Esta transição vem indicada com muito cuidado, *Atos,* XIII, 1-13, *Gál.*, II, 1, 9, e prova que isso ocorrera assim com o próprio Paulo.

fosse dado inteiramente a ele.[50] Daí para frente Barnabé é apenas um companheiro de Paulo, um dos da sua comitiva.[51] Este homem verdadeiramente santo, com uma resignação admirável, prestava-se a tudo, deixando seu audacioso amigo fazer tudo quanto quisesse, pois reconhecia nele superioridade. O mesmo não ocorria com João Marcos. Desentendimentos bem depressa deviam levá-los a um rompimento, e logo rebentaram entre ele e Paulo.[52] Ignora-se a causa disto. Talvez os princípios de Paulo sobre as relações entre os judeus e os pagãos batessem de frente aos prejuízos hierosolimíticos de Marcos e lhe parecessem contraditórios com as idéias de Pedro, seu mestre; ou talvez a personalidade de Paulo, dia a dia, mais poderosa e altiva fosse insuportável aos outros.

Contudo é improvável que inicialmente Paulo usasse ou se deixasse dar o título de apóstolo.[53] Até então, este título não tinha sido usado pelos Doze de Jerusalém; não o consideravam como transmissível; acreditava-se que só Jesus o podia conferir. Paulo talvez por vezes dissesse a si mesmo que o tinha recebido diretamente de Jesus, na sua visão do caminho de Damasco,[54] mas ainda não assumisse claramente uma tão elevada pretensão. Foram necessárias as ardentes provocações dos seus inimigos para o arrastar a um ato que desde o princípio significava uma temeridade.

[50] *Atos*, XIV, 12.

[51] *Atos*, XIII, 13.

[52] *Atos*, XIII, 13; XV, 38-39.

[53] A primeira vez, por nós conhecida, que Paulo assume este título, é no princípio da Epístola aos Gálatas. O autor dos *Atos* evita dar-lho diretamente.

[54] *Atos*, IX, 15; XXII, 21; XXVI, 17-18.

CAPÍTULO II

Missão da Galácia (continuação da primeira viagem)

Satisfeita com os resultados alcançados em Chipre, a missão resolveu atacar a vizinha costa da Ásia Menor. Entre as províncias desta região só a Cilícia conhecia a nova pregação e possuía igrejas.[1] A região geográfica a que chamamos Ásia Menor era destituída de unidade sendo constituída por países profundamente diversos sob o ponto de vista racial e do estado social. Desde remota antiguidade, a parte ocidental e toda a costa tinham entrado no grande turbilhão da civilização comum, em que o Mediterrâneo era o mar interior. Após a decadência da Grécia e do Egito ptolomaico, essas populações tornaram-se os países mais cultos que havia, ou, pelo menos, que produziam uma grande quantidade de homens destacados na literatura.[2] A província da Ásia, principalmente o antigo reino de Pérgamo, estava, como se diz hoje, à frente do progresso; porém, o centro da península desenvolvera-se de forma medíocre e, como nos tempos antigos, a vida local

[1] Comp. *Atos*, XV, 23.

[2] Basta lembrar Apolônio de Perga, Arato, Dinis de Halicarnasso, Estrabão, Epicteto, Díon Crisóstomo, Pausânias. Dióscori, Alexandre de Afrodisíade, Alexandre de Trales, Sorano, Rufo de Éfeso, Areteu, Galiano, Flégone de Trales. Sobre Pérgamo, Sardes, Tarso, Nisa, veja-se Estrabão (XIII, IV, 3, 9; XIV, I, 48; V, 13-15).

continuava [3]. Muitos dos idiomas indígenas ainda existiam.[4] Era péssimo o estado das estradas.[5] Pode-se afirmar que todos estes países tinham, um caráter comum, de uma credulidade ilimitada, com uma extrema inclinação para a superstição. Sob a transformação helênica e romana, os antigos cultos conservavam muitos dos traços da sua primitiva fisionomia.[6] Muitos desses cultos ainda estavam na moda e tinham uma certa superioridade sobre os cultos greco-romanos. Assim, nenhum outro país produziu tantos teúrgicos e tantos teósofos. Apolônio de Tiana, na época em que nos situamos, preparava nesse sentido a sua carreira. Alexandre de Abonótica e Peregrino Proteu iriam em breve encantar as províncias, um pelos seus milagres, as suas profecias, as suas grandes demonstrações de

[3] Ainda hoje a forma das casas em Cária, na Lícia, é mais antiga do que em qualquer outro lugar do mundo.

[4] Sobre a Licaônia, veja-se *Atos*, XIV, 11 (cf. Étienne de Biz., sobre a Lícia), Díon Cássio, XL, 17 (Sturz, III, p. 759); sobre a Capadócia e a Paflagônia, Estrabão, XII, III, 25; sobre os písidas e os sólimos, Estrabão, XIII, IV, 17. O lidiano tinha já desaparecido da Lídia: Estrabão, XIII, IV, 17. Em Mísia e em Bitínia, se falava apenas o grego: Estrabão, XII, IV, 6. Sobre a Galácia, veja-se Estrabão, XII, V, 1. A passagem de São Jerônimo, *Comm. in Epist. ad Gál.*, 1. II, pról., tem pouco valor. Os nomes gauleses desaparecem na Galácia pelo tempo de Tibério: Perrot, *De Galatia prov. rom.*, p. 88 e seg. Na Frígia, apenas os camponeses e os escravos falam o frígio. Vejam-se as numerosas glosas da Ásia Menor, recolhidas nos Arica de P. Boetticher, e nos *Gesammells Abhandlungen* do mesmo autor.

[5] Os grandes progressos que se fizeram foram realizados por Vespasiano. Hensen. *Inscr. lat.*, nº 6913; Perrot, *De Gál. prov. rom.*, p. 102.

[6] Sobre Cônia, veja-se *Corpus inscr. gr.*, nº 3993 e as notas de Cavedoni. Sobre a Lídia e a Frígia, veja-se Le Bas. Inscr., III, nº 600 a, 604, 655, 667, 668, 669, 675, 678, 630, 685, 688, 699 a, 700, e as notas de Waddington; Wagener, *Inscr. da Ás. Men.*, p. 3 e seg. A respeito da Laódice sobre o Lico, Waddington, *Viag. na Ás. Men.* sob o ponto de vista numismático, p. 26 e seg. Sobre Afrodísio e Sebastópolis, *ibid.*, p. 43 e seg., 54-55. Sobre Mílasos, Le Bas, III, nº 340 e seg. Sobre o culto dos Sólimos, *Corpus inscr. gr.*, nº 4366 k e 9; Waddington, nº 1202 de Le Bas (III). Sobre a Lícia, *Corpus*, nº 4033i e *K*: Le Bas, III, 1229. Sobre Pisídia, Waddington, nºs 1209, 1210 de Le Bas III; *Voy. numismatique*, pp. 99. 105-107, 140-141. Os dois Comanos e Pessiononte conservam a sua organização sacerdotal.

piedade; o outro pelas suas ações.[7] Artemidoro de Éfeso,[8] Élio Aristides[9] nos oferecem o estranho fenômeno de homens associando sentimentos sinceros e verdadeiramente religiosos a superstições ridículas e idéias charlatanescas. Em nenhuma outra parte do Império foi mais caracterizada a reação piedosa que se originou no fim do século I em favor dos cultos antigos e contra a filosofia positiva.[10] Depois da Palestina, a Ásia Menor era o país mais religioso do mundo. Regiões inteiras como a Frígia, cidades como Tiana, Vénases, Comana, Cesaréia de Capadócia, Nazianzo, estavam quase totalmente envolvidas com o misticismo.[11] Em muitos lugares, os padres eram ainda quase soberanos.[12] Não havia vestígios de vida política. Todas as cidades, com rivalidade, se entregavam a uma desenfreada adulação pelos césares e funcionários romanos.[13] O

[7] Luciano, Alexander seu *pseudomantis* (obra que não é romance puro; cf. um Atenágoras, *Leg*. 26, e as moedas de Abonótica); *De morte Peregrini* (a mesma observação; cf. Atenágoras, *l. c.*; Taciano, *adv. Graec.*, 25; Aulo Gélio, *Noct. att.*, XII, 11; Filostrato, *Vidas dos Sof.*, II, I, 33; Eus., *Chron. ad olymp*. 236).

[8] Vejam-se as suas *Onirocríticas*.

[9] Veja-se a sua vida, na edição das suas obras (Dindorf), III p. CXVI, etc., *Mém. de l'Acad. des inscr.* (nova série), XXVI, primeira parte, p. III, 203 e seg. O próprio Galiano, espírito tão prático, acredita nos sonhos de Esculápio (veja-se o tratado *Diagnostic des maladies par le moyen des songes* e muitos lugares dos seus escritos, Opp., t. II, p. 29; X, 971; XI, 314; XV, 441 e seg.; XVII, 214 e seg.); Estrabão, tão judicioso, acredita nos prodígios dos templos (XIII, IV, 14, por exemplo).

[10] Luciano, *Alexander seu pseudom.*, § 25, 44, 47.

[11] Por exemplo os catafrígios, o montanismo, Priscilo de Pepuza.

[12] Por exemplo, em Comanes, em Pessiononte e em Olba. Estrabão, XII, II, 5-6; Waddington, *Mel. de num.*, 2ª série, p. 121 e seg.

[13] Tac., *Ann.*, IV, 55-56; Díon Cássio, XLI, 20; inscrição à divindade de Nero mesmo em sua vida, *Corp. inscr. gr.*, nº 2942 *d* (supl.). Comp. Le Bas, III, 1480; Waddington, Mel. de num., 2ª série, p. 133 e seg.; o mesmo, *Voy. en Asie Min. au point de vue numism.*, pp. 6, 9-10, 33, 34, 35, 36, 75, 149-150. São inúmeras as inscrições em honra dos funcionários romanos. Veja-se especialmente *Corp. inscr. gr.*, nºs 2524, 3532, 3548.

título "amigo de César" era muito procurado.[14] As cidades disputavam, com um desvanecimento infantil, os títulos pomposos de "metrópole", de "muito ilustre"; conferidos em escritos imperiais.[15] O país submetera-se aos romanos sem ter sido empregado a conquista violenta,[16] ou uma resistência nacional. A História não registra um único levantamento político sério. Diante da ação dos romanos e seus aliados[17], o banditismo e a desordem, que durante tanto tempo tinham tido em seu poder o Tauro, a Isáuria e Pisídia, inexpugnáveis fortalezas, haviam desaparecido. A civilização espalhava-se com uma rapidez surpreendente.[18] Encontram-se por toda a parte,[19] apesar de certos movimentos perturbadores e tumultuosos,[20] os sinais da ação benéfica de Cláudio e da gratidão das populações. O mesmo não ocorreu na Palestina, onde instituições e costumes antigos ofereceram uma resistência feroz. Com exceção de Isáuria, Pisídias, das Cilícias, que tinham alguns resquícios de independência e, até certo ponto, a Galácia, todo o país estava possuído do sentimento nacional. Jamais tivera uma dinastia própria. Há muito tempo, como unidades políticas, as antigas individualidades provinciais da Frígia, da Lídia, da Cária, também tinham morrido. Os reinos artificiais de Pérgamo, de Bitínia, do Ponto, também tinham morrido. Toda a península aceitara, pacificamente, a dominação romana.[21]

---

[14] *Corp. inscr. gr.*, n. 2748, 2975 etc.

[15] Élio Aristides, orat. XLII, edição Dindorf; Wagener, *Inscr. d'As. Min.* p. 36 e seg.; Waddington, nas *Mim. de l'Acad. des inscr.*, t. XXVI, 1ª parte, p. 252 e seg.

[16] Testamento de Átalo, inscrição de Ancira etc.

[17] Principalmente de P. Servíbio e Isáurico de Pompeu, de Amintas, de Quirino. Estrabão, XII, VI, 5; XIV, III, 3; V, 2, 7; inscrição de Quirino, em Mommsen, *Res gestae divi Aug.*, p. 118 e seg. Cícero, *Cartas de Cilício*; Tácito, *Ann.*, III, 48; VI, 41; XII, 55.

[18] Em Paflagônia, por exemplo, Germanicápolis, Neoclaudiópolis, Pompeiópolis, Adrianópolis, Antimoópolis.

[19] Veja-se mais adiante, cf. Le Bas, *Inscr.*, III, nºs 848, 857, 859, 1385 *bis* e as notas de Waddington.

[20] Díon Cássio, LV, 17.

[21] Jos., *Ant.*, XIV, X, 22-23; Estrabão, XVII, III, 24; Tácito, *Ann.*, IV, 55.

Pode-se mesmo acrescentar com reconhecimento, que nunca, efetivamente, dominação alguma tinha se legitimado por tantos benefícios. Na verdade, "a providência augusta" era o gênio tutelar do país.[22] O culto do imperador, de Augusto em especial, e de Lívia, era a religião dominante da Ásia Menor.[23] Os templos dedicados a estes deuses terrestres[24], multiplicavam-se por toda a parte sempre associados à divindade de Roma.[25] Mais tarde, um clero semelhante ao que foi, a partir de Constantino, o clero cristão,[26] começou a se formar pelos padres de Augusto, agrupados por províncias, subordinados a arciprestes (espécie de metropolitanos ou de primazes). O testamento político de Augusto transformara-se em uma espécie de texto sagrado, um ensinamento público que os grandes monumentos tinham por missão expor aos olhares de todos e enternizá-los.[27] As cidades e as tribos competiam títulos, manifestando a lembrança do grande imperador.[28] A antiga Ninoé[29] de Caria invocava o seu antigo culto assírio de Milita para estabelecer

---

[22] Le Bas, *Inscr.*, III, 858. Comparem-se as moedas e Le Bas, III, 1245. Esta fórmula, aliás, não é exclusiva da Ásia Menor. Cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 313.

[23] Eckhel, D. n. *v.*, VI, p. 101; Tácito, *Ann.*, IV, 37, 55-56; I, 15; Díon Cássio, LI, 20; *Corpus inscr. gr.*, nº 3524, 2990, 4016, 4017, 4031, 4238, 4240 d, 4247, 4266, 4363, 4379 *e, e, f, p, i, k*; Le Bas, *Inscr.*, III, nºs 621, 627, 857-859, 1611; Waddington, *Explic. des Inscr.* de Le Bas, pp. 207-208, 238-239, 376; Perrot, *De Gál. prov. rom.*, p. 129. Em Roma não há nenhum templo deste tipo. Havia alguma diferença entre a Itália e as províncias com relação ao culto do imperador.

[24] Comp. Tác., *Ann.*, IV, 55-56.

[25] *Corp. inscr. gr.*, nºs 2943, 4366 *b*.

[26] *Corp. inscr. gr.*, nº 3461; Díon Cris., orat. XXXV, p. 497 (Emperius); Mionnet, Frígia, supl., VII., p. 564: Le Bas, *Inscr.*, III, nºs 626, 653, 885, e as explic. de Waddington; Perrot, *op. cit.*, p. 129, 150 e seg., *Expl. de la Gál.*, p. 199 e seg.

[27] Augusteum de Ancira e de Apolônia de Pisídias. Houve semelhanças em Pérgamo, Nicomedia e outras cidades. Não se conhecem fora da Ásia Menor.

[28] *Corp. inscr. gr.*, nº 4085. Cf. Perrot, *De Gál. prov. rom.*, p. 75.

[29] Nínive.

a sua relação com César, filho de Vênus.[30] Em tudo isso havia servidão e baixeza;[31] sobretudo o sentimento de uma era nova, de uma felicidade até então nunca atingida e que devia ter durado séculos sem uma nuvem. Dionísio de Halicarnasso, um homem que quase assistiu à conquista do seu país, escreveu a *História Romana* para demonstrar aos seus compatriotas a supremacia do povo romano, para lhes provar que os romanos eram da mesma raça que eles e que a glória de um era em parte a do outro.

Depois do Egito e da Cirenaica, a Ásia Menor era o país em que havia mais judeus e que formavam aí poderosas comunidades, cônscias dos seus direitos, facilmente acreditando na perseguição, tendo o costume de sempre se lamentar, de se queixar da autoridade romana e de recorrer a proteções de fora da cidade. Conseguiram grandes garantias e eram, na realidade, privilegiados em relação às outras classes da população. Não apenas o seu culto era livre, mas mesmo muitos dos encargos comuns, que consideravam contrários à sua consciência, não caíam sobre eles. Os romanos foram-lhes muito agradáveis nestas províncias e quase sempre lhes davam razão nas divergências que tiveram com a população do país.[32]

Partindo de Nova Pafos, os três missionários navegaram para a foz do Cestro, na Panfília e, subindo o rio num percurso de duas ou três léguas,[33] atingiram Perga, grande e florescente cidade,[34] centro de um antigo culto de Diana, quase tão famoso como o de Éfeso.[35]

---

[30] Tácito, *Ann.*, III, 62; *Corp. inscr. gr.* nº 2748.

[31] Perrot, *Exploration de la Gál.*, pp. 31-32, 124. Le Bas, nºs 1021, 1033, 1034 *a*, 1039, 1042, 1044, 1137, 1305, 1219, 1227, 1245, 1253, 1254.

[32] Peças alegadas por Josefo, *Ant.*, XIV, X, 11 e seg.; XVI, VI, 2 (muito suspeito), 4, 6, 7 e que têm força provativa independentemente da sua autenticidade; Cíc., *Pro Flacco*, 28; Fílon, *Leg. ad Caium*, § 36, 40; Atos, II, 9-10; I Petri, I., I.

[33] Estrabão, XIV, IV, 2; Pomp. *Mela*, I, 14; Texier, *Asie Min.*, p. 709; de Tchihatchef, *Asie Min.*, 1ª parte, p. 106-107.

[34] Restam ainda belas ruínas. Veja-se Ritter, *Erdkund*, XIX, p. 585 e seg.; Texier, *op. cit.*, p. 710 e seg., *Descr.*, III, p. 211 e seg. e *Arch. byz.*, p. 31 e seg.

[35] Cilax, *Peripl.*, 100; Estrabão, *l. c.*, Calímaco, *Hino ártemis*, V, 187; Cícero, *In Verr.*, II, I, 20; Waddington, *Voy. en Asie Mineure au point de*

Este culto tinha grandes semelhanças com o de Pafos,[36] e é provável que, tendo as relações entre as duas cidades estabelecido uma linha de navegação ordinária, fosse isso que traçasse o roteiro dos apóstolos. As duas costas paralelas de Chipre e da Ásia Menor parecem falar-se de uma ponte para a outra.[37] Eram duas regiões de populações semíticas, misturadas com elementos diversos e haviam perdido muito do seu caráter primitivo.[38]

Consumou-se em Perga o rompimento de Paulo com João Marcos que abandonou a missão e regressou a Jerusalém. Com certeza este fato desagradou Barnabé, pois João Marcos era seu parente.[39] Habituado a suportar tudo ao seu dominador companheiro, Barnabé não desistiu do seu desígnio de o seguir através da Ásia Menor. Os dois apóstolos, avançando pelas terras e marchando sempre pelo norte, entre as bacias do Cestro e do Eurimedonte, atravessaram a Panfília, a Pisídia, e atingiram até a Frígia montanhosa. Deve ter sido uma viagem difícil e perigosa,[40] pois neste labirinto de ásperas montanhas viviam populações bárbaras, habituadas ao roubo e que os romanos dificilmente haviam subjugado.[41] Paulo, habituado ao aspecto da Síria, deve ter-se espantado com essas pitorescas e românticas regiões alpestres, com os seus lagos, os seus vales profundos, que podem bem ser comparadas às margens do lago Maior e do Tessin.[42] Inicialmente, admiramo-nos da mar-

---

vue numismatique, p. 92 e seg., 142; *Corp. inscr. gr.*, nº 4342; Le Bas, Inscr., III, 1373.

[36] Waddington, *l. c.*; e *Mel. de num. e de phil.*, p. 57.

[37] *Ibid.*

[38] Vejam-se as grafias estranhas dos nomes próprios, *Corp. gr.*, nº 4401 e seg.

[39] *Atos*, XIII, 13; XV, 38-39.

[40] Texier, *Asie Mineure*, p. 713 e seg.; Waddington, *Voy. num.*, pp. 99-100.

[41] Cícero, cartas do seu proconsulado da Cilícia. Cf. Díon Cássio, LX, 17. Os homónadas habitavam esses locais. Estrabão, XII, VI, VII, 51; XIV, V, 1, 24. A sua principal marcha parece ter sido realizada mais a leste.

[42] Veja-se Laborde, *Voy. de la Syrie*, p. 107 e seg., p1. XXX, LIX e LX. LX, LXI, LXII; W. J. Hamilton, *Researches in Asia Minor*, I, p. 477 e seg.; Ritter, Erdkunde, XIX, p. 477 e seg.; Conybeare e Howson, *The Life of Saint Paul*, I, p. 175 e seg. Cf. Plínio, V, 23.

cha singular dos apóstolos que os distancia dos grandes centros e das estradas mais freqüentadas. Desta vez ainda seguiram naturalmente o caminho das emigrações judaicas. A Pisídia e a Licônia tinham cidades como Antioquia de Pisídia, Cônia, onde grandes colônias judaicas haviam se estabelecido. Os judeus realizavam nesses lugares muitas conversões;[43] distantes de Jerusalém e subtraídos à influência do fanatismo palestino, viviam em cordialidade com os pagãos.[44] Estes frequentavam a sinagoga;[45] os casamentos mistos não eram raros.[46] Paulo pudera constatar, em Tarso, em que condições vantajosas a nova fé poderia aí se estabelecer e frutificar. Derbé e Listres ficam próximas de Tarso. Talvez a família de Paulo teria relações para estes lados ou no mínimo poderia conhecer bem estas regiões afastadas.

Após a partida de Perga, os dois apóstolos, concluída uma viagem de cerca de quarenta léguas, chegaram a Antioquia de Pisídia ou Antioquia Cesaréia,[47] no coração dos altos planaltos da península.[48] Esta Antioquia foi uma cidade de importância medíocre,[49] até ser elevada por Augusto ao título de colônia romana, de direito itálico.[50] Torna-se então de importância considerável e muda muitas de suas características. Fora até então uma cidade de

---

[43] *Atos*, XIII, 43, 50.

[44] *Atos*, XIV, 1-5.

[45] *Atos*, XIII, 44; XIV, 1.

[46] *Atos*, XV, 1-3.

[47] Na realidade, esta cidade ficava situada na Frígia (Estrabão, XII, VII, 14). Conservam-se ainda tradições dela (Waddington, no nº 668 do tomo III das *Inscriptions* de Le Bas).

[48] Consideráveis ruínas perto do burgo de Jalovatch. Arundell, *Discoveries in Asia Minor*, I, p. 265 e seg.; W. J. Hamilton, *Researches in Asia Minor*, I, p. 471 e seg.; Laborde, *Voy de l'Asye Mineure*, p. 113 e seg., pl. XXX, LXII.

[49] É o que provam as suas moedas.

[50] Estrabão, XII, VIII, 14; Plínio, V, 24; Estevão de Bizâncio, nessa palavra; Echel, III, pp. 18-19: *Corp. inscr. gr.*, nºs 1586 e 2811 *b; Digesto,* L, XV, 8. Cf. *Ann. de l'Instit. Archeol. de Rome*, XIX, p. 147. As inscrições latinas são numerosas (Le Bas e Waddington, *Inscr.*, III, nºs 1189-1191, 1815 e seg.). As moedas são latinas.

padres, semelhante, ao que parece, a Comana. O templo que a tornara famosa foi destruído pelos romanos (25 anos a.C.),[51] mas este grande centro religioso, como sempre acontece, deixou vestígios profundos nos costumes da população. É certeza que depois da colônia romana os judeus foram atraídos à Antioquia de Pisídia.

Os dois apóstolos, segundo o seu costume, foram no sábado à sinagoga. Concluída a leitura da Lei e dos Profetas, vendo dois estrangeiros que pareciam fiéis, os presidentes mandaram perguntar-lhes se tinham, para dirigir ao povo, alguma palavra de exortação. Paulo expôs o mistério de Jesus, a sua morte e ressurreição. Foi boa a impressão, sendo-lhes pedido que continuassem o sermão no sábado seguinte. Muitos judeus e prosélitos seguiram-no ao sair da sinagoga e, durante toda a semana, Paulo e Barnabé não cessaram de exercer um ministério ativo. Os pagãos escutaram falar deste incidente, que acabou por excitar-lhe a curiosidade.

A cidade inteira, no sábado seguinte, se reuniu na sinagoga; mas já eram diferentes os sentimentos do partido ortodoxo. Arrependeram-se da tolerância que tinham tido no sábado anterior; a multidão ansiosa irritava os notáveis, e teve início uma disputa cheia de injúrias. Paulo e Barnabé sustentavam com valentia a tempestade; contudo foram impedidos de falar na sinagoga. Retiraram-se protestando: "Devíamos começar por pregar-vos, a vós, a palavra de Deus", disseram eles aos judeus. "Mas como a repelis e vos julgais indignos da vida eterna, vamos ter com os pagãos". E assim, a partir desse momento,[52] Paulo tornou-se mais radical na idéia de que o futuro pertencia não aos judeus, mas sim aos pagãos; que a pregação colheria, neste terreno fértil, melhores frutos; que Deus o escolhera especialmente para ser o apóstolo das nações e anunciar a boa-nova até os confins da terra. A sua grande alma tinha a característica particular de se alargar e abrir sem cessar. Apenas o espírito de Alexandre teve um dom de juventude sem

---

[51] Estrabão, XII, VII, 14 (comp. XII, III, 31); Hamilton, *l. c.* Cf. Waddington, *Expl. des Inscript.* de Le Bas, III, pp. 215-216. As medalhas provam que o culto próprio de Antioquia durou até a época de Gordiano.

[52] O próprio Paulo conheceu que mudou a respeito deste ponto. II *Cor.*, V, 16; *Gál.*, V, 11; *Fil.*, III, 13; *Epif.*, IV, 13-14; I *Cor.*, I incompleto; III, 1; IX, 20.

limites, essa capacidade indefinida de tudo querer e envolver.

As disposições dos pagãos eram propícias. Logo muitos se converteram, tornando-se cristãos perfeitos. O mesmo fato irá ocorrer em Filipes, em Alexandria, Troas e em geral nas colônias romanas. A atração que estas populações, bem-intencionadas e religiosas, manifestavam por um culto puro, atração que até aí se revelara por conversões ao judaísmo, daí em diante, mostrar-se-ia, em conversões ao cristianismo. Apesar do seu culto inusitado e talvez como oposição a esse culto, a população de Antioquia, como em geral a da Frígia, tinha uma grande inclinação para o monoteísmo.[53] O novo culto, que não exigia a circuncisão e não obrigava a certas recomendações mesquinhas, era mais adequado do que o judaísmo para atrair os pagãos religiosos; e rapidamente as simpatias se voltavam para ele. Estas províncias distantes, perdidas nas serras, pouco vigiadas pela autoridade, sem importância histórica e de qualidade alguma, eram um ótimo terreno para a fé. E assim se constituiu uma vasta igreja, sendo Antioquia de Pisídia um centro de propaganda, de onde a doutrina irradiou para as povoações vizinhas.

O sucesso da nova pregação entre os pagãos acabou por despertar a fúria dos judeus a uma piedosa intriga contra os missionários. Algumas das damas mais consideradas da cidade tinham abraçado o judaísmo; os judeus ortodoxos incitavam-nas a falar aos maridos para obter a expulsão de Paulo e de Barnabé. Sem dúvida, os dois apóstolos foram, por decisão municipal, expulsos da cidade e do território de Antioquia de Pisídia.[54] Segundo o uso apostólico, sacudiram sobre a cidade o pó dos pés.[55]

Dirigiram-se para a Licaónia e atingiram, após uma caminhada de quase cinco dias através de um país fértil,[56] a cidade de Icônio. A

[53] *Corp. inscr. gr.*, nº 3980. Culto exclusivo da Frígia. Compare-se, pp. 363-365. Compare-se também, para confrontar com a Pisídia, nº 4380 *r, s, t*. Veja-se Le Bas, III, nº 1231.

[54] *Atos*, XIII, 14 e seg.; II *Tim.*, III, 11.

[55] *Atos*, XIII, 51. Cf. *Mat.*, X, 14; *Marc.*, VI, 11; *Luc.*, IX, 5; *Atos*, XVIII, 6.

[56] Laborde, *Voy. de l'Asie Min.*, p. 115 e seg.; Sperling, Dans la *Leitschrift für Allgemeine Edkunde*, 1864, p. 10 e seg.

Licaônia era, como a Pisídia, um país esquecido, sem evidência, e que conservara os seus antigos costumes. O patriotismo era ainda muito vivo;[57] os costumes puros, os espíritos sérios e honestos.[58] Cônia era uma cidade de antigos cultos e antigas tradições,[59] que em muito se assemelhavam das dos judeus.[60] A cidade, na época muito pequena,[61] tinha acabado de receber ou estava para receber de Cláudio, quando Paulo chegou, o título de colônia. Um alto funcionário romano, Lucius Pupius Praesens, procurador da Galácia, intitulava-se o seu segundo fundador, e a cidade acabava de mudar o antigo nome pelo de *Cláudia* ou *Claudiconium*.[62] Os judeus, com certeza, devido a circunstância, viviam aí em grande número,[63] tendo conseguido muitos seguidores. Paulo e Barnabé falaram na sinagoga; organizou-se uma igreja. Os missionários fizeram de Cônia um segundo centro de apostolado muito ativo, aí permanecendo durante longo tempo.[64] Segundo um romance muito popular desde a primeira metade do século III,[65] foi em Cônia que Paulo teria conquistado a mais bela das suas discípulas, a fiel e encantadora Tecla,[66] história que não tem base segura. Porém, pergunta-se se teria sido por uma escolha arbitrária que o padre da Ásia, autor do romance, escolheu para palco da sua narrativa a

[57] *Corp. inscr. gr.*, nºs 3993, 4385.

[58] *Corp. inscr. gr.*, nºs 93955 *b*, 4389.

[59] Note-se a grafia dos nomes próprios. *Corp. inscr. gr.*, nº 3987 e seg.

[60] Ch. Müller, *Fragm. hist. gr.*, III, p. 524. Comparem-se as medalhas de Apamée Kibotos, confrontando os mitos bíblicos de Henoch e de Noé.

[61] Estrabão, XII, VI, 1.

[62] *Corp. inscr. gr.*, nºs 3991, 3993 (vejam-se os addenda); Le Bas, III, 1385 bis; Eckhel, D. nº v, III, 31-33. Cônia (Konich) tem ainda hoje importância.

[63] Sobre a existência dos judeus nestas regiões centrais da Ásia veja-se *Corp. inscr. gr.*, 4129 e talvez 4087 (corrigido por Perrot, *Exploration de la Galatie*, p. 207 e seg.); Atos, XVI, 3; I Petri, I, 1; a *Epístola aos Gálatas*, que supõe a existência de judeus, entre os convertidos; II, 15; III, 2-7-8, 13, 23-24, 28; IV, 3, 21, 31.

[64] *Atos*, XIV, 3.

[65] Tertuliano, *De Baptismo*, 17.

[66] Observe-se *Acta Apost. Apócr.*, de Tischendorf, p. 40 e seg.

cidade de Cônia. Mesmo atualmente as mulheres gregas são famosas pelas suas seduções e apresentam fenômenos de histeria endêmica, que os médicos atribuem ao clima.[67] De qualquer maneira, o sucesso dos apóstolos foi enorme. Muitos judeus se converteram,[68] mas os apóstolos criavam ainda mais prosélitos fora da sinagoga,[69] no meio dessas simpáticas populações, que os antigos cultos já não satisfaziam. A moral exemplar de Paulo arrebatava os bons licaonianos;[70] além disso a sua credibilidade dispunha-os a receber com admiração o que acreditavam ser milagres e dons sobrenaturais do Espírito.[71]

A tempestade que obrigara os pregadores a partir Antioquia de Pisídia, renovou-se em Cônia. Os judeus ortodoxos resolveram incitar contra eles a população pagã. A cidade dividiu-se em dois partidos. Ocorreu, por essa ocasião, uma grande manifestação, falando-se já em apedrejar os dois apóstolos. Deixando a capital de Licaônia, partiram.[72]

Cônia fica situada junto de um lago temporário, à entrada da vasta região que forma o centro da Ásia Menor, sempre rebelde a todas as civilizações. A estrada, para a Galácia propriamente dita e para a Capadócia, estava impedida. Paulo e Barnabé foram contornando o sopé das montanhas áridas, que formam um semicírculo em volta da planície do lado do sul. Estas montanhas nada mais são que o reverso setentrional do Tauro; mas como a planície central possui uma grande elevação acima do nível do mar, o Tauro tem deste lado uma elevação insignificante. Fria e monótona é a região; o solo, umas vezes lodoso, outras arenoso ou rachado pelo calor, é de uma tristeza profunda. Isolado, o maciço do vulcão extinto, chamado atualmente Karadague,[73] forma uma espécie de ilha no

[67] Sperling, no jornal citado, pp. 23-24.

[68] *Gál.*, II, 15; III, 2, 7-8, 13, 23-24, 28; IV, 3, 21.

[69] *Gál.*, IV, 8; V, 2; VI, 12. Sobre a aplicação que aqui fazemos da Epístola aos Gálatas, veja-se mais adiante pp. 38-40.

[70] *Gál.*, V, 21.

[71] *Gál.*, III, 25.

[72] *Atos*, XIV e seg.: II *Tim*, III, 11.

[73] "Montanha Negra". Ignora-se o seu antigo nome.

meio deste mar infinito.[74] Duas cidadezinhas obscuras, Listres e Derbé,[75] cuja situação é incerta, tornaram-se então o palco da atividade dos apóstolos. Perdidas nos vales de Karadague ou no meio de populações pobres, criando rebanhos, perto dos mais obstinados esconderijos de bandidos que a antiguidade conheceu,[76] estas duas cidades mantêm-se por inteiro provinciais. Julgaria um romano

[74] Estrabão, XII, VII, Hamilton, Res., II, 310 e seg.; Labordes, *Voy. de l'Asie Min.*, p. 119 e seg., 122; Texier, *Asie Min.*, p. 651 e seg.: Conybeare e Howson, I, p. 119 e seg.

[75] Listres é provavelmente Madenscher ou Binbir-Kilissé, no Karadague (Hamilton, II, 316 e seg., e inscrição nº 423; Comp. Laborde, p. 120 e seg.; Conybeare e Howson, 1, p. 200 e seg., 211-212, 281 e seg.: veja-se contudo Texier, *Descr. de l'Asie Min.*, 132-133). Não se confunda Listres com *Ilistra*, hoje Ilissa (*Synecdème* de Hiérocles, p. 675; Wesseling, Noticiae episcop., pp. 70, 115, 157, 177, 193-194, 212-213, 254-255, Parthey; mapas de Bolotoff e de Kiepert, segundo Tchiatchef; Texier, *l. c.*; Hamilton, II, 325). Derbé é talvez Divlé, em um vale da vertente do Tauro, posição confirmada por Estrabão (XII, VI, 2 e 3) e por Estevão de Bizâncio (na palavra Derbé). Cf. Texier, *Asie Min.*, p. 658. Divlé forneceu duas inscrições (*Corpus inscr. gr.*, 4008 c^e Le Bas, III, 1807, 1808). No entanto, como Estevão de Bizâncio coloca junto de Derbé um Limen (leia-se Iémene), pode-se também identificar Derbé com as ruínas de uma cidade antiga que Hamilton encontrou perto do lago Ak-Ghieul (veja-se o mapa da Ásia Menor de Kiepert; Hamilton, II, p. 313, 315 e seg., e a inscrição nº 421). Desta maneira Listres e Derbé estariam situadas a cerca de oito léguas uma da outra e na mesma região geográfica. O modo como estas duas cidades aparecem quase sempre agrupadas (*Atos*, XIV, 6; XVI, 1) prova que eram vizinhas. Em todo o caso, a situação das duas localidades é determinada por *Atos*, XIV, 21; XVI, 1-2, e não há razão para duvidar, sendo entre os diferentes restos de cidades que se estendem sobre a estrada do Karadague ao Ak-Ghieul. Derbé era considerada pelos antigos geógrafos como fazendo parte da Isáuria. Os limites da Isáuria e da Licaônia eram muito vagos na época romana. Cf. Estrabão, XII, VI, 2; Plínio, V, 23, 25.

[76] Os isaurianos, os clitas e os hornónadas, Estrabão, XII, VI, 2-5; Tácito, *Ann.*, III, 48; VI, 41; XII, 55. Os isaurianos conservam o seu papel mesmo em plena Idade Média. Nunca foram completamente subjugados a não ser pelos sedjoukides. Trebélio Pólio, *Les Trente Tyransa*, 25; Vopiscus, *Probus*, 19; Ammien Marcellin, XIV, 2; XXVII, 9; João Crisóstomo, Epíst. p. 522, 570. 593, 596 e seg., 599, 606, 630, 631, 633 e seg., 656, 661, 673, 676, 679, 682, 683, 708 (ed. Montfaucon).

civilizado estar entre selvagens.[77] Falava-se o licaoniano.[78] Havia poucos judeus.[79] Cláudio, estabelecendo colônias nas inacessíveis regiões do Tauro,[80] dava-lhes ordem e segurança jamais vistas. Listres foi evangelizada81 e foi nela que ocorreu um estranho incidente. Nos primeiros tempos de permanência de Paulo e Barnabé nesta cidade, espalhou-se o boato de que Paulo tinha sido o autor da cura milagrosa de um aleijado. Estas populações, crédulas e amigas do maravilhoso, foram então preenchidas por uma imaginação singular. Acreditou-se que eram duas divindades que tinham assumido a forma humana para caminharem entre os mortais. A crença nestes descendentes dos deuses estava muito difundida, principalmente na Ásia Menor. A vida de Apolônio de Tiana seria tida, em breve, como a viagem de um deus sobre a Terra;[82] Tiana fica perto de Derbé. Segundo uma antiga tradição frígia, consagrada por um templo, uma festa anual e belas narrativas,[83] fazia assim viajar, de companhia, Zeus e Hermes, aplicavam aos apóstolos os nomes destes dois divinos viajantes. Barnabé, mais alto do que Paulo, foi Zeus; Paulo, que era o mestre da palavra, foi Hermes. Além das portas da cidade havia um templo a Zeus.[84] O padre, avisado de que tinha acontecido uma manifestação divina e que o seu Deus aparecera, pôs-se logo em ação de realizar um sacrifício: trouxeram os touros e haviam colocado as grinaldas de flores diante do templo[85]

---

[77] É a impressão de Cícero, que esteve quinze dias em Cibistra, perto de Derbé; menciona a região com o mais profundo desdém (Cartas *ad fam.* e *ad Att.*, datadas de Cilícia).

[78] *Atos*, XIV, 11.

[79] Resulta isto de *Atos*, XIV, 19 (texto grego). Entretanto, existiam alguns, *Atos*, XVI, 3.

[80] Claudiopólis — Monte sobre o Calicadno (Hiérocles, *Synecdème*, p. 709; Wess, *Notitiae episc.*, p. 85, 129, 224, ed. Parthey); Claudicónio, etc. Le Bas, III, 1385 *bis*.

[81] De Cônia a Listres (se Listres é Mafadenscher) demora-se de treze horas para se percorrer o caminho. Laborde, p. 119.

[82] Eunape, *Vies des Sophistes*, p. 454, 500 (ed. Didot).

[83] Ovídio, *Metam.*, VIII, pp. 621-726.

[84] Zeus propulós. Cf. *Corpus inscr. gr.*, nº 2963 *c*.

[85] *Pulonas* pode referir-se apenas ao templo. Akousantes supõe que a

quando Barnabé e Paulo chegam, rasgando as suas roupas e protestando que são apenas homens. Estas raças pagãs, como já dissemos, davam ao milagre um sentido diferente dos judeus. Para estes, o milagre era um argumento doutrinal; para aqueles era a revelação imediata de um deus. A missão dos apóstolos, quando pregavam a essas populações, era menos a de pregar Jesus do que pregar Deus; o seu sermão tornava-se puramente judaico, ou melhor, deísta.[86] Quando levados ao proselitismo, os judeus têm sempre afirmado que o que na sua religião se ajusta à universalidade dos homens é apenas o fundo monoteísta, e o resto, instituições mosaicas, idéias messiânicas etc., forma um segundo grau de crenças, constituindo a característica particular dos filhos de Israel, como que uma herança de família, que não é intransmissível.

Como Listres tinha poucos ou nenhum judeu de origem palestina, a vida do apóstolo decorreu tranqüila durante longo tempo. Uma família desta cidade era o centro e a escola da mais alta piedade: compunha-se da avó chamada Lois, da mãe Eunice[87] e de um neto chamado Timóteo.[88] As duas mulheres professavam a religião judaica como prosélitas. Eunice casara com um pagão,[89] que já havia falecido à chegada de Paulo e de Barnabé. Timóteo crescia entre estas duas mulheres, educando-se no estudo das letras sagradas e nos sentimentos da mais ardente devoção; mas, como sempre acontecia com os prosélitos mais piedosos, os seus pais não o tinham submetido à circuncisão.[90] Paulo converteu as duas mulheres. Timóteo, que teria uns quinze anos, foi iniciado na fé cristã por sua mãe e sua avó. O eco destas conversões estendeu-se em Cônia e em Antioquia de Pisídia, e reacendeu os ressentimentos

---

cena se passa longe do lugar onde Paulo estava. Enfim, a idéia de realizar um sacrifício à porta da casa de Paulo é exagerada e contrária aos costumes da antiguidade. Sabe-se que os sacrifícios só eram realizados diante do templo.

[86] *Atos*, XIV, 15-17.

[87] Este nome de mulher encontra-se em Chipre. V. Pape, *s. h. v.*

[88] II *Tim.*, I, 5; III, 15. Esta epístola é apócrifa, mas é natural que os nomes das duas mulheres sejam reais.

[89] *Atos*, XVI, 1.

[90] *Atos.*, XVI, 3.

dos judeus destas duas cidades. Enviaram então emissários a Listres, onde provocaram uma manifestação. Paulo, agarrado pelos fanáticos, foi arrastado para fora da cidade, apedrejado e deixado por morto.[91] Os discípulos vieram em seu auxílio; os ferimentos eram superficiais. Ele regressou à cidade provavelmente de noite, e no dia seguinte partiu com Barnabé para Derbé.

Ficaram muito tempo em Derbé, fazendo muitos adeptos. As igrejas de Listres e Derbé foram as primeiras constituídas quase unicamente por pagãos. Compreende-se a diferença que devia haver entre essas igrejas e as da Palestina, nascidas no seio do judaísmo puro, ou mesmo a de Antioquia, formada por um núcleo judaico e numa sociedade já judaízada. Todos ainda eram jovens, bons provincianos, muito religiosos, mas com uma imaginação diferente da dos sírios. Até então, a pregação cristã só frutificara nas grandes cidades, onde aglutinava uma grande população exercendo várias profissões. A partir daí começam outras igrejas em pequenas cidades, mas nem Cônia, Listres ou Derbé tinham importância bastante para construir uma igreja-mãe como a de Corinto e de Éfeso. Seus cristãos de Licaônia, Paulo habituou-se a chamá-los pelo nome da província que habitavam: ora, esta província era a "Galácia", assumindo esta palavra no sentido administrativo que apenas os romanos lhe atribuíam. Essa província romana não abrangia apenas a região povoada de aventureiros gauleses que tinha por centro a cidade de Ancira.[92] Era uma aglomeração artificial, correspondendo à reunião passageira de província que tinha sido feita pelo rei gálata Amintas. Depois da batalha de Filipes e da morte de Déjotare, este personagem, recebeu de Antônio a Pisídia,[93] depois a Galácia, com uma parte da Licaônia e da Panfília.[94] Foi confirmado na sua posse por Augusto.[95] Ao término do seu reinado (25 anos antes de J.C.),

[91] *Atos*, XVI, 9 e seg.; I *Tim.*, III, 11. Comp. II *Cor.*, XI, 25.

[92] Veja-se Perrot, *De Gál. prov. rom.*, p. 33 e seg.: *Explor. de la Gál.*, p. 194 e seg.; Waddington, *Explic. des Inscr.* de Le Bas, III, p. 337, 349; Robiou, *Hist. des Gaulois d'Orient*, p. 256 e seg. e o mapa.

[93] Apiano, *Bell. civ.*, V, 75.

[94] Díon Cássio, XLIX, 32.

[95] Díon Cássio, LI, 2.

Amintas, fora da Galácia propriamente dita, possuía a Licaônia e a Isáuria, até Derbé, o sudeste e o oeste da Frígia, com as cidades de Antioquia e de Apolônia, a Pisídia e a Cilícia Tracheia.[96] Após sua morte, todas estas regiões, constituíam uma única província romana,[97] à exceção da Cilícia Tracheia[98] e das cidades panfilianas.[99] A província que usava o nome Galácia na nomenclatura oficial, ao menos sob os primeiros césares, abrangia: a Galácia propriamente dita; a Licaônia;[100] a Pisídia;[101] a Isáuria;[102] a Frígia montanhosa, com as suas cidades de Apolônia e de Antioquia.[103] Esta situação durou longo tempo.[104] Ancira era a capital desta vasta região que compreendia quase toda a Ásia Menor central.[105] Para decompor as

[96] Estrabão, XII, V, 4; VI, 1, 3, 4; VII, 3; XIV, V, 6.

[97] Estrabão, XII, 1; VI, 5; VII, 3; XVII, III, 25; Díon Cássio, LIII, 26.

[98] Estrabão. XIV, V, 6.

[99] Díon Cássio, LIII, 26.

[100] Díon Cássio, LIII, 26. Cf. Plínio, *H. N.*, V, 25, 42.

[101] Estrabão, XII, VI, 5. Cf. Mommsen, *Resgestae divi Aug.*, p. VII.

[102] Plínio, V, 23; Le Bas, *Inscr.*, III, 1385 *bis*, e a nota de Waddington. Faz parte do reino de Amintas; depois da morte de Amintas, não foi nem restituída à liberdade nem reunida a outra província.

[103] Henzen, nº 6912. Cf. Perrot, *De Gál. prov. rom:.*, p. 39 e seg., 46 e seg.; Mommsen, *Res gestae divi Aug.*, p. VII. A respeito de Apolônio; veja-se ainda Le Bas, III, nº 1192.

[104] A cidade de Cônia honra como seu benfeitor um procurador da Galácia (*Corp. inscr. gr.*, nº 3991). Cf. Le Bas, III, 1385 *bis*. Plínio (*H. N.*, V, 42) indica os *Lystreni* entre as populações da Galácia. O que menciona sobre as fronteiras da Galácia (V, 25 e 42) é confuso, mas não contradiz a nossa suposição. Ptolomeu (V, IV, 1, 10, 11) considera a Galácia como Estrabão. Cf. Henzen, nº 6940; Le Bas, III, 1794; Capitolino, *Maximin et Balbin*, 7; I Petri, I, 1. As inscrições que, como as de Henzen, nº 6912, 6913; Marini, *Atti*, p. 766; Le Bas, III, p. 176, 627, 1816; Perrot, *De Gál*, p. 102, enumeram ao lado da Galácia as províncias anexas, provam apenas que os nomes antigos subsistiam. Além disso estas aglomerações de províncias variavam muitas vezes, sobretudo a partir de Vespasiano. Cf. Le Bas e Waddington, III, 1480; Perrot, *De Gál.*, pp. 134-136.

[105] *Corp. inscr. gr.*, 4011, 4020, 4030, 4032, 5896; Henzen, 6912, 6913; Marini, *Atti*, p. 766; Perrot, *De Gál.*, p. 102; Eckhel, *D. n. v*, III, pp. 177-178.

nacionalidades e destruir as recordações, os romanos não se importavam em alterar dessa forma as antigas acepções geográficas e criar grupos administrativos arbitrários, semelhantes aos atuais departamentos franceses.[106] Paulo, para nomear cada país, tinha o hábito de se utilizar do nome administrativo.[107] A região que evangelizou desde Antioquia de Pisídia até Derbé era para ele a "Galaica"; os cristãos deste país para ele eram "Gálatas",[108] nome que

[106] Estrabão, XII, IV, 6; XVII, III, 25. A mesma política observa-se nota na Gália. Mas acima da província, cujos limites eram muito variáveis, conservavam-se as antigas divisões do cantão e da cidade.

[107] Ásia, Macedônia, Acaia, designam para ele as províncias que tinham estes nomes e não as regiões que os tiveram de princípio.

[108] É assim que se explica esta particularidade da Epístola aos Gálatas, de não ser dirigida a uma igreja determinada e explica também uma das singularidades aparentes da vida de Paulo. A Epístola aos Gálatas supõe que Paulo viveu durante muito tempo entre aqueles a quem se dirige, que com eles teve intenso relacionamento, pelo menos, tanto como com os coríntios e os tessalonicenses. Os *Atos* não fazem nenhuma referência da evangelização da Galácia propriamente dita. Na sua segunda viagem, Paulo "atravessa o país galático" (*Atos*, XVI, 6); veremos que se pode supor neste momento apenas uma demora muito pequena; não é provável que a evangelização profunda e seguida, que a Epístola aos Gálatas supõe, se realizasse durante uma tão rápida viagem. O que impressiona na primeira missão é a sua longa duração comparada com à pequena extensão do itinerário e que os resultados teriam de ser secundados se aí se não tivessem fundado as igrejas da Galácia. Colocando nessa parte a evangelização dos Gálatas, conseguimos restabelecer um certo equilíbrio na vida de Paulo. Com parando *Atos*, XVI, 6, com *Atos*, XVIII, 23, imagina-se que, para o autor dos *Atos*, *Galatiké Cora* significa a província romana da Galácia, e que a parte que ele quer designar nestes dois lugares é Licaônia. Não se objete que narrando no Capítulo XIV a evangelização de Cônia, de Listres e Derbé, o autor dos *Atos* não cita o nome da Galácia. Trata o assunto em detalhes minuciosos, ao passo que nos *Atos*, XVI, 6; XVIII, 23, fá-lo em conjunto. A prova é que em um dos casos intervém a ordem da *Phrupia* e de *Galatiké*. No pensamento do autor dos *Atos*, estas duas viagens, através da Ásia Menor, são viagens de confirmação e não de conversão (*Atos*, XV, 36, 41; XVI, 5, 6; XVIII, 23). Enfim em uma das viagens, sendo Troas o objetivo de São Paulo, e na outra Éfeso, é inconcebível o itinerário de *Atos*, XVI, 6, e de *Atos*, XVIII. 23, se *Galatiké Cora* é a Galácia. Para que esta estranha volta para o norte, se se considera quanto a região central é difícil de atravessar? Não havia provavelmente

muito lhe agradava. As igrejas da Galácia situavam-se entre as que o apóstolo mais estimou e que tiveram para ele maior aproximação pessoal. Em sua vida apostólica as lembranças de amizade e dedicação que encontrara nessas boas almas conservaram-se como uma das impressões mais fortes[109] e determinadas circunstâncias fizeram redobrar a alegria destas lembranças. Durante a sua permanência na Galácia, estima-se que o apóstolo sofreu crises de fraqueza ou de doença que o atingiam quase sempre. Os cuidados e as atenções dos fiéis prosélitos tocaram-lhe o coração.[110] As perseguições, que quase sempre sofreram juntos,[111] criaram entre eles uma ligação profunda. Este pequeno centro licaoniano teve muita importância; freqüentemente São Paulo gostava de ir ali como à sua primeira criação; é ali que ele vai buscar, mais tarde, os seus mais fiéis companheiros, Timóteo e Caio.[112]

Nesse círculo restrito, Paulo se absorvia havia quatro ou cinco anos Então pouco pensava nessas grandes viagens rápidas que, no término da sua vida, se tornaram para ele como uma paixão, do que em fundar solidamente igrejas, que pudessem servir-lhe de ponto de apoio. Desconhece-se se durante esse tempo manteve relações com a igreja de Antioquia, que lhe entregara a sua missão. O desejo de tornar a ver esta igreja-mãe envolveu-o. Assim, resolveu fazer uma viagem até lá, seguindo o itinerário que já tinha percorrido de forma contrária. Pela segunda vez, os dois missionários visitaram Listres, Cônia e Antioquia de Pisídia. Nestas cidades ficaram longo tempo, confirmando os fiéis na fé, exortando-os à perseverança, à paciência, e ensinando-lhes que é pela atribulação que se entra no reino de Deus. A constituição destas igrejas distantes era muito simples: os apóstolos escolhiam em cada uma alguns anciãos que eram, depois da sua partida, depositários da sua autoridade. O

nesse tempo nenhuma estrada de Cônia a Ancira (Perrot, *De Gál*, pp. 102-103). Como é inverossímil também que os emissários hierosolimitas (*Gál.*, I, 7) fizessem essa viagem! Juntamos a isto que as referências a Barnabé na Epístola aos Gálatas levam a crer que dos Gálatas o conheciam: o que coloca a evangelização dos Gálatas na primeira missão.

[109] *Gál.*, IV, 14-15 etc.

[110] *Gál.*, IV, 13-14.

[111] *Gál.*, III, 4.

[112] *Atos*, XVI, 1-2; XX, 4.

momento da despedida era enternecedor, com jejuns e preces, no fim dos quais os apóstolos recomendavam os fiéis a Deus e iam embora.

Saídos de Antioquia de Pisídia, os missionários dirigiram-se mais uma vez a Perga e realizaram aí, ao que parece, uma missão coroada de sucesso.[113] Com freqüência, os locais de procissões, de peregrinações e de grandes louvores anuais eram favoráveis aos sermões dos apóstolos. Um dia, de Perga foram para Atalia, o grande porto de Panfília[114] e embarcaram para Selêucia; depois retornaram à grande Antioquia, onde cinco anos antes se tinham entregado ao serviço de Deus. O campo da missão fora vasto: abraçava a ilha de Chipre no sentido da sua extensão, e na Ásia Menor uma linha interrupta de cerca de cem léguas. Era o primeiro exemplo de uma marcha apostólica deste tipo; até então nada estava organizado. Paulo e Barnabé lutaram com grandes obstáculos exteriores. Não se deve julgar estas viagens como as de um Francisco Xavier ou de um Livingstone, sustentadas a expensas de ricas associações. Os apóstolos pareciam-se muito mais com os operários socialistas, pregando suas idéias de taberna em taberna, do que com os missionários dos tempos atuais. Para eles, a sua profissão era uma necessidade, obrigando-os a demorar-se para a exercer e procurar os lugares em que encontrariam trabalho. Por isso, as demoras, as estações mortas, mil perdas de tempo. Apesar de enormes obstáculos, os resultados gerais desta primeira missão foram animadores. Quando Paulo embarcou novamente para Antioquia, ali já havia igrejas de pagãos. O grande passo tinha sido dado. Até então, nesse sentido, todos os fatos tinham sido mais ou menos indecisos. A todos havia sido possível dar uma resposta plausível aos judeus de Jerusalém, que sustentavam que a circuncisão era início obrigatório da profissão cristã. Desta vez a questão tinha sido conduzida de uma maneira direta. Evidencia ainda outro fato da mais alta importância: eram as disposições favoráveis que se podiam encontrar em determinadas raças, ligadas aos cultos mitológicos, para receber o Evangelho. Sem dúvida, a doutrina de

---

[113] *Atos*, XIV, 25. Existiam judeus na Panfília. Fílon, *Leg. ad Caium*, § 36; *Atos*, II, 10.

[114] Atualmente *Adalia*.

Jesus evidentemente aproveitaria a atração que o judaísmo tinha exercido, até aí, entre os pagãos piedosos. Em especial, a Ásia Menor estava destinada a ser a segunda terra cristã. Depois dos fracassos, que em breve vão atingir as igrejas da Palestina, ela será o principal núcleo da nova fé, o palco das suas maiores transformações.

CAPÍTULO III

A questão da circuncisão

Na igreja de Antioquia, o retorno de Paulo e Barnabé foi saudado com contentamento. A rua de Singon[1] festejou reunindo-se à igreja. Os dois missionários relataram as suas aventuras e os feitos que Deus havia realizado por eles: "Foi o próprio Deus que abriu aos pagãos as portas da fé". Falaram das igrejas da Galácia, quase todas constituídas por pagãos. A igreja de Antioquia, que há muito tempo tinha reconhecido por sua conta a legitimidade do batismo dos pagãos, aprovou a sua conduta. Em Antioquia, permaneceram muitos meses, descansando das fadigas e fortificando-se nesta fonte do espírito apostólico.[2] É quando, ao que parece, que Paulo converte e faz por discípulo, companheiro e colaborador,[3] um jovem incircuncidado e nascido de pais pagãos, chamado Tito,[4] que o acompanhará sempre.

Um grave desentendimento explodiu nessa altura, colocando em risco a obra de Jesus e a igreja nascente em perigo. Este impasse vinha da própria origem desta situação; não podia evitar-se; era

[1] João Malaia, p. 242 (ed. de Bonn). Vejam-se *Les Apôtres,* pp. 226-227.

[2] *Atos*, XIV, 27-28.

[3] II *Cor*., III, 28.

[4] *Gál*., II, 1, 3; *Tit*., I, 4.

uma crise que a nova religião precisava atravessar. Jesus, fazendo a religião alcançar uma altura que nunca havia sido atingida, evitara sempre dizer se devia ou não permanecer judeu. Não determinara o que queria que se conservasse do judaísmo; tanto dizia que viera para confirmar a Lei de Moisés como que tinha vindo para a superar. Para um grande poeta como ele, isso era apenas um pormenor insignificante. Quando se conhece o Pai do céu, aquele que adora em espírito e em verdade, não é adepto de nenhuma seita, religião específica, escola e sim da religião verdadeira; todas as práticas tornam-se indiferentes; não se desprezam, porque são símbolos que foram ou são ainda respeitáveis; mas deixa-se de lhes reconhecer uma inerente virtude. Circuncisão, batismo, páscoa, ázimos, sacrifícios, tudo se torna secundário. Isso tudo é esquecido. Porém, nenhum incircunciso aproximou-se claramente de Jesus durante sua vida; a questão nunca foi discutida. Jesus tratava da alma, como todos os homens de gênio. Para ele não existiam, nas mais importantes questões práticas, as que pareciam fundamentais aos espíritos inferiores, as que causavam desespero infinito aos homens de aplicação.

Quando Jesus morreu, todos foram derrotados. Abandonados a si mesmo, privados do que para eles tinha sido uma teologia viva, voltaram às práticas da piedade judaica. Eram pessoas devotas no mais elevado grau e a devoção desse tempo era a devoção judaica. Mantiveram seus hábitos e voltaram a essas pequenas práticas que o povo considerava como a essência do judaísmo. Eram considerados como santos; por uma mudança singular, os fariseus, que tinham servido de alvo às mais requintadas zombarias de Jesus, quase se reconciliaram com os seus discípulos.[5] Os saduceus foram que se revelaram os irreconciliáveis inimigos do movimento novo.[6] A observação minuciosa da Lei, parecia a primeira condição para ser cristão.

Assim, grandes problemas logo surgiram nesta maneira de ver, pois desde que a família cristã começou a disseminar-se, foi justamente nos povos de origem não israelita, nos simpatizantes do

[5] *Atos*, V, 34; XV, 5; XXI, 30; XXIII, 9 e seg.

[6] *Atos*, IV, 5-6; XXIII, 6 e seg.

judaísmo, não circuncisos, que a nova fé encontrou maior penetração. Era impossível obrigá-los a circuncidar-se. Pedro, com um senso prático admirável, reconheceu-o muito bem. Entretanto, os espíritos temerosos, como Tiago, irmão do Senhor, consideravam uma suprema impiedade admitir na igreja os pagãos e comer com eles. Pedro foi retardando a solução. Os judeus, de sua parte, encontravam-se na mesma situação, tendo uma conduta semelhante. Quando os prosélitos ou os seguidores lhes chegavam de todas as partes, a mesma questão aparecia entre eles. Alguns espíritos avançados, bons laicos mas incultos, subtraídos à influência dos doutores, não insistiram sobre a circuncisão; por vezes dissuadiram os novos convertidos de a praticar.[7] Estes corações simples e bons desejavam a salvação do mundo e sacrificavam o resto. Os ortodoxos, ao contrário, e à sua frente os discípulos de Xamai, declararam a circuncisão indispensável. Contrários ao proselitismo entre os pagãos, nada faziam para facilitar o acesso à religião e aparentavam para com os convertidos uma certa rudeza; Xamai expulsava-os, conta-se, a bastonadas.[8] Esta divisão é vista com clareza na família real de Adiabene: o judeu Ananias, que a converteu, e que não era nenhum sábio, dissuadiu Izate de se circuncidar: "Pode-se perfeitamente", dizia ele, "viver como judeu sem a circuncisão; o principal e o mais importante é adorar Deus". A bondosa Helena foi da mesma opinião. Eléazaro, um rigorista declarou ao contrário, que se o rei não se circuncidava era um ímpio; que não valia de nada ler a Lei, se não a seguia; que o primeiro preceito era a circuncisão. Com medo de perder a coroa,[9] o rei seguiu este critério. Os régulos, que aceitavam o judaísmo devido aos ricos casamentos que lhes oferecia a família de Herodes, submetiam-se à mesma cerimônia.[10] Mas a verdadeira piedade era menos acomodatícia do que a política e a ambição. Muitos neófitos piedosos faziam vida

[7] Esta a opinião de Josefo (*Ant.*, XX, II, 5; *Vita*, 23) e do judeu cujas indicações foram recolhidas por Estrabão, XVI, II, 35-37.

[8] Talm. de Bab., *Schabbôath.*, 31 *a*.

[9] Jos., *Ant.*, XX, II, 5. Vejam-se *Les Apôtres*, p. 256.

[10] Jos., *Ant.*, XVI, 6: XX, VII, 1, 3. Cf. *Masséket Gerini*, ed. Kirchheim, c. I.

judaica sem se sujeitarem ao rito que, pelo povo, era considerado imprescindível[11], sendo objeto de permanente embaraço. As sociedades devotas, onde os prejuízos são enormes, têm por costume fazer das suas práticas religiosas atos de boa educação. Enquanto na França o homem devoto, para confessar a sua piedade, se vê obrigado a vencer uma espécie de vergonha, de respeito humano, entre os muçulmanos o homem que pratica a sua religião é um homem galante; aquele que não é bom muçulmano não pode ser uma pessoa bem-educada; a sua posição é igual, entre nós, a de um lapônio grosseiro, com maneiras grosseiras. Da mesma forma, na Inglaterra e nos Estados Unidos, aquele que não guarda o domingo é afastado da boa sociedade. Entre os judeus, a posição dos incircuncisos era ainda pior: o contato com uma pessoa nessa situação era, aos seus olhos, uma coisa insuportável; a circuncisão afigurava-se-lhes uma obrigação para quem quisesse viver como eles.[12] Aquele que não se submetesse a isto era uma pessoa inferior, uma espécie de animal impuro que se evitava, um miserável com quem um homem bem-relacionado não podia ter relações. Nestes fatos, o grande dualismo que existe no seio do judaísmo revelava-se.

A Lei, essencialmente restritiva, feita para isolar, era de um espírito muito diferente da dos profetas, que sonhavam com a conversão do mundo e com os mais largos horizontes. Duas palavras da língua talmúdica mostram bem essa diferença: a *agada*, oposta à *halaka*, indica a pregação popular, visando converter os pagãos, em oposição à casuística dos sábios, que trata apenas da execução rigorosa da Lei, sem ter o intuito de converter ninguém. Os Evangelhos são *agadas*, para falar a linguagem do Talmude; o *Talmude* é, ao inverso, a última expressão da *halaka*. A *agada* conquistou o mundo e fez o cristianismo; a *halaka* foi a fonte do judaísmo ortodoxo, que ainda permanece sem querer espalhar-se. A *agada* apresenta-se como uma coisa principalmente galiléia; a *halaka* é, sobretudo, hierosolimitana. Jesus, Hillel, os autores de apocalipses e de apócrifos, são *agadistas*, discípulos dos profetas,

[11] Suetônio, *Domite*, 12.

[12] Josefo, *Vita*, 23.

herdeiros das suas aspirações infinitas; Xamai, os talmudistas, os judeus posteriores à destruição de Jerusalém, são *halakistas*, seguidores da Lei com as suas exatas observâncias. Veremos como, até a crise decisiva do ano 70, o fanatismo da Lei vai progredindo todos os dias e, na véspera do grande desastre da nação, liquida por uma espécie de reação contra as doutrinas de Paulo, essas "dezoito medidas que tornam daí em diante impossível todas as relações entre os judeus e os não-judeus e abrem a triste história do judaísmo fechado, odiento e odiado, que foi o judaísmo da Idade Média e é ainda o do Oriente".

Para o cristianismo nascente, este era o ponto de que dependia o seu futuro.[13] Imporia ou não o judaísmo os seus ritos específicos às multidões que o aceitavam? Seria criada uma distinção entre fundo monoteísta que constituía a sua natureza e os preceitos que o sobrecarregavam? Se triunfasse a primeira, como o desejavam os xamaístas, a propaganda judaica era coisa acabada. No sentido estreito da palavra, o mundo nunca seria judeu. O que fazia a atração do judaísmo não eram os ritos semelhantes, em princípio, das outras religiões, mas sim a sua simplicidade teológica. Considerava-se como um deísmo ou uma filosofia religiosa; efetivamente, no pensamento de um Fílon, por exemplo, o judaísmo tinha-se associado admiravelmente às especulações filosóficas; entre os essênios assumiu a forma de utopia social; para o autor do poema atribuído a Fócilide,[14] tornou-se um simples catecismo de bom senso e honestidade; para o autor do tratado do *Império da Razão*[15] uma espécie de estoicismo. Como todas as religiões fundadas inicialmente sobre a casta e a tribo, o judaísmo vivia reprimido por práticas destinadas a isolar o crente do resto do mundo, práticas que não seriam mais que um obstáculo no dia em que o judaísmo aspirasse a tornar-se a religião universal, sem exclusão nem separação. Assim, era como deísmo e não como mosaísmo que podia tornar-se a religião universal da humanidade. "Ama todos os homens", dizia Hillel, "e aproxima-os da Lei; não faças aos outros o que não queres que façam a ti. Nisto se resume a lei, o resto é

[13] *Atos*, X, 13-15.

[14] Jacob Bernays, *Ueber das phokylideische Gedicht* (Berlim, 1856).

[15] Entre as obras de Josefo.

comentário".[16] Lendo os tratados de Fílon, intitulados *Da vida contemplativa* ou *Como todo o homem honesto é livre*; lendo inclusive certas passagens dos versos sibilinos, escritos por judeus,[17] somos levado a uma seqüência de idéias que não tem nada de especialmente judaico, num mundo de misticismo geral que não é mais judaico do que budista ou pitagórico. O pseudo-Focíclides vai até a supressão da festa do sábado! A impressão que se tem é de que todos estes homens desejosos pelo aperfeiçoamento da humanidade, queriam reduzir o judaísmo a uma moral geral, desembaraçá-lo de tudo quanto o tornava um culto restrito.

Três razões principais limitavam o judaísmo: a circuncisão, a proibição dos casamentos mistos e a distinção das carnes permitidas e proibidas. Para os adultos, a circuncisão era uma cerimônia dolorosa, perigosa e muito desagradável, sendo uma das razões que impediam aos judeus a vida comum, fazendo deles uma casta à parte.[18] Nos banhos e nos ginásios, lugares importantes das cidades antigas, a circuncisão expunha o judeu a toda espécie de afrontas. Cada vez que a atenção dos gregos e dos romanos era chamada para este assunto, rompia a explosão de zombarias. Nesse aspecto os judeus eram muito sensíveis e vingavam-se em cruéis represálias.[19] Muitos, para fugirem ao ridículo e visando passar por gregos, procuravam dissimular a marca original como uma operação cirúrgica,[20] que Celso detalhava.[21] Com relação aos convertidos, que aceitavam esta cerimônia de iniciação, apenas tinham um partido a tomar, ou seja, o de se esconder para fugir às humilhações.

[16] Pirké Aboth, I, 12: Talm. de Bab., *Schabbatho*, 31 *a*.

[17] *Carmina sibyll*., III, 213 e seg. Cf. Estrabão, XVI, II, 33-37. É notável que o pseudo-Focéclides, o pseudo-Heráclito, a falsa sibila não têm nenhum escrúpulo em utilizar expressões pagãs.

[18] Tác., *Hist*., V, 5. Cf. Estrabão, XVI, II, 37.

[19] Veja-se a terrível punição que pretendem ter-se cometido contra Ápion, por ele ter ridicularizado a circuncisão. Josefo, *Contre Ap*., II, 13.

[20] I *Macch*., I, 15; I Cor., VII, 18; Jos., *Ant*., XII, V, 1; Martial, VII, XXIX (XXX), 5; Talm. de Bab., *Jebamoth*, 72 *a*; Talm. de Jer., *Jebamoth*, VIII, 1; Buxfort, *Lex. chald., talm., rabb*.

[21] *De medic*., VII, 25. Cf. *Dioscoride*, IV, 157; Epifânio, *De Mensuris et Ponderibus*, 16.

Em todo mundo, nunca um homem se resignou a essa tal situação e é esta, sem dúvida, a razão porque as conversões ao judaísmo eram muito mais numerosas entre as mulheres que entre os homens,[22] pois aquelas não precisam suportar uma prova tão dolorosa e incômoda em todos os sentidos. Existem muitos exemplos de judias casadas com pagãos mas nenhum de judeu casado com uma pagã e por isso ocorriam as desordens domésticas, fazendo-se urgente a necessidade de uma casuística ampla, que viesse trazer a paz a estes casais sempre perturbados. Os casamentos mistos originavam as mesmas dificuldades. Os judeus os consideravam como pura sexualidade;[23] era o crime que os *kanaïm* puniam com o punhal, precisamente porque a Lei, não os atingindo com nenhuma punição determinada, deixava a repressão ao encargo dos mais cuidadosos.[24] Mesmo unidos pela fé e pelo amor de Cristo, dois cristãos podiam ser impedidos de contrair casamento. O israelita convertido a Jesus, que quisesse esposar uma irmã de raça grega, ouvia esta união receber os nomes mais ultrajantes.[25]

Não tinham menores conseqüências as prescrições sobre as carnes puras e impuras, podendo-se julgar isso pelo que ocorre em nossos dias: não estando nos costumes atuais a nudez, a circuncisão perdeu, para os israelitas, todos os seus inconvenientes. Porém, a necessidade de comidas diferentes continuou a ser um problema para eles. Os que são rigorosos obrigam a não comer em casa dos cristãos e, por conseqüência, a isolarem-se da sociedade em geral. Ainda hoje, este preceito é a causa principal do judaísmo continuar, em muitos países, como sendo seita fechada. Em países isolados, em que os israelitas não estão isolados do resto da nação, há sempre motivo para escândalo; para o compreender basta ter visto a que

[22] Jocefo, *B. J*., II, XX, 2. Cf. Derembourg, *Palestine, d'aprés les Thalmuds*, I, p. 223, notas, e em *Forschungen der wiss - talm Vereins*, nº 14, 1867 (Beilage zu *Ben Chananja*, nº 6), p. 190: *Atos*, XIII, 50; XVI, 1.

[23] *Gén*., XXXIV, 14 e seg.; *Êxodo*, XXXIV, 16; *Números*, XXV; *Deuter*., VII, 3 e seg.; *I Reis*, XI, 1 e seg.: *Esdras*, X; *Neemias*, XIII, 23 e seg.; Talm. de Jer., *Megilla*, IV, 10.

[24] Mixna, *Sanhedrin*, IX, 6. Cf. *Números*, XXV, 13.

[25] Comp. I *Cor*., VII.

ponto os judeus puritanos, que chegam da Alemanha ou da Polônia, se impressionam com as licenças que os seus correligionários se permitem deste lado do Reno. Nas cidades como Salônica, em que a maioria da população é judaica e domina a riqueza, as relações contínuas da sociedade são impossíveis.

Desde a antiguidade estes impecilhos eram lamentados.[26] Uma lei judaica, resquício dos séculos passados, durante os quais os cuidados higiênicos constituíram uma parte considerável da legislação religiosa, feria o povo com uma nota infamante, que não tinha sentido na Europa. Esta velha antipatia, vestígio de uma origem oriental, afigurava-se infantil aos gregos e aos romanos.[27] Um grande número de outras prescrições vinha de uma época em que uma das preocupações dos civilizadores foi impedir os seus subordinados de alimentarem-se de coisas imundas, e tocar em corpos decompostos. A higiene do casamento era para as mulheres um código de impurezas legais muito difícil, sendo natural nesta espécie de prescrições sobreviverem ao tempo em que tiveram razão de existir, e tornarem-se tão incômodas quanto elas possam ter sido, na sua origem, boas e saudáveis.

Um aspecto particular dava às prescrições sobre as carnes um caráter de gravidade: as carnes oriundas dos sacrifícios realizados aos deuses eram consideradas impuras.[28] Muitas vezes estas carnes, depois dos sacrifícios, eram levadas ao mercado,[29] onde se tornava impossível distingui-las. Disto resultavam escrúpulos inextricáveis. Os judeus severos não consideravam correto comprá-las indistintamente no mercado; queriam que se questionasse o vendedor sobre a sua origem, e que antes de aceitar a comida o hospedeiro fosse perguntado sobre a maneira como tinha feito as suas compras.[30] Impor esta pesada casuística aos neófitos era, evidentemente, inutilizar tudo. O cristianismo não teria sido o cristianismo se, como o judaísmo atual, fosse obrigado a criar

[26] *Cor.*, X, 25 e seg.; Tác., *Hist.*, V.

[27] Fílon, *Leg. ad Caium*, § 45; Estrabão, XVI, II, 37.

[28] *Êxodo*, XXXIV, 15; Mixna, *Aboda zara*, II, 3.

[29] Teofrasto, *Caract.*, IX; Sérvio, *ad Aeneid.*, VIII, 183.

[30] I *Cor.*, VIII, 4 e seg., X, 25 e seg.

cortes separados, e o cristão não tivesse, sem violar os seus deveres, podido comer com os outros homens. Quando vemos com quais dificuldades as religiões sobrecarregadas de prescrições como essas dificultam a vida;[31] quando vemos, no Oriente, o judeu e o muçulmano, separados pela sua religião como por uma muralha, do mundo europeu onde poderiam situar-se, devido a preceitos rituais, entende-se a imensa importância das questões que se decidiam nesse momento a que nos reportamos. Consistia-se em saber se o cristianismo seria uma religião formalista, ritual, uma religião de abluções, de separações entre coisas puras e impuras, ou se seria a religião do espírito, o culto idealista que matou ou irá matando, pouco a pouco, o materialismo religioso, todas as práticas, todas as cerimônias. Explicando melhor, tratava-se de saber se o cristianismo seria uma pequena seita ou uma religião universal; se o pensamento de Jesus seria anulado pela incapacidade dos seus discípulos, ou se esse pensamento, sua própria força, triunfaria sobre o preconceito de alguns espíritos estreitos e atrasados, que estavam quase a substituir-se a ele e a esquecê-lo.

A missão de Paulo e de Barnabé tinha colocado essa questão com tal força, que não havia meio de recuar frente uma solução. Paulo que no primeiro período da sua pregação tinha, ao que parece, defendido a circuncisão,[32] declara-a agora inútil. Aceitara, de repente, pagãos na igreja; formava igrejas com pagãos; Tito, seu amigo íntimo, não era circuncidado. A igreja de Jerusalém não podia continuar cega sobre fatos tão visíveis. Em geral, nesse ponto, essa igreja era hesitante ou favorável ao partido mais retrógado e o Senado conservador estava com ela. Vizinhos do templo, em contato perpétuo com os fariseus, os velhos apóstolos, espíritos ignorantes e tímidos, não se sujeitavam às teorias profundamente revolucionárias de Paulo. Além disso, muitos fariseus tinham abraçado o cristianismo sem abdicarem aos princípios

[31] Menciona-se como exemplo os metualis da Síria, reduzidos ao mais sombrio fanatismo pela obrigação de destruir toda a baixela e desarranjar toda a casa se nela entrar um cristão.

[32] Parece resultar assim de II *Cor.*, V, 16; *Gál.*, V, 11, observando a força de ετι.

essenciais da sua seita.[33] Para esses, supor que alguém se podia salvar sem a circuncisão era uma blasfêmia. A Lei, acreditavam, havia de subsistir completa. Diziam-lhes que a tarefa de Jesus era aperfeiçoá-la e não aboli-la. O privilégio dos filhos de Abraão afigurava-se-lhes inatacável; os pagãos não podiam entrar no reino de Deus sem, de início, estarem filiados na família de Abraão; em uma palavra, antes de se ser cristão era necessário fazer-se judeu. Jamais o cristianismo precisou resolver uma dúvida tão fundamental. Se se tivesse acreditado o partido judeu, os ágapes, o repasto em comum teria sido impossível; as duas partes da igreja de Jesus não teriam podido comunicar uma com a outra. A questão era mais grave ainda; do ponto de vista teológico, tratava-se de saber se a salvação viria pelas obras da Lei ou se pela graça de Jesus Cristo. Alguns membros da igreja da Judéia, tendo vindo a Antioquia, sem missão, ao que parece, do corpo apostólico,[34] provocaram a discussão[35] a obra de Jesus, declararam abertamente que não se poderia ser salvo sem a circuncisão. Aqui, é preciso recordar que os cristãos, que em Antioquia tinham um nome e uma individualidade característica, não a tinham em Jerusalém; o que não impedia que o que originava-se de Jerusalém tivesse muita força, pois lá residia o centro da autoridade. A impressão foi grande. Paulo e Barnabé resistiram com bravura. Ocorreram longas disputas. Para pôr-lhes um fim, decidiu-se que Paulo e Barnabé fossem a Jerusalém entender-se com os apóstolos e os anciãos a respeito.

Para Paulo, a questão tinha uma importância pessoal. A sua atuação, até ali, tinha sido quase totalmente independente. Permanecera apenas quinze dias em Jerusalém após a sua conversão e havia onze anos que ali não regressara.[36] Diante de muitos era uma espécie de herético, ensinando por sua conta própria e sem comunicação com o resto dos fiéis. Declarara sem assombro que tinha tido a sua revelação e o seu Evangelho. Aparentemente considerava-se que ir a Jerusalém era renunciar à sua liberdade, submeter o seu Evangelho ao da igreja-mãe, aprender de outrem o que ele sabia por uma revelação própria e pessoal. Não negava os direitos da igreja-mãe; mas não tinha total confiança nela, porque conhecia a obstinação de alguns dos seus membros. Manteve-se atento às suas precauções para não se deixar arrastar. Declarou que indo a Jerusalém não cedia a nenhuma ordem; fingiu mesmo, segundo lhe era habitual,[37] que obedecia a uma ordem do Céu e que tivera, a esse respeito, uma revelação.[38] Seu discípulo Tito, que partilhava todas as suas idéias e que não era circuncidado, foi seu companheiro de viagem,[39] junto com Barnabé.

A igreja de Antioquia determinou-lhes o trajeto pela estrada de Laodicéia-sobre-o-mar.[40] Seguiram a costa da Fenícia, atravessaram a Samaria, encontrando, a cada passo, irmãos a quem relatavam as maravilhas das conversões pagãs. Em todo canto existia uma grande satisfação. A chegada dos três em Jerusalém é um dos momentos mais solenes da história do cristianismo. O grande equívoco seria desfeito; os homens sobre quem repousava todo o futuro da nova religião, iriam encontrar-se face a face e da grandeza da sua alma, da firmeza do seu coração dependia o futuro da humanidade.

Após a morte de Cristo, dezoito anos tinham se passado. Os apóstolos tinham envelhecido; um deles sofrera o martírio; outros talvez estivessem mortos. Os membros já mortos do colégio apostólico não haviam sido substituídos e esse colégio extinguiu-se pouco a pouco. Havia se formado um colégio de anciãos ao lado dos apóstolos que participavam da sua autoridade.[41] A "igreja", depositária do Espírito Santo, era constituída pelos apóstolos, anciãos, e toda a confraria.[42] Entre os simples irmãos havia também

[33] *Atos*, XV, 5; XXI, 20.

[34] *Atos*, XV, 24. No mínimo, o cuidado com que se insiste neste ponto prova que se suspeitou muito de que tivessem alguma coisa.

[35] *Atos*, XV, 1-2.

[36] *Gál.*, II, 1. Pareceria mais natural dizer catorze anos. Mas, se não se contam os catorze anos a partir do momento da conversão (cf. *ibid.*, I, 17-18) cai-se em dificuldades de cronologia quase sem solução.

[37] Comp. *Atos*, XXVI, 16 etc.

[38] *Gál.*, II, 2.

[39] *Gál.*, II, 1-3.

[40] Hoje *Lattakié*.

[41] *Atos*, XV, 2, 22, 23; XXI, 18.

[42] *Atos*, XV, 4, 22.

graus.[43] A desigualdade era aceita; mas apenas a desigualdade moral; não se tratava de prerrogativas exteriores nem de vantagens materiais. Conforme se falava, as três principais "colunas" da comunidade eram sempre Pedro, Tiago, irmão do Senhor, e João, filho de Zebedeu.[44] Muitos galileus tinham desaparecido, sendo substituídos por pessoas pertencentes ao partido dos fariseus. "Fariseu" era sinônimo de "devoto"; e todos estes bons homens de Jerusalém eram também muito devotos. Não tendo o espírito, a sutileza, a elevação de Jesus, tinham caído depois da sua morte em uma espécie de beatice doentia, semelhante à que o Mestre combatera rigorosamente. Eram incapazes de ironia; quase tinham esquecido as eloqüentes investidas de Jesus contra os hipócritas. Alguns tornaram-se talapões judeus, à maneira de João Batista e de Banon, sempre entregues às práticas e contra os quais Jesus, se vivesse ainda, não cessaria de dirigir as suas ironias.

Em especial, Tiago, cognominado o Justo,[45] ou "irmão do Senhor", era um dos mais rígidos observadores da Lei.[46] Segundo certas tradições, muito duvidosas é verdade, era considerado um asceta, praticando todas as abstinências nazarenas, mantendo o celibato,[47] não bebendo nenhum licor excitante, abstendo-se da carne, jamais cortando os cabelos, interdizendo-se as unturas e os banhos, não usando sandálias nem roupas de lã, vestindo-se de tecido de linho.[48] Tudo isso era contrário ao pensamento de Jesus que, pelo menos depois da morte de João Batista, tinha declarado completamente inúteis essas prescrições. As abstinências, permitidas em certos ramos do judaísmo,[49] tornam-se moda e formam a característica dominante da fração da igreja que mais tarde se ligaria a um pretendido Ébion.[50] Os judeus puros eram contrários a estas abstinências;[51] mas os prosélitos, principalmente as mulheres, tinham para elas grande inclinação.[52] Conta-se que Tiago não saía do templo; permanecia aí, sozinho, em longas horas de orações, tendo os seus joelhos já contraído calos, como os dos camelos. Acreditava-se que lá passava o seu tempo, à maneira de Jeremias, penitenciando-se pelo povo, a chorar os pecados do povo e a desviar os castigos que o ameaçavam. Para realizar milagres bastava que levantasse as mãos ao céu.[53] Chamavam-no o Justo e também *Obliam*, isto é, "amparo do povo",[54] porque acreditavam que eram as suas orações que impediam que a cólera divina arrebatasse tudo.[55] Afirma-se que os judeus tinham por ele quase a mesma

---

[43] *Atos*, XV, 22.

[44] *Gál.*, II, 9; Clem. Rom., *Epist. I ad Cor.*, 5.

[45] É provável que este nome lhe tenha sido dado apenas depois da sua morte, por alusão ao versículo de Isaías, III, 10, como o apresentam os Setenta, e ao seu nome de *Obliam*. Hegesipo, efetivamente, indica o confronto pondo em estreita conexão os nomes de *Dicaios* e *Oblias* acrescenta *Os oi prophetai*.

[46] Jos., *Ant.*, XX, IX, 1.

[47] Este fato parece estar em contradição com I *Cor.*, IX, 5, e mostra que todo este retrato conservado por Hegesipo e por Santo Epifânio é em parte composto com traços *a priori*.

[48] Hegesipo, em Eusébio, *Hist. eccl.*, II, 23; Eusébio. *H. E.*, II, 1; *Epif. haer.*, LXVIII, 7, 13-14; S. Jerônimo, *De Viris Ill.*, 2; *Comom. in Gál.*, I, 19; *Adv. Jovin.*, I, col. 182 (Martianay); pseudo-Abdias, *Hist. apost.*, VI, 5. Cf. Evangelho dos Nazarenos, em S. Jerônimo. *De Viris Illustr.*, 2. Reconhece-se nessas curiosas passagens o eco e muitas vezes os extratos textuais de uma lenda judaico-cristã, que busca exagerar o papel de Tiago e transformá-lo em um sumo sacerdote judeu. Porém, a passagem *Atos*, XXI, 23 e seg. mostra o gosto de Tiago pelos votos e pelas práticas externas. A epístola que se lhe atribui oferece também um certo caráter ascético.

[49] Daniel, I, 8, 12; Tobias, I, 12 e seg.; Josefo, *Vita*, 2-3. Veja-se o que diz respeito aos essênios e aos pretensos terapeutas em Fílon e em Josefo, e as reflexões de Eusébio sobre este assunto (*Hist. eccl.*, II, 17).

[50] *Epif. haer.*, XXX, 15-16; *Homil. pseudo-Clem.*, VIII, 15; XII, 1, 6; XIV, 1; XV, 6. Cf. *Rom.*, ch. XIV; Clemente de Alexandria, *Paedag.*, II, 1.

[51] Talm. de Jer., *Nazir*, I, 6.

[52] Mixna, *Nazir*, III, 6; VI, 11; Jos., *B. J.*, II, XV, 1.

[53] *Epif. haer.*, LXXVIII, 14.

[54] Talvez "união do povo". É provável que este título exprimisse inicialmente o seu papel na sociedade cristã; depois a lenda judaico-cristã teria atribuído a Tiago influência em toda a sociedade judaica.

[55] Hegesipo, *loc. cit.*; Josefo, *Ant.*, XX, IX, 1, passagem que parece ser bem autêntica. O que, em contrário, acrescentam Orígenes (*Comm. in Math.*, tomos X, § 17, e *Contra Celso*, I, § 47; II, § 13), Eusébio (*H. E.*, II, 23; Dern. ev., 111, 23), S. Jerónimo (De Viris Illustr., 2, Adv. Jovin, 1. c.) é o resultado de um erro de Origenes ou de uma interpolação.

adoração que os cristãos.[56] Se este homem singular foi realmente o irmão de Jesus, foi decerto um dos seus irmãos inimigos que o renegaram e quiseram aprisionar;[57] e é, talvez, a estas lembranças que, irritado por um espírito tão tímido, Paulo aludia quando exclamava, a propósito dessas colunas da igreja de Jerusalém: "pouco me importa o que eles foram outrora! Deus não faz acepção de pessoas".[58] Judas, irmão de Tiago, ao que parece, fechava com ele em inteira conformidade de idéias.[59]

Resumindo, a igreja de Jerusalém tinha-se afastado cada vez mais do espírito de Jesus. O peso do judaísmo a destruía. Jerusalém era, para a nova fé, um meio corrupto que acabaria por perdê-la. Nesta capital do judaísmo era muito difícil não ser judeu. Por isso os homens jovens, como Paulo, evitavam quase sistematicamente residir lá. Porém obrigados, sob pena de se separarem da igreja primitiva a vir conversar com os seus anciãos, encontravam-se constrangidos, correndo assim um grande perigo a sua obra que não podia viver senão pela harmonia e pela abnegação.

A conversa foi, com efeito, longa e embaraçosa.[60] De início

---

[56] Hegesipo, *loc. cit.*; *Epiph. haer.*, LXXVII, 14.

[57] Veja-se a *Vida de Jesus*.

[58] *Gál.*, II, 6.

[59] *Jud.*, 1 e toda a epístola. Cf. *Mat.*, XIII. 55; *Marcos*, VI, 3.

[60] A história deste episódio é-nos revelada por duas descrições, *Atos*, XV e *Gál.*, II. Estas duas narrativas apresentam divergências muito importantes. Para reconstituir com mais exatidão os fatos, é a de Paulo que deve ser escolhida. O autor dos *Atos* escreve sob o impulso de uma grande preocupação política. Do ponto de vista doutrinário é pelo partido dos pagãos; mas a respeito das questões pessoais é mais reservado que São Paulo; pretende apagar as divergências que existiam; enfim, pretende basear a teoria que tendia a prevalecer sobre o poder da assembléia da igreja. Atribui-lhe assim um caráter conciliatório que não teve, como se pretende, e a Paulo uma docilidade contra a qual ele protesta (comp. *Atos*, XV, 41; XVI, 4, em *Gál.*, Caps. I e II). Paulo preocupa-se com duas idéias fixas: primeiro pôr os direitos das Igrejas pagãs fora de toda a contestação; em Segundo lugar, estabelecer claramente que nada recebeu dos apóstolos, nem nada com eles aprendeu. A razão única de ter vindo a Jerusalém era pois somente o reconhecimento da autoridade da Igreja de Jerusalém. As duas narrativas precisam pois de ser combinadas, modificadas e conciliadas.

escutou-se com deferência a descrição que Paulo e Barnabé fizeram das suas missões; porque todos, mesmo os mais ajudaízados, estavam de acordo em que a conversão dos pagãos era o grande presságio do Messias.[61] A curiosidade de conhecer o homem de que tanto se falava e que tinha conduzido a seita para uma via nova, foi a princípio muito intensa. Glorificava-se Deus por ter feito um apóstolo de um perseguidor.[62] Mas quando chegou a ocasião de se discutir a circuncisão e a obediência à Lei, a divergência estourou com toda a intensidade. O partido farisaico afirmou as suas pretensões da maneira mais absoluta. O partido da emancipação respondia com estranha energia. Citava inúmeros exemplos em que incircunsos tinham recebido o Espírito Santo. Se Deus não fazia distinção entre pagãos e judeus, como teria a audácia de o fazer por ele? Como considerar impuro o que Deus tenha purificado? Para que impor aos neófitos uma opressão que a raça de Israel não pudera suportar? É por Jesus que se é salvo e não pela Lei.[63] Confirmando esta tese, Paulo e Barnabé narravam os milagres realizados por Deus para a conversação dos pagãos.[64] Os fariseus objetavam, com a mesma força, que a Lei não estava abolida, ninguém tinha cessado de ser judeu, e as obrigações do judeu continuavam as mesmas. Recusavam-se a se relaciona com Tito, que era incircunciso, tratando Paulo como infiel e inimigo da Lei.

Na história das origens do cristianismo, ressalta-se como o fato mais admirável que essa divisão profunda, radical, versando um ponto da máxima importância, não ocasionasse, na igreja, uma ruptura completa que fosse a sua ruína. Se o espírito de Paulo fosse fraco e exagerado, teria tido a melhor ocasião de se mostrar; ao contrário, tudo relevou o seu bom senso prático, a sua educação e grande observação. Os dois partidos foram, um para com o outro, rigorosos, cheios de entusiasmo, quase grosseiros; ninguém abriu mão à sua opinião, nada ficando resolvido; apesar disso todos continuaram unidos para a obra comum. Um laço divino, o amor

---

[61] *Atos*, XV, 4, 14-18.

[62] *Gál.*, I, 23-24.

[63] *Atos*, XV, 7 e seg.

[64] *Atos*, XV, 12.

que todos tinham por Jesus, a saudade que ele deixara em todos, foi mais forte do que todas as divisões. A maior divergência, a mais grave que se produziu no seio da igreja, não ocasionou sequer uma excomunhão. No entanto, essa grandiosa lição os séculos seguintes não saberão de maneira nenhuma aproveitar!

Paulo compreendeu que nas assembléias repletas e apaixonadas jamais venceria, que os espíritos tímidos levariam sempre vantagem sobre ele e que o judaísmo era forte demais em Jerusalém para que se pudesse esperar dele uma concessão de princípios. Tratou de falar em particular a todos os personagens consideráveis, especialmente a Pedro, Tiago e João.[65] Pedro, como todos os homens que vivem por uma grande elevação de sentimento, era indiferente às questões do partido pois estas disputas incomodavam-no; desejava a união, a concórdia, a paz. O seu espírito tímido e pouco instruído dificilmente se separava do judaísmo; teria desejado que os novos convertidos aceitassem a circuncisão, mas não via a possibilidade de uma tal solução. As naturezas profundamente boas são sempre indecisas; são por vezes levadas à dissimulação; querem contentar toda a gente; nenhuma questão de princípios lhes parece ter da paz, sendo impelidas pelos diferentes partidos a palavras e a fatos contraditórios. Algumas ocasiões Pedro cometera essa pequena falta: com Paulo, era pelos incircuncisos; com os judeus severos, pela circuncisão. A alma de Paulo era tão grande, tão livre, tão cheia do espírito novo que Jesus viera trazer à Terra, que Pedro não conseguia deixar de simpatizar com ele e assim nutriam um pelo outro uma grande amizade, e quando estavam juntos dividiam entre si, como soberanos do futuro, o mundo inteiro.

No término de uma das suas conversões Paulo, com o exagero de linguagem e o entusiasmo que lhe eram habituais, disse a Pedro: "Podemos chegar a um acordo: tu ficas com o Evangelho da circuncisão, eu com o Evangelho do prepúcio". Tempos depois Paulo justificou estas palavras como uma convenção regular que teria sido aceita por todos os apóstolos.[66] É difícil acreditar que Pedro e

[65] *Gál.*, II, 2 e seg. A narrativa de Paulo não exclui a possibilidade de outras reuniões; mas sim a idéia de que a questão tenha sido tratada e resolvida em uma reunião.

[66] *Gál.*, II, 7-8; II, *Cor.*, X, 13-16; *Rom.*, XI, 13; XV, 14-16.

Paulo ousassem repetir, longe das suas conversas reservadas, qualquer palavra que viesse magoar assim, tão profundamente, as pretensões de Tiago e talvez mesmo de João. Embora com estas reservas, tais palavras foram pronunciadas. Esses amplos horizontes, que não eram de modo algum os de Jerusalém, impressionavam a alma entusiasta de Pedro. Paulo exerceu sobre ele uma grande influência e acabou por o conquistar completamente. Até esse momento Pedro pouco viajara; suas visitas pastorais nunca tinham se estendido além da Palestina e já devia ter perto de cinqüenta anos. A paixão de Paulo pelas viagens, as descrições das suas excursões apostólicas, os projetos que lhe contara para o futuro, tudo isto ia reacendendo em Pedro o desejo de o imitar. Assim Pedro parte de Jerusalém e se entrega, por sua vez, à vida errante do apostolado.

Tiago, com a santidade de um sabedor tão equívoco, era o diretor do partido judaizante.[67] Graças a ele tinham se realizado quase todas as conversões de fariseus;[68] impunham-se-lhes pois as exigências deste partido.[69] Estima-se que não fez nenhuma concessão com relação aos princípios dogmáticos; contudo, iniciou-se uma opinião moderada e conciliatória. Admite-se até a legitimidade da conversão dos pagãos; declara-se que é vão inquietá-los no que diz respeito à circuncisão, que era apenas necessário manter algumas prescrições sobre a moral, prescrições que não podiam extinguir-se sem que isto ocasionasse profundas impressões nos judeus.[70] Para acalmar o partido dos fariseus, fazia-se notar que a existência da Lei não tinha compromisso com isso, que Moisés tinha, desde tempo imemorial, e teria sempre quem o lesse nas sinagogas.[71] Os judeus convertidos ficaram assim submetidos a toda a Lei, e a isenção

[67] *Atos*, XXI, 18 e seg.; *Gál.*, IIs, 12.

[68] Hegesipo, em *Eus.*, *HE.*, II, 23.

[69] Referem-se a *pareisactoi psedadelphoi* de *Gál.*, II, 4.

[70] *Atos*, XV, 13-21.

[71] É este o sentido do versículo XV, 21. Os fariseus não entendiam que a Lei devia se aplicar a todas as pessoas; o que era essencial aos seus olhos era que houvesse sempre uma tribo santa que a observasse e fosse, como exemplo a realização viva do ideal revelado.

existia apenas para os pagãos convertidos.[72] Nas relações entre uns e outros devia-se evitar ferir os que tinham idéias mais tímidas. É provável que foram os espíritos moderados, os autores desta transição um pouco contraditória[73] que aconselharam Paulo a que induzisse Tito a deixar-se circuncidar, pois Tito realmente tornara-se um dos principais obstáculos da situação. Os fariseus convertidos de Jerusalém suportavam a idéia de que, muito distante deles, em Antioquia ou no fundo da Ásia Menor, existissem cristãos incircuncisos. No entanto, vê-los em Jerusalém, ser obrigado a tratar com eles e a cometer assim uma flagrante violação dessa Lei que eles amavam do fundo do seu ser, eis o que não podiam aceitar.

Com infinitas precauções, Paulo acolheu esse pedido. Ficou esclarecido que não era como uma necessidade que se pedia a circuncisão de Tito; que Tito manteria-se cristão mesmo que não desejasse essa cerimônia, mas que lhe era solicitada como um sinal de condescendência para com irmãos cuja consciência estava ainda pura e que, do contrário, não poderiam relacionar-se com ele. Paulo concedeu, mas não sem duras palavras contra os autores de tal exigência, "esses intrusos que não tinham vindo para a igreja senão para diminuir as liberdades criadas por Jesus".[74] Argumentou que não submetia a sua opinião à deles, que a concessão que fazia era apenas por aquela vez e tendo em vista o bem da paz. Foi com essas reservas que deu o seu consentimento e que Tito se circuncidou. Esta transigência muito custou a Paulo, e o período em que dela nos fala é um dos mais originais que escreveu. A palavra que tanto lhe custa, parece não querer ser escrita. À primeira vista, a frase parece dizer que Tito não se circuncidou, implicando ao mesmo tempo que realmente o foi.[75] A lembrança desse penoso momento perse-

[72] Comp. *Atos*, XXI, 20 e seg.

[73] Comp. *Atos*, XXI, 20-23.

[74] *Gál.*, II, 4.

[75] *Gál.*, II, 3-5. É este o sentido: "Se realmente Tito se Tito se circuncidou, não foi porque a isso eu o forçasse. Foi por causa dos falsos irmãos,... aos quais podemos ceder um momento, mas não submeter-nos em princípio". Este jogo de negações é conforme o uso hebraico. Comp. *rom.*, XV, 18. A oposição de troa oram e de explicação. Se ela se não adaptar, o versículo 5 é um contra-senso. Cf. Tertuliano, Contra blárcion, conduta de Paulo nesta circunstância, se foi como a supomos, ajusta-se

guia-o insistentemente: esta aparência de regresso ao judaísmo significava-lhe, por vezes, a renegação de Jesus; procurava acalmar dizendo: "Fui judeu com os judeus para conquistar os judeus".[76] Como todos os homens amantes das idéias, Paulo preocupava-se pouco com as formalidades. Via como tudo era vão, tudo que não fossem as coisas do espírito e, quando se tratasse dos interesses supremos da consciência, abandonava o restante.[77]

A concessão principal que a circuncisão de Tito implicava, desarmou muitas oposições. Convencionou-se que, nos países distantes em que os novos corvertidos não tivessem relações ininterruptas com os judeus, bastaria a abstinência do sangue, assim como das carnes oferecidas em sacrifício aos deuses, e que as mesmas leis dos judeus sobre o casamento e as relações dos dois sexos fossem seguidas.[78] Era livre a utilização da carne de porco, cuja interdição, em toda a parte assinalava o judaísmo. Era mais ou menos o conjunto de preceitos noáquicos, isto é, que se supunha terem sido revelados a Noé e que tinham sido impostos a todos os prosélitos.[79] A idéia de que a vida reside no sangue, que o sangue é

bem aos *Atos*, XVI, 3; XXI, 20 e seg., a *Cor*, IX, 20 e seg.; e a *Rom.*, XIV; XV, 1 e seg.

[76] I *Cor.*, IX, 20.

[77] Veja-se a sua resposta com relação às carnes sacrificadas aos ídolos. I *Cor.*, VIII., 4 e seg.: X, 10 e seg.

[78] *Atos*, XV, 28 e seg. Comp., *Atos*, XXI. 25; *Apoc.*, II, 14, 20; pseudo-Fóclides, em 175 e seg.; pseudo-Heráclito, 7ª carta (devida a mãe judia ou cristã), linha 85 (edição de Bernays); pseudo-Clemente, *Homil.*, VII, 4, 8; *Recogn.*, I, 30: IV, 36; VI, 10; 1X, 29; *Constit. Apost.*, VI, 12; *Cânones Apost.*, cânone 63, (Lagar); carta das igrejas de Lião e de Viena, em Eusébio, *H.E.*, V, 1; Tertuliano, *Apol.* 9; *Minutius Felix*, 30. Sobre o significado da palavra *torneia*, comp. I *Cor.*, V, 1, e *Levit.*, XVIII. Esta palavra não pode significar apenas casamentos mistos; cf. I *Cor.*, VII. A interdição de comer sangue caiu rapidamente em desuso entre os latinos (Santo Agostinho *Contra Faustum*, XXXII, 13). Mas conserva-se entre os gregos (conc. de Gangres, cânone 18); Notícias de Leão, *o Filósofo*, const. 58; Harmenópulo, *Epitome Canomum*, sect. V, tit. V, nº 14, pp. 65-66 (Frecher), Cotelier, *Eccl. Graecae Monum.*, t. III, pp. 504-505, 668-669; De Santo Teodoro, em 253, em Werendorf, *Manuelis Philae Carmina Graeca*, p. 46.

[79] Talm. de Bab., *Sanedrin*, 56 b.

a própria alma, inspirava aos judeus um grande asco pelas carnes não-sangradas e para eles abster-se delas era um preceito de religião natural.[80] Achava-se que os demônios eram ávidos por sangue, de forma que comendo carne ensanguentada, corria-se o risco de juntamente com o pedaço que se colocasse à boca, engolir um demônio.[81] Nessa época, um homem que escreve sob o nome usurpado do célebre moralista grego Fóclides um pequeno curso de moral natural judaica, simplificada à maneira dos não-judeus,[82] chega a soluções parecidas. Este honesto falsário não tem intuito de converter o leitor ao judaísmo; procura apenas passar-lhe "preceitos noáquicos" e algumas regras muito brandas sobre as carnes e o casamento. As primeiras dessas regras reduzem-se, para ele, a conselhos de higiene e de boa alimentação, à abstinência de coisas nojentas ou podres; as segundas dizem respeito à regularidade e pureza das relações sexuais,[83] o que sobra do ritual judeu é quase nada.

Mesmo assim, o que foi acordado na assembléia de Jerusalém não o foi sequer senão de viva voz, não sendo discutido de uma maneira clara, pois muitas vezes é esquecido.[84] Não era ainda desse

[80] *Gênese*, IX, 4; *Levit*., XVII, 14; Livro de Jubileus, e. 7 (Wald, Jahrb., anos 2 e 3).

[81] Orígenes, *Contra Celso*, VIII, 30.

[82] *Poema noueticou*, em 139, 145, 147, 148 (Bernays, *Ueber das phokyl*, *Gedichit*). A correspondência apócrifa de Heráclito, escrita na sua maioria no primeiro século da nossa era, mostra uma tendência semelhante. Cf. J. Bernays, *Die Heraklitchen Brief* (Berlim, 1869), pp. 26 e seg., 68, 72 e seg.

[83] *Poema nouetificou*, em 175 e seg.

[84] Comp. principalmente *Atos*, XV, 20, e I *Cor*., VIII-X. É impossível a autenticidade textual do decreto transcrito. *Atos*, XV, 23-29, em primeiro lugar porque São Paulo, *Gál*., II, teria citado esse decreto se ele tivesse existido; 2º porque *Gál*., II, 12 e seg., não tem nenhuma orientação de um tal decreto; 3º porque o que se descreve em *Atos*, XXI, 18 e seg., e mesmo XVI, 3, não se explicariam com essa hipótese; 4º, porque a doutrina de Paulo sobre as carnes imoladas (1 Cor. VIII-X) está em contradição com o decreto; 5º, por que o partido judaico-cristão negou sempre a legitimidade de toda a revogação de uma parte da Lei, o que se não conceberia a questão tivesse sido canonicamente regulada por pessoas como Tiago e Pedro, cuja autoridade suprema foi sempre proclamada pelo partido judaico-cristão.

tempo a idéia de cânones dogmáticos, emanados de um concílio. Com um bom senso louvável, esses homens simples alcançaram o mais alto grau da política. Compreenderam que o único meio de fugir às grandes questões era não as resolver, seguir um termo médio que não satisfaz ninguém, deixar que os problemas se dissolvam e morram por já não terem razão de existir. Separaram-se todos a bem.

Paulo explicou a Pedro, Tiago e João o Evangelho que pregava aos gentios; e os três o aprovaram inteiramente, não encontrando nada a corrigir, nem a acrescentar.[85] Todos apertaram a mão de Paulo e Barnabé reconhecendo-lhes o seu direito divino e imediato ao apostolado do mundo pagão, e justamente uma espécie de graça particular para isso; que era o motivo especial da sua vocação. O título de apóstolo dos gentios que Paulo já se apropriara foi-lhe, ao que ele assegura,[86] oficialmente confirmado e sem dúvida se reconheceu, no mínimo por confissão tácita, o fato que ele muito considerava, de haver tido uma revelação especial, tão diretamente como os que tinham visto Jesus, isto é, que a sua visão do Caminho de Damasco valia tanto quanto às outras aparições do Cristo ressuscitado. Aos três representantes da igreja de Antioquia a única coisa que pediram foi que não esquecessem os pobres de Jerusalém, pois a igreja desta cidade, devido a sua organização comunista, aos seus encargos particulares e da miséria que reinava na Judéia, continuava a viver em circunstâncias adversa. Paulo e o seu grupo acolheram, com ardor, esta idéia. Esperavam, por uma espécie de contribuição, calar o partido hierosolimita intolerante e reconciliá-lo com o pensamento de que existiam igrejas de gentios. Por meio de um pequeno tributo, comprava-se a liberdade de espírito e ficava-se integrado com a igreja central, fora da qual ninguém ousava esperar salvação.[87] Solicitaram, para que nenhuma dúvida

[85] *Gál*., II, 2, 6 e seg. Cf. o *Kerugma* Paulo é citado pelo autor do *De non Iterando Baptismo*, em seguida às *Obras de S. Cipriano*, edição Rigault. Paris, 1648, apênd., p. 139.

[86] *Gál*., II, 7-9. É estimado que a lembrança de Paulo o servisse neste ponto, em harmonia com os interesses da sua tese e o induzisse em algum exagero.

[87] *Gál*., II, 2.

restasse sobre a reconciliação, que Paulo, Barnabé e Tito, ao voltar a Antioquia fossem acompanhados por dois dos principais membros da igreja de Jerusalém, Judas Bar-Saba e Silvano ou Silas, que tinham como tarefa reprovar a atitude dos irmãos da Judéia que haviam lançado a perturbação na igreja de Antioquia, e de prestar homenagem a Paulo e a Barnabé, aos quais se reconhecia os trabalhos e a dedicação. Judas e Silas tinham o ar de profetas; a sua linguagem inspirada foi extremamente apreciada na igreja de Antioquia. Silas gostou tanto desta atmosfera de vida e de liberdade que nunca mais voltou para Jerusalém. Judas retornou sozinho para os apóstolos e Silas juntou-se a Paulo, com laços de fraternidade cada vez mais estreitos.[88]

[88] *Atos*, XV, 22 e seg.

A lenta propagação do cristianismo — Sua entrada em Roma

Antes de iniciarmos esse capítulo, precisamos livrar-nos de uma ilusão quando se trata da propagação do cristianismo, é a de que esta propagação foi realizada por missões contínuas e por pregadores semelhantes aos missionários dos tempos atuais ocupados em andar de cidade em cidade. Paulo, Barnabé e seus companheiros foram os únicos que, por vezes, agiram desta maneira. O restante foi feito por trabalhadores cujos nomes caíram no esquecimento. Ao lado dos apóstolos que alcançaram a celebridade, existia um outro apostolado ignorado, cujos agentes não foram dogmatistas de profissão mas que foi igualmente eficaz. Nessa época, os judeus eram extremamente nômades. Mercadores, criados, pessoas de profissões sem relevância, todos corriam às grandes cidades do litoral exercendo o seu ofício. Ativos, laboriosos, honestos,[1] levaram consigo as suas idéias, seus bons exemplos, sua exaltação e dominavam essas populações, muito inferior, sob o ponto de vista religioso, de toda a supremacia que o homem entusiasta tem no meio dos indiferentes. Os nobres da seita cristã viajavam como os outros judeus, levando com eles a boa nova. Era uma espécie de pregação íntima e bem mais persuasiva que qualquer outra. Em toda parte, a doçura, a graça, o bom humor, a paciência dos novos crentes[2]

[1] Josefo, *Contra Ápion*, II, 39.
[2] *Atos*, XIII, 52 etc.

tornava-os bem-recebidos em toda a parte, cativando os corações. Assim, um dos primeiros lugares atingidos foi Roma.

A capital do Império ouviu o nome de Jesus muito antes que todos os países intermediários tivessem sido evangelizados, da mesma forma que uma alta colina se começa a iluminar quando ainda permanecem na treva os vales situados entre ela e o sol. Na verdade, Roma era o lugar que abrigava todos os cultos orientais,[3] o ponto do Mediterrâneo com que os sírios travavam mais relações. Chegavam aí em grupos muito numerosos e como todas as populações pobres, que invadem as grandes cidades para tentar fortuna, eram trabalhadores humildes. Em conjunto com eles desembarcaram muitos gregos, asiáticos, egípcios, todos falando grego, que foi durante três séculos[4] o idioma do mundo judeu e do mundo cristão de Roma.[5] O grego era em Roma o idioma do que havia de pior e de melhor, de mais sofisticado e de chulo. Retóricos, gramáticos, filósofos, pedagogos austeros, preceptores, criados, mercadores, artistas, cantores, dançarinos, operários, pregadores de novas seitas, heróis religiosos, todos falavam grego. A antiga burguesia romana perdia terreno, dia a dia, afogada como estava sob esta inundação de estrangeiros. É muito provável que desde o ano 50, alguns judeus da Síria, já cristãos, entrassem na capital do Império e aí semeassem as suas idéias. Assim, entre as boas medidas administrativas de Cláudio, Suetônio registra o seguinte: "Expulsou de Roma os judeus, que se entregavam a freqüentes tumultos sob a instigação de Cresto".[6] É possível que tenha vivido em Roma um

[3] *Urbem... quo cuneta undique atrocia aut pudenda confluunt celebranturque*. Tácito, *Ann.*, XV, 44.

[4] Tanto a epigrafia da cidade de Roma faz fé a este respeito como a literatura.

[5] Em relação aos judeus, veja-se Garrucci, *Cimitero degli Antichi Ebrei*, p. 63; *Dissert. Arch.*, II, pp. 176-177 etc. Apenas a quarta parte das inscrições judaicas de Roma é em latim. Em relação aos cristãos, veja-se de Rossi, *Inscr. Christ. Urbis Romae*, 1. Judeus e cristãos escreviam muitas vezes o latim em caracteres gregos. Garruci, *Cim.*, p. 67 e *Dissert.*, II, p. 164, 176, 180, 181, 183 e 184.

[6] Suetônio, Cláudio, 25; *Atos*, XVIII, 2. As medidas de precaução que Cláudio tomou contra os judeus, segundo Díon Cássio. LX, 6, não têm

judeu com o nome de Cresto[7] que provocasse desordens entre os seus companheiros, ou seja, propiciando a expulsão. Porém, é mais provável[8] que o nome Cresto seja apenas o do próprio Cristo.[9] Como é natural, a introdução da nova fé provocou no bairro judeu de Roma várias rixas e disputas, ou seja, cenas parecidas às que tinham ocorrido em Damasco, Antioquia de Pisídia e em Listres. Visando acabar com estas desordens, a polícia conseguiu uma permissão para a expulsão dos perturbadores. Os chefes da polícia teriam se informado superficialmente do objeto da briga, que os não interessava; um relatório dirigido ao governo teria verificado que os agitadores se denominavam *cristiani*,[10] ou seja, seguidores de um certo Cristo; mas como este nome era desconhecido, tê-lo-iam mudado para Cresto, devido ao costume que as pessoas pouco instruídas têm de dar aos nomes estrangeiros uma forma apropriada aos seus hábitos.[11] Disto a concluir-se que existia um homem com

semelhança, parece, com o fato mencionado por Suetônio. Devem referir-se a uma data anterior.

[7] Este nome é bastante comum, sobretudo como nome de escravo ou de liberto. Orelli, 2414 etc.; Cic., *Epist. Fam.*, II, 8. Veja-se Van Dale, *De Orac.*, pp. 604-605 (2ª edição). Era particularmente usado pelos judeus; *Corp. inscr. gr.*, 2114 *bb*; Levy, *Epigr. Beitr.* p. 301, 313; (*Ant. du Bosph. cimm.*, inscr. nº 22); *Mèl grego-rom.* da Academia de São Petersburgo, I, p. 98. Cf. Martial, VII, LIV; de Rossi., *Roma Sott.*, I, tav. XXI, nº 4.

[8] O que torna esta hipótese quase uma certeza é a comparação de *Atos*, XVIII, 2, e de Tácito *Ann.*, XV, 44. Tácito supõe que os cristãos foram reprimidos antes de Nero. Tácito (*ibid.*) e o próprio Suetônio (*Nero*, 16) quando se referem aos cristãos fazem-nos com exatidão, mas é provável que Suetônio copia, na vida de Cláudio, uma relação ou uma indicação policial do tempo.

[9] A palavra *cristianos* formada anteriormente (vejam-se os *Apóstolos*) prova que, desde esta época, o nome mais utilizado para designar Jesus era *Cristo*. Cf. Plínio, *Epíst.*, X, 97. São Paulo, nas suas epístolas, utiliza indiferentemente os dois nomes; algumas vezes serve-se isoladamente de cada um deles.

[10] Vejam-se Os *Apóstolos*, pp. 234-235, no francês.

[11] A confusão dos dois nomes explica-se, além disso, pela pronúncia iotacista de *Cristo*. Esta confusão era freqüente. Veja-se Tertuliano, *Apol.*, 3; Lactâncio, Instit., IV, VII, 5. Entre as ins crições anteriores a Constantino em que se encontra o nome dos cristãos, em três ou quatro aparecem como

este nome, o qual tinha sido o provocador e o chefe das manifestações,[12] não ia mais do que um passo; os inspetores de polícia deram-no, e sem mais investigações, pronunciaram a expulsão dos dois partidos.[13]

O principal bairro judeu de Roma ficava além do Tibre,[14] isto é, na parte mais pobre e mais suja da cidade,[15] possivelmente nas proximidades da atual *porta Portese*.[16] Assim como hoje, aí se encontrava o porto de Roma, lugar onde se desembarcavam as mercadorias trazidas de Óstia. Era um bairro de judeus e de siríacos, "nações nascidas para a servidão", como disse Cícero.[17] É verdade

---

cristianos (*Corpus inscr. gr.*, nºs 2883 *d*, 3857 *g*, 3857 *p*). A substituição do *e* por um *i* é um traço muito comum da ortografia romana. Quintiliano, I, IV, 7, VII, 22. Osório (VII, 6) leu *Cristo* na passagem de Suetônio.

[12] Comp. *Atos*, XVI, 7.

[13] Suetônio não menciona em que ano ocorreu esta expulsão. Orósio a situa no nono ano do reinado de Cláudio (49-50), *Hist.*, VII, 6, mas invoca, para isto, a autoridade de Josefo, em cujas obras nada encontramos a respeito. O versículo *Atos*, XVIII, 2, estabelece claramente que, no tempo da permanência de Paulo em Corinto (52) era recente o édito.

[14] Fílon, *Leg. ad Caium*, § 23; Martial, I, XLII (XXXV), 3. Os judeus continuaram a habitar o Transtavero até ao século XV ou até o século XVI (Bósio, *Rom. Sott.*, liv. II, ch. XXII, cf. *Corp.*, nº 9907). Todavia é certo que, sob os imperadores, habitavam outros bairros e particularmente o Campo de Marte (*Corp.*, nºs 9905, 9906; Orelli, 2522; Garrucci, *Dissert. Arch.*, II, p. 163), as proximidades da porta Capena (Juv., *Sat.*, III, 11 e seg.; Garrucci, *Cimitero*, p. 4; notas arqueológicas particulares), a ilha do Tibre e a ponte dos mendigos (Juv., IV, 116; V, 8; XIV, 134; Marcial, X, V, 3) e talvez a Suburra (*Corp.*, nº 6447).

[15] Martial, I, XLII, 3; VI, XCIII, 4; Juvenal, XIV, 201 e seg.

[16] O principal cemitério judeu de Roma foi encontrado junto desse lugar por Bósio, em 1602. Bósio, *op. cit.*, I, II, Cap. XII. Aringhi, *Roma sott.*, t. I, 1; II, c. 23. Cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 9901 e seg., inscrições encontradas na sua maior parte neste cemitério e que se conservaram na maioria no bairro. Perderam-se os traços desta catacumba; o padre March procurou-a em vão. Foram encontradas depois em Roma duas catacumbas judaicas, próximas uma da outra, na Via Ápia, perto de São Sebastião; Garrucci, *Cimitero degli Antichi Ebrei* (Roma, 1862) ; *Dissert. Arch.*, II, (Roma, 1866) p. 150 e seg.; de Rossi, *Bull. di Arch. Crist.*, 1867, p. 3, 16.

[17] *Provinc. Cons.*, 5.

que o primeiro núcleo da população judaica de Roma foi constituído por libertos,[18] descendentes em sua maioria dos que Pompeu trouxe para Roma como prisioneiros e que tinham atravessado a escravidão, sem alterarem em nada os seus hábitos religiosos.[19] Essa simplicidade da fé é o que há de admirável no judaísmo e que faz com que o judeu, distante mil léguas da sua pátria, ao passar de muitas gerações permaneça sempre um verdadeiro judeu com todo o seu caráter. As relações das sinagogas de Roma com Jerusalém eram contínuas.[20] A primeira colônia fora reforçada com numerosos emigrantes,[21] gente pobre que desembarcava às centenas na *Ripa*, vivendo uns com os outros no bairro adjacente do Transtevero, trabalhando como carregadores, realizando um pequeno comércio, trocando fósforos por copos partidos e oferecendo àsarrogantes populações italiotas um tipo que, mais tarde, se tornaria muito comum, qual seja, o de mendigo experimentado nos segredos da sua profissão.[22] Um romano que se respeitasse jamais pisava em bairros tão deploráveis. Para esse lugar estava destinada uma parte da cidade sacrificada às classes desprezadas e às profissões infectas: os curtidores de peles, os caldeireiros, os tripeiros.[23] Nesse recanto

---

[18] Fílon, *l. c.*; Tácito, *Ann.*, II, 85. Confirmam-no as inscrições. Levy, *op. cit.*, p. 287. Cf. Mommsen, *Inscr. Regni Neap.*, nº 6467 (cativa é duvidoso); de Rossi, Bull., 1864, p. 70, 92 93. Cf. *Atos*, VI, 9.

[19] Comp. Wescher e Foucart. *Inscr. Encontradas em Delfos*, nºs 57 e 364.

[20] Cícero, *Pro Flacco*, 23.

[21] Jos., *Ant.*, XVII, III, 5; XI, 1; Díon Cássio, XXXVII, 17; Tácito, *Ann.*, II, 853; Suetônio, *Tib.*, 36; Mommsen, Inscr. *Regni Neap.*, nº 6467. Havia em Roma no mínimo quatro sinagogas, tendo duas o nome de Augusto e de Agripa (Herodes Agripa?): *Corp. inscr. gr.*, nºs 6447, 9902, 9903, 9904, 9905, 9906, 9907, 9909; Orelli, 2522; Garrucci, *Cimitero*, pp. 38-40; *Dissert. Arch.*, II, p. 161, 162, 163, 185; de Rossi, *Bull.*, 1867, p. 16.

[22] Fílon, *Leg. ad. Caium*, 5 23; Juvenal, III, 14, 296; VI, 542; Martial, I, XLII, 3 e seg.; X, III, 3-4; XII, LVII, 13-14; Estácio, *Silves*, I, VI, 72-74. As sepulturas judaicas de Roma mostram uma grande pobreza. Bósio, *Roma Soterr.*, p. 190 e seg.; Levy, *Epigraph. Beiträge zur Gesh. der Juden*, p. 283.

[23] Nardini, *Roma Antica*, III, pp. 328-330 (4ª ed.); Martial, VI, XCIII, 4.

perdido, em compensação, os miseráveis viviam mais tranqüilos, no meio dos fardos de mercadorias, dos albergues ínfimos e dos condutores de liteira (*syri*), que aí tinham o seu quartel-general.[24] Apenas quando as lutas eram sangrentas ou muito freqüentes a polícia aparecia neste bairro. Poucos bairros de Roma gozavam de tanta liberdade; a política não existia, o culto praticava-se sem obstáculo, mesmo em tempo ordinário e, além disso, a propaganda podia ser feita com toda a facilidade.[25] Protegidos pela indiferença, pouco sensíveis às zombarias das pessoas conceituadas, os judeus do Transtevero tinham, desta forma, uma vida religiosa e social muito ativa: possuíam escolas de *hakamim*;[26] o ritual e cerimonial da Lei eram seriamente seguidos;[27] as sinagogas ofereciam a mais completa organização que se conhece.[28] Os títulos de "pai e de mãe da sinagoga"[29] eram muito utilizados. Convertidas ricas usavam nomes bíblicos, convertiam os seus escravos, faziam explicar a Escritura pelos doutores, construíam lugares para a oração, sentindo-se orgulhosas pelo prestígio de que gozavam neste pequeno mundo.[30]

---

[24] *Castra lecticariorum*, nos tratados *De Regionibus Urbis Romae*, regio XIV; Canina, *Roma Antica*, pp. 553-554. Cf. Forcelini, na palavra *lecticarius*. O *Syrus* das comédias latinas é ordinariamente um *lecticarius*.

[25] Josefo, *Ant.*, XIV, X, 8; *Atos*, XXVIII, 31.

[26] *Corp. inscr. gr.*, nº 9908; Garrucci, *Cimitero*, pp. 57-58.

[27] Cf. Hor., *Sat.*, 1, IX, 69 e seg.; Suetônio, *Aug.*, 76; Sêneca. *Epis.*, XCV, 47; Persa, V, 179 e seg.; Juvenal, XIV, 96 e seg.; Martial, IV, 6. A epigrafia judaica de Roma comprova uma população cumpridora das suas práticas. Levy, *Epigr. Beytr.*, p. 285 e seg. Notem-se os epítetos φιλεντογοζ (*Corp.*, nº 9904; Garrucci, *Dissert.*, II, p. 130, 185, 191-192) correspondendo a Ps. CXIX, 48, onde há uma passagem muito semelhante. Comp. Mommsen, *Inscr. Regni Neap.*, nº 6467 (não obstante Garrucci, *Cim.* pp. 24-25). Os judeus evitavam as pedras sepulcrais com as letras *D.M.* Tinham também na Itália fábricas de lâmpadas para seu uso (lâmpada judaica do Museu Parent, encontrada em Baía).

[28] *Corp. inscr. gr.*, nº 9902 e seg. Garrucci, *Cimitero*, p. 35 e seg., 51 e seg.; 67 e seg.; *Dissert. Arch.*, II, p. 161 e seg., 177 e seg., 181 e seg.

[29] *Corp. inscr. gr.*, nºs 9904, 9905, 9908, 9909 (Cf. Renier, *Inscr. da Algeria*, n. 3340); Orelli, nº 2522 (cf. Gruter, p. 3233); Garrucci, *Cimitero*, pp. 52-53.

[30] Orelli, 2522, 2523; Levy, pp. 285, 311-313; Garrucci, *Dissert. Arch.* II, p. 166; Graetz, *Gesch. der Juden*, IV, pp. 123, 506-507.

A judia pobre, mendigando com uma voz melancólica, procurava fazer chegar aos ouvidos da grande dama romana algumas palavras da Lei, e muitas vezes a conquistava abrindo-lhe mão cheia de pequenas moedas.[31]

Segundo Horácio, o traço que classifica um homem entre os espíritos fracos, ou seja, na multidão, *unus multorum* é praticar o sábado e as festas judaicas.[32] A benevolência universal, a felicidade de repousar com os justos, a assistência dos pobres, a pureza dos costumes, a docilidade da vida familiar, a suave aceitação da morte, considerada como um sono, são sentimentos que se acham reproduzidos nas inscrições judaicas, com este acento particular de unção enternecedora, de humildade, de firme convicção, que caracteriza as inscrições cristãs.[33] Existiam muitos judeus, homens de sociedade, ricos e poderosos como Tibério Alexandre que conquistou as maiores honras do Império, exerceu duas ou três vezes uma influência de primeira ordem nos negócios públicos, tendo mesmo, com grande desgosto dos romanos, a sua estátua no fórum;[34] mas esses nunca mais eram considerados bons judeus. Os herodes, embora praticando o seu culto em Roma com estardalhaço,[35] estavam longe também, mesmo que não fosse senão pelas suas relações com os pagãos, de ser verdadeiros israelitas. Os pobres que se conservavam fiéis consideravam estes mundanos como renegados; da mesma maneira que hoje vemos os judeus polacos ou húngaros

---

[31] Juvenal, VI, 542 e seg.

[32] Hor., *Sat.*, I, IX, 71-72.

[33] *Corp. inscr. gr.*, 9004 e seg.; Garrucci, *Cimitero*, 31 e seg., 67 e seg., sobretudo p. 68; *Dissert.*, II, 153 e seg. Notem-se em particular as belas expressões φιλοπένυης (Garrucci, *Dissert.*, II, 185; cf. *Os Apóstolos* (p. 320, nota 4, no francês) φιλολαος (*Corp.*, nº 9904; Garrucci, *Diss.*, pp. 185; cf. II Macch., XV, 14), *concresconius*, *conlaboronius* (Garr., *Diss.*, II, pp. 160-161). As fórmulas da epigrafia judaica e da epigrafia cristã têm, com elas, muita semelhança. É verdade que a maior parte das inscrições judaicas que acabamos de citar são posteriores ao reinado de Cláudio. Porém, o espírito da colônia judaica de Roma deve ter-se pouco modificado.

[34] Vejam-se: *Os Apóstolos*. M. Renier supõe que é de Tibério Alexandre que se trata em Juvenal, I, 129-131: *arabaches*, em vez de *alabarches*, *Mem. de l'Acad. des inscr.*, t. XXVI, 1ª parte, p. 294 e seg.

[35] Persa, V, 179 e seg. Trata-se da *hanucca*.

tratar com severidade os israelitas franceses bem-sucedidos que abandonam a sinagoga e educam os filhos no protestantismo, para os tirar de um círculo muito restrito. Assim, sobre o cais vulgar em que se amontoavam as mercadorias de toda a parte, um mundo de idéias fervilhava, mas tudo se perdia no tumulto de uma cidade tão grande como Londres e Paris.[36] Com certeza os orgulhosos patrícios que nos seus passeios pelo Aventino lançavam os olhos para o outro lado do Tibre, não se apercebiam de que o futuro era preparado nessa aglomeração de casas pobres, ao pé do Janículo.[37] No dia em que sob o reinado de Cláudio um judeu iniciado nas novas crenças pisou na terra defronte do *emporium*, ninguém em Roma soube que o fundador de um segundo império, um novo Rómulo, se encontrava no porto vivendo entre palhas.[38] Próximo do porto havia uma espécie de estalagem, muito conhecida do povo e dos soldados, com o nome de Taberna Meritória. Para atrair os ingênuos, havia uma suposta fonte de azeite saindo do rochedo e logo esta fonte foi considerada pelos cristãos como simbólica: pretendeu-se que a sua aparição coincidira com o nascimento de Jesus.[39] Julga-se que mais tarde a taberna se transformou em uma igreja.[40] Quem sabe se as mais antigas recordações do cristianismo não estão ligadas a este albergue? Sob Alexandre Severo, vemos os cristãos e os alberguistas em contestação sobre determinado lugar que outrora tinha sido público e que este bom imperador fizera adjudicar aos cristãos.[41] Sente-se que se está aí no solo natal de um velho cristianismo

[36] Platner e Bunsen, *Beschreibung der Stadt Rom.*, I, pp. 183-185. As escavações realizadas recentemente perto do agger de Sérvio Túlio provam uma aglomeração popular inacreditável.

[37] Cf. Tácito, *Hist.*, V, 5.

[38] Cf. Juvenal, III, 14; VI, 542.

[39] Orósio, VI, 18, 20. Pequeno martirológio romano (ed. Rosweyde), a 9 de julho. Veja-se Forcellini, na palavra *meritorius*.

[40] A tradição romana dá a igreja de Santa Maria de Transtevero como sucessora da Taberna. Veta-se Nardini, *Roma Antica*, III, pp. 336-337; Platner e Bunsen, III, 3ª parte, pp. 659-660.

[41] Lampride, *Vida de Alex.* Séc., 49. Compare-se com Anastácio, o *Bibl., Vitac Pontif. Rom.* XVII (ediç. de Bianchini), tendo em conta as observações de Platner.

popular. Cláudio, impressionado nesse tempo pelo "progresso das superstições estrangeiras", imaginava praticar um ato de boa política conservadora restabelecendo os arúspices. Em um relatório para o Senado, queixa-se do abandono do tempo pelos antigos costumes da Itália e pelos bons preceitos. O Senado tinha convidado os pontífices a examinar quais dessas velhas práticas poderiam ser restabelecidas. Tudo corria bem, por conseqüência, e acreditava-se que estas respeitáveis imposturas tinham sido salvas para toda a eternidade.

Nesse momento, a grande questão era a subida de Agripa ao poder, a adoção de Nero por Cláudio e a sua fortuna cada vez maior. Ninguém pensava no pobre judeu que pela primeira vez pronunciava o nome de Cristo na colônia siríaca e informava aos seus companheiros de quarto a fé que o tornava feliz. Logo vieram outros; cartas da Síria trazidas pelos recém-chegados falavam do movimento que aumentava incessantemente. Formou-se um pequeno grupo. Toda esta gente cheirava a alho;[42] os antepassados dos prelados romanos eram pobres proletários, sujos, de maneiras rudes, de blusas sórdidas, tendo o mau hálito das pessoas que se alimentam mal.[43] As suas habitações tinham o mesmo aspecto de miséria das pessoas vestidas e alimentadas parcamente, reunidas num mísero quarto.[44] O número tornou-se suficiente para se falar alto; pregou-se então no gueto; os judeus ortodoxos, resistiam. É muito plausível que tenham ocorrido cenas tumultuosas, que estas cenas se renovassem muitas tardes seguintes, que a polícia romana tenha intervido e que, pouco interessando-lhe saber do que se tratava, tivesse enviado o seu relatório à autoridade superior e atribuísse estas desordens a um certo Cresto, que não tinha conseguido prender e que depois fosse resolvida a expulsão dos agitadores.[45] A passagem de Suetônio e mais ainda a dos *Atos* parecem dar a entender que todos os judeus foram expulsos por essa ocasião; mas isto é improvável. É natural que só os cristãos fossem expulsos, os seguidores do sedicioso Cresto. Em geral Cláudio era favorável aos

[42] *Foetentes judae*. Amiano Marcelino, XXII, 5.

[43] Vejam-se *Os Apóstolos*, p. 290 e seg.

[44] Juvenal, III, 14; Marcial, IV, IV, 7.

[45] Veja-se Suetônio, *Tib.*, 36.

judeus e pode até ter sido por instigação dos judeus, dos herodes, por exemplo, que ocorresse essa expulsão. Além disso estas expulsões eram temporárias e condicionais. A onda, um momento contida, voltava sempre.[46] A atitude de Cláudio teve poucas conseqüências; Josefo dela não fala, e no ano 98 em Roma já havia uma nova igreja cristã.[47]

Os fundadores desta primeira igreja de Roma, destruída por ordem de Cláudio, são desconhecidos; mas os nomes de dois judeus que foram exilados em seguida aos motins da *porta Portese* são conhecidos. Era um casal piedoso, constituído por Áquila, judeu originário do Ponto, que tinha o mesmo ofício que São Paulo, o de tapeceiro,[48] e por Priscila, sua mulher. Os dois refugiaram-se em Corinto, e logo vão tornar-se amigos íntimos e zelosos colaboradores de São Paulo. Áquila e Priscila são assim os dois mais antigos membros que se conhecem da igreja de Roma.[49] Têm ali uma única lembrança![50] A lenda, sempre injusta porque é sempre dominada pelos motivos políticos, expulsou do monumento cristão estes dois simples trabalhadores para atribuir a honra da fundação da igreja de Roma a um nome mais ilustre, correspondendo melhor às orgulhosas pretensões de domínio universal de que a capital do Império, tornada cristã, não pôde abdicar. Para nós não é na basílica teatral que se consagrou a São Pedro, e sim é na *porta Portese*, nesse gueto antigo que vemos verdadeiramente o berço do cristianismo ocidental. Seriam os vestígios desses pobres judeus, que levavam com eles a toda a parte a religião do mundo, desses homens sofredores, sonhando na sua miséria o reino de Deus, que era preciso encontrar e beijar. Não retiramos a Roma o seu título essencial: Roma foi o primeiro lugar do mundo ocidental, e até da Europa, em que o cristianismo se estabeleceu. Mas, no lugar dessas basílicas ricamente construídas, ao invés dessas divisas insultantes: *Christus vincit, Christus regnat, Christus imperat*, como teria mais valor uma pobre capela aos dois bons judeus do Ponto que foram expulsos pela polícia de Cláudio, por pertencerem ao partido de Cresto! Depois da igreja de Roma (se é que foi anterior) a mais antiga igreja do Ocidente foi a de Pouzzoles onde Paulo encontrou cristãos no ano 61.[51] Pouzzoles era, de certa forma, o porto de Roma;[52] o lugar de desembarque dos judeus e sírios que vinham a Roma.[53] Este estranho solo minado pelo fogo, estes campos, esta mina de enxofre, essas cavernas cheias de névoa ardente, que parecem respiradouros do inferno, essas águas sulfurosas, essas lendas de gigantes e de demônios sepultados em vales ardentes espécie de geenas,[54] esses banhos, que eram para os juízes severos e inimigos de toda a nudez, o extremo da abominação, impressionavam fortemente as imaginações dos que desembarcavam e deixaram uma marca profunda nos textos apocalípticos do tempo.[55]

---

[46] Díon Cássio, XXXVII, 17. Compare-se Tácito, *Ann.*, XII, 52; *Hist.*, I, 22.

[47] É a data da Epístola aos Romanos. Cf. *Atos*, XXVIII, 15 e seg.

[48] *Atos*, XVIII, 2, 3. A expressão *Ioudaiou* não prova de nenhuma maneira que ele não fosse cristão. Compare-se, por exemplo, *Gál.*, II, 13.

[49] Os *Atos*, XVIII, 2, não dizem que eles já fossem cristãos quando Paulo os encontrou; também não dizem que Paulo os convertesse, e o contrário parece resultar da descrição canônica. O édito de Cláudio deve ter-se aplicado apenas apenas aos que haviam tomado parte nas manifestações; é admíssivel que este par apostólico tenha feito parte dos adversários de "Cresto"? É impossível que eles se tivessem tornado cristãos em Corinto; haviam acabado de chegar quando Paulo os encontrou e não havia igreja em Corinto antes da chegada de Paulo (I *Cor.*, I, 6-10; IV, 14-15; IX, 1-2; II *Cor.* XI, 2 etc.).

[50] A atribuição do antigo "título de Santa Prisca", no Aventino, a Priscila, mulher de Áquila, é resultado de uma confusão. V. de Rossi (*Bull. di Arch. Crist.*, 1867, p. 44 e seg.), que não consegue fazer remontar esta indicação para depois do século VIII.

[51] *Atos*, XXVIII, 1-l.

[52] Paulo Diacro, *Epitome de Festo*, na palavra *Minorem Delum*, Díon Cássio, XLVIII, 49 e seg.; LXVII, 14; Suetônio, *Aug.*, 98; Neron, 31; Tácito, *Ann.*, XV, 42, 43. 46; Plínio, *Hist. Nat.*, XIV, 8 (6); Sêneca, *Epist.*, LXXVII, 1-2; Estácio, *Silves*, IV, III, 26-27. Óstia adquire toda a sua importância senão a partir de Trajano. Teve, no entanto, judeus desde o tempo de Cláudio. De Rossi, *Bull.*, 1866, p. 40.

[53] Fílon, *In Flaccum*, § 5; Jos., *Ant.*, XVII, XII. 1; XVIII, VI, 4; VII, 2; Vita, 3; *Corp. inscr. gr.*, nº 5853, lâmpada judaica encontrada em Baía (Museu Parent).

[54] Estrabão, V, IV, 6.

[55] *Livro de Henoch*, Cap. LXVII: *Versos sibilinos*, IV, 130 e seg.; *Apoc.*, IX, 1 e seg.

Sobre esses lugares, as loucuras de Calígula,[56] cujos vestígios se vêem ainda, faziam também pairar terríveis recordações.

Um fato importante que importa destacar é que a igreja de Roma não foi, como as da Ásia Menor, da Macedônia e da Grécia, uma fundação da escola de Paulo e sim foi uma criação judaico-cristã, ligando-se diretamente à igreja de Jerusalém.[57] Nessa igreja, Paulo jamais se sentirá à vontade; conhecerá nessa grande igreja muitas fraquezas que tratará com indulgência, mas que irão ferir o seu exaltado idealismo.[58] Restrita à circuncisão e às práticas exteriores,[59] ebionita,[60] pelo seu gosto pelas abstinências[61] e pela sua doutrina, mais judaica que cristã, sobre a pessoa e a morte de Jesus,[62] ligada extraordinariamente ao milenarismo,[63] a igreja romana apresenta, desde a sua variação, os traços essenciais que a diferenciará através da sua longa e maravilhosa história. Filha predileta de Jerusalém, a igreja romana terá sempre um caráter ascético, sacerdotal, oposto à tendência protestante de Paulo. Pedro será o seu verdadeiro mestre; depois, tendo-se deixado repassar do espírito político e hierárquico da velha cidade pagã, se transformará verdadeiramente a nova Jerusalém, a cidade do pontificado, da religião hierática e solene, dos sacramentos materiais que se justificam por si mesmos, a cidade dos ascetas à maneira de Tiago Obliam, com os seus calos nos joelhos e a sua lâmina de ouro na fronte; será a igreja da autoridade. O único sinal da missão apostólica será o de mostrar uma carta assinada pelos apóstolos e produzir um certificado de ortodoxia.[64] O bem e o mal que a Igreja de Jerusalém fez ao cristianismo embrionário, a igreja de Roma o fará à igreja universal. Inutilmente Paulo lhe dirigirá a sua bela epístola, expondo-lhe o mistério da cruz de Jesus e da salvação unicamente pela fé: a igreja de Roma nada compreenderá. Mas Lutero, catorze séculos e meio mais tarde, irá entendê-la e abrir uma era nova na série secular dos triunfos alternativos de Pedro e de Paulo.

---

56 Díon Cássio, LIX, 17; Suet., *Caius*, 37; Tácito. *Ann.*, XIV, 4; Jos., *Ant.*, XIX, I, 1; Sêneca., *De Brevit. Vitae*, 18. Cf. Fílon, *Leg.*, p. 44.

57 *Atos*, XVIII, 2; Coment. (do diácono Hilário) das Epístolas de S. Paulo, em seguida às *Obras de Santo Ambrósio*, edição dos Beneditinos, t. II, 2ª parte (Paris, 1686), col. 25 e 30. Este comentário é de um homem muito informado sobre as tradições da igreja romana.

58 *Rom.*, XIV (?), XV, 1-13.

59 *Rom.*, XIV (?), XV, 8. Cf. Tácito, *Hist.*, V, 5.

60 *Epif. haer.*, XXX, 18. Comp. XXX, 2, 15, 16, 17.

61 *Rom.*, XIV (?), *Homil. pseudo-Clemente*, XIV, 1.

62 Comentário (de Hilário) citado, *ibid.* Comp. a alegação de Ártemon, em Eusébio, *H. E.*, V, 28; *Homil. pseudo-Clem.* (obra de origem romana) XVI, 14 e seg.

63 É esse o motivo por que a literatura judaico-cristã e milenarista se conservou melhor em latim do que em grego (*4º livro de Esdras*, *Pequeno Gênese, Assunção de Moisés*). Os padres gregos dos séculos IV e V foram muito contrários a esta literatura, mesmo ao *Apocalipse*. A igreja grega depende mais diretamente de Paulo que a igreja latina no Oriente. Paulo eliminou completamente os seus inimigos. Note-se o acolhimento favorável que o montanismo (heresia que se liga com o judaico-cristianismo) e as outras seitas do mesmo gênero encontraram em Roma. Tertuliano, *Adv. Prax.*, 1; Santo Hipólito (?) *Philosophum*, IX, 7, 12. 13 e seg. Veja-se sobretudo em Eus., H. E., V, 28, o que respeita à heresia de Artemon e de Teódoto, notando o principio dos artemnnistas, segundo o qual a doutrina tradicional da Igreja de Roma teria sido alterada a partir de Zeferino.

64 Vejam-se as homilias pseudo-elementinas (escrito romano), sobretudo homilia XVII.

Segunda viagem: retorno à Galácia

Regressando à Antioquia, Paulo entregou-se a novos projetos, pois sua alma inquieta não podia ficar parada. Por um lado desejava ampliar o campo, ainda pequeno, da sua primeira missão; por outro, porém, a idéia de tornar a ver as suas queridas igrejas da Galácia para as confirmar na fé, absorvia-o sem cessar.[1] A ternura de que esta natureza diferente parecia muitas vezes despossuída, tinha-se transformado em uma poderosa faculdade de amar as comunidades que fundara. Pelas suas igrejas tinha os sentimentos que têm os outros homens por aquilo a que mais se afeiçoam,[2] o que era uma qualidade especial dos judeus. O espírito de associação que os dominava, fazia gerar no sentimento de família uma expressão completamente nova. Nessa época, a sinagoga, a igreja, eram o que o convento iria ser mais tarde na Idade Média, ou seja, a casa querida, o centro das grandes afeições, o teto sob o qual se abriga o que se tem de mais amado.

Paulo comunicou as suas intenções a Barnabé; no entanto, a amizade dos dois apóstolos, que até então havia resistido às provas mais fortes, que nenhuma suscetibilidade de amor próprio tinha

---

[1] A *proscarteresis* ou confirmação dos prosélitos (veja-se Schleusner, nas palavras *sterixo e episterixo*) era uma das preocupações dos judeus. Veja-se *Antiq. de Bosph. Cimm.*, II, inscr. 22.

[2] II *Cor.*, XI, 2.

conseguido diminuir, recebeu desta vez um cruel golpe. Barnabé propôs a Paulo levarem com eles João Marcos; mas a esta proposta Paulo desagradou. Não perdoava de maneira nenhuma a João Marcos ter abandonado a primeira missão em Perge, no exato momento em que percorriam a parte mais perigosa da viagem. O homem que já se recusara à essa empreitada parecia-lhe indigno de ser alistado de novo. Barnabé defendia seu primo, cujas intenções talvez Paulo julgasse com severidade e a discussão foi-se tornando acirrada, sendo impossível entenderem-se.[3] Esta velha amizade que tinha sido a razão do êxito da pregação evangélica, rompeu-se por algum tempo diante de uma miserável questão de pessoas. Talvez o rompimento tenha tido razões mais profundas. Era quase um milagre que as pretensões cada vez maiores de Paulo, o seu orgulho, seu desejo de ser líder absoluto, não tivessem vinte vezes já tornado impossíveis as relações de dois homens cuja situação recíproca tinha mudado completamente. Barnabé não tinha a natureza de Paulo; mas quem pode dizer se na verdadeira hierarquia das almas que se regula pelo grau da bondade, ele não ocupava uma posição mais elevada? Qualquer um que se recorde o que Barnabé foi para Paulo, quando se sabe que foi ele em Jerusalém que desfez as desconfianças, aliás justas, a respeito do novo convertido, que foi buscar em Tarso o futuro apóstolo, ainda isolado e inseguro sobre o seu destino, que o conduziu para o meio novo e ativo de Antioquia, em uma palavra, o fez apóstolo, não pode deixar de ver neste rompimento, aceite por um motivo secundário, um grande gesto de ingratidão da parte de Paulo. Mas eram imposições exigidas pela sua obra. Qual é o homem de ação que uma vez na sua vida não tenha cometido crimes de consciência? Separaram-se os dois apóstolos. Barnabé, com João Marcos, embarcou em Seleucia para Chipre.[4] A história a partir daí perde-o de vista.

Enquanto Paulo caminha para a glória, o seu companheiro, esquecido desde que deixou aquele que o iluminava com a sua luz, vai realizando o seu apostolado ignorado. A enorme injustiça que muitas vezes rege as coisas deste mundo, ocorre também na história.

[3] *Atos*, XV, 37-39.

[4] *Atos*,V, 39.

Os que representam o papel da abnegação e do sacrifício são, via de regra, esquecidos. O autor dos *Atos* com a sua ingênua política de conciliação, sem o querer, sacrificou Barnabé ao objetivo de reconciliar Pedro e Paulo. Por uma espécie de necessidade instintiva de compensação, por um lado diminuindo Paulo e subordinando-o, engrandeceu-o por outro à custa de um colaborador modesto, que não representou um papel importante e que na história não pesava com o peso iníquo que resulta das manobras dos partidos. Daí surge a ignorância em que estamos mergulhados com relação ao apostolado de Barnabé, sabendo-se apenas que este apostolado continuou a ser ativo. Barnabé manteve-se fiel às grandes regras que ele e Paulo tinham estabelecido na sua primeira missão. Assim, nenhum companheiro o acompanha nas suas peregrinações, vive do seu trabalho, nada aceitando das igrejas.[5] Em Antioquia voltará a encontrar-se ainda com Paulo. O caráter altivo de Paulo criará, entre eles, mais discórdia;[6] mas o sentimento da obra santa irá preocupá-la acima de tudo; a comunhão entre os dois apóstolos tornar-se-á perfeita. Trabalhando, cada um pelo seu lado, continuarão interligados, dando-se reciprocamente informações dos seus trabalhos.[7] Paulo continuará , apesar das maiores divergências, a tratar Barnabé sempre como companheiro e a considerá-lo integrante da obra do apostolado dos gentios.[8] Inquieto, arrebatado, impressionável, Paulo esquecia depressa quando os princípios valorosos a que dedicava a sua vida não estavam em jogo.

No lugar de Barnabé, Paulo colocou Silas, o profeta da igreja de Jerusalém que havia ficado em Antioquia e dele será amigo, a despeito de João Marcos dispor de outro membro da igreja de Jerusalém, o qual, parece, se assemelhava a Pedro.[9] Conta-se que Silas possuía o título de cidadão romano;[10] o que, junto ao seu

[5] I *Cor.*, IX, 6.

[6] *Gál.*, II, 13.

[7] Resulta isto de I *Cor.*, IX, 66.

[8] *Gál.*, II, 9-10.

[9] I *Petri*, V, 12. Há dúvidas sobre a identidade dos dois personagens.

[10] *Atos*, XVI, 37-38.

nome de Silvano, faria acreditar que não era da Judéia, ou que já tenha tido ocasião de se acostumar com os gentios. Partiram ambos recomendados pelos irmãos à graça de Deus, pois estas palavras não eram então desprovidas de valor; acreditava-se que o dedo de Deus estava em toda a parte, que cada passo dos apóstolos do novo reino era dirigido pela inspiração divina.

Paulo e Silas empreenderam a viagem por terra;[11] guiando pelo norte através da planície de Antioquia, atravessaram o desfiladeiro do Amano, as "portas sírias";[12] depois, contornando o golfo de Isso, transpondo o ramo setentrional do Amano pelas "portas amânidas",[13] atravessaram a Cilícia, passaram talvez em Tarso, transpuseram o Tauro, naturalmente pelas célebres "portas cilicianas",[14] uma das passagens de montanhas mais assustadoras do mundo e penetraram assim em Licaônia, alcançando Darbé, Listres e Cônia.

Paulo reencontrou as suas estimadas igrejas na situação em que as deixara. Os fiéis tinham perseverado; o número aumentara. Timóteo, que era apenas uma criança quando da sua primeira viagem, tornara-se um grande homem. A sua juventude, piedade e inteligência impressionaram Paulo. A seu respeito todos os fiéis da Licaônia prestavam as melhores informações. Paulo abraçou-o, estimou-o enternecidamente, encontrando sempre nele um atento colaborador,[15] ou melhor, um filho [é o próprio Paulo quem se serve desta expressão].[16] Timóteo era um homem de grande meiguice, modesto e tímido.[17] Não tinha a audácia necessária para enfrentar os principais papéis; faltava-lhe a autoridade, em especial nos países gregos em que os espíritos eram fúteis e ligeiros;[18] mas a

[11] *Atos*, XV, 41.

[12] Passagem do golfo de Beylan.

[13] *Demir-Kapu* ou *Kara-Kapu* de hoje.

[14] *Külek-Boghaz* de hoje.

[15] *Atos*, XVI, I, 3; I *Cor.*, IV, 17; XVI, 10-11; *Fil.*, II, 20-22; I *Tim.*, I, 2; II *Tim.*, II, 22; III, 10-11. Estas duas últimas epístolas, não podem servir de testemunhas sérias pois foram fabricadas e são completamente destituídas de valor.

[16] *Fil.*, II, 22. Cf. I *Tim.*, I, 2.

[17] I *Cor.*, XVI, 10-11.

[18] *Ibid.*

sua abnegação fazia dele um diácono e um secretário único para Paulo, que declara não ter tido outro discípulo tão dentro do seu coração.[19] A história imparcial tem obrigação de registrar, em favor de Timóteo e de Barnabé, alguma coisa à glória conquistada pela personalidade demasiado absorvente de Paulo.

Paulo, aliando-se a Timóteo, previu graves embaraços, pois receou que nas relações com os judeus, o estado de incircunciso de Timóteo fosse motivo de repulsão e de dificuldades. Sem dúvida, sabia-se por toda a parte que seu pai era pagão. Um grande número de pessoas temerosas não queria aproximar-se dele; as discussões, que com dificuldades haviam sido amortecidas com a entrevista de Jerusalém, podiam renascer. Paulo lembrou-se dos problemas que experimentara por causa de Tito; resolveu preveni-las e, para evitar ser forçado a fazer mais tarde uma concessão aos princípios que repelia, circuncidou Timóteo.[20] Isto estava perfeitamente em harmonia com os princípios que o haviam guiado na questão de Tito[21] e que sempre praticou.[22] Jamais o levaram a dizer que a circuncisão era primordial para a salvação; a seus olhos isso era um erro de fé. Porém, não sendo a circuncisão maligna, pensava ele que podia ser realizada para evitar o escândalo e a divisão. A sua regra básica era que o apóstolo deve conceder tudo a todos e ligar-se aos prejuízos dos que quer captar, quando esses prejuízos por si mesmos são frívolos, nada tendo de absolutamente repreensível. Mas ao mesmo tempo, como se tivesse um pressentimento das provações que em breve a fé dos gálatas iria sofrer, fez-lhes prometer que nunca escutariam outro doutor a não ser ele e reprovar pelo anátema qualquer ensinamento que não fosse o seu.[23]

Partindo de Cônia, Paulo veio provavelmente a Antióquia de Pisídia,[24]

[19] *Fil.*, 11, 20.

[20] *Atos*, XVI, 3. Isto revela o que há de exagerado e de convencional em XV, 41 e XVI, 4.

[21] *Gál.*, II, 3-5. Veja-se Cap. III.

[22] I *Cor.*, IX, 20 e seg., *Rom.*, XV, 1 e seg.

[23] *Gál.*, I, 9.

[24] Confirma-se isto de *Atos*, XV, 36, e de *Atos*, XVI, 36 e de *Atos*, XVI, 6, considerando-se o que dissemos sobre o significado da palavra *Galatiké*.

acabando a visita das principais igrejas da Galácia, fundadas na sua primeira viagem. Resolveu[25] então atingir novas terras; mas sentiu-se muito inseguro. Pensou emse dirigir para o oeste da Ásia Menor, isto é, para a província da Ásia [26] que era a parte mais florescente da Ásia Menor. Éfeso era sua capital e nela existiam as belas e progressivas cidades de Esmirna, Pérgamo, Magnésia, Tiatiros, Sardes, Filadélfia, Colossas, Laodicéia, Hierápolis, Trales, Mileto, onde o cristianismo logo iria estabelecer o seu centro. Não se sabe o que desviou Paulo de seguir esse caminho. "O Espírito Santo", diz o narrador dos *Atos*, "impediu-o de ir pregar pela Ásia". É bom lembrar que se julgava que os apóstolos obedeciam, com relação ao seu itinerário, a inspirações divinas. Algumas vezes eram motivos reais, reflexões ou indicações positivas que eles dissimulavam sob esta linguagem; outras, a própria ausência de motivos. A crença de que Deus permitia ao homem conhecer as suas vontades por meio dos sonhos estava muito difundida,[27] como ainda hoje no Oriente. Um sonho, uma impulsão súbita, um movimento irrefletido, um ruído inexplicável (*bath kôl*),[28] pareciam-lhe manifestações do Espírito e decidiam o caminho e o sermão.[29]

Ressalta-se como positivo que de Antioquia de Pisídia, em vez de se dirigirem para as formosas províncias do sudoeste da Ásia Menor, Paulo e os seus companheiros avançaram mais para o centro da península, constituído por províncias muito menos célebres e menos civilizadas. Atravessaram a Frígia Epiteto,[30] passando provavelmente pelas cidades de Sínados e de Ézanes, até os confins da Mísia. Aí suas dúvidas recomeçaram. Voltariam ao norte para a

[25] *Atos*, XVI, 6, segundo a lição do *Codex Vaticanus* e do *Codex Sinaiticus*.

[26] Comp. *Atos*, II (vers.), 9; VI, 9; XX, 16; I *Petri*, I, 1; *Apocal*., I, 4, explicado por II, III. Comp. Ptolomeu, V, II; Estrabão, XII, VIII, 15; Plínio, V, 28.

[27] O próprio Galiano acredita. *De Libris Proprüs*, ch. I (Op., t. XIX, pp. 18-19, ed. Kühn).

[28] Veja-se Buxtorg, *Lex. Chald., Talm*., Rabb.

[29] *Atos*, VIII, 26, 28, 39, 40; XVI, 6, 7, 9.

[30] *Atos*, XVI, 6.

Bitínia ou continuariam para oeste e entrariam em Mísia? Inicialmente tentaram entrar em Bitínia; mas sobrevieram incidentes contrários, que julgaram como indícios da vontade do Céu; imaginaram que o espírito de Jesus não desejava que entrassem neste país.[31] Atravessaram então a Mísia de uma ponta a outra e chegaram à Alexandria Troas,[32] porto considerável, situado quase defronte de Ténedos e não muito distante da antiga Tróia. Assim o grupo apostólico fez, quase de uma só vez, uma viagem de mais de cem léguas através de um país pouco conhecido e que, por carente de colônias romanas e de sinagogas judaicas, não lhes oferecia nenhuma das facilidades que até ali tinham encontrado.

Estas longas viagens da Ásia Menor, cheias de melancolia e sonhos místicos, são uma mistura única de tristeza e de encanto. Por vezes a estrada é desoladora, certos lugares são singularmente áridos e despidos de vegetação; em outras partes, ao contrário, são cheios de árvores, não correspondendo de maneira alguma às idéias que comumente se ligam a essa palavra vaga — Oriente. A foz do Orontes constitui, no ponto de vista da natureza e das raças, uma linha profunda de demarcação. A Ásia Menor, pelo aspecto e pelas cores da paisagem, lembra a Itália ou o meio-dia da França pelas alturas de Valença e de Avinhão e o europeu aí não se encontrou despaísado, como na Síria e no Egito. É, se me permitem dizê-lo, um país ariano não um país semítico, sendo possível que um dia retorne ao domínio da raça indo-européia (gregos e armênios). A água é abundante, as cidades permanecem quase inundadas; certos lugares, como Nínfio, Magnésia de Sípilo são verdadeiros paraísos. Os cortes das montanhas, dispostos em anfiteatro, que formam quase por toda a parte o horizonte, apresentam variedades infinitas de formas e às vezes de desenhos bizarros que se considerariam fantasias, se algum artista as ousasse reproduzir; planaltos dentados como uma serra, flancos rasgados e golpeados, cones estranhos e paredes a prumo, onde se acumulam, com grande brilho, todas as belezas da pedra. Devido a essas numerosas cadeias de montanhas, as águas são plenas e rápidas. Amenizando o caminho estendem-

[31] *Atos*, XVI, 7.

[32] Restaram importantes ruínas. Texier, *Asie Min*., p. 194 e seg.; Conybeare e Howson, I, p. 300 e seg.

se, diante do olhar do viajante, longas filas de choupos, pequenos plátanos nos vastos leitos das águas de inverno, soberbos rebentos de árvores, cujas raízes mergulham nas fontes e que se erguem em grandes copas no sopé das montanhas. Em cada fonte a caravana pára e bebe. A viagem, durante dias e dias por estas vias estreitas[33] do solo antigo, que há séculos tem conduzido viajantes tão diversos, é por vezes fatigante; mas os descansos são deliciosos, uma parada de uma hora, um pedaço de pão comido nas margens desses riachos límpidos, correndo em leitos de pedregulho, bastam para reanimar por muito tempo o exausto viajante.

Em Troas, Paulo, que em certa altura da sua viagem parece não ter seguido um plano muito planejado, recai em novas dúvidas sobre o caminho a seguir. A Macedônia surge-lhe prometedora de uma boa colheita. Parece que o animou nesta idéia um macedônio que encontrou em Troas, um médico, prosélito incircunciso,[34] chamado Lucano ou Lucas.[35]

---

[33] Têm aproximadamente dois metros de largura.

[34] Assim se depreende de *Col.*, IV, versículo 11, 14, comparados entre si e se explica o espírito preconcebido e o plano geral que domina o livro dos *Atos*, principalmente o Cap. XV.

[35] Apenas de uma hipótese. Entendemos que o narrador que, a partir de *Atos*, XVI, 10, diz "nós" é o mesmo autor do terceiro Evangelho e dos *Atos* (Ireneu, *Adv. haer.*, III, XIV, 1) e não vemos motivo suficiente para não se identificar com Lucas, companheiro de Paulo, citado em *Col.*, IV, 14: *Filém.*, 24; II *Tim.*, IV, 11. A partir daí, deve-se supor que Lucas se encontrou com Paulo em Troas, pois é a partir desta cidade que o "nós" começa. Mas Troas não tinha judiaria. Como, por outro lado: 1º o narrador que diz "nós", parece ter ficado em Filipes a partir de XVI, 17; 2º, os versículos XVI, 9-10, têm um estilo que nos obriga a refletir; 3º, os versículos 12 e seguintes parecem, apesar do ligeiro lapso cometido em *prote* (lapso que se pode justificar), proceder de alguém que conhecia a região; 4º, o narrador (*Atos*, XIX, 22, e XX, 1) está mais preocupado com a Macedônia que com Corinto, e é por isso que erra; 5º, o narrador que diz "nós", volta a aparecer no Cap. XX, V, 5, no momento em que Paulo passa em Filipes pela última vez e regressa a Troas, é-se levado a supor que o narrador que diz "nós" era macedônio. Duas circunstâncias que impressionam são, de um lado, o detalhamento e a exatidão da narrativa com relação à missão da Macedônia e às últimas viagens de Paulo (a partir de XX, 5); por outro lado o conhecimento dos termos técnicos da navegação que se denunciam em todos os pontos em que o autor diz "nós".

Este nome latino poderia significar que o novo discípulo pertencia à colônia romana de Filipes;[36] os seus notáveis conhecimentos de geografia náutica e de navegação poderiam fazer-nos supor que era de Neópolis, pois os portos e toda a cabotagem do Mediterrâneo parece terem-lhe sido muito familiares. Este homem a quem estava reservado um lugar de destaque na história do cristianismo, pois ia ser o historiador das origens cristãs, e que os seus juízos, impondo-se ao futuro, deveriam vir a regrar as idéias que se formariam a respeito dos primeiros tempos da igreja, tinha recebido uma educação judaica e helênica muito esmerada. Era um homem suave, conciliador, uma alma terna, simpática, um caráter modesto, evitando a aparecer. Paulo estimava-o muito e Lucas foi sempre fiel ao mestre.[37] Como Timóteo, Lucas parecia ter sido criado para ser o companheiro de Paulo.[38] A submissão e a confiança cegas, a admiração ilimitada, a dedicação sem reserva, eram os seus sentimentos habituais. Dir-se-ia que era a abdicação absoluta de si mesmo, que o monge habitual fazia nas mãos do seu abade.[39] O ideal do "discípulo" nunca foi tão perfeitamente realizado. Lucas deixou-se fascinar por completo pelo ascendente de Paulo. A sua bonomia de homem do povo aparece sem cessar; a sua fantasia mostra-lhe sempre, como modelo de perfeição e de felicidade, um homem enérgico, verdadeiro chefe da sua família, de que é como o pai espiritual, judeu de coração, tendo-se convertido com toda a sua casa.[40] Estimava os oficiais romanos, em cujas virtudes bondosa-

---

Acrescente-se que o narrador dos *Atos* conhece mal o judaísmo, e que, ao contrário, conhece medianamente a Grécia e a filosofia grega (*Atos*, XVII, 18 e seg.). É talvez por um sentimento de admiração pelos desígnios da Providência que insiste tanto, XVI, 6-7, sobre as revelações que impuseram a Paulo o itinerário que os devia reunir em Troas.

[36] A maioria dos nomes que se encontram nas inscrições de Filipes e de Neópolis é latina. Cf. Heusey, *Miss. de Maced.*, primeira parte. O nome de Lucano ou Lucas não é muito raro no Oriente. Cf. *Corp. inscr. gr.*, nºs 3829, 4700 k, 4759 (cf. add.).

[37] *Col.*, IV, 14; II *Tim.*, 4, 11.

[38] Cf. *Fil.*, II, 20 e seg.

[39] Compare-se a narrativa *Atos*, XXVII-XXVIII, principalmente XXVII, 11, 21 e seg., com as descrições relativas a São Brandão.

[40] *Atos*, X, 2, 24; XVI, 15, 33, 36; XVIII, 8.

mente acreditava. Uma das coisas que mais admira é um bom centurião, piedoso, benévolo para os judeus, bem-servido e obedecido;[41] estudara provavelmente o exército romano em Filipos e fora por ele muito impressionado; ingenuamente supunha que a disciplina e a hierarquia são coisas de ordem moral. Sua simpatia é também muito grande pelos funcionários romanos.[42] O seu título de médico[43] faz supor que tinha certos conhecimentos, o que por fim os seus escritos demonstrariam, mas não implica uma cultura científica e racional, que muitos poucos médicos possuíam então. Lucas é, por excelência, o "homem de boa vontade", o verdadeiro israelita de coração, aquele a que Jesus leva a paz. Foi ele quem nos transmitiu, e provavelmente compôs, esses deliciosos cânticos do nascimento e da infância de Jesus, esses hinos dos anjos, de Maria, de Zacarias, do velho Simeão, em que ressaltam em sons tão claros e tão alegres a felicidade da nova aliança, o Hosana do piedoso prosélito, o acordo restabelecido entre os pais e os filhos na família de Israel.[44]

Acredita-se que Lucas foi tocado pela graça em Troas, que desde então se ligou a Paulo e o convenceu de que em Macedônia encontraria um excelente campo de atuação. As suas palavras causaram grande impacto no espírito do apóstolo. Este imaginou ver em sonhos um macedônio que, em pé diante dele, o convidava e lhe dizia: "Anda em nosso auxílio". Julgou-se, pois, no grupo apostólico, que a ordem de Deus era que se viajasse para a Macedônia, e assim se concluiu, aguardando apenas ocasião favorável para partir.[45]

[41] *Atos*, IX, 1 e seg.; *Luc*., VII, 4-5. Comp. *Atos*, XVII, 3 e seg.

[42] Vejam-se *Os Apóstolos* e o presente livro, Cap. I. O seu sistema consiste em apresentar Paulo sempre salvo das mãos dos judeus pelos romanos. *Atos*, XXI, XXII, XXIII, etc.

[43] *Col*., IV, 14.

[44] *Lucas*, I, 46 e seg., 68 e seg.; 11, 14, 29 e seg., e em geral os Caps. I e II. Comp. *Vida de Jesus*.

[45] *Atos*, XVI, 9-10.

CAPÍTULO VI

Missão da Macedônia (continuação da segunda viagem)

A missão pisava agora em um chão totalmente desconhecido. Eram terras que pertenciam à província da Macedônia; mas estas regiões não fizeram parte do reino macedônio senão a partir de Filipe. Na realidade eram regiões da Trácia, colonizadas em tempos antigos pelos gregos, depois absorvidas pela forte monarquia que teve Pela como centro, e englobadas, depois de duzentos anos, na grande unificação romana. No mundo todo poucos países eram tão puros na raça como nesses lugares situados entre o Hemo e o Mediterrâneo. Aí se tinham sobreposto ramos diversos, é verdade, mas todos autênticos da família indo-européia. Excetuando-se algumas influências fenícias, vindo de Tasos e de Samotrácia, quase nada de diferente penetrara no interior. A Trácia, em grande parte céltica,[1] permanecia fiel à vida ariana; conservava os antigos cultos sob uma forma que parecia bárbara aos gregos e aos romanos, mas que era apenas primitiva. Quanto à Macedônia, era talvez a região mais

[1] Verifique-se os nomes de Sadoc, Sparadoc, Médoc, Amadoc, Oluro, Lutarco, Leonório, Cemontório, Lomnório, Luário, Cávaro, Bitoco ou Bituito (comp. *Revue num*., nova série, t. I, 1856; moedas avernas, nº 5-6), Rabocento, Biticento, Zipacento (Heuzey, *Miss. de Mac*., p. 149 e seg.; *Art. de Verif. les dates*, av. J. C., t. III, pp. 106-132). A predisposição para a embriaguez, tão forte nos Trácios, é em geral um indício da raça gaulesa ou germânica.

honesta, mais séria, e mais sadia do mundo antigo. Em sua origem um país de burgos feudais e não de grandes cidades independentes, e de todos os regimes é este o que conserva melhor a moralidade humana e mantém mais forças reservadas para o futuro. Monárquicos por convicção e por abnegação, repletos de antipatia pelo charlatanismo e pela agitação freqüentemente estéril das pequenas repúblicas, os macedônios ofereceram à Grécia o tipo de uma sociedade semelhante à da Idade Média, fundada sobre o lealismo, a fé na legitimidade, a hereditariedade e sobre um espírito conservador, igualmente afastado tanto do despotismo ignominioso do Oriente como dessa febre democrática que, queimando o sangue de um povo, gasta rápido os que a ela se abandonam. Assim livres das causas de corrupção social que a democracia traz quase sempre consigo, e livres das correntes de ferro que Esparta inventara para se precaver contra a revolução, os macedônios foram o povo da antiguidade que mais se assemelhou aos romanos. Sob determinados pontos de vista, fazem lembrar os barões germânicos, zangados, bêbados, rudes, orgulhosos e leais. Se apenas em um momento não realizam o que os romanos souberam fundar de uma maneira durável, tiveram pelo menos a honra de sobreviver à sua tentativa. O pequeno reino da Macedônia, sem facções nem agitações, com a sua boa administração interior, foi a mais sólida nação que os romanos tiveram de combater no Oriente. Entre os macedônios reinava um forte espírito patriótico e legitimista que mesmo depois das suas derrotas se revoltaram contra os impostores que pretendiam continuar a sua antiga dinastia. Sob o poder dos romanos a Macedônia permaneceu uma região digna e pura e forneceu mesmo a Bruto duas excelentes legiões.[2] Os macedônios não recorreram a Roma para se enriquecerem à custa de indecorosos expedientes, como fizeram os sírios, os egípcios e os asiáticos. Apesar das grandes mudanças de raças que se seguiram,[3] pode dizer-se que a Macedônia conserva ainda o mesmo caráter. É um país situado nas condições normais da vida européia, arborizado, fértil, servido por grandes cursos de água, tendo fontes interiores de riquezas. Enquanto a Grécia,

[2] Apiano, *Guerres Cir.*, III, 79.

[3] Atualmente predomina na Macedônia o elemento eslavo.

decadente, pobre, especial em tudo, só conta a sua glória e a sua beleza. Terra de milagres como a Judéia e o Sinai, a Grécia floresceu uma vez, mas não é provável que floresça de novo; criou alguma coisa de único que não poderá renovar-se; parece que quando Deus aparece em um país o seca para sempre. Terra de kleftes e de artistas, a Grécia nunca mais teve o papel original desde o dia em que o mundo entrou no caminho da riqueza, da indústria e do grande consumo; não produz senão gênio; causa admiração a quem a percorre constatar que uma raça poderosa tenha conseguido viver neste conjunto de montanhas áridas, no meio das quais um vale com alguma umidade, uma restrita planície nos fazem acreditar que só por milagre isso tenha ocorrido; nunca se viu tão nítido a oposição entre a opulência e a grande arte. A Macedônia, ao contrário, assemelha-se à Suíça ou ao sul da Alemanha. As suas aldeias são tufos de árvores gigantescas; tem tudo que é necessário para ser um país de grande cultura e de indústria, vastas planícies, ricas montanhas, verdes pradarias, largos aspectos, muito diferentes desses pequenos encantadores dédalos da região grega. Triste e sério, o camponês macedônio nada tem da elegância e da delicadeza do camponês heleno. As mulheres, belas e castas, trabalham no campo como os homens. Dir-se-ia um povo de camponeses protestantes; é uma boa e forte raça, trabalhadora, sedentária, amando o seu país, repleta de futuro.

Saídos de Troas, Paulo e os seus companheiros (Silas, Timóteo e provavelmente Lucas) navegaram com bons ventos, atingiram na primeira tarde Samotrácia e no dia seguinte abordaram Neópolis,[4] cidade situada num pequeno promontório em frente da ilha de Tasos. Neópolis era o porto da grande cidade de Filipos,

[4] Atualmente, Cavala, importante escala marítima. Veja-se Heuzey, *Miss. de Maced.*, p. 11 e seg. Entretanto várias vezes se supôs que a cidade antiga situava-se em Leftero-Limani ou Esk-Cavala (o velho Cavala), a dez quilômetros a S.-O. de Cavala, onde existe um porto magnífico. Veja-se Tafel, *De Via Egnatia*, II, p. 12 e seg. É mais provável que Leftero-Limani seja o antigo Daton, que teria sido aos poucos abandonado pela "nova cidade", *Neópolis* ou *Neápolis*. Veja-se Perrot, na *Revue Arch.*, julho de 1860, p. 45 e seg. Leftero fica distante da via Egnatiana e afastado de Filipos que Cavala.

[5] Apiano, *Guerres civ.*, IV, 106; Heuzey, p. 15 e seg.

situado a uma distância de três léguas em direção ao interior.[5] Era o ponto em que o mar atingia a Via Inaciana, que atravessava de ocidente a oriente a Macedônia e a Trácia. Seguindo por esta estrada, que não mais abandonariam até Tessalônica, os apóstolos subiram a rampa talhada nas rochas que dominam Neópolis, transpuseram a pequena cadeia de montanhas que corre ao longo da costa e chegaram na planície ao centro da qual se destaca, sobre um promontório da montanha, a cidade de Filipos.[6] Esta rica planície, cuja parte mais baixa é ocupada por um lago e pântanos, comunica-se com a bacia do Estrímon por detrás da Pangéia. As minas de ouro que nas épocas helênica e macedônica fizeram a celebridade do lugar, estavam nessa época quase abandonadas. No entanto Filipos, cercada entre montanha e águas, conquistara novos elementos de vitalidade, devido à sua excelente posição militar.[7] A batalha que 94 anos antes da chegada dos missionários cristãos se travara, às suas portas, foi para ela a causa de um súbito esplendor.[8] Augusto estabelecera aí uma das mais consideráveis colônias, com o *jus italicum*.[9] A cidade era muito mais latina do que grega; o latim era idioma comum; as religiões do Lácio pareciam que tinham sido para aí transportadas integralmente; a planície em volta, semeada de burgos, era também nessa época uma espécie de distrito romano voltado para o coração da Trácia.[10] Essa colônia estava inscrita na tribo Voltínia[11] e havia sido formada principalmente com o que restara do partido de Antônio, que Augusto reunira nestas paragens, tendo-lhes misturado uma parte do velho mundo trácio.[12] Era constituída por uma população muito trabalhadora, vivendo na

[6] Hoje totalmente destruída, sobraram belas ruínas. O próprio nome, que se conservara no da aldeia da *Filibidjik*, desapareceu. Veja-se Heuzey, *Miss. de Maced.*, 1ª parte.

[7] Heuzey, *Miss. de Maced.*, pp. 33-34.

[8] Estrabão, VII, fragm. 41.

[9] *Atos*, XVI, 12; Díon Cássio, LI, 4; Plínio, *H. N.*, IV, 18; *Digesto*, L, XV, 6; as moedas e as incrições: cf. Heuzey, pp. 17-18, 72.

[10] Heuzey, *Miss. de Maced.*, toda a parte concernente a Filipos e seus arredores. Mais tarde o grego retoma a preponderância.

[11] Heuzey, p. 40, 41, 46, 140.

[12] Heuzey, pp. IV-V, 42, 137-138 etc.

ordem e na paz e muito religiosa.[13] Cresciam confrarias, principalmente as instituídas sob a invocação do deus Silvano,[14] considerado como uma espécie de gênio tutelar da dominação latina.[15] Os mistérios de Baco da Trácia[16] guardavam idéias muito elevadas sobre a imortalidade e tornavam próximas à população as imagens da vida futura e de um paraíso amoroso muito semelhantes às que o cristianismo mais tarde devia propagar.[17] Nestes lugares o politeísmo era menos complicado do que em outras partes. O culto de Sabázio, comum à Trácia e à Frígia, em relação estreita com o antigo orfismo e ligado ainda pelo sincretismo do tempo aos mistérios dionisíacos, continha em si os germes do monoteísmo.[18] Um gosto de simplicidade infantil[19] já preparava o caminho do Evangelho. Tudo indica hábitos honestos, sérios e pacíficos. Sentimo-nos num meio semelhante àquele em que nasceu a poesia bucólica e sentimental de Virgílio. A planície, sempre verdejante, é fértil para variadas culturas de legumes e flores.[20] Belas nascentes, brotando do sopé da montanha de mármore dourado que coroa a cidade, espalhavam por toda a parte quando bem-dirigidas, a riqueza, a sombra e um ar fresco. Maciços de choupos, salgueiros, figueiras, cerejeiras, videiras bravas, exalando um odor suave, ocultam os riachos que correm em grande quantidade. Ao longe, pradarias inundadas ou cobertas de grandes canaviais mostram-nos os seus

[13] Heuzey, p. 78 e seg.

[14] *Cultores Sancti Silvani*, Heuzey, p. 69 e seg.

[15] Orelli, *Inscr. Lat.*, nº 1800; Steiner, *Inscr. Germ.*, nº 1275.

[16] Sobre o culto de Baco em Filipos, verifique-se Apiano, *Guerres Civ.*, IV, 106; Heuzey, pp. 79-80.

[17] Heuzey, p. 39. Veja-se principalmente a inscrição de Doxato: Heuzey, p. 128 e seg. Cf. *Comptes rendus de l'Acad des Inscr.*, julho de 1868, p. 219 e seg. Compare-se com o túmulo sabaziano de Vibia em Roma (Garrucci, *Tre Sepolcri* etc., Napoli, 1852).

[18] Estrabão, X, III, 16; *Eshol. de Arist.*, in *Vesp.*, 9; Macróbio, *Saturn.*, I, 18: Heuzey, pp. 28-31, 80. Wagener, *Inscr. d'Asie Min.*, p. 8 e seg.

[19] Inscrição de Doxato.

[20] Téofrasto, *Hist. Plant.*, II, 2; IV, 14 (16), 16 (19); VI, 6; VIII, 8; *De Causis Plant.*, IV, 12 (13); Plínio. *Hist. Nat.*, XXI, 10. Ainda hoje, perto do Dekili-tasch, existem belos jardins hortícolas.

rebanhos de búfalos de olhos branco-mate, chifres enormes, apenas com a cabeça submersa, enquanto as abelhas e borboletas negras e azuis voam sobre as flores. A Pangéia, com os seus altos majestosos, cobertos de neve até ao mês de junho, avança como para juntar-se à cidade através das águas. Artísticas cordilheiras de montanhas fecham o horizonte por todos os lados, deixando apenas uma abertura pela qual o céu passa fazendo-nos adivinhar num longínquo reflexo a bacia do Estrímon.

Filipos oferecia à missão um lugar apropriado. Conforme já foi visto na Galácia as colônias romanas de Antioquia de Pisídia, de Cônia, acolherem muito bem a boa doutrina, a mesma coisa iremos ver em Corinto e em Alexandria Troas. Residindo aí há muito tempo, as populações tendo longas tradições locais, mostravam-se menos inclinadas a invocações. A judiaria de Filipos, se é que existia alguma, era pouco importante; tudo se limitava talvez à celebração do sábado realizada por mulheres; mesmo nas cidades em que não havia judeus, o sábado era celebrado por algumas pessoas,[21] mas parece que não existia nenhuma sinagoga.[22] Quando o grupo apostólico entrou na cidade estava-se nos primeiros dias da semana. Paulo, Silas, Timóteo e Lucas permaneceram alguns dias em casa esperando, segundo o costume, o dia do sábado. Lucas, que conhecia o país, lembrou-se de que as pessoas convertidas aos costumes dos judeus tinham o hábito de se reunir nesse dia fora da cidade, na margem de um pequeno rio que corre ao fundo e sai da terra como um turbilhão a légua e meia da cidade por uma nascente chamada Gangas ou Gangites.[23] Talvez fosse o antigo

[21] Vejam-se *Os Apóstolos*.

[22] Assim se deduz de *Atos*, XVI, 13 e seg., comparado com *Atos*, XVII, 1, 10.

[23] Apiano, *Guerres Civ.*, IV, 106-107; Díon Cássio, XLVII, 47. Hoje rio de Bounarbachi. Veja-se a planta de Filipos. Heródoto (VII, 113) fala de um rio Angités (o *Angista* atual), que, segundo ele e, lança no Estrímon ao ocidente da Pangéia. É talvez o mesmo nome *Gangites*; o rio de Bounarbachi é o mais poderoso afluente da lagoa central da planície de Filipos, desaguando no Angista e depois no Estrímon. Veja-se o mapa da Turquia de Kiepert, e Cousinery, *Voy. dans la Maced.*, II, p. 45 e seg.

nome ariano dos rios sagrados (*Ganga*).[24] Pode-se afirmar que a cena pacífica contada nos *Atos* e que assinalou o primeiro estabelecimento do cristianismo na Macedônia, ocorreu no mesmo lugar onde um século antes se decidira a sorte do mundo.[25] O Gangites marcou, na grande batalha do ano 42 antes de Cristo, a divisão entre a gente de Bruto e de Cássio.

Nas cidades em que não existia sinagoga, as reuniões dos seguidores do judaísmo faziam-se em pequenas edificações descobertas, em pleno ar livre, em espaços apenas circundados, chamados *proseuchae*,[26] situados perto do mar e dos rios por causa das abluções.[27] Os apóstolos dirigiram-se para o local indicado. Muitas mulheres tinham vindo, com efeito, para cumprir as suas devoções e os apóstolos falaram-lhes anunciando o mistério de Jesus. Foram escutados com toda a atenção e uma mulher ficou muito impressionada: "O Senhor", diz o narrador dos *Atos*, "abriu o seu coração". Chamavam-lhe Lídia ou "a Lidiana" porque era de Tiatiros;[28] e comerciava a púrpura com um dos principais produtores da indústria lidiana.[29] Era uma pessoa piedosa das que se chamavam "tementes a Deus", quer dizer, pagã

[24] Esta enorme quantidade de água, que provinha de uma só nascente. como o Loirete, devia inspirar aos antigos idéias religiosas.

[25] O arco chamado Kiemer, situado no local mencionado pelos *Atos*, deve ter sido erguido em comemoração da batalha. Heurey, pp. 118-120.

[26] Inscr. nas *Antiquités du Bosphore Cimmerien*, nº 22; *Mel. greco-rom.* da Academia de São Petersburgo. II, p. 200 e seg.: Epif., *Contra haer.*, LXXX, 1. Comp. com Juvenal, III, 296.

[27] Jos., *Ant.*. XIV, X, 23; pseudo-Aristeas, p. 67 (edição Moriz Schmit: Filom, *In Flaccum*, § 4: Tertuliano, *De jej.*, 16.

[28] Compare-se por analogia com Korinthia, *Corp. inscr. gr.*, nº 3847 *n*; Le Bas, III, nº 1022: *Miss. de Phen.*, inscr. de Sídon.

[29] Plínio, *H. N.*, VII; 57; Máximo de Tiro, XL; Valério Flaco, IV, 368-369: Chaudiano, *Rapt. Proserp.*, I, 276: Eliano, *Anim.*, IV, 45; Estrabão, XIII, IV, 14. Comp. *Corpus inscr. gr.*, nºs 3496, 3497, 3498, 3924, 3938; Le Bas, III, 1687; Wagener, na *Revue de l'Instr. Publ. en Belgique*, 1868, p. 1 e seg. É possível que os judeus tenham entregado especialmente a essa indústria. (Wagener, *l. c.*).

pelo nascimento mas observando os preceitos "de Noé".[30] Ela submeteu-se ao batismo com toda a família e não descansou enquanto não conseguiu, à força de instâncias, que os quatro missionários concordassem em ficar em sua casa. Eles aí ficaram algumas semanas, pregando ao sábado no oratório, na margem do Gangites.

Assim, formou-se uma pequena igreja, quase toda composta de mulheres;[31] uma igreja muito piedosa, muito obediente, muito dedicada a Paulo.[32] Além de Lídia, esta igreja contava com Evódia e Síntice,[33] que combateram valentemente com o apóstolo em favor do Evangelho mas que tinham por vezes suas disputas, devido ao seu ministério de diaconisas;[34] Epafrodite, homem corajoso, que Paulo trata por irmão, colaborador, companheiro de armas;[35] Clemente e outros, que Paulo chama "seus colaboradores, e cujos nomes", diz ele: "se escrevem no livro da vida".[36] Timóteo era também muito amado pelos filipenses e por eles tinha uma grande dedicação.[37] Foi a única igreja de que Paulo aceitou ajuda financeira,[38] porque era rica e pouco sobrecarregada de judeus pobres. Lídia foi, sem dúvida, a principal autora destas dádivas; Paulo aceitava-as porque sabia que ela era convicta da nova fé. A mulher oferece com o próprio coração,não há a recear da sua parte censuras nem intenções interesseiras. Paulo preferia ficar grato a uma mulher (provavelmente viúva) do que estava seguro, do que a homens para com os quais ficava menos independente se lhes devesse alguma gratidão.

[30] Veja-se Levy, *Epigr. Beiträg*, pp. 312-313.

[31] *Atos*, XVI, 13 e seg.; *Fil.*, IV, 2-3.

[32] *Fil.*, I, 3 e seg.; II, 12.

[33] Para esse nome, veja-se *Corp. inscr. gr.*, nº 2264 *m*; Perrot, *Expl. de la Gál.*, p. 88; Le Bas (Waddington), III, nº 722.

[34] *Fil.*, IV, 2-3.

[35] *Fil.*, II, 25 e seg.

[36] *Fil.*, IV, 3.

[37] *Fil.*, II, 19-23.

[38] *Fil.*, IV, 10 e seg. Cf. I *Tess*, II, 5, 7, 9; II *Cor.*, XI, 8 e seg.

A pureza total dos costumes cristãos desviava toda a suspeita. Talvez não seja mesmo muito audacioso supor que é a Lídia que Paulo, na sua Epístola aos Filipenses, chama "minha querida esposa".[39] Esta expressão será, se assim desejarem, uma simples metáfora.[40] Contudo é absolutamente impossível que Paulo tenha contraído com esta mulher uma união mais íntima? Não podemos afirmá-lo. A única coisa que se sabe é que Paulo nas suas viagens não levava com ele nenhuma companheira. Um ramo da tradição eclesiástica acreditou, não obstante isto, que ele era casado.[41] Cada vez mais ia se definindo o caráter da mulher cristã. À mulher judia, por vezes tão forte e tão devotada; à mulher síria, que ia buscar à sua languidez, de uma organização doentia, os grandes ímpetos de entusiasmo e de amor, a Tabita, a Maria de Magdala, sucede a mulher grega Lídia, Febe, Cloe, entusiasmadas, alegres, ativas, ternas, distintas, almas abertas a tudo e discretas no entanto, não dificultando nunca a ação do seu mestre, subordinando-se-lhe, capazes do que há de maior, porque se contentavam em ser as colaboradoras dos homens e as suas irmãs, em os auxiliar quando eles faziam as melhores coisas e mais belas. Estas mulheres gregas, de delicada e forte raça, sofrem com a idade uma mudança que as transforma, tornam-se pálidas, a vista embaça-se ligeiramente; cobrem então com um véu negro os cabelos que lhes emolduram o rosto, dedicando-se aos costumes austeros, a que se entregam com um vivo e inteligente ardor. A "servente" ou diaconisa grega ultrapassa em coragem a da Síria e da Palestina. Estas mulheres, guardiãs dos segredos da igreja, corriam os maiores perigos, preferiam suportar

[39] *Gnesie suxuge*, Fil., IV, 3. Clemente de Alexandria (*Strom.*, III, 6) e Eusébio (*Hist. eccl.*, III, 30) consideram *suxuge* no sentido de esposa. Ressalta-se que Lídia não é nomeada na Epístola aos Filipenses. O papel que Paulo atribui a *gnesios suxugos* (V, 3) ajusta-se admiravelmente à rica Lídia *suggameanou*. Alguns consideram *suxugos* como um nome próprio; mas não há outro exemplo do que signifique.

[40] Compare-se *gnesio tekno*, I *Tim.*, I, 2; *Tit.*, I, 4. Paulo chamava da mesma forma à mãe de Rufo "minha mãe" (*Rom.*, XVI, 13).

[41] Além de Clemente de Alexandria e Eusébio, resumos, veja-se pseudo-Inácio, *Ad Philad.*, 4 (Dressel). Cf. *Os Apóstolos*.

todos os tormentos a revelar qualquer coisa.[42] Foram elas que criaram a dignidade do seu sexo; exatamente porque não falavam dos seus direitos fizeram mais do que os homens, com o ar de se limitar a servi-los.

No entanto, um incidente veio apressar a partida dos missionários no momento em que a cidade começava a notar-lhes a presença e as imaginações já trabalhavam sobre as virtudes maravilhosas que se lhes atribuíam, principalmente com relação aos exorcismos. Um dia em que se dirigiam para o local das preces, os apóstolos encontraram uma jovem escrava, provavelmente ventríloqua,[43] que passava por pitonisa, predizendo o futuro. Os seus patrões ganhavam muito dinheiro com esta ignóbil exploração. A pobre jovem, ou porque tivesse realmente o espírito em desequilíbrio, ou porque se fatigasse com sua profissão, mal viu os missionários começou a segui-los com grande alarido. Os fiéis julgavam que ela rendia homenagem à nova fé e aos que a pregavam. Renovou-se isto, repetiu inúmeras vezes até que um dia, enfim, Paulo exorcismou-a; a moça, acalmada, julgou ter-se libertado do espírito que a obsediava. Mas o despeito dos seus senhores foi enorme; com a cura da rapariga perdiam o seu ganha-pão e abriram por isso um processo contra Paulo, autor do exorcismo e a Silas, como seu cúmplice,[44] e conduziram-nos à *ágora*, ante os duúnviros.[45] Era difícil fundamentar uma questão de indenização com uma razão tão singular. Os pleiteantes insistiram no fato da perturbação causada na cidade e o da pregação ilícita: "Pregam costumes", diziam, "que nos não é permitido seguir, porque somos romanos". Com razão, a cidade era de direito itálico, e a liberdade dos cultos era tanto menor quanto mais entrosadas estavam as pessoas à cidade romana. A população supersticiosa, excitada pelos patrões da pitonisa, fazia uma manifestação hostil aos apóstolos. Esta espécie de pequenas manifestações era freqüente nas cidades antigas; os novelistas, os desempregados, os *"pilaos de ágora"*, como Demóstones lhes chamava, já viviam disso.[46] Os duúnviros, acreditando que se tratava de judeus vulgares, sem haverem se informado nem realizado averiguação sobre a história das pessoas,[47] condenaram Paulo e Silas a serem chibatados. Os lictores tiraram as vestes dos apóstolos e açoitaram-os cruelmente, diante do público.[48] Em seguida foram conduzidos à prisão,[49] jogados num dos cárceres mais profundos, prendendo-lhes os pés com correntes.

Ignora-se porque não lhes deram a palavra para se defenderem[50] ou porque de bom grado desejassem a glória de sofrerem humilhações pelo seu mestre,[51] nem Paulo nem Silas se valeram do seu título de cidadãos perante o tribunal.[52] Apenas durante a noite, já na prisão, foi que declararam o seu trunfo. O carcereiro ficou muito surpreendido, até então tratara os dois judeus com rispidez; agora encontrava-se em presença de dois romanos, Paulus e Silvanus, indevidamente condenados. Assim, lavou-lhes as feridas e deu-lhes de comer. É provável que ao mesmo tempo fossem informados os duúnviros, porque durante a madrugada enviaram pelos lictores, ao carcereiro, ordem para colocarem os prisioneiros em liberdade utilizando-se de um bastão. A lei *Valeria* e a *Porçia* eram formais;

---

[42] Plínio, *Epist.*, X, 97.

[43] Plutareo, *De defectu orac.*, 9: Hesychius na palavra (grego, p. 150), Scoliaste de Aristófanes, *ad Vesp.*, V, 1019.

[44] Timóteo e Lucas não estavam presentes ao ato do exorcismo.

[45] Era o nome que se dava aos primeiros magistrados das colônias.

[46] Vejam-se os dicionários gregos na palavra *ágoraios*.

[47] *Atos*, XV1, 37.

[48] *Atos*, XVI, 22-23, 37; I *Tess.*, II, 2; II *Cor.*, XI, 25; *Fil.*, I, 30.

[49] A narrativa da testemunha ocular, sempre tão nítida, torna-se nublada aqui pelo desejo que o autor tem de, por toda a parte, encontrar milagres e conversões de pecadores ou de pessoas de profissão inferior, subitamente mudadas, por sentirem-se tocadas da graça. Mas que há de estranho em que um discípulo de Paulo acreditasse que o seu mestre fazia milagres, quando o próprio Paulo declara realizá-los? Não atribui Porfírio milagres a Plotino, seu mestre, com o qual viveu anos? As libertações milagrosas da prisão eram um dos temas mais comuns dos milagres apostólicos: *Atos*, V, XII. A preocupação do carcereiro encontra-se na descrição do Cap. XII, que, afinal, nos é dada por uma testemunha ocular.

[50] *Atos*, XVI, 37.

[51] *Atos*, V, 41; II *Cor.*, XI, 23 e seg.

[52] A respeito das dúvidas que este episódio levanta, veja-se o Cap. XIX.

a aplicação de pancadas em um cidadão romano constituía para o magistrado um delito grave.[53] Paulo, aproveitando-se destas vantagens, recusou-se a sair assim, às ocultas; exigiu, diz-se, que os próprios duúnviros viessem realizar a sua soltura. Vendo-se muito embaraçados, os magistrados vieram e decidiram que Paulo se retirasse da cidade.

Livres, os dois missionários dirigiram-se à casa de Lídia. Todos os receberam como mártires; eles dirigiram aos irmãos as últimas palavras de exortação e de conforto e partiram. Em nenhuma outra cidade Paulo tinha sido assim tão estimado. Timóteo, que não fora implicado no processo, e Lucas que desempenhava um papel secundário, continuaram em Filipos.[54] Lucas devia retornar a ver Paulo após cinco anos.

De Filipos, Paulo e Silas seguiram a Via Inaciana e dirigiram-se para Anfípolis. Esta foi uma das mais belas jornadas da viagem de Paulo. Após a planície de Filipos a via entra num vale muito aprazível, dominada pelas altas montanhas do Pangéia.[55] Cultiva-se aí o linho e as plantas dos países mais temperados e aparecem em todas as curvas da montanha povoações importantes. A cada passo, quase sob cada plátano, encontram-se poços profundos, cheios de água proveniente das neves vizinhas e filtrada por espessas camadas de terrenos permeáveis que se oferecem ao viajante; rochas de mármore branco dão passagem a pequenos rios de uma limpidez incomparável, aprendendo-se aí a classificar a água como sendo um dos primeiros dons da natureza. Anfípolis era uma grande cidade, capital da província,[56] a uma légua da foz do Estrímon, mas

[53] Cíc., *In Verrem.*, II, V, 62 e seg.

[54] A respeito de Timóteo deduz-se isto de *Atos*, XVII, 4, 10, 14, 15. A respeito de Lucas, deduz-se do fato de "nós" não reaparecer mais antes de *Atos*, XX, 5, no momento da terceira missão em que Paulo regressa aos lugares da Macedônia e de Troade.

[55] É possível que Paulo retornou pelo norte do Pangéia (Leake, *Travels in northern Greece*, III, pp. 179-181: Conybeare e Howson, I, p. 340); mas além dos vestígios que podem ser os da Via Inaciana que se vêem ao sul, eu averiguei que hoje para ir do *Dekilitasch* (o khan de Filipos) a Iénikeui, se passa pelo vale que se estende de Pravista a Orfani.

[56] Tito Lívio, XLV, 29 (ef. Plínio, IV, 17); não obstante *Atos*, VI, 12.

parece que os apóstolos aí não se demoraram tempo nenhum,[57] talvez por ser uma cidade inteiramente helênica.

Os apóstolos, saídos do estuário do Estrímon, caminharam por entre o mar e a montanha, através de bosques espessos e de pradarias que vão até as areias da praia. A primeira parada foi sob os álamos, perto de uma nascente muito fresca, que sai da areia a dois passos do mar, um lugar delicioso. Em seguida penetraram em Áulon de Aretusa, escavação profunda, espécie de Bósforo talhado a prumo, que serve de canal das águas dos lagos interiores para o mar;[58] e passaram, provavelmente sem reparar, junto do túmulo de Eurípedes.[59] A beleza das árvores, a frescura do ar, a rapidez das águas, o viço dos fetos e dos arbustos de toda a ordem, fazem lembrar um lugar da Grande Chartreuse ou do Gresivandan, situado à entrada de uma fornalha. No entanto, a bacia dos lagos Migdônia é tórrida; dir-se-iam superfícies de chumbo fundido; somente as cobras, erguendo a cabeça fora da água e procurando a sombra, produzem pequenas ondulações. Os animais, ao meio-dia, juntam-se todos ao pé das árvores, como hipnotizados; não há sequer o borbulhar dos insetos e o canto das aves, que costumam resistir a todas estas provações; poder-se-ia-dizer estarmos no reino da morte.

Atravessando, sem se deter, a pequena cidade de Apolônia,[60] Paulo foi contornando os lagos pelo sul e seguindo até quase o

Veja-se Estrabão, VII, fragmento 21. Anfípolis desapareceu quase totalmente. Uma aldeia muito ativa, *lénikeui*.se edificou no mesmo lugar.

[57] *Atos*, XVII, 1.

[58] Veja-se Cousinéry, *Viagem a Macedônia*, I, 116 e seg.: Clarke, *Travels*, IV, p. 381 e seg.; Lenke, III, 170 e seg.; 461.

[59] Plutarco, *Vie de Lycurgue*, 31; Vitrúvio, VIII, III, 16; Plínio, *H. N.*, XXXI, 19; Aulu-Gelle, XV, 20; Amiano Marcelino, XXVII, 4; *Itin. de Bordeaux*, p. 604 (Wesseling); *Anthol. Raiat.*, VII, 51; Clarke, *l. c.*

[60] Plínio, IV, 17; *Itin. Ant.*, p. 320 (Wesseling); Estevão de Bizâncio *s. h. v.* Idêntica no local das ruínas do nome de Polina, situado ao sul da extremidade oriental do lago Betschik-Gueul, (veja-se o mapa da Turquia de Kiepert; Cousinéry, I, 115-116 e o mapa; Leake, III, p. 457 e seg.; Conybeare e Howson, I, pp. 343-344). Este nome é quase desconhecido no país. Não confundir a Apolônia de que se trata com a Apolônia situada na costa entre Neópolis e a foz do Estrímon.

fundo do plano que eles ocupam na depressão central, atingiu a pequena cadeia de montanhas que fecha, pelo lado este, o golfo de Tessalônica. No alto destas colinas, vê-se no horizonte o Olimpo em todo o seu esplendor. O sopé e a região média da montanha confundem-se com o azul do céu; as neves do picos parecem uma morada etérea suspensa no espaço. Mas a montanha já fora devastada, agora moravam nela os homens, pois os deuses já não a habitavam. Quando Cícero, no seu exílio em Tessalônica, viu estes píncaros brancos sabia bem que não havia lá senão neve e rochedos. Julga-se que Paulo não teve um olhar para esses lugares encantados de uma outra raça porque uma grande cidade se encontrava diante dele, e o apóstolo adivinhava, pela sua experiência, que aí iria encontrar um terreno fértil para semear alguma coisa grandiosa.

Desde a dominação romana, Tessalônica tornara-se um dos portos mais comerciais do Mediterrâneo. Era uma cidade muito rica e povoada.[61] Possuía uma grande sinagoga, que servia de centro religioso ao judaísmo de Filipos, de Anfípolis e de Apolônia, que não tinham oratórios.[62] Paulo seguiu a sua prática habitual, durante três sábados consecutivos falou na sinagoga, repetindo o seu discurso sobre Jesus, provando que era o Messias, que as Escrituras se tinham realizado nele, que sofrera e depois ressuscitara. Alguns judeus se converteram; mas as conversões foram numerosas foi sobretudo entre os gregos "tementes a Deus".

As mulheres surgiam em bando. O que havia de melhor na sociedade feminina de Tessalônica guardava sábado e as cerimônias judaicas; a elite destas piedosas damas acorreu aos novos pregadores.[63] Muitos pagãos converteram-se também.[64] Produziram-se os fenômenos de taumaturgia, glossolália, poderes do Espírito

[61] Estrabão, VII, VII, 4; Luciano, *Lucious*, 46; Apiano, *Guerres Civ.*, IV, 118.

[62] *Atos*, XVII, 1. A lição e *ounagoge* parece ser a melhor. Cf. Fílon, *Leg.*, § 36.

[63] *Atos*, XVII, 4.

[64] I *Tess.*, I, 9.

Santo, efusões místicas, e êxtases.[65] A igreja de Tessalônica competia, em breve, com a de Filipos em piedade, em atenções delicadas para com o apóstolo.[66] Paulo não dispendeu em nenhuma outra parte tanto entusiasmo, tanta ternura e graça penetrante.[67] Este homem de natureza ardente, impulsivo, era nas suas missões, de uma doçura, de uma calma surpreendentes; era um pai, uma mãe, uma ama, como ele refere-se a si mesmo;[68] a sua austeridade, a sua fealdade mesmo, não faziam senão aumentar o seu encanto. As naturezas rudes e ásperas têm, quando querem ser brandas, encantamento sem igual. Uma linguagem severa, nada aduladora,[69] está mais em condições de agradar às mulheres, principalmente, do que uma linguagem suave e terna que muitas vezes é o indício de visão estreita e interesseira.

Paulo e Silas moravam na casa de um Jesus, israelita de raça[70] que, segundo o uso dos judeus, tinha helenizado o nome para Jason; mas tinham apenas aceitado o alojamento. Paulo trabalhava dia e noite na sua profissão, para não dar gastos à igreja.[71] A rica mercadora de púrpura de Filipos e as suas amigas ter-se-iam desgostado porque outras, que não elas, fornecessem ao apóstolo o que lhe era necessário à vida. Por duas vezes, durante a sua estada em Tessalonica,[72] Paulo recebeu de Filipos uma ajuda financeira que aceitou. Isto era inteiramente contra os seus princípios; a sua regra era sustentar-se por si mesmo, sem nada receber das igrejas; mas provavelmente ficou constrangido em recusar este presente do coração, pois poderia causar desgosto às piedosas mulheres. Talvez, como já dissemos, preferisse sentir gratidão para com mulheres que

[65] I *Tess.*, I, 5. Para o entendimento deste trecho compare-se com *Atos*, VI, 8; X, 38; I *Cor.*, V, 4; XII, 28; *Col.*, I, 11.

[66] Vejam-se as duas Epístolas aos Tessalônicos.

[67] I *Tess*, II, 7 e seg.

[68] I *Tess*, II, 1-12.

[69] I *Tess*, II, 5.

[70] *Rom.*, XVI, 21. Sobre o sentido de *suggénes* vejam-se *Os Apóstolos*.

[71] I *Tess.*, II, 9; II *Tess.*, III, 8 e seg.

[72] *Fil.*, IV, 16; I *Tess.*, II, 5, 7, 9.

não lhe embaraçariam nunca a sua ação, do que para com homens como Jasã, perante os quais desejava manter a sua autoridade.

Estima-se que em nenhuma parte, como em Tessalônica, Paulo conseguiu realizar com tanto êxito seu ideal. A população a que se dirigia era composta sobretudo de trabalhadores. Paulo invadiu-lhes o espírito, pregou-lhes a ordem, o trabalho e as boas relações com os pagãos. Inúmeros preceitos novos vieram aumentar as suas lições: a economia, a aplicação ao trabalho, a honra industrial fundada na prosperidade e na independência.[73] Por um contraste que não nos deve surpreender,[74] ao mesmo tempo revelava-lhes os mais estranhos mistérios do Apocalipse, segundo a sua interpretação.[75] A igreja de Tessalônica torna-se um verdadeiro modelo que Paulo gosta de mencionar[76] e cujo odor precioso se espalhou por toda a parte, como um perfume de edificação.[77] Entre os notáveis da igreja, além de Jasão, estavam Caio, Aristarco e Secundo;[78] Aristarco era circunciso.[79]

O que havia ocorrido vinte vezes, aconteceu também em Tessalônica;[80] os judeus, descontentes, fizeram manifestações. Recrutaram um bando de ociosos, de vagabundos, desses desocupados de toda a espécie que nas cidades antigas passavam o dia e a noite sob as colunas das basílicas, prontos a fazer arruaças, desde que lhes pagassem para isso. Todos juntos foram assaltar a casa de Jasão; procuraram em grandes gritos Paulo e Silas; como não os encontraram, os arruaceiros prenderam Jasão e com ele alguns dos fiéis, e os levaram aos politarcos[81] ou magistrados. Ouviam-se então as mais confusas exclamações: "Estão na cidade os revolucionários", diziam uns, "e Jasão recebeu-os". "Todos estes homens",

[73] I *Tess.*, IV, 11; II *Tess.*, III, 10-12.

[74] Veja-se a *Vida de Jesus*.

[75] II *Tess.*, II, 5.

[76] I *Tess.*, I, 7.

[77] I *Tess.*, I, 8-9.

[78] *Atos*, XIX, 29; XX, 4. Cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 1967.

[79] *Col.*, IV, 10-11.

[80] *Atos*, XVII, 5 e seg.; I *Tess.*, I, 6; II, 2, 14 e seg.; III, 4.

[81] Comp. a inscrição de Tessalônica. *Corp. insc. gr.*, nº 1967.

diziam outros, "se revoltaram contra os éditos do imperador".

"Eles têm um rei a que chamam Jesus", dizia um terceiro. A confusão era enorme, e os politarcos mostravam-se intranqüilos. Obrigaram Jasão e os fiéis que tinham sido presos com ele, a prestarem caução e os dispensaram-nos depois. Na noite seguinte, os irmãos levaram Paulo e Silas para fora da cidade, fazendo-os conduzir a Beréia.[82] Os vexames dos judeus contra a pequena igreja continuaram por algum tempo mas serviram apenas para a consolidar.[83]

Em compensação, os judeus de Beréia eram mais liberais e mais educados do que os de Tessalônica,[84] escutaram Paulo amavelmente, deixando-o expor com calma suas idéias na sinagoga e durante muitos dias Paulo e Silas foram alvo da maior curiosidade. Passaram o tempo a folhear as Escrituras para encontrar os textos citados por Paulo e ver se eram exatos. Muitos converteram-se, entre os quais um judeu chamado Sópatro ou Sóspatro, filho de Pirro.[85] Mas as mulheres, como em todas as outras igrejas, estavam em maioria; as convertidas pertenciam à raça grega, pessoas devotas que sem serem judias, praticavam as cerimônias do judaísmo. Muitos gregos e prosélitos também se converteram e a sinagoga, por exceção, permaneceu pacífica. A tempestade veio de Tessalônica. Os judeus desta cidade informados que Paulo pregara com êxito em Beréia foram para lá, onde repetiram a trama. Mais uma vez, Paulo foi obrigado a partir precipitadamente e desta vez sem a companheira de Silas. Muitos irmãos de Beréia o acompanharam para o guiar. Para Paulo tornava-se impossível permanecer na Macedônia.

Via-se escorraçado de cidade em cidade, nascendo as manifestações, por assim dizer, debaixo dos seus pés. A polícia romana não lhe era totalmente hostil; mas nestas circunstâncias atuava segundo os princípios habituais da polícia; desde que havia perturbação na

[82] Atualmente sob o mesmo nome (*Véria* ou *Kara-Veria*). Cf. Cousinéry, I, 57 e seg.; Leake, III, 299 e seg.

[83] I *Tess.*, II, 14; III, 3, 5; II *Tess.*, 1, 4 e seg.

[84] *Atos*, XVII, 11.

[85] *Atos*, XX, 4; *Rom.*, XVI, 21 (cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 1967. Sobre o sentido de *suggenes*, veja-se *Os Apóstolos*.

rua, não tinha considerações por ninguém e, sem se preocupar com os direitos daquele que dera pretexto à agitação, convidava-o a calar-se e a ir embora. No fundo era dar razão à arruaça e estabelecer, em princípio, que bastam alguns fanáticos para privar um cidadão das suas liberdades. Porém, a polícia não se importa muito com a filosofia. Paulo resolveu partir e dirigir-se a um país bem distante, para que o ódio dos seus adversários lhe perdesse a pista. Deixando Silas e Timóteo na Macedônia, partiu com os bereenses pelo mar.[86]

Assim terminou esta brilhante missão da Macedônia, a mais fecunda de todas as que Paulo tinha até então realizado. As igrejas compostas de elementos inteiramente novos estavam fundadas. Nada disto era a superficialidade siríaca, a bonomia licaoniense, mas sim raças requintadas, delicadas, elegantes, espirituais que, preparadas pelo judaísmo, entravam agora no novo culto. A costa da Macedônia estava inteiramente coberta de colônias gregas; região a que o helenismo levava os seus melhores frutos. Estas nobres igrejas de Filipos e de Tessalônica, constituídas por mulheres destacadas de cada cidade[87] eram, sem comparação, as duas mais belas conquistas que o cristianismo, até esse tempo, realizara. A judia tinha sido ultrapassada; submissa, modesta, obediente, tomando poucas vezes parte no culto, a judia não se convertia muito. A mulher "temente a Deus",[88] a grega, cansada das divindades brandindo as suas lanças lá do alto das acrópoles, a esposa virtuosa, repudiando um paganismo já decadente e procurando o culto puro, era a que mais se impressionava com as coisas celestes. A mulher grega foi a segunda fundadora da fé cristã. No entanto, depois das mulheres da Galiléia, que seguiam Jesus e o serviam, Lídia, Febe, as piedosas damas esquecidas de Filipos e de Tessalônica, são as verdadeiras santas a quem a nova fé deve os seus mais rápidos progressos.

[86] *Atos*, XVII, 14-15. Leia-se *eos*.

[87] *Atos*, XVI, 13; XVII, 4.

[88] *Sedomenai* ou *euchemones*.

CAPÍTULO VII

Missão em Atenas (continuacão da segunda viagem)

Sempre acompanhado dos fiéis bereenses, Paulo embarcou em direção a Atenas.[1] Do golfo Termaico a Falera ou ao Pireu a viagem dura três ou quatro dias. Passa-se junto do Olimpo, Ossa, Pélion, contornam-se as sinuosidades do mar que a Eubéia separa do resto do mar Egeu[2] e transpõe-se o singular estreito de Euripo. Surge, a cada momento, esta terra verdadeiramente santa, onde a perfeição se mostrou em toda a sua pureza, onde o ideal se realizou plenamente; terra que viu a mais nobre das raças fundar ao mesmo tempo a arte, a ciência, a filosofia e a política. Com certeza, Paulo não sentiu por certo, ao desembarcar, essa espécie de sentimento filial que os homens instruídos experimentam quando pisam pela primeira vez esse solo venerável.[3] Paulo era de um outro

[1] Deduz-se dos *Atos*, XVIII, 14, 15, que esta viagem marítima. Para ir de Beréia a Atenas, por terra, não era necessário vir à costa; a estrada seria cheia de voltas e de dificuldades; além disso é mais natural que Paulo tivesse ido primeiro a Corinto do que a Atenas. Paulo embarcou provavelmente em Alorus ou Methonu. (Veja-se Estrabão, VII, fragm. 20, 22; Leake, III, 435 e seg.).

[2] Atualmente essa é rota seguida, mas é possível que Paulo tenha passado no longo da Eubéia, como pretende M. Kiepert.

[3] Cícero, *Epist. ad Quantum Fratrem.*, I, 1; Sulpício a Cíc., *Epist. Fam.*, IV, 5; *Ad Att.*, V, 10; VI, 1; Tácito, *Ann.*, II, 53; Plínio, *o Moço,*

mundo, sua terra santa existia em outra parte.

A Grécia não se restabelecera ainda dos golpes terríveis que a tinham ferido nos últimos séculos. Como os filhos da Terra, as tribos aristocráticas tinham lutado entre si, os romanos acabaram por as exterminar; as antigas famílias tinham quase desaparecido. As antigas cidades de Tebas e Argos estavam reduzidas a pobres aldeias; Olímpia e Esparta tinham sido humilhadas, apenas Atenas e Corinto sobreviviam. O campo estava abandonado; chega a entristecer a desolação que nos pintam Políbio, Cícero, Estrabão e Pausânias.[4] As aparências de liberdade que os romanos conservaram às cidades e que só deviam desaparecer com Vespasiano,[5] nada mais eram que uma verdadeira ironia. A má administração dos romanos tudo arruinara;[6] não se mantinham os templos, a cada passo se encontravam colunas vazias pois os conquistadores tinham roubado as estátuas ou a adulação consagrava aos novos dominadores.[7] Peloponeso, principalmente, fora atingido de morte; Esparta aniquilara-o e queimado pela vizinhança desta louca utopia, nunca mais esse pobre país pôde renascer.[8] Na época romana, além disso, o regime das grandes cidades suplantara os pequenos centros numerosos; Corinto atraía a todos. Contudo, a raça, com exceção de Corinto, permanecera muito pura; o número de judeus fora de Corinto, era insignificante.[9] A Grécia recebeu uma única colônia

---

VIII, 24; Filostrato, *Vie d'Apoll.*, V, 41; *Vie des Soph.*, II, I. 27; Espartano, *Vie de Sep.-Sév.*, 3.

[4] Políbio, XXXVII, 4; XL, 3; Cícero, *In Pisonem*, 40. Carta de Sulpício a Cícero, *Ad Fam.*, IV, 5; Estrabão, VIII, VIII, 1; IX, II, 5, 25; III, 8; V, 15; Plutarco, De *def. orac.*, 5, 8; Pausânias, II, XVIII, 3; XXXVIII, 2; VII, XVII, 1; Jos., *B. J.*, I, XXI, 11-12.

[5] Para as indicações posteriores, veja-se Tillemont, *Hist. des emp.*, II, p. 317.

[6] Cícero, *In Pis.*, 40. Cf. Tácito, *Ann.*, I, 76, 80.

[7] Em Pausânias referências destas são freqüentes Augusto levou estátuas principalmente para o templo de Apolônio Palatino.

[8] Bastariam para o provar ruínas como as de Tirinte, Micenas e Itome. Essas ruínas são vistas apenas nos países que, após um antigo desastre, nunca mais renasceram.

[9] Veja-se porém Wescher e Foucart, *Inscr. rec.* a *Delphos*, n^os^ 57 e 364. (inscrições do ano 180 a.C., aproximadamente), e Fílon, *Leg.*, § 36.

romana; as invasões dos eslavos e dos albanos, que tão profundamente alteravam o sangue helênico, apenas mais tarde se realizaram. Os antigos cultos estavam ainda imperando.[10] Algumas mulheres, contra a vontade dos maridos, praticavam, muito secretamente no fundo do gineceu, superstições estrangeiras, sobretudo egípcias;[11] porém as pessoas ilustradas contra isso protestavam: "Que deus é esse", diziam, "que se compraz com as homenagens furtivas de uma mulher casada! A mulher não deve ter outros amigos além dos amigos do seu marido. E não são os deuses os nossos melhores amigos?"[12] Parece que durante a travessia, ou talvez no momento da sua chegada a Atenas, Paulo tenha lamentado ter deixado seus companheiros na Macedônia. Talvez o deslumbrasse este mundo novo e ali se encontrasse muito isolado. Mas o lado positivo é que, despedindo-se dos seus fiéis de Beréia, solicitou a Silas e a Timóteo que viessem ao seu encontro o mais depressa possível.[13]

Durante alguns dias Paulo, em Atenas, encontrou-se sozinho. A solidão não lhe acontecia há muito tempo; a sua vida tinha decorrido como um turbilhão e nunca viajava sem dois ou três companheiros. Atenas era uma coisa única no mundo e, ainda que não fosse, era uma coisa completamente diferente do que Paulo tinha visto; o seu embaraço foi extremo. Enquanto aguardava a chegada dos seus companheiros, limitou-se a percorrer a cidade.[14] A Acrópole, coberta com um número infinito de estátua, constituía um museu como nunca vira,[15] e deve ter sido o principal objeto das suas mais originais reflexões.

---

[10] Plutarco, *Traités moraux*, em geral; Díon Cássio, LXXIII, 14. Cf. *Os Apóstolos*.

[11] *Corps inscr. Gr.*, nº 120; *Arch. Des Miss. Scient.*, 2ª série, t. IV, p. 485 e seg.; 514; Aug. Mommsen, *Athenae christianae*, p. 120; Pausânias, I, XVIII, 4; Apiano, *Bell. Mithridt.*, 27.

[12] Plutarco, *Conjugalia Praec.*, 19.

[13] *Atos*, XVII, 15.

[14] *Atos*, XVII, 16, 23.

[15] Pausânias, I, XXII e seg.; Beulé, *l'Acropole d'Athenes*, I, p. 272 e seg.

Apesar do muito que sofrera de Sila, saqueada como toda a Grécia pelos administradores romanos[16] e despojada, em parte, pela avidez grosseira dos seus dominadores, Atenas apresentava-se ainda ornada com quase todas as suas obras-primas. Os monumentos da Acrópole estavam intatos. Algumas imperfeitas adições de pormenores de obras medíocres que já tinham penetrado no santuário da grande arte, impertinentes substituições que tinham colocado romanos sobre os pedestais dos antigos gregos,[17] não alteravam a santidade desse imaculado templo da beleza. O *Poecile*, com a sua brilhante decoração, estava como no primeiro dia. As explorações do odioso Secundo Carinas, o fornecedor de estátuas para a Casa Dourada, só começaram alguns anos depois, e Atenas sofreu menos que Delfos e Olímpia.[18] O falso gosto dos romanos pelas cidades em colunas não invadira ainda em Atenas; as casas eram de aparência pobre e apenas na construção se tivera em vista o conforto e a comodidade.

Esta cidade estranha era ao mesmo tempo uma cidade irregular, de ruas estreitas, conservando os seus velhos monumentos, preferindo as lembranças arcaicas às ruas feitas a cordel.[19] Todas estas maravilhas deslumbraram o apóstolo; viu as únicas coisas perfeitas que jamais existiram e que jamais existirão. Propiloas, essa obra-prima de nobreza; o Partenon, que supera todas as obras gigantescas; o Templo da Vitória sem asas, digno das batalhas que consagrou o Erecteu, prodígio de elegância e de delicadeza; as Erréforas, essas divinas raparigas cheias de graça. Paulo viu tudo isso sem que a sua fé se sentisse abalada nem tivesse a mais leve hesitação. Os prejuízos do judeu iconoclasta, insensível às belezas plásticas, cegaram-no; tomou como ídolos todas estas incomparáveis imagens: "O seu

[16] Cid., *In Verri.*, II, 1, 17; *In Pisonem*, 40.

[17] Beulé, *l' Acropole d'Ath.*, I, p. 135, 336 e seg., 345; II, 28-39, 206 e seg. Compare-se com Cícero, *Ad. Att.*, VI, 1.

[18] Díon Crisóstomo, *Orat.*, XXXI, pp. 409-410 (Emperius). A descrição de Pausânias não apresenta lacunas. Em Atenas não foram roubadas estátuas de um caráter religioso. Beulé, I, 230 e seg., 337.

[19] *Fragm. Hist. Graec.* de Ch. Müller, II, p. 254. Filóstrato, *Apoll.*, II, 23.

espírito", diz o seu biógrafo, "agastava-se consigo quando via a cidade cheia de ídolos"[20] Ah! belas e puras imagens, verdadeiros deuses e verdadeiras deusas, tremei; eis aqui aquele que levantará o martelo contra vós. Está pronunciada a palavra fatal, sois apenas ídolos; o erro desse pequeno e feio judeu é a vossa sentença de morte.

Entre tantas coisas que não compreendeu, houve duas que impressionaram muito Paulo; em primeiro lugar, o caráter altamente religioso dos atenienses[21] que se manifestava por uma enorme quantidade de templos, de altares, de santuários,[22] sinais do ecletismo tolerante que eles realizavam em religião; em segundo lugar, certos altares anônimos ou erguidos a "deuses desconhecidos",[23] que eram muito numerosos em Atenas e nas suas proximidades.[24] Outras cidades da Grécia os possuíam:[25] os do porto de Falera (Paulo pôde vê-los ao desembarcar) eram célebres, ligavam-se a eles certas

[20] *Atos*, XVII, 16. Sobre o sentido de *kateidolos*. Veja-se Schleusner, *s. h. v.*

[21] *Atos*, XVII, 22. Comparem-se as inscrições do teatro de Dionísio, e Isócrates, *Panegyr.*, 33; Platão, *Segundo Alcib.*, 12; Tucidídes, II, 38; Pausânias, I, XVII, 1; XXIV, 3; X, XXVIII, G; Estrabão, IX, I, 16; X, III, 18; Josefo, *Contra Apionem*, II, 37; Dionísio de Halic., *De Thucydide*, 40; Plínio, *o Moço, Epist.*, VIII, 24; Filóstrato, *Vida de Apolônio*, IV, XIX; VI, III, 5; o mesmo, *Epist.*, 47; Eliano, *Varae Hist.*, V, 17; Juliano, *Misopogon*, p. 348 (Sponheim); Himerio, em Poocio, cod. CCXLIII, p. 356 (Bekker), p. 8, ed. Didot.

[22] Tito Lívio, LV, 27; Petrônio, *Sat.*, c. 17.

[23] *Atos*, XVII, 23.

[24] Pansânias, I, I, 4; Filóstrato, *Vie d'Apoll.*, VI, III, 5; Diógenes, *Laerte*, I, X, 110; Oecumênio, *In Act. Apost.* (Paris, 1631), pp. 136-137; Isidoro de Pelusa, na *Catena in Act. Apost.* de Cramer (Oxford, 1844), p. 292; S. Jerônimo, *In Tit.*, I, 12 (col. 420, Martianay). As passagens do falso Luciano, *Philopatris*, 9, 29, são apenas uma alusão à passagem dos *Atos*. Podem comparar-se as inscrições de Roma: *Sei deo, sei deae* (Orelli, nºˢ 961, 1798, 2135, 2136, 2137, 2270, 2271, 5054, 5952). Cf. Aulu-Gelle, II, 28. No fim do século XVII a questão levantada sobre o culto dos santos desconhecidos era inspirada pelos mesmos escrúpulos religiosos.

[25] Pausânias, V, XIV, 8.

lendas da guerra de Tróia[26] e tinham como inscrição:

ΝΩΙΟΘΣΑΤΤΣΕΣΙΟ

"Aos deuses desconhecidos"; alguns mesmo teriam inscrito:

ΑΤΝΩΣΤΩΙΘΕΩΙ

"A um deus desconhecido".[27] Estes altares deviam a sua existência ao escrúpulo extremo dos atenienses em matéria religiosa e ao seu hábito de, em qualquer objeto, ver a manifestação de um poder misterioso e especial pois receando ofender, sem intenção, algum deus de que ignorassem o nome ou desprezar um deus poderoso, ou ainda, querendo obter um favor que podia depender de determinada divindade que não conhecessem, construíam altares anônimos ou com essas dedicatórias bizarras que talvez viessem de altares primitivamente anônimos[28] aos quais, num trabalho geral de recenseamento, teria se posto uma tal epígrafe por não se saber que deus pertenciam.

Paulo ficou muito surpreendido com essas dedicatórias. Interpretando-as com o seu espírito judaico, supôs-lhes um sentido que não tinham. Acreditou que se tratava de um deus chamado por excelência "o Deus Desconhecido",[29] vendo nele o deus dos judeus,

[26] Pausânias, I, I, 4; Pollux, *Onom.*, VIII, 10; Hesichio, na palavra *Agnotes Beoi.*

[27] Nenhuma inscrição assim concebida foi encontrada. A inscrição ao Deus Desconhecido que os capuchinhos, no ano 1670, declaram ter visto no Partenon, é falsa (Spon procurou-a em vão em 1676; *Voy.*, II, p. 88, ed. La Haye, 1724), salvo se os cristãos puseram essa tal inscrição em alguma capela. Sabe-se que, desde o século XV pelo menos, o Partenon passou por ser o templo do Deus Desconhecido. Veja-se Laborde, Athenas aux XV, XVI e XVII siècles, I, 24, notas, 50, nota, 78, notas, 217, nota, 233 e seg., nota; II, 33 e seg.; Ross, Archaeol. Arfsaetze, I, 253, 273 e seg. Aug. Mommsen, Athenae christianae, p. 33 e seg.

[28] Veja-se a passagem de Diógenes Laerte, resumo.

[29] São Justino, *Apol.*, II, 10, parece referir-se à mesma idéia, mas é duvidoso que a tirasse dos *Atos*. Cf. Ireneu, *Adv. haer*, I, XX, 3. Se isso tivesse sido o sentido, a inscrição diria: *Theo agnosto e não Agnos Agnosto Beo*. Cf. São Jerônimo, *In Tit.*, I, 12.

o deus único, para o qual o próprio paganismo teria tido alguma misteriosa aspiração.[30] Esta idéia era tanto mais natural que aos olhos dos pagãos que o caracterizava, principalmente o deus dos judeus, era um deus sem nome, um deus incerto.[31] Talvez fosse também em qualquer cerimônia religiosa ou discussão filosófica que Paulo ouvira o hemistíquio

Του γαρ χαι γενος εσμεν,

lo hino de Cleantes a Júpiter ou dos Fenômenos de Arato,[32] que era de uso freqüente nos hinos religiosos.[33] Ia reunindo no seu espírito estes traços de cor local para compor um discurso apropriado ao seu novo auditório, porque intuia que era necessário modificar profundamente o seu sistema de pregar.

Sem dúvida, Atenas estava muito distante do que tinha sido durante séculos — o centro do progresso humano, a capital da república dos espíritos. Fiel ao seu gênio antigo, esta divina mãe de toda a arte foi um dos últimos refúgios do liberalismo e do espírito republicano. Era o que se pode chamar uma cidade de oposição. Atenas foi sempre pelas causas perdidas; declarou-se energicamente pela independência da Grécia e por Mitridates contra os romanos, por Pompeu contra César, pelos republicanos contra os triúnviros, por Antônio contra Otávio.[34] Ergueu estátuas a Bruto e a Cássio ao lado das de Harmôdio e Aristogíton;[35] rendeu homenagem a Permânico a ponto de se comprometer; mereceu as injúrias de Pisão.[36] Sila saqueou-a de uma maneira cruel[37] e deu o último golpe na sua

[30] *Atos*, XVII, 27. Compare-se *Rom.*, I, 20 e seg.; Justino, *Apol.*, II, 10.

[31] *Lucano*, II, 592-593. Cf. Fílon, *Leg. ad Caium*, § 44.

[32] *Atos*, XVII, 23, 28. Veja-se mais adiante neste volume, no presente capítulo.

[33] Estima-se que Cleantes e Arato o tirassem de hinos mais antigos cantados por todos.

[34] Tácito, *Ann.*, II, 55.

[35] Díon Cássio, XLVII, 20; Plutarco, *Brutus*, 24.

[36] Tácito, *Ann.*, II, 53 e 55. Veja-se Veleio Patérculo, II, 23.

[37] Apiano, *Bell. Mithrid.*, 38 e seg.; Plutarco, *Vie de Sylla*, 14; Veleio Patérculo, II, 23.

constituição democrática. Augusto, embora clemente para ela, não lhe foi favorável. Conservaram-lhe o título de cidade livre,[38] mas os privilégios das cidades livres foram diminuindo sempre sob os Césares e os Flávios. Atenas chegou assim ao estado de cidade suspeita, infeliz, mas enobrecida exatamente pela sua infelicidade. Com Nerva começa para ela uma vida nova.[39] O mundo, retornando à razão e à virtude, reconhecia a sua mãe. Nierva, Herodes, Ático, Adriano, Antonino, Marco Aurélio restauram-na e constroem monumentos e instituições. Atenas volta a ser durante quatro séculos a cidade dos filósofos, dos artistas, dos espíritos delicados, a cidade santa de toda a alma liberal, o lugar dos que amam a beleza e a verdade. Mas não nos antecipemos.

No triste momento em que estamos, o velho esplendor tinha desaparecido e o novo não começara ainda. Já não era "a cidade de Teseu" e não era ainda "a cidade de Adriano". No primeiro século da nossa era, a escola filosófica de Atenas fora muito brilhante; Fílon de Larisse, Antíoco de Áscalon continuaram ou modificaram a Academia;[40] Cretipo ensinou o peripatismo e soube ser ao mesmo tempo o amigo, o professor, o consolador ou o protegido de Pompeu, de César, de Cícero e de Bruto. Os romanos mais célebres e os mais criativos, arrastados ao Oriente pela sua ambição, detinham-se todos em Atenas para ouvirem os filósofos em voga. Ático, Crasso, Cícero, Varão, Ovídio, Horácio, Agripa, Virgílio, foram aí estudar ou residir como amadores. Bruto passou em Atenas o seu último inverno, dividindo o seu tempo entre o peripatético Cretipo e o acadêmico Teomnasto.[41] Atenas foi, até a batalha de Filipos, um centro de

[38] Estrabão, IX, I, 20; Cíc., *In Pis.*, 16; Tácito, Ann., II, 53; Plínio, Hist. *Nat.*, IV, 111; Plínio, *Epist.*, VIII, 24; Díon Cris., *Orat.*, XXXI, p. 296 (Emperius); Élio Aristides, *Romae Encomium*, pp. 363-364 (Dindorf); *Panathen.*, p. 298. No ano 65 Nero deu a liberdade a todos os gregos. No ano 73, Vespasiano reduziu Acaia à província romana; parece que Atenas conservou as suas imunidades de cidade livre.

[39] Veja-se em especial a carta de Plínio, o Moço, a Máximo, que partia para Acaia (Epist., VIII, 24).

[40] Cíc., *De Oratore*, I, 11; *Acad. Priorum*, II.

[41] Plutarco, *Vida de Bruto*, 24.

opinião da mais alta importância. O ensino que aí se ministrava era inteiramente filosófico[42] e muito superior à insípida eloqüência da escola de Rodes. Na verdade, o que prejudicou Atenas foi a subida de Augusto e a pacificação universal; o ensino da filosofia tornou-se então suspeito;[43] as escolas perderam a sua importância e a sua atividade.[44] Além disso, Roma pelo grande desenvolvimento literário que ia realizando, tornara-se, por algum tempo, quase independente da Grécia com relação às coisas do espírito. Outros centros se formaram; como escolas da instrução variada, preferia-se Marselha.[45] Terminava a filosofia original das quatro grandes seitas; iniciava-se o ecletismo, espécie de maneira simples de filosofar sem sistema. À exceção de Amônio de Alexandria, o mestre de Plutarco,[46] que fundava por esse tempo em Atenas, o gênero da filosofia literária, que devia se tornar moda a partir de Adriano, ninguém menciona, em meados do primeiro século, a cidade do mundo que mais homens célebres produziu e atraiu. As imagens que então se consagram na Acrópole, com uma deplorável prodigalidade, são as dos cônsules, procônsules, magistrados romanos e membros da família imperial.[47] Os templos eram dedicados à deusa Roma e a Augusto;[48] o próprio Nero teve as suas estátuas.[49] Atraídos para Roma os artistas de talento, as obras atenienses do primeiro século são, na sua maior parte, de uma mediocridade que chega a

[42] Horácio, *Epist.*, II, II, 44-45; Cíc., *Ad Fam.*, XVI, 21.

[43] Suetônio, *Neron*, 52.

[44] A coleção (ainda inédita) de inscrições efébicas feita por M. Wescher oferece uma visão completa a respeito do primeiro século. Veja-se o Philistor, t. IV, p. 332.

[45] Estrabão, IV, I, 5.

[46] Plut., *De El apud Delphos*, 1 e seg.; Eunapo, *Vitae Soph. proem.*, p. 5 (Boissonade).

[47] Beulé, I, 322, 340; I, 206 e seg., 300, 305. Cf. *Corp. Inscr. Gr.*, 309 e seg., 363 e seg.; *Berichte de Saechs. Gesell.*, filol. Classe XII, p. 218 e seg.

[48] Beulé, II, p. 206 e seg.

[49] Nos 99 e 381 de Pittakis, *Ephemeris Archaiologiche*, 1838 pp. 240 e 1840 p. 318.

assustar.[50] Esses monumentos, como o relógio de Andronico Cirrestas, o pórtico do Ateneu Arquegeto, o templo de Roma e de Augusto, o mausoléu de Filópapo, são próximos ao tempo em que Paulo viu Atenas. Nunca a cidade, na sua longa história, estivera mais calada e quieta.

Mesmo assim, conservava uma grande parte da sua nobreza, situando-se ainda no primeiro lugar da atenção do mundo. Apesar da dureza dos tempos, todos nutriam um grande respeito por Atenas e todos o experimentavam.[51] Sila, embora terrível contra a sua rebeldia, teve dela piedade.[52] Cícero colocava toda a sua vaidade em construir uma estátua.[53] Pompeu e César, antes da batalha de Farsália, fizeram proclamar por um arauto que os atenienses seriam todos poupados, como os padres das deusas tesmóforas,[54] chegando Pompeu a conceder uma elevada quantia de dinheiro para ornamentar a cidade.[55] César recusou-se a vingar-se dela[56] e contribuiu para que se erigisse um dos seus monumentos.[57] Bruto e Cássio comportaram-se a este respeito, como pessoas particulares, recebidas e tratadas como heróis. Antônio gostava muito de Atenas e aí residia com muita satisfação.[58] Depois da batalha de Ácio, Augusto a perdoou, pela terceira vez; o seu nome, como o de César, foi gravado em um importante monumento;[59] a sua família e a sua corte passaram, em Atenas, por benfeitores.[60] Os romanos procuraram sempre mostrar

[50] Beulé, II, p. 207.

[51] Elevado número de ofertas e inscrições da Acrópole são dessa época. Beulé, I, 322, 339 e seg.; 1, 206 e seg., 301, 305.

[52] Estrabão, IX, I, 20; Plut., *Vida de Sila*, 14; Plorus, *Epitome*, II, 39.

[53] Cícero, *Ad Att.*, VI, 1.

[54] Apiano, *Guerras Civ.*, II, 70.

[55] Plut., *Vie de Pompéa*, 42.

[56] Apiano, *Guerres Civ.*, II, 88.

[57] *Corp. inscr. gr.*, nºs 312, 477.

[58] Apiano, *Guerras Civ.*, V, 7, 76; Plut., *Vida de Antônio*, 33, 34.

[59] *Corp. inscr. gr.*, nºs 312, 477.

[60] *Corp. inscr. gr.*, nºs 309 e seg., 365 e seg.

que tinham deixado Atenas livre e com honras.[61] Os gregos viviam apenas de lembranças do passado. Germânico não quis, enquanto permaneceu em Atenas, ser precedido de um único lictor.[62] Nero, apesar de não ser supersticioso,[63] jamais ousou entrar em Atenas com receio das Fúrias que residiam sob o Areópago, essas terríveis "Semneso", tão temidas pelos parricidas; a lembrança de Orestes fazia-o tremer; não ousou enfrentar os mistérios de Elêusio, nos quais o arauto gritava que os celerados e os ímpios tivessem o cuidado de se não aproximar.[64] Nobres estrangeiros, descendentes de reis destronados,[65] vinham gastar a sua fortuna em Atenas, gostando de ser condecorados com os títulos de choregas e de agonótetas. Todos os pequenos reis bárbaros faziam consistir a sua rivalidade em prestar serviços aos atenienses e em lhes restaurar os monumentos.[66]

A religião era um dos motivos destes favores excepcionais. Essencialmente municipal e política na sua origem, tendo por base os mitos relativos à fundação da cidade e aos seus divinos protetores, a religião de Atenas foi, no início, apenas a consagração religiosa do patriotismo e das instituições da cidade. Era o culto da Acrópole; "Aglaure" e o juramento que os jovens atenienses prestavam sobre o seu altar não têm outra significação, era mais ou menos como se, entre nós, a religião consistisse em submeter-se ao recrutamento, fazer o tempo de serviço militar e honrar a bandeira. Logo isto devia tornar-se muito cansativo, não tinha nada de infinito, nada que impressionasse o homem sobre o seu destino, nada de universal; as zombarias de Aristófanes, contra estes deuses da Acrópole,[67] provam bem que, com eles, nunca teriam conquistado

[61] Estrabão, IX, I. 20.

[62] Tácito, *Ann.*, II, 53.

[63] Suetônio, *Neron*, 56.

[64] Suetônio, *Neron*, 34; Díon Cássio, LXII, 14. Cf. Pausânias, I, XXVIII, 6.

[65] *Corp. inscr. gr.*, nº 362. Cf. Plut., *Quaet. Symp.*, I, X, 1.

[66] *Corp. inscr. gr.*, nºs 265, 357-262; Jos., *B. J.*, I, XXI, 11; Vitrúvio, V, IX, 1; Suetônio, *Aug.*, 60.

[67] Veja-se principalmente *Lysistrata*, 750 e seg.

todas as raças. Em seguida, as mulheres voltaram-se para as pequenas devoções estrangeiras, como a de Adônis; os mistérios, em especial, fizeram sucesso; a filosofia, nas mãos de Platão era, à sua maneira, uma deliciosa mitologia, enquanto a arte criava para a multidão imagens verdadeiramente belas. Os deuses de Atenas tornavam-se os deuses da beleza. A antiga Atena Políade nada mais era do que um manequim sem braços aparentes, enfaixado, como a virgem de Loreto. A torêutica realizou um milagre único: fez estátuas realistas à maneira das madonas italianas e bizantinas, cheias de ornamentos, que foram, ao mesmo tempo, maravilhosas obras-primas. Assim Atenas chegou a possuir um dos cultos mais completos da antiguidade que, porém, sofreu uma espécie de eclipse quando das desgraças da cidade, sendo os atenienses os primeiros a macular o seu santuário. Lacarés roubou o ouro da estátua de Atena; Demétrio Polioraт foi alojado pelos próprios habitantes no opistódomo do Partenon junto com as suas cortesãs e todos riam do escândalo que uma tal vizinhança devia causar à casta deusa;[68] Arístion, o último defensor da independência de Atenas, deixou apagar a lâmpada imortal de Atena Políade.[69] Porém, a glória desta cidade única era tal, que o universo parecia abraçar a sua deusa no momento em que ela a abandonava. O Partenon, graças aos estrangeiros, teve retomada as suas honras, continuando os mistérios de Atenas a ser um atrativo religioso para todo o mundo pagão.[70]

Mas o grande prestígio de Atenas residia em ser uma cidade-escola. Este novo destino que, pela intervenção de Adriano e de Marco Aurélio, devia vir a ter um caráter definido, começara dois séculos antes.[71] A cidade de Milcíades e de Péricles transformavam-se em universidade, uma espécie de Oxônia, onde vinha reunir-se

---

[68] Plutarco, *Vida de Demétrio*, 23-24.

[69] Plut., *Vida de Sylla*, 13.

[70] Carta de Marco Aurélio a Fronton, III, 9 (maio, p. 73); Díon Cássio, LXXII, 31; Júlio Capitolino, *Vida de Marco Aurélio*, 27; Filóstr., *Vida des Soph.*, II, X, 7; Espartano, *Vida de Séptimo Severo*, 3.

[71] Plut., *Vida de Sylla*, 13; Cornélio Nepos, *Atticus*, 2, 4; Horácio, *Epist.*, II, II, 43 e seg.; Cícero, *In Coecil.*, 12. Cf. Ateneu, XII, 69; Wescher, no *Monitor Universal*, 13 de abril de 1861.

toda a nobreza, que aí sem limites gastava sua fortuna[72], professores, filósofos, retóricos, pedagogos de todo o gênero, sofronistas, mestres de efebos, ginasiarcas, pedótribas, hoplómacos, mestres de esgrima e de equitação.[73] Desde Adriano, os cosmetes ou prefeitos dos estudantes assumem a importância e a dignidade dos arcontes; datam-se, por eles, os anos; a antiga educação grega destinada, na sua origem, a formar o cidadão livre, torna-se a lei pedagógica do gênero humano.[74] Agora Atenas só produz retóricos; os exercícios do corpo, que outrora constituíam a grande ocupação dos heróis nas margens do Hisso, tornam-se uma questão de exibicionismo. As acrobacias circenses, as atitudes estudadas de um Franconi, substituíram a grandeza concreta dos antigos exercícios.[75] Porém a Grécia teve sempre a magia de enobrecer todas as coisas; a profissão do homem de escola torna-se um ministério moral; a dignidade do professor, apesar de certos abusos, foi uma das suas criações.[76] A juventude lembra-se muitas vezes dos belos discursos dos seus professores.[77] Atenas era republicana como toda a juventude: correu ao apelo de Bruto, e deixou-se matar em Filipos.[78] Perdia o dia a

---

[72] Cícero, *Ad Att.*, XII, 32; *Ad Fam.*, XII, 16; XVI, 21; *De Off.*, I, 1; Díon Cássio, XLV, 15; Ovídio, *Trist.*, I, II, 77.

[73] Cícero, *Ad Fam.*, XVI, 21; Luciano, *Nigrinus*, 13 e seg.; *Dialogues* des Morts, XX, 5; Filóstrato, *Apoll.*, IV, 17.

[74] *Corp. Inscr. Gr.*, nos 246, 248, 254, 255, 258, 261, 262, 263, 265, 266, 268, 269, 270, 271, 272, 275, 276, 277, 279, 280, 281, 282, 286; *Ephemeris Archaiologiché de Pitakis*, 1860, nº 4041 e seg., 4097 e seg.; 1862 (nova série), nos 199-204, 214-217; *Philistor* (jornal literário de Atenas), t. III, pp. 60, 150, 277, 350, 444, 549; t. IV, pp. 73, 164, 171, 265, 392, 458, 545 e seg., sobretudo 332 e seg.; Wescher, nos *Comptes Rendus de l'Acad. des Inscr.*, 5 de abril de 1861, e no *Moniteur Univ.*, 13 de Abril de 1861.

[75] Vejam-se os baixos-relevos efébicos do Museu da Sociedade de Arqueologia, nas edificações da Universidade de Atenas.

[76] Cíc., *Ad Fam.*, XVI, 21. Recorda-se o papel de Políbio na sociedade romana de sua época.

[77] Cícero filho, por exemplo. Veja-se *Brut. ad Cic.*, II, 3.

[78] Plutarco, *Vie de Brutus*, 24; Horácio, *Carm.*, II, VII, 9-10; *Epist.*, II, II, 46 e seg.; *Brut. ad Cic.*, II, 3.

declamar sobre o tiranicídio e a liberdade, a celebrar a nobre morte de Catão, a fazer o elogio de Bruto.

A população era sempre ativa, espiritual, curiosa. Cada pessoa passava a sua vida em pleno ar livre, em contato direto com o resto do mundo, ao sopro de uma sutil viração sob um céu cheio de encantos. Os estrangeiros, numerosos e ávidos de saber, dispendiam uma grande atividade de espírito. A publicidade, o jornalismo do mundo antigo, se é permitida essa tal expressão, tinha o seu centro em Atenas. Como a cidade não se tornava comercial, todos tinham um único desejo, qual seja, saber as novidades, informarem-se sobre o que se dizia e se fazia no universo.[79] Ressalta-se que o grande desenvolvimento da religião não prejudicava a cultura racional. Atenas podia ser ao mesmo tempo a cidade mais religiosa do mundo, o Panteon da Grécia e a cidade dos filósofos. Quando se vêem, no teatro de Dionísio, os assentos de mármore que circulam a orquestra, cada um com o nome do sacerdócio cujo titular aí devia sentar-se, poder-se-ia dizer que Atenas fora uma cidade de padres; no entanto, ela foi uma cidade de livre-pensadores. Os cultos não tinham dogmas nem livros sagrados, não tinham pela física o horror que o cristianismo sempre teve e que o levou a perseguir as investigações positivas. O padre e o epicurista atomista, salvo algumas divergências[80] viviam em harmonia. Os verdadeiros gregos contentavam-se com estes acordos fundados, não na lógica, mas sim numa tolerância e respeito mútuos.

Para Paulo, isso era um mundo desconhecido. As cidades em que tinha pregado até então eram, na maior parte, cidades industriais, como Livorno ou Trieste, com grandes judiarias, cidades de todo mundo e de pouca cultura e não centros brilhantes. Atenas era profundamente pagã; o paganismo andava de mãos dadas a todos os divertimentos, a todos os interesses, a todas as glórias da cidade. Paulo hesitou muito. Timóteo chegou enfim da Macedônia; Silas, por motivos ignorados, não pudera vir.[81] Só então Paulo resolveu agir.

---

[79] *Atos*, XVII, 21. Comp. Demóst, *1 Phil.*, 4; *XI Phil.* (in epíst. Fil.), 17 (Voemel); Eliano, V. H., V, 13; Escoliasta de Tucídides, II, 38; Escol. de Aristófanes, *Plutus*, 338.

[80] Himério, *Écloga III ex Fócio*, cod. CCXLIII (pp. 8-11. ed. Didot).

[81] Conclui-se isto de *Atos*, XVII, 14; XVIII, 5; I *Tess.*, III, 1-2.

Havia uma sinagoga em Atenas[82] e nela Paulo falou aos judeus e às pessoas "tementes a Deus";[83] mas, numa cidade como Atenas, os êxitos de sinagoga não significavam nada. Esta brilhante ágora em que dispendia tanto espírito, este pórtico Poecile, em que se debatiam todas as questões do mundo, cada vez o tentavam mais. Assim procurou falar na cidade, não como pregador, dirigindo-se às assembléias, mas sim como estrangeiro que se insinua, espalhando timidamente a sua idéia e procurando algum ponto de apoio. O resultado foi medíocre. "Jesus e a ressurreição" (anastasis) eram palavras estranhas, sem nenhuma significação.[84] Muitos chegaram, ao que parece, a considerar a palavra anastasis sendo um nome de deusa, e acreditaram que Jesus e Anastasis eram um novo casal divino que estes sonhadores orientais vinham divulgar.[85] Diz-se que chegaram a aproximar-se para escutar alguns filósofos epicuristas e estóicos. Este primeiro contato do cristianismo com a filosofia grega não gerou grandes resultados.

Jamais se compreendeu tão bem quanto as pessoas de inteligência devem desconfiar de si mesmas e evitar rir de uma idéia, por mais disparatada que lhes pareça. O grego ruim que Paulo falava, a sua frase incorreta e hesitante, eram um empecilho em Atenas; os filósofos voltaram as costas, desdenhosamente, a essas palavras mal-colocadas. "É um tonto" (spermologos),[86] diziam uns; "É um pregador de novos deuses", diziam outros; nenhum previra que um dia este tonto os suplantaria e que 474 anos depois[87] as suas cátedras haviam de ser eliminadas por inúteis e prejudiciais em virtude do sermão de Paulo. Lição admirável! Vaidosos da sua superioridade, os filósofos de Atenas desdenhavam as questões da religião popular. Ao lado deles a superstição florescia; Atenas

---

[82] *Atos*, XVII, 17. Cf. Fílon, *Leg.*, § 36; *Corp. inscr. gr.*, nº 9900.

[83] *Atos*, XVII, 17.

[84] *Atos*, XVII, 19-20. No século II, a ressurreição é ainda, em Atenas, a maior objeção contra o cristianismo. Veja-se Atanágoras (de Atenas), *Da Ressurreição dos Mortos*.

[85] Os intérpretes gregos Crisóstomo, Teofilato e Ecumênio assim entenderam o versículo 18

[86] Cf. H. Estevão, *Tess.*, nesta palavra.

[87] Edição de Justiniano.

igualava-se, sob este ponto de vista, às cidades mais religiosas da Ásia Menor. A elite dos pensadores pouco interessava-se pelas necessidades sociais que transpareciam por entre tantos cultos grosseiros. Um tal descaso encontra sempre, algum dia, a devida punição. Quando a filosofia declara que não se ocupa da religião, a religião responde-lhe abafando-a, e é um fato natural, pois a filosofia não é nada se não aponta à humanidade o seu caminho, se não leva a sério o problema infinito, que é igual para todos. O espírito liberal que existia em Atenas garantia a Paulo plena segurança.

Nem judeus, nem pagãos tentaram nada contra ele; mas esta tolerância era ainda pior que a repressão. Em outros lugares, a nova doutrina produziu uma reação imediata, pelo menos na sociedade judaica; aqui ela não encontrava ouvintes curiosos e comovidos. Acredita-se que um dia os ouvintes de Paulo, desejando dele uma exposição, por assim dizer oficial da sua doutrina, o levaram ao Areópago e o convidaram a explicar que religião pregava. É possível que isto seja apenas uma lenda e que a fama do Areópago tenha levado o narrador dos Atos, que não tinha sido testemunha ocular, a escolher este auditório célebre para nele o seu herói realizar um discurso de aparato, uma arenga filosófica.[88] Contudo, essa hipótese é dispensável. O Areópago conservara sob os romanos a sua antiga organização.[89] Tinham-lhe sido ampliadas as suas atribuições em virtude da política que levou os conquistadores a suprimir na Grécia as antigas instituições democráticas e substituí-las por conselhos de notáveis. O Areópago fora sempre o corpo aristocrático de Atenas, ganhou o que a democracia perdeu. Vivia-se numa época de diletantismo literário, acrescente-se a este tribunal pela sua celebridade clássica, exercia uma grande influência pois a sua autoridade moral era reconhecida em todo o mundo.[90] Sob a dominação romana, o Aerópago tornara-se o que fora por várias

[88] Veja-se a seguir, no presente capítulo.

[89] Val. Máx., II, VI, 3; Tácito, *Ann.*, II, 55; Aulu-Gelle, XII, 7; Amiano Marcelino, XXIX, II, 19.

[90] Val. Máx., VIII, I amb., 2; Aulu-Gelle, XII, 7; Cíc., *Pro Balbo*, 1; Élio Aristides, *Panathen*, p. 314 (Dindorf).

vezes na história da república ateniense, ou seja, um corpo político, quase destituído de funções judiciárias, o verdadeiro senado de Atenas, só intervindo em determinados casos e constituindo uma nobreza conservadora de funcionários aposentados.[91] A partir do primeiro século da nossa era, o Areópago figura nas inscrições acima de todos os poderes de Atenas, acima ao conselho dos seiscentos e do povo. As estátuas são por ele erigidas ou, no mínimo, com a sua autorização.[92] Nesse momento, ele acabava de dedicar uma estátua à rainha Berenice, filha de Agripa I, com o qual veremos em breve Paulo relacionado.[93] Parece que o Areópago tinha também uma repartição de ensino:[94] era um elevado conselho de censura religiosa e moral, ao qual pertencia tudo o que dizia respeito às leis, aos costumes, à medicina, ao luxo, à vereação, aos cultos da cidade,[95] e não há nada de inverossímil em que, tendo-

[91] Cícero, *De Nat. Deorum*, II, 29; Pausânias, I, XXVIII, 51-8; Plutarco, *An Seni Sit Ger. Resp.*, 20; *Corp. inscr. gr.*, n^os^ 470; 3831.

[92] *E Boulé é ex Areiou pagou é Boulé tou ésachosiou o demos.* Veja-se *Corp. inscr. gr.*, n^os^ 263, 313, 315, 316, 318, 320, 361, 370, 372, 377, 378, 379, 380, 381, 397, 400, 402, 406, 415, 416, 417, 420, 421, 422, 426, 427, 433, 438, 444, 445, 446, 480, 3831; nos n^os^ 84, 104, 146, 149, 333, 363, 726 e 729 (cf. 727 e 728), 1008, 1010, de Pittakis, em *Ephenaeris Archaiologiché* de Atenas, 1838, 1839, 1840, 1841, 1842. O nº 726 é anterior à era cristã; a estátua é erigida só pelo Areópago. Os n^os^ 333 e 726 são anteriores à dominação romana e provam que o Areópago, desde uma época muito antiga, teve o direito de construir estátuas. Veja-se ainda Raugabé, *Antiquités Helleniques*, II, nº 1178; Ross., Demen, inscr. n^os^ 141, 163, 165; *Bericht der Sächs. Gesellschaft der Wiss.*, fil. Cl., XII, p. 218; Philistor, t. III, p. 360, 363, 364, 463, 564, 565; t. IV, p. 83, 171; *Ann. de l' Inst. arc.*, t. XXXIV, p. 139, sem falar de uma ou duas inscrições inéditas.

[93] *Corp. inscr. gr.*, nº 361.

[94] Plutarco, *Vie de Cíc.*, 24; Himério, em Fócio, cod. CCXLII, pp. 365, 366, ed. Bekker; Quintiliano, V, IX, 13.

[95] Lísias, *Areopagitica Gr. pro Sacra Dea*; Demóst. (?), *Contre Neere*, § 80 e seg.; Ésquino, *Contra Timarque*, 81 e seg., 92; Diógenes, *Laerte*, II, VIII, 15; XV 5; VII, V, 2; Xenofon, Mém., III, V, 20; Cíc., *Epist. ad Fam.*, XIII, 1; *Ad Att.*, V, 11; *De Divin.*, I, 25; Ateneu, IV, 64, 65; VI, 46; XIII, 21; Plut., *De Plac Fil.*, I, VII, 2; *Corp. Inscr. gr.*, nº 123; Ross, *Demen*, inscr. nº 163.

se produzido uma doutrina nova, o seu pregador fosse convidado a vir prestar a sua declaração nesse tribunal, ou pelo menos no lugar onde se realizavam as suas sessões.[96] Nessa ocasião, conta-se que Paulo, de pé, no meio da assembléia falou o seguinte:[97]

"Atenienses:

Em tudo vos considero o mais religioso dos povos.[98] Caminhando nas vossas ruas e observando os vossos objetos sagrados, encontrei um altar no qual estava escrito: Ao Deus Desconhecido. Aquele que prestais homenagem, sem o conhecerdes, eu vô-lo venho revelar.

[96] Comp. Josefo, *Contre Apion*, II, 37, e Lísias, fragm. 175 (*Orat. Attici de Didot*). Na narrativa dos *Atos*, nada indica que Paulo fosse objeto de uma ação judiciária movida por este tribunal. No entanto, as palavras *épilasomeoi... egagou* do V, 19, indicam claramente que, na intenção do narrador, a referência ao Areópago não é apenas uma simples indicação do lugar. É provável ainda que na época romana o nome "Areópago" não tivesse já significado topográfico. O estreito rochedo exposto ao ar que levava este nome deve ter sido considerado muito incômodo, sendo substituído certamente por um edifício (Vitrúvio, II, I, 5) ou sido transferido a instituição para o Pórtico Real, para a Basílica (Demost. (?), *I contra Aristog.*, § 23), situada junto da colina. Apesar desta mudança pode ter-se conservado o nome "Areópago" como se conserva ainda em nossos dias em Atenas para designar um tribunal sem sede na colina; da mesma forma os nomes da "tribuna da Rota", de "Corte dos Arques", etc. justificados anteriormente, não o são hoje.

[97] Lucas, que não é desconhecedor de retórica, coloca um pouco a posição e atitude do seu orador. O discurso não pode ser considerado como autêntico, como um discurso estenografado por um ouvinte ou escrito, apenas pronunciado, pela mão do autor. Pressente-se no narrador um conhecimento exato de Atenas, que lhe dita alguns períodos apropriados ao auditório; mas, apesar de tudo, é possível que Paulo tenha obedecido às necessidades oratórias do momento. A passagem do "Deus Desconhecido" e a citação de Arato podiam ser do conhecimento do apóstolo. Timóteo estava em Atenas com Paulo e podia muito bem ter guardado tudo isso de memória. O estilo desse discurso é semelhante ao de Paulo. A respeito das idéias compare-se com *Rom.*, I.

[98] Comp. Jos., *Contre Apion*, I, 12. *Deisidaimouestérous* deve aproveitar-se, em grande parte, como o observou São João Crisóstomo. Cf. Pólux, I, 21. Veja-se Schleusner, *s. h. v.*

O Deus que fez o Céu e a Terra e tudo o que existe, por isso que é o Senhor do Céu e da Terra, não reside nos templos construídos pela mão do homem e não seria nunca verdadeiramente honrado por mãos humanas, como se tivesse necessidade de alguma coisa, ele que a todos dá a vida, a própria respiração, tudo. Foi ele quem retirou de um só homem todas as nações e as fez habitar sob a superfície da Terra, assinalando a cada uma delas a duração da sua existência e os limites dos seus domínios. Foi ele quem lhes deu o instinto de procurar Deus, para ver se o poderiam alcançar e tocar; o que eles não puderam fazer ainda que ele não esteja distante de cada um de nós. Porque é nele que nós vivemos, que nós morremos, que nós existimos e, como disseram alguns dos vossos poetas:

... Nós somos da sua estirpe.[99]

Sendo de origem divina, nunca devemos imaginar que a divindade se assemelhe ao ouro, à prata, à pedra, esculpida pela arte e pelo gênio do homem.

Deus, esquecendo séculos de ignorância, ordena agora por toda a parte, a todos os homens que se arrependam porque já fixou o dia em que deve julgar o mundo com justiça, por meio do homem que ele designou para isso e em que nos fez acreditar, ressuscitando-o de entre os mortos..."

Segundo o narrador, depois dessas palavras, Paulo foi interrompido. Ouvindo falar da ressurreição dos mortos, puseram-se uns a dirigir-lhe gracejos, enquanto os mais educados lhe diziam: "Escutar-te-emos em outra ocasião". Se realmente foi realizado este discurso, deve ter causado uma impressão muito singular nos espíritos cultos que o ouviram. Esta linguagem ora bárbara, incorreta, sem elaboração, ora cheia de precisão e justeza; esta eloqüência desigual, semeada de lances felizes e desagradáveis, esta filosofia profunda, tocando crenças as mais estranhas, devia ter parecido de um outro mundo. Muito superior à religião popular da Grécia, essa doutrina estava em muitas coisas superior à filosofia corrente do século. Se, por um lado, estendia a mão a essa filosofia pela

[99] Este hemistíquio encontra-se em Arato, *Phaenom.*, 5, e em Cleantes, *Hino a Júpiter*, 5.

elevada noção da Divindade e a bela teoria que proclamava a unidade moral da espécie humana,[100] por outro lado abrangia certas crenças sobrenaturais que nenhum espírito positivo podia admitir; por isso, não surpreende o seu insucesso em Atenas. Os motivos que deviam gerar a prosperidade do cristianismo, não deviam residir nos centros dos letrados e sim no coração das piedosas mulheres, nas aspirações íntimas dos pobres, dos escravos, dos sacrificados de toda a espécie. Para que a filosofia se aproxime da nova doutrina, deverá a filosofia tornar-se mais simples e a nova doutrina deverá renunciar à grande fantasia do próximo julgamento, isto é, às imagens concretas que foram o invólucro da sua primeira formação.

Este discurso, seja de Paulo ou de algum dos seus discípulos, revela-nos uma tentativa, talvez a única no primeiro século, de conciliar o cristianismo com a filosofia e mesmo, de certo modo, com o paganismo. Denunciando uma amplitude de visão muito notável num judeu, o autor reconhecia em todas as raças uma espécie de consciência interior do divino, um instinto secreto do monoteísmo que as deveria levar ao conhecimento do verdadeiro Deus. A acreditar em tudo isto, o cristianismo nada mais era do que a religião natural, a que se chega consultando apenas o coração e interrogando a boa fé; idéia com duas feições que, aproximando o cristianismo do deísmo, lhe inspirava simultaneamente um desmedido orgulho. É este o primeiro exemplo da tática de certos apologistas do cristianismo, adiantando-se à filosofia, utilizando ou fingindo utilizar a linguagem científica, falando com condescendência ou delicadeza da razão que desacreditam. Por outro lado, pretendendo fazer acreditar, por citações habilmente reunidas, que no fundo se podem entender com pessoas letradas, mas deixando-se arrastar a inevitáveis mal-entendidos quando se explicam claramente e falam dos seus dogmas sobrenaturais. Nessa oportunidade, existe o esforço para traduzir na linguagem da filosofia grega, as idéias judaicas e cristãs; entrevê-se Clemente de Alexandria e Orígenes. Assim, as idéias bíblicas e as da filosofia grega misturam-se, mas

[100] Compare-se Sêneca, *Epist.*, XCV, 51 e seg.; De Beneficiis. IV, 19; Díon Crisóstomo, Orat. XII, pp. 231-232 (ed. Emperius); Porfírio, *Ad Marcellam*, ch. 11, 18.

para isso muitas concessões terão de ocorrer porque este Deus em que nós vivemos, e em que nos movemos, está muito distante do Jeová dos profetas e do Pai de Jesus.

Muito tempo terá de passar para uma tal aliança e não será em Atenas que ela se realizará. Atenas chegara ao ponto a que a tinham levado os séculos; esta cidade de gramáticos, de ginastas e de mestres de armas, estava menos apta do que o necessário para receber o cristianismo. A banalidade e a secura do coração do homem de escola são pecados sem perdão aos olhos da graça. O pedagogo é o que menos pode ser convertido porque tem uma religião para seu uso, que é a sua rotina, a crença nos seus velhos autores, o gosto dos seus exercícios literários; isto o satisfaz e apaga nele qualquer outra necessidade. Em Atenas encontrou-se uma coleção de retratos de cosmetes[101] do segundo século; são homens dotados de beleza, graves, majestosos, com a expressão nobre e ainda helênica. Algumas inscrições nos relatam as honrarias e os prêmios que lhes conferiram;[102] os verdadeiros grandes homens da antiga democracia nunca foram tão agraciados. Certamente, se Paulo encontrou algum dos predecessores destes soberbos pedantes, não obteve maior êxito do que teria obtido no tempo do Império um romântico repassado de neocatolicismo, tentando converter às suas idéias um universitário agarrado à religião de Horácio, hoje um socialista humanitário, pregando contra os prejuízos ingleses perante os fellows de Oxônia ou de Cambrígia.

Em uma sociedade completamente diversa daquela em que tinha vivido até ali, em meio de retóricos e de professores de esgrima, Paulo encontrava-se verdadeiramente perdido. O seu pensamento voltava sem cessar para as suas estimadas igrejas da Macedônia e da Galácia, onde encontrara um tão grande sentimento religioso. Diversas vezes pensou em voltar para Tessalônica.[103] Um vivo desejo o atraía lá, tanto mais que recebera a notícia de que

[101] Hoje no Museu da Sociedade de Arqueologia, nas edificações da Universidade de Atenas. Veja-se *Archaiologiké Ephemeris*, 1862, pl. XXX, XXXI, XXXIII.

[102] Veja-se o *Filistor*, IV, p. 332 e seg. Comp. outras inscrições, *ibid.*

[103] I *Tess.*, II, 17 e seg.

a fé da nova igreja estava sofrendo grandes provações; receou que os neófitos cedessem às tentações.[104] Mas certos obstáculos, que atribui a Satã, o impediram de realizar este projeto. Paulo, afastando esse pensamento, como ele conta, privou-se uma vez ainda de Timóteo, enviando-o a Tessalônica para confirmar, exortar e consolar os fiéis e novamente ficou sozinho em Atenas.[105] Empenhou-se em seu trabalho, mas o avanço era muito lento e difícil. O espírito dos atenienses era completamente oposto dessa disposição religiosa, enternecida e profunda, que dava as conversões e predestinava para o cristianismo. As terras verdadeiramente helênicas eram impermeáveis para a doutrina de Jesus. Plutarco, que viveu numa atmosfera totalmente grega, não teve dela nenhum reconhecimento na primeira metade do século II. O patriotismo, o amor pelas antigas lembranças do país, desviavam os gregos dos cultos exóticos. O "helenismo" tornara-se uma religião organizada, quase razoável, englobando uma grande parte de filosofia; os "deuses da Grécia" pareciam querer ser deuses universais para a humanidade.

A religião, tanto do grego do passado como dos dias atuais, é caracterizada pela falta do infinito, do vago, do enternecimento, da languidez feminina; a profundeza do sentimento religioso alemão e céltico falta à raça dos verdadeiros helenos. A bondade do grego ortodoxo consiste em práticas e sinais exteriores; as igrejas ortodoxas, muitas vezes muito elegantes, nada têm dos terrores que se encontram numa igreja gótica.[106] Neste cristianismo oriental, não há lágrimas, nem preces, nem compunção interior. Os enterros são quase alegres; realizam-se à tarde, ao pôr-do-sol, quando a noite desce, com cantos a meia-voz e um desenrolar de cores vibrantes. A gravidade quase doentia dos latinos desagrada a estas raças entusiasmadas, serenas, sutis. Nestas regiões os doentes nunca apresentam um ar de abatimento; vêem chegar suavemente a morte; tudo lhes sorri ao redor. Nisto reside a explicação dessa alegria divina dos poemas homéricos e de Platão; o desenrolar da morte de Sócrates, no Fédon, apresenta apenas um murmúrio de tristeza; a vida é gerar a flor, depois o fruto; nada mais do que isto. Se, como

[104] I *Tess.*, III, 3, 5.

[105] I *Tess.*, III, I e seg.

[106] Lembre-se especialmente das pequenas igrejas bizantinas de Atenas.

pode-se sustentar, a preocupação da morte é a característica mais marcante do cristianismo e do sentimento religioso moderno, a raça grega é a menos religiosa de todas. É uma raça superficial, considerando a vida como uma coisa desprovida do sobrenatural e do pré-estabelecido. Uma tal simplicidade de concepção deve-se, em grande parte, ao clima, à pureza do ar, à deslumbrante alegria que se respira, mas principalmente aos instintos da raça helênica, adoravelmente idealista. Um nada, uma árvore, uma flor, um lagarto, uma tartaruga, despertando a idéia de mil metamorfoses cantadas pelos poetas; um fio de água, uma pequena reentrância no rochedo, logo qualificado como morada das ninfas; um poço com um resguardo em volta, um braço de mar tão apertado que as borboletas o atravessam e, no entanto, navegável pelas maiores embarcações como em Poros; laranjeiras, ciprestes cuja sombra avança sobre o mar, um bosque de pinheiros no meio dos rochedos, é quanto basta para na Grécia produzir o contentamento que a beleza desperta. Passear nos jardins durante a noite, escutar as cigarras, sentar-se ao luar, tocar flauta; ir beber água da montanha, levar consigo um pedaço de pão, um peixe e uma garrafa de vinho que se bebe a cantar; nas festas de família, pendurar uma guirlanda de folhagem na porta, aparecer com chapéus ornados com flores; nos dias das festas públicas levar bastões enfeitados com folhagens; passar dias inteiros a dançar, a brincar com cabras domesticadas, eis os divertimentos gregos, divertimentos de uma raça pobre, econômica, eternamente jovem, habitando um país encantador, encontrando a felicidade em si mesma e nos dons que os deuses lhe presentearam.[107] A pastoral à maneira de Teócrito é uma realidade nos países helênicos; à Grécia agradou sempre esse pequeno gênero de poesia, sofisticado e delicado, um dos mais característicos da sua literatura, espelho da sua própria vida, em quase toda a parte vão e fictício. O bom humor, a alegria de viver são características gregas por excelência. Os gregos sempre têm vinte anos: não existe indulgere genio a pesada embriaguez do anglo-saxão e o grosseiro

[107] Veja-se, como exemplo, a descrição das festas do 1º de maio, que aparece anualmente nos jornais de Atenas; por exemplo na *Poliggenesia* e na *Ébnophulax* do ano 1865.

prazer do francês, mas tão-somente entender que a natureza é boa, que se pode e se deve curvar-se a ela. Para o grego a natureza é uma conselheira da elegância, uma mestra da postura e da virtude; a "concupiscência", essa idéia de que a natureza nos induz a fazer o mal, é para ele uma expressão vazia. O gosto pelos enfeites, que distingue o palicare e que se mostra com tanta simplicidade na jovem Grécia, não é a pedante vaidade do bárbaro, a tola pretensão da burguesinha, repleta de seu ridículo orgulho de menina da moda; na verdade, é o sentimento puro e requintado de ingênuos adolescentes, que se sentem filhos legítimos dos verdadeiros criadores da beleza. Uma raça assim devia ter acolhido Jesus com um sorriso.

Havia, no entanto, uma coisa que estas crianças diferentes não podiam nunca ensinar-nos: a profunda seriedade, a simples honestidade, a dedicação sem glória, a bondade sem ênfase. Sócrates é um moralista de primeira grandeza; mas não discute a história religiosa. O grego parece-nos sempre um pouco seco e sem coração; tem espírito, movimento, sutileza, mas nada tem de sonhador e de melancólico. Para nós, celtas e germânicos, a origem do nosso gênio é o nosso coração. No nosso âmago há, como em um vale de fadas, uma nascente límpida, verde e profunda, onde o infinito se reflete. No grego, o amor-próprio e a vaidade misturam-se em tudo; desconhece o sentimento vago; a reflexão sobre o seu próprio destino, afigura-se-lhe insípida. Levada até a caricatura, uma tão incompleta maneira de compreender a vida gera, na época romana, o *graeculus esuriens*, gramático, artista, charlatão, acrobata, médico, palhaço de todo o mundo, muito semelhante ao italiano dos séculos XVI e XVII; na época bizantina, o teólogo sofista que degenera a religião em disputas sutis; e, nos nossos dias, o grego moderno, às vezes vaidoso e ingrato, o papas ortodoxo, com a sua religião egoísta e material. Que infelicidade para quem se detém nesta decadência! Que vergonha para quem, ante o Partenon, pensa em observar um ridículo! Contudo, é preciso reconhecê-lo: a Grécia nunca foi verdadeiramente cristã, nem o é. Nenhuma outra raça foi menos romântica, mais despida do sentimento cavalheiresco da nossa Idade Média. Toda a sua teoria da beleza Platão construiu desprezando a mulher. Pensar numa mulher como motivação para realizar grandes coisas! Um grego teria se surpreendido com uma tal linguagem; ele pensava nos homens reunidos no ágora, pensava na sua pátria. Nesse sentido os latinos estavam mais próximos de nós. A poesia grega, incomparável nos grandes gêneros como a

epopéia, a tragédia, a poesia lírica desinteressada, era desprovida da nota doce elegíaca de Tibulo, de Virgílio, de Lucrécio, nota tão em harmonia com os nossos sentimentos, tão próxima do que nós amamos. Observa-se igual diferença entre a piedade de São Bernardo, de São Francisco de Assis e a dos santos da igreja grega. Essas lindas escolas da Capadócia, da Síria, do Egito, dos padres do deserto, são quase escolas filosóficas. A hagiografia popular dos gregos é mais mitológica que a dos latinos. A maioria dos santos presente no oratório de uma casa grega e diante dos quais arde uma lâmpada, não é grandes fundadores, grandes homens como os santos do Ocidente; é quase sempre seres fantásticos, antigos deuses transfigurados, ou, no mínimo, combinações de personagens históricos e da mitologia, como São Jorge. Essa admirável igreja de Santa Sofia é um templo ariano; qualquer ser humano podia ali fazer sua oração. Não tendo tido papa, inquisição, escolástica, Idade Média, tendo sempre conservado um resíduo de arianismo, a Grécia abandonará mais facilmente do que nenhum outro país o cristianismo sobrenatural, semelhante a esses atenienses do passado que eram, ao mesmo tempo, devido a uma espécie de desprendimento mil vezes mais profundo que a seriedade das nossas pesadas raças, o mais supersticioso dos povos e o mais próximo do racionalismo. Ainda hoje os cant*os po*pulares gregos são recheados de imagens e *idéias pagãs*.[108] Contrastando com o Ocidente, o Oriente conservou, desde a Idade Média até os tempos modernos, verdadeiros "helenistas", no fundo mais pagãos do que cristãos, vivendo do culto da antiga pátria grega e dos seus saudosos autores.[109] No século XV, estes helenistas são os agentes da renascença do Ocidente, ao qual revelam os textos gregos, base de toda a civilização. Espírito idêntico presidiu[110] e presidirá aos destinos da nova Grécia. Ao estudar-se o que hoje constitui a essência de um heleno culto, vê-se que nele há muito pouco de cristianismo: é cristão na

[108] Veja-se a coleção de Fauriel e a de Passow; em particular o papel de Charon, do Tártaro, etc.

[109] No século XV, Gemiste Plethon; hoje, Teófilo Caïri.

[110] Recorde-se Coraï.

forma, assim como um persa é muçulmano; mas no fundo é "helenista": sua religião é a adoração do antigo gênio grego; perdoou todas as heresias ao filheleno, àquele que admira o seu passado; é menos discípulo de Jesus e de Paulo do que de Plutarco e de Juliano.

Desiludido com seu insucesso em Atenas, Paulo partiu para Corinto, sem esperar sequer o regresso de Timóteo.[111] Não fundara em Atenas nenhuma igreja importante.[112] Somente algumas pessoas isoladas, entre elas um homem chamado Dionísio, que talvez fizesse parte do *Areópago*,[113] e uma mulher chamada Damaris[114] aderiram às suas doutrinas. Mesmo no segundo século a igreja de Atenas é pouco sólida, pois[115] foi uma das últimas cidades que se converteram.[116] Depois de Constantino ela é o centro de oposição contra o cristianismo, o "bulevar" da filosofia.[117] Por um raro privilégio, conservou intatos os seus templos. Estes monumentos maravilhosos,

[111] I *Tess.*, III, 6.

[112] Não existe epístola de Paulo "aos Atenienses", nem referência da igreja de Atenas nas epístolas aos coríntios. Na sua terceira viagem, Paulo não anda em Atenas.

[113] *Atos*, XVII, 34; Dionísio de Corinto, em Eusébio, *H. E.*, IV, 23. O caráter um tanto lendário que os *Atos* contam da permanência de Paulo em Atenas abriga muitas dúvidas. *Areopageites* designa sempre um membro do tribunal, um personagem de alta patente. *Areopagita* era um título considerado e disputado no mundo inteiro (vejam-se os textos resumidos, sobretudo Cíc., *Pro Balbo*, 12; Trebullio Poliou, *Gallienus*, 11; *Corpus inscr. gr.*, nº 272). É difícil que um personagem desta categoria tenha se convertido.

[114] Talvez em vez de *Damalis*, nome usado por mulheres atenienses. Pape, *Waert der griech. Eigennainen*, *s. h. v.* Cf. Horácio, *Carm*, I, XXXVI, 13 e seg.; Heuzey, *Miss. de Maced.*, p. 136. Talvez também *Damaris* seja um nome semítico. Encontraram-se muitas inscrições fenícias em Atenas e no Pireu.

[115] Dionísio de Corinto, *l. c.*

[116] Veja-se o discurso de Juliano. *Ad S. P. Q. Atheniensem*, e o Misopogon, p. 348 (Spanhein).

[117] São Gregório de Nas., *Orat.*, XLIII, 14, 15, 21, 23, 24; *Carm.*, pp. 634-636, 1072 (Cailau); Synesius, *Epist.*, LIV (p. 190, Petau); Marino, *Vie de Proclus*, 10; Malala, XVIII, p. 451 (Bonn).

conservados através dos tempos, graças a um quase respeito instintivo, deviam chegar até nós como uma lição eterna do bom senso e da honestidade, ensinada por artistas de gênio. Mesmo hoje é possível sentir que a película cristã que cobre o velho fundo pagão é muito tênue; os nomes dos antigos templos permanecem, basta apenas alterar os nomes atuais para que estes surjam.[118]

[118] *Aia Vasili* é a *Stea Vasilios*; a igreja dos doze apóstolos, o templo dos doze deuses; Aiia Paraskévi, o Pompeion. Rangabé, nas *Memoire dell' Instituto di corr. arch.*, t. II (1865), p. 246 e seg.; Aug. Mommsen, *Athenae christianae*, pp. 4-5, 50-51, 61, 99, 145. Como contraste, citamos o Líbano, onde a eliminação do paganismo foi violenta e instantânea. Ainda que, por todo lado, se encontrem as ruínas dos templos antigos, não se encontram exemplos de tais sobreposições.

Primeira permanência em Corinto (continuação da segunda) viagem

Paulo embarcou em Falera ou no Pireu, chegou a Kenchrées, que era o porto de Corinto no mar Egeu, constituido em uma diminuta enseada, cercada de colinas verdejantes e cheias de pinheiros,[1] no final do golfo de Salônica. Um admirável vale[2] segue do porto à grande cidade, edificada ao lado do colossal zimbório de onde os dois mares podem ser avistados. Corinto[3] era um lugar mais preparado do que Atenas para receber a semente; não era uma espécie de santuário do espírito, uma cidade sagrada e única no mundo; era muito pouco uma cidade helênica.[4]

A antiga Corinto havia sido destruída completamente por Múmio; durante cem anos o solo da capital da liga acaia ficou deserto.[5] No ano 44 antes de Cristo, Júlio César reedificou a cidade e a tornou

[1] Hoje o lugar está quase deserto, existindo ruínas das obras do porto. O antigo nome (*Kechriaes*) conserva-se ainda. Cf. Cúrsio, *Pelononesos*, p. 537 e seg.

[2] O atual vale de Hexamilli.

[3] O local da antiga Corinto está quase abandonado. A cidade reedificou-se a légua e meia de distância, no golfo de Patras.

[4] Plutarco não a considera como tal. De *Def. Orac.*, 8.

[5] Estrabão, VIII, VI, 22, 23; Pausânias, II, I, 2. Corinto não possui nenhum vestígio de construção helênica.

uma importante colônia romana que povoou principalmente de libertos,[6] ou seja, a população era muito heterogênea.[7] Compunha-se de um amálgama de pessoas de toda a ordem e espécie, que amavam César. Durante muito tempo, os novos coríntios permaneceram alheios à Grécia, que os olhava como intrusos.[8] Os seus espetáculos eram constituídos pelos jogos brutais dos romanos, execrados pelos verdadeiros gregos.[9] Corinto tornou-se assim uma cidade semelhante a muitas outras das margens do Mediterrâneo, muito povoada,[10] rica, brilhante, freqüentada por muitos estrangeiros, centro de um comércio ativo, uma dessas cidades mistas, enfim, que não mais eram pátrias. Sua característica dominante, que tornou o seu nome proverbial, era a imensa corrupção de costumes, verdadeiramente extraordinária,[11] e nisto ainda constituía uma exceção entre as cidades helênicas. Simples e alegres eram os verdadeiros costumes gregos e jamais poderiam ser considerados luxuriosos e devassos.[12] A afluência de marinheiros, atraídos pelos dois portos, fizera de Corinto o último santuário do culto da Vênus Pandemos, resquícios dos antigos estabelecimentos fenícios.[13] O grande templo de Vênus abrigava mais de mil cortesãs sagradas; a cidade inteira era como um vasto lugar suspeito, onde um grande número de estrangeiros, sobretudo marinheiros, vinham gastar as suas riquezas.[14]

[6] Estrabão, VIII, VI, 23; Aristides, Or. III, p. 37 e seg., ed. Dindorf.

[7] Vejam-se as inscrições de Corinto, no *Corp. inscr. gr.*, nº 1104 e seg.

[8] Pausânias, II, I, 2; V, I, 2.

[9] Luciano, *Démonax*, 57; *Corp. inscr.* gr., nº 1106.

[10] Ateneu (VI, 103) conta-lhe 460.000 escravos.

[11] Aristóf., *Plutus*, V, 149; Goracio, *Ep.*, I, XVII, 36; Juvenal, *Sat.*, VIII, 113; Máximo de Tiro, *Dissert.*, III, 10; Díon Crisóst., *Orat.*, XXXVII, pp. 530-531 (Emp.); Ateneu, VII, 13; XIII, 21, 32, 54; Cíc., *De Rep.*, II, 4; Alcífron, *Epist.*, III, 60; Estrabão, VIII, VI, 20-21; XII, III, 36; Horácio, *Sat.*, I, XVII, 36; Eustathe, *Ad Iliad.*, II, V, 570; Eliano, *Hist. var.*, I, 19; Aristides, *op. cit.*, p. 39; Hesíquio, na palavra *Kortbiaxecheiu*.

[12] É o que se conclui dos tratados morais de Plutarco, principalmente de *Praeuc. Ger. reip., An Seni Sit Ger. Resp., Consolatio ad Uxorem, Conjugalia Proec., Amatorius, De Frat. Amore.*

[13] O Acrocorinto é muito parecido com o monte Érix, na Sicília.

[14] Estrabão, VIII, VI, 20, 21.

Em Corinto havia uma colônia de judeus,[15] provavelmente estabelecida em Kenchrées, o porto que fazia o comércio com o Oriente.[16] Próximo ao desembarque de Paulo, um grupo de judeus expulsos de Roma pelo édito de Cláudio também havia chegado de barco, entre os quais estavam Áquila e Priscila que já nesta época professavam a fé de Cristo,[17] tudo isto constituía um conjunto de circunstâncias muito favorável. O istmo formado entre duas porções do continente grego sempre foi o centro do comércio universal. Era um desses *emporia*,[18] fora de toda a idéia de raça e de nacionalidade, destinados a serem, permitam-me dizer, o escritório do cristianismo nascente. A nova Corinto, exatamente por possuir apenas um pouco de nobreza helênica, já era uma cidade meio-cristã. Assim como Antioquia, Éfeso, Tessalônica e Roma, ela será a metrópole do ramo mais elevado. No entanto, a imoralidade que nela residia podia, ao mesmo tempo, pressagiar que lá seriam produzidos os primeiros abusos da história da igreja. Em alguns anos Corinto será palco de cristãos incestuosos e ébrios sentados à mesa de Cristo.

Nesse contexto, Paulo viu que lhe seria necessária uma longa permanência em Corinto e para isso decidiu estabelecer-se porem definitivo e exercer a sua profissão de tapeceiro. Ora, Áquila e Priscila tinham a mesma profissão que ele. Foi morar com eles na mesma casa e abriram uma pequena loja, que fornecia artigos confeccionados pelos três.[19]

Timóteo, que Paulo enviara de Atenas a Tessalônica, veio juntar-se-lhes em breve. As notícias da igreja de Tessalônica eram excelentes: todos os fiéis perseveravam na fé e caridade, conservando-se ligados ao seu mestre; os vexames dos seus concidadãos não os tinham constrangido;[20] a sua ação bondosa estendia-se a toda a Macedônia.[21] Silas, que Paulo nunca mais encontra-ra desde

[15] Fílon, *Leg.*, § 36.

[16] Estrabão, VIII, VI, 22.

[17] *Atos*, XVIII, 2.

[18] Estrabão, VIII, VI, 22, 23; Aristides, *op. cit.*, p. 38.

[19] *Atos*, XVIII, 2-3.

[20] I *Tess.*, II, 14; III, 6-7; II *Tess.*, I, 4 e seg.

[21] I *Tess.*, IV, 10.

a sua partida de Beréia, juntou-se a Timóteo e veio com ele. Desta forma três companheiros encontraram-se reunidos em Corinto e aí viveram juntos longo tempo.[22] Como sempre, a atividade de Paulo exerceu-se primeiro entre os judeus e aos sábados começou a falar na sinagoga,[23] encontrando aí disposições muito diversas. Uma família, a de Estefanéfore ou Estéfanes, converteu-se e foi inteira batizada por Paulo.[24] Os ortodoxos resistiram com energia, estendendo-se até as injúrias e as excomunhões. Um dia, enfim, o rompimento ocorreu. Paulo sacudiu sobre os incrédulos da assembléia o pó do seu hábito, tornando-os responsáveis pelo que sucedesse e declarou-lhes que, uma vez que eram surdos à verdade, iria pregar aos gentios. Daí em diante ensinou na casa de Tício Justo,[25] homem temente a Deus, cuja casa era contígua à sinagoga. Crispo, o chefe da comunidade judaica, tomou o partido de Paulo; converteu-se com toda a família e Paulo o batizou, o que fazia raríssimas vezes.[26] Judeus, pagãos e "tementes a Deus", se fizeram batizar. O número de pagãos convertidos parece ter sido relativamente considerável.[27] Paulo desenvolveu uma atividade intensa. As visões divinas, que tinha durante a noite, em muito contribuíam para lhe dar motivação.[28] O eco das conversões que fizera em Tessalônica o havia antecipadamente preparado e colocado a seu favor a sociedade religiosa.[29] Os fenômenos sobrenaturais[30] e os milagres ocorreram.[31] Mas em Corinto não se respirava o mesmo ar de inocência e de bondade que em Filipos e Tessalônica. Os hábitos incorretos de Corinto transpunham, algumas vezes, as portas da

[22] *Atos*, XVIII, 5; I *Tess*., I, 1; III, 6; I *Tess*., I, 1; II *Cor*., I, 19.

[23] *Atos*, XVIII, 4 e seg.

[24] I *Cor*., I, 16; XVI, 15, 17.

[25] Compare-se Atos, XIX, 9.

[26] I *Cor*., 1, 14-16.

[27] I *Cor*., XII, 2.

[28] *Atos*, XVIII, 9-10.

[29] I *Tess*., 7-9.

[30] I *Cor*., II, 4-5.

[31] II *Cor*., XII, 12.

igreja; não eram todos os que lá entravam que tinham a mesma pureza. Em compensação poucas igrejas abrigaram tantos fiéis; a comunidade de Corinto alastrou-se por toda a província de Acaia,[32] tornando-se o núcleo do cristianismo na península helênica. Mesmo sem mencionar Áquila e Priscila, quase elevados à categoria de apóstolos, Tito Justo, Crispo e Estéfanes, a igreja recebera no seu interior Caio, que foi também batizado por Paulo. Hospedou Paulo na segunda vez que ele esteve em Corinto. Quartos, Acaico, Fortunato, Erasto, personagem muito importante, tesoureiro da cidade, uma dama chamada Cloe, que tinha uma família muito numerosa também abraçaram[33] a igreja de Paulo, bem como Zenas, doutor em leis judaicas, embora sejam informações, nesse caso muito vagas e incertas[34]. Estéfanes e a sua casa constituíam o núcleo mais influente e de maior autoridade.[35] Todos os outros convertidos, exceto talvez Erasto, eram pessoas simples, sem grande instrução nem distinção social, pertencentes às classes mais humildes.[36]

O porto de Kenchrées também conquistou a sua igreja. Kenchrées era povoado por muitos orientais;[37] venerava-se ali Ísis e Eschmoun, não sendo esquecida também a Vênus fenícia[38] e constituía-se de um amontoado de estabelecimentos e albergues para os marinheiros semelhantes à Kalamaki atual. No meio da corrupção desses chiqueiros de homens do mar foi que o cristianismo realizou o seu milagre. Kenchrées teve uma diaconisa notável que, mais tarde havemos de ver, trazia em si guardado todo o futuro da teologia cristã. Chamava-se Febe: era uma mulher ativa, apressada, sempre

[32] II *Cor*., I, 1.

[33] I *Cor*., I, 11, 14; XVI, 23; II *Tim*., IV, 20.

[34] *Tit*., III, 13. Zenas aparece relacionado com Apolo. Pode-se considerar a carta a Tito escrita de Corinto.

[35] I *Cor*., XVI, 15-16, 18.

[36] I *Cor*., I, 20, 26 e seg.

[37] Estrabão, VIII, VI, 22.

[38] Pausânias, II, II, 3; Cúrsio, *Peloponesos*, p. 538, 594; Millingen, *Bec. de Quelques Médailles Grecqués*, pp. 47-48, pl. II, nº 19.

disposta a prestar serviços, sendo por isso uma grande auxiliar de Paulo.[39]

Dezoito meses Paulo ficou em Corinto.[40] Seus olhos pousaran longo tempo sobre os admiráveis rochedos de Acrocorinto, os cumes nevados do Hélicon e do Parnaso. Paulo desenvolveu profundas amizades nesta nova família religiosa, embora lhe desagradasse o gosto dos gregos pelas disputas, e mais de uma vez a sua timidez natural se exagerasse em sutileza.[41] Não podia esquecer Tessalônica, a simplicidade que lá encontrara, as vivas afeições que lá deixara. A igreja de Tessalônica era o modelo que não cessava de pregar[42] e que sempre recordava. A igreja de Filipos, com as suas mulheres piedosas, a sua boa Lídia, não podia jamais ser esquecida. Como já visto, essa igreja gozava de um privilégio singular, o de sustentar o apóstolo, quando o produto do seu trabalho era insuficiente. Em Corinto recebeu ajuda financeira de Filipos. Como a natureza um pouco inconstante dos coríntios, e em geral dos gregos, lhe tivesse inspirado desconfianças, não quis dever-lhes nada, embora mais de uma vez tivesse passado necessidades durante o tempo em que entre eles permaneceu.[43] Porém, era muito difícil que a cólera dos judeus ortodoxos não suscitasse algum contratempo. Os sermões do apóstolo aos gentios, os seus largos princípios sobre a adoção de todos os que têm fé e a sua incorporação na família de Abraão, irritaram de um modo incrível os partidos do privilégio exclusivo dos filhos de Israel. O apóstolo, inclusive não lhes poupava as palavras ásperas: anunciava-lhes que a cólera de Deus havia de estalar contra eles.[44] Os judeus recorreram à autoridade romana. Corinto era a capital da província de Acaia,

[39] *Rom.*, XVI, 1-2.

[40] *Atos*, XVIII, 4 e seg. Talvez fosse mais distante, lapso de tempo mencionado no versículo 18 se é somado ao que vem indicado no versículo 11.

[41] I *Cor.*, II, 3.

[42] I *Tess.*, I, 7 e seg.; II *Tess.*, I, 4.

[43] I *Cor.*, IX, 4 e seg.; II Cor., XI, 8 e seg.; XII, 13, 14, 16; *Fil.*, V, 15.

[44] I *Tess.*, II, 14-16; II *Tess.*, I, 6-8; II *Cor.*, III, 14-16.

que englobava toda a Grécia e que estava reunida à Macedônia. As duas províncias tinham sido elevadas por Cláudio à categoria de senatoriais,[45] tendo, portanto, um procônsul, cargo que estava confiado, nesse tempo, a um dos personagens mais amáveis e mais instruídos do século, Marco Aneu Novato, irmão mais velho de Sêneca, que tinha sido adotado pelo retórico L. Júnio Galião, um dos literatos da sociedade dos Sênecas;[46] Marco Aneu Novato assumira, também, o nome de Galião. Era um espírito belo e uma nobre alma, um amigo dos poetas e dos escritores célebres.[47] Todos que o conheciam adoravam-no; Estácio o chamava *dulcis Gallio*, e é ele, talvez, o autor de algumas das tragédias que saíram deste cenáculo literário. Supõe-se que escreveu sobre questões naturalistas;[48] o irmão dedica-lhe os seus livros *Da Cólera* e *Da Vida Feliz*; foi considerado como um dos homens mais espirituosos do seu tempo.[49] Admite-se que foi a sua elevada cultura helênica que lhe deu a preferência, no tempo do letrado Cláudio, para a administração de uma província que todos os governos ilustrados cercaram de delicadas atenções.[50] A sua saúde obrigou-o a abandonar este lugar e, assim como o seu irmão, teve a honra, no tempo de Nero, de pagar com a própria vida a sua distinção e honestidade.[51]

Um homem como Marco Aneu devia ser pouco inclinado a submeter-se às reclamações de fanáticos que vinham pedir ao poder civil, contra o qual em segredo protestavam, que os livrasse dos seus inimigos. Um dia, Sóstene, o novo chefe da sinagoga, que sucedera Crispo, chamou Paulo perante o tribunal, acusando-o de pregar um

[45] Suetônio, *Cláudio*, 25.

[46] Sêneca, o retórico, *Controv.*, II, 11 etc.; prefácios dos livros I, III, V; Ovídio, *Pont.*, IV, XI.

[47] Sêneca, *De Ira*, init.; *De Vita Beata*, init.; *Quaest. Natur.*, IV, praef.; V, 11; *Epist.*, CIV, *Consol. ad Helviam*, 16. Stace, *Silves*, II, VII, 32; Plínio, *Hist. Nat.*, XXXI, 33; Tac., *Ann.*, VI, 3; XV, 73; XVI, 17; Díon Cássio, LX, 35; LXI, 20; Eusébio, *Chron.*, no ano 10 de Nero.

[48] Sêneca, *Quaes. Natur.*, V, 11.

[49] Díon Cássio, LX, 35.

[50] Plínio, o Moço, *Epístolas*, VIII, 24.

[51] Díon Cássio, LXII, 25; Eusébio, *Chron.*, e.

culto contrário à lei.[52] O judaísmo realmente tinha as suas antigas autorizações e outras muitas garantias, pretendia que a seita dissidente, por isso que fazia dissidência com a sinagoga, não tivesse direito a defender-se com as cartas dela. A situação era a mesma que, em face da lei francesa, ocorreria com os protestantes liberais no dia em que se separassem do protestantismo reconhecido. Paulo preparava-se para responder mas Galião deteve-o e, dirigindo-se aos judeus, disse: "Se se tratasse de algum crime ou de algum mau ato, escutar-vos-ia como convinha; mas, como se trata das vossas disputas de doutrina, das vossas questões de palavras, de controvérsias sobre a vossa lei, tratai vós mesmo disso. Eu não quero ser juiz nesses assuntos".[53] Admirável resposta, digna de ser apresentada como exemplo aos governos civis, quando são convidados para se intrometerem em questões religiosas! Depois de ter falado, Galião deu ordem para que os dois grupos se retirassem. Aconteceu um grande tumulto. A multidão caiu sobre Sóstene, agredindo-o mesmo perante o tribunal; não se sabia de que lado vinham as agressões.[54] Galião ignorou o caso, limitando-se a esvaziar o recinto, evitando assim entrar numa questão dogmática; como homen educado, não quis intrometer-se numa questão de pessoas comuns; e logo que essas começaram a manifestação, as mandou embora.

Sem dúvida, teria sido mais prudente não se mostrar tão desdenhoso. Galião procedeu bem declarando-se incompetente numa questão de divisão e de heresia; mas as pessoas de espírito nobre têm às vezes pouca previdência! Viu-se mais tarde que a discussão destes abjetos sectários se convertera na grande questão do século. Se, em vez de tratar a questão religiosa e social assim tão superficialmente, o governo tivesse o cuidado de realizar uma investigação imparcial, de criar uma sólida instrução pública, de não continuar a dar uma sanção oficial a um culto que se tornava completamente absurdo; se Galião se importasse em saber o que era um judeu e o

[52] *Atos*, XVIII, 2 e seg.

[53] *Atos*, XVIII, 14-15.

[54] *Atos*, XVIII, 17; as palavras *á Elleus* faltam nos melhores manuscritos.

que era um cristão, se lesse os livros judaicos, se estivesse informado sobre o que se passava nesse mundo subterrâneo; se os romanos não tivessem tido um espírito tão tímido, tão pouco científico, muitos desastres não teriam ocorrido. Coisa estranha! Encontram-se em presença um do outro; de um lado, um dos homens de mais espírito e dos mais curiosos; do outro, uma das almas mais fortes e das mais originais do seu tempo, e passam um diante do outro sem se tocarem e, certamente, se tivesse sido Paulo o agredido em vez de Sóstene, da mesma forma Galião não teria se importado. Um dos erros que mais cometem as pessoas ilustradas, com altos cargos, é a superficial repulsão que lhes inspiram as pessoas que pouco estudaram ou que não possuem maneiras delicadas; porque as maneiras apenas são uma questão de forma e aqueles que não as possuem por vezes têm do seu lado a razão. O homem de sociedade, com os seus desdéns fúteis, passa quase sempre distraído ao lado do homem que está prestes a criar o futuro: eles não pertencem ao mesmo mundo; assim o erro comum das pessoas de sociedade é acreditar que o mundo que vêem é o mundo inteiro. Estas dificuldades, afinal, não eram as únicas que o apóstolo encontrava. A missão de Corinto foi cheia de problemas que Paulo encontrava pela primeira vez na sua carreira apostólica, problemas provindos do seio da própria igreja, de homens insubmissos que nela se tinham introduzido e que lhe resistiam, ou mesmo judeus atraídos para Jesus, mas não tão despreendidos como Paulo das observâncias da lei.[55] Aqui já se sentia o espírito falso do grego degenerado que, a partir do século IV, alterou profundamente o cristianismo. Paulo já lembrava com saudade as suas estimadas igrejas da Macedônia, essa doçura ilimitada, essa pureza de costumes, essa sincera cordialidade que encontrara em Filipos e em Tessalônica. Nessas ocasiões deixava-se arrastar por um intenso desejo de voltar a encontrar os seus fiéis do Norte, e todas as vezes que percebia a expressão da mesma idéia neles, era a custo que se continha.[56] Como consolo dos embaraços e dos pedidos insistentes das pessoas

[55] II *Tess.*, III, 1-2. Comp. as duas epístolas aos Coríntios. Veja-se também, mais adiante, o Cap. XIV.

[56] I *Tess.*, II, 17-18: III, 6, 10.

que o cercava, escrevia-lhes. As epístolas escritas em Corinto dão a impressão dessa grande tristeza: muito desenvolvidas nos trechos destinados aos destinatários, essas cartas silenciam ou escondem inclusive algumas alusões desfavoráveis[57] a respeito daqueles em cujo meio o apóstolo escreve.

[57] II *Tess.*, III, 1-2.

CAPÍTULO IX

Primeiras epístolas — A situação interna das novas igrejas (continuação da segunda viagem)

A vida apostólica de Paulo atinge o seu mais elevado grau de atividade em Corinto. Aos encargos da numerosa cristandade que andava empenhado em fundar, vieram juntar-se as preocupações das comunidades que deixava atrás de si; uma espécie de ciúme, como ele mesmo menciona,[1] o devorava. Nesse momento pensava mais em cuidar das igrejas que tinha criado do que fundar novas igrejas. Cada uma era, para ele, como uma noiva que prometera a Cristo e que queria conservar pura.[2] O poder que se atribuía sobre essas pequenas corporações era absoluto. Um determinado número de regras que considerava como tendo sido estabelecidas pelo próprio Jesus, era o único direito canônico, anterior a si, que Paulo reconhecia. Julgava-se inspirado por Deus para acrescentar a estas regras todas as que as novas circunstâncias reclamassem.[3] Afinal, era o seu exemplo uma regra suprema com a qual todos os seus filhos espirituais deveriam se resignar?[4]

[1] II *Cor.*, XI, 2.

[2] *Ibid.*

[3] I *Cor.*, VII, 10, 12, 25, 40.

[4] I *Tess.*, I, 6; *Filip.*, III, 17; IV, 9.

Timóteo, que ele utilizava nas visitas às igrejas de que andava afastado, não poderia, por mais incansável que fosse, satisfazer o imenso entusiasmo do seu mestre. Então Paulo concebeu a idéia de sanar, pela correspondência, o que lhe era impossível fazer, por si mesmo, ou ser feito pelos seus principais discípulos. No Império Romano não havia nada que se assemelhasse aos nossos correios para as cartas particulares; toda a correspondência se fazia em ocasião oportuna, ou propositadamente.[5] Devido a esse fato, Paulo adquiriu o hábito de levar consigo algumas pessoas de segunda ordem, que lhe serviam de "carteiros". A correspondência entre sinagogas já existia no judaísmo; o mensageiro, encarregado de levar as cartas, era um dignatário de categoria das sinagogas. O gênero epistolar constituía, entre os judeus,[6] um gênero literário que continuou através da Idade Média[7] como uma conseqüência da sua dispersão. Desde a época em que o cristianismo se disseminou em toda a Síria começou, sem dúvida, a troca de epístolas cristãs; mas nas mãos de Paulo estes escritos, que até então ninguém conservava muito tempo foram, da mesma forma que a sua palavra, o instrumento do progresso da fé cristã. Considerava-se que a autoridade das epístolas igualava-se a do próprio apóstolo;[8] cada uma das cartas deve ter sido lida perante a igreja reunida;[9] algumas tiveram o caráter de cartas circulares, ou seja, foram transmitidas sucessivamente a muitas igrejas.[10] A leitura da correspondência

[5] Cícero, *Ad Famil.*, III, 9; XV, 17; XVI, 5, 21; *Ad Attic.*, I, 5; III, 7; Plínio, *Epist.*, II, 12; VIII, 3; IX, 28; Sêneca, *Epist.*, L; Forcellini, na palavra *tabellarius*; Naudet, nas *Mém. de l'Acad. des Inscr.*, t. XXIII, 2ª parte, p. 166 e seg.

[6] Veja-se o 2º *Livro dos Macabeus*, I, 1 e seg.; 10 e seg.; Baruch, o VI (apócr.).

[7] Comp. os *iggéret* ou *risálet*, que as sinagogas trocam entre si a respeito de diversos assuntos de doutrina ou da prática, que andavam em discussão.

[8] I *Tess.*, II, 2, 14; III, 14.

[9] I *Tess.*, V, 27.

[10] *Col.*, IV, 16. Comp. I *Cor.*, II, 2; II Cor., I, 1. Sobre a suposta Epístola aos Efésios, e sobre a aos Romanos, veja-se anteriormente a Introdução.

tornou-se, deste modo, uma parte essencial do ofício do domingo. E não era apenas no momento da sua recepção que uma carta servia para a edificação dos irmãos, guardada nos arquivos da igreja, para ser lida como um documento sagrado e um perpétuo ensinamento em todos os dias de reunião.[11] A epístola tornou-se assim a forma da literatura cristã primitiva, forma admirável, perfeitamente apropriada à situação do tempo e às aptidões naturais de Paulo. Realmente, o estágio da nova seita não comportava a fatura de livros com seqüência de matéria.

O cristianismo nascente esteve inteiramente desprovido de textos.[12] Os próprios hinos, de origem incerta, eram escritos. Todos acreditavam viver na véspera da catástrofe final. Os livros sagrados, a que chamavam "as Escrituras", eram os da antiga Lei; Jesus não lhes juntara um livro novo; devia regressar para acabar com "as antigas Escrituras e iniciar uma era nova em que ele seria um livro vivo. Nesse contexto, cartas de consolação e de incitamento foram o que se pôde produzir. Se, na época a que chegamos, havia mais de um pequeno livro destinado a auxiliar a memória sobre "os ditos e fatos" de Jesus, esses tinham um caráter absolutamente restrito. Não eram escrituras autênticas, oficiais, universalmente reconhecidas na comunidade, eram simples anotações de que faziam pouco caso as pessoas que estavam informadas das coisas, julgando-as muito inferiores à tradição, com relação à autoridade.[13]

Entretanto, Paulo não possuía grande inclinação para a redação de livros. Não tinha a paciência necessária para escrever; era incapaz de método; o trabalho era-lhe desagradável, e gostava de o encarregar a outros.[14] A correspondência, ao contrário, tão antipática aos escritores habituados a expor as suas idéias com arte, combinava com a sua atividade febril, a sua necessidade de exprimir no próprio momento as suas impressões. Simultaneamente viva, rude, polida, maliciosa, sarcástica, depois rapidamente terna, delicada, quase inquieta e indolente, tendo a expressão feliz e requintada até o mais alto grau, prestando-se o seu estilo a ser semeado

[11] Dionísio de Cor., em Eus., *H. E.*, IV, 23.

[12] Justino, *Apol.*, I, 67, é de um século mais tarde.

[13] Papias, em Eusébio, *H. E.*, III, 39.

[14] *Rom.*, XVI, 22.

por reticências, reservas, precauções infinitas, alusões malignas, ironias dissimuladas, devia o apóstolo brilhar num gênero que exige, como principal condição, a espontaneidade. O estilo epistolar de Paulo é o mais pessoal possível. A linguagem é, se tal ouso dizer, triturada; não há uma frase seguida. É impossível violar mais audaciosamente, não digo o espírito da língua grega, mas sim a própria lógica da linguagem humana; dir-se-ia uma rápida conversação estenografada e reproduzida sem correções. Muito cedo Timóteo começou a desempenhar, junto ao mestre, as funções de secretário e, como a sua linguagem devia ser semelhante com a de Paulo, substituiu-o freqüentemente. É provável que nas Epístolas, e talvez nos *Atos*, exista mais de uma página de Timóteo, tamanha era a modéstia deste homem estranho que não possui qualquer sinal seguro para as descobrir.

Paulo, quando se correspondia diretamente, não escrevia pela sua própria mão; ditava.[15] Por vezes, quando a carta já estava concluída, relia-a; por meio de sua alma impetuosa, fazia correções e acréscimos marginais, muitas vezes com risco de alterar o contexto e produzir frases soltas ou emaranhadas.[16] Enviava a carta assim emendada, sem se importar com as numerosas redundâncias de palavras e de idéias. Com o seu maravilhoso ardor de alma, Paulo expressava-se com muita limitação. Às vezes uma palavra obsidiava-o,[17] e ele a utilizava numa mesma página, para referir-se a tudo. Não é verdadeiramente esterilidade, mas a estreiteza de espírito e um completo desprendimento pela correção do estilo. Para evitar as fraudes numerosas que deram origem às paixões do tempo, à autoridade do apóstolo e às condições materiais da epistolografia antiga,[18] Paulo costumava enviar às igrejas um exemplar

[15] *Rom.*, XVI, 22. As passagens de Filémon, 19, e *Gál.*, VI, 11, não implicam que estas duas cartas fossem autógrafas porém seriam exceções.

[16] Por exemplo, *Rom.*, II, 14-15; I *Cor.*, VIII, 1-3; *Gál.*, II, 67; VI, 1. Cf. Cíc., *Ad Att.*, V, 1. Para se ter idéia de uma carta de Paulo vejam-se *Papyrus Grecs du Louvre et de la Bibl. Imp.* nas *Notices et Extraits*, t. XVIII, 2ª parte, pl. VI e seg., ou pl. XVII, ou pl. XXII (pap. 18 *bis*), ou pl. XXVI, ou pl. XII.

[17] Por exemplo *kauchaomai* e seus derivados, nas duas epístolas aos coríntios.

[18] II *Tess.*, II, 2; Dionísio de Cor., em *Eus.*, *H. E.*, IV, 23.

da sua escrita, que era fácil de reconhecer;[19] depois disso bastava-lhe, segundo um costume de então, escrever de própio punho no fim das suas cartas, algumas linhas para garantir a autenticidade de todo o texto.[20]

A correspondência de Paulo foi grande, restando dela apenas uma pequena parte.[21] A religião das igrejas primitivas estava tão distante das coisas materiais, era tão idealista que ninguém pensara no imenso valor de tais escritos. A fé era tudo, trazendo-a cada um no coração, pouco se importando com as folhas de papiro,[22] que, de mais a mais, não eram autógrafos. Estas epístolas, na sua maior parte registros de acontecimentos, ninguém imaginava que um dia viessem a ser livros sagrados. Apenas no fim da vida do apóstolo foi que se pensou em conservar as suas cartas, estimando-as pelo que elas valiam. Cada igreja guarda então preciosamente as suas, consultando-as com freqüência,[23] faz delas leituras regulares[24] e deixa tirar cópias;[25] mas uma grande quantidade do primeiro período estava definitivamente perdida. Quanto às cartas ou respostas das

[19] *Gál.*, VI, 11.

[20] II *Tess.*, III, 17; I *Cor.*, XVI, 21; *Col.*, IV, 18. Comp. *Gál.*, VI, 11. Cf. Cíc., *Ad Att.*, VIII, 1; Suetônio, *Tib.*, 21, 32; Díon Cássio, LVIII, 11; Cavedoni, *Le salut. dellé Epist. di S. Panolo* (extrato do t. XVII da 3ª série das *Mem. di Relig.* etc., impressas em Modena), p. 12 e seg.

[21] II *Tess.*, II, 2,14; III, 14, 17; I *Cor.*, V, 9; XVI, 1, 3; II *Cor.*, X, 9 e seg.; XI, 28; *Col.*, IV, 10, 16. A coleção, a edição, se assim se pode dizer, das cartas de São Paulo, ocorreu antes do ano 150 ou 160. Papias e São Justino desconhecem as Epístolas de São Paulo.

[22] *Chartes*, II Job., 12. II *Tim.*, IV, 13, não prova que as epístolas fossem escritas em pergaminho, que servia em geral para os livros.

[23] Clem. Romano, *Epist. I ad Cor.*, 47; Policarpo, *Ad Phil.*, 3; Inácio, *Ad Ephes.*, 12.

[24] Dionísio de Cor., citado por Eus., *H. E.*, IV, 23.

[25] São Pedro ou o autor da primeira Petir lera ou tivera conhecimento da Epístola aos Romanos, a suposta Epístola aos Efésios e outras epístolas de Paulo. As epístolas autênticas ou apócrifas de Clemente Romano, de Inácio, de Policarpo, também apresentam reminiscências das Epístolas de São Paulo. Clem. Rom., *Epist. I ad Cor.*, 24, 32, 34, 35, 37; Inácio, *Ad Magnes*, 10; *Ad Ephes.*, 18; *Ad Rom.*, 3, 7; *Ad Philad.*, 1; *Ad Smyrn*, 6; Policarpo, *Ad Philipp.*

igrejas,[26] todas encontram-se desaparecidas, como não podia deixar de ser, pois Paulo, na sua vida errante, nunca teve outros arquivos além da sua memória e do seu coração.

Da segunda missão sobraram apenas duas cartas; são as epístolas à igreja de Tessalônica.[27] Paulo escreveu-as de Corinto,[28] e na subscrição associou ao seu nome os de Silas e Timóteo. Deviam ter sido escritas com pequeno intervalo uma da outra.[29] São cheias de unção, de ternura, de emoção e de encanto. O apóstolo nelas não oculta a sua preferência pelas igrejas da Macedônia. Para exprimir essa simpatia serve-se das expressões mais entusiasmadas, das imagens mais carinhosas; representa-a como a mãe alimentando os seus filhos com o próprio seio,[30] ou como um pai vigiando a vida dos seus filhos.[31] É o que Paulo realmente foi para as igrejas que fundou: um missionário admirável, mas sobretudo um admirável diretor de consciências. Nunca ninguém se encarregara melhor das almas; nunca ninguém tratara o problema da educação de uma maneira mais ativa e mais íntima. Porém, não se deve considerar que todo este predomínio foi conquistado pela doçura e benevolência.[32] Não, Paulo era rude, antipático, e algumas vezes irascível. Em nada se parecia com Jesus; não tinha a sua adorável indulgência, a sua tendência para tudo perdoar, a sua divina incapacidade de reconhecer o mal. Era quase sempre imperioso, e fazia sentir a sua autoridade com uma preponderância que chega a impressionar.[33]

---

[26] I *Cor.*, VII, 1; VIII, 1; XVI, 17; *Fil.*, IV, 10 e seg.

[27] As subscrições e o conteúdo das cartas não permitem nenhuma dúvida.

[28] Com relação à primeira é exato. Comp. I *Tess.*, I, 7, 8; III, 6; *Atos*, XVIII, 5. Tem-se considerado que a segunda foi escrita de Beréia, mas por certos trechos como II *Tess.*, I, 4; II, 2; II, 11, deduz-se que Paulo deixara há muito a Tessalônica, quando escreveu esta epístola.

[29] A segunda parece ter sido escrita primeiro. Na classificação das cartas de Paulo a regra seguida foi sempre a de dar o primeiro lugar à mais longa.

[30] I *Tess.*, II, 7.

[31] I *Tess.*, II.

[32] I *Tess.*, II, 5; III, 10.

[33] II *Tess.*, III, 4.

Ordena, repreende com dureza, fala de si mesmo com a maior segurança,[34] e indica-se a cada passo e sem hesitações como exemplo.[35] Mas que grandeza! que pureza! que desinteresse! A respeito deste último aspecto ele exagera. Dez vezes, com a maior altivez, ele repisa este pormenor, na aparência pueril, de que nada custou a ninguém, que não comeu de graça o pão, que trabalhou dia e noite como um operário, embora tendo podido fazer como os outros apóstolos e viver do altar. O que determinava todo o seu cuidado era apenas o amor das almas, que considerava como infinito. A felicidade, a inocência, o espírito fraternal, a caridade ilimitada destas primitivas igrejas constituíram um espetáculo que não se repetirá.[36] Tudo era espontâneo, sem constrangiment e, no entanto, estas pequenas associações eram sólidas como o ferro: não somente resistiam às perpétuas oposições dos judeus,[37] como tinham uma organização interior maravilhosa. Não as grandes igrejas abertas a todos, mas sim as ordens religiosas com uma vida própria muito intensa, as pequenas confrarias, cujos membros se conhecem, se animam, se envolvem em questões, se estimam e se detestam a toda a hora, são parecidas com elas. Apesar de possuírem uma certa hierarquia,[38] os membros mais antigos, os mais ativos, os que tinham relações pessoais com o apóstolo gozavam de uma certa precedência nessas igrejas;[39] mas Paulo era o primeiro a repelir tudo o que se assemelhasse a uma chefia; ele insistia em não ser senão "o promotor da alegria comum".[40]

Às vezes os "antigos"[41] eram eleitos por votação, feita com as

---

[34] I *Tess.*, II, 1 e seg.

[35] I *Tess.*, I, 6; II Tess., 111, 7, 9. Comp. *Gál.*, IV, 12; I *Cor.*, IV, 16; X, 33; XI, 1.

[36] Justino, *Apol.*, I, 67.

[37] I *Tess.*, 1, 6; III, 4; II *Tess.*, I, 4 e seg.

[38] Atenuada porque, em I *Cor.*, XII, 28 e seg., Paulo conhece apenas um superior em título, que é "o apóstolo". Os fiéis são classificados pela qualidade espiritual que exercem.

[39] I *Tess.*, V, 12-13.

[40] II *Cor.*, I, 24.

[41] *Presduteroi*. Cf. as inscrições judaicas, *Corp. inscr. gr.*, nos 9897, 9902. *Gerousiarxes*.

mãos erguidas,[42] outras vezes estabelecidos pelos apóstolos,[43] mas em ambos os casos sempre considerados como eleitos do Espírito Santo,[44] isto é, por esse instinto superior que dirigia a igreja em todos os seus atos. Começavam já a denominar-se "vigilantes" (*episcopi*,[45] palavra que tinha passado da linguagem política para os eranos),[46] e a serem considerados como "pastores" encarregados de conduzir a igreja.[47] Outros tinham a especialidade do ensino: eram os catequistas, que iam de casa em casa, transmitindo a palavra de Deus em lições particulares e, em alguns casos,[48] Paulo estabelecia que o catecúmeno, enquanto realizava a sua instrução, devia pôr tudo o que possuía em comum com o seu catequista. A autoridade plena pertencia à igreja reunida e essa autoridade abrangia inclusive o que havia de mais íntimo na vida particular.

Todos os irmãos se vigiavam e se repreendiam uns aos outros. A assembléia da igreja ou os chamados "espirituais", faziam reprimendas aos que estivessem em falta, encorajavam os desalentados, como hábeis diretores, com grande conhecimento do coração humano.[49] Ainda não se havia regulado as penitências públicas; mas já, com certeza, existiam embrionárias.[50] Como nenhuma força exterior continha os fiéis, impedindo-os de se dividirem e abandonarem a igreja, poder-se-ia julgar que uma tal organização, que nos parece insuportável, em que nada vemos senão um sistema organizado de espionagem e de delação, ter-se-ia destruído rapidamente. Não era nada disso. Não se vê, nessa época, um único exemplo da apostasia:[51] todos se submetiam humildemente à sentença da igreja. Aquele cuja conduta fosse incorreta, ou que se separasse da tradição do apóstolo, ou que não obedecesse às suas cartas, era logo delatado; daí em diante era evitado e isolado. Era tratado como um inimigo, mas advertiam-no como a um irmão.[52] Este isolamento cobria-o de vergonha, e logo voltava arrependido para junto dos fiéis.[53] Era grande a jovialidade destas pequenas comunidades, vivendo juntos, sempre cuidadosos, ocupados, cheios de entusiasmo, amando e odiando muito.[54] Na verdade cumprira-se a palavra de Jesus: o reino dos bons e dos simples havia chegado e manifestava-se por uma imensa beatitude, que trasbordava de todos os corações.

Existia um grande horror pelo paganismo,[55] mas muita tolerância para com os pagãos[56] e em vez de os repelir, procuravam atraí-los e conquistá-los.[57] Muitos fiéis tinham sido idólatras ou estavam próximos dele; sabiam bem com que boa fé se pode estar em erro. Lembravam-se dos seus honestos antecessores, mortos sem ter conhecido a verdade que salva e este sentimento teve como conseqüência uma prática comovedora, qual seja, o batismo dos mortos: acreditou-se que, fazendo-se alguém batizar pelos seus ascendentes que não tinham recebido a água santa, lhes eram conferidos os

---

[42] *Cheirotonia*. Veja-se principalmente II *Cor*., VIII, 19.

[43] *Atos*, XIV, 23.

[44] *Atos*, XX, 28.

[45] *Episcopi Atos*, XX, 28; Filip., I, 1 (e as explicações de São João Crisóstomo e de Teodorico a respeito desta passagem); I *Tim*., III, 2; *Tit*., I, 5 (ef. São Jerônimo, nesta passagem), 7. *Presbuteroros* e *épiscopos* são no primeiro século sinônimos. Traduzir estas palavras por "padre" ou "bispo" é tão incorreto como traduzir *imperator* por "imperador", quando se trata da época da república romana. Comp. *Atos*, XX, 17, 28.

[46] Vejam-se Os *Apóstolos*. Sobre os *episcopi*, magistrados municipais, veja-se Waddington, *Explic. des Inscr*. de Le Bas, III, n^os^ 1989, 1990 e 2298.

[47] *Atos*, XX, 28. Cf. I *Petr*., II, 25.

[48] *Gál*., VI, 6.

[49] I *Tess*., V, 14; *Gál*., V, 1 e seg.

[50] Cf. o *Pastor de Hermas*, vis. II; mand. IV; simil. VII, VIII, X.

[51] As Epístolas a Timóteo, mencionam apostasias, são consideradas apócrifas e posteriores.

[52] Compare-se a *nezifa* ou admonição na sinagoga, dos judeus.

[53] II *Tess*., III, 6, 14-15; *Gál*., VI, 1; *Cor*., V, 13; II *Cor*., II, 6 e seg.

[54] I *Tess*., V, 16; *Fil*., II, 1, 18; II, 1; IV, 4.

[55] *Rom*., I, 18 e seg.; *Éfes*., IV, 17-19; V, 12; I *Petri*, IV, 3.

[56] Comp. Mixna, *Gittin*, V, 9, e as duas Gêmares com relação a passagem.

[57] II *Cor*., VI, 14; VII, 1, exprime um pensamento contrário. Mas, sem relação com o que precede e o que se segue, torna-se um trecho suspeito. Podia ter sido um preceito apropriado à situação particular dos coríntios.

méritos do sacramento,[58] alimentando-se assim a esperança de não se separarem dos que tinham amado. Um profundo sentimento de solidariedade dominava a todos: o filho salvava-se pelos pais, o pai pelo filho, o marido pela sua mulher.[59] Ninguém podia aceitar a idéia de prejudicar qualquer pessoa de boa índole e que, pela sua vida virtuosa, não contradizia as idéias santas.

Os costumes eram severos,[60] mas não eram tristes; desconhecia-se a virtude rígida e mortificante que os rigoristas dos tempos modernos (jansenistas, metodistas etc.) pregam como virtude cristã. As relações entre os homens e as mulheres, longe de serem proibidas eram, ao contrário, múltiplas.[61] Os pagãos eram considerados muitas vezes como efeminados, que desertavam da sociedade comum para os conciliábulos de moças, de velhas e de crianças.[62] A nudez pagã era proibida; as mulheres, em geral, andavam com véus espessos; não se omitia o menor cuidado da castidade;[63] mas dessa forma o pudor converte-se em volúpia, e o sonho de ideal que existe em todo o homem, pode assim exercer-se mais intensamente. Quando os *Atos* de Santa Perpétua, a lenda de Santa Dorotéia são lidos, consideramos estas duas mulheres como heroínas de uma pureza absoluta; mas elas pouco se parecem com uma religiosa de Porto Real onde foram suprimidos metade dos instintos de humanidade; mas não era esse o caso; tinham apenas se limitado a dar uma nova direção a esses instintos, que mais tarde se tornariam sugestões

[58] I *Cor.*, XV, 29. Tertuliano, *De Resurr. Carnis*, 48; *Adv. Marc.*, V, 10; *Epif. haer.*, XXVIII, 7; João Cris., in I *Cor.*, XV, 29. Compare-se, a respeito de prática semelhante dos mórmons, Remy, *Voy. au Pays des Mormons*, p. 27 e seg.

[59] I *Cor.*, VII, 14. Comparem-se *Atos* de Santa Perpétua.

[60] I *Tess.*, IV, 1-8. Cf. o *Pastor de Hermas*, mand. IV.

[61] Veja-se por exemplo o *Pastor de Hermas*, vis. I e II; simil. IX, 2. Comp. Eusébio, *H. E.*, VII, 30.

[62] Taciano, *Adv. Gr.*, 33; Minutuis Felix, *Oct.*, 8, 9; Oríg., *Contra Celso*, III, § 55; Cirilo, *Adv. Jul.*, VII, p. 229 (Paris, 1638). Cf. de Ross., Bull., 1864, p. 72.

[63] Tertuliano, *De Cultu Feminarum* considerando-se os exageros deste autor.

demoníacas. Pode-se dizer que o cristianismo primitivo foi uma espécie de romantismo moral, uma enérgica modificação da capacidade de amar. O cristianismo não reduziu essa capacidade, nem contra ela tomou nenhuma precaução, nem a olhou sequer com desconfiança, ao contrário, procurou enchê-la de ar e de luz, engrandecendo-a. O perigo dos abusos não havia se manifestado ainda. O mal era por assim dizer impossível no núcleo da igreja, e assim a raiz do mal, o mau desejo, tinha sido arrancada.

O trabalho de catequista muitas vezes cabia às mulheres[64] pois a virgindade era considerada um estado de santidade.[65] Porém, esta preferência pelo celibato não era uma negação do amor e da beleza, como ocorreu no árido e ininteligente ascetismo dos últimos séculos. Na mulher, esse sentimento justo e verdadeiro de que a virtude e a beleza quanto mais se escondem mais valor possuem, ainda que se considere que a mulher nunca encontrou essa pérola rara do grande amor conserve, por uma espécie de fidelidade e de reserva, a sua beleza e perfeição moral só para Deus, Deus que deseja isso e que compartilha os seus íntimos pensamentos. As segundas núpcias, não eram proibidas, mas eram consideradas como uma imperfeição.[66] O sentimento popular do século era assim. A bela e comovedora expressão *tumbios* tornara-se a palavra que comumente os "esposos" eram designados.[67] As palavras *Virginius*, *Virginia*, *Partenicos*, designando os esposos que não tiveram antes outra ligação,[68] eram elogios e termos carinhosos. O espírito de família, a união do marido e da mulher, a sua estima recíproca, o reconheci-

[64] Lugares citados por Taciano, Orígenes e São Cirilo. Cf. o *Pastor de Hermas*, vis. II, 4.

[65] I *Cor.*, VII, 1 e seg.; Justino, *Apol.*, I, 15; Atenágoras, *Leg.*, 33; Tertuliano, *Apol.*, 9; Oríg., *Contra Celso*, I, § 26. Observe-se a legenda de Tecla. Comparem-se os *israi partenoi* da Antiguidade.

[66] I *Tim.*, III, 2, 12; Atenág., *Leg.*, 33.

[67] Cf. *Notícias e Extratos*, XVIII, 2ª parte, p. 432, 435.

[68] Notem-se as inscrições; por exemplo, Garruci, *Cimitero degli Ant. Ebrei*, p. 68, o elogio de uma mulher judia que viveu *monandros meta partenicou antes*. Cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 9905; de Rossi, *Roma Sott.*, I, tav. XXIX, nº 1.

mento do marido por cuidar em manter sua mulher, transparecem de uma maneira significativa nas inscrições judaicas,[69] que a esse respeito nada mais faziam do que reproduzir o sentimento das classes humildes onde a propaganda cristã ia buscar os seus adeptos. Destaca-se aqui, que as idéias mais elevadas a respeito da santidade do casamento, espalharam-se pelo mundo e por um povo em que a poligamia nunca foi universalmente proibida. Mas cabe admitir que, na fração da sociedade judaica em que o cristianismo se constituiu, a poligamia foi abolida realmente, pois não existe a necessidade de condenação da igreja. A caridade, o amor dos irmãos era a lei suprema, comum a todas as igrejas e a todas as escolas.[70]

A caridade e a castidade foram as virtudes cristãs por excelência, as que fizeram o sucesso da nova pregação e converteram todo o mundo. Ordenava-se que se fizesse bem a qualquer pessoa; contudo, os camaradas eram reconhecidos como tendo direitos de preferência.[71] O gosto pelo trabalho era considerado uma virtude. Paulo, como bom trabalhador, repreendia energicamente a preguiça e a ociosidade, e repetia constantemente esse ingênuo provérbio do homem do povo: "Que todo o que não trabalhe não coma".[72] O seu ideal era de um operário pacífico, aplicado ao trabalho, usufruindo tranqüilamente o pão ganho.[73] Como nós estamos distante do ideal primitivo da igreja de Jerusalém, inteiramente comunista e cenobítica, ou mesmo da Antioquia, preocupada com as profecias, com os dons sobrenaturais e com o apostolado! Nessa época a igreja é uma associação de bons trabalhadores, alegres, contentes, sem inveja dos ricos, porque são mais felizes ainda do que eles, porque sabem que Deus não julga como os humanos e prefere a honesta mão cheia de calos à mão branca do intrigante. Uma das principais virtudes consiste em conduzir as coisas "de forma que a nossa vida seja honrosa aos olhos dos de fora e que a nós nos não falte nada".[74] Alguns membros da igreja, de quem São Paulo ouviu dizer "que não trabalhavam ou que não tratavam senão da sua vida, são severamente censurados[75] e essa conciliação do bom senso prático com o iluminismo não deve surpreender. Não nos oferecem os ingleses, na Europa e na América, a mesma contradição: tão cheia de bom senso nas coisas terrenas e tão absurda nas coisas do Céu? O quakerismo, da mesma forma, principiou sendo uma teia de absurdos até o dia em que, por influência de Guilherme Penn, se tornou, sob o ponto de vista prático, uma coisa grande e fecunda.

Os dons sobrenaturais do Espírito Santo, como a profecia, não eram olhados com indiferença,[76] mas nas igrejas da Grécia, que não eram constituídas por judeus, essas atividades estranhas deixavam de ter significação, e compreende-se que bem depressa devessem cair em desuso. A disciplina cristã convertera-se numa espécie de piedade deísta, que se resumia em servir o verdadeiro Deus, em rezar e fazer o bem.[77] A estes preceitos de religião pura uma grande esperança dava a eficácia que nunca puderam ter por si mesmos. O sonho, que fora a alma do movimento de idéias provocado por Jesus, continuava a ser o dogma fundamental do cristianismo: todos acreditavam na iminência do reino de Deus, na manifestação próxima de uma grande glória, no meio da qual o Filho de Deus deveria aparecer e a idéia que se fazia deste maravilhoso fenômeno era a mesma do tempo de Jesus. "Uma grande cólera", quer dizer, uma catástrofe terrível estava para produzir-se em breve; essa catástrofe feriria todos os que Jesus não pudesse salvar. Assim, Jesus iria aparecer no Céu, como "rei da glória",[78] rodeado de anjos[79] e então o julgamento seria realizado. Os santos, os perseguidos, iriam enfileirar-se ao lado de Jesus para com ele gozar o repouso eterno. Os incrédulos que o perseguiram, os judeus

[69] Verifiquem-se as inscrições publicadas por Kirchhoff e Garrucci, em especial as duas belas inscrições de Garrucci, *Cimitero*, p. 68.

[70] I *Tess.*, IV, 9-10. Cf. *Joann.*, XIII, 34; XV, 12, 17; e João, III, 10; IV, 12.

[71] *Gál.*, VI, 10.

[72] I *Tess.*, IV, 11; II *Tess.*, III, 10-13.

[73] I *Tess.*, IV, 11; II *Tess.*, III, 12.

[74] I *Tess.*, IV, 11-12. Comp. *Col.*, IV, 5.

[75] II *Tess.*, III, 11-12.

[76] I *Tess.*, V, 19-21.

[77] I *Tess.*, I, 9; V, 15 e seg.

[78] I *Cor.*, II, 8; Jac., II, 1.

[79] I *Tess.*, I, 10; II, 12, 16; III, 13; V, 23; II *Tess.*, I, 5 e seg.; II, 1 e seg.

principalmente, seriam devorados do fogo: a sua punição seria uma morte eterna; expulsos da presença de Jesus, seriam atirados ao abismo do nada. Na verdade um fogo destruidor seria ateado, consumindo o mundo e todos os que tivessem negado o Evangelho de Jesus. Esta hecatombe final seria como uma grande manifestação gloriosa de Jesus e dos seus santos, um ato da justiça suprema, uma tardia reparação das maldades que até então tinham sido a lei do século.[80] Contra esta estranha doutrina naturalmente surgiram várias contestações.

Uma das principais resultava na dificuldade de conceber quais seriam os mortos no momento do aparecimento de Jesus. Depois da passagem de Paulo, alguns falecimentos tinham acontecido na igreja de Tessalônica; foi muito forte a impressão causada por estes primeiros mortos. Deveria-se lamentar e considerar como excluídos do reino de Deus os que tinham desaparecido antes da hora solene? As idéias sobre a imortalidade individual e o julgamento particular eram ainda muito superficiais para que pudesse fazer-se essa objeção.[81] Paulo respondeu a isto com uma notável lucidez. A morte não será mais que o sono de um momento.

"Queremos, irmãos, tirar-vos da ignorância, despertando os que estão adormecidos, para que vós não sofrais, como os outros, que já não têm esperança. Se acreditamos que Jesus morreu e ressuscitou, devemos acreditar da mesma forma que Deus chamará para junto de Jesus os que morreram na graça do mesmo Jesus. O que vos digo é como se fosse dito pelo Senhor; pois bem, nós que estamos vivos, que estamos destinados a ver a aparição do Senhor, não estaremos em melhor situação do que os que estão adormecidos. Porque o próprio Senhor, no meio das aclamações, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus, descerá do Céu; então todos os que morrerem em Cristo ressuscitarão; depois, nós, os viventes, os predestinados, seremos arrebatados com os outros para as nuvens, para ir à presença do Senhor no espaço; e assim, ficaremos eternamente com o Senhor.

[80] II *Tess.*, I, 5-10.

[81] Comp. *Livro IV de Esdras*, VI, versículo 49 e seg. das versões orientais, omitido na Vulgata.

Consolai-vos pois com esta idéia".[82]

Muitos queriam saber o dia desta grande aparição. São Paulo censura essas perguntas e serve-se, para demonstrar o seu vazio, quase das próprias palavras que se atribuem a Jesus.[83]

"Quanto ao tempo e ao momento em que estes mistérios serão cumpridos, não tendes, irmãos, necessidade que eu vos escreva; sabeis bem que a luz do Senhor virá como um ladrão durante a noite. Será quando mais se falar de paz, de segurança, que subitamente cairá sobre os homens a destruição, como as dores que atacam as mulheres grávidas, sem poderem ser evitados. Mas vós, irmãos, não estais nas trevas para que a luz vos surpreenda como ladrões. Sois todos filhos da luz e filhos do dia; nós não somos filhos da noite e das trevas. Não dormimos como os outros; estamos vigilantes e somos sóbrios..."[84]

Era enorme a preocupação desta próxima catástrofe. Alguns julgavam conhecer a data por certas revelações particulares; já havia apocalipses; chegara-se até ao ponto de fazer circular falsas cartas do apóstolo, em que o fim estava anunciado.

"Pedimos-vos, irmãos, que, com relação à aparição de Nosso Senhor Jesus Cristo e da nossa reunião com Ele, não levanteis imediatamente a cabeça e não vos deixeis impressionar, nem por manifestações do Espírito, nem por palavras, nem por pretendidas cartas nossas em que se anuncie que o dia do Senhor está próximo. Que ninguém vos engane: nada se fará antes de se ter dado a grande apostasia e se ter revelado o homem da maldade, o filho da perdição, o grande inimigo, elevando-se por si mesmo acima de tudo o que se chama Deus e de tudo que se adora, chegando até o ponto de se sentar no templo de Deus e

[82] I *Tess.*, IV, 12-17. Comp. *IV Livro de Esdras*, VII, 28 e seg. Vulg. (vejam-se as versões orientais publicadas ou colecionadas por Ewald, Volkmar, Ceriani).

[83] *Vida de Jesus.*

[84] I *Tess.*, V, 1 e seg.

de se apresentar ele mesmo como sendo Deus.[85] Não vos recordais de que eu já vos disse estas mesmas palavras quando estava entre vós? E agora imaginais saber o que não pode ter sido ainda revelado. O mistério da iniqüidade está se preparando e só espera, para se manifestar, o desaparecimento do obstáculo que por enquanto o impede. Então será revelado o ímpio, que o Senhor há de matar com um simples sopro da sua boca, e destruirá com a sua própria aparição. Quanto ao surgimento do ímpio ocorrerá graças ao poder de Satã, sendo acompanhado por toda a espécie de milagres, de sinais, de prodígios enganadores, e um cortejo de seduções criminosas pelos homens perdidos, nos quais já não resida o amor da verdade, que os possa salvar. É a esses que Deus envia um poderoso agente do erro, que os fará acreditar na mentira, para que todos aqueles que não tenham acreditado na verdade e que acolham a maldade caiam pela sua própria culpa." [86]

Nestes textos escritos vinte anos após a morte de Jesus, observa-se que apenas um elemento essencial se juntou ao retrato do dia do Senhor, tal como Jesus o concebia;[87] é a presença de um *anticristo*,[88] ou "falso Cristo", que deveria surgir antes da grande aparição do próprio Jesus; espécie de messias do diabo, que realizaria milagres e pretenderia fazer-se adorar. A propósito de Simão, o Mágico, já ressaltamos a idéia singular de que os falsos profetas fazem milagres como os profetas verdadeiros.[89] A idéia de que o julgamento de Deus seria precedido por cataclismas terríveis, por um excesso de impiedade e de abominações, pelo triunfo temporário da idolatria, pelo aparecimento de um rei sacrílego, já era muito antiga, remontando à primeira origem das doutrinas apocalípticas.[90] Aos

[85] Compare-se *Fil.*, II, 6.

[86] II *Tess.*, II, 1-11.

[87] Veja-se *Vida de Jesus*.

[88] Esta palavra apenas surge nas epístolas atribuídas a João. Mas a idéia está perfeitamente caracterizada nas Epístolas de Paulo e no Apocalipse.

[89] Cf. *Mat.*, XXIV, 24.

[90] *Daniel*, VII, 25; IX, 27; XI, 36. Cf. Targum de Jerus., *Nombr.*, XI, 26, e *Deuter.*, XXXIV, 2; *Targ. de Jonatã*, is. XI, 4 etc.

poucos esse reino efêmero do mal, anunciando a vitória definitiva do bem, chegou com os cristãos a personificar-se num homem, concebido com a oposição perfeita de Jesus, como uma espécie de Cristo do Inferno.

As características deste futuro sedutor foram criadas em parte com as recordações de Antíoco Epifânio, como era apresentado no *Livro de Daniel*,[91] combinadas com as reminiscências de Balaão, de Gog e Magog, de Nabucodunosor, e em parte com certos fatos ocorridos na época. A incrível tragédia que Roma apresentava nesse momento para o mundo, não podia deixar de exaltar as imaginações. Provavelmente, Calígula, o antideus, o primeiro imperador que desejou ser adorado em vida, inspirou Paulo para imaginar que esse personagem se elevaria acima de todos os pretendidos deuses, de todos os ídolos, e se sentaria no templo de Jerusalém, pretendendo passar pelo próprio Deus.[92] No ano 54, o Anticristo é assim concebido, como sendo um continuador da loucura sacrílega de Calígula e, nesse sentido, a realidade do que acontecia era apenas considerada como um presságio do que estava para acontecer. Poucos meses depois de Paulo escrever esta página estranha, Nero conquistou o poder, e é nele que, mais tarde, a consciência cristã há de ver o monstro precursor da vinda de Cristo. Qual era porém a causa, ou melhor, qual era o personagem que, no ano 54, ainda impedia, segundo São Paulo, o aparecimento do Anticristo? Nunca houve essa resposta. Trata-se talvez de um segredo misterioso, não estranho à política, de que os fiéis comentariam uns com outros, mas a respeito do qual não escreveriam, com receio de se comprometerem.[93] Se uma carta dessa natureza fosse apanhada, isso seria o bastante para produzir terríveis perseguições. Neste, como em muitos outros aspectos, o hábito dos cristãos não utilizarem a linguagem escrita para registrar os acontecimentos, criou muitas e irremediáveis lacunas. Admite-se que o personagem em questão seja o imperador Cláudio, e há quem veja na expressão

[91] *Dan.*, XI, 36-39.

[92] Vejam-se *Os Apóstolos*, Fílon, *Legatio ad Caium*, § 25 e seg.; Jos., *Ant.*, XVIII, VIII.

[93] O Apocalipse está repleto de temores semelhantes.

de Paulo um jogo de palavras sobre esse nome (*Claudius = qui claudit = ó* catecwn). À data em que esta carta foi escrita, a morte do pobre Cláudio, a que o levara a Agripina, podia parecer uma questão de tempo; todos aguardavam; o próprio imperador dela falava; sombrios pressentimentos se erguiam de toda a parte; catástrofes naturais, como os que, catorze anos mais tarde, impressionaram fortemente o autor do Apocalipse, obsediavam a imaginação popular. Por toda parte, falava-se com indignação de fetos monstruosos, de uma porca que tinha tido um filho com unhas de gavião;[94] tudo fazia temer pelo futuro. Os cristãos, como gente do povo, participavam destes terrores; os prognósticos e a exagerada superstição dos flagelos naturais eram as causas essenciais das crenças apocalípticas.[95] Porém, o que é claro, o que nos impressiona ainda algumas vezes nestes inapreciáveis documentos, o que explica o sucesso rápido da propaganda cristã, é o espírito de dedicação, de altíssima moralidade que reinava nessas pequenas igrejas que podem ser representados como reuniões de irmãos morávios ou pietistas protestantes entregues à mais intensa devoção, ou ainda como uma espécie de ordem do terço ou congregação católica. A oração, o nome de Jesus, estavam sempre nos lábios dos fiéis.[96] Antes de cada atividade, antes da refeição, por exemplo, realizavam uma ação de graças.[97] Considerava-se como uma injúria feita à igreja levar os processos perante os juízes civis.[98] A persuasão de um próximo fim do mundo levava ao fermento revolucionário, que se desenvolvia em todas as cabeças, uma grande parte da sua aspereza. A regra constante do apóstolo era que devia permanecer no estado em que se encontrasse: chamam-te circunciso, não dissimules a circuncisão; chamam-te incircunciso, não te faças circunciso; és

[94] Tácito, *Ann.*, XII, 64. Suetônio, Cláudio, 43 e seg.; Díon Cássio, LX, 34-35.

[95] Compare-se o Apocalipse e Virg., *Georg.*, I, 464 e seg.; aproximar as *Similitudes do Livro de Henoch*, o *Livro IV de Esdras*, o *Livro IV dos Versos Sibilinos*, dos fenômenos da erupção do Vesúvio.

[96] *Col.*, III, 17; IV, 2; *Ep.*, V, 20.

[97] I *Cor.*, X, 30, 31; *Rom.*, XV, 6; *Col.*, III, 17; *Atos*, XXVII, 35; *Constit. Apost.*, VII, 49; Tertuliano, *Apolog.*, 39.

[98] I *Cor.*, VI, 1 e seg.

virgem, permanece virgem; és casado, permanece casado; és escravo, não te importes e mesmo se puderes libertar-te, permanece escravo.[99] "O chamado escravo será o liberto do Senhor; o chamado homem livre será o escravo de Cristo".[100] Uma resignação incomensurável se apoderava das almas, e tornava indiferente tudo o mais, espalhando sobre todas as tristezas deste mundo o amortecimento e o esquecimento.

A igreja era uma fonte permanente de crescimento e conforto. As reuniões dos cristãos não eram como as frias assembléias de hoje, onde a expontaneidade, a iniciativa individual não existem[101] e essas são mais semelhantes aos conventículos dos *quakers* ingleses, dos *shakers* americanos e dos espíritas franceses. Durante a reunião todos permaneciam sentados, falando apenas aquele que se sentisse inspirado. Então, o iluminado levantava-se[102] e pronunciava, cingido pelo Espírito, discursos de formas diversas, que nos é difícil classificar hoje, salmos, cânticos de ação de graças, eulogias, profecias, revelações, lições, exortações, consolações, exercícios de glossolália.[103] Estes improvisos, considerados como os dos oráculos divinos,[104] eram algumas vezes cantados, outras pronunciados em tom vulgar.[105] Incitavam-se reciprocamente; cada um elogiava o entusiasmo dos outros; era o que se chamava "cantar a Deus".[106] As mulheres permaneciam silenciosas.[107] Como todos se acreditavam sempre visitados pelo Espírito, qualquer imagem, qualquer som que lhes penetrasse no cérebro logo lhes parecia ter um sentido profundo e, com a melhor boa fé do mundo, alimentavam as almas com as mais puras ilusões. Ao término de cada eulogia, ou oração assim impro-

[99] É o sentido mais adequado de I *Cor.*, VII, 21.

[100] I *Cor.*, VII, 17-24. *Col.*, III, 22-25. Compare-se a conduta do apóstolo para com Onésima e Filémon.

[101] *Cor.*, XII, XIV. Comp. Fílon (*ut fertur*). *De Vita Contempl.*, § 10.

[102] I *Cor.*, XIV, 30.

[103] I *Cor.*, XII, 8-10, 28-30; XIV, 6, 15, 16, 26; *Col.*, III, 16.

[104] *Aogia Theou.* I Petri, IV, 11.

[105] Tertuliano, *Apol.*, 39; Clem. Alex., *Paedag.*, II, 165.

[106] *Col.*, III, 16; *Ep.*, V, 19; Tertuliano, *lec cit.*

[107] I *Cor.*, XIV, 34.

visada, a multidão unia-se ao inspirado pela palavra *Amen.*[108] Para indicar as diversas etapas da sessão mística, o presidente intervinha ou pelo aviso *Oremus*, ou por uma exclamação para o céu: *Sursum corda*! ou recordando que Jesus, conforme a sua promessa, estava na própria assembléia: *Dominus vobiscum.*[109] A exclamação *Kyrie eleison* era repetida freqüentemente, num ritmo de súplica e lamento.[110]

Em muitos casos, sobretudo quando se tratava de glossolália , algumas mulheres[111] eram dotadas pelo dom apreciável[112] da profecia. Havia grandes hesitações; receava-se ser enganado pelos espíritos maus e, para isso, havia uma classe especial de inspirados ou, como se dizia, de "espirituais", que era a encarregada de interpretar esses arrotos anormais, descobrir-lhes a significação e averiguar de que espíritos provinham.[113] Estes fenômenos exerciam uma grande influência nas conversões dos pagãos e eram considerados como os mais demonstrativos milagres.[114] Os pagãos, com efeito, pelo menos os simpatizantes, participavam nas assembléias;[115] e, então, um ou muitos inspirados dirigiam-se ao intruso, falavam-lhe intercalando palavras de rudeza e de doçura, revelavam-lhe segredos íntimos que só ele imaginava saber e desvendavam-lhe os pecados da sua vida passada. O desgraçado ficava aturdido, confundido. A vergonha desta manifestação pública, a idéia de que fora visto nesta assembléia sob uma espécie de nudez espiritual, criava entre ele e os fiéis um laço profundo, que não se

[108] *Cor.*, XIV, 16; Justino, *Apol.*, I, 65, 67.

[109] Missa latina.

[110] Esta exclamação era utilizada pelos pagãos. Ariano, *Epict. Dissert.*, II, 7.

[111] *Atos*, XXI, 9; Eusébio, *l. c.*; Maffei, *Mus. Veron.*, p. 179.

[112] I *Cor.*, XIV, 1 e seg.; Justino, *Dial. cum Truph.*, 39, 82; Eusébio, *H. E.*, V, 17. Cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 6406.

[113] I *Cor.*, XII, 3, 10, 23, 30; XIV, 5 e seg.

[114] I *Cor.*, XIV, 22. Pneuma é muitas vezes aproximada de *dunamis* I *Cor.*, II, 4-5; *Rom.*, XV, 19.

[115] I *Cor.*, XIV, 23-24.

quebrava mais.[116] Muitas vezes o primeiro ato que se realizava quando se entrava na seita era como que uma espécie de confissão e, nesses momentos, era grande a intimidade, o enternecimento que estes exercícios estabeleciam entre os irmãos e as irmãs; todos formavam verdadeiramente uma só pessoa. Compreende-se que tenha sido muito completo o espiritualismo dos crentes para impedir que relações tão intensas não dessem origem a muitos abusos. Imagina-se a imensa atração que uma vida toda devotada devia exercer no meio de uma sociedade sem quaisquer laços morais, sobretudo nas classes populares, que tanto o Estado como a religião não se importavam. É esta a grande lição que resulta desta história: para o nosso século são muito parecidos os tempos; o futuro pertencerá ao partido que se interessar pelas classes populares e as levantar. Mas, atualmente, a dificuldade é maior do que nunca. Na antiguidade, nas margens do Mediterrâneo, a vida material podia ser muito simples; as necessidades do corpo eram secundárias e de fácil satisfação. Conosco o mesmo não ocorre: essas necessidades são numerosas e prementes; as associações populares estão sob a pressão de um peso de chumbo. Principalmente, o festim sagrado, a "refeição do Senhor"[117] tinha uma eficácia moral extraordinária; era considerado como um ato místico por meio do qual todos se incorporavam em Cristo e por conseqüência se reuniam num só corpo, representando assim uma perpétua lição de igualdade e de fraternidade.

Surgiam no espírito de todos as palavras sacramentais da última ceia de Jesus. Acreditava-se que aquele pão, aquele vinho, aquela água, eram a carne e o sangue do próprio Jesus.[118] Acreditava-se que quem participasse desse festim absorvia Jesus, ligavam-se-lhe a ele e ligavam-se uns aos outros por um mistério. A cerimônia

[116] I *Cor.*, XIV, 24-25. Veja-se *João*, III, 20; e ainda a *Vida de Jesus*. Compare-se o costume semelhante que existia no sansimonismo e que gerava cenas muito comoventes. *Obras de S. Simão e de Enfantine*, V (Paris, 1866), p. 152 e seg.

[117] I *Cor.*, XI, 20 e seg., Epístola de Judas, 12.

[118] I *Cor.*, XI, 23 e seg.; Justino, *Apol.*, I, 66.

tinha início pelo "beijo santo" ou "beijo de amor",[119] sem que nenhum escrúpulo viesse perturbar esta inocência de uma segunda idade de ouro e era comum que os homens os trocassem uns aos outros e as mulheres entre si.[120] Algumas igrejas levavam, contudo, a liberdade santa até o ponto de não fazer, no beijo de amor, nenhuma distinção de sexo.[121] No entanto, a sociedade profana, incapaz de compreender uma tal pureza, serviu-se deste fato para disseminar várias calúnias. Logo, porém, o casto beijo cristão provocou as suspeitas dos libertinos, e a igreja teve em breve de tomar, a este respeito, severas precauções; em sua origem, foi um rito essencial, inseparável da Eucaristia e que completava a alta significação desse símbolo de paz e de amor.[122] Alguns guardavam os dias de jejum em sinal de luto e de austeridade.[123]

A primeira igreja cenobítica de Jerusalém partia o pão todos os dias[124] mas, vinte ou trinta anos depois, o festim sagrado era celebrado apenas uma vez por semana e essa celebração ocorria à tarde,[125] segundo o costume judaico,[126] à luz de várias lâmpadas.[127]

---

[119] *Tess.*, V, 26; I *Cor.*, XVI, 20; II Cor., XII, 12; *Rom.*, XVI, 16; I Petri, V, 14; Justino, *Apol.*, I, 65; *Constit. Apost.*, II, 57; VIII, 11; Clemente de Alex.. *Poedag.*, III, 11; Tertuliano, *De Oratione*, 14; Luciano, *Lucius*, 17; Cirilo de Jerus., *Catech. Myst.*, V, 3 (Paris, 1720, p. 326). Cf. *Genes.*, XXXIII, 4; II *Sam.*, XVI, 23; *Luc.*, XV, 20, onde o beijo implica a idéia de reconciliação. Cf. Sulcer, *Thes. eccl.*, nas palavras *aspaxomai*, *aspasmos*. Renaudot, *Liturg. Oriental. coll.*, I, p. 12, 26, 39, 60, 142, etc. A igreja latina trouxe o beijo de paz para depois da comunhão, e depois eliminou-o ou transformou-o.

[120] *Constit. Apost.*, II, 57; VIII, 11; Cecílio de Laodicéia, cânone 19; tratado *Ad Virginem Lapsam*, atribuindo-se a Santo Ambrósio, a São Jerônimo e a Santo Agostinho, Cap. VI; Amalario, *De Eccl. Offic.*, III, 32; livro *De Offic. Div.*, atribuído a Alcuin, c. XXXIX, XL; Haymon de Halberstadt, In Rom., XVI, 16; G. Euranti, *Rationale*, I, IV, c. LII, nº 9.

[121] Tertuliano, *Ad Uxorein*, II, 4.

[122] Dionísio Areop., *De Eccl. Hierarch.*, Cap. III, contempl. 8.

[123] Tertuliano, *De Orat.*, 14.

[124] *Atos*, II, 46.

[125] *Atos*, XX, 7 e seg.; Tertuliano, *Apolog.*, 39. 9

[126] Hoje na sexta-feira à tarde.

[127] *Atos*, XX, 8, Tertuliano, *Apolog.*, 39. Acredita que o hábito de

O dia escolhido era o dia seguinte ao da cerimônia do sábado, o primeiro dia da semana. Chamavam-lhe o "dia do Senhor" em lembrança da ressurreição,[128] e também porque se acreditava que fora nesse dia que Deus criara o mundo;[129] nesse dia que se colhiam as esmolas e as coletas.[130] O sábado, que provavelmente todos os cristãos celebram ainda de uma maneira igualmente respeitosa, era distinto do dia do Senhor.[131] Mas, com certeza o dia do repouso tendia a confundir-se com o dia do Senhor, e pode-se supor que nas igrejas dos gentios, que não tinham razões especiais para preferir o sábado, essa transposição já tivesse ocorrido.[132] Os *ebionim* do Oriente, ao contrário, descansavam no sábado.[133]

Aos poucos a refeição ia-se tornando, quanto à forma, meramente simbólica. Na sua origem era, na realidade, uma ceia,[134]

---

celebrar os mistérios antes do nascer do Sol tenha tido origem nas perseguições. Tertuliano, *Apolog.*, 2; *Ad Uxorem*, II, 4; *De Cormil.*, 3; *De Fuga in Persec.*, 14; Minúcio Félix, *Oct.*, 8. Plínio, *Epist.*, X, 97, distingue a reunião *ante lucem* da reunião para o banquete.

[128] *João*, XX, 26; *Apoc.*, I, 10; I *Cor.*, XVI, 2; *Atos*, XX, 7, 11 (o fato citado é da primeira metade do ano 58); Justino, *Apol.*, I, 67. Cf. Plínio, *Epist.*, X, 97.

[129] Justino, *Apol.*, I. 67.

[130] I *Cor.*, XVI, 2; Justino, *Apol.* I, 67.

[131] Continua entre os cristãos da Abissínia, os quais têm guardado uma grande feição judeu-cristã. Veja-se Philoxeno Luzatto, *Mem. sobre os Falashas*, p. 47. O único motivo do nome "sábado" figurar ainda no calendário cristão atesta que durante muito tempo nas igrejas o dia de descanso foi o sábado.

[132] Cf. Justino, *Dial. cum Tryph.*, 10. Os dois costumes conservaram-se simultaneamente em alguns lugares. Cone. de Laodicéia, cânones 16, 29; Santo Agostinho, *Epist.*, LIV, ad Januarium; Sozomeno, *H. E.*, VII, 19.

[133] São Jerônimo, *In Math.*, XII.

[134] *Atos*, II, 46; XX, 7, 11; Plínio, *Epist.*, X, 97; Tertuliano, *Apolog.*, 39, e as antigas representações eucarísticas; Bosio, p. 364, 368; Bottari, tav. CXXVII (II, p. 168 e seg.); tav. CLXII (III, 107 e seg.); Aringhi, II, pp. 77, 83, 119, 123, 185, 199, 267; Boldett, p. 45 e seg.; Pitra, *Spicil Solesm*, III, planchas; Martigny, *Dicc. das ant. christ.*, p. 245 e seg., 401, 578 e seg.; de Rossi, *Roma sott.*, vol. II, pp. 14, 15, 16, 18; *Bulletino di arch. christ.*, junho, agosto e outubro de 1865.

em que cada um comia segundo a sua vontade mas fazendo disto apenas uma alta intenção mística. A refeição principiava por uma oração[135] e, assim como nos jantares das confrarias pagãs, cada qual chegava com a sua esmola e comia o que trazia;[136] os acessórios, a igreja fornecia, como a água quente, as sardinhas, isto é, o chamado *ministerium*.[137] Gostavam, os presentes, de imaginar duas criadas invisíveis, Irene (a Paz) e Ágape (o Amor) ocupando-se uma em servir o vinho e a outra a água quente, e acontecia de vez em quando ouvir-se dizer, com um sorriso para as diaconisas (*ministrae*),[138] quaisquer que fossem os seus nomes: *Irene, da calda*; *Agape, misce mi*.[139] Um espírito de delicada reserva e de sobriedade discreta presidia a cerimônia,[140] a mesa tinha a forma de um meio círculo, ou de um *sigma* lunar, o ancião sentava-se no centro.[141] As páteras ou pires que serviam para as bebidas eram objeto de um particular cuidado.[142] Aos ausentes era levado pão e vinho benzidos pelo ministério dos diáconos.[143] Com o tempo a refeição tornou-se uma simples aparência. Ceava-se em casa; na assembléia não se comia senão por simples cerimônia, bebendo-se apenas uns pequenos goles, tendo

[135] Tertuliano, *Apolog*., 39.

[136] I *Cor*., XI, 20.

[137] Comp. o afresco do cemitério de São Marcelino e São Pedro (Bottari, tav. CXXVII), e uma idêntica encontrada por M. de Rossi (Martigny, pp. 579-580), com a inscrição de Lanuvium, 2ª col., igneas, 15-17 (Mommsen, *De coll*., 108-111). Cf. Marcial, I, XII, 3; VIII, XXVII, 7; XIV, cv, 1.

[138] Plínio, *Epist*., X, 97.

[139] Aringhi, *Roma subt*., II, p. 119; Bottari, tav. CXXVII.

[140] Tertuliano, *Apol*., 39; Minúcio Félix, *Oct*., 31; Eusébio, *Oratio Constantini*, 12.

[141] Monumentos alegóricos citados; Paulino de Perigneux, *Vida de S. Martinho*, III, p. 1031 (Migne); *Marcial*, X, XXVII, 6; XIV, LXXXVII, 1; Lampride, *Héliog*., 25, 29; S. Pedro Crisólogo, *Sermões*, XXIX.

[142] Ainda existe um grande número destes pires, a partir do século II até o IV. V. Filipe Buonarroti, *Osservazioni sopra alcuni frammenti di vasi adtichi di vetro*, Firenzia, 1716; Garrucci, *Vetri ornati, Roma*, 1858; Martigny, *Dict*., p. 19, 278 e seg., 578.

[143] Justino, *Apol*., I, 65, 67.

em vista o símbolo.[144] Chegara-se assim a separar nitidamente a refeição fraternal em comum do ato místico, o qual consistia somente no partir do pão.[145] A partilha do pão tornava-se cada dia mais sacramental; a refeição, ao contrário, à medida que a igreja crescia, iase tornando cada vez mais profana.[146] Quando ela se reduziu ao extremo, apenas ao ato sacramental[147] restou importancia. Enquanto as duas coisas subsistiram, cindidas uma da outra, a refeição era um prelúdio ou uma continuação da eucaristia; não se comia senão antes ou depois da comunhão.[148] Depois, as duas cerimônias separaram-se completamente; as refeições piedosas passaram a ser apenas atos de caridade para com os pobres, como já haviam feito os pagãos, e nunca mais tiveram qualquer ligação com a eucaristia, tendo sido extintas[149] no princípio do século IV.[150] As "eulogias" ou "pão bento" ficaram como a única reminiscência de uma época em que a eucaristia, revestira formas mais complexas e pouco analisadas. Mas muito tempo se conservou ainda o hábito de invocar o nome de Jesus na ocasião de beber,[151] e continuou-se a considerar como uma eulogia o ato de partir o pão e de beber em comum:[152] eram assim os últimos traços, e traços bem apagados, da admirável instituição de Jesus.

Em seu princípio, o nome que estes festins eucarísticos receberam

[144] I *Cor*., XI, 22, 34.

[145] Veja-se São João Cris., *In I Cor*., XI, homil. XXVII, e o afresco do cemitério de São Calisto, em Pitra, Spic. Sol., III, tab. fig. 2.

[146] Cf. Clem. de Alex., *Paedag*., II, 1.

[147] É o que quer São Paulo: I *Cor*., X, 18 e seg.; cf. Justino, *Apol*., I, 65, 67.

[148] Terceiro concílio de Cartago, cânones 24, 29, 30: Santo Agostinho, *Epist. LIV ad Jan*.; São João Crisóstomo, lugar citado; Teofilacto e Teodoreto, *In I Cor*., XI.

[149] Tertuliano. *Apolog*., 39; o mesmo *De Jejum*.; 17; *Constit. Apost*., II, 23, 57; III, 10; V, 19. Concílio de Gangres, cânone 11, etc.

[150] Concílio de Laodicéia, cânone 28; terceiro concílio de Cartago, cânones 28, 29, 30. Santo Agostinho e Santo Ambrósio são contrários.

[151] São Greg. de Naz., *Orat*., IV (I em Jul.), § 84; Sozomene, *H. E*., 17, e os vidros antigos descritos por Buonarrotti e Garrucci.

[152] Greg. de Túrones, *Hist. Eccl*., VI, 5; VIII, 2; *Vita S. Melanü*, c. 4 (*Ata SS*., 6 de janeiro).

indicava admiravelmente quanto neste rito havia de eficácia divina e de salutar moralidade. Chamavam-se *agapae*, isto é, "amizades" ou "caridades".[153] Os judeus, principalmente os essênios, já relacionavam uma significação moral ao festim religioso;[154] mas passando para uma outra raça, estes costumes orientais adquiriram um valor quase mitológico. Os mistérios mitrádicos, que logo iriam se desenvolver no mundo romano, tinham como rito principal a oferenda do pão e da taça, sobre os quais se pronunciavam certas palavras.[155] Era tamanha a semelhança que os cristãos a explicaram por uma artimanha do Demônio, que teria tido assim a intuição infernal de deturpar as suas mais santas cerimônias.[156] As íntimas relações são muito obscuras. Era de prever que, cedo, grandes abusos viriam a ocorrer, juntamente com essas práticas, que um dia a refeição (o *agape* propriamente dito) haveria de cair em desuso e que só ficaria a refeição simbólica eucarística, sinal e recordação da instituição primitiva. Não causa espanto que este estranho mistério fosse pretexto para calúnias e que a seita que tinha a pretensão de absorver, sob a forma de pão, o corpo e o sangue do seu fundador, fosse acusada de renovar os festins de Tiestes, de devorar crianças cobertas de massa e praticar a antropofagia.[157]

As festas anuais eram sempre as festas judaicas, em especial a Páscoa e Pentecostes.[158] A páscoa cristã era celebrada, em geral, no mesmo dia que a páscoa dos judeus.[159] No entanto, o motivo que

[153] Epístola de Judas, 12. Comp. II *Petri*, II 13. Cf. Santo Inácio (*ut fertur*), Epist. ad Smyrn., 8 (ed. Petermann); Clem. de Alex., *Poedag*., II, 1; Tertuliano, *Apoc*., 39; o mesmo, *De Jejum*, 17; *Constit. Apost*., II, 28.

[154] Vejam-se a, *Vida de Jesus* e *Os Apóstolos*.

[155] Justino, *Apol*., I, 66; Garrueei, *Tre Sepolcri*, Nápoles, 1852.

[156] Justino, *l. c.* (cf. Tertuliano, *De Jej*., 16). A hesitação produzida sobre o túmulo de Víbia é o melhor comentário da passagem de Justino.

[157] Justino, *Dial. cum Tryph*., 10; Minúcio Félix, 8, 9, 28, 30, 31; Atenágoras, *Leg*., 3; Teófilo, *Ad Antol*., III, 4-5; carta das Igrejas de Viena e de Lião, em Eus., *H. E.*, V, 1; Tertuliano, *Apol*., 2; *Ad Uxorem*, II, 4. Cf. Juvenal, XV, 11-13.

[158] I *Cor*., XVI, 8.

[159] Segundo *Atos*, XVIII, 21 (Griesbach e o texto transmitido).

tinha transferido o dia feriado de cada semana do sábado para o domingo, era o mesmo que fizera regular a páscoa, não conforme o uso e a tradição judaica, mas sim conforme a recordação da paixão e ressurreição de Jesus.[160] É natural que, durante a vida de Paulo, essa mudança já tivesse ocorrido nas igrejas da Grécia e da Macedônia mas nessa época a idéia fundamental desta festa já estava profundamente alterada. A passagem do mar Vermelho perde muito da sua importância, comparada com a ressurreição de Jesus; mas nisso não se pensaria se não fosse para também nesse fato buscar um exemplo do triunfo de Jesus sobre a morte. A partir daí a verdadeira páscoa é o próprio Jesus, que fora imolado por amor de todos; os verdadeiros pães são a verdade e a justiça; o velho fermento não tem mais força e deveria ser posto de parte.[161] Até mesmo a festa da Páscoa já tinha sofrido, em outro tempo, com os hebreus, uma idêntica mudança de significação. Realmente, na sua origem, foi uma festa da primavera, que depois ligaram por uma etimologia artificial à tradição da fuga do Egito.

O Pentecostes era celebrado no mesmo dia que entre os judeus.[162] Como a Páscoa, esta festa adquirira uma significação inteiramente nova, que repelia a antiga idéia judaica. Com ou sem razão, imaginava-se que o incidente principal do aparecimento do Espírito Santo aos apóstolos reunidos se realizara no dia do Pentecostes, que se seguiu à ressurreição de Jesus.[163] Assim, a antiga festa da messe dos semitas transformou-se, com a nova religião, na festa do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, sofria entre os judeus uma transformação semelhante; tornava-se para eles o aniversário da promulgação da lei no monte Sinai.[164]

[160] Eusébio, *Hist. Eccl*., IV, 26; V, 23-25; *Chronica Pascal*, p. 6 e seg., ed. Du Cange. Relacionava-se também a isso a idéia da criação do mundo, que se supunha ter sido pelo equinócio da primavera. Murino Alex., em Pitra, *Spic. Sol*., I. p. 14.

[161] I *Cor*., V, 7-8. Cf. *Gál*., IV, 9-11; *Rom*., XIV, 5; *Col*., II, 16.

[162] I *Cor*., XVI, 8; *Atos*, XX, 16.

[163] *Atos*, II, 1.

[164] Não há indícios desta interpretação antes do Talmude. Talm. de Bab., *Pesachim*, 68 *b*.

Não havia um edifício especificamente construído ou alugado para as reuniões, não havia por conseqüência nenhuma arte, nem a menor imagem. Toda e qualquer representação figurada lembrava o paganismo e era considerada como idolatria.[165] As assembléias eram realizadas na casa dos irmãos mais conhecidos, ou que tinham sala apropriada.[166] Preferia-se, assim, o aposento que nas casas orientais forma o andar superior[167] e corresponde ao nosso salão nobre: salas espaçosas e altas, cheias de janelas, muito arejadas, era aí que se recebiam os amigos, se faziam os festins, se rezava e se depunham os mortos.[168] Os grupos assim formados constituíam as "igrejas domésticas" ou núcleos piedosos, cheios de atividade moral e muito semelhantes aos "colégios domésticos" de que, pela mesma época, se encontram exemplos no seio da sociedade pagã.[169] Sem dúvida, nas grandes cidades, que possuíam muitas igrejas domésticas, devia haver igrejas-plenárias em que se reunissem todas as igrejas parciais;[170] mas em geral o espírito do tempo inclinava-se mais para as pequeninas sociedades. De centros menos importantes surgiram todos os grandes empreendimentos onde se andava quase a esbarrar uns nos outros, mas onde as almas se sentiam aquecidas por um poderoso amor. Até então apenas o budismo conseguira elevar o homem a um tal grau de heroísmo e de pureza.

O triunfo do cristianismo é inexplicável para quem o estudar

[165] Veja-se Macário Magnês, citado por Nicéforo, em Pitra, *Spicil. Sol.*, I, 309 e seg. As pinturas das catacumbas, além de muito posteriores ao primeiro século, são decorativas e não pretendem oferecer objetos de culto. A igreja oriental repele também a escultura como contaminada de idolatria.

[166] I *Cor.*, XVI, 19; *Rom.*, XVI, 5, 14, 15, 23; *Col.*, IV, 15; *Filém.*, 2; *Atos*, XX, 8-9.

[167] *Atos*, I, 13; IX, 37, 39; XX, 8, 9.

[168] *Ibid.*

[169] Vejam-se as obras de Mommsen, Rossi, Fabreti, Orelli, Gruter, Amaduzzi e Plínio.

[170] Éfeso que tinha ao menos três igrejas particulares (*Rom.*, XVI, 5, 14, 15), constitui no seu conjunto apenas uma única e mesma igreja. Corinto tinha, ao que parece, apenas uma igreja particular (*Rom.*, XVI, 23, texto grego).

apenas no século IV. Com o cristianismo ocorreu o que acontece sempre com as coisas humanas: triunfou exatamente quando, do ponto de vista moral, começava a declinar; tornou-se oficial quando não era mais do que um resto do que fora; teve a sua maior popularidade quando já havia passado o seu verdadeiro período de originalidade e de juventude. Mas nem por isso deixava de merecer a sua grande recompensa, merecia-a ainda pelos seus três séculos de virtude, pela soma incomparável de tendências para o bem que conseguira despertar e, quando se pensa neste milagre, não há hipérbole sobre a grandeza de Jesus que não pareça legítima. Fora ele, e sempre ele, o inspirador, o mestre, o princípio de vida da sua igreja. A cada ano engrandecia-se, com a maior justiça, a sua missão divina. Não era apenas um homem de Deus, um grande profeta, um homem escolhido e autorizado por Deus, um homem poderoso pelas suas obras e pelas suas palavras; estas expressões que bastariam à fé e ao amor dos discípulos nos primeiros tempos,[171] eram então muito frouxas. Jesus é o Senhor, o Cristo, um personagem inteiramente super-humano, não Deus ainda, mas muito perto de o ser. Vive-se nele, morre-se nele, ressuscita-se nele; quase tudo o que se diz de Deus, se diz dele também. É como que uma hipóstase divina e, quando se pretender identificá-lo com Deus, já não se tratará senão de uma questão de vocabulário, uma simples "confusão de idiomas", como dizem os teólogos. Veremos o próprio Paulo chegar a isso; as fórmulas mais avançadas que encontramos na Epístola aos Colossenses já existem, embrionárias, nas epístolas mais antigas: "Nós só temos um Deus, o Pai, de onde tudo vem, e pelo qual nós existimos; só temos um Senhor, Jesus Cristo, pelo qual tudo existe".[172] Mais algumas palavras e Jesus seria o *logos* criador;[173] já se poderiam pressentir as mais exageradas fórmulas dos consubstancialistas do século IV.

Da mesma maneira que nas igrejas de Paulo, a idéia da redenção cristã sofrera uma transformação semelhante. As parábolas, os ensinamentos morais de Jesus, eram muito pouco conhecidas e os Evangelhos ainda não existiam. Cristo, para estas igrejas, era quase

[171] *Atos*, II. 22.

[172] I *Cor.*, VIII, 6.

[173] *Coloss.*, I, 16; João, I, 3. Cf. Fílon, *De Cherubim*, § 35.

um personagem irreal; era a imagem de Deus,[174] um ministro celeste, que viera redimir os pecados do mundo,[175] e reconciliar o mundo com Deus; era um renovador divino, criando tudo de novo e eliminando o passado.[176] Cristo morre por todos; todos no mundo por Ele morrem e não devem viver senão por Ele.[177] Era rico com todas as riquezas da Divindade, e por nós se fizera pobre.[178] Assim, toda a vida cristã deve ser uma contradição do sentimento humano: a fraqueza é a verdadeira força;[179] a morte é a verdadeira vida; os cuidados com o corpo uma loucura.[180] Feliz do que conseguiu transformar o seu corpo semelhante à situação cadavérica de Jesus,[181] pois reviverá como Jesus, contemplará a Sua glória face a face, e transformar-se-á n'Ele, subindo sempre de claridade em claridade.[182] Vive assim o cristão à espera da morte e numa constante tortura. À medida que o homem exterior (o corpo) cai em decadência, renova-se o homem interior (a alma). Um momento de sofrimento equivale a uma eternidade de glória. Que importa que se dissolva a sua casa terrestre? No Céu o cristão tem uma casa eterna, que não foi feita pela mão do homem. A vida terrestre é um exílio; a morte é o regresso a Deus e equivale à absorção de tudo o que é mortal na vida.[183] Mas o cristão carrega esse tesouro de esperança num vaso de barro;[184] deverá, pois, sofrer até o grande dia em que tudo se manifeste diante do tribunal de Cristo.[185]

[174] II *Cor.*, IV, 4.

[175] II *Cor.*, V, 18-21.

[176] II *Cor.*, V, 17.

[177] II *Cor.*, V, 14-15.

[178] II *Cor.*, VIII, 8.

[179] II *Cor.*, XIII, 4.

[180] II *Cor.*, I, 12.

[181] II *Cor.*, IV, 10-12.

[182] II *Cor.*, III, 48.

[183] II *Cor.*, IV, 16; V, 8.

[184] II *Cor.*, IV, 10.

[185] I *Cor.*, I, 14; V, 10.

CAPÍTULO X

Retorno à Antioquia — Competição entre Pedro e Paulo — Contramissão organizada por Tiago, irmão do Senhor

A necessidade de rever as igrejas da Síria já incomodava Paulo. Fazia três anos que partira de Antioquia; mesmo que esta nova missão tivesse durado menos tempo que a primeira, tinha sido muito mais importante. As novas igrejas, formadas no seio de populações animadas e enérgicas, faziam cair aos pés de Jesus homenagens de um valor infinito. Paulo desejava contar aos apóstolos tudo isto e reunir-se à igreja-mãe, modelo das outras.[1] Apesar do seu feitio independente, compreendia que, fora da comunhão com Jerusalém, não haveria senão dissidência e divergência. O admirável conjunto de qualidades opostas, que constituía a sua natureza, permitia-lhe conciliar da maneira mais inesperada a docilidade à altivez, a revolta à submissão, a aspereza ao carinho. Paulo escolheu para motivo da sua partida a celebração da páscoa do ano 54.[2] Para

[1] I *Tess.*, II, 14.

[2] *Atos*, XVIII, 21, de acordo com a lição de Griesbach, que é também a do texto transmitido. A omissão desta passagem é explicável; a sua interpolação não se explica do mesmo modo. É verdade que *Gál.*, I e II, nos levaria a acreditar que Paulo não tivesse realizado nenhuma viagem a Jerusalém entre a sua segunda e terceira missão. Na realidade pode-se duvidar desta viagem, como a que é narrada em *Atos*, XI, 39; XII, 25. Mas parece que o autor nela acreditou ou nos quer fazer acreditar. Comp. XVIII, 18.

dar maior solenidade à sua resolução e evitar a possibilidade de mudar de intenção, apegou-se um voto a celebrar esta páscoa em Jerusalém. O modo de contrair estes votos era cortar os cabelos e obrigar-se a certas orações, assim como à abstinência do vinho durante trinta dias antes da festa.[3] Paulo despediu-se de sua igreja, cortou o cabelo em Kenchréias[4] e embarcou para a Síria. Ia acompanhado por Áquila e Priscila, que deviam ficar em Éfeso, e talvez por Silas. É possível que Timóteo não se afastasse de Corinto ou das costas do mar Egeu; depois de um ano vamos encontrá-lo em Éfeso.[5]

Em Éfeso o navio demorou-se alguns dias. Paulo teve tempo de ir à sinagoga e discutir com os judeus; esses pediram-lhe para ficar, mas ele alegou o seu voto, declarando que queria a todo o risco celebrar a festa em Jerusalém; prometeu solenemente que voltaria. Despediu-se de Áquila, de Priscila e de todos aqueles com quem já mantinha um relacionamento e embarcou novamente em direção à Cesaréia da Palestina, de onde dirigiu-se para Jerusalém,[6] onde celebrou a festa conforme o seu voto.

Talvez este escrúpulo perfeitamente judeu fosse uma concessão como tantas outras que fez ao espírito da igreja de Jerusalém. Esperava por um ato de elevada devoção esquecer as suas ousadias e captar o favor dos judaizantes.[7] Com dificuldade as disputas eram apaziguadas e a paz durava apenas à força de transações. É provável que aproveitasse a ocasião para dar aos pobres de Jerusalém uma esmola importante.[8] Paulo, segundo o seu costume, permaneceu

[3] Jos., *B. J.*, II, XV, 1.

[4] *Atos*, XVIII, 18, refere-se apenas a Paulo, se adotada a lição de Griesbach. Por que Áquila faria um voto destes, se ele não ia a Jerusalém? Por que é que, sendo assim, nada revela o autor dos *Atos*?

[5] *Atos*, XVIII, 21, lição de Griesbach.

[6] *Atos*, XVIII, 22. Assim se deduz da utilização das duas expressões *anabas* e *chatebe*. Cf. *Recognit*., IV, 35, e principalmente dos versículos 48 e 21.

[7] O autor dos *Atos* parece temer insistir. O texto desta parte está repleto de ambigüidades e de lacunas.

[8] *Gál*., II, 10.

um tempo muito pequeno na metrópole;[9] estava diante de muitas suscetibilidades que não deixariam de produzir rompimentos, se prolongasse a sua estada. Acostumado a viver na atmosfera agradável das suas igrejas verdadeiramente cristãs, não encontrava ali, sob o nome de parentes de Jesus, senão judeus. Entendia que restringiam muito Jesus e indignava-se de que, depois de Jesus, ainda atribuíssem algum valor ao que existira antes dele. Nessa época, o chefe da igreja de Jerusalém era Tiago, irmão do Senhor. A autoridade de Pedro não tinha diminuído com isso, mas apenas deixara de residir permanentemente na cidade. Imitando Paulo, abraçara a vida apostólica ativa.[10] A idéia de que Paulo era o apóstolo dos gentios e Pedro o apóstolo da circuncisão,[11] crescia cada vez mais. Pedro ia evangelizando os judeus em toda a Síria[12] e levava com ele uma irmã, como esposa e diaconisa,[13] dando o primeiro exemplo de Apóstolo casado, exemplo que os missionários protestantes haviam de seguir mais tarde. João Marcos aparece também como seu discípulo, seu companheiro e seu intérprete,[14] circunstância que faz supor que o primeiro dos apóstolos não sabia o grego. Pedro adotara assim João Marcos, tratando-o como filho.[15]

As particularidades das peregrinações de Pedro são desconhecidas. O que delas mais tarde se narrou[16] é em grande parte fábula. Apenas sabemos que a vida do apóstolo da circuncisão, como a do apóstolo dos gentios, foi uma série de provações.[17] Pode-se acreditar que o itinerário que serve de base aos *Atos*

[9] Assim se deduz sobre o silêncio que Paulo faz sobre esta viagem na Epístola aos Gálatas.

[10] I *Cor*., IX, 5; Clem. Rom., *Epist. I ad Cor*., 5.

[11] *Gál*., II, 7 e seg.

[12] *Gál*., II, 7, 11 e seg.

[13] *I Cor*., IX, 5; Clem. de Alex., *Strom*., VII, 11; Eus., *H. E*., III, 30.

[14] Papias, em Eus., *H. E*., III, 39; Ireneu, *Adv. haer*., III, I, 1; X, 6; Clemente de Alex., citado por Eus., *H. E*., II, 15; Tertuliano, *Adv. Marc*., IV, 5.

[15] *I Petri*, V, 13.

[16] *Homilias pseudo-clementinas.*

[17] Clem. Rom., *I ad Cor*., 5.

fabulosos de Pedro, itinerário que leva o apóstolo de Jerusalém à Cesaréia, ao longo da Costa, por Tiro, Sídon, Bérito, Biblo, Trípoli, Antárado, à Laodicéia-sobre-o-mar, e de Laodicéia a Antioquia, não seja imaginário. Sem dúvida, o apóstolo visitou Antioquia;[18] acreditamos mesmo que aí estabelecesse a sua residência ordinária, a partir de uma certa época.[19] Os lagos e estanques formados pelo Orontes e o Arkeutas, nas proximidades da cidade, e que forneciam, por um preço insignificante, peixe de água doce de qualidade inferior,[20] deram-lhe talvez a ocasião de retomar a sua antiga profissão de pescador.

No entanto, muitos irmãos do Senhor e alguns membros do colégio apostólico percorriam da mesma forma os países vizinhos da Judéia e, assim como Pedro, e nisto contrários aos missionários da escola de Paulo, viajavam com suas mulheres e viviam às custas das igrejas.[21] Como a profissão que exerciam na Galiléia não era, como a de Paulo, bem-remunerada para prover-lhes o sustento, haviam-na abandonado há muito. As mulheres que os acompanhavam e a que chamavam "irmãs" foram a origem das ajudantes, espécie de diaconisas ou de religiosas que viviam sob a direção de um clero, e que representam na história do celibato eclesiástico um papel importante.[22]

Uma vez que Pedro deixou de ser o chefe-residente da igreja de Jerusalém e muitos membros do conselho apostólico abraçado também a vida das viagens, foi o primeiro lugar da igreja-mãe conferido a Tiago que se tornou "bispo dos Hebreus", quer dizer, da parte dos discípulos que falavam a língua semítica. Não era pois chefe da igreja universal: ninguém tinha, em rigor, o direito de ostentar um tal título, o qual se encontrava dividido de fato entre Pedro e Paulo;[23] mas a presidência da igreja de Jerusalém

[18] *Gál.*, II, 11.

[19] No ano 58 Pedro já estava longe de Jerusalém. *Atos*, XX1, 18.

[20] Libânio, *Antiochicus*, pp. 360-351 (Reiske).

[21] I *Cor.*, IX, 5 e seg.

[22] Cf. o *Pastor de Hermas*, vis. I e II; Eusébio, *H. E.*, VII, 30; Concílio de Nicéia, cânone 3; lei de Arcádio e de Honório, do *Cod. Just.*, I, III, 19; São Jerônimo, *Epist. ad Eustochium*, *De Cust. Virg*.

[23] *Gál.*, II, 7 e seg.

com a sua qualidade de irmão do Senhor dava a Tiago uma autoridade imensa, e por isso a igreja de Jerusalém continuava a ser o centro da cristandade. Tiago era, além disso, bastante idoso; orgulho, muitos prejuízos e uma certa teimosia eram a conseqüência dessa posição. Todos os defeitos que, mais tarde, fariam da corte de Roma o flagelo da igreja e o principal agente da sua corrupção, estavam já se formando nesta primitiva comunidade de Jerusalém.

Em muitos aspectos de vista, Tiago era, um homem respeitável; porém tinha um espírito acanhado, que Jesus certamente teria crivado com as suas requintadas zombarias, se Ele o conhecesse ou se pelo menos como no-lo apresentam. Era realmente o irmão, ou apenas o primo coirmão de Jesus?[24] São tão incisivos a este respeito os testemunhos que se é forçado a acreditá-lo. Mas foi então uma das maiores contradições na natureza. Tendo-se convertido depois da morte de Jesus, talvez este irmão não possuísse tão verdadeira a tradição do mestre como aqueles que, sem serem seus parentes, com ele haviam convivido. Surpreende que dois filhos nascidos da mesma mãe ou da mesma família tenham sido no início inimigos, depois tenham reconciliado, e fiquem tão profundamente diversos que o único irmão bem conhecido de Jesus tenha sido uma espécie de fariseu, um asceta exterior, um devoto envergonhado de todos os ridículos que Jesus sempre perseguiu. O certo é que o personagem que nessa época se chamava "Tiago, irmão do Senhor", ou "Tiago, o Justo", ou "Amparo do povo" era, na igreja de Jerusalém, o representante do partido judeu mais intolerante. Enquanto os apóstolos ativos percorriam o mundo para o conquistar para Jesus, o irmão de Jesus em Jerusalém fazia de tudo para destruir a sua obra e contradizer Jesus depois da sua morte de uma maneira profunda.

Esta sociedade de fariseus mal-convertidos, este mundo na realidade mais judeu do que cristão, vivendo à volta do templo, conservando as antigas práticas da piedade judaica, como se Jesus não as tivesse declarado vãs, constituía uma companhia insuportável para Paulo. O que devia irritá-lo especialmente era a oposição que todos faziam à sua propaganda. Como os judeus da estrita obser-

[24] Veja-se a *Vida de Jesus*. Tendo a acreditar que os "irmãos do Senhor" provinham de um primeiro casamento de José.

vância, os seguidores de Tiago não queriam que se angariassem prosélitos. Os antigos partidos religiosos muitas vezes são contraditórios; proclamam-se como os únicos que estão de posse da verdade; mas não querem ampliar o seu horizonte, pretendendo conservar a verdade apenas para eles. O protestantismo francês oferece atualmente um fenômeno semelhante, dois partidos opostos se criaram no âmago da igreja reformada: um pretende principalmente a conservação dos velhos símbolos, o outro o desenvolvimento do protestantismo por meio de novas adesões, e entre os dois, movida pelo primeiro, tem-se travado uma guerra encarniçada. O partido conservador repeliu com grande escândalo tudo o que pudesse parecer um abandono de tradições de família, e preferiu, ao brilhante futuro que lhe era oferecido, o prazer de se conservar como um pequeno cenáculo, sem importância, fechado, composto de pessoas sensatas, quer dizer, de pessoas com os mesmos prejuízos, considerando como aristocráticas as mesmas coisas. O sentimento de desconfiança que inspirava o audacioso missionário ao velho partido de Jerusalém, que lhes levava tantos irmãos novos, sem títulos de nobreza judaica, devia ter uma explicação idêntica. Viamse ultrapassados e em vez de se lançarem, reconhecidos, aos pés de Paulo, tomavam-no como um agitador, um intruso que lhes forçava as portas com gente convidada em toda a parte. Algumas palavras duras devem ter sido trocadas.[25] É provável que fosse neste momento que Tiago, irmão do Senhor, concebesse o projeto que iria fazer perder a obra de Jesus, isto é, o projeto de uma contramissão encarregada de seguir o apóstolo dos gentios, de contradizer os seus princípios, persuadir os seus convertidos a realizar a circuncisão, e a praticar inteiramente a lei. O sectarismo nunca se produz sem provocar dissidências como essa, assim aconteceu com os chefes do são-simonismo que se negaram uns aos outros e contudo permaneciam unidos em São Simão, e que depois da sua morte se reconciliaram oficialmente pelos sobreviventes.

Paulo evitou que o rompimento declarado ocorresse, partindo o mais depressa possível para Antioquia. É provável que tenha sido o momento em que Silas o deixou. Silas era originário da igreja de

[25] Epístola de Judas, 8 e seg.

Jerusalém e aí ficou, ligando-se depois a Pedro.[26] Silas, segundo o redator dos *Atos*, parece ter sido um homem conciliador, flutuando entre os dois partidos e ligando-se ora a um, ora a outro chefe, no fundo acreditando na opinião de que, triunfando, salvaria a igreja. Nunca efetivamente a igreja cristã teve um motivo de dissidência tão profundo como o que a agitava nesse momento. Lutero e o escolástico mais rotineiro tinham menos dissemelhanças que Paulo e Tiago. Graças a alguns serenos e bons espíritos, a Silas, Lucas e Timóteo, todas as agressões foram amortecidas, todas as agruras dissimuladas. Uma bela narração, calma e digna, deixa ver apenas união paternal nestes anos tão perturbados por terríveis discórdias.

Paulo respirou livremente em Antioquia. Rencontrou aí o seu antigo companheiro Barnabé,[27] experimentando ambos, com certeza, uma grande alegria; o motivo que um dia os separara não tinha sido mais que uma questão de princípios. É provável que Paulo encontrasse em Antioquia o seu discípulo Tito, que não tomara parte na segunda viagem e que, daí em diante, ficaria ao seu lado. Por um lado a descrição dos milagres de conversão, realizados por Paulo, maravilhou esta igreja nova e ativa; por outro, Paulo experimentava um vivo sentimento de alegria em retornar à cidade que fora o berço do seu apostolado, aos lugares em que concebera, dez anos antes, em companhia de Barnabé, os seus grandiosos projetos, e a igreja que lhe conferira o título de missionário dos gentios. Um incidente muito grave veio em breve interromper esses doces devaneios e fazer reviver, com a importância que até ali não tinham tido, as divisões um momento esquecidas.

Paulo estava ainda em Antioquia, quando Pedro lhe apareceu.[28] No princípio tudo foi alegria e cordialidade. O apóstolo dos judeus e o apóstolo dos gentios estimavam-se, como sempre se estimam os verdadeiramente bons e os fortes, quando se encontram relacionados uns com os outros. Pedro conversou sem reservas com os pagãos

[26] É o que se deduz de I Petri, V, 12. Mas a identidade de Silvano, mencionada neste lugar e do companheiro de São Paulo é duvidosa.

[27] *Gál.*, II, 13, na hipótese em que o encontro de Pedro e Paulo em Antióquia tivesse ocorrido nesta viagem.

[28] *Gál.*, II, 11 e seg. Cf. *Homilias pseudo-elementinas*, XVI, 9, e a pretensa carta de Pedro a Tiago, no alto destas homilias, 2.

convertidos; violando abertamente as prescrições judaicas, nem dificuldades sentiu em comer com eles; mas logo esta bela união foi perturbada. Tiago executara o seu projeto fatal. Alguns irmãos, munidos de cartas de recomendação assinadas por ele,[29] como chefe dos Doze e do único que tinha direito de autenticar uma missão, partiram de Jerusalém. Pretendiam que não se podia intitular doutor de Cristo, quem não fora a Jerusalém conferir a sua doutrina com a de Tiago, irmão do Senhor,[30] e quem não tivesse um atestado deste último. Segundo eles, Jerusalém era a única fonte de toda a fé, e de qualquer mandado apostólico, lá residindo os verdadeiros apóstolos.[31] Se alguém pregasse sem carta assinada pelo chefe da igreja-mãe e sem lhe haver jurado obediência, devia ser afastado como um falso profeta, um falso apóstolo e um mensageiro do Diabo. Paulo, que não tinha essas cartas, era um intruso, envaidecendo-se de revelações pessoais inventadas e de uma missão de que não podia apresentar os títulos.[32] Alegava as suas visões, sustentando que o fato de ter visto Jesus de uma maneira sobrenatural valia mais do que tê-lo conhecido pessoalmente. "Que há de mais fantasioso?" diziam os hierosolimitas. "Nenhuma visão atinge a evidência dos sentidos: as visões não dão a certeza; o espectro que se vê pode ser um espírito maligno; os idólatras têm visões como os santos. Quando se interroga a aparição, a resposta é tudo o que se quer; o espectro brilha um instante e logo desaparece; não há verdadeiramente tempo de o interrogar e de discernir a resposta. O pensamento do sonhador não lhe pertence; nesse estado não tem nenhuma presença de espírito. Ver o Filho fora da sua carne! Mas isto é impossível; assim morre-se. O brilho sobre-humano de uma tal luz mata. Mesmo um anjo, para se tornar visível, precisa revestir-se de um corpo!"

A esse respeito, os emissários citavam uma quantidade de visões que haviam tido os infiéis e os ímpios e concluíam que os apóstolos-colunas, os que tinham visto Jesus, tinham uma extraordinária

[29] *Gál.*, II, 12; I *Cor.*, IX, 2; II *Cor.*, III, 1 e seg.; V, 12; X, 12, 18: XIII, 11.

[30] Comp. *Gál.*, II, 2.

[31] Comp. *Apoc.*, II, 2; XXI, 14.

[32] II *Cor.*, XI-XII; *Apoc.*, II, 2.

superioridade. Alegavam mesmo textos da Escritura,[33] para provar que as visões procediam de um Deus irritado, enquanto as relações estabelecidas face a face eram um privilégio dos amigos. "Como pode Paulo sustentar que em uma hora, Jesus o tornasse capaz de ensinar? Foi preciso a Jesus um ano inteiro de lições para instruir os seus apóstolos. E, se Jesus lhe apareceu realmente, como se explica que ensine o contrário da doutrina de Jesus? Que prove ele a realidade da conversa que teve com Jesus conformando-se com os seus preceitos, amando os seus apóstolos e não declarando guerra aos que Jesus escolheu. Se quer servir a verdade, que se faça o discípulo dos discípulos de Jesus, e poderá ser então um auxiliar útil".[34]

Em toda a sua plenitude a questão da autoridade eclesiástica e da revelação individual, do catolicismo e do protestantismo acabava de ser colocada. Jesus nada decidira claramente a este respeito. Enquanto viveu e nos anos iniciais que se seguiram à sua morte, foi Jesus a alma e a vida da sua pequena igreja, sem que idéia alguma de governo e de constituição tivesse surgido. Agora, ao contrário, tratava-se de saber se havia um poder que representasse Jesus ou se a consciência cristã ficava livre; se para pregar Jesus eram necessárias cartas de obediência ou se a afirmação de que se estava iluminado bastaria. Como Paulo não dispunha de sua missão imediata outra prova que não fosse apenas a sua palavra, a sua situação era, sob vários aspectos, muito pouco firme. Veremos por que prodígios de eloqüência e de atividade o grande inovador, atacado por todos os lados, consegue enfrentar todos os ataques e mantém o seu direito sem romper completamente com o colégio apostólico, cuja autoridade reconhecia sempre que não fosse dificultada. Mas esta luta iria torná-lo-ia ainda menos simpático. Um homem que sustenta a sua opinião e as suas prerrogativas, que maltrata os outros, que os apostrofa frente a frente, esse homem lhes é antipático; Jesus, num caso semelhante, aceitaria tudo e sairia do embaraço por meio de alguma palavra de amor.

Os emissários de Tiago chegaram a Antioquia.[35] Tiago, aceitando que os gentios convertidos podiam salvar-se sem observar a lei de

[33] *Êxodo*, XXXIII, 11 e seg.; *Números*, XII, 6.

[34] *Hom. pseudo-clem.*, XVII, 18-20.

[35] *Gál.*, II, 11 e seg.

Moisés, não admitia que um verdadeiro judeu, um judeu circunciso, pudesse violar a lei sem ser criminoso . O escândalo dos discípulos de Tiago chegou ao extremo quando viram o chefe das igrejas da circuncisão agir como verdadeiro pagão e quebrar os pactos exteriores que um judeu respeitável considera como sendo títulos de nobreza e sinais de superioridade. Falaram efusivamente a Pedro, que ficou muito impressionado. Este homem, bom e justo, queria a paz acima de tudo; não sabia contrariar ninguém. Essas características o tornavam versátil, pelo menos na aparência; mas desconcertava-se facilmente e não sabia responder de pronto. Durante a vida de Jesus essa timidez o induzira a praticar uma falta que lhe custara muitas lágrimas.[36] Não tendo talento para a discussão, sendo incapaz de enfrentar as pessoas impertinentes, calava-se e dava-se por vencido nos casos difíceis. Esse aspecto de caráter fez-lhe mais uma vez praticar um grande ato de fraqueza. Colocado entre dois grupos de pessoas, não podendo contentar uma sem ferir a outra, isolou-se completamente, vivendo à parte e deixando de relacionar-se com os incircuncisos. Esta maneira de proceder muito ofendeu os gentios convertidos. O mais grave porém é que todos os circuncisos o imitaram; o próprio Barnabé se deixou levar pelo seu exemplo e começou a evitar os cristãos incircuncisos. Foi enorme a cólera de Paulo. Segundo o ritual da refeição em comum, negar-se a comer com uma parte da comunidade é excomungá-la. Paulo teceu em formidáveis reprovações,[37] chamando hipocrisia a esse procedimento e acusando Pedro e os seus imitadores de falsear o próprio Evangelho.

A igreja devia reunir-se pouco depois; e, nessa ocasião, os dois apóstolos encontraram-se face a face e diante de toda a assembléia, Paulo apostrofou violentamente Pedro, lançando-lhe no rosto a sua incoerência. "Pois quê!", disse-lhe ele, "tu que és judeu, tu não vives como judeu;[38] na prática conduzes-te como verdadeiro pagão, e és tu que nos queres forçar a judaizar!..." Desenvolveu após isso,

[36] Veja-se a *Vida de Jesus*.

[37] *Gál.*, II, 11 e seg.

[38] Comp. *Gál.*, VI, 13. O pensamento de São Paulo é que ninguém é capaz de observar toda a Lei, mesmo os que a ela estão mais intimamente relacionados.

a sua teoria de que a salvação se operava por Jesus e não pela Lei, e da revogação da Lei por Jesus. É provável que Pedro não lhe respondesse pois no fundo ele tinha a mesma opinião de Paulo; como todos os homens que procuram por ingênuos artifícios sair de uma dificuldade, não pretendia ter tido razão; desejava apenas satisfazer a um e não desprezar os demais e desta forma não se consegue senão indispor toda a gente. Mas a retirada dos enviados de Tiago pôs fim as divergências.

Depois da sua partida, o bom Pedro voltou a comer com os gentios como antes. Estas singulares alternativas de violência e de fraternidade são uma das características da raça judaica. Os críticos modernos, que de algumas passagens da Epístola aos Gálatas[39] concluem que o rompimento de Pedro e Paulo foi completo, estão em contradição não só com os *Atos*, mas inclusive com outras passagens da Epístola aos Gálatas.[40] Os homens entusiasmados passam a vida a competir sem nunca se desunirem. É bom não julgar essas características segundo a maneira como as coisas acontecem no nosso tempo, entre pessoas bem-educadas com relação à honra. Esta palavra, em particular, que nunca teve importância para os judeus.

Admite-se, no entanto, que o rompimento de Antioquia deixou traços profundos. A grande igreja das margens do Oronte separou-se, se é permitido dizer assim, em duas paróquias: de um lado a dos circuncisos, do outro a dos incircuncisos. A separação da igreja continuou durante muito tempo. Antioquia, como se diria mais tarde, teve dois bispos, um instituído por Pedro, outro por Paulo. São indicados Evode e Inácio como tendo exercido, depois dos apóstolos, essas funções.[41] A animosidade dos emissários de Tiago cresceu mais ainda. Os acontecimentos de Antioquia geraram tamanho ressentimento, que um século depois se encontra nos escritos do partido judeu-cristão uma referência cheia de indignação.[42] Esse eloqüente adversário que sozinho quase conseguira

[39] *Gál.*, II, 11.

[40] *Gál.*, I, 18; II, 2.

[41] *Const. Apost.*, VII, 46.

[42] *Hom. pseudo-clem.*, XVII, 19: carta de Pedro a Tiago, § 2.

arrastar a igreja de Antioquia a dar-lhe razão, tornou-se o seu grande inimigo. Criou-se uma inimizade que, mesmo em vida, lhe havia de trazer inúmeras contrariedades e que depois da morte lhe acarretaria, de metade da igreja, os mais sangrentos anátemas e as mais atrozes calúnias: a paixão e o entusiasmo religioso estão muito distante de eliminar as fraquezas humanas. Deixando Antioquia, os agentes do partido hierosolimita juraram inutilizar o que Paulo havia fundado, destruir as suas igrejas, derrubar o que com tantos sacrifícios construira.[43] Nesta ocasião estima-se que novas cartas foram expedidas de Jerusalém, em nome dos apóstolos. É provável que um exemplar destas cartas cheias de ódio seja o da Epístola de Judas, irmão de Tiago e como ele "irmão do Senhor", e que faz parte do cânone. É um *factum* dos mais agressivos contra adversários anônimos, que são apresentados como rebeldes e gente impura. O estilo, que se aproxima muito do grego clássico dos escritos do Novo Testamento, tem muita semelhança com o estilo da Epístola de Tiago. Tiago e Judas provavelmente ignoravam o grego; a igreja de Jerusalém deveria dispor, para estas redações, de secretários helenos.

> "Caríssimos, enquanto eu utilizava todos os meus cuidados a escrever-vos a respeito da nossa salvação comum,[44] vi-me obrigado a dirigir-vos esta palavra para vos suplicar que defendais a fé que foi, uma vez para sempre, confiada aos santos. Ela está nas mãos de certos homens (ímpios predestinados desde muito para este crime) que transformam a graça de Deus em orgia e que negam Jesus Cristo, nosso único Mestre e Senhor. Quero lembrar-vos, a vós que tudo sabeis, que Deus, tendo salvo o povo da terra do Egito, punirá pela segunda vez os que forem incrédulos; que os anjos que não souberem conservar-se em ordem e que desertem do seu lugar,[45] Deus os coloca de lado para o julgamento do grande dia e os prende com correntes eternas; que Sodoma, Gomorra e as cidades próximas, que fornicaram como as pessoas de que falo e que perseguiram a carne de outrem, serão dadas como exemplo, sofrendo as penas do fogo eterno. Esses de que falo de igual modo pervertem a carne em sonhos, desprezam a autoridade, injuriam as glórias. Ora, o próprio arcanjo Miguel quando disputava com Satã o corpo de Moisés, não ousou injuriá-lo; disse-lhe apenas: 'Que Deus te puna'. Mas aqueles a que me refiro blasfemam sobre tudo o que desconhecem, e tudo o que sabem, igual aos animais sem razão, eles o perdem. Desgraçados deles, que entraram no caminho de Caim; lançaram-se por dinheiro[46] no erro de Balaão,[47] e entraram na revolta de Coré. São esses que se converteram num embaraço nos vossos ágapes, que se estrangulam sem vergonha, pastores de si próprios, nuvens sem água, arrastados pelo vento; árvores do fim do outono, sem frutos, duas vezes mortas e desenraízadas; ondas bravas do mar, espumantes das vergonhas próprias: astros errantes, aos quais a eternidade reserva o abismo das trevas. É a respeito deles que Henoch, o sétimo patriarca depois de Adão, profetizou: 'O Senhor virá com as suas santas miríades para fazer o julgamento contra todos e para convencer todos os ímpios das obras de impiedade que cometeram e das palavras duras que pronunciaram contra Ele'.[48] São apenas descontentes faladores, caminhando ao sabor dos seus desejos, com a boca cheia de ênfase, fazendo julgamento de pessoas pelo seu próprio interesse, autores de dissidências, pessoas que obedecem aos instintos da vida animal, sem terem nada com o espírito. Mas vós, caríssimos, lembrai-vos do que vos têm dito os apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo: 'Nos últimos tempos aparecerão charlatães, agindo segundo os seus desejos ímpios...'."

A partir deste momento, Paulo começou a ser considerado por uma parte da igreja como um herético dos mais perigosos, um falso

---

[43] Veja-se toda a Epístola aos Gálatas.

[44] Trata-se de uma epístola extensa, que desapareceu.

[45] Alusão à passagem *Gên.*, VI, 1 e seg., desenvolvida no *Livro de Henoch*, e. VI e seg.

[46] Cf. *Atos*, VIII, 18 e seg.

[47] Cf. *Apoc.*, II, 14 e II Petri, II, 15.

[48] *Henoch*, I, 9 (divisão de Dillmann).

judeu,[49] um falso apóstolo,[50] um falso profeta,[51] um novo Balaão,[52] uma Jezabel,[53] um celerado que preanunciava a destruição do templo[54] e, para dizer tudo em duas palavras, um Simão, o Mágico. Considerou-se Pedro como sendo o culpado de em toda a parte e sempre o combater.[55] Habituaram-se a designar o apóstolo dos gentios pelo apelido de *Nicolas* (o vencedor do povo), tradução aproximada de *Balaão*. Este apelido generalizou-se: um sedutor pagão, tivesse visões, embora não fosse um convertido, um homem que estimulasse o povo a pecar com jovens pagãs era considerado como o verdadeiro tipo de Paulo, esse falso visionário, esse partidário dos casamentos mistos. Da mesma forma os seus discípulos foram chamados *nicolaístas*.[56] Em vez de esquecerem o seu papel de perseguidor, insistiram nesse aspecto de uma maneira maldosa.[57] O seu Evangelho era um Evangelho falso.[58] Tratava-se de Paulo quando os fanáticos do partido se referiam com meias palavras a um personagem que denominavam "o apóstata",[59] ou "o homem inimigo",[60] ou "o impostor", precursor do Anticristo, que o chefe dos apóstolos seguia para reparar o mal que ele já tinha feito.[61] Paulo era "o homem frívolo" de quem os gentios, devido à sua ignorância, receberam a doutrina inimiga da Lei;[62] as suas visões, a que ele chamava "mistérios de Deus", foram qualificadas como

[49] *Apoc.*, II, 9; III, 9.

[50] *Apoc.*, II, 2.

[51] *Apoc.*, II, 20.

[52] *Jud.*, 11; II *Petri*, II, 15; *Apoc.*, II, 15; *Apoc.*, II, 2, 6, 14-15.

[53] *Apoc.*, II, 20.

[54] *Hom. pseudo-clem.*, II, 17.

[55] *Hom. pseudo-clem.*, III, 59.

[56] *Apoc.*, II, 6, 14-15.

[57] *Recognições*, I, 70-71.

[58] *Homil. pseudo-clem.*, II, 17.

[59] Ireneu, *Adv. haer.*, I, XXVI, 2.

[60] Carta de Pedro a Tiago, § 2. Cf. *hom.*, XVII, 19.

[61] *Hom.*, II, 17; III, 59.

[62] Carta de Pedro a Tiago, § 2.

"mistérios de Satã";[63] as suas igrejas eram chamadas "sinagogas de Satã;"[64] e em oposição e ódio a Paulo foi proclamado que apenas os Doze eram a base e o fundamento do edifício de Cristo.[65]

Assim, teve início uma lenda contrária a Paulo. Não se acreditava que um verdadeiro judeu pudesse ter praticado uma atrocidade como aquela de que o consideravam culpado. Julgou-se que Paulo nascera pagão e que se fizera prosélito. E para quê? Nunca faltam razões à calúnia. Paulo fizera-se circuncidar, porque pensara em desposar a filha do sumo sacerdote.[66] Este, porém, como era homem prudente, recusou-lha e Paulo, por despeito, começou a pregar contra a circuncisão, o sábado e a Lei.[67] Eis a recompensa que se ganhar dos fanáticos por se ter servido a sua causa por uma outra forma que eles não compreendem, ou melhor, por terem salvado a causa que eles fatalmente perderiam devido ao seu espírito tímido e as suas estúpidas exclusões.

Tiago, ao contrário, tornou-se para o partido judaico-cristão o chefe de toda a cristandade, o bispo dos bispos, o presidente de todas as boas igrejas, das que verdadeiramente foram fundadas por Deus. É provável que depois da sua morte tenham criado este papel apócrifo; mas não há dúvida de que a lenda seja, neste caso, baseada em alguns aspectos sobre o caráter real do herói. A palavra séria e um tanto enfática de Tiago,[68] as suas maneiras que lembravam um sábio dos tempos antigos, um brâmane solene ou um antigo *mobed*, a sua santidade de luxo e ostentação, faziam dele um personagem de exibição para o povo, um santo homem oficial e uma espécie de papa. Devagar os judaico-cristãos habituaram-se a acreditar que ele fora incumbido do sacerdócio judeu[69] e, como a insígnia do sumo sacerdote judeu era o *pétalon* ou lâmina de ouro

[63] *Apoc.*, II, 24; cf. I *Cor.*, II, 10.

[64] *Apoc.*, II, 9; III, 9.

[65] *Apoc.*, XXI, 14; cf. XVIII, 20.

[66] Comp. *Masséket Gérim*, c. I.

[67] *Epiph. haer.*, XXX, 16.

[68] A epístola a ele atribuída tem este caráter.

[69] *Epiph. haer.*, XXXIX, 4; LXXVIII, 13.

colocada na fronte,[70] assim foi decorado.[71] "Amparo do povo", com a sua lâmina de ouro, tornou-se uma espécie de bonzo judeu, um sumo sacerdote à imitação dos judaico-cristãos. Supôs-se que, como o sumo sacerdote, entrava, em virtude de uma permissão especial, uma vez por ano no santuário; supôs-se inclusive que era de raça sacerdotal.[72] Sustentou-se que fora instituído por Jesus bispo da Cidade Santa, que Jesus lhe confiara o seu próprio trono episcopal. Os judaico-cristãos fizeram que uma grande parte dos habitantes de Jerusalém acreditasse que tinham sido os merecimentos deste servo de Deus que haviam evitado que o raio caísse sobre o povo e acabavam criando, como a Jesus, uma lenda baseada em passagens bíblicas em que se pretendia que os profetas já haviam falado por imagens. A imagem de Jesus, nesta família cristã, ia sumindo; porém, nas igrejas de Paulo atingia proporções colossais. Os cristãos de Tiago eram simples judeus piedosos, *hasidim*, acreditando na missão judaica de Jesus; os cristãos de Paulo eram cristãos no verdadeiro sentido que prevaleceu. Lei, templo, sacrifícios, sumo sacerdote, lâmina de ouro, tudo lhes era indiferente; Jesus substituíra tudo, abolira tudo; dar um valor de santidade ao que quer que fosse, era fazer uma injúria aos méritos de Jesus. Era natural que, para Paulo, que não tinha conhecido em pessoa Jesus, a figura verdadeiramente humana do mestre galileu se transformasse muito mais facilmente num tipo metafísico do que para Pedro e todos os outros que tinham conversado com Jesus. Para Paulo, Jesus não é um homem que viveu e ensinou; é o Cristo que morreu pelos nossos pecados, que nos salva, que nos justifica;[73] é um ser inteiramente divino: participa-se dele[74] e comunica-se com ele por meio de um caminho maravilhoso;[75] é para o homem a salvação, a justificação, a sabedoria e a santidade;[76] é o rei da glória;[77] todo o

[70] *Epiph. haer.*, XXIX, 4; LXXVIII, 14.

[71] *Êxodo*, XXXIX, 6.

[72] *Epiph. haer.* LXXVIII, 19.

[73] I *Cor.*, V, 4.

[74] I *Cor.*, I, 9.

[75] I *Cor.*, X, 16 e seg.; XI, 23 e seg.

[76] I *Cor.*, I, 30.

[77] I *Cor.*, II, 8.

poder no Céu e na Terra ser-lhe-á em breve revelado;[78] não é menor senão a Deus, o Pai.[79] Se apenas esta escola nos tivesse transmitido os seus escritos, não conheceríamos a pessoa de Jesus e poderíamos até duvidar da sua existência. Mas os que o conheceram e dele conservavam a lembrança já nesse tempo tinham escrito as primeiras anotações sobre as quais se compuseram esses escritos divinos (falo dos Evangelhos), preciosos para o cristianismo e que nos transmitiram os traços essenciais do caráter mais importante e mais digno do ser único.

[78] I *Cor.*, XV, 21 e seg.

[79] I *Cor.*, XV, 27-28.

CAPÍTULO XI

Transtorno nas igrejas da Galácia

Os mensageiros de Tiago partiram de Antioquia para as igrejas da Galácia.[1] Há muito tempo os hierosolimitas sabiam da existência destas igrejas; foi no interior delas que, pela primeira vez, se levantou a quetão da circuncisão e que ocorreu o chamado concílio de Jerusalém. Era natural que Tiago recomendasse aos seus fiéis esses lugares, que constituíam um dos centros do poder de Paulo. A vitória foi evidente.

Os gálatas eram fáceis de serem conquistados; o que por último lhes viesse falar em nome de Jesus tinha maiores probabilidades de sucesso. Os hierosolimitas persuadiram uma grande parte de que eles não eram bons cristãos. Constantemente repetiam que deviam se circuncidar e seguir inteiramente a Lei. Com a vaidade infantil de judeus fanáticos, os emissários propagavam a circuncisão como uma vantagem corporal; vangloriavam-se dela e não admitiam que se pudesse ser um verdadeiro homem sem esse privilégio. O costume de ridicularizar os pagãos, de os imaginar pessoas inferiores e mal-educadas, levava a estas idéias bizarras.[2] Ao mesmo tempo, os hierosolimitas propagavam contra Paulo um mar de invenções e

---

[1] *Gál.*, I, 7, 8; V, 10. Estes três artigos juntos provam que por detrás dos emissários, Paulo vê a ação do chefe da igreja de Jerusalém.

[2] *Gál.*, VI, 12 e seg.

difamações. Acusaram-no de se apresentar como apóstolo independente; afinal, recebeu a sua missão de Jerusalém, para onde foi como simples discípulo dos Doze. Paulo, pelo fato de ir a Jerusalém não estaria reconhecendo a superioridade do colégio apostólico? O que sabia aprendera-o dos apóstolos; ele aceitara as regras que aqueles lhe haviam imposto. Esse missionário, que pretendia livrá-los da circuncisão, sabia bem, quando tinha necessidade, pregá-la e praticá-la. Atirando contra ele os seus consentimentos, alegavam casos em que o tinham visto reconhecer a importância das práticas judaicas,[3] referindo-se talvez, em particular, à circuncisão de Tito e de Timóteo. Como podia, não tendo conhecido Jesus, falar em seu nome? Pedro e Tiago é que deviam ser considerados verdadeiros apóstolos, depositários da revelação. A consciência dos bons gálatas ficou perturbada. Alguns abandonaram a doutrina de Paulo, fazendo-se circuncidar; outros permaneceram fiéis ao seu primeiro mestre. O transtorno porém era profundo e os dois grupos trocavam entre si as palavras mais ofensivas.[4]

Quando Paulo soube desses fatos, ficou cheio de cólera. O seu temperamento ficou mais irritado. Era a terceira vez que o partido farisaico de Jerusalém se esforçava por destruir a sua obra, à medida que ele ia realizando. Essa espécie de covardia em conquistar pessoas sem energia, dóceis, indefesas, e que não viviam senão da confiança no mestre revoltava Paulo. Nesse momento, o audacioso e veemente apóstolo ditou essa admirável epístola que pode ser comparada, não considerando a arte de escrever, às mais belas obras clássicas, e em que a sua impetuosa natureza se afirma em letras de fogo. O título "apóstolo", de que ele até ali não se utilizara senão timidamente, surge-lhe agora como um desafio, para responder às acusações dos seus adversários e afirmar o que ele entende ser a verdade.

"Paulo Apóstolo (não pela graça dos homens nem por instituição dos homens, mas pela graça de Jesus Cristo e de Deus Pai, que ressuscitou Jesus de entre os mortos), bem como todos os irmãos que estão comigo, às igrejas da Galácia.

---

[3] *Gál.*, V, 11. Compare-se I *Cor.*, IX, 20; II *Cor.*, V, 6.

[4] *Gál.*, V, 15, 26.

Que a graça e a paz caíam sobre todos vós, das mãos de Deus Pai e de Nosso Senhor Jesus Cristo, que morreu por nossos pecados, para nos salvar do mundo perverso em que vivemos, conforme a vontade de Deus, nosso Pai, e que Ele seja glorificado em todos os séculos dos séculos. Amém.

Admira-me que tão depressa vos tivésseis abandonado o que vos imaginou na graça de Cristo para passardes a um outro Evangelho, não que exista dois Evangelhos, mas existem pessoas que querem nos perturbar e modificar a doutrina de Cristo. Escutai-me com atenção: se, em qualquer tempo, alguém, ainda que seja eu mesmo, vos vier evangelizar ao contrário do que eu fiz, que ele seja anatematizado! O que vos disse já, mais uma vez vo-lo digo: Se alguém vos prega outra coisa diferente do que aprendestes, que ele seja anatematizado. São porventura as boas graças dos homens que eu procuro conquistar, ou são as de Deus? É aos homens que eu procuro agradar? Ah! se eu agradasse aos homens não poderia ser servo de Cristo.

Meus irmãos, eu vos declaro: o Evangelho que vos preguei não é de origem humana. Nunca o recebi e nunca o aprendi dos homens; conheço-o por uma revelação de Jesus Cristo. Ouvistes falar da minha conduta quando eu era adepto do judaísmo; sabeis quanto eu perseguia e odiava a igreja de Deus, como ultrapassava os da minha idade e da minha raça em meu empenho em conservar as nossas tradições nacionais. Mas, quando aquele que me escolheu ainda no seio de minha mãe e me chamou pela sua graça, se dignou fazer-me uma aparição do seu filho para que eu fosse seu evangelista junto dos gentios, na mesma ocasião, sem receber conselho de ninguém, sem ir a Jerusalém aos que eram apóstolos antes de mim, dirigi-me para a Arábia e depois voltei a Damasco. Três anos mais tarde, fui realmente a Jerusalém, para conhecer Cefas, e aí permaneci quinze dias ao seu lado; mas não vi nenhum outro membro do corpo apostólico, a não ser Tiago, o irmão do Senhor. O que vos escrevo juro diante de Deus que é verdade.

Em seguida percorri as paragens da Síria e da Cilícia; mas o meu rosto era desconhecido nas igrejas de Cristo que existem na Judéia. Apenas tinham ouvido dizer que aquele que os perseguira pregava agora a fé que a princípio quisera destruir, tirando disto mais um motivo para glorificarem Deus.

Mas, passados quinze anos, regressei a Jerusalém com

Barnabé, levando também Tito, devido a uma revelação, e aí expliquei o Evangelho que tenho pregado aos gentios. Mantive conversas particulares com os que aparentavam ser personagens importantes, pelo receio que eu sentia de que todas as minhas viagens fossem trabalho perdido. Ninguém nos fez nenhuma crítica. Não nos foi mesmo exigido que Tito, que me acompanhava, e que era heleno, se fizesse circuncidar. Se ele aceitou isso foi apenas em atenção para com esses falsos irmãos intrusos, que conosco se misturaram para espionar a liberdade que hoje gozamos graças a Jesus Cristo, e para nos reduzir de novo à servidão. Foi uma concessão de momento; mas não me submeti a eles, para que a verdade do Evangelho fosse para nós sempre a mesma. Quanto a esses que pareciam grandes personagens (o que eles foram em outro tempo pouco me importa; Deus não recebe as pessoas por si mesmas), essas que me pareciam ser alguma coisa, nada me disseram de novo. Pelo contrário, vendo que me fora dado o Evangelho do prepúcio, como o de Pedro era o da circuncisão (porque aquele que não conferiu a Pedro poderes para o apostolado da circuncisão me conferiu todos os poderes para o apostolado dos gentios) conhecendo, dizia eu, a graça que me tinha sido concedida, Tiago, Cefas e João, que pareciam as colunas da igreja, deram-me a mão, e a Barnabé, em sinal de comunhão, e reconheceram que nós éramos para os gentios o que eles eram para a circuncisão, pedindo-nos apenas que nos lembrássemos dos pobres; ao que eu nunca faltei.

Mais tarde, quando Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe face a face, porque ele era digno de censura. Antes de chegarem os mensageiros de Tiago, comia com os gentios; mas, quando eles vieram, começou a evitar esse momento e a isolar-se, com receio dos da circuncisão. Os outros judeus partilharam da sua hipocrisia, inclusive o próprio Barnabé. Quanto a mim, vendo que eles não seguiam o reto caminho da verdade do Evangelho, disse a Cefas diante de toda a gente: 'Se tu, que és judeu, praticas este ato de pagão, como podes tu obrigar os gentios a judaizaram-se? Nós somos judeus por natureza; nós não somos como certos pescadores de pagãos; e, contudo, sabendo que os homens se salvam não pelas práticas da Lei mas pela fé em Jesus Cristo, acreditamos em Cristo para sermos salvos por esta mesma fé. Se depois de tudo isto fazemos reviver as obrigações legais, de que nos terá servido o Cristo? Terá sido (o que não agrada a Deus!) um ministro do pecado. Realizar uma tarefa, depois sujeitar-se a ela de novo para a desrespeitar, não é isto que se constitui despreocupadamente o prevaricador? Quanto a mim, é por considerar a própria Lei que eu morri para a Lei, para viver para Deus. Eu fui crucificado com Cristo: já não sou eu que vivo, mas é o próprio Cristo que vive em mim, e este resto de vida que apresento na minha carne eu o vivo na fé de Deus e de Cristo, que me amou e que morreu por mim. Não quero reduzir a nada a graça de Deus: ora, se a justiça é o resultado da observância das obras da Lei, Cristo morreu por nada.

Ó gálatas insensatos, que vos deixastes fascinar dessa maneira, vós diante de cujos olhos se desenhou a imagem de Jesus Cristo crucificado. Permiti-me uma única pergunta: foi a observância da Lei ou o fato de terdes ouvido pregar a Lei que vos fez receber o Espírito? Como sois vós tão loucos que depois de terdes principiado pelo Espírito, acabais pela carne? Quereis então tornar inútil (ou melhor, funesto) tudo o que fizestes até agora? Aquele que nos conferiu o Espírito, aquele que entre nós já fez milagres, foi pelas práticas da Lei ou pela fé que os realizou? Recordai-vos do que ele disse de Abraão: 'Acreditou em Deus, e isto foi-lhe imputado pela justiça'.[5] Sabei pois que esses que possuem a fé são filhos de Abraão... Antes do reino da fé, estávamos encerrados na Lei como numa prisão, que nos conservava para a revelação futura. A Lei foi o pedagogo que nos conduziu até Cristo, para que nós fôssemos salvos pela fé; mas desde que a fé chegou já não estamos sob a direção do pedagogo. Com efeito todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. Batizados em Cristo, vós vos revestistes de Cristo.[6] Já não há judeus ou helenos; já não há escravos e homens livres; já não há homens e mulheres; porque todos vós sois uma só coisa em Jesus Cristo. Mas, se vós sois de Cristo, sois da raça de Abraão e seus herdeiros, segundo o prometido. Enquanto o herdeiro é criança, não difere em nada do escravo; ainda que ele seja possuidor de toda a herança, está sob o poder dos tutores e

[5] *Gên.* XV, 6.

[6] Alusão à túnica que se vestia ao término do batismo.

dos administradores até ao tempo designado pelo pai. Nós, da mesma forma, quando éramos crianças, éramos escravos dos princípios do mundo; mas quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para que nós gozássemos dos privilégios de filhos. E o primeiro destes privilégios foi o de Deus enviar aos nossos corações o espírito do seu filho exclamando *Abba*, isto é, 'Pai.' Não sois, pois, escravos mas filhos; se sois filhos sois igualmente herdeiros, graças a Deus.

Outrora, ignorando Deus, servíeis seres que não eram deuses. Mas agora que conheceis Deus, por que razão submetereis a princípios baixos e mesquinhos, que vos quereis tornar de novo escravos! Observais os dias, os meses, os tempos, os anos. Na verdade, receio muito que tenha trabalhado em vão junto de vós.

Fazei como eu, irmãos, eu vo-lo peço. Eu sou um de entre vós; até agora nunca me fizestes mal. Recordais-vos, decerto, do estado de fraqueza em que eu estava da primeira vez em que vos evangelizei, e a que provas vos submeti pela enfermidade do meu corpo. Vós tivestes a bondade de não me desprezar, de não me repelir; recebestes-me como um anjo de Deus, como Jesus Cristo. Em que se transformaram estes sentimentos? Eu bem sei que então teríeis arrancado os próprios olhos para nos dar. Tornei-me eu pois vosso inimigo porque então vos disse a verdade? Há quem ambicione a vossa afeição, mas não tendo em mira o bem; querem desligar-vos de mim, para que os ameis. A afeição que tem por objeto o bem é uma coisa sublime; mas é preciso que seja constante, e eu queria que a vossa por mim não se limitasse apenas ao tempo em que estou junto de vós. Ó meus caros filhos, vós que eu tenho de criar de novo até que Cristo em vós se forme, como eu queria estar dentro de vós neste momento e falar-vos de outra maneira; porque eu estou em grandes cuidados e inquietações por vossa causa...

Cristo deu-nos a liberdade; conservai-a pois firmemente e não retomeis o jugo da servidão. Sou eu, Paulo, quem vo-lo diz: Se vos fazeis circuncidar, Cristo não vos servirá de nada. Eu declaro, por outro lado, a todo o homem que se faz circuncidar que, por este simples ato, ele contrai a obrigação de observar a Lei. Daí em diante nada tereis de comum com Cristo, vós todos que procurais a salvação na Lei; por esse fato vós perdereis a

graça. Nós, que fomos iniciados no Espírito, só da fé esperamos a justificação; porque em Jesus Cristo circuncisão ou prepúcio pouco importa: o que importa é a fé tornada ativa pelo amor.

Vós íeis bem; quem vos deteve? Quem vos desviou de obedecer à verdade? Ah! esse conselho não veio certamente daquele que vos chamara. Um pouco de fermento faz levedar toda a massa.[7] Eu tenho esperança em vós como filhos do Senhor; estou convencido de que voltareis a sentir como nós; mas aquele que nos perturba terá de tomar a responsabilidade de tudo isto, seja ele quem for. Atendei, meus irmãos: se eu prego a circuncisão[8] por que sou perseguido? Evitar-se-ia assim o escândalo da cruz!... Ah! acreditai, eu queria até que eles fossem mais do que circuncisos,[9] esses que nos perturbam.

Vós fostes chamados à liberdade, irmãos. Mas com uma restrição apenas: que a liberdade não vá até a licença da carne; sede servidores uns dos outros por amor. Toda a lei se resume numa palavra: 'Ama o próximo como a ti mesmo...' Caminhai em espírito e resisti aos desejos da carne. A carne conspira contra o espírito e o espírito contra a carne; mas se sois conduzidos pelo espírito, já não estais sob o domínio da Lei. As obras da carne são a fornicação, a impureza, a lascívia, a idolatria, os malefícios, os ódios, as disputas, a inveja, as cóleras, as altercações, os facciosismos, as heresias, as ambições, a embriaguez, os vícios e outras coisas semelhantes... O fruto do espírito, pelo contrário, é o amor, a paz, a paciência, a honestidade, a bondade, a fé, a doçura, a temperança. Contra tais coisas não há Lei possível. Os que foram acolhidos por Cristo crucificaram a sua carne com as suas paixões e os seus desejos..."

Paulo ditou inteira esta epístola de uma só vez, como alimentado por um fogo interior. Segundo o seu costume, escreveu à mão em pós-escrito:

---

[7] Provérbio familiar a S. Paulo: I *Cor.*, V, 6.

[8] Supõe-se que alguns adversários de Paulo, mais empenhados em o atacar que em ser conseqüentes, se exprimiam mais ou menos assim: "E, apesar de tudo, este pretendido apóstolo dos gentios prega também às vezes a circuncisão".

[9] Ironia. Veja-se *Fil.*, III, 2 e seg.

Reparai nestes caracteres; são feitos por minha mão.

Parecia natural que terminasse com a saudação costumeira, mas ele estava muito excitado, sua idéia fixa obsecava-o. Esgotado o assunto, volta a ele ainda, em algumas linhas vivas:

As pessoas que querem agradar pela carne forçam-vos à circuncisão com o único fim de não ser perseguidos em nome da cruz de Cristo. Na verdade esses circuncisos não observam a Lei; mas querem que sejais circuncisos, para se glorificarem na vossa carne.[10] *Quanto a mim, Deus me livre de me glorificar, se não é na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual o mundo se crucificou por mim, como eu me crucifiquei pelo mundo; porque em Jesus Cristo a circuncisão nada é, o prepúcio é nada; o que é tudo é ser criado de novo. Paz e misericórdia para todos os que observam esta regra e para o Israel de Deus.*[11] *Mas que, no futuro, ninguém suscite mais disputas; porque eu trago os sinais das chagas de Jesus no meu próprio corpo. A graça de Nosso Senhor Jesus Cristo seja com o vosso espírito, irmãos. Amém.*

Paulo enviou esta carta imediatamente. Se tivesse tido uma hora de reflexão duvida-se que a tivesse enviado. Ignora-se quem foi mensageiro, com certeza um dos seus discípulos, a quem encarregou de uma viagem pela Galácia. A epístola não é efetivamente dirigida a uma comunidade específica;[12] nenhuma das pequenas igrejas de Derbe, Listres, Escônio, Antioquia de Pisídia, era considerada para metrópole das outras; além disso, o apóstolo não dá aos destinatários nenhuma instrução sobre a maneira de propagar a sua carta.[13] Ignora-se também o efeito que a carta surtiu nos gálatas. Com certeza ela confirmou a posição de Paulo;[14] porém, é provável

[10] Significa: impõem-se à consideração dos judeus apresentando os novos circuncisos como outras tantas conquistas.

[11] Os cristãos circuncisos sinceros, em oposição a "o Israel segundo a carne"; os judeus que se envaidecem com a circuncisão.

[12] *Gál.*, I, 2.

[13] Comp. *Col.*, IV, 18.

[14] I *Cor.*, XVI, 1.

que não extinguisse completamente a posição contrária. A seguir, quase todas as igrejas serão divididas em dois grupos. Até a ruína de Jerusalém (ano 70), a igreja da Judéia manterá as suas pretensões. Somente no fim do primeiro século que uma verdadeira reconciliação se realizará, um pouco à custa da glória de Paulo, que será, durante cerca de cem anos, lançado à obscuridade, mas com a inteira vitória das suas idéias fundamentais. Os judaico-cristãos, a partir desse momento, serão apenas uma seita de velhos casmurros, fenecendo lenta e ignoradamente até se extinguirem no século V, nas regiões perdidas da Síria. Paulo será quase colocado à parte. O seu título de apóstolo, negado pelos seus inimigos,[15] será timidamente defendido pelos seus amigos.[16] As igrejas que lhe devem reconhecidamente a sua fundação, espalharão ter sido fundadas por ele e por Pedro. A igreja de Corinto, por exemplo, fará as mais flagrantes violências à história para demonstrar que a sua origem deve-se a Pedro e a Paulo.[17] A conversão dos gentios passará à história como sendo obra coletiva dos Doze;[18] Papias, Polícrates, Justino, Hegesipo acabarão por suprimir propositadamente o papel de Paulo e ignorar a sua existência. Apenas quando surgir a idéia da formação de um cânone de novas escrituras sagradas é que Paulo reconquistará a sua importância. As suas cartas sairão então dos arquivos das igrejas para constituírem a base da teologia cristã, que terão de ser renovadas século a século.

Nos dias que vivemos, distantes em muito da época de Paulo, causa-nos impressão de que sua vitória foi completa. Paulo conta-nos, e talvez exagere, as dificuldades que foram criadas; mas quem nos diz o que Paulo terá feito também aos seus adversários? As vis intenções que Paulo lhes atribui, de pisarem sobre os seus passos para lhe roubarem a afeição dos seus discípulos e glorificarem-se com a circuncisão destes homens simples, como se fossem um

[15] *Apoc.*, XXI, 14.

[16] É o que pode deduzir-se do modo como foi escrito o livro dos *Atos*. Vejam-se *Os Apóstolos*, introdução.

[17] Dionísio de Corinto, em Eusébio, *Hist. Eccl.*, II, 25.

[18] Justino, *Apol.*, I, 39, 45; *Dial. cum Tryph.*, 42, 53; *Homil. pseudo-clem.*, III, 59; Carta de Clemente a Tiago, § 1. Comp. *Atos*, X.

grande triunfo,[19] não será uma lenda imaginada para os combater? A narração das suas relações com a igreja de Jerusalém, tão diferente da narração dos *Atos*, não terá sido imaginada pelas necessidades do momento? A pretensão de ter sido instituído apóstolo por direito divino desde o dia da sua conversão[20] não é historicamente incorreta, visto que a convicção do seu próprio apostolado se formou no seu espírito lentamente, chegando a ser decisiva apenas depois da sua primeira missão? Foi Pedro realmente tão repreensível como ele diz? Não foi, pelo contrário, a conduta do apóstolo galileu a de um homem conciliador, preferindo aos princípios à própria fraternidade, querendo contentar toda a gente, usando de subterfúgios e rodeios para evitar as discussões, caluniado por todos exatamente porque ele tinha razão? Não temos nenhuma condição de responder a estas perguntas. Paulo era muito personalista, pode-se acreditar que por mais de uma vez atribuísse a uma revelação particular o que ele sabia por tradição.[21] A Epístola aos Gálatas é tão extraordinária, o apóstolo pinta a si mesmo tão cheio de pureza e de sinceridade, que seria injusto voltar contra ele um documento que tanta honra faz ao seu talento e à sua eloqüência. Não temos como objetivo fazer uma estreita ortodoxia; a outros pertence explicar como pode ser um santo e ao mesmo tempo um homem mal o velho Cefas. Não é situar Paulo inferior ao comum dos grandes homens, quando se demonstra que ele foi institivo, apaixonado, sempre preocupado em defender-se e em combater os seus inimigos. Em tudo o verdadeiro predecessor do protestantismo, pois Paulo tem todos os defeitos de um protestante. É preciso tempo e muita experiência para se compreender que não vale a pena combater face a face nenhum dogma e esquecer os sentimentos da caridade para com os semelhantes. Paulo não é Jesus. Como nós estamos distantes de ti, querido mestre! Onde está a tua doçura, a tua poesia? Tu, que se encantava com uma flor e ficava em êxtase, reconheces como teus discípulos esses homens de disputas, agarrados nas suas prerrogativas, pretendendo que tudo provém deles apenas? Eles são homens e tu foste um deus. Em que situação estaríamos, se de nós

[19] *Gál.*, IV, 17, VI, 13.

[20] *Gál.*, I, 15 e seg.

[21] Um exemplo significativo está em I *Cor.*, I, 23.

não fosses conhecido pelas rudes cartas desse que se intitula teu apóstolo? Felizmente os perfumes da Galiléia ainda vivem em algumas memórias fiéis. Talvez o próprio *Sermão da Montanha* tivesse sido escrito em qualquer papel secreto. O discípulo desconhecido, que trouxe consigo esse tesouro, trazia com ele o futuro.

Terceira viagem: fundação da igreja de Éfeso

Por ser um homem superior e estar possuído desse sagrado impulso que o animava, Paulo não se importava com essas questiúnculas estéreis, que o desprestigiavam. Para responder aos espíritos medíocres teria sido forçado a descer ao mesmo plano, e todas essas pobres disputas acabariam por o absorver inteiramente. Mas como seu espírito era elevado, Paulo desprezou-as. Seguiu o seu caminho, deixando ao tempo o cuidado de indicar, entre ele e os seus inimigos, quem tinha razão.

A primeira regra do homem que se dedica a grandes objetivos é recusar aos medíocres o poder de o desviarem do seu caminho. Sem perder tempo em discutir com os delegados de Tiago se tinha ou não errado em pregar aos gentios e convertê-los, Paulo tratou de recomeçar, com risco de incorrer em novas expulsões. Depois de alguns meses em Antioquia,[1] partiu para uma terceira missão, desejava visitar as suas queridas igrejas da Galácia. Quando pensava nelas, era invadido por grandes receios com a idéia de que as devia ter penalizado com a severidade da sua linguagem; queria mudar de tom, corrigir, pela afabilidade da sua palavra, a aridez da sua carta.[2] Paulo desejava, em especial, demorar-se em

---

[1] *Atos*, XVIII, V, 2.
[2] *Gál.*, IV, 20.

Éfeso, onde da primeira vez apenas conhecera de passagem, para aí constituir um centro de sermão como o de Tessalônica e Corinto. O itinerário desta terceira viagem foi mais ou menos o da segunda. A Ásia Menor, a Macedônia e a Grécia eram as províncias que, de certo modo, Paulo tinha conquistado .

Acompanhado por Tito, partiu de Antioquia. De início, seguiu o mesmo itinerário que da sua segunda viagem, e visitou pela terceira vez[3] as igrejas do centro da Ásia Menor,[4] Derbe, Listres, Cônia e Antioquia de Pisídia. Depressa justificou o passado, conseguindo apagar tudo o que ainda podia ter restado das más impressões que os seus inimigos tinham pretendido fazer nascer contra ele. Em Derbe, um novo discípulo, chamado Caio, tornou-se seu seguidor.[5] Estes bons gálatas possuíam uma grande docilidade mas também uma grande fraqueza. Paulo, habituado a exprimir-se num tom firme, tratava-os de um modo que, por vezes, ele mesmo receava que entendessem por rudeza.[6] Tinha o escrúpulo e o receio de falar aos seus filhos de uma forma que talvez não demonstrasse o quanto tinha por eles um vivo e enternecido afeto no seu coração. Já não existiam os mesmos motivos que o tinham impedido, na sua segunda viagem, de evangelizar a Ásia proconsular.

Paulo, concluindo a sua visita à Galácia, partiu para Éfeso. Estava-se em pleno verão.[7] A estrada melhor para ir de Antioquia de Pisídia a Éfeso deve tê-lo levado a Apaneia Kibotos,[8] e daí, pela bacia do Lico, às três cidades, vizinhas umas das outras, de Colossas, Laodicéia e Hierápolis. Em poucos anos, estas três cidades constituirão um centro ativo de propaganda cristã, estando em constante entendimento com Paulo. No entanto, nesse momento, Paulo não se deteve, nem procurou conhecer ninguém.[9] Contornando o maciço do Cadmo,

[3] Em certo sentido, mesmo pela quarta vez, pois que na sua primeira missão Paulo regressou a cada uma das cidades que evangelizara.

[4] *Atos*, XVIII, 23.

[5] *Gál.*, IV, 16, 20.

[6] *Ibid.*

[7] Assim se deduz de *Atos*, XX, 31, comparado com I *Cor.*, XVI, 8.

[8] *Atos*, XVIII, 23. Cf. Estrabão, XIV, II, 29.

[9] *Col.*, II, 1.

desembocou no vale do Meandro, nos albergues da Carura, grande encruzilhada dos caminhos da Ásia.[10] Em três dias de caminhada uma boa estrada os levou por Nisa, Trales e Magnésia,[11] ao alto das serras que separam as águas do Meandro das do Caístro. Depois, por um barranco onde a antiga estrada e o rio se disputam o apertado espaço, desceu até a "campina da Ásia", tão cantada pelos homéridas,[12] isto é, a planície onde o Caístro forma uma pequena lagoa antes de entrar no mar. É um lindo local, de horizontes claros, formados por cinco e seis planos de montanhas, e às vezes terminados por planaltos. Como ocorre ainda hoje, reuniam-se aí muitos cisnes e aves formosas, que foram o encanto de toda a antiguidade.[13] Era nesse lugar que, em parte apoiada sobre as águas, em parte encravada na encosta do monte Coressos, estendida depois pelo monte Príon e pelas suas ramificações a outra colina isolada, se erguia a imensa cidade destinada a ser a terceira capital do cristianismo, depois de Jerusalém e de Antioquia.

Várias vezes assinalamos que o cristianismo encontrou as melhores condições de desenvolvimento nestas cidades pequenas, se assim nos podemos exprimir, que o Império Romano tinha profusamente espalhado, cidades fora de nacionalidades, estranhas ao amor de pátria, onde todas as raças e todas as religiões viviam em harmonia. Éfeso era, como Alexandria, Antioquia e Corinto, o exemplo dessas cidades. Podemos imaginá-las pelo que são hoje as grandes cidades levantinas. O que impressiona o viajante quando percorre estes labirintos de lojas imundas, de pátios estreitos e sujos, de construções provisórias e sem estarem preservadas contra a ação destruidora do tempo, como que feitas para durarem pouco, é a enorme falta de nobreza, de espírito político e mesmo municipal. Nesses formigueiros de homens em toda a parte atropelam-se os bons e os maus instintos, a malandragem e a atividade, a grosseria e a amabilidade; tudo se encontra aí, exceto alguma coisa que se

[10] Estrabão, XII, VIII, 16, 17; XIV, II, 29.

[11] *Atos*, XIX, 1.

[12] *Ilíada*, II, 461.

[13] Hom., *Ilíada, II*, p. 459 e seg.; Vig., *Ann.*, VII, 699 e seg.; Ovídio, *Met.* V, 386 e seg.

pareça com uma antiga aristocracia local, isto é, um certo número de lembranças gloriosas celebradas em comum. Adicionando-se a tudo isso muita bisbilhotice, fanfarronadas, superficialidades, conhecendo-se todos e ocupando-se sem cessar uns dos outros; alguma coisa de banal, apaixonado, mórbido; uma vã curiosidade de pessoas fúteis, ansiosas por conhecerem a mais insignificante novidade, e uma grande facilidade em seguir a moda, sem originalidade para a inventarem. O cristianismo foi fruto dessa fermentação que se costuma produzir nestes meios onde o homem, despido dos prejuízos do nascimento e da raça, se põe facilmente a par da chamada filosofia cosmopolita e humanitária, fato impossível para o homem do campo, o burguês e o nobre citadino ou feudal. Como o atual socialismo, como todas as idéias novas, o cristianismo germinou naquilo que se denomina a corrupção das grandes cidades. Essa corrupção, realmente, muitas vezes é apenas uma vida mais intensa e mais livre, um mais forte despertar das forças interiores da humanidade.

Tanto no passado como no presente, os judeus ocupavam nessas cidades um lugar especial que era, mais ou menos, o que ocupam atualmente em Esmirna e Salônica. Éfeso, especialmente, abrigava uma judiaria muito numerosa. A população pagã era muito fanática, como sucede em todos os centros de peregrinação e de cultos célebres. A devoção à Ártemis de Éfeso, difundida pelo mundo inteiro, alimentava muitas e consideráveis indústrias. No entanto, a importância da cidade como capital da Ásia, o movimento do comércio, a afluência de gente de toda a parte e de todas as raças, tornavam Éfeso um lugar favorável à difusão das idéias cristãs. Estas idéias não encontravam em nenhuma outra parte um acolhimento melhor do que nas cidades populosas, comerciais, cheias de estrangeiros, invadidas pelos sírios, os judeus e essa população de origem incerta que, desde a antiguidade, é senhora de todos os pontos de abordagem do Mediterrâneo.[14] Havia séculos que Éfeso não era uma cidade puramente helênica. Anteriormente, tivera destaque ao menos com relação à arte, entre as cidades gregas; mas acabara por se deixar seduzir pelos costumes da Ásia.

Éfeso tivera sempre, entre os gregos, má reputação. Segundo os

[14] Hoje Marselha, Livorno e Trieste.

gregos, a corrupção, a introdução do luxo eram um efeito dos costumes efeminados da Iônia e Éfeso, para eles, era precisamente o centro e o resumo da Iônia.[15] A dominação dos lídios e dos persas haviam lhe roubado toda a energia e patriotismo; assim como Sardes, Éfeso era o ponto mais avançado da influência asiática na Europa. A grande importância que aí ganhou o culto de Ártemis extinguiu completamente o espírito científico, favorecendo o desenvolvimento de todas as superstições. Era quase uma cidade teocrática; as suas festas, numerosas e esplêndidas, eram lotadas de malfeitores que exigiam o direito de asilo de templo.[16] Vergonhosas instituições sacerdotais aí se mantinham, parecendo cada dia mais destituídas de sentimento. A brilhante pátria de Heráclito, de Parrazio, talvez de Apeles, não era mais do que uma cidade de pórticos, de corridas, de ginásios, de teatros, uma cidade de ridícula ostentação, apesar das obras-primas de pintura e escultura que ainda preservava.

Embora o porto tivesse ficado prejudicado pela inaptidão dos engenheiros de Átala Filadélfia, a cidade desenvolvera-se rapidamente, tornando-se o principal *emporium* da região aquém Tauro.[17] Era o lugar do desembarque de quem chegava da Itália e da Grécia, uma espécie de entreposto à entrada da Ásia. Viviam aí populações de todas as proveniências, constituindo uma cidade comum, onde as idéias socialistas ganharam o terreno que tinham perdido as idéias de pátria. A região era muito rica; o comércio incessante, mas em nenhuma parte o espírito tinha descido a um grau tão inferior. As inscrições respiram a mais vergonhosa bajulação[18] e submissão aos romanos. Dir-se-ia que Éfeso era o ponto de reunião universal de todas as cortesãs e vagabundos.

A cidade regurgitava de mágicos, adivinhos, momos e tocadores de flauta, eunucos, vendedores de bijuterias, vendedores de amuletos e medalhas, romanceiros, etc. A expressão "novidades efesianas" designava, como outrora "fábulas milesianas", um gênero

[15] Ateneu, XII, 28, 29.

[16] Estrabão, XIV, I, 23.

[17] Estrabão, XII, VIII, 15; XIV, I, 24; Plutarco, *Vida de Lys.*, 3.

[18] *Corpus inscr. gr.*, nº 2957 e seg.

de literatura, pois Éfeso era uma das cidades mais citadas nos romances de amor representados no teatro. A futilidade do clima desviava a todos das coisas sérias; a dança e a música eram a mais freqüente ocupação dos efesianos; a vida pública degenerara em bacanal; os estudos úteis tinham sido colocados à parte. Julga-se ter sido em Éfeso que se passaram os mais extraordinários milagres de Apolônio. O mais célebre efesiano dessa época era um astrólogo chamado Balbilo, que chegara a ter a confiança de Nero e Vespasiano e que parece ter sido um grande criminoso. Nessa época existia um admirável templo coríntio, hoje podendo-se apenas ver ruínas. Talvez fosse um templo dedicado ao pobre Cláudio, que Nero e Agripina acabavam de "atirar ao céu", segundo a bela expressão de Galião. Quando Paulo chegou, Éfeso já fora atingida pelo cristianismo. Vimos, em páginas anteriores, que Áquila e Priscila aí haviam permanecido, depois da partida de Corinto. Este piedoso par, que estava destinado a figurar na origem das igrejas de Roma, de Corinto e de Éfeso, formou um pequeno núcleo de discípulos. Desse grupo foi sem dúvida Epeneto a que Paulo chama "as primícias da Ásia em Cristo" e que ele muito estimava. Uma outra conversão, bem mais importante, foi a de um judeu chamado Apolônio ou Apolos, originário de Alexandria, que deve ter chegado em Éfeso pouco depois da primeira passagem de Paulo.[19] Esse judeu trouxera das escolas judaicas do Egito um profundo conhecimento da versão grega das Escrituras, um modo engenhoso de as interpretar, uma elevada eloqüência. Era uma espécie de Fílon, investigando as novas idéias que de toda a parte vinham infiltrar-se no judaísmo. Durante as suas viagens travara relações com discípulos de João Batista e deles recebera o batismo e ouvira falar de Jesus, e parece que, a partir de então dera a João Batista o nome de Cristo; mas eram ainda muito limitadas as suas noções sobre o cristianismo. Quando da sua chegada a Éfeso, dirigiu-se à sinagoga, onde obteve grande sucesso pela fluência e inspiração da sua palavra. Áquila e Priscila ouviram-no e logo ficaram encantados com a recepção de um tal auxiliar. Ficaram amigos, completando-lhe a doutrina e ensinando-lhe sobre muitos pontos idéias mais precisas. Como eles não eram hábeis teólogos, nem sequer pensaram em rebatizá-lo em

[19] *Atos*, XVIII, 24 e seg.

nome de Jesus. Apolos criou em sua volta um pequeno grupo, ao qual ensinou a sua doutrina, retificada por Áquila e Priscila, mas ao qual não conferiu senão o batismo de João, único que conhecia. Após algum tempo, pensou em ir até Acaia levando uma carta de recomendação muito calorosa dos irmãos de Éfeso para os de Corinto. Foi nesse momento que Paulo chegou a Éfeso.

Paulo alojou-se em casa de Áquila e Priscila, como já havia feito em Corinto, e associou-se a eles novamente, trabalhando na sua loja. Éfeso era célebre pelas suas tendas.[20] Os artífices deste trabalho habitavam os bairros pobres, que se estendiam do monte Príon à colina escarpada de Aïa-Solouk, sem dúvida, onde se estabeleceu o primeiro núcleo cristão, e deviam ter erguido as basílicas apostólicas e os túmulos venerados de toda a cristandade. Depois da destruição do templo de Ártemis, tendo Éfeso trocado a sua celebridade pagã por uma igual celebridade cristã, e tendo-se tornado uma cidade de primeira ordem nas lembranças e lendas do novo culto, a Éfeso bizantina agrupou-se em volta da colina que apresentava a vantagem de possuir os mais preciosos monumentos do cristianismo. Como se descuidaram dos trabalhos de uma ativa civilização, regulando o curso das águas, o lugar se transformou num pântano doente. Assim rapidamente a antiga cidade foi abandonada; os seus gigantescos monumentos, em virtude da proximidade dos canais navegáveis e do mar, passaram a ser explorados como pedreiras de mármore. Talvez a escolha de domicílio feita por alguns pobres judeus, sob o reinado de Cláudio e de Nero, fosse a primeira causa desta mudança. A mais antiga conquista turca continuou a tradição bizantina; uma grande cidade muçulmana sucedeu à cidade cristã, até que sobre tantas lembranças nada mais restou do que a febre do esquecimento.

Paulo não se encontrava, como ocorrera nas suas primeiras missões, em presença de uma sinagoga ignorante do mistério novo, e que ele necessitasse de conquistar; tinha diante de si uma igreja, formada da maneira mais original e espontânea, com o auxílio dos dois bons mercadores judeus, e de um doutor estrangeiro, que era apenas meio cristão. O grupo de Apolos compunha-se de doze membros, Paulo, interrogando-os, percebeu que faltava ainda muitas

[20] Plut., *Vida de Alcib.*, 12; Ateneu, XII, 47.

coisas à sua fé; não tinham jamais, por exemplo, ouvido falar do Espírito Santo. Paulo completou-lhes a instrução, rebatizou-os em nome de Jesus, e realizou a imposição das mãos. Logo, o Espírito desceu até eles; começaram a falar em várias línguas e a profetizar como perfeitos cristãos.[21] O apóstolo procurou alargar este pequeno círculo de crentes, mas não receava defrontar-se aí com o espírito filosófico e científico, que detivera a sua propaganda em Atenas.

Éfeso não era um grande centro intelectual. A superstição reinava livremente; todo o mundo vivia cercado das mais loucas preocupações de demonologia e de teurgia. Eram célebres as fórmulas mágicas de Éfeso (*Ephesia grammiata*), proliferavam os livros de prazer e uma multidão gastava o tempo nas mais tolas infantilidades.[22]

Talvez vivesse nesse tempo, em Éfeso, o célebre Apolônio de Tiana. Paulo, segundo o seu costume, pregou na sinagoga.[23] Durante três meses, todos os sábados anunciou o reino de Deus. No entanto, teve pouco êxito. Não ocorreram manifestações nem perseguições, mas acolhiam a sua doutrina com termos injuriosos e desdenhosos. Então resolveu abandonar a sinagoga e reuniu à parte os seus discípulos num local chamado Σχολη Τυραννου. É provável que fosse um lugar público, uma dessas *scholae* ou absides semicirculares, tão numerosas nas cidades antigas, e que serviam como galerias para a conversação e o ensino livre. Ou, talvez fosse alguma sala particular de um alto personagem, um gramático, por exemplo, chamado Tirano. Em geral o cristianismo aproveitou as *scholae*, as quais quase sempre faziam parte das termas e dos ginásios. O lugar favorito da propaganda cristã, depois da sinagoga, era a habitação particular. Nesta vasta metrópole de Éfeso, o sermão pôde afrontar a luz do dia.[24] Paulo falou na *Schola Tyranni* durante dois anos. Este ensino prolongado num lugar público ou quase público despertou uma grande curiosidade. Além disso o apóstolo fazia freqüentes visitas às casas dos que se haviam convertido ou

[21] *Atos*, XIX, 1-5.

[22] *Atos*, XIX, 13 e seg.

[23] *Atos*, XIX, 8 e seg.

[24] *Atos*, XX, 20.

sentiam simpatia.[25] A sua palavra buscava tanto judeus como gentios.[26] Toda a Ásia proconsular ouviu falar de Jesus e muitas igrejas, favorecidas de Éfeso, se estabeleceram nas proximidades. Alguns milagres de Paulo foram muito comentados. A sua fama de taumaturgo chegou a ponto de se procurarem avidamente os lenços e as camisas que tinham tocado a sua pele para as aplicar aos doentes.[27] Acreditava-se que seu corpo exalava uma grande virtude medicinal e se transmitia por esse processo.

O gosto dos efésios pela magia devia produzir episódios ainda mais impressionantes. Paulo era considerado como tendo um grande poder sobre os demônios. Parece que alguns exorcistas judeus trataram de usurpar-lhe estes encantos e exorcismar "em nome do Jesus pregado por Paulo".[28] Conta-se o insucesso de alguns destes charlatães que se intitulavam filhos ou discípulos de um certo sumo sacerdote Skévas. Tendo tentado expulsar um diabo muito terrível por meio dessa fórmula, tiveram de ouvir as mais grossas injúrias do possesso, o qual, não contente com isso, se lançou sobre eles, rasgou-lhes as roupas e encheu-os de pancada.[29] A situação de depressão dos espíritos era tal que muitos judeus e muitos pagãos acreditavam em Jesus devido a esse motivo tão fútil. Estas conversões fizeram-se principalmente entre pessoas familiarizadas com magia. Impressionados pela superioridade das fórmulas de Paulo, os aprendizes de ciências ocultas faziam-lhes confidências das suas práticas. Muitos levavam-lhe livros de magia e depois, os queimavam. Avalia-se em 50 mil dracmas de prata o preço dos *Ephesia grammata* queimados por este processo.[30]

Desviemos os olhos destas questões. Tudo o que é feito pelas massas populares ignorantes é cheio de particularidades desagradáveis. A ilusão e a quimera são as condições das grandes coisas criadas pelo povo. Apenas a obra dos sábios é pura; mas acontece

[25] *Atos*, XX, 20, 31.

[26] *Atos*, XX, 21.

[27] *Atos*, XIX, 12.

[28] Cf. Justin., *Dial cum Tryph.*, 85; Orígenes, *Contra Celso*, I, 25.

[29] Confronte-se Josefo, *Ant.*, VIII, II, 5.

[30] *Atos*, XIX, 13-19.

que quase sempre estes são impotentes para grandes empreendimentos. Nós temos uma fisiologia e uma medicina muito superiores às de Paulo; estamos livres de uma enormidade de erros que ele ainda partilhava, mas nós não podemos infelizmente fazer a milésima parte do que ele fez. Apenas quando toda a humanidade for instruída e tiver alcançado um certo nível de filosofia positiva é que os fatos humanos se comportarão segundo a razão. A história do passado não poderia ser entendida, se os bons e grandes movimentos em que houvesse particularidades equívocas e mesquinhas fossem desconsiderados.

CAPÍTULO XIII

Progresso do cristianismo na Ásia e na Frígia

Durante a sua permanência em Éfeso, o fervor de Paulo foi enorme.[1] Todos os dias surgiam dificuldades, sendo numerosos e animados os adversários.[2] Como a igreja de Éfeso não era propriamente uma fundação de Paulo, reunia judeus-cristãos, que sobre muitos pontos teimavam em discordar com o apóstolo dos gentios. Constituíam uma espécie de dois rebanhos, anatematizando-se e negando-se mutuamente o direito de falar em nome de Jesus.[3] Os pagãos, por seu lado, mostravam-se descontentes pelos progressos da nova fé, e manifestavam sintomas inquietadores. Uma vez Paulo correu um perigo tão grave que ele compara a sua situação, nesse momento, à de um homem lançado às feras.[4] Talvez o incidente tivesse ocorrido no teatro, o que tornava esta expressão apropriada. Áquila e Priscila salvaram-no, arriscando por ele as suas vidas.[5] Paulo, porém, tudo esquecia, pois a palavra de Deus frutificava. Nesse tempo toda a parte ocidental da Ásia Menor, principalmente as bacias do Meandro e do Hermo, cobriam-se de igrejas, de que

---

[1] *Atos*, XX, 21-21.

[2] I *Cor.*, XVI, 9.

[3] *Apoc.*, II, 2.

[4] *Cor.*, XV, 32; XVI, 4, 7; II *Cor.*, I, 8 e seg.

[5] *Rom.*, XVI, 4.

Paulo devia ter sido, de uma maneira mais ou menos direta, o fundador: Esmirna, Pérgamo, Tiatires, Sardes, Filadélfia[6] e provavelmente Trales[7] receberam assim o embrião da fé.[8] Estas cidades tinham importantes colônias de judeus.[9] A doçura dos costumes e os entorpecimentos da vida de província no seio de um belo e rico país, extinto há muitos séculos para toda a espécie de vida política e pacificado até a adulação, tinham muito contribuído para preparar as almas para as alegrias de uma vida pura. A nobreza dos costumes iônicos, contrária à independência nacional, era favorável ao desenvolvimento das questões morais e sociais. Estas populações de boa índole, desprovidas de espírito militar, femininas, se me é permitido assim dizer, eram por natureza cristãs. Estima-se ter sido entre elas muito importante a vida familiar; o hábito de viver ao ar livre e, para as mulheres, à soleira da porta, num clima delicioso, desenvolvera entre todos uma grande sociabilidade. A Ásia, com os seus *asiarcas*, presidentes de jogos e de espetáculos, lembrava uma sociedade recreativa, uma associação de divertimentos e de festas. Ainda hoje a população cristã, respira este encanto e jovialidade; as mulheres têm a face clara, os olhos vagos e doces, belos cabelos loiros, uma atitude simples e modesta, denunciando o sentimento da sua própria beleza. Dessa forma, a Ásia tornou-se de certo modo, a segunda província do reino de Deus.

As cidades desta região, considerando-se à parte os monumentos, não diferiam então muito do que são hoje: amontoados desordenados de casas de madeira, com cabanas cobertas com um teto inclinado, bairros muitas vezes sobrepostos uns sobre os outros e entremeados sempre das mais belas árvores. Os edifícios públicos, necessários num país quente com uma vida de prazer e de repouso, erguiam-se com uma elegância surpreendente; não eram, como na Síria, construções artificiais, muito pouco harmonizadas com os costumes, cidades-colunas, construídas pelos beduínos. Em nenhuma

[6] I *Cor.*, XVI, 19; *Atos.*, XIX, 26; *Apoc.*, I, 4, 11.

[7] Epístola que se julga de autoria de Santo Inácio aos tralianos.

[8] Estas cidades, à exceção de Sardes, são ainda hoje cidades mais ou menos importantes.

[9] Cíc., *Pro Flacco*, 28; Jos., *Ant.*, XII, III, 4; XIV, X, 11, 14, 20 e seg.; XVI, VI, 2, 4, 6; *Atos*, II.

parte a grandeza de uma civilização elevada se expande em formas mais maravilhosas do que nas ruínas destas "magníficas cidades da Ásia".[10] Sempre que as belas regiões que mencionamos, não foram conquistadas pelo fanatismo, a guerra, ou a barbárie, sempre dominaram o mundo pela riqueza; conservam ainda quase todas as fontes dessa riqueza, e forçam assim os povos mais nobres a reunirem-se nelas.[11] No primeiro século, a Iônia era muito povoada, coberta de cidades e aldeias.[12] As desgraças da época das guerras civis já estavam esquecidas. Poderosas associações de operários, semelhantes às da Itália e de Flandres na Idade Média, escolhiam os seus dignatários, construíam monumentos públicos, erguiam estátuas, realizavam trabalhos de utilidade pública, criavam obras de caridade, davam toda a espécie de sinais de prosperidade, de bem-estar, de atividade moral. Ao lado das cidades manufatureiras, como Tiatires, Filadélfia, Hierápolis, dedicadas principalmente às grandes indústrias da Ásia, aos tapetes, tinturagem de almofadas, lãs, couros, desenvolvia-se uma rica agricultura. Os variados produtos das margens do Hermo e do Meandro, as riquezas minerais do Tmolo e do Messogis, origem dos tesouros da velha Lídia assíria, tinham produzido, em Trales especialmente, uma burguesia opulenta, que travava alianças com os reis da Ásia, elevando-se por vezes até a realeza. Estes adventícios enobreciam-se ainda mais pelos seus gostos literários e pela sua generosidade. Sem dúvida, não se pode procurar nas suas obras nem a delicadeza nem a perfeição helênicas. Conhece-se bem, apreciando tão ornamentados monumentos, que toda a nobreza desaparecera, quando eles se ergueram. Porém, o espírito municipal era muito forte ainda. O cidadão tornando-se rei, ou tendo chegado a alcançar o favor de César, recebia as funções da sua cidade e dispendia a sua fortuna para a embelezar.[13] Este movimento de construções estava em toda a sua plenitude na época de Paulo,[14] em parte devido aos terremotos

[10] Ovídio, *Pont.*, II, X, 21.

[11] É o que demonstrou a crise do algodão, e o que se tornará visível dentro de cem anos.

[12] Jos., *B. J.*, II, XVI, 4.

[13] Estrabão, XII, VIII, 1.

[14] Estrabão, XII, VIII, 16; XIII, IV, 8; XIV, I, 42. As belas ruínas de Anatólia são em grande parte desse tempo.

que, principalmente sob o reinado de Tibério, tinham desolado o país.[15]

Uma próspera parte da Frígia meridional, especialmente a pequena bacia do Lico, tributário do Meandro, viu formarem-se centros cristãos muito ativos.[16] Nessa região desenvolvia-se a vida de três cidades vizinhas, Colossas ou Colassos, Laodicéia- sobre- o Lico e Hierápolis. Colossas, que no passado havia tido grande importância, parecia declinar; era uma velha cidade fiel aos antigos costumes e que não mudara. Laodicéia e Hierápolis, ao contrário, tinham-se convertido, por efeito da dominação romana, em cidades muito importantes. A alma deste belo país é o monte Cadmo, o pai de todas as montanhas da Ásia ocidental, maciço gigantesco, cheio de precipícios e coberto de neves eternas. As águas que dele correm alimentam, numa das encostas do vale, campos cheios de árvores frutíferas, atravessados por pequenos rios repletos de peixes, e onde vinham descansar as mansas cegonhas. O outro lado está completamente nas mãos dos mais estranhos jogos da natureza. A propriedade infiltradora das águas de um dos afluentes do Lico e o enorme rio termal que como cachoeira cai em cascata da montanha de Hierápolis, esterilizaram a planície, formando fendas, cavernas, leitos de rios subterrâneos, aberturas fantásticas semelhantes à neve petrificada, servindo de reservatório a águas que refletem todas as tonalidades do arco-íris, fossos profundos onde jorram uma grande quantidade de cataratas de água impetuosa. Deste lado, como o solo é calcário, o calor é grande; mas nas alturas de Hierápolis, a pureza do ar, a luz esplêndida, a vista do Cadmo, flutuando como um Olimpo no éter deslumbrante, os píncaros incendiados da Frígia desfazendo-se no azul do céu num delicioso cor-de-rosa, a abertura do vale do Meandro, os aspectos oblíquos do Messogis, os alvos cumes longínquos do Tmolo, tudo isto produz um verdadeiro deslumbramento. Nesse lugar viveram Filipe e Papias; aí nasceu Epiteto. O vale inteiro do Lico possui o mesmo caráter de misticismo sonhador. A população não era grega de origem; em parte era frígia. Supõe-se que existiu próximo do Cadmo um antigo estabelecimento semítico, provavelmente em anexo da Lídia. Este aprazível vale, separado do resto do mundo, tornou-se para o cristianismo um refúgio, tendo a idéia cristã, como veremos, sofrido aí as mais tristes provações. O evangelista destas regiões foi Epafrodite ou Epafras, de Colossas, homem muito servidor, amigo e colaborador de Paulo.[17]

Paulo apenas atravessara pelo vale do Lico, sem nunca mais regressar;[18] mas estas igrejas, compostas de pagãos convertidos, estavam também, pela mesma forma, a ele submetidas.[19] Epafras exercia nas três cidades uma espécie de episcopado.[20] Ninodoro ou Ninfas, que em Laodicéia reunia em sua casa uma igreja;[21] o rico e bondoso Filémon, que em Colossas presidia um pequeno convento semelhante;[22] Ápia, diaconisa desta cidade,[23] talvez mulher de Filémon;[24] Arquipo, que aí desempenhava também uma função importante,[25] reconheciam todos Paulo como chefe. Supõe-se que Arquipo trabalhou diretamente com Paulo. O apóstolo chama-lhe seu "companheiro de armas".[26] Filémon, Ápia e Arquipo deviam ser parentes ou manter relações estreitas.[27]

Os discípulos de Paulo viajavam sempre, mantendo sempre o mestre bem-informado. Logo após formado, cada fiel tornava-se um catequista zeloso, espalhando a sua fé. As delicadas aspirações morais que reinavam no país propagavam o movimento como uma nuvem de pó. Os catequistas iam a toda a parte, mal chegavam eram logo recebidos como tesouros, todos disputavam o encargo de os alimentar.[28] Por toda a parte aumentava aquela doce cordialidade

---

[15] Tácito, *Ann.*, II, 47; Estrabão, XII, VII, 18; Plínio, *Hist. Nat.*, II, 91.

[16] *Col.*, I, 2; II, 1; IV, 13, 15, 16; *Apoc.*, I, 11; III, 14.

[17] *Col.*, I, 6-7; IV, 12-13.

[18] *Ibid.*, II, 1.

[19] *Ibid.*, I, 9; II, 1, 13.

[20] *Ibid.*, IV, 13.

[21] *Ibid.*, IV, 15.

[22] *Filém.*, 1, 2, 5, 7.

[23] *Ibid.*, 2.

[24] *Comp.* I *Cor.*, IX, 5; *hom*, XVI, 15. São João Crisóstomo e Teodorico o imaginam dessa maneira.

[25] *Col.*, IV, 17; *Filém.*, 2.

[26] *Filém.*, 2; cf. II *Tim.*, II, 3.

[27] Sem isso não se compreende *Filém.*, 1-2.

[28] *Gál.*, VI, 6.

e aquela íntima alegria, juntamente com uma bondade infinita, aquecendo todos os corações. O judaísmo tinha precedido o cristianismo nestas regiões e várias colônias judaicas aí vieram se estabelecer, saídas de Babilônia havia dois séculos e meio, introduzindo talvez na região algumas indústrias (a de fabricação dos tapetes, por exemplo) que, sob os imperadores romanos, tanta riqueza e tão fortes associações produziram no país.

O sermão de Paulo e seus discípulos teria atingido a grande Frígia, a região de Ezanes, de Sinnades, de Cotiéia, de Docimia? Nas suas duas primeiras viagens, Paulo pregou na Frígia Paroréia; na segunda viagem, atravessou sem pregar a Frígia Epiteta; na sua terceira viagem, atravessou Apaméia Kibotos e a Frígia, mais tarde chamada Pacaciana. É provável que o resto da Frígia, bem como a Bitínia, devessem apenas aos discípulos de Paulo as sementes do cristianismo. Pelo ano 112[29] o cristianismo aparece na Bitínia como um culto enraizado, tendo penetrado em todas as classes sociais e invadido os burgos e os campos tanto como as cidades. Como conseqüência do seu grande desenvolvimento havia extinguido o culto oficial, se bem que a autoridade romana se limitasse sempre a ver renovarem-se os sacrifícios, voltarem alguns fiéis aos templos e as vítimas encontrarem de vez em quando compradores. Nesse ano 112, interrogadas algumas pessoas sobre se eram cristãs, responderam que o haviam sido, mas que tinham deixado de o ser "há mais de vinte anos".[30] Desta forma a primeira pregação cristã devia ter ocorrido nesta região, ainda durante a vida de Paulo. A Frígia foi, desde então, e permaneceu durante trezentos anos, um país cristão por excelência. Foi na Frígia que teve início a profissão pública do cristianismo; aí se encontra, desde o século III, nos monumentos expostos a todos os olhares, a palavra ΧΡΗΤΙΑΝΟΣ ou ΧΡΙΣΤΙΑΝΟ;[31]

[29] As últimas descobertas epigráficas atribuem à carta de Plínio a Trajano sobre os cristãos essa data. Noel Desvergers, nos *Comptes Rendus de l'Academie des Inscriptiona*, 1886, pp. 83-84; Mommsen, no *Hermes*, III, 59, 96-98 (Berlim, 1868).

[30] Plínio, *Epist.*, X, 97. Comp. I *Petri*, I, 1.

[31] *Corpus inscr. gr.*, nº 857 *g*, p, 3865 l (ef. 2883 *d*); Le Bas, *Inscr.*, III, nºs 727, 783, 785, e as notas de Waddington; Perrot, *Expl. de la Gál.*, p. 126.

aí se encontram certas fórmulas tumulares que, sem se declararem ainda nitidamente cristãs, encerram a expressão indecisa de dogmas cristãos; e é também nessa região que, desde o tempo de Séptimo Severo, as grandes cidades adotam para as suas moedas símbolos bíblicos, ou melhor, ajustam as suas velhas tradições às tradições bíblicas.

Era da Frígia que provinha grande parte dos cristãos de Éfeso e de Roma. Os nomes que mais aparecem nos monumentos da Frígia são os velhos nomes cristãos, os nomes especiais da era apostólica, os que enchem os martirológios. É provável que esta adoção imediata da doutrina de Jesus derivasse da raça e das instituições anteriores do povo frígio. Conta-se que Apolônio de Tiana teve alguns templos nestas populações ingênuas; a idéia de deuses assumindo a forma humana era uma coisa que lhes parecia muito natural. As ruínas da velha Frígia respiram ainda algo de religioso, de moral, de profundo, de semelhante ao cristianismo.[32]

Alguns trabalhadores, perto da Cocia, fizeram um voto "aos deuses santos e justoso"[33]; não muito distante um outro voto é dirigido "ao Deus santo e justo".[34] Certo epitáfio em verso desta província, em estilo pouco clássico, incorreto e desajeitado de forma, parece cheio de sentimento moderno, uma espécie de sentimentalismo tocante.[35] O país é muito diferente do resto da Ásia. É triste, severo, sombrio, dando a impressão profunda de antigas catástrofes geológicas, cheio de cicatrizes, ou melhor, queimado e atormentado por terremotos freqüentes.[36]

O nome Jesus circulou, na mesma época, em Ponto e a Capadócia.[37] Como um incêndio, o cristianismo espalhou-se por toda a Ásia Menor. Julga-se que os judaico-cristãos se esforçassem em espalhar aí o Evangelho. João, que pertencia a esse núcleo,[38] foi

[32] Perrot, *Explor. de la Gál.*, p. 118.

[33] *Corpus inscr. gr.*, nº 3830.

[34] Le Bas (Waddington), *Inscr.*, III, nº 1670.

[35] Inscr. nº 1847 *n do Corpus*.

[36] Estrabão, XII, VIII, 18; XIII, IV, 11.

[37] I *Petri*, I, 1. Cf. *Atos*, II, 9-10.

[38] *Apocal.*, II e III; Polícrates, em Eus., *H. E.*, V, 2.

acolhido na Ásia como um apóstolo com uma autoridade superior à de Paulo. O *Apocalipse*, dirigido no ano 68 às igrejas de Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatires, Sardes, Filadélfia, Laodicéia sobre o Lico, parece ter sido escrito por judaico-cristãos. Sem dúvida, entre a morte de Paulo e a redação do *Apocalipse*, ocorreu em Éfeso e na Ásia uma segunda pregação judaico-cristã. Se durante dez anos fosse Paulo o único chefe das igrejas da Ásia não se compreenderia que ficasse esquecido tão rapidamente. São Filipe[39] e Papias,[40] glórias da igreja de Hierápolis; Melitão,[41] glória da igreja de Sardes, eram judaico-cristãos. Nem Papias nem Polícrates de Éfeso citam Paulo; a autoridade de João absorve tudo, e João é para essas igrejas um sumo sacerdote judeu. No século II, as igrejas da Ásia, a igreja de Laodicéia principalmente, são o palco de uma controvérsia relacionada com a questão vital do cristianismo e em que o partido tradicional se mostra muito afastado das idéias de Paulo.[42] O montanismo é uma espécie de regresso ao judaísmo no seio do cristianismo frígio. Em outras palavras, tanto na Ásia como em Corinto a memória de Paulo, depois da sua morte, parece sofrer durante cem anos uma espécie de eclipse. As igrejas que fundou o abandonam como um homem comprometedor, parecendo renegá-lo, universalmente, no século II.[43] Essa reação deve ter sido produzida logo após a morte do apóstolo, ou mesmo antes.

Os Capítulos II e III do *Apocalipse* são um grito de ódio contra Paulo e os seus amigos. A igreja de Éfeso, que tanto deve a Paulo, vangloria-se "de não poder suportar os maus, de ter sabido experimentar os que se dizem apóstolos sem o ser,[44] de os ter convencido de mentira, de odiar as obras dos nicolaítas", "que eu também odeio", acrescenta a voz celeste.[45] A igreja de Esmirna é felicitada

[39] Polícrates, em Eusébio, *l. c.*

[40] Todos os seus textos.

[41] Eusébio, *H. E.*, IV, 26; V, 24. Escreveu sobre o Apocalipse.

[42] Eusébio, *H. E.*, IV, 26; V, 23-25; *Chron. Pascale*, p. 6 e seg.; (Du Cange).

[43] Dionísio de Cor., em Eus., *H. E.*, II, 25.

[44] Comp. II *Cor.*, XI, 13.

[45] *Apoc.*, II, 2, 6.

por "ser o objeto das injúrias de pessoas que se dizem judeus sem o serem,[46] e que constituem apenas uma sinagoga de Satã".[47] "Eu tenho contra ti alguma coisa", diz a voz divina à igreja de Pérgamo: "é que tu conservas certas pessoas que propagam a doutrina de Balaão, que ensinava em Balac a armar escândalo perante os filhos de Israel, arrastando-os a comer carnes sacrificadas aos ídolos e a fornicar.[48] Tu mesma tens pessoas que professam a doutrina dos nicolaítas".[49] "Tenho contra ti alguma coisa", diz a mesma voz à igreja de Tiatires, "é que tu permites à tua mulher Jezabel,[50] que se diz profetisa, que doutrine e transvie os meus servidores, ensinando-os a fornicar e a comer carnes sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe o tempo de fazer penitência, mas ele não quer arrepender-se da sua fornicação... Quanto a vós outros de Tiatires, que não professais essa doutrina, e que não conheceis as profundezas de Satã, como eles dizem,[51] não vos enviarei nenhum outro flagelo".[52] E à igreja de Filadélfia: "Eu permitirei às pessoas da sinagoga de Satã, que se dizem judeus sem o serem, que venham se lançar aos teus pés e aprender como eu te amo."[53] Talvez estas vagas censuras dirigidas pelo Vidente às igrejas de Sardes e de Laodicéia[54] encerrassem também alusões ao grande debate que dilacerava a igreja de Jesus.

Repetiremos mais uma vez: se Paulo tivesse sido o único missionário da Ásia, não seria possível que, pouco tempo depois da sua morte (supondo-se que morreu na ocasião em que o *Apocalipse* apareceu), pudessem os seus seguidores serem minoria nas igrejas

[46] Compl. II *Cor.*, XI, 22; *Fil.*, III.

[47] *Apoc.*, II, 9.

[48] Comp. I *Cor.*, VIII; *Atos*, XV, 29.

[49] *Apoc.*, II, 14-15.

[50] Designação simbólica de Paulo, considerado como infiel e como responsável por levar o povo à infidelidade.

[51] Alusão à I *Cor.*, II, 10. Paulo designava em freqüência as suas revelações pela expressão de "profundezas de Deus". Os seus adversários substituíam por ironia o nome de Deus pelo de Satã.

[52] *Apoc.*, II, 20 e seg.

[53] *Apoc.*, III, 9.

[54] *Apoc.*, III, 1 e seg.; 14 e seg.

deste país; principalmente não se poderia conceber que a igreja de Éfeso, de que ele foi o principal fundador, chegasse a qualificá-lo com um apelido injurioso. Paulo geralmente tinha escrúpulo de trabalhar no terreno de outrem, de pregar e escrever a igrejas que ele não criara.[55] Mas os seus inimigos não observavam a mesma discrição, seguiam-no passo a passo e tratavam de destruir a sua obra por meio de inverdades e injúria.

[55] *Rom.*, XV, 20 e seg.; II, *Cor.*, X, 13-16.

Dissidência na igreja de Corinto— Apolos — Primeiros escândalos

Paulo, ao mesmo tempo que coordenava a ampla propaganda que ia conquistando a Ásia para o culto de Jesus, era envolvido por gravíssimas inquietações. Sobre ele pesava a solicitude de todas as igrejas que fundara,[1] em especial a igreja de Corinto.[2] Durante os três ou quatro anos que decorreram da partida do apóstolo do porto de Kenchrées, esta igreja foi continuamente agitada por movimentos de diversos. A superficialidade grega produzia fenômenos que nunca haviam ocorrido em nenhum dos lugares em que chegara o cristianismo.

Apolos, depois de uma ligeira permanência em Éfeso, onde Áquila e Priscila cuidavam da sua educação cristã, partira para Corinto, levando cartas muito calorosas dos irmãos da Ásia para os de Acaia.[3] O saber e a eloqüência deste doutor foram muito admirados pelos Coríntios. Apolos igualava-se a Paulo no conhecimento das Escrituras, e excedia-o pela sua cultura literária. Dominava o idioma grego, ao contrário do apóstolo, que era muito

[1] II *Cor.*, XI, 28.

[2] Alguns críticos, baseando-se na II *Cor.*, II, 1; XII, 14, 21; XIII, I, 2, supõem que Paulo, durante a sua permanência em Éfeso, fez uma viagem a Corinto, viagem suprimida nos *Atos*; mas todas estas passagens podem ser explicadas sem necessidade de uma tal hipótese.

[3] *Atos*, XVIII, 27-28.

defeituoso. Tinha também, ao que parece, os dons exteriores do orador, que faltavam a Paulo, ou seja, a atitude imponente, a palavra fácil. Mas Paulo, em Corinto, teve inotáveis sucessos. A sua argumentação com os judeus sobre a questão de saber se Jesus era ou não o Messias passava por ser muito rigorosa; e ele conseguiu muitas conversões.[4]

Apolos e São Paulo tinham, na nova seita, fisionomias distintas. Eram os únicos judeus instruídos à maneira judaica, que tinham se filiado à doutrina de Jesus, mas provinham de escolas diferentes. Paulo saíra do farisaísmo hierosolimítico, corrigido pelas tendências liberais de Gamaliel. Apolos provinha da escola judaico-helênica de Alexandria, como a conhecemos por Fílon; já ensinara talvez as teorias do *logos*, e foi o introdutor destas na teologia cristã. Paulo tinha esse ardor febril, o fanatismo extremo que caracteriza o judeu da Palestina. As naturezas como as de Paulo mudam apenas uma vez na vida; uma vez achada a direção do seu fanatismo, vão para a frente sem vacilar e sem examinar nada. Apolos, mais curioso e mais investigador, era suscetível de continuar a fazer investigações; era um homem talentoso mais do que um apóstolo. Mas tudo converge a crer que aliava a este talento uma grande sinceridade, e que foi uma pessoa muito interessante. Na época da sua chegada a Corinto, não conhecia Paulo.[5] Apenas por Àquila e Priscila é que fora apresentado ao apóstolo do qual, sem o querer, torna-se-ia em breve rival.

Nestes tipos de populações, as facções, os partidos, as divisões são uma necessidade social, pois sem isso a vida tornar-se-lhes-ia enfadonha. Buscando a satisfação de odiar e de amar, de ser excitado, invejoso, vencedor pela sua vez, muitas vezes se questiona a respeito das coisas mais infantis. O motivo da divisão é insignificante; é a divisão que se pretende e que se procura por si mesma. As questões pessoais tornam-se, nestas sociedades, verdadeiras questões capitais. Se dois pregadores ou dois médicos se encontram numa pequena cidade ao meio-dia, esta divide-se em dois partidos a respeito dos méritos de cada um. Os dois pregadores, os dois médicos, podem ser sinceros amigos mas não impedirão que os seus nomes passem

[4] *Atos*, XVIII, 24-28: I Cor., III, 5 e seg.

[5] *Atos*, XIX, 1.

a ser o símbolo de lutas, o estandarte de dois campos inimigos. Foi o que aconteceu em Corinto.[6] O talento de Apolos conquistou a todos. Ele tinha modos totalmente diferentes dos de Paulo, que arrebatava pela sua força, pela sua paixão e pela impressão da sua alma ardente. Apolos, pela sua palavra elegante, correta, segura da sua superioridade. Algumas pessoas pouco afeiçoadas a Paulo, e a quem talvez não deviam a conversão, preferiram Apolos. Trataram Paulo como homem grosseiro, sem educação, estranho à filosofia e às belas-letras.[7] Apolos foi seu doutor; juravam só por ele.[8]

Os fiéis de Paulo intervieram por certo calorosamente, e procuraram rebaixar o novo doutor. Embora Paulo e Apolos não fossem inimigos, e se considerassem colaboradores e entre eles não houvesse nenhuma diferença de opinião,[9] os seus nomes tornaram-se, deste modo, as senhas de dois partidos que mutuamente trocaram, contra a vontade dos dois doutores,[10] as maiores acusações. A rixa persistiu, mesmo após a partida de Apolos que exausto do interesse que lhe dispensavam e, colocando-se acima de todas estas mesquinharias, abandonou Corinto e regressou a Éfeso. Aí encontrou Paulo, com o qual teve longas conversas[11] e com quem relacionava-se, e independente do discípulo ou do amigo íntimo,[12] foram as relações de dois grandes espíritos, dignos de se compreenderem e de se amarem.

No entanto, essa não foi a única causa de discórdia. Corinto era um lugar muito freqüentado por estrangeiros. Desembarcavam no porto de Kenchréias todos os dias grande número de judeus e sírios, muitos dos quais já eram cristãos, mas de uma escola diferente da de Paulo, e pouco favoráveis ao apóstolo. Os emissários da igreja de Jerusalém, que encontramos em Antioquia e na Galácia, sobre os passos de Paulo, tinham chegado a Corinto. Grandes

[6] I *Cor.*, I, 10 e seg.; III, 3 e seg.; II *Cor.*, XII, 20. A igreja de Corinto durante muito tempo manteve os mesmos defeitos. Veja-se a primeira epístola de Clemente Romano aos Coríntios, Caps. 2, 3, 14. 46, 47, 54.

[7] I *Cor.*, I, 17 e seg.

[8] I *Cor.*, I, 12; III, 4.

[9] I *Cor.*, III, 6, 8-10; IV, 6; XVI, 12.

[10] I *Cor.*, IV, 6.

[11] I *Cor.*, XVI, 12.

[12] *Tit.*, III, 13.

conversadores, todos vaidosos,[13] munidos de cartas de recomendação dos apóstolos de Jerusalém,[14] levantaram-se contra Paulo, espalharam suspeitas sobre a sua probidade,[15] diminuíram ou negaram o seu título de apóstolo, levando a sua deslealdade até o extremo de sustentarem que o próprio Paulo não se julgava realmente apóstolo, pois que não se utilizava dos privilégios do apostolado.[16] O seu desinteresse era explorado contra ele. Apresentavam-no como um homem fútil, superficial, inconstante, falando e ameaçando sem efeitos práticos; censuravam-no de se vangloriar a respeito de tudo, de fazer apelo a pretendidos favores celestes.[17] Colocavam em risco as suas visões.[18] Insistiam em que Paulo não conhecera Jesus,[19] não tendo, portanto, nenhum direito de falar d'Ele. Ao mesmo tempo apresentavam os apóstolos de Jerusalém, principalmente Tiago e Pedro, como sendo verdadeiros apóstolos, os *arquiapóstolos*.[20] Os emissários, apenas pelo fato de pertencerem a Jerusalém, pretendiam estar em relação com Cristo pela carne, em virtude da ligação que tinham com Tiago e com aqueles que Cristo escolhera ainda em vida.[21] Sustentavam que Deus estabelecera um único doutor, que era Cristo, o qual instituíra os Doze.

Vangloriando-se da sua circuncisão e da sua descendência judaica,[22] tratavam de utilizar cada vez mais a cadeia da observância da Lei.[23] Em Corinto, como em quase toda a parte, criou-se um

[13] II *Cor.*, V, 12; X, 12 e seg.; XI, 13, 16 e seg.; *Rom.*, XV, 18, 20.

[14] II *Cor.*, III, 1; IV, 2; V, 12; X, 12, 18; XII, 11. Cf. *Recognit*, 1V, 35; *Homil. pseudo-clem.*, XI, 35.

[15] I *Cor.*, IX, 2; II *Cor.*, XII, 16. Cf. *Jud.*, 11, 16.

[16] I *Cor.*, IX, 1 e seg.; II *Cor.*, XI, 7 e seg.

[17] I *Cor.*, IV, 10, 12; IX, 4 e seg.; II *Cor.*, I, 12 e seg.; III, 1; VI, 8; X, 10-12; XI, 7.

[18] *Hom. pseudo-clem.*, XVIII, 13-19.

[19] II *Cor.*, V, 16.

[20] I *Cor.*, I, 12; II *Cor.*, XI, 4 e seg.; XII, 11 e seg.

[21] II *Cor.*, V, 16; X, 7.

[22] II *Cor.*, XI, 18.

[23] I *Cor.*, VIII, 1 e seg.

"partido de Pedro". A divisão era profunda: "Eu sou por Paulo", diziam uns; "eu sou por Apolos", diziam outros; "eu sou por Pedro", diziam outros ainda. Também houve quem, considerando-se espírito superior a estas questiúnculas, assumira um título mais espiritual. Esses inventaram, para nomearem a si mesmos, a expressão "partido de Cristo". Quando a discussão estava acalorada e os nomes de Paulo, Apolos e Pedro se cruzavam na briga, eles intervinham com o nome daquele que ficava no meio disto tudo esquecido. "Eu sou por Cristo", diziam,[24] e como todas essas infantilidades helênicas não excluíam, no fundo, um verdadeiro sentimento cristão, a lembrança de Jesus provocada dessa forma era de um poderoso efeito para restabelecer a paz. Porém, o nome "partido de Cristo" implicava alguma coisa de hostil contra o apóstolo e certa ingratidão, pois os que o opunham ao "partido de Paulo" parecia querer abafar os vestígios de um apostolado a que deviam o conhecimento de Cristo.

O relacionamento com os pagãos não causava menores perigos à nova igreja. Estes tinham origem na filosofia grega e nos maus costumes, que invadiram na igreja e a minaram por todos os lados. Vimos nas páginas precedentes como em Atenas a filosofia bloqueara os progressos dos sermões de Paulo. Corinto estava muito longe de ser uma cidade de tão elevada cultura como Atenas possuía, no entanto, muitas pessoas instruídas que acolhiam com muitas reservas os novos dogmas. A cruz, a ressurreição, a próxima renovação de todas as coisas, afiguravam-se-lhes uma série de loucuras e absurdos. Diversos fiéis deixavam-se abalar por eles ou, tentando impossíveis conciliações, alteravam o Evangelho. Iniciava-se a luta desesperada da ciência positiva com os elementos sobrenaturais da fé cristã. Esta luta somente terá fim pela extinção completa da ciência positiva no mundo cristão, no século VI; e renascerá com a ciência positiva no âmago dos tempos modernos.

A imoralidade que grassava em Corinto exercia na igreja efeitos desastrosos. Muitos cristãos ainda não tinham se desligado de determinados hábitos, que quase haviam deixado de parecer culpados.[25]

[24] I *Cor.*, I, 12; III, 22; II *Cor.*, X, 7.

[25] I *Cor.*, V, 9 e seg.; VI, 12 e seg.; X, 8.

Falava-se de espetaculares escândalos, até então ignorados, na assembléia dos santos. Os maus costumes da cidade ultrapassavam a porta da igreja e a corrompiam. Haviam sido violadas as regras judaicas sobre o casamento,[26] cujo caráter imperativo e absoluto todas as facções da igreja cristã proclamavam;[27] havia cristão que vivia publicamente com a madrasta. Um espírito de vaidade, de frivolidade, de disputa, de tolo orgulho reinava em muitos deles.[28] Parecia que não existia mais nenhuma igreja no mundo, pois esta comunidade seguiu o seu caminho sem se importar com as outras.[29]

Os dons do espírito, a glossolália, a pregação profética, o dom dos milagres, em outros lugares motivo para tantas conversões, degeneraram em cenas chocantes.[30] Invejaram-se reciprocamente;[31] os inspirados de classes diversas interrompiam-se de uma maneira grotesca.[32] Assim na igreja resultaram desordens extraordinárias.[33] As mulheres, nas outras regiões tão submissas, eram em Corinto audaciosas e reclamavam quase a sua igualdade perante os homens. Elas pretendiam orar alto e profetizar na igreja e sem véu, soltando os longos cabelos, trazendo a assembléia por testemunha dos seus êxtases, dos seus torpores de meia embriaguez e dos seus piedosos devaneios.[34]

Porém, eram em especial os ágapes ou festins místicos onde ocorriam aos maiores abusos. As mesmas cenas de comesaina que se seguiam aos sacrifícios pagãos eram reproduzidas. Em vez de partilharem com todos, cada um comia a parte que tinha trazido; assim, uns saíam quase embriagados, outros cheios de fome. Os pobres ficavam cobertos de vergonha; era como se os ricos insultassem com a sua abundância os que nada tinham. A lembrança

---

[26] I *Cor.*, V, 1 e seg.; VII.

[27] *Atos*, XV, 29.

[28] I *Cor.*, IV, 6-8; XI, 16-19; XIII, 4 e seg.; II *Cor.*, XII, 20.

[29] I *Cor.*, XIV, 36.

[30] I *Cor.*, XIV, 23 e seg.

[31] I *Cor.*, XII, 15 e seg.; XIII, 4.

[32] I *Cor.*, XIII, 5; XIV, 33, 39.

[33] I *Cor.*, XIV, 40.

[34] I *Cor.*, XI, 3 e seg.; XIV, 33-35.

de Jesus e do elevado significado que ele dera a esta refeição estava esquecido.[35] O estado físico dos membros da igreja era, além disso, muito ruim; havia muitos doentes e muitos já haviam morrido.[36] As mortes, na situação em que se encontravam os espíritos, causavam grande surpresa e hesitação;[37] as doenças eram consideradas como provações ou castigos.[38] Bastariam então apenas quatro anos para afastar toda a virtude à obra de Jesus? Não, por certo.

Havia ainda famílias edificantes, especialmente a de Estefânio, votada ao serviço da igreja e que era um modelo de atividade evangélica.[39] Mas as condições da sociedade cristã já haviam mudado. A pequena igreja de santos do último dia atirava-se num mundo corrompido, frívolo, pouco místico. Nessa época já havia maus cristãos! Desaparecera o tempo em que Anania e Safira tinham sido fulminados por conservarem uma pequena propriedade. O festim sagrado de Jesus convertera-se numa orgia, e a terra não se abria para devorar aquele que saía embriagado da mesa do Senhor. Estas más notícias chegavam até Paulo, enchendo-o de tristeza.

Os primeiros boatos mencionavam apenas algumas faltas contra os costumes. A este respeito Paulo escreveu uma epístola que se perdeu.[40] Nela proibia aos fiéis de relacionarem-se com as pessoas cuja vida não fosse pura. Pessoas mal-intencionadas davam a esta ordem uma interpretação que a tornava impossível de executar. “Não ter relações em Corinto, diziam, senão com pessoas irrepreensíveis!... Mas que imagina ele? Não é apenas de Corinto, mas sim do mundo que é preciso sair”. Assim Paulo foi obrigado a repetir esta ordem e a explicá-la. Ele conheceu as divergências que agitavam a igreja um pouco mais tarde, provavelmente em abril,[41]

---

[35] I *Cor.*, XI, 20 e seg. Cf. *Jud.*, 12.

[36] I *Cor.*, XI, 30.

[37] Comp. I *Tess.*, IV, 13 e seg.

[38] I *Cor.*, V, 5; XI, 30-32.

[39] I *Cor.*, XVI, 15-17.

[40] I *Cor.*, V, 9 e seg.

[41] A navegação começava apenas a 20 de março (*Atos*, XXVII, 9; XXVIII, 11; Vegécio, *De Re Milit.*, IV, 39). A primeira Epístola aos

por irmãos que Paulo chama "os de Cloe".[42] Neste momento preciso ele pensava em ir embora de Éfeso.[43] Tendo, por motivos ignorados, de permanecer nessa cidade ainda mais algum tempo, enviou à Grécia, com poderes iguais aos seus, Timóteo[44] acompanhado de muitos irmãos,[45] entre outros Erasto, que provavelmente não era o tesoureiro da cidade, que tinha o mesmo nome.[46] Embora o objetivo principal da sua viagem fosse Corinto passaram pela Macedônia.[47] Paulo.tinha intenção de seguir também este itinerário[48] e, segundo o seu costume, antecipava seus discípulos para anunciar a sua chegada.

Logo em seguida da mensagem de Cloe e antes que Timóteo e o seu companheiro chegassem a Corinto,[49] novos enviados desta cidade procuraram Paulo.[50] Eram o diácono Estefânio, Fortunato e Acaio, três homens muito estimados pelo apóstolo. Estefânio era, segundo uma expressão do apóstolo, "as primícias de Acaia" e depois da partida de Áquila e Priscila assumira o primeiro lugar na comunidade, ou no mínimo no partido de Paulo. Os mensageiros levavam uma carta, pedindo explicações sobre a epístola anterior de Paulo e soluções para vários casos de consciência, em especial ao casamento, às carnes sacrificadas aos ídolos, aos exercícios espirituais e aos dons do Espírito Santo.[51] Os três emissários acrescentaram, de viva voz, detalhes sobre os abusos que tinham se introduzido na Igreja. Foi enorme a mágoa do apóstolo, e se não fosse

---

Coríntios foi escrita antes de Petencostes (I *Cor.*, XVI, 8), e talvez na Páscoa (I *Cor.*, V, 78).

[42] I *Cor.*, I, 11.

[43] *Atos*, XIX, 21.

[44] *Atos*, XIX, 22; I *Cor.*, IV, 17; XVI, 10-11.

[45] I *Cor.*, XVI, 11.

[46] Comp. *Rom.*, XVI, 23; II *Tim.*, IV, 20.

[47] *Atos*, XIX, 22; I *Cor.*, XVI, 10.

[48] I *Cor.*, XVI, 5.

[49] I *Cor.*, XVI, 10.

[50] I *Cor.*, XVI, 17-18.

[51] I *Cor.*, XVII, 1; VIII, 1; XII, 1; XVI, 1.

consolado pelos piedosos mensageiros[52] teria morrido diante de tanta fraqueza e frivolidade. Paulo fixava a sua partida para depois do Pentecostes,[53] que poderia estar distante ainda uns dois meses,[54] mas queria passar pela Macedônia.[55] Assim, não podia estar em Corinto antes de três meses. Resolveu, então, escrever imediatamente à igreja doente e responder às perguntas que lhe eram feitas. Como Timóteo não o acompanhava, tornou secretário um discípulo, chamado Sosteno e, por uma delicada atenção, quis que o nome deste discípulo figurasse na subscrição da carta, ao lado do seu.[56]

A carta principia por um apelo à paz e, sob a aparência de humildade, por uma apologia da sua pregação.

> "O que me contam? O que essas expressões querem dizer entre vós: 'Eu sou do partido de Paulo; eu do de Apolos; eu do de Cefas; eu do de Cristo?' Dar-se-á o caso que Cristo esteja dividido? Crucificou-se Paulo por vós? É em nome de Paulo que fostes batizados? Agradeço a Deus não ter batizado nenhum de vós, além de Crispo e Caio, de maneira a poder-se dizer que fostes batizados em meu nome. Batizei também a família de Estefânio; e na verdade não sei se batizei alguém, visto que Cristo não me enviou para batizar, mas para pregar, e para pregar sem nenhuma das habilidades da ciência profana, para que não se torne inútil a cruz de Cristo. O sermão da cruz transforma-se em loucura entre os homens perdidos; para nós, os salvos, ela é o poder de Deus; porque ele escreveu: 'Eu inutilizarei a sabedoria dos sábios, eu tornarei vã a prudência dos prudentes'.[57] Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o disputador mundano? Não tornou Deus idiota a sabedoria do mundo? Como o mundo não tinha conseguido pela sua filosofia conhecer Deus na sabedoria das suas obras, coube ao

---

[52] I *Cor.*, XVI, 17-18.

[53] I *Cor.*, XVI, 8.

[54] I *Cor.*, XVI, 19; XI, 34; XVI, 3 e seg., 41.

[55] I *Cor.*, XVI, 5.

[56] I *Cor.*, I, 1. Comp. XVI, 21.

[57] *Is.*, XXIX, 14.

mesmo Deus salvar os crentes pela pregação. Os judeus pedem milagres;[58] os gregos querem filosofia; quanto a nós, pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas Cristo, poder de Deus, sabedoria de Deus, para os chamados pelo Senhor, judeus ou gentios; porque a loucura de Deus é mais sábia que os homens, a fraqueza de Deus é mais forte que os homens. Considerai com efeito a nossa vocação, irmãos: não há entre vós muitos sábios segundo a carne, muitos poderosos, muitos nobres; Deus escolheu o que é louco segundo o mundo para confundir os fortes, o que é tolo e desprezado segundo o mundo, para que nenhuma carne se glorifique em sua presença...

Quanto a mim, irmãos, quando me aproximo de vós, não vou levar-vos o testemunho de Deus com o prestígio da eloqüência nem da filosofia. Enquanto estive entre vós sabia apenas uma coisa: Jesus Cristo, e Jesus Cristo crucificado. Todo esse tempo o passei na fraqueza, no receio, no terror; os meus discursos, a minha pregação não iam buscar a sua força nos argumentos da filosofia, tirava-na das demonstrações vivas do Espírito e do poder divino,[59] para que a nossa fé não se firmasse na sabedoria dos homens, mas sim na força de Deus.

Nós também temos a nossa sabedoria, mas a revelamos apenas aos perfeitos. Essa sabedoria não é a sabedoria do mundo, nem a sabedoria dos príncipes deste mundo, cujo reino já acabou... Não recebemos o espírito do mundo, mas o espírito que vem de Deus, e que ele nos revela; nós o exprimimos em palavras ditadas pelo Espírito e não pela sabedoria humana, cuidadosos como devemos ser em expor as coisas espirituais em linguagem espiritual. O homem que possui apenas as suas capacidades naturais não compreende as coisas do Espírito de Deus: estas coisas são para ele loucura, não as podendo conhecer, porque elas só podem ser entendidas espiritualmente. O homem espiritual, ao contrário, julga tudo e não é julgado por ninguém.

Até aqui, irmãos, tenho-vos falado não como a homens espirituais, mas sim como a homens carnais, como a filhos de Cristo, ainda muito recentes. Dei-vos ainda apenas leite, não comida, porque ainda não poderíeis digerir. Hoje mesmo ainda o não podeis. Não é o simples fato dessas invejas e disputas entre vós a prova de que sois carnais e que os desígnios humanos são a regra da vossa conduta? Quando um de vós diz: 'Eu sou de Paulo', outro: 'Eu sou de Apolos', não mostrais com isto que realmente não sois mais do que homens? Que é Apolos? Que é Paulo? Ambos são os ministros de que o Senhor se serviu para vos fazer acreditar, cada um segundo o que lhe foi dado. Eu plantei, Apolos negou; mas foi Deus que operou o crescimento. O que planta e o que rega nada são; Deus, que realiza o crescimento, é que é tudo... Nós somos os colaboradores de Deus; vós sois o campo que Deus trabalha, a casa que ele edifica. Segundo a graça de Deus que me foi dada eu construi os alicerces como um hábil arquiteto, um outro sobre esses alicerces edificou. Ninguém pode pôr um outro alicerce, além do que eu coloquei, o qual é Jesus Cristo... Não sabeis que sois o templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?... É preciso que ninguém se iluda: se acaso alguém entre vós parece ser sábio aos olhos do século, que ele se torne louco para se tornar realmente sábio; porque a sabedoria do mundo é a loucura perante Deus. Não escreveu ele, porventura: 'Ele embaraçará os sábios nas suas finuras'[60] e ainda: 'O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, e sabe que eles são vãos'?[61] Que ninguém procure a sua glória nos homens.[62] Tudo está em vós, Paulo, Apolos, Cefas, o mundo, a vida, a morte, o presente, o futuro. Tudo está em vós, eu vo-lo digo; e vós estais em Cristo e Cristo em Deus.

Nós somos os ministros de Cristo e os que espalhamos os mistérios de Deus... Quanto a mim, pouco importa-me ser julgado por vós ou por um tribunal humano; eu a mim mesmo me proíbo o julgar-me... O meu verdadeiro juiz é o Senhor... Esperai que o Senhor venha lançar a luz nas coisas escondidas na

[58] Comp. *Mat.*, XVI, 1 e seg.

[59] Sobre os fenômenos espíritas e dos milagres.

[60] *Job.*, V, 13.

[61] *Salm.*, XCIV, 11.

[62] Significa em tal ou tal mestre, Paulo, Apolos etc.

sombra e trazer à luz do sol as vontades dos corações; então cada qual terá de Deus o louvor que merecer.

Se fiz a aplicação destes princípios, irmãos, a mim e a Apolos, é para que aprendais a verdade do provérbio: 'Não façais senão o que manda a Escritura',[63] e para que cesseis de vos voltardes uns contra os outros devido a terceiros... Dir-se-ia realmente que não tendes necessidade de nada, que estais ricos com o vosso próprio fundo, que atingistes sem nós[64] o reino do Céu. Assim aprouve a Deus! Espero pelo menos que nos permitireis de lá entrar convosco. Quanto a mim, pensei sempre que Deus fez os últimos dos homens de nós, apóstolos, desgraçados reservados para a morte, oferecidos em espetáculo, como num anfiteatro, ao mundo, aos anjos e aos homens. Nós somos loucos por Cristo, vós sois sábios em Cristo; nós somos fracos, vós sois fortes; vós sois gloriosos, nós somos obscuros. Até agora, a nossa vida foi ter fome e sede, sofrer a nudez, ser açoitados, errar por aqui e por ali, trabalhar sem descanso das nossas mãos. Malditos, nós benzemos; perseguidos, suportamos a perseguição; injuriados, redobramos de amabilidades e atenções. Nós temos sido até agora o lixo do mundo, o refugo de todos.

Não vos escrevo isto para vos envergonhar, mas para vos advertir como a filhos muito queridos. Vós podereis encontrar dez mil pedagogos em Cristo, mas não encontrareis muitos pais; e eu engendrei-vos em Cristo por meio do Evangelho. Peço-vos pois que sejais os meus imitadores. Enviei-vos Timóteo, que é o meu filho querido e fiel no Senhor, para que ele vos faça conhecer a minha maneira de agir em Cristo e como eu ensino em todas as igrejas. Acreditando que eu não voltaria a estar convosco, alguns têm saído de si; mas em breve eu aí irei, se Deus quiser, e julgarei os díscolos; julgá-los-ei, não segundo as suas palavras, mas segundo os seus atos; porque o reino de Deus consiste em atos e não em palavras. Qual quereis vós?

[63] Provérbio semelhante ao nosso "mais realista que o rei". Paulo alude àqueles que eram mais apaixonados por Paulo e Apolos do que os próprios Paulo e Apolos.

[64] Sem a ajuda de Paulo e Apolos.

Que eu vá para vós com a chicote, ou com amor e com espírito de doçura?"

Depois desta apologia geral, o apóstolo analisa cada um dos abusos que lhe haviam sido contados e cada uma das questões cuja resolução lhe haviam pedido. É, para o incesto, de uma severidade extrema. [65]

"Diz-se por toda a parte que se dá entre vós um caso de fornicação e fornicação tamanha como não se vê entre os pagãos: há quem viva com a mulher de seu pai! E vós deixais-vos encher de orgulho, não vos sentis cheios de nojo, e não expulsais de entre vós o que cometeu um tal ato! Quanto a mim — ausente de corpo mas presente em espírito em nome de Jesus Nosso Senhor — estando reunidos vós e o meu espírito — com o poder de Jesus Nosso Senhor eu condeno, como se eu estivesse entre vós, aquele que pecou dessa maneira, e o entrego a Satã para a morte da sua carne, a fim de que o seu espírito se salve no grande dia do Senhor."

Não há dúvidas; é uma condenação à morte que Paulo pronuncia.[66] Horríveis lendas corriam a respeito do efeito das excomunhões.[67] É preciso ter presente que Paulo acreditava seriamente que realizava milagres. Entregando a Satã apenas o corpo do culpado, certamente acreditou que era indulgente. A ordem enviada por Paulo numa carta anterior (perdida) aos coríntios para evitar que todos se relacionassem com os impudicos, tinha dado origem a mal-entendidos. Paulo desenvolve o seu pensamento.[68] O cristão não tem que julgar as pessoas de fora, mas com os de dentro deve ser severo. Uma simples mancha na pureza da vida deve ser o bastante para que se seja excluído da sociedade; proibição total de comer com o delinqüente. Vê-se que essa organização só pode ter significação ajustada à vida de um convento, uma

[65] I *Cor.*, V, 1 e seg.

[66] Cf. I *Tim.*, t, 20. Vejam-se *Os Apóstolos*.

[67] *Atos*, V, 1-11. Comp. *Atos*, XIII, 9-11.

[68] I *Cor.*, V, 9 e seg.

congregação de pessoas piedosas ocupadas em se vigiarem e julgarem, do que propriamente a uma igreja no sentido moderno da palavra. Toda a igreja é, aos olhos do apóstolo, responsável pelas faltas que se cometem no seu meio. Na sociedade antiga este exagero de rigorismo tinha a sua razão de ser, que pecava por muitos outros excessos. Mas compreende-se bem o quanto uma tal idéia da santidade tem de estreito, de antiliberal, de contrário à moral do que se chamava outrora "o homem honesto", moral cujo princípio fundamental é ocupar-se o menos possível da vida de outrem. A questão está simplesmente em saber se uma sociedade se pode sustentar sem a censura dos costumes privados e se o futuro não nos trará alguma coisa de semelhante à disciplina eclesiástica, que o liberalismo moderno tão desesperadamente suprimiu.

Segundo S. Paulo, o tipo ideal da perfeição moral, é o homem tranqüilo, honesto, casto, sóbrio, caridoso, desprendido das riquezas.[69] A humildade de condição e a pobreza são requisitos quase indispensáveis para ser cristão. As palavras "avaro, raptor, ladrão" são quase sinônimas; pelo menos os vícios que designam sofrem a mesma desonra.[70] Era enorme a antipatia deste pequeno mundo pela grande sociedade profana. Paulo, seguindo nisto a tradição judaica,[71] considera como um ato indigno dos fiéis o instaurar os processos nos tribunais.

> "Será verdade que exista entre vós quem, tendo uma questão com seu irmão, se dirija, para fazer julgar, aos iníquos e não aos santos? Ignorais que são os santos que irão julgar o mundo? E devendo o mundo ser julgado por vós, sereis por acaso incapazes de julgar coisas tão insignificantes?... Ignorais que havemos de ser nós que julgaremos os anjos? Serão porventura as questões de dinheiro superiores a tudo isso? Se tendes pois questões de dinheiro procurai dentro da igreja os mais considerados e fazei-os juízes. Digo-vos isto para vos envergonhar. Não haverá por acaso entre vós ninguém que seja capaz de ser juiz entre os seus irmãos? Mas por toda a parte os irmãos se julgam uns aos outros, mesmo entre os infiéis. É já muito para censurar que tenhais processos entre vós. Por que vós não suportais as injustiças? Por que vós não deixais despojar dos vossos haveres? Mas, longe de assim praticardes, sois vós o que sois injustos e isto contra irmãos!"

A regra das relações naturais entre homem e mulher encontrava grandes dificuldades. Esta era a constante preocupação do apóstolo, quando escrevia aos Coríntios. A frieza de Paulo dá à sua moral alguma coisa de sensato, mas ao mesmo tempo de monástico e de timidez. A atração sexual é, aos seus olhos, um mal, uma vergonha. Desde que não se pode suprimir, é preciso regrá-lo. Para Paulo a natureza é má, e toda a graça consiste em a contrariar e martirizar. No entanto, tem admiráveis expressões sobre o respeito que o homem deve ao seu corpo: Deus o ressuscitará; os corpos dos fiéis são o templo do Espírito Santo, os membros de Cristo. Que enorme crime utilizar os membros de Cristo para deles fazer os membros de uma cortesã![72] É a caridade absoluta o que tem maior valor;[73] a virgindade é o estado perfeito; o casamento foi estabelecido por ser um mal menor. Mas desde que se contraiu, as duas partes têm uma para com a outra direitos iguais. A interrupção das relações conjugais não pode ser admitida senão em certo tempo e em virtude dos deveres religiosos. É proibido o divórcio, exceto nos casos de casamento misto, em que a parte infiel seja a primeira a retirar-se. Os casamentos realizados entre cristãos e infiéis podem ser contínuos. A mulher fiel santifica o marido infiel, o marido fiel santifica a mulher infiel, da mesma maneira que os filhos são santificados pelos pais. Além disso pode-se supor que a parte fiel converterá a outra. Mas os novos casamentos não poderão fazer-se senão entre cristãos.[74]

Estas questões eram apresentadas com um ar estranho, pois se acreditava que o mundo iria acabar.[75] Na situação de crise em que

---

[69] I *Cor.*, V, 10-11; VI, 9-10.

[70] *Ibid.* Cf. Schleusner.

[71] Jos., *Ant.*, XIV, X, 17; Código, lib. I, tit. IX, *De Judaeis et Oelicoli*, lei 8. Cf. *Epist. Clem. ad Jac.*, § 10.

[72] I *Cor.*, VI, 12 e seg.

[73] I *Cor.*, VII, 1 e seg.

[74] I *Cor.*, V, II, 39.

[75] I *Cor.*, VII, 26.

se vivia, a gravidez, a amamentação das crianças eram como anomalias.[76] Na seita havia poucos casamentos,[77] e uma das conseqüências mais impertinentes deste fato, para muitos, era a impossibilidade de dar um bom destino às filhas. Muitos murmuravam considerando o fato indecoroso e contrário aos costumes.[78] Para impedir males maiores,[79] e em consideração para com os pais de família que tinham filhas de idade um pouco adiantada,[80] Paulo permitiu o casamento. Mas não oculta o desdém e o desgosto que tem por essa situação, que acha desagradável, cheio de perturbações, humilhante.

> "O tempo é curto, diz ele; o que resta a fazer é que aqueles que têm esposas procedam como se não as tivessem, os que choram como se não chorassem, os que se divertem como se não se divertissem, os que compram como se não possuíssem, os que se aproveitam deste mundo como se o não fizessem; porque todo este mundo passa. Quero que não tenhais preocupações. O homem não casado apenas tem a preocupação das coisas do Senhor; trata de agradar ao Senhor. O homem casado preocupa-se apenas com as coisas do mundo; procura agradar a sua mulher. A mulher não casada, a virgem, preocupa-se com as coisas do Senhor; trabalha para ser pura de corpo e de espírito. Mas a mulher casada, essa sonha apenas em agradar ao marido. Digo-vos isto para vosso bem, e não para vos inquietar; digo-vo-lo porque o acho o mais honesto e o mais próprio para não vos desviar de nenhuma distração do culto do Senhor."[81]

A exaltação religiosa produz sempre estes sentimentos. O judaísmo ortodoxo, apesar de se ter mostrado contrário ao celibato

[76] *Mat.*, XXIV, 19; *Marcos*, XIII, 17; *Lucas*, XXI, 23; a voz de Jesus, filho de Hanan, em Jos., *B. J.*, VI, V, 3.

[77] Em vinte pessoas mencionadas em *Rom.*, XVI, 3-16, apenas três casais são citados.

[78] I *Cor.*, VII, 36.

[79] I *Cor.*, VII, 9.

[80] I *Cor.*, VII, 37-38.

[81] I *Cor.*, VII, 29-35.

e ter instituído o casamento como obrigação,[82] teve também doutores que pensavam da mesma maneira que Paulo. "Para que hei de casar?" dizia Rabi ben Azaï. "Eu apaixonei-me pela Lei; o mundo não pode continuar-se por outros".[83] É provável que mais tarde Paulo exprimiu, a este respeito, idéias mais justas, e viu na união do homem e da mulher um símbolo do amor de Cristo e da sua igreja;[84] erigiu em lei suprema do casamento o amor do lado do homem e a submissão do lado da mulher; e recordou a admirável página do Gênese[85] em que a misteriosa atração dos dois sexos se explica por uma fábula filosófica de uma beleza divina. A questão das carnes provenientes dos sacrifícios pagãos é resolvida por Paulo com um admirável bom senso.[86]

Os judaico-cristãos insistiam em que se deviam abster totalmente de tais carnes, e parece que ficara convencionado no concílio de Jerusalém que todos se privariam delas.[87] Paulo concede uma maior liberdade. Segundo ele, o fato de um pedaço de carne ter feito parte de um animal imolado é coisa sem importância. Uma vez que os deuses falsos não são coisa nenhuma, a carne que lhes é oferecida não contém nenhuma impureza. Pode-se, pois, comprar-se indistintamente toda a carne exposta no mercado, sem importar sua proveniência. Todavia, deve ser feita contudo uma reserva: há consciências escrupulosas que assumem isto como idolatria; o homem esclarecido deve guiar-se não apenas por princípios, mas sim também pela caridade. Deve privar-se de coisas que sabe lhe são permitidas, porque os ignorantes com isso se escandalizam. A ciência pode fazer grandes homens; mas a caridade é que os torna bons. Tudo é permitido ao homem ilustrado; mas nem tudo é útil, porque nem tudo edifica.[88] É preciso não cuidar apenas de si, mas

[82] Talm. de Bab., *Jebamoth*, 63 *b* e seg.

[83] *Ibid.*

[84] *Éf.*, V, 22-23. Pode-se duvidar que esta epístola seja de autoria de Paulo.

[85] *Gên.*, II.

[86] I *Cor.*, VIII, 1 e seg.

[87] *Atos*, XV, 20; *Apoc.*, II, 14-15, 20; Justino, *Dial. cum Tryph.*, 35; pseudo-Clem., *Recognit.*, IV, 39; Plínio, *Epist.*, X, 97.

[88] I *Cor.*, VI, 8; X, 22-24, 33.

também dos outros. Esta é uma das idéias preferidas de Paulo, e nela reside a explicação de muitos episódios da sua vida, em que o vemos submeter-se, por causa das pessoas medrosas, a observâncias que ele desprezava. "Se a carne que como", diz ele, "por mais inocente que seja, escandaliza meu irmão, devo renunciar para sempre a comer carne". Entretanto, alguns fiéis iam mais longe. Em virtude de relações de família, tomavam parte nos festins que se seguiam aos sacrifícios e que se realizavam nos templos. Paulo condena este costume e, segundo um modo de raciocinar que lhe é muito peculiar, parte de um princípio diferente do que admitia antes. Os deuses das nações são demônios; participar nos seus sacrifícios é comercializar com os demônios. Não se pode participar ao mesmo tempo da mesa do Senhor e da mesa dos demônios, beber pela taça do Senhor e pela dos demônios.[89] As festas que se realizam nas casas não têm a mesma conseqüência; não é preciso recusarmo-nos ir lá, nem inquietarmo-nos com a proveniência das carnes; se porém vos dizem que determinada carne foi sacrificada aos deuses, e que disto resulta escândalo, então abstei-vos.[90] Em geral deve evitar-se o que pode ser obstáculo para o judeu, o pagão e o cristão; subordinar na prática a sua liberdade à de outrem, mantendo sempre os seus direitos; em tudo procurar agradar a todos.[91]

"Tomai o meu exemplo", continua Paulo; "não sou livre? Não sou apóstolo? Não vi Jesus, Nosso Senhor? Não sois vós a minha obra no Senhor? Se para outros eu não sou apóstolo,[92] ao menos sou para vós, visto que vós sois a confirmação do meu apostolado, a minha apologia contra aqueles que me discutem. Nós não teríamos o direito de viver a cargo de vós? Nós não teríamos o direito de andar por toda a parte acompanhados de uma irmã, como os outros apóstolos, e os irmãos do Senhor e o próprio Cefas? Seremos, eu e Barnabé, os únicos que não temos

[89] I *Cor.*, VII, 10; X, 14 e seg. Comp. II *Cor.*, VI, 14 e seg. Cf. *Homil. pseudo-clem.*, VII, 4, 8.

[90] I *Cor.*, X, 27 e seg.

[91] I *Cor.*, X, 31-33.

[92] Referência aos ataques dos judaico-cristãos.

esse direito? Quem serviu até hoje o Estado à sua própria custa? Alguém planta uma vinha para não lhe colher o fruto? Pastoreia-se um rebanho sem lhe urdir o leite?... Nós semeamos em vós uma seara espiritual; seria muito colher de nós alguma coisa temporal? Se outros se arrogam esse direito, por que não o teríamos com mais razão? Pois bem, não temos usado desse direito; suportamos tudo no mundo para não criar nenhum obstáculo ao Evangelho de Cristo... A nossa glória, ao evangelizar, é de pregar o Evangelho gratuitamente; é de não nos aproveitarmos de direitos que teríamos em nome do Evangelho. Sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, para conquistar um número maior. Fiz-me judeu para os judeus, para conquistar os judeus; àqueles que estavam sob a autoridade da Lei, apresentei-me como submetido à Lei (embora eu não o estivesse) para conquistar os que estavam sob a autoridade da Lei. Com os que não estão sob a autoridade da Lei, eu não estou também sob a Lei (ainda que eu não estivesse fora da lei de Deus, estando sob a de Cristo) para conquistar os que estão sem Lei. Para com os fracos, fiz-me fraco, para ganhar os fracos; fui todo com todos,[93] para salvar as almas de todas as misérias... Sabeis bem que nas competições esportivas,[94] todos correm mas é apenas um que ganha o prêmio; correi de maneira a atingirdes o fim. Os que concorrem nos jogos praticam uma abstinência rigorosa,[95] para receberem um prêmio efêmero. Eu corro, não como o corredor que vai sem um objetivo; agrido-me não como o pugilista que esmurra o ar, mas martirizo o meu corpo, e torno-o escravo, com receio que depois de ter servido de mensageiro para os outros, saia do combate sem nenhuma glória."[96]

Com relação à questão do papel das mulheres na igreja, detém-se o apóstolo, como era de esperar, com a sua firme rudeza: condena as tentativas das mulheres de Corinto e lembra-lhes a prática das

[93] Comp. I *Cor.*, X, 33.

[94] Os jogos ístmicos, muito conhecidos dos coríntios.

[95] Comp. Horácio, *Arte Poét.*, V, 412.

[96] I *Cor.*, IX, 1 e seg.

outras comunidades.[97] Jamais as mulheres devem falar ou fazer perguntas na igreja. O dom das línguas não é para elas . Devem ser submissas ao seu marido.[98] Se querem saber alguma coisa, perguntem ao seu marido em casa. Para uma mulher é tão vergonhoso aparecer sem véu na igreja, como aparecer com os cabelos cortados.[99] Além disso o véu é necessário por causa dos anjos,pois acreditava-se que[100] os anjos, presentes ao serviço divino,[101] eram suscetíveis de ser tentados pela visão dos cabelos das mulheres,[102] ou de no mínimo distraírem-se do seu ofício, que é o de levar até Deus as preces dos santos.[103] "A cabeça do homem é Cristo; a cabeça da mulher é o homem; a cabeça de Cristo é Deus... O homem não deve velar a sua cabeça porque é a imagem da glória de Deus; mas a mulher é a glória do homem. O homem não foi tirado da mulher, mas sim a mulher do homem... Tudo vem de Deus".[104]

Grande interesse histórico têm as observações relativas à "refeição do Senhor".[105] Esta refeição tornava-se cada vez mais a principal parte do culto cristão e se espalhava cada vez mais a idéia de que o próprio Cristo tomava parte na refeição e comia. Certamente tinha isto um sentido metafórico;[106] mas nessa época a metáfora na linguagem não se distinguia perfeitamente da realidade. Em todo o caso, este era por excelência o sacramento da união e do amor.

"A taça que nós benzemos não representa a comunhão do

[97] I *Cor.*, XIV, 33-35.

[98] Comp. *Éf.*, V, 22 e seg.

[99] I *Cor.*, XI, 3 e seg. Cf. Sifre, *Números*, V, 18.

[100] Cf. Tertuliano, *Contra Márcion*, V, 8; *De Virginibus Veandis*, 7.

[101] Veja-se Ps. CXXXVIII, 1; Buxtorf, *Synagoga*, c. X, p. 222, c. XV, p. 306 (Bâle, 1661).

[102] *Gên.*, VI, 2, e o Targum de Jonathan sobre esta passagem; *Testam. dos Doze Patriarcas*, Ruben, 5. De acordo com as idéias judaicas, os cabelos e a voz das mulheres constituem também nudez .

[103] *Tobias*, XII, 12, 15; *Apoc.*, VIII, 3 e seg.; Henoch, *Syncello*, p. 43 (Bonn); Porfírio, *De Abstin.*, II, 38.

[104] Comp. *Col.*, III, 18; *Éf.*, V, 22-33.

[105] I *Cor.*, XI, 20 e seg.

[106] Compare-se, por exemplo, I *Cor.*, X, 17; XII, 27.

sangue de Cristo? O pão que partimos não é a comunhão do corpo de Cristo? Ainda que haja apenas um pão, nós todos que participamos desse único pão, tornar-nos-emos, por mais numerosos que sejamos, um só corpo. Vede Israel segundo a carne; os que comem da vítima não comungam com o altar?...[107] Ensinou-me o Senhor tudo o que vos transmiti; na noite em que ele se libertou, tomou o pão e depois de render graças, partiu-o dizendo: 'Isto é o meu corpo, que é para vós; fazei isto em lembrança de mim'. Da mesma forma, depois da ceia, tomou o cálice dizendo: 'Esse é o cálice da nova aliança no meu sangue; todas as vezes que beberdes fazei isto para celebrar a minha memória'. Também todas as vezes que comerdes esse pão e beberdes desse cálice, significareis a morte do Senhor, até que ele volte. É por isso que aquele que comer o pão ou beber do cálice do Senhor indignamente será culpado para com o corpo e o sangue do Senhor. Que cada qual comece, pois, por examinar-se e só depois coma do pão e beba do cálice. Porque aquele que come e bebe sem reconhecer o corpo do Senhor, come e bebe o seu próprio julgamento."[108]

O julgamento que provém do desconhecimento da alta santidade da refeição do Senhor não é nenhum erro eterno; são apenas provas temporais ou mesmo a morte, que é uma expiação que salva a alma.[109] "É por isso que", acrescenta o apóstolo, "há entre vós muitas pessoas fracas, doentes e muitas mortes. Se nós julgamos a nós próprios, não seremos julgados. Os julgamentos do Senhor são correções que nos preservam de ser julgados com o mundo", quer dizer, punidos na eternidade. Na ocasião, Paulo limita-se a ordenar que os que forem aos ágapes esperem uns pelos outros, que se alimente em casa para satisfazer o apetite, e que se conserve à ceia do Senhor a sua significação mística.[110] Ele regulará o resto à sua passagem.

[107] I *Cor.*, X, 16-18.

[108] I *Cor.*, IX, 23-29. Segui o texto mais curto e mais autêntico, do *Codex Vaticanus* e do *Codex Sinaiticus*, separando os pequenos acréscimos que apenas explicam o sentido.

[109] Compare-se I *Cor.*, V, 5.

[110] Comp. *Ep. de Jude*, 12.

Em seguida, Paulo expõe a teoria das manifestações do Espírito.[111] Sob os nomes mal-definidos de "dons", "serviços" e "poderes", descreve treze funções, que constituem toda a hierarquia e todas as formas da atividade sobrenatural; dessas três funções se designam nitidamente, estando subordinadas uma à outra: 1º, a função do apóstolo; 2º, a do profeta; 3º, a do doutor.[112] Depois vêem dons, serviços e poderes que, sem conferirem um caráter permanente muito elevado, servem às perpétuas manifestações do espírito[113] e são: 1º, a palavra de sabedoria; 2º, a palavra de ciência; 3º, a fé; 4º, o dom das curas; 5º, o poder de realizar milagres; 6º, o discernimento dos espíritos; 7º, o dom de falar as diversas línguas; 8º, a interpretação das línguas assim faladas; 9º, as obras de caridade; 10º, os cuidados administrativos. Todas estas funções são boas, úteis, necessárias; não se deve procurar inferiorizar umas às outras nem invejar-se; elas constituem uma fonte única. Todos os "dons" provêm do Espírito Santo; todos os "serviços" emanam de Cristo; todos os "poderes" procedem de Deus. O corpo tem numerosas partes e contudo é um só; a divisão das funções é tão necessária na igreja como no corpo e não podem existir umas sem as outras como os olhos não podem existir sem as mãos, e a cabeça sem os pés. Seria insensata qualquer inveja entre essas partes. Certamente não são iguais em dignidade, mas são justamente as partes mais fracas as mais necessárias; são as partes mais humildes as que maiores honras têm, as que são mais cuidadosamente protegidas, estabelecendo assim Deus uma compensação, para que não houvesse competições nem rivalidades no corpo. As partes devem proteger-se umas às outras; se uma sofre, sofrem todas; as vantagens e a glória de uma são as vantagens e a glória das outras. Para quê, pois, essas rivalidades? Há um caminho aberto a todos e que o é melhor, um dom que tem sobre todos os outros uma imensa superioridade.

Verdadeiramente arrebatado por um sopro profético para além das idéias misturadas de aberrações que acabava de expor, Paulo escreve então esta página admirável, a única de toda a literatura

[111] I *Cor.*, XII-XIV. Comp. *Rom.*, XII, 3-8; *Éf.*, IV, 7 e seg.; I *Petri*, IV, 10-11; Justino, *Dial. cumTryph.*, 39.

[112] I *Cor.*, XII, 28.

[113] I *Cor.*, XII, 4 e seg., 28-30; XIV, 5-6, 26.

cristã que pode ser comparada aos discursos de Jesus:

"Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se eu não possuir amor, serei como um metal sonante, um sino retumbante. Embora eu tenha o dom da profecia, conheça todos os mistérios, possua toda a ciência, tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, eu nada serei. Posso transformar todos os meus bens em pão para os pobres, lançar o meu corpo às chamas, mas se não tiver amor, tudo isso de nada me servirá. O amor é paciente e tolerante; o amor não conhece nem a inveja, nem a vaidade, nem o orgulho; não é inconveniente, não é egoísta, não se preocupa nem pensa no mal; é contrário à injustiça e a favor da verdade. Ele sofre tudo, crê em tudo, espera em tudo, suporta tudo. O amor não acaba, enquanto a profecia pode desaparecer, o dom das línguas cessar, o dom da ciência ficar sem objetivo. A ciência e a profecia são dons parciais; pois quando o perfeito aparecer terá de desaparecer o parcial. Quando eu era criança falava como uma criança, sentia como uma criança, raciocinava como uma criança; mas desde que me tornei adulto, deixei os meus modos de criança. Agora nós vemos através de um espelho e em imagens; depois veremos face a face. Agora conheço apenas de uma maneira parcial: depois conhecerei [Deus] como sou conhecido [d'Ele]. Há em suma três grandes coisas: fé, esperança e amor; mas a maior das três é o amor."

Versado na psicologia experimental, Paulo teria ido um pouco mais longe:

"Irmãos, abandonai as ilusões. Esses sons inarticulados, esses êxtases, esses milagres, são os sonhos da nossa infância. O que não é sonho é o eterno, o que eu acabo de vos pregar". Mas assim não teria sido do seu tempo; não teria feito tudo o que fez. Não é muito indicar esta fundamental entre as verdades religiosas eternas que nunca desaparecem, e as que desaparecem como as ilusões da infância? Não é fazer bastante pela imortalidade escrever: "A letra mata, o espírito vivifica?" Infeliz daquele que se detiver apenas à superfície e que, por dois ou três dons fantasiosos, esquecer que nesta estranha enumeração, entre os *diaconies* e os *charismata* da igreja primitiva, se encontram o cuidado dos que sofrem, a adminis-

tração dos interesses dos pobres, a assistência recíproca! Paulo relaciona estas funções em último lugar e como coisas humildes. Mas o seu penetrante olhar não deixa de ver nisto a verdade. "Tomai conta", diz ele; as nossas partes menos nobres são exatamente as mais cheias de honras". Profetas, versados em idiomas, doutores, todos vós passareis. Diáconos, viúvas devotadas, administradores dos bens da igreja, vós ficareis; entrareis na eternidade. No desenvolvimento das prescrições relativas aos exercícios espirituais, Paulo mostra o seu espírito prático.[114]

Considera a profecia superior ao dom das línguas. Sem desprezar completamente a glossolalia, faz a este respeito certas reflexões que equivalem a uma condenação. O glossólalo não fala aos homens, fala a Deus, ninguém o compreende, não edifica senão a ele próprio. A profecia, ao contrário, serve para a edificação e a consolação de todos. A glossolalia é boa apenas quando é interpretada, isto é, quando outros fiéis especialmente dedicados a isso intervêm e sabem entender-lhe o sentido; por si mesma é apenas uma música indistinta; ouve-se um som de flauta ou de cítara, mas não se compreende o trecho musical que esses instrumentos executam. É como uma trombeta enrouquecida: pode tocar, mas como ninguém entende nada distintamente do que ela toca, ninguém obedecerá a este incerto sinal e se preparará para o combate. Se a língua não produzir sons nitidamente articulados, não fará mais do que cortar o ar; um discurso pronunciado numa língua que não se compreenda não existe para a inteligência. Assim denomina alguma glossolalia sem interpretação e mais: a glossolalia por si mesma é estéril; com ela a inteligência não terá fruto; a oração realiza-se em nós mesmo sem nela termos tomado parte.

> "Se tu compões um hino de ação de graças por inspiração do Espírito, como queres que o povo diga Amém, se ele não sabe o que tu dizes? O teu hino pode ser belo; mas incompreensível para os outros. Quanto a mim agradeço a Deus poder falar antes a língua de todos vós. Gosto mais de pronunciar na igreja cinco palavras que se entendam para instruir os outros, que dez mil em línguas estranhas. Irmãos, não sejais infantis nos julgamentos; sede crianças quando se tratar do mal; mas para os julgamentos sede homens perfeitos. Imaginais a igreja reunida e lados falando as línguas e eis que entram algumas pessoas ignorantes e incrédulas: não poderão elas dizer que sois loucos? Se todos, ao contrário, profetizam, e entra um incrédulo ou um ignorante, imediatamente atacado por todos, todos o confundem, o julgam, várias coisas do fundo do seu coração aí ficam reveladas; impressionado pelo que vê e pelo que ouve, toca a terra com seu rosto, adora Deus e reconhece que realmente Deus está convosco. Que concluir de tudo isto, irmãos? Quando estabeleceis que cada um tenha o seu salmo, a sua lição, a sua revelação, o seu exercício de línguas, a sua interpretação, nada melhor que tudo isso sirva para a edificação. Se se trata de um exercício de línguas é preciso que dois ou quando muito três falem, o façam separadamente, um depois do outro, e que um só interprete o que eles disserem. Se não há intérprete, então é melhor calarem-se, e falarem consigo mesmo ou para Deus apenas. Segui a mesma regra no que diz respeito aos profetas; que dois ou três falem, e que os outros façam o comentário. Se, enquanto um fala, um outro sentado recebe uma revelação, deve o primeiro calar-se. Podeis todos profetizar, se quiserdes, com a condição de o fazer uns após outros, de maneira que a assistência se instrua e se edifique. Cada profeta é senhor do espírito que o anima. Deus não é o Deus da desordem, é o Deus da paz... Em resumo, irmãos, cultivai a profecia, não empeçais a glossolalia; mas que tudo se faça honestamente e com ordem."

Certos sons esquisitos que os glossólalos emitiam, e em que misturavam o grego, o siríaco, as palavras *anathema, maranatha*, os nomes de Jesus, do "Senhor", constrangiam muito as pessoas simples. Paulo, consultado a este respeito, faz o que nós chamamos "o discernimento dos espíritos" e trata de separar, no meio de toda essa confusão, o que podia vir do Espírito e o que na realidade dele não provinha.[115]

O dogma fundamental da igreja primitiva, a ressurreição e o fim do mundo próximo, ocupam uma grande parte desta epístola. O

[114] I *Cor.*, XIV.

[115] I *Cor.*, XII, 3; XVI, 22.

apóstolo faz-lhe umas oito ou nove referências diferentes.[116] A renovação será feita pelo fogo. Os santos serão juízes do mundo, mesmo dos anjos. A ressurreição, de todos os dogmas cristãos, era o que mais repugnava ao espírito grego, e é objeto de uma atenção particular.[117] Embora admitindo a ressurreição de Jesus, a sua aparição próxima e o renovamento que deverá realizar, muitos não acreditam na ressurreição dos mortos. Quando ocorria uma morte na comunidade, era um escândalo e um constrangimento. Paulo não se cansava em demonstrar-lhes a sua inconseqüência; se os mortos não ressuscitassem, Cristo não voltaria a ressuscitar também, toda a esperança seria vã, os cristãos seriam os mais desgraçados dos homens, e os verdadeiros sábios seriam os que dizem: "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos". A ressurreição de Jesus é a garantia da ressurreição de todos. Jesus abriu o caminho, seus discípulos o seguirão no dia da sua manifestação gloriosa e terá início o reino de Cristo; qualquer outro poder além do seu será destruído; a morte será o último inimigo que subjugará; tudo estará sob o seu comando, à exceção de Deus, que submeteu Cristo a tudo. O Filho tratará logo de render homenagem a Deus para que Deus esteja com todos.

> "Mas, dirá alguém, como ressuscitarão os mortos? Com que corpo voltarão? Insensato! não vês que o grão que se semeia não germina senão depois de ter atravessado a morte? O grão que se semeia não é o corpo que mais tarde virá a ser. É um simples grão; por exemplo, um grão de fruto ou de qualquer espécie de trigo; mas Deus dá-lhe um corpo, conforme lhe convém, e a cada semente dá um corpo especial. A carne não é a mesma; é uma a carne dos homens, outra a das feras, outra a dos pássaros, outra a dos peixes. Há corpos celestes e corpos terrestres; é diferente a luz dos primeiros da dos segundos. A luz do Sol é diferente da Lua e das estrelas. Mesmo qualquer estrela difere em esplendor das outras estrelas. Assim será na ressurreição dos mortos. Semeado corruptível, o corpo renascerá incorruptível; semeado humilde, renascerá glorioso; semeado fraco, renascerá forte. Semeia-se um corpo animal e ressuscita um corpo espiritual... É um mistério o que vos digo: nós não morremos todos, mas todos nós havemos de ser transformados num instante indivisível, ao toque da última trombeta. A trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque é preciso que este corpo corruptível se revista de incorruptibilidade, e que este corpo mortal se revista da imortalidade. Então se cumprirá o que está escrito: 'A morte foi absorvida na sua vitória.[118] Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu ferrão?...'[119] Graças a Deus, que nos deu a vitória por Nosso Senhor Jesus Cristo."

Mas Cristo não voltou. Todos morreram, uns após outros. Paulo, que acreditava ser dos que viveriam até a grande aparição,[120] morreu também. Veremos como, apesar disto, a fé e a esperança não se extinguiram. Nenhuma experiência, por mais dolorosa que seja, parece decisiva à humanidade, quando se trata dos dogmas sagrados em que ela tenha posto todo o seu consolo e a sua alegria. Para nós, hoje, é muito fácil julgar que tais esperanças eram exageradas; mas felizes, ao menos, dos que as partilharam sem terem uma percepção tão clara. Paulo no-lo diz ingenuamente que, se não acreditasse na ressurreição, teria tido a vida de um bom burguês pacífico, preocupado apenas com os seus prazeres pessoais.[121] Alguns sábios de primeira ordem, Marco Aurélio e Espinosa, por exemplo, foram longe e praticaram a mais alta virtude sem esperança de remuneração. Mas a multidão não é heróica. Foi preciso uma geração de homens acreditando que não morriam, foi preciso esse atrativo de uma imensa recompensa imediata para arrancar do homem toda essa enorme dedicação e todo o sacrifício que deram origem ao cristianismo. Assim, a grande utopia do próximo reino de Deus foi a idéia-mãe e criadora da nova religião. A seguir, veremos as

---

[116] I *Cor.*, I, 7-8; III, 13; IV, 5; VI, 2-3; VII, X, 26, 29 e seg; XI, 26; todo o XV; XVI, 22. Cf. II, *Tim.*, IV, 1.

[117] I *Cor.*, XV, 3 e seg.

[118] *Is.*, XXV, 8, com um enfoque diferente da Masore, e maltraduzido.

[119] *Oséias*, XIII, 14, lido como os Setenta, de forma diferente de Masore, e maltraduzido.

[120] I *Tess.*, IV, 16; I *Cor.*, XV, 51-52.

[121] I *Cor.*, XV, 30-32.

transformações por que passou essa crença, devido às circunstâncias do tempo. Nos anos 54-58 ela atingira o mais elevado grau de intensidade. Todas as cartas de Paulo escritas nessa época estão, por assim dizer, impregnadas dessa idéia. As duas palavras siríacas *Maran atha*, "o Senhor vai chegar",[122] eram as palavras com que se reconheciam os cristãos, a saudação que dirigiam uns aos outros, para manterem a coragem nas suas esperanças.[123]

[122] Compare-se *Fil.*, IV, 5.

[123] I *Cor.*, XVI, 22.

A grande coleta — Partida de Éfeso (continuação da terceira viagem)

Paulo, segundo o seu costume, acrescentou no término da carta:

Eu, Paulo, vos saúdo pela minha própria mão. Se algum de vós não ama o Senhor, que esse seja anatematizado. Maran atha.

Estéfano, Fortunato e Acaico ficaram encarregados de propagar essa carta, pois também tinham levado a dos coríntios. Paulo acreditava que os emissários chegariam a Corinto quase ao mesmo tempo que Timóteo e temia que a juventude e timidez do seu discípulo não fosse bem-recebida na sociedade artificial de Corinto,[1] e que lhe não atribuíssem toda a autoridade. Assim, recomenda que tratem Timóteo como se fosse ele próprio, exprimindo o desejo de que ele lhe fizesse companhia o mais depressa possível. Paulo não queria deixar Éfeso sem este precioso companheiro, cuja presença se tornava, para ele, uma necessidade.

Recomendou muito a Apolos que se unisse a Estéfano e voltasse a Corinto; mas Apolos preferiu adiar a partida[2] e, a partir deste momento, não iremos ter mais notícias suas. Porém, a tradição continua a

[1] I *Cor.*, XVI, 10-11.

[2] I *Cor.*, XVI, 12.

considerá-lo como discípulo de Paulo.[3] É provável que prosseguisse a sua carreira apostólica, colocando a serviço da doutrina cristã toda a sua erudição judaica e a sua palavra elegante. Paulo, contudo, arquitetara projetos sem limites[4] em que crê, segundo o seu costume, ver ordens do Espírito. Acontecia o que acontece às pessoas habituadas a um tipo de atividade: não podia viver sem o que tinha sido a grande ocupação da sua vida. As viagens eram para ele uma necessidade, aproveitando para as realizar em todas as ocasiões. Queria rever a Macedônia, a Acaia, visitar Jerusalém, partir novamente para tentar novas missões em países mais distantes e até então jamais atingidos pela fé, como a Itália e a Espanha.[5] A idéia de ir a Roma preocupava-o;[6] "É preciso que eu veja Roma", dizia freqüentemente.[7] Adivinhava que Roma seria um dia o centro do cristianismo, ou no mínimo, que acontecimentos decisivos lá ocorreriam. A viagem de Jerusalém ligava-se também a um outro projeto que o preocupava havia mais de um ano.

Para acalmar as sensibilidades da igreja de Jerusalém e corresponder a uma das condições de paz que fora assinada na entrevista do ano 51,[8] Paulo preparara uma grande coleta nas igrejas da Ásia Menor e da Grécia. Vimos que um dos laços que afirmavam a dependência das igrejas provinciais para com as da Judéia, era a obrigação da esmola. A igreja de Jerusalém, em parte por culpa dos que a compunham, sempre estava na miséria. Eram muitos os mendigos.[9] Em uma época mais anterior o que caracterizava a

[3] *Tit.*, III, 13. Esta carta é apócrifa. Serve apenas para testemunhar a opinião que se formava entre os companheiros de Paulo, na época em que foi escrita.

[4] Os que acreditam na autenticidade das epístolas a Timóteo e a Tito, supõem nessa altura uma viagem de Paulo não mencionada nos *Atos* e cujo itinerário teria sido: Éfeso, Creta, Corinto, Nicópolis de Epiro, Macedônia, Éfeso. Na introdução já manifestamos as razões que nos impedem de admitir uma tal hipótese.

[5] II *Cor.*, X, 16; *Rom.*, XV, 24, 28.

[6] *Rom.*, XV, 23.

[7] *Atos*, XIX, 21; XXIII, 11; *Rom.*, I, 10 e seg., XV, 22 e seg.

[8] *Gál.*, II, 10.[9] *Rom.*, XV, 26.

[9] *Rom.*, XV, 26.

sociedade judaica era a inexistência de miséria e de grandes fortunas. Dois ou três séculos depois havia em Jerusalém ricos e, por conseqüência, pobres. O verdadeiro judeu, desprezando a civilização profana, ia pouco a pouco ficando desprovido de recursos. As obras públicas de Agripa II haviam lotado a cidade de pedreiros esfomeados; faziam-se demolições unicamente para não deixar sem trabalho milhares de operários.[10] Os apóstolos e os seus adeptos sofriam, como todo o povo, essa realidade. Era preciso que as igrejas devotadas, ativas, laboriosas, impedissem essas pessoas de morrer de fome.[11] Suportando com pouca resignação as pretensões dos irmãos da Judéia, não deixava por isso de se reconhecer, nas províncias, a sua supremacia e os títulos de nobreza. Paulo mantinha com eles as maiores atenções. "Vós sois os seus devedores", dizia ele aos seus fiéis; "se os gentios se tornaram os comparticipantes dos santos da Judéia na ordem espiritual, é justo que os assistam com os seus bens carnais".[12] Era esta afinal uma imitação do costume que praticavam, há muito, os judeus de todas as partes do mundo, de enviarem contribuições a Jerusalém.[13] Paulo calculara que uma grande esmola, que ele levasse aos apóstolos, o tornaria o melhor acolhido pelo velho colégio que dificilmente o perdoaria por ter feito tanta coisa sem ele, e isto seria, ao mesmo tempo, aos olhos desses nobres esfomeados, o maior sinal de submissão. Como tratar com cismáticos e rebeldes os que davam uma prova de tanta generosidade, de sentimentos tão fraternais e respeitosos?[14] Então começou a organizar a coleta no ano 56.[15]

Paulo escreveu primeiro aos coríntios,[16] depois aos gálatas,[17] e

[10] Jos., *Ant.*, XX, IX, 7.

[11] *Atos*, XI, 29-30; II *Cor.*, IX, 12.

[12] *Rom.*, XV, 27.

[13] Cícero, *Pro Flacco*, 28; Jos., *Ant.*, XIV, X, 6, 8; XVI, todo o VI; XVIII, III, 5; Fílon, *Leg. ad Caium*, § 23; Tácito, *Hist.*, V, 5. Atualmente, em vias de restabelecer-se entre os israelitas.

[14] II *Cor.*, IX, 12, 14; *Rom.*, XV, 31.

[15] II *Cor.*, VIII, 10; IX, 2.

[16] Na carta perdida. O que diz em I *Cor.*, XVI, 1, 4, faz pensar que já lhes falara sobre o assunto com detalhes.

[17] I *Cor.*, XVI, 1.

com certeza a outras igrejas. Relembra isso na sua nova carta aos coríntios.[18] Nas igrejas da Ásia Menor e da Grécia vivia-se bem, mas não havia grandes fortuna. Paulo conhecia os hábitos econômicos das pessoas com quem tinha vivido. A insistência com que ele considera a sua alimentação e sustento como um pesado encargo com que não quer atingir as igrejas, prova que ele partilhava dessas mesquinhas atenções dos pobres, obrigados a olharem para os pequenos nadas. Pensou que se nas igrejas da Grécia aguardassem a sua chegada para a coleta, as coisas correriam mal. Assim, quis que ao domingo cada um colocasse separado umas economias proporcionadas pelos seus trabalhos, destinadas a esse piedoso fim. Este pequeno tesouro de caridade devia esperar, avolumando-se cada vez mais, a sua chegada. As igrejas escolheriam[19] emissários, e Paulo os enviaria com cartas de recomendação, como portadores da oferenda, a Jerusalém. Se o resultado fosse proveitoso, Paulo iria pessoalmente, e então os emissários acompanhá-lo-iam. Tanta honra e tanta felicidade, ir a Jerusalém, ver os apóstolos, viajar em companhia de Paulo, impressionavam todos os crentes. Uma competição de bem proceder, sabiamente alimentada pelo grande mestre na arte de guiar as almas, trazia todos despertos. Esta coleta foi durante meses o pensamento que lhes alimentou a vida e fez bater todos os corações.

Timóteo voltou logo a Éfeso, como Paulo esperava.[20] Trazia notícias posteriores à partida de Estéfano; mas somos levados a acreditar que ele partira da cidade antes que Estéfano aí chegasse; porque é por meio de Tito que Paulo irá conhecer mais tarde o efeito que a sua nova carta produzira.[21] Era sempre muito especial a situação de Corinto. Paulo alterou os seus projetos, resolvendo atingir imediatamente Corinto, permanecer aí pouco tempo, realizar em seguida a sua viagem da Macedônia, voltar a Corinto e então demorar-se bastante tempo, retomando depois o seu primeiro

[18] I *Cor.*, XVI, 1-4.

[19] II Cor., VIII, 19.

[20] I *Cor.*, XVI, 11; II *Cor.*, I, 1. Porém, é possível que Timóteo não tenha chegado em Éfeso e sim ficado na Macedônia, onde Paulo teria ido para encontrá-lo.

[21] II *Cor.*, VII, 6 e seg.

plano, qual seja, de partir para Jerusalém, acompanhado dos emissários coríntios.[22] Resolveu informar imediatamente a igreja de Corinto da sua mudança de resolução e encarregou Tito da mensagem e das mais delicadas comunicações para a igreja revoltada.[23] Tito devia ao mesmo tempo agilizar a realização da coleta que Paulo ordenara,[24] tendo esse a princípio se recusado, temendo como Timóteo,[25] o caráter arrebatado e instintivo dos de Corinto. Paulo tranqüilizou-o, dizendo-lhe o que pensava das qualidades dos coríntios, diminuindo-lhes os seus defeitos e ousando mesmo garantir-lhe um bom acolhimento.[26] Deu-lhe por companheiro, um "irmão" cujo nome não chegou até nós.[27] Paulo estava muito próximo da época marcada para a sua partida de Éfeso; mesmo assim ficou combinado que ele esperaria nessa cidade o regresso de Tito. Mas novas provações o obrigaram a modificar os seus projetos. Na vida poucos dias de Paulo foram tão agitados como esses.[28] Pela primeira vez achou a tarefa demasiada e confessou que as suas forças chegavam ao limite.[29] Judeus,[30] pagãos,[31] cristãos hostis à sua direção,[32] parecia que todos se tinham voltado contra ele. A situação da igreja de Corinto produzia em Paulo uma grande agitação febril; expediu-lhe mensagens sucessivamente, mudando de resolução a seu respeito. A doença veio juntar-se a tudo isto, chegando mesmo a acreditar que atingira o final da existência.[33] Uma manifestação que ocorreu em Éfeso complicou ainda mais a sua situação, obrigando-o a partir sem esperar o retorno de Tito.[34]

[22] II *Cor.*, I, 15-16.

[23] II *Cor.*, II, 13; VII, 6 e seg.; XII, 18.

[24] II *Cor.*, VIII, 6.

[25] I *Cor.*, XVI, 10-11.

[26] II *Cor.*, VII, 14.

[27] II *Cor.*, XII, 18; comp. VIII, 18, 22.

[28] II *Cor.*, I, 4 e seg.; IV, 8 e seg.

[29] II *Cor.*, I, 8.

[30] *Atos*, XX, 19; XXI, 27.

[31] *Atos*, XIX, 23 e seg.

[32] I *Cor.*, XVI, 9.

[33] II *Cor.*, I, 8-10; VI, 9.

[34] *Atos*, XIX, 23 e seg.

O templo de Ártemis oferecia à nova pregação um intransponível obstáculo. Este gigantesco estabelecimento, uma das maravilhas do mundo, constituía a vida e a razão de ser de toda a cidade, pelas suas riquezas enormes,[35] pelo número de estrangeiros que atraía, pelos privilégios e a celebridade que trazia à cidade, pelas festas esplêndidas de que era o pretexto, e pelas indústrias. A superstição tinha nele uma das mais sólidas garantias, a dos interesses grosseiros, sempre felizes quando se encondem com o véu da religião. Uma das indústrias da cidade de Éfeso era a ourivesaria, que fabricava pequenas *naos* de Ártemis. Os estrangeiros levavam com eles estes objetos, que depois sobre as suas mesas ou no interior das suas casas, representavam o célebre santuário. Um grande número de operários realizava este trabalho. Como todos os industriais que vivem da piedade dos peregrinos, estes operários eram muito fanáticos. Pregar um culto diferente daquele que os alimentava, afigurava-se-lhes um grande sacrilégio; era como se atualmente se fosse pregar contra o culto da Virgem a Fourrières ou à Salette. Uma das maneiras que resumia a nova doutrina era esta: "Os deuses feitos pela mão do homem não são deuses". Esta doutrina chegara a obter uma publicidade suficiente para que os ourives a recebessem com inquietação. O chefe de todos, chamado Demétrio, excitou-os a uma manifestação violenta, sustentando que antes de tudo se tratava da honra de um templo que a Ásia e o mundo inteiro reverenciavam. Os operários saíram então para a rua, gritando: "Viva a grande Ártemis de Éfeso!" e logo toda a cidade tornou-se um caos.

A multidão dirigiu-se ao teatro, lugar das reuniões. O teatro de Éfeso, cuja área imensa, despojada de quase todas as construções, ainda pode ser vista nos flancos do monte Príon, era talvez o maior do mundo. Estima-se em 56 mil o número de pessoas que podia receber.[36] Como os altos degraus do anfiteatro afloravam o solo da colina, uma multidão enorme podia, num instante, espalhar-se pelo alto e rapidamente lotou tudo. A parte inferior do teatro estava cercada de colunas e de pórticos, sempre cheios de vadios; vizinho do foro, do mercado, de muitos ginásios, estava

[35] Estrabão, XIV, I, 26.

[36] Falkner, *Ephesus*, p. 102 e seg.

sempre aberto. Dois cristãos de Tessalônica, Caio e Aristarco, que se tinham ligado a Paulo como companheiros, estavam em poder dos amotinadores. Entre os cristãos crescia grande agitação. Paulo queria entrar no teatro e falar ao povo; os discípulos suplicaram-lhe que não o fizesse. Alguns dos asiarcas, que o conheciam, aconselharam-no também de cometer uma tal imprudência. Os gritos mais desencontrados se cruzavam no teatro; a maior parte não sabia dos motivos da reunião. Encontravam-se no lugar muitos judeus, os quais traziam à frente um certo Alexandre, que fez um sinal com a mão e pediu silêncio; mas quando o reconheceram como judeu, o tumulto redobrou; durante duas horas não se ouviu outra coisa do que a exclamação de "Viva a grande Ártemis de Éfeso!" Foi com grande dificuldade que o chanceler da cidade conseguiu fazer-se escutar. Apresentou a honra da grande Ártemis como superior a todos os ataques, convidando Demétrio e os seus operários a formarem um processo contra aqueles de quem se queixavam; suplicou a todos que entrassem em vias legais, mostrando as conseqüências que poderiam ter, para a cidade, tais movimentos agitadores, que não podiam justificar-se aos olhos da autoridade romana. A multidão dispersou. Paulo, que tinha fixado a sua partida para daí a alguns dias, não quis prolongar esta perigosa situação. Resolveu ir embora o mais depressa possível.

Segunda a carta que enviara por Tito aos cristãos de Corinto, devia embarcar em primeiro lugar para essa cidade.[37] Mas eram cruéis as suas dúvidas; os cuidados que tinha pela Acaia tornavam-no indeciso e no último momento mudou o itinerário. Não lhe pareceu propícia ocasião para ir a Corinto; na disposição em que se encontrava teria chegado lá ainda contrariado e inclinado a proceder com rigor;[38] talvez apenas a sua presença provo-casse uma revolta e uma dissidência. Ainda não sabia o efeito que a sua carta produzira, e estava temeroso a este respeito.[39] Além disso julgava-se mais forte longe do que de perto; a sua pessoa impunha pouco; as cartas, ao contrário, eram o seu triunfo;[40] geralmente os homens

[37] I *Cor.*, I, 15-16.

[38] II Cor., I, 17, 23; II, 1-2.

[39] II *Cor.*, VII, 6 e seg.

[40] II *Cor.*, X, 1-2, 10-11.

tímidos preferem escrever a falar. Paulo preferiu, pois, não ir a Corinto sem ter conversado com Tito, o que não impedia que mais uma vez escrevesse à igreja rebelde. Acreditando que a severidade se impõe melhor à distância, achava que a sua nova carta despertaria melhores sentimentos nos seus adversários.[41] O apóstolo assim retomou o seu primeiro plano de viagem.[42] Convocou os fiéis, despediu-se, deu-lhes ordem para quando Tito chegasse fossem para Troas, e partiu para a Macedônia,[43] acompanhado de Timóteo. Talvez levasse consigo os dois emissários de Éfeso, encarregados de conduzir a Jerusalém as oferendas da Ásia, Tíquico e Trofimo.[44] Estima-se que estavam em junho do ano 57.[45] Paulo permanecia em Éfeso[46] já há três anos e durante um tão longo apostolado, tinha tido tempo de construir nessa igreja uma solidez a toda a prova. Éfeso deverá ser daí em diante uma das metrópoles do cristianismo, e o local onde deverão operar-se as suas mais importantes transformações. Mas era preciso que esta igreja fosse apenas de Paulo, assim como as igrejas da Macedônia e a igreja de Corinto. Outros, além dele, trabalhavam em Éfeso; aí conheceu inimigos;[47] e em dez anos veremos a igreja de Éfeso ser citada como um modelo por ter sabido fazer justiça "aos que se dizem apóstolos sem o ser", por ter desmascarado a sua farsa, e pelo ódio rigoroso que ela nutre pelos "nicolaítas", quer dizer, pelos discípulos de Paulo.[48] Com toda certeza o partido judaico-cristão existiu em Éfeso desde a sua criação.

Áquila e Priscila, os colaboradores de Paulo, continuaram a ser, depois da sua partida, o núcleo da igreja. A sua casa, onde o apóstolo residira, era o lugar de reunião das pessoas mais piedosas e dedi-

[41] II *Cor.*, II, 3.

[42] I *Cor.*, XVI, 5 e seg.

[43] *Atos*, XX, 1.

[44] *Atos*, XX, 4; II *Cor.*, VIII, 19.

[45] I *Cor.*, XVI, 8.

[46] *Atos*, XX, 31.

[47] *Rom.*, XVI, 17-20. Destaca-se que *Rom.*, XVI, 3-20, é um fragmento de uma Epístola aos Efésios.

[48] *Apoc.*, II. 1 e seg.

cadas.[49] Paulo por toda a parte difundia os merecimentos deste casal respeitável, ao qual confessava dever a vida e todas as igrejas de Paulo o tinham em grande apreço. Epeneto, o primeiro efésio que se converteu, situava-se logo depois deles;[50] outros se seguiam, por esta ordem: uma certa Maria, que parece ter sido diaconisa, mulher ativa e devotada;[51] Urbano, que Paulo se menciona como seu cooperador;[52] Apeles, a quem dá o título de "honesto homem em Cristo";[53] Rufo, "homem distinto no Senhor", cuja mãe muito idosa o apóstolo chamava "Minha mãe".[54] Outra Maria, outras mulheres, verdadeiras irmãs de caridade, haviam se dedicado ao serviço dos fiéis. Eram Trifena e Trifosa,[55] "boas operárias da obra do Senhor", Persis, especialmente estimada por Paulo, e que como ele trabalhara a valer,[56] bem como Ampliato ou Amplias,[57] o judeu Heródio,[58] Estaquis, todos estimados por Paulo; uma igreja ou pequeno convento composto de Asíncrito, Flégon, Hermes, Patrolas, Hermas e muitos outros;[59] uma outra igreja ou pequena sociedade constituída por Filólogo e Júlia, Wereu e "sua irmã" (provavelmente sua mulher),[60] Olímpias e outros.[61] Duas grandes casas de Éfeso, as de Aristóbulo[62] e Narciso,[63] tinham entre os seus escravos muitos fiéis.

[49] I *Cor.*, XVI, 19; *Rom.*, XVI, 3-5; II *Tim.*, IV, 19.

[50] *Rom.*, XVI. 5. Comp. I *Cor.*, XV, 15.

[51] *Rom.*, XVI, 6.

[52] *Rom.*, XVI, 9.

[53] *Rom.*. XVI, 10.

[54] *Rom.*, XVI, 13.

[55] Comp. Le Bas, *Inscr.*, III, 804, (cf. Perrot, *Expl.*, p. 120) e 1104.

[56] *Rom.*, XVI, 12.

[57] *Ibid.*, 8.

[58] *Ibid.*, 11.

[59] *Rom.*, XVI, 14.

[60] Comp. I *Cor.*, IX, 5, e mesmo *Filém.*, 2.

[61] *Rom.*, XVI, 15.

[62] *Rom.*, XVI, 10.

[63] *Ibid.*, 11. Como Paulo não saúda estes dois personagens, conclui-se que de fato não eram cristãos. Nota-se a diferença dos versículos 5, 14, 15.

Enfim, dois efésios, Tíquico[64] e Trófimo,[65] ligaram-se ao apóstolo e tornaram-se, como outros seus companheiros. Andromico e Júnio estavam também, nesse tempo, em Éfeso: eram membros da primitiva igreja de Jerusalém;[66] Paulo tinha por eles o maior respeito, "porque tinham sido em Cristo antes dele". Ele os denomina "distintos entre os apóstolos". Em uma situação que ignoramos, provavelmente na prova que Paulo denomina "a sua batalha contra as feras", eles compartilharam da sua prisão.[67] A uma luz duvidosa aparecem Artemas, que se diz ter sido companheiro de Paulo;[68] Alexandre, o caldeireiro, Himeneu, Fileto,[69] Figelo,[70] Hermógenes, que parece terem deixado lembranças ruins, provocando dissidências ou excomunhões, e foram considerados traidores na escola de Paulo;[71] ao contrário de Onesíforo[72] e a sua família que teriam demonstrado pelo apóstolo uma grande amizade e dedicação.[73]

Muitos dos nomes mencionados eram de escravos, como pode ser visto pelos seus estranhos significados, muitas vezes semelhantes aos nomes grotescos que se batizavam os negros das colônias.[74] É certo que houve entre os cristãos muitas pessoas que não eram livres.[75] A escravidão, em muitos casos, não implicava uma completa ligação à casa do patrão, como a nossa criadagem moderna. Alguns

---

[64] *Atos*, XX, 4; *Col.*, IV, 7 e seg.; *Éfes.*, VI, 21; II *Tim.*, IV, 12; *Tit.*, III, 12. Sobre este nome veja-se *Corp. inscr. gr.*, nº 3855 i.

[65] *Atos*, XX, 4; XXI, 29; II *Tim.*, IV, 20.

[66] Vejam-se *Os Apóstolos*.

[67] *Rom.*, XVI, 7.

[68] *Tit.*, III, 12. O seu nome (Artemidoro), o seu relacionamento com Tíquico e o papel que desempenha na Epístola a Tito, fazem supor que seja Efésio.

[69] *Corp. inscr. gr.*, nº 3664, linha 17.

[70] Este nome parece referir-se à cidade de Figélia, vizinha de Éfeso. Veja-se uma inscrição de Scala-Nova. *Corp. inscr. gr.*, nº 3027.

[71] *I Tim.*, I, 20; II *Tim.*, I, 15; II, 17; IV, 14-15. O destinatário destas duas cartas (apócrifas) parece ser Éfeso.

[72] Cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 3664, linha 52; 4213; Mionet, II, 546.

[73] II *Tim.*, I, 16. 18; IV, 19.

[74] Por exemplo, *Tryphose*.

[75] I *Cor.*, VII, 21-22.

escravos tinham liberdade para se visitarem, associarem-se dentro de certos limites, formar grupos, uma espécie de associação beneficiente que auxiliasse a realização dos seus funerais.[76] É provável que muitos desses homens livres e dessas piedosas mulheres, que se dedicavam ao serviço da igreja, fossem escravos, e que as horas que ofereciam ao diaconato fossem as que horas de folga lhes permitiam os seus senhores. Na época em que se passa esta história, a escravidão abrigava pessoas polidas, resignadas, virtuosas, instruídas, bem-educadas. As mais nobres lições de moral provêm de escravos; Epiteto foi escravo grande parte da sua vida. Os estóicos, os sábios, diziam como Paulo ao escravo: "Conserva-te o que és; não sonhes em te libertar". Assim não se deve considerar os escravos, os serviçais, os criados, os operários, enfim, os trabalhadores em geral nas cidades gregas como na Idade Média, pesada, brutal, grosseira, incapaz de distinção. Esse modo de ser requintado, delicado, educado que se sente nas relações dos primeiros cristãos[77] é uma tradição da elegância grega. Os humildes operários de Éfeso, que Paulo saúda com tanta cordialidade, eram pessoas amáveis, de uma grande honradez, aumentada ainda por excelente comportamento e pelo encanto particular que existe na civilidade das pessoas do povo. A sua serenidade de alma, o seu contentamento[78] constituíam uma edificação perpétua. "Vede como eles se amam"![79] era a exclamação dos pagãos surpreendidos por esse ar inocente e tranqüilo, por esta profunda e contagiante alegria.[80] Depois da missão de Jesus, é esta a obra divina do cristianismo; é este o seu segundo milagre; milagre possível pelas forças vivas da humanidade e por tudo o que nela reside de melhor e de mais sagrado.

---

[76] *Inscr. de Lanuvium*, 2ª col., linha 3 e seg.

[77] A estranha educação das cartas de Paulo é uma prova disto.

[78] A alegria é um sentimento dominante nos cristãos de Paulo. II *Cor.*, VI, 10; XIII, 11; *Rom.*, XII, 8, 12, 15; XIV, 17; *Fil.*, II, 71-18.

[79] Tertuliano, *Apol.*, 39.

[80] Observem-se as figuras sorridentes das catacumbas, como, por exemplo, o *fossor* Diógenes (Boldetti, p. 60).

CAPÍTULO XVI

Retorno à Macedônia (continuação da terceira viagem)

É provável que, ao partir de Éfeso, Paulo tenha caminhado uma distância considerável, pelo menos durante uma parte do caminho.[1] Tinha suposto que Tito, vindo por mar de Éfeso a Troas, chegaria ali antes que ele,[2] mas isso não ocorreu. Chegando a Troas, não encontrou Tito, o que lhe causou uma grande contrariedade. Paulo já havia passado por Troas, mas supõe-se que aí ainda havia pregado,[3] e desta vez, encontrou as situações mais favoráveis.[4] Troas era uma cidade latina no gênero de Antioquia de Pisídia e de Filipos.[5] Um homem chamado Carpo recebeu o apóstolo e hospedou-o em casa;[6] enquanto esperava por Tito, Paulo foi aproveitando[7] o tempo para fundar uma igreja,[8] triunfando admi-

---

[1] Comp. *Atos*, XX, 13.

[2] II *Cor.*, II, 13.

[3] *Atos*, XVI, 9 e seg.

[4] II *Cor.*, II, 12.

[5] Assim o provam as inscrições latinas desta cidade. Veja-se Le Bas e Waddington, *Inscr.*, III, nº 1731 e seg.

[6] II *Tim.*, IV, 13. Cf. *Corp. inscr. gr.*, nº 3664, linha 17; *Ann.* de *l'Inst. Archeol.*, 1868, p. 93.

[7] *Atos*, XX, 6 e seg.

[8] I *Cor.*, II, 13 e seg.

ravelmente no seu objetivo porque, alguns dias depois, já uma companhia de fiéis o seguia até a praia, na sua partida para a Macedônia.[9] Já havia aproximadamente cinco anos que embarcara nesse mesmo porto, inspirado pela fé de um homem macedônio, que vira em sonhos e, na verdade, nunca realmente, sonho algum aconselhara coisas maiores nem levara ninguém a melhores resultados.

Assim, a segunda estada de Paulo na Macedônia durou uns seis meses, de junho a novembro de 57.[10] Todo este tempo Paulo empregou a confirmar as suas queridas igrejas. Constituiu, como residência principal,[11] Tessalônica, devendo ter permanecido também algum tempo em Filipos, e em Beréia.[12] As atribulações que o haviam absorvido durante os últimos meses da sua estada em Éfeso ainda o perseguiam. Nos primeiros dias, após a sua chegada, não teve nenhum descanso; a sua vida era uma luta contínua; era invadido pelas mais graves apreensões.[13] Estes cuidados e aflições não provinham com certeza das igrejas da Macedônia, pois não havia igrejas mais perfeitas, mais generosas, mais devotadas ao apóstolo; em nenhuma outra parte ele encontrara tanto afeto, tanta nobreza e simplicidade.[14] É bem verdade, que existiam alguns maus cristãos, sensuais, ligados à terra, a respeito dos quais o apóstolo se exprimia com bastante firmeza,[15] chamando-lhes "inimigos da cruz de Jesus, homens que não têm outro deus senão o próprio ventre, que põem toda a sua glória naquilo mesmo que devia constituir a sua vergonha", e aos quais previa uma ruína eterna; mas duvida-se que pertencessem ao próprio núcleo do apóstolo. É da igreja de Corinto que lhe vêm as maiores inquietações. Receava que a sua carta tivesse irritado os indiferentes e armado os seus inimigos.

---

[9] *Atos*, XX, 1-2.

[10] Compare-se I *Cor.*, XVI, 8 e *Atos*, XX, 2, 3, 6, 16.

[11] *Fil*, II, 12; III,18.

[12] *Atos*, XX, 4.

[13] II *Cor.*, I, 4 e seg.; VII, 4-5.

[14] *Ibid.*, VIII, 1 e seg.

[15] *Fil.*, III, 18-19.

Finalmente, Tito chegou e libertou-o de todas estas apreensões.[16] Trazia boas notícias, ainda que estivessem distantes de dissipar-se todas as nuvens. A carta produzira o efeito profundo; à sua leitura, os discípulos de Paulo choraram. Quase todos testemunharam a Tito, soluçando, a afeição profunda que dedicavam ao apóstolo, o desgosto de o ter preocupado e o desejo de o reverem e obterem o seu perdão. Estas naturezas gregas, volúveis e inconstantes, retornavam ao bem com a mesma prontidão com que o haviam deixado. Nos seus sentimentos havia também algum temor: supunham o apóstolo armado dos mais terríveis poderes;[17] diante das suas ameaças, todos os que lhe deviam a fé se intimidaram e procuraram desculpar-se. Não se indignavam contra os culpados; cada um procurava, pelo seu zelo contra estes últimos, justificar-se e desviar a severidade do apóstolo.[18] Tito foi cercado pelas mais delicadas atenções. Estava encantado pela recepção que lhe haviam preparado, o fervor, a docilidade, a boa vontade que encontrara na família espiritual do seu mestre.[19] A coleta não estava muito adiantada; mas já podia estimar-se que seria farta.[20] A sentença contra os incestuosos parece que foi atenuada, ou antes, Satanás, a quem Paulo a confiara, não lhe dera execução. Esses continuaram a viver; mas considerou-se ingenuamente à conta de indulgência consentida pelo apóstolo, o que não era mais do que o curso natural das coisas. Os incetuosos não foram sequer expulsos da igreja; mas evitavam relacionarem-se com eles.[21] Tito conduzira tudo com prudência e habilidade como o teria feito o próprio Paulo.[22] Nunca o apóstolo ficou tão alegre do que quando recebeu tais notícias. Durante alguns dias andou fora de si; arrependia-se de ter penalizado tão boas almas; mas enchia-se de alegria, vendo o efeito positivo que a sua severidade produzira.[23] Esta alegria no entanto, logo seria incomodada.

---

[16] II *Cor.*, VII, 6 e seg.

[17] Veja-se o Cap. XIV.

[18] II *Cor.*, VII, 7, 11, 15.

[19] *Ibid.*,VII, 13-15.

[20] *Ibid.*, VIII, 6 e seg.

[21] II *Cor.*, II, 6.

[22] *Ibid.*, XII, 18.

[23] *Ibid.*, VII, 8 e seg.

Os seus inimigos não cediam; a carta exasperara-os e faziam-lhe as pesadas críticas. Ressaltavam-lhe tudo quanto ela tinha de duro e injurioso para a igreja; acusavam-no de orgulho e vaidade. "As suas cartas", diziam, "são severas e enérgicas; e afinal a sua pessoa é muito insignificante e sem autoridade as suas palavras". Atribuíam a ódios pessoais o seu rigor contra o incesto. Consideravam-no louco, extravagante, homem vaidoso e sem educação. Exploravam as suas alterações de itinerários de viagem para as apresentarem como provas de seu desequilíbrio.[24] Impressionado com esta notícia, o apóstolo ditou a Timóteo[25] uma nova carta destinada, por um lado, a atenuar o efeito da primeira e a levar à sua estimada igreja, que ele acreditava ter magoado, a expressão dos seus sentimentos paternais, e por outro lado, a responder aos adversários que, por momentos, tinham conseguido ocupar o coração dos seus filhos. Entre as inúmeras contrariedades que o afligiam já há alguns meses, os fiéis de Corinto são a sua consolação e a sua glória.[26]

Se mudou o plano da viagem que lhes havia informado Tito e que, levando-o duas vezes a Corinto, lhe teria proporcionado dobrado prazer, não fora por instabilidade de espírito,[27] mas sim por atenção a eles e para não lhes mostrar mau aspecto. "Se eu vos penalizasse," acrescenta, "que seria de mim, não tendo para me alegrar senão os que eu tinha entristecido?"[28] Escrevera-lhes a última carta com os olhos cheios de lágrimas e com o coração apertado; mas agora, tudo estava esquecido, quase não se lembrava de ter ficado descontente. Por momentos arrepende-se, pensando que os afligiu; mas, depois, vendo que frutos do arrependimento na verdade produziu essa aflição não pode arrepender-se do que fez. A amargura, segundo Deus, é benéfica; segundo o mundo, leva à morte.[29] Talvez fosse severo demais. Com relação ao incestuoso, por exemplo, basta para castigo a vergonha por que já passou. É preciso consolá-lo, para que não morra de desgosto; mesmo sendo como é, tem ainda direito à caridade. O apóstolo confirma, pois, generosamente, a atenuação da sua pena; se se mostrara tão austero, tinha sido apenas para pôr à prova a docilidade dos seus fiéis.[30] Agora via claramente que não fora em vão que contara com eles. Tudo o que antecipadamente havia dito a Tito se confirmara; eles não quiseram que o seu apóstolo, cuja glória deles próprios lhe vem, ficasse desmentido.[31] Quanto aos seus inimigos, Paulo sabe que não os desarmou. A cada instante faz ardentes e espirituosas alusões a esses homens "que falsificam a palavra de Deus",[32] principalmente a essas cartas de recomendação de que contra ele tanto se abusara.[33]

Os seus inimigos são falsos apóstolos, operários pérfidos, que se disfarçam em apóstolos de Cristo. O diabo metamorfoseia-se às vezes em anjo de luz; é de admirar que os seus ministros se transformem em ministros da justiça? Os seus objetivos estão em relação com os meios utilizados.[34] Julga-se que ele não conheceu Cristo. Não pode concordar com isso; a sua visão do caminho de Damasco constituiu uma verdadeira relação pessoal com Jesus. Mas, mesmo isso, que importa? Desde que Cristo morreu, todos são mortos com Cristo para a consideração carnal. Quanto a ele não conhece ninguém segundo a carne e, se dessa maneira, tivesse sempre conhecido Cristo, nunca o teria conhecido.[35] Que o não forcem a sair dos seus hábitos; quando está entre eles conserva-se humilde, tímido, inseguro; mas que o não obriguem a usar armas que lhe foram confiadas para destruir toda a força contrária a Cristo, para vencer toda grandeza que se eleve entre a ciência de Deus, e

---

[24] II *Cor.*, I, 12 e seg., 23; II, 1 e seg., 9; III, 1 e seg.; VII, 2 e seg., 12 e seg.; X, 9 e seg.; XI, 1 e seg.

[25] II *Cor.*, I, 1. Comp. I *Cor.*, I, 1. A pessoa que Paulo acrescenta na subscrição é geralmente a de secretário. Se isto fosse uma simples prova de deferência, ele teria colocado desta vez o nome de Tito.

[26] II *Cor.*, I, 4 e seg., VII, 4 e seg.

[27] II *Cor.*, I, 15 e seg.

[28] II *Cor.*, II, 2.

[29] II *Cor.*, VII, 8 e seg.

[30] II *Cor.*, II, 2.

[31] II *Cor.*, VII, 14.

[32] II *Cor.*, II, 17: IV, 2.

[33] *Ibid.*, III, 1; V, 12, X, 12, 18; XII, II.

[34] *Ibid.*, XI, 13 e seg.

[35] II *Cor.*, V, 16. Parece que Paulo faz aqui referência a uma época da sua vida em que pregou Cristo da mesma maneira que os apóstolos da circuncisão, o que algumas vezes é utilizado para colocá-lo em contradição consigo mesmo.

submeter todo o pensamento ao jugo de Jesus; então verão que sabe punir a desobediência. Os que se consideram do partido de Cristo deviam pensar que também ele é da escola de Cristo. O poder que o Senhor lhe deu para edificar, querem obrigá-lo a dele se utilizar para destruir? O objetivo de Paulo é que os coríntios acreditem que ele pensa propositadamente em os desgostar com as suas cartas e que aqueles que têm tal linguagem se acautelem de o obrigar a ser para com eles tal como as suas cartas o revelam. Ele não pertence ao número dos que se gabam a si mesmos e que vão extorquir a uns e a outros, cartas de recomendação. A carta dele é a igreja de Corinto. Essa carta ele a traz no coração, é legível por todos, está escrita, não à tinta, mas pelo espírito de Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas nas tábuas do coração. Não se mede senão com a sua própria medida, não se compara senão consigo mesma. Não se arroga autoridade senão sobre as igrejas que fundou; não é como esses que querem estender o seu poder a países que desconhecem e que, depois de lhe terem cedido, a ele Paulo, o Evangelho do prepúcio, querem colher os frutos de uma obra que a princípio haviam combatido. Cada um no seu terreno. Ele não precisa aproveitar-se dos trabalhos dos outros, nem se vangloriar no espaço sem limites; a parcela que Deus lhe distribuiu é suficientemente bela, pois lhe deu oportunidade de levar o Evangelho até Corinto, e espera ir mais longe. Mas é só em Deus que ele se glorifica.[36]

Não era fingida, esta modéstia. Mas ao homem de ação é difícil ser modesto; arrisca-se a ser levado pelas próprias palavras. E, mesmo o apóstolo mais despido de egoísmo é sempre levado a falar de si mesmo. Pode-se considerar um aborto, o pior dos homens, o último dos apóstolos, indigno deste nome, porque perseguiu a igreja de Deus, mas não se deve imaginar que por isso abdique da sua prerrogativa.

> "O que eu sou, sou-o pela graça de Deus; mas a graça de Deus não ficou ociosa em mim. Se eu trabalhei mais que os outros apóstolos, não fui eu que trabalhei, foi a graça de Deus que trabalhou comigo...[37]

[36] II *Cor.*, X; comp. III, 1-6.

[37] I *Cor.*, XV, 9-10. Comp. II *Cor.*, III, 5.

> Não me julgo inferior aos *arquiapóstolos* de forma alguma. Se a minha palavra é a de um homem do povo, não o é a minha ciência; em tudo, vós tendes visto como eu trabalho. Pratiquei alguma falta por demasiada condescendência, anunciando-vos o Evangelho gratuitamente? Despojei outras igrejas para vós, aceitando delas o dinheiro de que eu tinha necessidade para cumprir a minha missão entre vós. Durante a minha permanência na vossa cidade, tendo-me encontrado em dificuldades, nunca vos incomodei; irmãos vindos da Macedônia me deram o que me faltava. Desse modo evitei sempre ser um encargo para vós, e assim farei no futuro. Tão verdade como estar a verdade de Cristo em mim, eu juro que esta glória não me será roubada nos países da Acaia. Por quê? Por que não vos amo? Ah! Deus o sabe. Mas esta conduta, eu a terei sempre para evitar todo motivo aos que não procuram senão motivos para se compararem a mim..."[38]

Utilizando-se da acusação de loucura que lhe fazem os seus adversários, aceita por um momento o papel que lhe atribuem e, sob uma transparente ironia oratória, como se fosse realmente um louco, lança ao rosto dos seus inimigos as mais cáusticas verdades:[39]

> "Eu sou louco; pois seja assim: suportai pois, por momentos, a minha loucura. Vós sois sábios, isso vos deve tornar indulgentes para com os loucos. Vós mostrais mesmo muita tolerância para certas pessoas que vos impõem a servidão, que vos comem, que extorquem o vosso dinheiro e que, depois de tudo isto, cheias de orgulho, vos esbofeteiam as faces. Já que é moda cantar a sua própria glória, cantemos também a nossa. Tudo o que lhes é permitido dizer nesta espécie de loucura, também eu o posso dizer como eles. Se eles são hebreus, também eu sou. Se são israelitas, também eu. Se são da raça de Abraão, dela também faço parte. Se eles são ministros de Cristo (ah! quanto eu falo como insensato!) eu sou mais do que isso. Melhor do que eles,

[38] II *Cor.*, XI, 5-12.

[39] II *Cor.*, XI, 1 e seg. Seria impossível uma tradução literária desta parte. Buscou-se conservar com exatidão o pensamento e a ação.

eu realizei a minha obra; estive na prisão mais vezes do que eles, sofri bastonadas como eles nunca sofreram; mais vezes do que eles enfim eu afrontei a morte. Os judeus aplicaram-me cinco vezes os seus trinta e nove golpes de chicote; três vezes fui bastonado; fui apedrejado uma vez; três vezes naufraguei; e passei um dia e uma noite no mar. Inúmeras viagens, perigos na travessia dos grandes rios, perigos de assaltos, perigos da parte dos judeus, perigos da parte dos gentios, perigos nas cidades, perigos nos desertos, perigos no mar, perigos da parte dos falsos irmãos; trabalhos, exaustão, vigias inumeráveis, fome, sede, jejuns, frios, nudez, tudo sofri. E além destes problemas precisarei lembrar as minhas preocupações cotidianas, o cuidado por todas as igrejas? Quem pode ficar doente sem que eu logo o fique também? Quem pode ficar escandalizado sem que eu sinta logo fogo em mim?... Eu poderia bem glorificar-me com as minhas visões e revelações...[40] Mas não quero; quero sim glorificar-me com as minhas fraquezas porque é nas nossas fraquezas que melhor se mostra a força de Cristo. É por isso que eu sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, necessidades, perseguições, angústias por Cristo, porque quanto mais fraco eu for segundo a carne, mais forte sou em Cristo.

Acabo de ser verdadeiramente um insensato; a tal me forçastes vós. Eu o teria dispensado, se vos tivésseis desejado encarregar da minha apologia junto dos que me atacam. Eu não sou nada: mas não cedo em nada aos *arquiapóstolos*. Os sinais de apóstolo, milagres, prodígios, atos de poder sobrenatural, tudo isso eu realizei diante de vós, sem que se cansasse a minha paciência. Que podeis pois invejar às outras igrejas, a não ser eu não vos ter eu importunado com as minhas necessidades? Perdoai-me esta injustiça. É a terceira vez que vos anuncio a minha chegada próxima.[41] Ainda desta vez vos não importunarei; o

[40] Vejam-se *Os Apóstolos*.

[41] Comp. I *Cor.*, XVI, 5 e seg.; II *Cor.*, I, 15 e seg. Realmente seria mais natural supor que Paulo quer dizer que já esteve duas vezes em Corinto (II *Cor.*, II,1; XII, 14, 24; XIII, 1). Mas, além dos *Atos* falarem apenas duas vezes que o apóstolo esteve em Corinto, os fatos supostos pelas duas epístolas aos coríntios excluem a hipótese de uma estada de Paulo entre essas duas, que são certas. Veja-se II *Cor.*, XII, 21; XIII, 2.

que eu quero não são os vossos bens, mas sim vós. Não são os filhos os tesouros dos pais, são os pais tesouros para os filhos. Quanto a mim, de boa vontade dispenderia tudo quanto tenho e dispender-me-ia a mim mesmo para com as vossas almas, ainda que me estimásseis menos do que eu vos estimo.

Apesar, diz-se, de eu não ter estado diretamente às vossas custas eu, como esperto ladrão que sou, tratei de vos extorquir habilmente o dinheiro que me recusava a aceitar. Dizei-me: acaso me dirigi a algum de vós, acaso recebo de vós alguma coisa? Enviei-vos Tito acompanhado do irmão que sabeis. Ele recebeu alguma coisa de vós? Vós não marchais segundo o mesmo espírito e trilhando os mesmos passos?... Ah! como eu receio, ao chegar, não vos encontrar como eu vos queria, e que vós me não encontreis tal como vós queríeis. Receio encontrar entre vós disputas, invejas, cóleras, rixas, difamações, conluios, insolências, perturbações. Receio que à minha chegada Deus me humilhe, e que me reste apenas chorar por tantos pecadores que não fizeram penitência das suas impurezas, da sua fornicação, dos seus vícios. Pela terceira vez vos digo que chegarei... Disse-o já, e repito-o, tanto ausente como presente, declaro aos que pecaram e a todos que, se eu tenho de sobre estes assuntos voltar a dizer-vos alguma coisa, eu serei inclemente, já que vos agrada provar o meu poder e averiguar se é verdadeiramente Cristo que fala em mim. Todas estas coisas escrevi-vos também de longe, para que ao chegar, eu não tivesse de usar de severidade, com o poder que Deus me deu." [42]

Nota-se que Paulo atingira a esse estado de exaltação em que viveram os principais fundadores religiosos. A sua idéia não se separava, segundo ele, de si próprio. Nesse momento, seu consolo era a maneira como executava a coleta para os pobres de Jerusalém. A Macedônia era, a este respeito, de um zelo exemplar. Seus cristãos ofereciam uma alegria, uma espontaneidade que chegavam a arrebatar o apóstolo. Quase todos os participantes da seita haviam perdido a sua pequena fortuna pelo fato de ter aderido à nova doutrina; mas a sua pobreza soube encontrar ainda alguma pequena economia para uma obra que o apóstolo considerava maravilhosa.

[42] II *Cor.*, XI, XII e XIII; cf. II, 3.

As esperanças de Paulo foram ultrapassadas; os fiéis chegavam a suplicar para que o apóstolo aceitasse as pequenas economias feitas à força de privações. Se o apóstolo os tivesse aceitado teriam dado a si próprios.[43] Paulo, levando a sua delicadeza ao extremo, e querendo, como ele dizia, ser irrepreensível não só perante Deus, mas perante os homens,[44] exigiu que por toda a parte se escolhessem por eleição os emissários encarregados de conduzir, cuidadosamente lacrada,[45] a oferenda de cada igreja, para desviar as suspeitas que a maledicência poderia ter feito recair sobre ele, neste movimento de fundos tão considerável. Estes emissários já o seguiam por toda a parte, e formavam em seu redor uma espécie de escolta de ajudantes sempre prontos a executar as suas missões. Eram o que ele denominava "os enviados das igrejas, a glória de Cristo".[46] A habilidade, a flexibilidade de linguagem, a destreza epistolar de Paulo, tinham sido utilizadas por inteiro nesta obra. Como recomendação aos coríntios o apóstolo tem as frases mais expressivas e mais ternas;[47] não ordena nada; mas, conhecendo a caridade deles, limita-se a dar-lhes um conselho. Há um ano que começaram, agora trata-se de acabar, não é bastante apenas a boa vontade. De modo algum se trata de rodear-se de dificuldades para que os outros estejam perfeitamente à vontade. A regra, nesse assunto, é a igualdade, ou melhor, a reciprocidade. Agora são ricos os de Corinto e pobres os santos de Jerusalém; compete aos primeiros socorrer os segundos; os segundos, por sua vez, socorrerão os primeiros. Assim se verificarão as palavras: "Aquele que tinha muito não sobraria nada; ao que tinha pouco nada faltaria".[48]

Coube ao fiel Tito a incumbência de voltar a Corinto e continuar o ministério de caridade que com tanta felicidade havia começado. Tito, que desejava esta missão, aceitou-a imediatamente.[49] Paulo,

[43] II *Cor.*, VIII, 1-5.

[44] II *Cor.*, VIII, 21: *Rom.*, XII, 17.

[45] *Rom.*, XV, 28.

[46] II *Cor.*, VIII, 19-21, 23; *Atos*, XX, 4; I *Cor.*, XVI, 3-4; *Fil.*, I, 25.

[47] II *Cor.*, VIII, IX.

[48] *Êxodo*, XVI, 18.

[49] II *Cor.*, VIII, 6, 16-17.

destinou, também dois companheiros cujos nomes ignoramos: um era do grupo dos emissários eleitos para levar a oferenda da Macedônia a Jerusalém; "o seu elogio", diz Paulo, "encontra-se em todas as igrejas por virtude do Evangelho que pregou"; o outro era um irmão "cuja dedicação Paulo experimentara em muitas ocasiões e que desta vez redobrara de ardor pela confiança que tinha na igreja de Corinto".[50] Paulo pede aos coríntios que confirmem as boas informações que deles deu a essas três pessoas[51] e utiliza, para excitar a sua generosidade, uma tática caridosa que quase nos faz rir.

> "Conheço a vossa boa vontade e dela me utilizo perante os macedônios: 'Vede, digo-lhes, como a Acaia ficou pronta há um ano'. A vossa dedicação tem sido um estímulo para a maioria. Agora envio-vos os irmãos, para que as qualidades que lhes tenho dito não receba um desmentido e que estejais preparados, como lhes anunciei. Reparai um pouco: se os Macedônios chegassem comigo e não vos encontrassem preparados, que vergonha para mim (permiti-me que acrescente: e também para vós)! Julguei assim necessário pedir aos irmãos que tomassem a vanguarda junto de vós, para que a esmola que nos prometestes esteja pronta e seja uma grande esmola e não uma mesquinharia. Atendei bem: o que semeia com mesquinhez, com mesquinhez colhe. Que cada um dê o que decidiu em seu coração, sem sacrifício, nem constrangimento. Deus gosta muito que se dê na mais alegre disposição...[52] O que dá a semente ao semeador vos saberá também dar o pão de que tendes fome... O cumprimento desta obra santa terá como efeito não só atender às necessidades dos pobres, mas produzir frutos abundantes de bênção, mostrar a vossa submissão, a vossa adesão à fé, a vossa comunhão com eles e com todos. Pensai nas orações que eles farão por vós, nos sentimentos afetuosos que experimentarão vendo as graças que Deus nos fez. Sim, graças a Deus pelo seu inefável dom!"

[50] II *Cor.*, VIII, 18-22; comp. *ibid.*, XII, 18. Não existem razões suficientes para acreditar que em nenhuma destas passagens se trate de um verdadeiro irmão de Paulo ou de Tito.

[51] II *Cor.*, VIII, 24.

[52] Comp. *Eclesiástico*, XXXV, 11.

A carta foi entregue a Corinto por Tito e pelos dois irmãos que o acompanhavam.[53] Paulo ficou ainda alguns meses na Macedônia. Os tempos eram muito ásperos; havia apenas uma igreja que não tinha que lutar contra dificuldades sempre maiores.[54] A recomendação que o apóstolo faz mais insistentemente é a paciência. "Atribulações, dores, angústias, pancadas de bastão, prisões, maus tratos, vigílias, jejuns, pureza, paciência, probidade, caridade sincera, nisto consiste a nossa vida; tão rapidamente honrados como vilipendiados, tão rapidamente difamados como considerados; tidos por impostores ainda que verdadeiros; por obscuros embora conhecidos [de Deus]; por mortos estando vivos; por gente que Deus castiga, e contudo nós não morremos; por tristes e nos apresentamos sempre alegres; por mendigos, nós que enriquecemos os outros; por despojados de tudo, nós que tudo temos".[55] A alegria, a harmonia, a esperança ilimitada faziam com que lhes parecesse breve o sofrimento e inauguravam o reino delicioso do "Deus de amor e de paz",[56] que Jesus anunciara. Por meio de mil coisas insignificantes, o espírito de Jesus iluminava nestes grupos de santos com todo o seu brilho e encanto.

[53] II *Cor.*, VIII, 6, 16, 18, 22, 23; IX, 5.

[54] II *Cor.*, I, 4, 6; VIII, 2; XII, 12; *Rom.*, V, 3; VIII, 17-18, 35-37; XII, 12.

[55] II *Cor.*, VI, 4-10.

[56] II *Cor.*, XIII, 14.

Retorno a Corinto — A Epístola aos Romanos (continuação da terceira viagem)

Segundo nossas estimativas, Paulo partiu da Macedônia e chegou à Grécia em fins de novembro ou princípio de dezembro do ano 57. Junto com ele estavam os delegados escolhidos pelas igrejas da Macedônia para o acompanharem a Jerusalém e para conduzirem a esmola dos fiéis, entre outros, Sópatro ou Sóspatro, filho de Pirro, de Beréia, Lúcio Tércio, Aristarco e Secundo de Tessalônica. Estima-se que Jasão de Tessalônica, que o hospedara quando da sua primeira viagem, também o acompanhara.[1] Talvez, com ele, tivessem se reunido os delegados da Ásia, Tíquico e Trofimo de Éfeso, Caio de Derbe.[2] Era uma espécie de caravana apostólica, de um aspecto imponente. Quando a eles se juntou Tito e os dois irmãos que o haviam acompanhado a Corinto, reuniu-se verdadeiramente toda a fina flor do movimento novo. Conforme o seu plano, tantas vezes alterado, mas concluído nas suas linhas essenciais, Paulo permaneceu nesta cidade os três meses do inverno 57-58 (dezembro de 57, janeiro e fevereiro de 58).[3] A igreja de Atenas interessava tão pouco que Paulo sequer a visitou, ou se o fez, nada demorou.

Como não dispunha da bondosa hospitalidade de Áquila e de

[1] *Rom.*, XVI, 21.

[2] *Atos*, XX, 4. Não são mencionados em *Rom*, XVI.

[3] I *Cor.*, XVI, 6-7; II Cor., I, 16; *Atos*, XX, 9.

Priscila, alojou-se na casa de Caio, onde se faziam as reuniões de toda a igreja, e ao qual no passado ligara-se por um laço sagrado.[4] Talvez Estéfano já houvesse morrido ou estivesse ausente. Em Corinto Paulo conservou sempre a maior reserva, porque não se sentia seguro. Sentindo o perigo que oferecia um relacionamento próximo numa cidade tão corrompida, corrigia por vezes os seus princípios e aconselhava que se evitassem inteiramente as relações com os pagãos.[5] Sempre a sua regra principal era o bem das almas, esse o único objetivo que se propunha.

É provável que a presença de Paulo em Corinto acalmasse as divergências que já havia muitos meses lhe davam tanta preocupação.[6] Uma menção amarga que faz por esse tempo a "esses que se envaidecem com os trabalhos que Cristo não fez por eles" e a outros "que edificam sobre os alicerces postos por outrem"[7] mostra porém que conservava ainda presente a impressão dos maus procedimentos dos seus adversários. A subscrição caminhava bem: a Macedônia e a Acaia tinham reunido uma soma importante.[8] Enfim, o apóstolo tinha um curto intervalo de descanso; aproveitou-o para escrever, sempre sob a forma de epístola, um resumo da sua doutrina teológica. Como esta exposição interessava igualmente a toda a cristandade, Paulo dirigiu-se à maioria das igrejas que fundara e com as quais podia se comunicar nesse momento.

As igrejas assim favorecidas foram, no mínimo quatro. Éfeso foi uma[9] delas; uma cópia também foi enviada para a Macedônia.[10] Paulo teve inclusive a idéia de enviar este texto à igreja de Roma. Em todos os exemplares o miolo da epístola[11] era quase idêntico; apenas as recomendações morais e as saudações é que mudavam.

[4] *Rom.*, XVI, 23; I *Cor.*, I, 14.

[5] II *Cor.*, VI, 14; VII, 1, passagem fora do seu lugar correto.

[6] Assim se entende pelo conjunto da Epístola aos Romanos.

[7] *Rom.*, XV, 18, 20.

[8] *Rom.*, XV, 26.

[9] *Rom.*, XVI, 3-16. Veja-se a Introdução.

[10] A cópia que tinha por final XVI, 21-24. Paulo fala de Jasão e Sóspatro na primeira linha e como sendo pessoas conhecidas.

[11] Os onze primeiros capítulos, inteiramente dogmáticos, exceto alterações insignificantes no Cap. I.

No exemplar destinado aos romanos, Paulo introduziu algumas alterações agradáveis a esta igreja, que sabia ser muito afeiçoada ao judaísmo. Foi o exemplar dirigido à igreja de Roma que serviu de base para a elaboração do texto, quando se fez a coleção das epístolas de Paulo; por isso o título que esta epístola tem hoje. Os editores (se assim é permitido exprimirmo-nos) copiaram apenas uma vez as partes comuns, no entanto, como certamente tiveram escrúpulo em nada omitir do escrito do apóstolo, recolheram no fim da cópia *princeps* as partes que mudavam nos diferentes exemplares ou que se encontravam em mais de um.[12]

Este precioso texto, base da teologia cristã, é aquele em que as idéias de Paulo são expostas com maior clareza. Nele aparece com toda a luz o grande pensamento do apóstolo; não é a Lei que importa, nem as obras; a salvação vem de Jesus, filho de Deus, ressuscitado entre os mortos. Jesus que, aos olhos da escola judaico-cristã, é um grande profeta vindo para cumprir a Lei, é aos olhos de Paulo uma aparição divina, tornando inútil tudo o que a precedeu, inclusive a própria Lei. Para Paulo, Jesus e Lei são duas coisas opostas. O que se atribua à Lei de excelência e eficácia é um roubo que se faz a Jesus; rebaixar a Lei é engrandecer Jesus. Gregos, judeus, bárbaros, todos são semelhantes; os judeus foram os primeiros a ser chamados, os gregos em seqüência mas nenhum será salvo a não ser pela fé em Jesus.[13]

Na verdade que pode o homem abandonado a si mesmo? Uma única coisa: pecar. Com relação aos pagãos, o próprio espetáculo do mundo visível e a lei natural escrita no seu coração deviam bastar para lhes revelarem o verdadeiro Deus e os seus deveres. Por uma cegueira voluntária e inútil, não adoram o Deus que muito conhecem, enganam-se nos seus vãos pensamentos; a sua pretendida filosofia tem sido apenas o erro. Para os punir, Deus abandonou-os aos vícios mais vergonhosos, aos vícios contra a natureza. Os judeus não são mais inocentes; receberam a Lei, mas não a cumpriram. Não é a circuncisão que faz o verdadeiro judeu, o pagão que segue rigorosamente a lei natural vale mais que o judeu que não cumpre a lei de Deus. Os judeus não têm nenhuma prer-

[12] Veja-se a Introdução.

[13] *Rom.*, I, 2-4, 14-17; II, 9-11. Compare-se *Éfes.*, II e III.

rogativa? Com certeza, têm uma: a eles foram feitas as promessas; a incredulidade de muitos entre eles não impedirá que essas promessas se cumpram. Mas a Lei por si mesma não faz reinar a justiça; tem servido apenas para criar o delito e pô-lo em evidência. Em outras palavras, tanto os judeus como os gentios têm vivido sob o império do pecado.[14] De onde vem pois a justificação? Da fé em Jesus,[15] sem distinção de raça.

Todos os homens eram pecadores; Jesus foi a vítima escolhida; a sua morte foi a redenção que Deus aceitou para os pecados do mundo, pois que a obra da Lei não podia justificar o homem. Deus não é apenas o Deus dos judeus; é também o Deus dos gentios. Foi pela fé que Abraão se justificou, porque está escrito: "Ele acreditou e isto foi considerado".[16] A justificação é gratuita: não se têm nenhum direito pelos seus méritos; é uma imputação que se fez por graça e por um ato misericordioso da Divindade.[17] O fruto da justificação é a paz com Deus e esperança e, por conseqüência, a paciência, que fazem com que coloquemos a nossa glória e a nossa felicidade nas atribulações, a exemplo de Cristo, que morreu pelos pecadores e no sangue do qual nós fomos justificados. Se Deus amou tanto os homens que por eles sacrificou seu filho à morte, quando eram pecadores, o que não fará agora que estão reconciliados?[18] O pecado e a morte entraram no mundo por um só homem, Adão, em que todos pecaram.

A graça e a salvação entraram no mundo por um só homem, Cristo, em que todos se justificaram. Existiram dois homens-tipos, "o primeiro Adão", ou o Adão terrestre, origem de toda a desobediência, e "o segundo Adão", ou o Adão celeste, origem de toda a justiça. A humanidade divide-se entre estes dois chefes, alguns seguindo o Adão terrestre e outros o Adão espiritual. A Lei não fez mais do que multiplicar as contravenções e torná-las conhecidas. É a graça que, superabundando onde abundara o delito, tudo dissipou, ainda que se possa dizer que, graças a Jesus, o pecado foi

[14] Rom., I, 18; III, 20.

[15] Comp. *Atos*, XXVI, 18.

[16] *Ben.*, XV, 6. A passagem hebraica encontra-se ligeiramente alterada.

[17] *Rom.*, III, 21; IV, 25.

[18] *Rom.*, V, 1-11.

uma felicidade, visto que serviu para tornar bem evidente a misericórdia de Deus.[19] Mas, dir-se-á, pequenos então, já que a graça superabunda; façamos o mal para que daí resulte o bem.[20] "É assim", diz Paulo, o que me atribuem, tornando falsa a minha doutrina. Nada de mais contrário ao meu pensamento.

Os que foram batizados em Cristo morreram no pecado, junto com Cristo, para ressuscitarem e viverem com Ele, isto é, para levarem uma vida inteiramente nova. O 'antigo homem' que existia em nós, isto é, o homem que nós éramos antes do batismo, foi crucificado com Cristo. Pelo fato do cristão se desligar da Lei, não significa que lhe seja permitido pecar. Da escravidão do pecado, passou à escravidão da justiça; da vida de morte, à vida de vida. O cristão entá morto para a Lei. Mas a Lei criava o pecado. Na sua ausência era boa e santa, mas dava a conhecer o pecado e agravava-o,[21] e desta maneira o preceito destinado a criar a vida criava a morte. Uma mulher é adúltera, se na vida do seu marido descumpre a lei do casamento, mas depois da morte do marido não existe adultério possível. Cristo, destruindo a Lei, livrou-nos da Lei e atraiu-nos a si. Morto na carne, que levava ao pecado, morto na Lei, que fazia ressaltar o pecado, o cristão não tem senão que servir Deus "na juventude do espírito e não na deterioração da letra da Lei. A Lei era espiritual, mas o homem é carnal. Há duas partes no homem: uma que ama e quer o bem; outra que faz o mal, sem que o homem disso tenha consciência.

Muitas vezes não acontece de não se fazer o bem que se deseja, e se fazer o mal que não se quer? É porque o pecado reside no homem e age nele, independente dele. O homem interior, isto é a razão, adere à lei de Deus; mas a concupiscência está em guerra permanente com a razão e a lei de Deus. Que homem desgraçado que eu sou! Quem me livrara deste corpo de morto? Graças a Deus, por Jesus Cristo Nosso Senhor![22]

O verdadeiro cristão, livre da Lei e da concupiscência, está resguardado de dano, pela misericórdia de Deus, que enviou seu

[19] *Rom.*, IV, 12-21.

[20] Comp. *Rom.*, III, 5-6.

[21] Comp. I *Cor.*, XV, 56.

[22] *Rom.*, VI-VII.

filho único com uma carne de pecado, semelhante à nossa, para destruir o pecado. Mas esta libertação não é possível se o homem não rompe com a carne e vive segundo o Espírito.

A sabedoria da carne é a grande inimiga de Deus; ela é a própria morte. Ao contrário, o Espírito é a vida. Por ele somos filhos adotivos de Deus; por ele exclamamos *Abba*, isto é, 'Pai'.[23] Mas se somos filhos de Deus, somos também os seus herdeiros e co-herdeiros de Cristo. Após termos participado dos seus sofrimentos, participaremos da sua glória. Que valem todos os sofrimentos atuais comparados com a glória que em breve nos cobrirá? Toda a criação espera este grande apocalipse dos filhos de Deus. Ela geme e reside de certa forma nas angústias do próprio nascimento; mas espera ainda. Espera, digo eu, ser livre da servidão em que geme, sujeita como está à enfermidade e à corrupção, e passar à liberdade gloriosa dos filhos de Deus. Também nós, que recebemos as primícias do Espírito, gememos em nosso interior, esperando o momento em que seja completa a nossa elevação ao estado de filhos de Deus e em que o nosso corpo se liberte da sua fragilidade. É a esperança que nos salva; ora não pode esperar-se senão o que se vê. Perseveremos pacientemente nesta espera do invisível, com a ajuda do Espírito. Nós não sabemos rezar; mas o Espírito supre a nossa falta e intervém por nós junto de Deus pelos gemidos inefáveis.[24] Deus, que perscruta os corações, sabe adivinhar os desejos do Espírito e separar estes gemidos indistintos e inarticulados.[25]

É por um ato direto de Deus que somos designados para a metamorfose que nos transformará iguais a seu filho e que fará de todos os viventes irmãos uns dos outros e dos quais Cristo seria o irmão mais velho. Pela sua presciência, Deus conhece antecipadamente os eleitos; aquele que conhece predestina-os; os que predestina chama-os; os que chama justifica-os; e todos os que por ele forem justificados ele os glorifica. Estejamos tranqüilos: se por nós Deus sacrificou o seu próprio filho e o entregou à morte, pode ele recusar-nos? Quem será no dia do julgamento o acusador dos eleitos? Deus que os justificou? Quem os condenará? Cristo, que morreu e ressuscitou, que está sentado à direita de Deus, que intercede por nós? Impossível. Que podem depor contra nós as atribulações, as angústias, a perseguição, a fome, a nudez, os perigos e os golpes com cutelos? Quanto a mim", acrescenta Paulo, "tenho a certeza de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem as forças superiores, nem as forças inferiores, nada no mundo poderá separar-nos do amor de Deus em Jesus Cristo, Nosso Senhor".[26]

O cristianismo nas mãos de Paulo atingira assim uma grande distância do judaísmo. Jesus não teria ido tão longe. Sem dúvida que Jesus proclamara bem alto que o reino da Lei acabara, que não subsistia senão o culto em espírito e em verdade de Deus-Pai. Mas em Jesus a poesia, o sentimento, a imagem, o estilo são essencialmente judeus. Ele recebe influência direta de Isaías, pelos salmistas, pelos profetas do tempo do cativeiro, pelo autor do *Cântico dos Cânticos* e por vezes pelo autor do *Eclesiastes*. Paulo é influenciado apenas por Jesus, e não como Jesus era na margem do lago de Genesaré, mas sim pelo Jesus que ele concebe, tal como o viu na sua visão interior. Para os seus antigos correligionários manifesta apenas piedade. O cristão "perfeito", o cristão "esclarecido" é aos seus olhos o que conhece a inutilidade da Lei e a frivolidade das práticas piedosas.[27]

Paulo queria ser anatematizado pelos seus irmãos em Israel; constituía para ele uma grande tristeza, um contínuo desgosto pensar nessa raça nobre, elevada tão alto em glória, que teve o privilégio da adoção, da aliança, da Lei, do verdadeiro culto, das promessas, que teve os patriarcas, de que o Cristo provém segundo a carne. Mas Deus não falhou às suas promessas. Não é pelo fato de ser originário de Israel que se é verdadeiro israelita: as promessas herdam-se pela escolha e a vocação de Deus, não pelo nascimento. Nisto não há nada de injusto. A salvação é o resultado, não dos esforços humanos, mas sim da misericórdia de Deus. Deus pode ter piedade de quem lhe convém e desatender quem lhe parece. Quem ousaria pedir a Deus o motivo das suas preferências? Acaso o vaso de barro diz ao oleiro: Por que me fizeste assim? Não tem o oleiro o direito de fazer com o mesmo barro dois vasos, um para usos honrosos, outro para usos tolos? Se a Deus agrada preparar um homem para mostrar o seu poder quebrando-o, como o fez com

---

[23] Referência às palavras hebraicas que pronunciavam os glossólabos.

[24] Alusão aos suspiros dos glossólabos.

[25] *Rom.*,VIII, 1-27.

[26] *Rom.*, VIII, 26-39.

[27] *Rom.*, XIV, 15; I *Cor.*, IX, 22; *Fil.*, III, 15 e seg.

Faraó,[28] ele é nesse ato o único senhor, tanto mais que isso apenas faz ressaltar a sua misericórdia para com os que preparou e chamou para a glória. Ora, esta escolha foi feita sem nenhuma consideração, nem de raça, nem de sangue.[29] Se o povo judeu se vê suplantado é sua a culpa. Teve confiança demais nas obras da Lei; acreditou chegar por essas obras à justiça. Os gentios, livres dessa pedra que lhes deteria os passos, entraram mais facilmente na verdadeira doutrina da salvação pela fé. Israel pecou por zelo demasiado pela Lei e por se ter apoiado quase só na justiça pessoal que se adquire pelas obras. Esqueceu-se de que a justiça vem apenas de Deus, que ela é um fruto da graça e não das obras; isto lhe fez desconhecer o instrumento desta justiça, que foi Jesus.[30]

Deus, no entanto, repudiou o seu povo? Não. É verdade que Deus julgou correto cegar e endurecer a maioria de judeus. Mas o primeiro núcleo de eleitos foi escolhido do seio de Israel. Além disso, a perdição não é definitiva do povo hebreu. Esta perdição teve por objetivo salvar os gentios e provocar entre os dois grupos de eleitos uma salutar emulação. Para os gentios foi uma alegria que os judeus tivessem falhado um momento à sua vocação, pois é por sua falta e devido ao seu desfalecimento que os gentios puderam substituí-los. Mas se um desmaio do povo judeu, se um momento de atraso da sua parte constituiu a salvação do mundo, o que significará a sua entrada em massa na igreja? Será a ressurreição. Se os primeiros frutos são santos, toda a massa o é também; se a raiz é santa, são igualmente os ramos. Alguns ramos foram cortados e enxertados ramos de oliveira brava, os quais se tornaram assim participantes da raiz e da seiva da oliveira. Mas evita, oliveira brava, de te orgulhares à custa dos ramos cortados. Não és tu que sustentas a raiz, mas sim a raiz que sustenta a ti. Sim, dirás tu; mas os ramos foram cortados para que eu fosse enxertada. É verdade; foram cortados por falta de fé; tu deves tudo a fé; cuidado com o orgulho; treme. Se tu não perseveras, também serás cortada. Se eles voltarem à fé, Deus tem o poder de os enxertar no próprio tronco. Israel esteve cego até que a multidão dos gentios entrasse na igreja; mas, depois disto, Israel será salvo. Os dons de Deus são sem arrependimento. A amizade de Israel e de Deus foi eclipsada, para que os gentios pudessem, nesse período, receber o Evangelho; mas, a vocação de Israel, as promessas feitas aos patriarcas nem por isso deixarão de ter o seu efeito.[31] Deus utiliza-se da incredulidade de uns para salvar os outros; pois aqueles que ele tornou incrédulos, ele os salva por sua vez; tudo isto para estabelecer que a salvação é um ato de misericórdia da sua parte e não um resultado a que se chega por direito de nascimento, por obras, ou pela livre escolha da sua razão. Deus não escuta o conselho de ninguém; não é escravo de ninguém; não tem de dar contas a ninguém. "Ó profundeza dos desígnios de Deus! Como os seus caminhos são insondáveis! Como os seus caminhos são impenetráveis! Tudo vem dele, tudo é por ele, tudo é para ele. Glória a ele na eternidade! Amém".[32] Aqui Paulo, segundo[33] o seu costume, termina por aplicações morais.

O culto do cristão é um culto de razão, sem outro sacrifício que o de si mesmo. Cada um deve apresentar a Deus uma vítima pura e digna de ser aceita. O espírito da igreja deve ser a modéstia, a concórdia, a mútua solidariedade; todos os dons, todos os papéis são intimamente ligados. Um só corpo tem muitas partes; cada parte não tem apenas uma função, mas todos interagem uns com os outros. Profetas, diáconos, doutores, predicantes, benfeitores, superiores, encarregados nas obras de misericórdia são igualmente necessários, contanto que utilizem nas suas funções a simplicidade, a dedicação, a alegria que estas funções reclamam. Caridade sem hipocrisia, fraternidade, delicadeza e cortesia, atividade, fervor, alegria, esperança, paciência, amabilidade, harmonia, humildade, perdão das injúrias, amor do próximo, pressa em atender às necessidades dos santos, abençoar os que nos perseguem, alegrar-se com os que se alegram, chorar com os que choram, vencer o mal não pelo mal mas pelo bem: essa é a moral, em parte tirada dos antigos livros hebreus,[34] que Paulo prega depois de Jesus.[35] Na época em

---

[28] *Êxodo*, IX, 16.

[29] *Rom.*, IX, 1-29.

[30] *Rom.*, IX, 30-33, e todo o X.

[31] Comp. II *Cor.*, III, 13-16.

[32] I *Rom.*, XI.

[33] Comp. *I Petri*, II, 2, 5; Levi, *Testam. dos Dois Patr.*, 3.

[34] *Prov.*, XXV, 21; *Deuter.*, XXXII, 35; *Eccl.*, XXVIII, 1.

[35] *Rom.*, XII, XIII, 8-10.

que escrevia esta epístola, parece que diversas igrejas, principalmente a igreja de Roma, contavam no seu meio ou discípulos de Judas, o *gaulonita*, que negavam a legitimidade do imposto e pregavam a revolta contra a autoridade romana, ou *ebionitas*, que opunham inteiramente um ao outro o reino de Satã e o do Messias e identificavam o mundo da época como o império do Demônio.[36] Paulo responde-lhes como verdadeiro discípulo de Jesus:

> "Cada um deve submeter-se aos poderes existentes; porque não há poder que não venha de Deus. Os poderes que existem são ordenados por Deus; de maneira que o que faz oposição aos poderes resiste à ordem estabelecida por Deus; ora os que resistem à ordem estabelecida por Deus atraem sobre si um julgamento severo. Os governantes fazem recear o mal e não o bem. Queres tu não temer a autoridade? Pratica o bem e tu obterás elogios; porque ela cumpre, da parte de Deus, junto de ti, um ministério benéfico. Mas se tu fazes o mal, treme; porque não é em vão que ela usa a espada; ela cumpre da parte de Deus um ministério de vingança e de cólera contra os que fazem o mal. É preciso, pois, ser submissos não só com receio do castigo, mas por dever de consciência. Por isso pagais os impostos. Os soberanos são funcionários de Deus,[37] que tratam de cumprir o ofício que lhes foi imposto. Entregai a cada um o que lhe é devido: pagai o imposto a quem deveis o imposto; a quem deveis o censo pagai o censo; a quem deveis o medo, pagai o medo; a quem deveis a honra, pagai a honra."[38]

Isto foi escrito no quarto ano de Nero que ainda não tinha dado motivo para o amaldiçoarem. Até então o seu governo fora o melhor depois da morte de Augusto. No momento em que Paulo, com muito bom senso, colocava contra a teocracia judaica a defesa do imposto, Nero abrandava-lhe os rigores e procurava inclusive reformá-lo radicalmente.[39] Até então os cristãos não tinham nada

[36] *Epif. haer.*, XXX, 16; *Hom. pseudo-clem.*, XV, 6, 7, 8.

[37] Cabe lembrar que o imposto para os judeus implicava sempre uma idéia religiosa. Comp. Méliton, em Cureton, *Spicil. Syr.*, p. 43.

[38] *Rom.*, XIII, 1-7.

[39] Tácito, *Ann.*, XIII, 50-51; Suetônio, *Nero*, 10.

para se queixar contra ele, e acredita-se que num tempo em que a autoridade romana servia a sua obra, não lhe opondo obstáculos, Paulo tivesse procurado evitar movimentos tumultosos que podiam fazer perder tudo, e aos quais os judeus romanos eram muito propensos.[40] Estas agitações, e as prisões e os suplícios que se lhes seguiam trariam antipatia à nova seita, confundindo assim os seus adeptos com os ladrões e os perturbadores da ordem pública.[41] Paulo tinha o suficiente senso prático para não ser um agitador; queria que o nome de cristão fosse bem visto, que um cristão fosse um homem de ordem, com bom conceito na polícia, e boa reputação aos olhos dos pagãos.[42] É por isso que escreveu essa página duas vezes singular da parte de um judeu e da parte de um cristão. Vê desabrochar, ingenuamente, o que havia na própria essência do cristianismo nascente de perigoso em política, ou seja, a teoria do direito divino é exposta claramente. Nero foi proclamado por Paulo como um ministro, um encarregado por Deus, um representante da autoridade divina. O cristão, podendo praticar livremente a sua religião, será um cego, nunca um cidadão. Acredito dizer assim inteiramente a verdade; não se podem fazer bem duas coisas ao mesmo tempo; a política não é tudo, e a glória do cristianismo consiste exatamente em ter criado fora dela um mundo inteiro. Mas veja-se ao que se expõem as teorias absolutas! "O funcionário de Deus", cuja aprovação todos os homens honestos devem procurar, cuja espada apenas se volta contra os maus, em alguns anos será a Besta do Apocalipse, o Anticristo, o perseguidor dos santos. A inquietação dos espíritos, a crença de que o mundo ia acabar, explicam esta profunda indiferença:

> "Chegou a hora de despertarmos do sono. A salvação está agora mais próxima do que o acreditávamos. Passou a noite, aproxima-se o dia. Deixemos pois as obras das trevas e revistamos as armas da luz. Sigamos honestamente como se deve fazer em pleno dia, não em festas e orgias, nas impurezas e nos vícios, nas disputas e nas rivalidades. Revesti-vos de Jesus

[40] Suetônio, *Cláudio*, 25.

[41] I *Petri*, 14-16.

[42] *Rom.*, XII, 17. Cf. I *Tess.*, IV, 11.

Cristo, e tomai cuidado em que a carne não degenere em desejos."[43]

A luta de Paulo contra os seus adversários, mais ou menos ebionitas, está no trecho da sua carta relativa à abstinência de carnes e às observâncias de neomênias, de *sabats* e de dias.[44] O ebionismo, que desde então tinha em Roma o seu núcleo principal,[45] entregava-se muito a estas práticas exteriores, que na verdade nada mais eram do que uma continuação do essenismo. Havia pessoas escrupulosas, ascéticas, que não só praticavam as ordenanças legais sobre as carnes, mas que comiam apenas legumes, e não bebiam vinho.[46] Cabe lembrar que o cristianismo se propagava entre pessoas muito piedosas, e, como tais, muito propensas às práticas da devoção. Tornando-se cristãs, permaneciam fiéis aos seus antigos hábitos; ou antes, a adoção do cristianismo era para elas apenas um ato mais de devoção (*religio*). Nesta nova carta Paulo permanece fiel às excelentes regras de conduta que traçara aos coríntios. Em si mesmo essas práticas são inteiramente vãs. Mas o que importa, acima de tudo, é não chocar as consciências fracas, não as perturbar, não raciocinar com elas. Aquele cuja consciência é esclarecida não deve desprezar aquele cuja consciência está ainda na ignorância. Não deve a consciência medrosa permitir-se o julgar a consciência ampla. Cada um siga o seu próprio juízo; o bem é o que se crê bem perante Deus. Como ousamos julgar o nosso irmão? É Cristo quem julgará a todos; cada um responderá por si. A distinção das carnes não reside em coisa nenhuma; tudo é puro. O que importa é não escandalizar o irmão. Se, comendo as carnes permitidas, tu penalizas teu irmão, acautela-te; por causa de uma questão de carnes, não percas uma alma pela qual Cristo morreu. O reino de Deus não tem nada com o comer e o beber; resume-se em justiça, paz, alegria, edificação.[47] Os discípulos de Paulo ocuparam-se durante muitos dias copiando este manifesto, destinado a diversas igrejas.

---

[43] *Rom.*, XIII, 11-14.

[44] Comp. *Gál.*, IV, 10; *Coloss.*, II, 16.

[45] *Epit. haer.*, XXX, 18.

[46] *Dan.*, I, 8, 12; Jos., *Vita*, 2, 3.

[47] *Rom.*, XIV e XV, 1-13.

A Epístola às igrejas da Macedônia foi escrita por Tércio. Os macedônios, que acompanhavam Paulo e os coríntios, que tinham relações com as igrejas do norte da Grécia, aproveitaram a ocasião para saudar os seus irmãos.[48] A Epístola aos Efésios trazia a saudação nominal de Paulo a quase todos os cristãos dessa grande igreja. Como havia poucas relações entre Corinto e Macedônia por um lado, e Éfeso, por outro, o apóstolo não conta aos efésios sobre as pessoas que o rodeiam; mas recomenda Febe, diaconisa de Kencréias, que provavelmente tenha sido a mensageira da carta. Febe partiu para uma árdua viagem de inverno através do arquipélago, sem outros recursos a não ser uma recomendação de Paulo. A igreja de Éfeso fora alertada a recebê-la com a maneira digna dos santos e a socorrê-la em suas necessidades.[49] Paulo tinha, naturalmente, algumas inquietações a respeito das intrigas do partido judaico-cristão em Éfeso; assim, no fim da carta, acrescentou à mão:

Ora eu vos convido, irmãos, a acautelar-vos dos que semeiam as divisões e os escândalos contra a doutrina que aprendestes. Evitai-os, porque esses servem não a Cristo Nosso Senhor, mas a seu ventre, e, pelas suas lisonjas e pelas suas carícias, reduzem os corações dos simples. A vossa docilidade é por toda a parte enaltecida; eu me envaideço convosco; mas quero que sejais prudentes para o bem e inocentes para o mal. O Deus de Paz esmagará em breve Satã sob os vossos pés.[50]

Paulo, redigindo este escrito principal, pretendia enviá-lo à igreja de Roma que tinha sido reformada depois do édito de Cláudio e era muito bem falado.[51] Era pouco numerosa,[52] e em geral constituída por ebionitas[53] e judaico-cristãos, mas abrangia também prosélitos e pagãos convertidos. A idéia de enviar um texto escrito

---

[48] *Rom.*, XVI, 21-24.

[49] *Rom.*, XVI, 1-2.

[50] *Rom.*, XVI, 17-20.

[51] *Rom.*, I, 8.

[52] Assim se deduz de *Atos*, XXVIII, 17 e seg.

[53] *Epif. haer.*, XXX, 18. Em Roma a tradição ebionita se conservou mais forte. As *homilias pseudo-clementinas*, obra ebionita, foram lá escritas.

dogmático a uma igreja que não fundara, era audaciosa e fora dos hábitos de Paulo. O apóstolo teve medo de que se visse neste seu procedimento alguma coisa de indiscreto; evita tudo que possa lembrar o tom de um mestre falando com autoridade; não faz saudações pessoais. Com esses cuidados imaginou que o seu título, já reconhecido, de apóstolo dos gentios, lhe dava o direito de se dirigir a uma igreja que desconhecia. Preocupava-o a importância de Roma como capital do Império e há muitos anos alimentava o projeto de conhecer Roma. Não podendo executar, por enquanto, o seu desígnio, quis ser simpático esta igreja ilustre, a qual compreendia uma classe de fiéis de que ele era o pastor, e anunciar-lhe a boa nova da sua futura visita. A redação e o envio da chamada Epístola "aos Romanos" ocuparam quase todo o inverno que Paulo passou em Corinto. De certa forma, foram as semanas mais intensas da sua vida. Este escrito tornou-se mais tarde o resumo do cristianismo dogmático, a declaração de guerra da teologia à filosofia, a peça principal que levou um grande número de espíritos rudes a filiarem-se ao cristianismo como uma maneira de abafar a razão, proclamando a sublimidade da crença no absurdo. É a aplicação dos méritos de Cristo que justifica; é Deus que realiza em nós o querer e o fazer.[54] É nada menos que o inverso radical da razão que, essencialmente pelagiana, tem por dogma fundamental a liberdade e a personalidade dos méritos. Assim, a doutrina de Paulo, contrária a todo o senso humano, foi realmente libertadora e salutar. Separou o cristianismo do judaísmo; separou o protestantismo do catolicismo. As observâncias bondosas, persuadindo o devoto de que é por elas justificado, têm um duplo inconveniente: o primeiro é matar a moral fazendo com que o devoto acredite que tem um meio seguro e cômodo de entrar no paraíso contra a vontade de Deus. O judeu mais desprovido de sentimento, um usurário egoísta e mau, imaginava que cumprindo a Lei obrigava Deus a salvá-lo. O católico do tempo de Luís XI imaginava que com missas se procedia para com Deus como com multas para com o meirinho, podendo assim um homem vil, que Deus não amasse chegar, por pouco cuidadoso que fosse, a ganhar o Céu, sendo Deus obrigado a recebê-lo em sua companhia. Esta maldade, a que o judaísmo foi levado pelo talmudismo, a que o cristianismo foi levado pelo catolicismo da Idade

[54] *Fil.*, II, 13.

Média, Paulo combate-a com energia. Segundo ele é-se justificado, não pelas obras mas sim pela fé; é a fé em Jesus que salva.[55] É assim que esta doutrina, de aparência tão conservadora foi, de todos os reformadores, a alavanca com a qual Wiclef, João Huss, Lutero, Calvino, São Cirano, destruíram uma tradição secular de ingênua confiança no padre e uma espécie de justiça exterior dissociadas do coração.

O escrúpulo é o outro inconveniente das práticas. Supondo-se que as práticas tenham um valor em si mesmas, *ex opere operato*, independentemente da situação da alma, dão margem a todas as sutilezas de uma casuística meticulosa. A obra legal torna-se uma receita cujo sucesso depende de uma execução pontual. Nela se confundem o talmudismo e o catolicismo. O desespero dos devotos judeus do tempo de Jesus e de Paulo era o receio de não observar inteiramente a Lei, a apreensão de não estar seguindo perfeitamente uma regra.[56] Acreditava-se que o homem mais santo tinha pecados; que lhe era impossível deixar de prevaricar. Chegava-se quase a deplorar que Deus tivesse dado a Lei, pois que ela servia apenas para provocar contravenções; confessara-se este pensamento singular: que Deus podia ter estabelecido todos estes mandamentos apenas para fazer pecar e constituir todo o mundo pecador. Jesus, no pensamento dos seus discípulos, vem possibilitar a entrada no reino de Deus, que os fariseus tinham tornado tão difícil, alargar a porta do judaísmo que tanto tinham estreitado. Paulo, no mínimo, não imagina outra maneira de suprimir o pecado senão suprimindo a Lei. O seu raciocínio é semelhante ao dos probabilistas: multiplicar as obrigações é multiplicar os delitos; libertar as consciências, torná-las o mais leves possível, é prevenir as ofensas, pois ninguém viola um preceito pelo qual não se crê obrigado. O escrúpulo é o grande tormento das almas delicadas; quem as alivia tem sobre elas um grande poder. Um dos costumes mais freqüentes da devoção das seitas pietistas na Inglaterra é conceber Jesus como aquele que veio limpar a consciência, sossegar o culpado, acalmar a alma pecadora, livrar da preocupação do mal.[57]

[55] *Atos*, XVI, 31.

[56] O Talmude é a expressão destes escrúpulos infinitos.

[57] Elisabeth Wetherell. Cf. *Mat.*, XI, 28.

Acabrunhado sob o sentimento do pecado e da condenação, Paulo não encontra a paz senão em Jesus. Todos são pecadores, todos até no último, todos o são devido à sua descendência de Adão.[58] O judaísmo, pelos seus sacrifícios pelo pecado, tinha estabelecido a idéia de prestação de contas de algum modo abertas entre o homem e Deus, de remissão e de dívidas: idéia muito falsa, porque o pecado não se redime, repara-se; um crime cometido durará até a eternidade; somente a consciência que o cometeu pode se emendar e produzir atos contrários. O poder de redimir os pecados era um dos poderes que se acreditava que Jesus tinha conferido. A igreja nunca teve poder mais precioso: ter cometido um crime, ter a consciência sobrecarregada, muitas vezes foi o motivo para se fazer cristão. "É esta uma lei que serve para vos livrar de pecados de que não pudestes ser justificados pela lei de Moisés".[59] Que havia de mais tentador para o judeu? Um dos motivos que levaram, diz-se, Constantino para o cristianismo foi a crença em que apenas os cristãos tinham expiações para tranqüilizar a alma de um pai que tivesse matado o filho. O misericordioso Jesus, perdoando a todos, dando até uma certa preferência aos pecadores, apareceu neste mundo cheio de perturbação como o grande pacificador das almas. Quase foi dito que era bom ter pecado, que toda a remissão era gratuita, que só a fé justificava.[60] Uma das particularidades das línguas semíticas explica este mal-entendido e desculpa esta psicologia moral incompleta. A forma *hiphil* significa ao mesmo tempo o efetivo e o declarativo, se bem que *hasdik* signifique também "fazer justiça" e "declarar justo", perdoar a alguém por uma falta cometida e declarar que não a cometeu. O "justificado" é, segundo este idiotismo, não só o que foi perdoado de uma falta, mas o que ficou consolado, que não tem mais que se ocupar dos pecados que possa ter cometido, dos preceitos que possa ter violado.

Paulo, ao enviar a sua terrível epístola, já tinha fixado, aproximadamente, o dia da sua partida.[61] Invadiram-no as maiores inquietações;[62] tinha o pressentimento de graves acidentes, e apropriava muitas vezes estes versículos de um salmo:[63] "Por ti suportamos a morte todos os dias; somos tidos como ovelhas destinadas ao açougue".[64] Presságios muito precisos antecipavam os perigos que iria correr da parte dos judeus da Judéia.[65] Não tinha muita segurança nas disposições da Igreja de Jerusalém. Muitas vezes encontrara a igreja dominada por motivos mesquinhos, que receava ser mal recebido, o que, considerando a qualidade de muitos dos crentes que o acompanhavam, teria um efeito desastroso. Pedia incessantemente que os fiéis rogassem a Deus para que a sua oferenda fosse favoravelmente recebida pelos santos.[66] Colocar assim tímidos neófitos provincianos em contato direto com a aristocracia da capital, era uma idéia de enorme risco. Guiado pela sua admirável tenacidade, Paulo persistia no seu projeto. Julgava-se levado por uma ordem do Espírito.[67] Dizia que ia a Jerusalém servir os santos, representando-se como o diácono dos pobres de Jerusalém.[68] Os seus principais discípulos e os delegados, levando cada um a oferenda da sua igreja, estavam em volta dele prestes a partir. Eram, recordemo-los, Sópatro de Beréia, Aristarco e Secundo, de Tessalônica, Caio de Derbe, Tíquico e Trofimo de Éfeso e, finalmente, Timóteo.

No instante em que Paulo ia embarcar para a Síria, a justeza dos seus receios confirmou-se. Veio à tona uma conspiração dos judeus para o raptarem ou o matarem durante a viagem.[69] Paulo mudou rapidamente de itinerário, decidindo que regressaria pela Macedônia. Era abril[70] do ano 58.

No pensamento de Paulo, acabava a primeira parte dos seus projetos apostólicos e sua terceira missão. Todas as províncias

---

[58] Veja-se a expressão judaica de sentimento idêntico no *Livro IV de Esdras*, III, 21-22; IV, 30; VII, 46 e seg.; VIII, 35 e seg.

[59] *Atos*, XIII, 38-39.

[60] *Atos*, XIII, 39.

[61] *Rom.*, XV, 25.

[62] *Atos*, XX, 22-23.

[63] Sal. XLIV (Vulg. XLIII), 23.

[64] *Rom.*, VIII, 35-37.

[65] *Rom.*, XV, 30-31.

[66] *Rom.*, XV, 30-31.

[67] *Atos*, XX, 22.

[68] *Rom.*, XV, 25, 26, 31.

[69] *Atos*, XX, 3.

[70] *Atos*, XX, 6.

orientais do Império Romano, desde o seu limite extremo para o este até a Ilíria,[71] com exceção do Egito, tinham escutado anunciar o Evangelho. Nunca o apóstolo saíra da sua regra de pregar apenas nos países onde Cristo não fora ainda nomeado, isto é, onde outros apóstolos ainda não tinham estado; toda a sua obra era original, pertencendo apenas a si mesmo.[72] A terceira missão tinha tido abrangido a mesma região que a segunda; Paulo andara um pouco no mesmo círculo e começava a achá-lo apertado.[73] Sentia pressa de realizar a segunda parte dos seus projetos, isto é, proclamar o nome de Jesus no mundo ocidental, para que se pudesse dizer que o mistério guardado na eternidade era conhecido de todas as nações.

Fora precedido em Roma, constituindo os da circuncisão a maioria da igreja. Era como pastor universal das igrejas dos gentios, para confirmar os pagãos convertidos, e não como fundador, que ele pretendia chegar na capital do Império. Sua intenção era uma visita breve, gozar algum tempo da companhia dos fiéis, repousar e edificar-se entre eles, e depois recrutar, segundo o seu costume, novos companheiros de viagem que o seguiriam no seu curso ulterior.[74] Era para Espanha que dirigia o olhar que não recebera ainda, nessa época, emigrados israelitas; o apóstolo queria desta vez desviar-se de recalcar a esteira das sinagogas e dos estabelecimentos anteriores. Mas a Espanha era considerada como o término do Ocidente; assim Paulo julga-se autorizado a concluir que, depois de ter pregado na Acaia, Macedônia, ter atingido a Ilíria e ter, por fim, chegado à Espanha, poderá em verdade dizer que o nome de Jesus fora anunciado até aos confins da Terra e que a pregação do Evangelho se cumprira plenamente.

No entanto, circunstâncias alheias à sua vontade impediram Paulo de realizar a segunda parte do grandioso plano que se traçara. Ele tinha 45 a 48 anos; teria tido certamente o tempo e a energia para realizar, no mundo latino, uma ou duas dessas missões que, com tanta felicidade, executava no mundo grego; mas a fatal viagem de Jerusalém destruiu todos os seus desígnios. Paulo pressentia os perigos desta viagem; todos, ao seu redor, sentiam. Porém não podia renunciar a um projeto a que dava tanta importância. Jerusalém devia perder Paulo. Para o cristianismo nascente tinha sido uma das mais desfavoráveis condições ter a sua capital num foco de fanatismo tão exaltado. O acontecimento que, em dez anos, destruísse completamente a igreja de Jerusalém prestaria ao cristianismo o maior serviço que jamais recebeu no curso da sua longa história. A questão de vida ou morte era saber se a nova seita se livraria ou não do judaísmo. Ora, se os santos de Jerusalém, agrupados em volta do templo, continuassem sendo sempre a aristocracia e, por assim dizer, a "corte de Roma" do cristianismo, esse grande rompimento não teria ocorrido; a seita de Jesus, com a de João, extinguir-se-ia obscuramente e os cristãos ficariam desolados, órfãos entre os sectários judeus do primeiro e do segundo século.

---

[71] *Rom.*, XV, 19, 23.

[72] *Rom.*, XV, 21-21.

[73] *Rom.*, XV, 23.

[74] *Rom.*, I, 10 e seg.: XV, 24, 28, 29 e 31; *Atos*, XIX, 21.

Retorno a Jerusalém

Dirigindo-se para a Macedônia, Paulo e os delegados das igrejas partiram de Kencréias, carregando as oferendas dos fiéis para os pobres de Jerusalém.[1] Era a primeira peregrinação à Terra Santa, a primeira viagem de um grupo de piedosos convertidos ao berço da sua fé. Estima-se que durante uma parte da viagem,[2] o navio ia fretado e obedecia às suas ordens; mas devia ser uma simples barca com ponte. Navegavam quinze ou vinte léguas por dia; à tarde paravam para dormir nas ilhas ou nos portos de que a costa está cheia;[3] dormiam nas tabernas, perto da praia. Nessas havia muita gente e, entre essas pessoas, algumas que não estavam muito longe do reino de Deus. A barca, porém, com a sua popa e proa levantadas, descansava sobre a areia ou ancorada em algum abrigo.

Ignora-se se o apóstolo nessa oportunidade havia estado em Tessalônica; isto é improvável, pois teria sido um desvio muito grande. Em Neápolis, Paulo teve o desejo de visitar a igreja de Filipos, que ficava muito afastada. Fez com que os seus

---

[1] *Atos*, XX, 3-4; XXIV, 17.

[2] Assim se deduz do conjunto da narrativa. Veja-se principalmente *Atos*, XX, 6, 13, 16, 17, 18, 36.

[3] Comp. Mixna, *Érubin*, IV, 2.

companheiros fossem na frente e pediu-lhes que o esperassem em Troas. Quanto a ele, foi a Filipos,[4] celebrou aí a Páscoa e descansou, com as pessoas que mais estimava no mundo, os sete dias em que se comiam os pães ázimos. Em Filipos, Paulo encontrou o discípulo que, quando da sua missão, dirigira os seus primeiros passos na Macedônia e que, segundo as maiores probabilidades, era Lucas. Reuniu-se ele de novo com ele e ligou assim à viagem um narrador que nos iria transmitir as impressões com infinito encanto e verdade.[5]

Quando os dias dos ázimos terminaram, Paulo e Lucas embarcaram em Neápolis.[6] Com certeza, tiveram ventos contrários porque gastaram cinco dias para ir de Neápolis a Troas. Nesta cidade, Troas, o grupo apostólico estava completo. Havia, como já dissemos, uma igreja em Troas; o apóstolo permaneceu sete dias com ela, consolando-a em todos os aspectos e um incidente aumentou a comoção geral. A véspera da partida um domingo, os discípulos reuniram-se à tarde, segundo o costume, para juntos partirem o pão. O local escolhido era uma dessas câmaras altas que são tão agradáveis no Oriente, sobretudo nos portos de mar. A reunião foi numerosa e solene. Paulo continuava a ver, por toda a parte, presságios das suas futuras provações;[7] conduzia sem cessar o discurso sobre a sua morte próxima, e declarava aos assistentes que lhes dava um eterno adeus. Era maio; a janela estava aberta e muitas lâmpadas iluminavam o local. Paulo falou durante a tarde inteira, com uma oratória incansável; à meia-noite falava ainda, e sem que se houvesse partido o pão, quando subitamente um grito de terror se ergueu. Um rapaz chamado Eutico, sentado sobre a borda da janela, deixara-se absorver num sono profundo e acabava de cair do terceiro andar sobre o solo. Levantam-no julgando-o morto. Paulo, persuadido dos seus poderes miráculosos, não hesita, diz Eliseu:[8] estende-se sobre o jovem, encosta o seu peito no peito dele, os braços sobre os braços dele, e rápido anuncia com segurança que aquele que chora está ainda com vida. O jovem não tinha mais do que se ferido na queda; logo voltou a si. A alegria foi grande, e todos acreditaram num milagre. Retornaram à câmara alta, partiram o pão e Paulo continuou a sua pregação até o romper da aurora. Algumas horas depois, o navio zarpava. Embarcaram os delegados e os discípulos; Paulo preferiu realizar a pé, ou por terra, a viagem de Troas a Asso[9] (cerca de oito léguas). Combinaram encontrar-se em Asso, o que sucedeu. A partir deste momento, Paulo e os seus companheiros não se separaram mais. No primeiro dia andaram de Asso a Mitilene,[10] por onde se fez escala; no segundo seguiu-se o estreito, entre Quios e a península de Clazómenas; no terceiro chegou-se em Samos;[11] mas por um motivo que desconhecemos, Paulo e os seus companheiros preferiram passar a noite no ancoradouro de Trógilo, sob a ponta do cabo vizinho, ao pé do monte Mícale.[12] Passava-se assim diante Éfeso. O apóstolo que assim o tinha desejado, receando que a amizade dos fiéis de Éfeso o retivesse e que ele não pudesse desvencilhar-se de uma cidade que lhe era querida; ele ansiava muito celebrar o Pentecostes em Jerusalém e, tendo já decorrido 23 ou 24 dias depois da Páscoa, não havia tempo a perder. No dia seguinte fizeram uma curta viagem, de Trógilo a Mileto. Paulo experimentou um forte escrúpulo de ter passado desapercebido de sua querida comunidade de Éfeso. Enviou um dos seus companheiros para avisá-la de que estava a poucas léguas dela, e para convidar os anciãos ou vigilantes a virem vê-lo visitá-lo. Eles vieram imediatamente, e logo que se encontraram reunidos, Paulo dirigiu-lhes um discurso comovente, resumo e última palavra da sua vida apostólica.[13]

---

[4] Comp. *Fil.*, II, 12; III, 18.

[5] Atos, XX, 5-6. Veja-se o Cap. V. O entusiasmo e a justeza de *Atos*, XX, 6 e seg., comparadas à rispidez do que precede, são de um homem que na sua descrição passa de coisas que não viu ou que não sabe muito bem a coisas de que foi testemunha ocular.

[6] Por tudo isto, pode seguir-se inteiramente a narrativa *Atos*, XX, 6 e seg., narrativa cuja forma garante a sua exatidão.

[7] *Atos*, XX, 23.

[8] II *Reis*, IV, 34.

[9] Atualmente em ruínas: aldeia de Beiramkui.

[10] Hoke Kastro de Metelin.

[11] Sem dúvida, a capital da ilha, hoje Porto Tigani, perto da aldeia de Cora.

[12] Estrabão, XIV, I, 12, 13, 14; Plínio, V, 31; Ptolomeu, V. II, 8. Vejam-se as cartas do almirantado inglês, n^os^ 1530 e 1555.

[13] O narrador dos *Atos* estava presente a esse discurso; mas não se trata de uma reprodução literal. O narrador teria, sem se aperceber, modificado o discurso segundo o seu interesse ao escrever a sua narrativa. A pregação do versículo 25 não concorda bem com *Fil.*, II, 24, e *Filém.*, 22.

"Desde o dia em que parti da Ásia, sabeis o que tenho sido para vós. Vistes-me servir Deus na humildade, nas lágrimas, nas provações, e empregar todas as minhas forças a pregar aos judeus e aos gentios a volta de Deus e a fé em Nosso Senhor Jesus Cristo. E agora, obrigado pelo espírito, vou a Jerusalém. Não sei o que aí me espera; sei apenas que, de cidade em cidade, o Espírito Santo me anuncia que prisões e atribulações me esperam. Mas não importa; eu faço voluntariamente o sacrifício da minha vida, contanto que eu termine o meu trabalho e cumpra a missão que recebi do Senhor Jesus, de testemunhar o Evangelho e a graça de Deus. Vós todos, a quem eu anunciei o reino, não voltareis a ver o meu rosto; protesto hoje que estou inocente da perda dos que perecerão, porque eu não negligenciei nada para vos dar a conhecer a vontade de Deus. Vigiai sobre vós mesmos e sobre todo o rebanho ao qual o Espírito Santo vos deu por vigilantes; sede os verdadeiros pastores da igreja que o Senhor conquistou pelo seu sangue porque eu sei que depois da minha partida lobos ladrões cairão sobre vós e não pouparão o rebanho. E, entre vós, se erguerão homens proferindo discursos perversos, para atrair discípulos. Vigiai, pois, lembrando-vos de que durante três anos eu não parei noite e dia de, com lágrimas, vos exortar a todos. E agora, eu vos recomendo à graça de Deus que nos pode oferecer um lugar entre os santificados. Não desejei prata, nem ouro, nem o vestuário de nenhum de vós. Sabeis bem que estas mãos bastaram para atender às minhas necessidades e às de todos os meus companheiros. Mostrei-vos como se pode, pelo trabalho, ter ainda com que socorrer os pobres e justificar as palavras do Senhor: 'Há mais felicidade em dar do que em receber'.

Todos então se ajoelharam e rezaram, ouvia-se apenas um suspiro abafado. A frase de Paulo: 'Vós não vereis mais o meu rosto', havia-lhes penetrado no coração. Os anciãos de Éfeso, cada um por sua vez, aproximaram-se do apóstolo, apoiaram a sua cabeça no seu pescoço e o abraçaram. Em seguida conduziram-no ao porto e deixaram a praia apenas quando o navio levantou âncora, levando o apóstolo para longe do mar Egeu, que fora como que o campo fechado das suas lutas e o palco da sua prodigiosa atividade. Um bom vento carregou o grupo apostólico do porto de Mileto a Cós. No dia seguinte atingiram Rodes, e no terceiro dia Pátaros,[14] na

[14] Em ruínas, atualmente.

costa da Lícia. Aí encontraram um navio que recebia carga para Tiro. A reduzida cabotagem que tinham feito até o longo das costas da Ásia tê-los-ia atrasado muito, se continuassem ao longo das costas da Panfília, Cilícia, Síria e Fenícia. Preferiram cortar a direito, e desembarcando aí o seu primeiro navio, embarcaram em outro que remava para a Fenícia. A costa ocidental de Chipre era o seu caminho. Paulo pôde ver de longe esta Nea-Pafos, que visitara treze anos antes, no início da sua carreira apostólica. Deixou-a à esquerda e ao término de uma viagem que se supõe de seis ou sete dias, chegou a Tiro.

Tiro era uma igreja que datava das primeiras missões após à morte de Estevão[15] e mesmo que Paulo não tivesse contribuído para a sua fundação, era conhecido[16] e estimado. Na questão que dividia a seita nascente, nesse grande combate entre o judaísmo e o filho a que o judaísmo dava à luz, a igreja de Tiro era decididamente do partido do futuro. Paulo foi muito bem-recebido e permaneceu aí sete dias. Todos os inspirados do lugar tentaram dissuadi-lo de ir a Jerusalém; diziam ter manifestações do Espírito absolutamente contrárias a esse plano. Mas Paulo insistiu e fretou uma barca para Ptolomaida.[17] No dia do embarque todos os fiéis com suas mulheres e crianças o acompanharam até a praia. A piedosa companhia ajoelhou-se na areia e rezou. Depois despediram-se; o apóstolo e os seus companheiros reembarcaram e os tírios voltaram tristes para casa. No mesmo dia chegaram a Ptolomaída.

Aí havia também alguns irmãos; foram saudá-los, demorando-se um dia com eles. Depois, o apóstolo abandonou o caminho por mar. Seguiu por terra, contornando o Carmelo, e em um dia alcançou Cesaréia da Palestina. Desceram até a casa de Filipe, um dos sete diáconos primitivos, que há longos anos se tinha fixado em Cesaréia. Filipe não havia recebido, como Paulo, o título de apóstolo, ainda que na realidade tivesse exercido essas funções. Contentava-se com o nome de "evangelista", que designava os apóstolos de segunda categoria,[18] e com o título ainda mais preferido de "um dos sete".

[15] *Atos*, XI, 19.

[16] *Atos*, XV, 3.

[17] S. João de Acre.

[18] *Éf.*, IV, 11; Eusébio, *Hist. Eccl.*, III, 37.

Paulo encontrou aí muita simpatia; e permaneceu alguns dias com Filipe.

Enquanto estava com Filipe, chegou da Judéia o profeta Agab. Paulo e ele conheceram-se em Antioquia, catorze anos antes. Agab imitava as maneiras dos antigos profetas[19] e afetava operar de uma maneira simbólica. Entra com um ar majestoso, aproxima-se de Paulo, e pega-lhe o cinto. Seguem-se os seus movimentos com curiosidade e terror. Com o cinto do apóstolo, Agab prende pés e mãos. Depois, rompendo completamente o silêncio, diz com um ar inspirado: "O Espírito Santo diz isto: O homem a quem pertence este cinto será assim preso em Jerusalém pelos judeus e entregue às mãos dos gentios". A comoção foi imensa. Os companheiros de Paulo e os fiéis de Cesaréia, todos a uma só voz, suplicaram ao apóstolo que só desistisse da sua viagem. Paulo permaneceu inflexível, declarando que as prisões de modo não o assustavam, pois estava prestes a morrer em Jerusalém pelo nome de Jesus.

Seus discípulos entenderam que ele não iria ceder e acabaram dizendo: "Que se faça a vontade de Deus!" Assim, realizaram-se os preparativos da partida. Muitos fiéis de Cesaréia se juntaram à caravana. Mnáson, de Chipre, discípulo muito antigo, que tinha uma casa em Jerusalém, mas que nesse momento se encontrava em Cesaréia, era um desses. O apóstolo e a sua comitiva deviam hospedar-se em sua casa. Desconfiava-se como a igreja iria os acolher; em todas as pessoas havia grande inquietação e apreensão.

[19] Comp. *Atos*, XXI, 11, a II *Reis*, XXII, 11.

CAPÍTULO XIX

Última visita a Jerusalém. A prisão

Alguns dias depois da festa de Pentecostes[1] (julho de 58), Paulo chegou na cidade de Jerusalém pela última vez. A sua comitiva, formada pelos delegados das igrejas da Grécia, da Macedônia e da Ásia, pelos seus discípulos e fiéis de Cesaréia que haviam desejado o acompanhar, devia ter sido o motivo para atrair a atenção dos judeus. Paulo começava a ser muito conhecido. A sua chegada era esperada pelos fanáticos, os quais haviam recebido provavelmente de Corinto e de Éfeso a notícia do seu regresso. Judeus e judaico-cristãos pareciam unir-se para o difamar. Em todo canto o apresentavam como um apóstata, como o inimigo sanguinário do judaísmo, como um homem que percorria o mundo para destruir a lei de Moisés e as tradições bíblicas.[2] A sua doutrina sobre as carnes sacrificadas aos ídolos, principalmente, excitava

[1] *Atos*, XX, 16. Somando os dias citados nos *Atos*, considerando em cinco dias apenas a travessia de Patare a Tiro, em quatro o descanso em Cesaréia e avaliando o restante, chega-se cinqüenta dias depois da Páscoa celebrada em Filipos. Mas quatro dias são muito pouco para escrever aos *eméras pleious* passados em Cesaréia. Além disso, a frase do versículo XXI, 16, não teria sido tão duvidosa se Paulo chegasse realmente na data que ele tinha fixado. Finalmente *Atos*, XXI, 17 e seg., não leva a crer que Paulo passasse a festa em Jerusalém.

[2] *Atos*, XXI, 21.

vivas indignações.[3] Sustentava-se que ele negava as convenções do concílio de Jerusalém sobre as regras relativas às carnes e ao casamento. Apresentavam-no como um novo Balaão, espalhando o escândalo diante dos filhos de Israel, ensinando-os a praticar a idolatria e a fornicar com as pagãs. A sua doutrina sobre a justificação pela fé e não pelas obras era energicamente repelida.[4] Considerando-se que os pagãos convertidos não fossem totalmente obrigados à Lei, um judeu nada podia dispensar um judeu dos deveres inerentes à sua raça.[5] Paulo desconsiderava tudo isso; permitia-se as mesmas liberdades que os seus convertidos; ele não era mais judeu por forma alguma.

Os primeiros irmãos que os recém-chegados encontraram, no dia da sua chegada, os receberam com cortesia.[6] Mas destaca-se que nem os apóstolos nem os anciãos vieram ao encontro daquele que, cumprindo as mais ousadas prédicas dos profetas, conduzia as nações e as ilhas longínquas como tributárias de Jerusalém. Aguardaram a sua visita com uma frieza mais política do que cristã, e Paulo teve de passar sozinho, com alguns irmãos humildes, a primeira tarde da sua última visita em Jerusalém.

Tiago Obliam era, como já dissemos, o chefe único e absoluto da igreja de Jerusalém. Pedro estava ausente e provavelmente estabelecido em Antioquia; é provável que João, segundo o seu costume,[7] o tivesse acompanhado. O partido judaico-cristão reinava sem oposição em Jerusalém. Tiago, cego pelo respeito de que todos o cercavam, envaidecido além disso com o laço de parentesco que o unia a Jesus, representava um princípio de conservação e de solenidade pesada, uma espécie de papado obstinado em seu espírito estreito. Ao seu redor, um numeroso partido, mais fariseu do que cristão, tinha o gosto pelas observâncias legais até quase o mesmo grau que os zelotes, e imaginava que o movimento novo tinha por essência o crescimento da devoção.[8] Estes

[3] *Apoc.*, 11, 14, 20; *Hom. pseudo-clem.*, VII, 4, 8.

[4] Jac., II, 21-24. Comp. *Rom.*, III, 27-23; IV, 2-5.

[5] *Atos*, XV, 1; XXI, 20.

[6] *Atos*, XXI, 17 e seg.

[7] *Atos*, I, 13; III, 1, 3, 4, 11; IV, 13, 19; VIII, 14.

[8] *Atos*, XXI, 20.

exaltados nomeavam-se "pobres", *ebionim*, e com isso se glorificavam.[9] Na comunidade, havia alguns ricos mas eram malvistos; eram considerados orgulhosos e tão tirânicos como os saduceus.[10] A fortuna no Oriente quase nunca tem uma origem honesta; pode-se dizer que de quase todos os ricos que ele ou algum dos seus antepassados foi conquistador, ladrão, concussionário ou homem vil.[11] A associação de idéias que, em especial entre os ingleses, faz associar a honestidade e a riqueza, nunca aconteceu no Oriente. Ao menos a Judéia pelo menos concebia as coisas ao inverso. Para os santos de Jerusalém, "rico" era sinônimo de "inimigo" e de "malvado".[12] O ideal do incrédulo era, aos seus olhos, o opulento saduceu, que os perseguia, e os levava aos tribunais.[13] Passavam a sua vida no templo, ocupando-se em orar pelo povo. Eram, em todo o caso, judeus ferrenhos, e certamente Jesus teria ficado surpreso se pudesse ver a transformação pela qual passara a sua doutrina nas mãos dos que julgavam ser os mais próximos dele pelo espírito e pelo sangue.

Acompanhado dos delegados das igrejas, Paulo, foi visitar Tiago no dia seguinte ao da sua chegada.[14] Todos os anciãos estavam reunidos na casa de Obliam e fizeram-se as saudações de paz. Paulo apresentou os delegados a Tiago, estes entregaram-lhe as quantias que traziam. Paulo contou as grandes coisas que Deus havia realizado no mundo pagão pelo seu ministério; os anciãos renderam graças a Deus. No entanto, foi a recepção aquilo que se tinha direito de esperar? Pode-se, na verdade, duvidar muito disto. O autor dos *Atos* alterou de tal forma, segundo o seu sistema de conciliação, a narrativa da reunião de Jerusalém em 51,[15] que deve-se supor que da mesma maneira atenuou, na sua descrição, os fatos.

[9] *Jac.*, II, 5 e seg.

[10] *Jac.*, I, 10-11; 1 e seg.; IV, 1 e seg.; V, 1 e seg.; 9.

[11] Lembre-se a frase de São Jerônimo: "*Omnis dives est aut iniquus est aut haeres iniqui*".

[12] *Jac.*, II, 1 e seg.

[13] *Jac.*, II, 6.

[14] *Atos*, XXI, 18 e seg.

[15] Veja-se o Cap. III e *Os Apóstolos*.

No primeiro caso, a sua inexatidão nos é demonstrada pela cooperação da Epístola aos Gálatas. No segundo, razões de valor levam-nos a supor que do mesmo modo sacrificou a verdade às necessidades da política. Em primeiro lugar, as apreensões que Paulo testemunhara, antecipadamente, a respeito de como os santos de Jerusalém receberiam a sua oferenda, não poder deixar de ter tido algum fundamento. Em segundo lugar, a descrição do autor dos *Atos* contém muitos pontos obscuros. Estes judaico-cristãos têm dele a pior impressão; os anciãos não dissimulam que o boato da sua chegada os descontentara e poderá provocar uma manifestação da sua parte. Os anciãos não se apresentam como partilhando estas prevenções; mas desculpam-nas e, vê-se claramente pelas suas palavras, que a maioria dos cristãos de Jerusalém, longe de estar preparada para receber bem o apóstolo, estava em condições de ser absolutamente necessário acalmá-la e reconciliá-la com ele.[16] Nota-se também que o autor dos *Atos* não fala da coleta, senão forçadamente, e da maneira mais indireta.[17] Se a oferenda tivesse sido acolhida como devia ser, por que ele não diz, quando Paulo em três das suas epístolas consagra a este projeto páginas inteiras? Não se pode negar que Simão, o Mágico, na maior parte dos casos em que a tradição cristã o menciona, desconhece o pseudônimo do apóstolo Paulo.[18] A narrativa, segundo a qual este impostor teria pretendido comprar com dinheiro os poderes apostólicos, não seria uma transformação do mal-acolhimento pelos apóstolos de Jerusalém à coleta de Paulo? Afirmá-lo seria temerário. Entretanto, admite-se que um colégio de doutores maldispostos apresentasse como sendo uma tentativa de corrupção o ato generoso de um camarada que não tinha as mesmas opiniões.[19] Se os anciãos de Jerusalém não estivessem repletos de idéias mesquinhas, como explicar o estranho discurso que o autor dos *Atos* lhe atribui e que trai toda a sua timidez? Terminada a ação de graças é dito a Paulo:[20] "Tu vês, irmão, como é grande o número dos crentes entre os judeus; e todos fervorosos

[16] *Atos*, XXI, 20 e seg.

[17] *Atos*, XXIV, 17.

[18] Veja-se o Cap. X.

[19] *Epístola de Judas*, 11.

[20] *Atos*, XXI, 20 e seg.

cumpridores da Lei. Ora eles ouviram falar que tu ensinas, aos judeus dispersos entre as nações, o abandono da lei de Moisés, dissuadindo-os de circuncidar os seus filhos e de seguir os costumes judeus. Como proceder, pois? Eles vão conhecer rapidamente a tua chegada.[21] Faz o que te vamos dizer. Temos aqui quatro homens que contraíram um voto. Dirige-te a eles, purifica-te com eles, suporta as despesas da cerimônia da consagração dos inspetores e todos saberão que tudo o que ouviram dizer de ti não é nada e que tu também observas a Lei". Assim, àquele que lhes trazia a homenagem de um mundo, estes espíritos acanhados sabem responder apenas com um sinal de desconfiança.

Paulo deveria expiar, por uma ironia, as suas prodigiosas conquistas. É preciso que ele pague um tributo à estreiteza de espírito. Apenas depois, com quatro mendigos, tão pobres que precisem de, à custa dele cortar os cabelos, o terem visto cumprir essa superstição popular, ele seria reconhecido como irmão. A humanidade é tão ridícula, que não devemos admirar-nos de um espetáculo como esse. Os homens são numerosos demais para que se possa fundar alguma coisa sem fazer concessão à mediocridade. Para ofender os escrúpulos dos fracos é preciso ser ou completamente desinteressado da ação ou muito poderoso. Aqueles cuja posição os obriga a contar com a multidão, são obrigados a pedir aos grandes homens independentes singulares contradições. Todo o pensamento expresso rigorosamente é, na harmonia do mundo, um embaraço. A apologia, o proselitismo, quando feitos com algum gênio, são para a parte conservadora coisas suspeitas. Vede esses eloqüentes laicos que atualmente tentaram ampliar o catolicismo e conquistar as simpatias de uma parte da sociedade que até então estava fechada ao sentimento cristão; que alcançaram eles da igreja à qual levaram numerosos convertidos? Uma desaprovação. Os sucessores de Tiago Obliam julgaram prudente condená-los, aproveitando-se porém dos seus sucessos. Aceitaram a oferenda sem nenhum agradecimento; foi-lhes dito como a Paulo: "Irmãos, vós vedes estes milhares de velhos crentes que veneram coisas de que vós não fazeis caso: acautelai-vos; deixai as inovações que escandalizam e santificai-vos conosco".

[21] Seguimos o *Vaticanus*. Este versículo parece ter sido corrigido.

Paulo, colocado entre o seu princípio da inutilidade das obras e o imenso interesse que tinha em não romper com a igreja de Jerusalém como fará? A sua intenção devia ter sido cruel; submeter-se a uma prática que ele considerava inútil e prejudicial a Jesus porque podia fazer crer que a salvação não era obtida pelos méritos de Cristo, era colocar-se em contradição com a doutrina que por toda a parte pregava e que, na sua grande epístola circular, tinha desenvolvido com uma energia sem igual. Por que o convidaram a pôr em prática um rito atrasado, destituído de toda a eficácia, e que era quase uma negação do dogma novo? Para destacar bem que ele era judeu, para refutar de uma maneira peremptória o boato que se espalhara de que ele já não era judeu, mais não admitia a Lei nem as tradições. Ora, efetivamente ele já não as admitia. Ser conivente neste mal-entendido, não era cometer uma infidelidade para com Cristo? Tudo isto devia ter preocupado Paulo e tê-lo perturbado profundamente. Mas um princípio superior, que dominou toda a sua vida, fê-lo vencer as suas repugnâncias.

Paulo situava a caridade acima das opiniões e dos sentimentos particulares. Cristo libertara-nos inteiramente da Lei; mas se, aproveitando a liberdade que Cristo nos deu, escandalizamos o nosso irmão, mais vale renunciar a essa liberdade e submetermo-nos à escravidão. É em virtude deste princípio que Paulo, como ele próprio confessa, se fez judeu com os judeus e gentio com os gentios. Aceitando a proposta de Tiago e dos anciãos, praticava o seu princípio favorito; assim submeteu-se. Nunca talvez, durante a sua vida de apóstolo, ele fez à sua obra um tamanho sacrifício. Os heróis da vida prática têm deveres diferentes dos da vida contemplativa. O primeiro dever é sacrificar o seu papel ativo à sua idéia, dizer tudo o que pensam, nada mais do que pensam, e na medida exata do que pensam; o primeiro dever dos outros é sacrificar freqüentemente as suas idéias, às vezes mesmo os seus princípios mais enraizados, aos interesses da causa que eles pretendem fazer triunfar. O que se pedia a Paulo não era que se tornasse inspetor, mas que pagasse as despesas de ordenação de quatro inspetores que não tinham com que pagar os sacrifícios que se faziam nestas ocasiões. Esta uma obra muito estimada entre os judeus. O templo era cercado por muitos pobres que tinham feito votos, mas que esperavam que algum rico pagasse por eles. "Fazer tosquear um inspetor" era um gesto de piedade e citam-se ocasiões em que poderosos personagens, em ação de graças por um favor especial do Céu, isso fizeram a centenas; assim foi também na Idade Média em que era muito louvável pagar as despesas aos peregrinos e às pessoas que entravam para a vida monástica. Paulo, em meio à miséria que reinava na igreja de Jerusalém, passava por opulento. A ele era solicitado que fizesse um ato de devoto rico e provasse a todos, por um ato notório, que se tinha conservado fiel às práticas do seu país. Tiago, muito dado às práticas exteriores, foi provavelmente o inspirador desta idéia. Houve pressa em acrescentar que tais obrigações não abrangiam os pagãos convertidos.[22] Tratava-se apenas de impedir que se acreditasse que era possível o afrontoso escândalo de um judeu não praticar a lei de Moisés. Tão grande era o fanatismo inspirado pela Lei que tal fenômeno era considerado mais extraordinário do que a mudança radical do mundo e da criação. Paulo reuniu-se à companhia dos quatro pobres.

Os que cumpriam esses votos começavam por se purificar, depois entravam no templo e aí ficavam fechados um determinado número de dias, segundo o voto que tinham feito (regulava de sete a trinta dias), abstinham-se de vinho e cortavam os cabelos. Quando se atingia o término dos dias, ofereciam-se sacrifícios, que eram pagos por um preço elevado. Paulo submeteu-se a tudo isto. No dia seguinte à sua visita a Tiago, dirigiu-se ao templo, e inscreveu-se por sete dias; depois sujeitou-se a todos os ritos habituais, maiores durante esses dias de humilhação em que, por uma fraqueza desejada, cumpria um ato de devoção já antiquado, do que quando em Corinto ou em Tessalônica desenvolvia a força e a independência do seu gênio.

Paulo estava no quinto dia do seu voto,[23] quando um incidente, que bem se podia ter previsto, veio decidir o final da sua carreira e empurra-lo a uma quantidade de atribulações das quais não se libertou, talvez, senão pela morte. Durante os sete dias que haviam decorrido desde a sua chegada a Jerusalém, aumentara o ódio dos judeus contra ele. No primeiro ou segundo dia da sua chegada, haviam-no visto passear na cidade com Trófimo de Éfeso, que não era circunciso. Alguns judeus da Ásia reconheceram Trófimo e espalharam o boato de que Paulo o levara no templo. Isto era com

---

[22] *Atos*, XXI, 23, lição de Griesbach e do texto transmitido.

[23] *Atos*, XXIV, 11.

certeza mentira; além de se expor a um perigo de morte certa, Paulo não teve em nenhum momento a idéia de fazer participar os seus cristãos nas práticas religiosas do templo. Estas práticas eram para ele estéreis; a sua continuação era quase um insulto aos méritos de Cristo. Mas o ódio religioso contenta-se com pouco, quando se trata de encontrar um pretexto para as violências. Logo a população de Jerusalém persuadiu-se de que Paulo cometera um crime que só podia ser lavado com sangue. Como todos os grandes revolucionários, Paulo não deveria mais viver. As inimizades que havia conquistado iriam se reunir; o vácuo fazia-se em volta dele.

Os seus companheiros eram estrangeiros em Jerusalém; os cristãos desta cidade o consideravam inimigo e quase se entendiam contra ele com os judeus fanáticos. Analisando com atenção a narrativa dos *Atos*,[24] considerando-se as repetidas advertências que, durante toda a viagem do regresso, denunciaram a Paulo os planos armados contra ele em Jerusalém, pode-se perguntar se os judaico-cristãos, cujos anciãos confessam disposições hostis e da parte dos quais se receia uma manifestação, não contribuiriam para engrossar a tempestade que ia cair sobre o apóstolo. Clemente Romano atribui a perda do apóstolo "à inveja".[25] É indigna essa idéia; mas está de acordo com a lei de ferro que regulará as coisas humanas até o dia do triunfo final de Deus. Talvez esteja enganado; mas quando li o Capítulo XXI dos *Atos*, uma suspeita invencível se apoderou de mim; não sei o que é que me diz que esses "falsos irmãos", que corriam o mundo em seu encalço para contrariar a sua obra e apresentá-lo como um outro Balão, perderam Paulo.

O sinal do motim partiu dos judeus da Ásia que o haviam visto com Trófimo. Ele foi reconhecido no templo enquanto cumpria as prescrições com os inspetores. "Socorro! irmãos de Israel, gritaram. É este o homem que clama por toda a parte contra o povo judeu, contra a Lei, contra este lugar santo. É este o profanador do templo, aquele que introduziu pagãos no santuário". Toda a cidade alarmou-se. Formou-se uma grande multidão. Os fanáticos agarraram Paulo; desejavam matá-lo. Mas derramar sangue no interior do templo

[24] Principalmente comparando o versículo XXI, 22, como apresentar a maior parte dos manuscritos ao XXI, 30.

[25] *Epist. I ad Cor.*, 5.

teria sido contaminar o lugar santo. Levaram-no, assim, para fora do templo, e mal ele saiu, os levitas fecharam as portas nas suas costas. Prepararam-se então para o matar. Assim teria ocorrido se a autoridade romana, a única que mantinha nesta confusão alguma ordem, não interviesse para o arrancar das mãos dos fanáticos enfurecidos.

O procurador da Judéia, sobretudo depois da morte de Agripa I, residia em Cesaréia,[26] cidade profana, enfeitada de estátuas, inimiga dos judeus e diferente em tudo de Jerusalém.[27] O poder romano em Jerusalém era, na ausência do procurador, representado pelo tribuno da coorte, que residia, com toda a sua força militar, na torre Antônia, no ângulo noroeste do templo. O tribuno era, nessa ocasião, Lísias, grego ou sírio de origem que, por proteções compradas a dinheiro, obtivera de Cláudio o título de cidadão romano, e havia juntado ao seu nome o de Claudius.[28] Ao saber do tumulto dirigiu-se com alguns centuriões e um destacamento, por uma das escadas que colocavam a torre em comunicação com o adro. Então os fanáticos pararam de espancar Paulo. O tribuno ordenou que o prendessem e o algemassem; perguntou-lhe quem era, que fazia; mas o tumulto tornava inaudível qualquer palavra; cruzavam-se as mais desencontradas exclamações. Qualquer coisa de horrível e sinistra residia em um tumulto de judeus; essas fortes figuras nervosas, esses grandes olhos fora das órbitas, esse ranger de dentes, essas vociferações, toda essa gente levantando o pó no ar, despedaçando os vestidos, ou puxando-os convulsivamente,[29] davam a idéia de verdadeiros demônios. Apesar da multidão estar desarmada, os romanos não deixaram de sentir receio desses seres enraivecidos. Cláudio Lísias deu ordem de conduzir Paulo para a torre. A multidão amotinada seguiu-os, lançando pedidos de morte. Junto da escada o aperto era tamanho que os soldados se viram obrigados a levantar Paulo nos braços e a levarem-no assim. Cláudio Lísias tentava acalmar os espíritos em vão.

[26] Tácito, *Hist.*, II, 79. Já Pilatos aí residiu; Jos., *Ant.*, XVIII, III, 1; *B. J.*, II, IX, 2-3, mas não permanentemente; Fílon, *Leg.*, 33.

[27] Jos., *Ant.*, XX, VIII, 7, 9; B. J., II, XIII, 7: XIV, 4 e seg.; XVIII, 1; III, IX, 1: VII, III, 1; Fílon, *Leg.*, 38.

[28] Comp. *Corp. inscr. gr.*, nº 4528 e; *Missão da Fenícia*, p. 202.

[29] *Atos*, VII, 54; XXII, 13.

Uma idéia, bastante irrefletida, lhe ocorreu ou lhe foi talvez sugerida por pessoas mal-informadas: supôs que o homem que acabava de prender era o judeu do Egito que, pouco tempo antes, levara com ele para o deserto milhares de zelotes, anunciando-lhes que ia realizar imediatamente o reino de Deus.[30] Ignorava-se o que havia ocorrido com esse impostor e, em cada manifestação, se julgava vê-lo reaparecer entre os agitadores. Quando atingiram a porta da torre, Paulo explicou-se em grego com o tribuno e pediu-lhe que o deixasse falar ao povo. Este, surpreendido de que o prisioneiro soubesse grego, e reconhecendo, pelo menos, que ele não era o falso profeta egípcio, atendeu-lhe o pedido.[31] Paulo, em pé sobre os degraus da escadaria, fez sinal de querer falar. Instalou-se o silêncio, e quando o ouviram falar hebreu (isto é, siro-caldaico) redobraram a atenção. Paulo contou, na forma que lhe era habitual, a história da sua conversão e da sua vocação. Logo o interromperam aos gritos: "À morte! À morte!" recomeçaram; o furor atingira o ápice.

O tribuno ordenou que o prisioneiro entrasse na cidadela. Nada compreendia deste caso; como soldado cruel e grosseiro, teve a idéia de se esclarecer, sobre o que era a causa de toda a manifestação. Tinha aprisionado Paulo, e haviam-no colocado no poste para receber os golpes do chicote, quando declararam ao centurião que presidia à tortura que ele era cidadão romano.[32] O efeito destas palavras era sempre imediato; os executores separaram-se, o centurião foi informar o tribuno, o tribuno ficou surpreendido. Paulo tinha a aparência de um pobre judeu: "É verdade seres cidadão romano?" perguntou Cláudio. "Sim", disse Paulo. "Eu dispendi uma importância considerável para ter esse título". "E eu tenho-o por nascimento", respondeu Paulo. O estúpido Cláudio começou a ter medo; torturava-se para descobrir um sentido a toda esta questão. Os atentados contra os direitos dos cidadãos eram punidos com grande severidade. O simples fato de ter colocado Paulo no poste da flagelação já era um delito,[33] uma violência,[34] que podia permanecer ignorada se se tratasse de um homem comum, mas que podia agora ter um efeito contrário. Enfim, Cláudio resolveu convocar, para o dia seguinte, o alto sacerdócio e o sinédrio para saber que queixa se devia articular contra Paulo, porque ele não o sabia.[35]

O sumo sacerdote era Anania, filho de Nebedeu que, por uma rara exceção, ocupava este cargo havia dois anos. Era um homem muito considerado, apesar da sua gulodice, que era comum nos judeus. Independentemente do seu cargo, era um nobre da nação; pertencia à família de Hanão,[36] que se encontrava sempre na cadeira do juiz quando se tratava de condenar os cristãos, os santos populares, os inovadores de toda a espécie. Anania presidiu à Assembléia. Cláudio Lísia ordenou que libertassem Paulo das correntes e os trouxessem; ele assistia às discussões que foram extremamente conturbadas. Anania deixou-se arrebatar e, por uma palavra que lhe pareceu blasfematória, ordenou que chibatassem Paulo na boca: "Deus te ferirá por sua vez, parede caiada", respondeu Paulo. "Tu pretendes julgar-me segundo a Lei, e ordenas que me firam

---

[30] Vejam-se *Os Apóstolos*.

[31] Duvida-se disto. O autor dos *Atos* cede freqüentemente, em especial nestes últimos capítulos, ao desejo de conseguir discursos e dar ao apóstolo atitudes oratórias (XVII, 22; XX, 18; XXI, 40; XXIII, 1; XXIV, 10; XXV, 23; XXVI, 1). Nenhum historiador da antiguidade tem escrúpulo em atribuir assim arengas aos personagens da sua história.

[32] Tanto em Jerusalém como em Filipos, de propositalmente Paulo deixa as autoridades maltratarem-no por ignorância, e declara o seu título apenas quando eles avançam demasiadamente. Suspeita-se, de uma idéia preconcebida do narrador, e chega-se por vezes a perguntar se o autor dos *Atos*, sempre desejoso de dar à seita direito de cidade romana, não conferiu por sua própria conta o título de cidadão romano Paulo. Porém, como estas duas descrições se encontram nos trechos em que o autor foi testemunha ocular, é permitido ver nisto um costume familiar a Paulo. As tradições sobre o tipo de morte de Paulo supõem-no também cidadão romano (Tertuliano, Praescr., 36); mas esse tipo de morte pode ser concluído da asserção dos *Atos*. Não é natural que três vezes, sem contar o presente caso, Paulo tivesse repetido a cena de Filipos. A devolução do processo de Paulo a César não supõe necessariamente o título de cidadão romano: veja-se Jos., *Vita*, 3. A qualidade de Tarsiote constitui uma indução mais forte. Renier, *Inscr. de l'Algerie*, n^os^ 127 (linha 26) e 721, e em Wallon, *Croyance due à l'Evangile*, 2ª ed., p. 509; Grotefend., *Imp. rom. tributim descriptum*, pp. 149-150.

[33] Cíc., *In Verr.*, II, V, 62 e seg.

[34] *Digesto*, XLVIII, XVIII, 1.

[35] *Atos*, XXII, 30. Comp. *Atos*, XXIII, 29.

[36] Jos., *B. J.*, II, XII, 6.

contrariamente à Lei". "Pois tu injurias o sumo sacerdote de Deus!", dizem os assistentes. Paulo desdiz-se então: "Eu não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote, se o soubesse não teria de forma alguma falado assim; porque está escrito: 'Tu não insultarás o chefe do teu povo'".[37] Esta intervenção tinha sido habilmente calculada. Paulo havia notado que a assembléia estava dividida em dois partidos, animados a seu respeito de sentimentos inteiramente opostos; o alto clero caduceu era-lhe inteiramente hostil, mas ele podia até certo ponto entender-se com a burguesia farisaica. "Irmãos", exclamou ele, "eu sou fariseu, filho de fariseu. Sabeis por que me acusam? Pela minha esperança na ressurreição dos mortos". Era colocar o dedo numa chaga aberta. Os saduceus negavam a ressurreição, a existência dos anjos e dos espíritos; os fariseus admitiam tudo isso.[38] O estratagema de Paulo triunfou;[39] em breve toda a assembléia estava em guerra. Fariseus e saduceus atendiam mais a combaterem-se do que a perder o seu inimigo comum. Muitos fariseus se colocaram na defesa de Paulo; e insinuaram que achavam verossímil a descrição da sua visão. "Em suma", diziam eles, "de que acusam este homem? Quem pode afirmar que não lhe tivesse falado um espírito ou um anjo?"

Cláudio Lísias assistia atônito a este debate, para ele destituído de significação. Viu chegar um momento em que, como na véspera, Paulo corria o risco de ser despedaçado. Ordenou então a um grupo de soldados para descer à sala, arrancar Paulo das mãos dos assistentes e reconduzi-lo à torre. Lísias estava muito confuso. Paulo contudo regozijava-se da gloriosa homenagem que acabava de prestar a Cristo. Na noite seguinte teve uma visão. Jesus apareceu-lhe e disse-lhe: "Coragem! Como tu me pregaste em Jerusalém, é preciso que me pregues em Roma".

O ódio dos fanáticos não silenciara. Um certo número de zelotes ou sicários, sempre armados de punhal para a defesa da Lei, estabeleceram um plano para assassinar Paulo. Juraram sob as mais terríveis excomunhões, a não comer nem a beber enquanto Paulo

---

[37] *Êxodo*, XXII, 28.

[38] Cf. Jos., *Ant.*, XVIII, I, 8, 4; *B. J.*, II, VII, 14.

[39] Deve talvez existir nesta narrativa dos *Atos* algo de artificial na elaboração dos fatos.

estivesse vivo. Eram mais de quarenta; pronunciaram o seu juramento na manhã seguinte à assembléia do Sinédrio. Para chegar aos seus objetivos foram, diz-se, procurar os padres, expuseram-lhes o plano que tinham elaborado, induziram-nos a intervir com o sinédrio junto do tribuno para obter no dia seguinte uma nova discussão com Paulo. Deviam aproveitar esta ocasião e matar Paulo durante o trajeto. Mas o segredo da conspiração foi revelado, chegou ao conhecimento de um sobrinho de Paulo, que morava em Jerusalém. Ele correu à prisão e contou tudo a Paulo; Paulo que fê-lo conduzir junto de Cláudio Lísias por um centurião. O tribuno pegou o jovem mensageiro pela mão, conduziu-o à parte, obteve dele todos os pormenores da conspiração e o dispensou, recomendando-lhe que guardasse silêncio.

A partir deste momento Cláudio Lísias não mais hesitou. Resolveu enviar Paulo a Cesaréia, não só para livrar Jerusalém das manifestações, como para descarregar esta questão tão difícil sobre o procurador. Dois centuriões receberam ordem de formar uma forte escolta. A escolta ficou composta de duzentos soldados, setenta cavaleiros e duzentos desses homens da polícia que serviam para o que se chamava a *custodia militaris*, isto é, para guardar prisioneiros ligados a eles por uma corrente que se estendia da mão direita do cativo à esquerda do seu guarda. Foram também preparadas montarias para Paulo, tudo devendo estar pronto pela terceira hora da noite (nove horas da noite). Cláudio Lísias escreveu ao procurador Félix um *elogium*, isto é, uma carta em que o informava do que se passava, declarando que, pelo seu lado, via em tudo isto apenas questões banais da religião, sem nada que julgasse possível de morte ou de prisão; que, levando as coisas a rigor, dissera aos acusadores que teriam também de se apresentar perante o procurador. Estas ordens foram pontualmente executadas.

Realizou-se uma marcha forçada de noite; de manhã atingiram Antípatris,[40] que fica à metade do caminho de Jerusalém a Cesaréia.[41] Aí, livres de todo o perigo de uma tocaia, dividiu-se a escolta; depois de um descanso, puseram-se a caminho de Jerusalém os quatrocentos homens de infantaria; apenas o destaca-

---

[40] Talvez Kfar-Saba. Veia-se Robinson, III, 260.

[41] *Itiner a Burdig. Hieros*, p. 600 (Wesseling).

mento de cavalaria acompanhou Paulo até Cesaréia. O apóstolo voltou assim prisioneiro (meados de agosto de 58) à cidade que deixara doze dias antes, apesar dos sombrios presságios, que a sua habitual audácia o impediu de atender. Imediatamente os seus discípulos reuniram-se a ele.[42]

[42] Assim se deduz de *Atos*, XXIV, 23.

Aprisionado em Cesaréia da Palestina

A judéia era governada por Félix que reinava com os poderes de rei e a alma de escravo.[1] Era liberto de Cláudio e irmão de Palas que fizera a fortuna de Agripina e de Nero. Félix possuía a imoralidade de seu irmão, sem os seus talentos administrativos. Nomeado, pela influência de Palas, procurador da Judéia, em 52, se mostrou cruel, vicioso, ambicioso.[2] Casou sucessivamente com três rainhas,[3] e foi aliado, por casamento, do imperador Cláudio.[4] Nessa época, sua mulher era Drusila, irmã de Herodes Agripa II, que ele tinha tirado, por processos infames,[5] de seu primeiro marido, Aziz, rei de Émeso. Julgavam-no capaz de qualquer crime; ia até acusá-lo de exercer o roubo por sua própria conta[6] e a servir-se do punhal dos sicários para satisfazer os seus ódios.[7]

[1] Tácito, *Hist.*, V, 9.

[2] Jos., *Ant.*, XX, VII, 1; VIII, 5; *B. J.*, II, XII, 8; Tácito, *Ann.*, XII, 54; *Hist.*, V, 9.

[3] Suetônio, *Cláudio*, 28.

[4] Tácito, *Hist.*, V, 9.

[5] Tácito, *Hist.*, V, 8.

[6] Tácito, *Ann.*, XII, 54.

[7] Jos., *Ant.*, XX, VIII, 5.

Estes eram os homens a quem se confiavam as mais altas funções, depois que Cláudio entregara tudo aos libertos. Não eram cavalheiros romanos, sérios funcionários como Pilatos ou Copônio; e sim eram lacaios cupidos, orgulhosos, dissolutos, aproveitando-se da decadência política desse pobre velho mundo oriental para se fartarem à vontade e chafurdarem na lama.[8] Jamais se tinha visto algo tão horrível e tão vergonhoso.

Assim que chegou, o chefe dos soldados que conduzira Paulo entregou a Félix o *elogium* e o prisioneiro. Paulo compareceu um instante perante o procurador, que perguntou qual era o seu país de origem. O *elogium* garantia ao acusado uma situação privilegiada.[9] Félix disse que ouviria a causa quando os acusadores chegassem. Durante a espera, ordenou que recolhessem Paulo no antigo palácio de Herodes, o Grande, que era a residência dos procuradores. Nessa ocasião, com certeza, foi Paulo confiado a um soldado (*frumentarius*) que estava encarregado de o guardar e apresentar quando o requisitassem, respondendo por ele com a sua própria vida. Ao final de três dias chegaram os acusadores.

O sumo sacerdote Anania ali estava, acompanhado de alguns anciãos. Não falando bem o grego e o latim, e confiantes na retórica oficial da época, trouxeram Tertulo, advogado. A audiência realizou-se imediatamente. Tertulo, segundo as regras da sua profissão, principiou pelas *captatio benevolentiae*. Louvou com impudência o governo de Félix, falou da felicidade de que se gozava sob a sua administração, do reconhecimento público, e pediu-lhe que o escutasse com a sua bondade habitual. Depois abordou o assunto, tratou Paulo de peste, de perturbador do judaísmo, o chefe da heresia dos nazarenos, de agitador, ocupado a excitar manifestações entre os seus seguidores no mundo inteiro. Insistiu sobre a pretendida violação do templo, o qual constituía um crime capital, e sustentou que procurando agarrarem Paulo, somente desejavam que ele fosse julgado conforme a Lei. A um sinal de Félix, Paulo iniciou sua defesa. Sustentou que a sua conduta no templo fora a de um judeu o mais pacífico, que não disputara nem fizera tumulto, que jamais havia pregado em Jerusalém, que era herético, se é ser herético acreditar em tudo o

[8] Tácito, *Hist.*, V, 9.

[9] *Digesto*, XLVIII, III, 6.

que está escrito na Lei e nos Profetas, e esperar a ressurreição dos mortos; que, no fundo, o crime de que o acusavam era crer na ressurreição, "mas," acrescentara "os próprios judeus acreditam...". Aos olhos dos judeus, era uma apologia hábil, mais hábil do que sincera, pois que, dissimulando a verdadeira questão, procurava fazer crer que se podia entender quando se não entendia e deslocava a questão de uma maneira muito imitada daí em diante pelos apologistas cristãos. Félix, que se interessava pouco pelo dogma da ressurreição, deve ter ficado indiferente. Interrompeu bruscamente a audiência, declarando que se pronunciaria apenas depois de estar mais informado e quando tivesse falado a Cláudio Lísias. Enquanto o aguardava, ordenou ao centurião que tratasse Paulo com civilidade, isto é, que o deixassem sem algemas, no estado de *custodia libera* e permitissem que tanto seus discípulos como aos seus amigos, se aproximassem dele e o auxiliassem. Alguns dias depois Félix e Paulo encontraram-se novamente.

Drusila, que era judia, desejou, diz-se, ouvir o apóstolo expor a fé cristã: Paulo falou sobre a justiça da continência, do próximo julgamento, o que foi indiferente a estes catecúmenos de novo gênero. Félix, acredita-se que teve medo: "Basta agora", disse ele a Paulo; "eu te farei voltar noutra ocasião". Sabendo que Paulo levara consigo valores consideráveis, esperava receber dele ou dos seus amigos uma grande quantia pela sua liberdade. Parece que o visitou muitas vezes e que procurou insinuar esta idéia. Não tendo o apóstolo sujeitado a isso, Félix pretendeu tirar no mínimo, desta questão, alguma vantagem para a sua popularidade, muito abalada. O maior prazer que se podia oferecer aos judeus era perseguir os que eles olhavam como inimigos. Manteve, assim, algemado na prisão.[10] Paulo passou dois anos nessa situação. Apesar das algemas e do soldado frumentário, a prisão estava longe de ser o que é hoje, ou seja, uma total privação da liberdade.

Por poucos recursos financeiros que se tivessem, sempre existia um jeito de o preso se entender com o seu guarda e tratar dos seus negócios. Apesar de preso podia ver os amigos, não se estava seqüestrado, dava-se andamento a toda a atividade.[11] Assim, não resta

[10] *Atos*, XXIV, 27; XXVI, 27.

[11] Jos., *Ant.*, XVIII, VI, 7.

dúvida de que Paulo, embora prisioneiro, tivesse continuado o seu apostolado em Cesaréia. Nunca estivera cercado por tantos é discípulos: Timóteo, Lucas, Aristarco de Tessalônica, Tíquico, Trófimo eram seus mensageiros levando as suas ordens em todas as direções e a correspondência que ele mantinha com as suas igrejas. Paulo, encarregou, por exemplo, Tíquico e Trófimo de uma missão para Éfeso.[12] Trófimo, ao que parece, caiu doente em Mileto.[13]

Em decorrência da longa permanência a que foram obrigados na Palestina, os membros mais inteligentes das igrejas da Macedônia e da Ásia mantiveram relações prolongadas com as igrejas da Judéia. Lucas, especialmente, que até então nunca havia saído da Macedônia, foi iniciado nas tradições de Jerusalém. Impressionou-se pela majestade hierosolimitana, e imaginou a possibilidade de uma conciliação entre os princípios sustentados por Paulo e os dos anciãos de Jerusalém. Pensou que o melhor seria esquecer os ataques recíprocos, lançar um véu sobre tudo. As idéias fundamentais que deviam presidir à redação do seu grande texto fixaram-se provavelmente no seu espírito, nessa época. Por estes contatos diversos, ia-se estabelecendo uma tradição uniforme. Os Evangelhos eram elaborados com uma ampla participação de todos os partidos que constituíam a igreja. Jesus criara a igreja, a igreja o criava por sua vez. Na verdade, esse grande ideal, que ia dominar a humanidade durante séculos, saía das entranhas da humanidade e por uma espécie de concerto secreto entre todos aqueles a quem Jesus entregara o seu espírito. Enfim, Félix sucumbiu, não sob a indignação que os seus crimes tivessem produzido, mas sim diante das dificuldades de uma situação à qual nenhum procurador teria podido encarar. A vida de um governador romano em Cesaréia tinha-se tornado insuportável; os judeus e os sírios ou gregos agrediam-se sem trégua; o homem mais íntegro não saberia equilibrar a balança entre ódios tão ferozes. Os judeus queixavam-se para Roma, pois tinham aí muitas influências, sobretudo junto de Popéia,[14] e graças às intrigas

[12] *Atos*, XXVII, 2 (cf. XX, 4), aproximando este texto de II *Tim.*, IV, 12; *Tit.*, II, 12, observando que estas duas últimas epístolas são suposições e cheias de coisas inexplicáveis.

[13] II *Tim.*, IV, 20; a mesma observação.

[14] Jos., *Ant.*, XX, VII, 11; *Vita*, 2.

que aí dirigia Herodes Agripa II, Palas havia perdido muito nos seus créditos, principalmente depois do ano 55.[15] Assim, não pôde impedir a infelicidade do seu amigo; apenas pôde salvá-lo da morte. Sucedeu Félix um homem firme e justo,[16] Pórcio Festo, que chegou a Cesaréia em agosto do ano 60.[17] Três dias depois, foi a Jerusalém.

O sumo sacerdote Ismael, filho de Fabi, e todo o partido saduceu, isto é, o alto sacerdócio,[18] o cercaram e um dos primeiros pedidos que lhe fizeram foi relativo a Paulo. Queriam que ele o mandasse de volta para Jerusalém; teriam assim preparado uma emboscada para o matar durante o trajeto. Festo respondeu que em breve partiria para Cesaréia, e que por conseqüência seria melhor que Paulo aí permanecesse, mas, como os romanos não pronunciavam uma condenação sem que o acusado fosse confrontado com os seus acusadores, seria preciso que os acusadores de Paulo fossem falar com ele. Após oito ou dez dias regressou a Cesaréia e, no dia seguinte, ordenou que Paulo e os seus adversários comparecessem. Depois de um debate confuso, tendo Paulo sustentado que nada fizera, nem contra a Lei, nem contra o templo, nem contra o imperador, Festo propôs-lhe reconduzi-lo a Jerusalém, onde Paulo podia, sob a sua vigilância e alta jurisdição, defender-se perante um tribunal judaico. Com certeza, Festo ignorava o projeto dos conjurados; julgava, com este expediente, livrar-se de uma questão incômoda e fazer um agrado aos judeus, que com tanta insistência solicitavam a transferência do prisioneiro. Mas Paulo não quis aceitar.

Desejava ardentemente ver Roma. A capital do mundo tinha para ele uma espécie de encanto misterioso.[19] Assim, manteve, o seu direito de ser julgado por um tribunal romano; protestou que ninguém tinha o poder de o entregar aos judeus, e pronunciou as palavras solenes: "Apelo para o imperador". Esta frase, pronun-

[15] Tácito, *Ann.*, XIII, 14.

[16] Jos., *B. J.*, II, XIV, 1.

[17] Jos., *Ant.*, XX, VIII. Paulo foi conduzido a Cesaréia em agosto de 58. Festo chegou aí dois anos depois. A passagem de *Atos*, XXVII, 9, concorda com estas datas.

[18] Vejam-se as passagens *Pesachim* e *Kéritouth*, resumos.

[19] *Atos*, XIX, 21; XXIII, 11.

ciada por um cidadão romano, tinha o poder de romper todas as jurisdições provinciais: em qualquer lugar onde estivesse o cidadão tinha o direito de se fazer conduzir a Roma para aí ser julgado. Os governadores de província enviavam freqüentemente ao imperador e ao seu conselho as causas de direito religioso.[20] Festo, inicialmente surpreendido com este apelo, falou um momento com os seus adjuntos, respondendo depois: "Apelaste para o imperador; irás ao imperador". Ficou logo decidido o envio de Paulo a Roma, aguardando-se uma ocasião para a partida. Neste ínterim ocorreu que, alguns dias depois do regresso de Festo a Cesaréia, Herodes Agripa II e sua irmã Berenice, que vivia com ele, não sem suspeita de infâmia,[21] vieram saudar o novo procurador e ficaram muitos dias em Cesaréia. No andamento das conversações que tiveram com o funcionário romano, este falou-lhes do prisioneiro que Félix deixara. "Os seus acusadores", disse ele, "não têm comprovado contra ele nenhum dos crimes que eu esperava ver estabelecer. Trata-se, em toda esta questão, de sutilezas relativas às suas superstições e de um certo Jesus, que morreu e que Paulo diz estar vivo". Agripa, respondeu: "Há muito tempo que eu desejava ouvir esse homem". E Festo afirmou: "Tu o ouvirás amanhã",

No dia seguinte Agripa e Berenice surgiram no tribunal com uma comitiva brilhante. Tanto os oficiais do exército como autoridades principais da cidade lá estavam. Nenhum processo oficial podia ter lugar depois da apelação para o imperador, mas Festo declarou que, segundo os seus princípios, o envio de um prisioneiro a Roma devia ser acompanhada de um relatório; e assim fingiu querer informar-se melhor para redigir o relatório, alegou a sua ignorância sobre as coisas judaicas e declarou querer seguir, sobre este assunto, a opinião do rei Agripa. Agripa convidou Paulo a falar. Paulo realizou então, com uma certa complacência oratória, um dos discursos que ele havia repetido cem vezes. Julgava-se feliz em ter de defender a sua causa perante um juiz tão esclarecido sobre as questões judaicas como era Agripa. Defendia-se dizendo que nada pretendeu ter dito que não estivesse na Lei e nos Profetas; sustentou que o perseguiam unicamente devido á fé na ressurreição, fé que

[20] Plínio, *Epist.*, X, 97.; Jos., *Vita*, 3; Díon Cássio, LX, 17.

[21] Jos., *Ant.*, XX, VII, 3: Juvenal, VI, 156 e seg.

era a de todos os israelitas, que dá um motivo à sua piedade, um fundamento às suas esperanças. Explicou, por citações das Escrituras, as suas teses favoritas, isto é, que o Cristo deveria sofrer, que ele deveria ser o primeiro ressuscitado.[22] Festo, alheio a todas estas especulações, considerou Paulo um sonhador, sábio, mas perturbador e utópico. "Tu és louco, Paulo", disse-lhe ele; "as tuas leituras fizeram-te perder o juízo". Paulo invocou o testemunho de Agripa, mais versado na teologia judaica, conhecendo os profetas, e que ele supunha conhecedor dos fatos relativos a Jesus. Agripa respondeu de uma maneira vaga. Uma ponta de ironia se misturou, parece, na conversa. "Tu vais", disse Agripa, "convencer-me de tornar-me cristão..." Paulo, com o seu comportamento costumeiro, entrou no mesmo tom da assistência e acabou por desejar a todos que lhe imitassem: "Exceto por estas algemas", acrescentar com uma ligeira ironia. O efeito desta audiência educada, completamente diferente das audiências em que os judeus figuravam como acusadores, foi favorável a Paulo. Festo, com o seu bom senso romano, declarou que este homem não tinha feito nenhum mal. Agripa foi de opinião que, se ele não tivesse apelado para o imperador, o poderiam soltar. Paulo, que queria ir a Roma conduzido pelos próprios romanos, não retirou a sua apelação. Assim, foi entregue com alguns outros prisioneiros à guarda de um centurião da coorte *prima Augusta Italica*,[23] chamado Júlio, que devia ser italiano. Timóteo, Lucas e Aristarco de Tessalônica foram os únicos discípulos que o acompanharam na viagem.[24]

[22] É provável que o autor dos *Atos* tenha inventado todo este episódio para apresentar Paulo expondo mais uma vez a sua doutrina diante do mundo pagão. Compare-se o episódio de Areópago e *Atos*, XXIV, 24-25. Porém acredita-se que a narrativa tivesse tido algum fundamento. *Mat.*, X, 18-19; *Lucas*, XII, 11, contém talvez uma referência a estas apologias ditas pelo apóstolo diante diversas autoridades.

[23] Vejam-se *Os Apóstolos*.

[24] *Atos*, XXVII, 2; *Fil.*, I, 1; II, 19; *Col.*, I, 1; *Filém.*, 1; *Hebr.*, XIII, 23.

Viagem a Roma: Paulo prisioneiro

Empreenderam viagem num navio de Adramíeto da Mísia, que regressava ao ponto de partida. Júlio esperava encontrar, num dos portos intermediários, um navio para a Itália e nele viajar. Estava-se no equinócio do outono;[1] tinha-se em perspectiva uma difícil travessia.[2] Em dois dias chegaram a Sídon. Júlio, que tratava Paulo com muita atenção, permitiu-lhe descer à cidade, visitar os amigos e receber deles todas as atenções.

A viagem devia ser feita pelo mar alto, alcançando-se assim a ponta sudoeste da Ásia Menor; mas como os ventos eram contrários mudou-se-a para o norte, costeando a Fenícia, seguindo depois as costas da ilha de Chipre, deixando-a a bombordo. Seguiu-se o canal entre Chipre e a Cilícia, atravessou-se o golfo da Panfília e atingiu-se o porto de Mira, na Lícia. Júlio encontrara um navio alexandrino que fazia viagem para a Itália, fez o contrato com o capitão, e assim transportou para lá os seus prisioneiros. O navio ia muito carregado; estavam a bordo 276 pessoas.[3] A viagem, a partir desse

---

[1] Assim se deduz de *Atos*, XXVII, 9, e concorda com fatos anteriores.

[2] Sobre a viagem compare-se: Jos., *Vita*, 3. Com relação à parte técnica da navegação, veja-se James Smith, *The Voyage and shipwrech of St. Paul* (Londres, 1848); Conybare et Howson, *The Life of St. Paul*, II, p. 308 e seg.

[3] O manuscrito B relata apenas (*Atos*, XXVII, 37) "setenta e seis". Cf. Josefo, *Vita*, 3.

momento, tornou-se muito difícil. Depois de vários dias estavam ainda na altura de Cnido. O capitão queria entrar no porto, mas o vento que vinha do nordeste não permitia, e foi preciso ir em direção à ilha de Creta, em breve vislumbrando-se o cabo Salmone,[4] que é o extremo oriental da ilha.

A ilha de Creta forma como que uma imensa barreira que faz da região do Mediterrâneo, que encobre ao sul, uma espécie de refúgio ao abrigo das tempestades provenientes do arquipélago. O capitão lembrou-se de aproveitar esta vantagem: seguiu a costa oriental da ilha, não sem grandes perigos; depois, defendendo-se do vento, com a ilha, entrou nas calmas águas do sul. Aí encontraram um pequeno porto bastante profundo, fechado por uma ilhota e marginado por duas praias de areia entre as quais está um aglomerado de rochedos, parecendo dividido em duas partes.[5] É o que se chamava *Kali-Limenes* (os Bons Portos) e próximo erguia-se uma cidade chamada Laséia ou Alassa. Refugiaram-se neste abrigo; todos estavam fatigados; neste pequeno porto fizeram um descanso prolongado.

Quando chegou o momento de regressar à pátria, ia muito adiantada a estação: o grande jejum do Perdão (*Kippour*), no mês de *tisri* (outubro); já havia passado esse jejum significava, para os judeus, o limite para além do qual as viagens marítimas não eram seguras.[6] Paulo, que tinha adquirido no navio muita autoridade e, além disso, tinha grande experiência do mar, predisse grandes perigos e grandes avarias, se embarcassem. "Mas o centurião" (não nos podemos surpreender tanto como o narrador dos *Atos*) "tinha mais confiança no que diziam o capitão e o substituto do que no que dizia Paulo". O porto de Kali-Limenes não era bom para hibernar. A opinião geral foi de que se devia tentar alcançar, para passar os meses maus, o porto de Fênix, situado na costa meridional da ilha, onde os que conheciam estas regiões garantiam existir um bom ancoradouro. Em um dia em que soprava o vento sul, julgou-se ter chegado o momento adequado: levantou-se âncora e foram margeando o flanco da ilha até ao cabo Litinos; depois singraram em direção a Fênix. A tripulação e os passageiros julgavam-se seguros, quando repentinamente um furacão, vindo de este, a que os marinheiros do Mediterrâneo chamam *euraquilon*, surgiu. Deixou-se o navio a vagar a favor do vento. Passaram perto de uma pequena ilha chamada Claudé;[7] aproveitaram o abrigo desta ilha, tratando de fazer subir de novo ao navio que a cada momento ameaçava partir. Então todas as precauções para um naufrágio, que todos consideravam inevitável foram tomadas: blindaram o casco do navio com cabos, dobraram as vergas, e deixaram-se abandonar ao vento.

No segundo dia a tempestade era cada vez mais forte; lembraram-se de aliviar o navio e lançaram às águas todo o carregamento. No terceiro dia desembaraçaram-se dos móveis e utensílios desnecessários à manobra. Os dias seguintes foram aflitivos; não se via o sol; não se distinguia uma única estrela; não se sabia em que altura se estava. Semeado de ilhas, o Mediterrâneo apresenta, entre a Sicília e a Malta, a oeste, Peloponeso, e Creta a leste, a Itália meridional e o Epiro ao norte, a costa da África ao sul, um grande espaço de mar livre, onde o vento não encontra obstáculo e arrasta enormes montanhas de água. Era a essa parte que os antigos chamavam o Adriático. A opinião geral era que o navio vagava nas Sirtes da África, onde a perda total era certa. Parecia perdida toda a esperança; ninguém pensava em alimentar-se; de resto seria impossível em tais circunstâncias prepará-los. Apenas Paulo conservava a sua confiança no sucesso da viagem. Estava convencido de que havia de conhecer Roma e de que havia de comparecer perante o tribunal do imperador. Encorajava a tripulação e os passageiros; dizia, ao que parece, que uma visão lhe havia revelado que ninguém iria morrer, tendo-lhe Deus concedido a vida para todos, apesar de contra a sua opinião terem deixado os Bons Portos.

Catorze dias depois, contados da partida deste porto, a meio da noite, os marinheiros descobriram terra. Lançou-se a senda: media vinte braças; pouco depois quinze braças. Receavam bater contra recifes: então são lançadas da popa quatro lanchas; amarram os

[4] Denominado ainda Salmônio ou Samônio.

[5] Memória (inédita) de M. Thenon sobre a ilha de Creta.

[6] Vegécio, IV, 39; Horácio, *Od.*, I, IV, 2; III, VII, 2 e seg.; Hesíodo, *Op. et dies*, 670 e seg., Aristóf., *Aves*, 712; Fílon, *Leg.*, § 3. Cf. *Tit.*, III, 12.

[7] Chamada também Claudos ou Gaudos; hoje Gafda, ou Gaudo, ou Gandonesi, ou Gozzo. Não confundir com Gozzo, perto de Malta.

lemes, isto é, os dois largos remos que saíam dos dois lados do castelo da popa; o navio pára; espera-se o dia com ansiedade. Os marinheiros, aproveitando a sua habilidade na manobra, quiseram salvar-se com sacrifício dos passageiros. Com o pretexto de lançar as âncoras da frente lançaram o navio à água e tentaram nela fugir, mas o centurião e os soldados, advertidos, diz-se, por Paulo,[8] não permitiram. Paulo consolava a todos, e assegurava que ninguém sofreria coisa alguma. Durante estas tormentas marítimas, a existência está como suspensa; quando acaba é que se percebe que se está sujo e se tem fome. Havia catorze dias que quase ninguém se alimentava, ou devido à comoção ou por efeito do enjôo. Paulo aconselhou que, enquanto se esperava amanhecer, todos comessem, para terem forças para a manobra que faltava ainda executar. Deu ele próprio o exemplo e, como judeu piedoso, partiu o pão, segundo o costume, depois de uma oração de graças que fez ostensivamente perante todos. Os passageiros imitaram-no, e recobraram algum ânimo. Para diminuir o peso do navio, lançaram ao mar todo o trigo que restava.

Finalmente amanheceu e a terra surgiu deserta; ninguém reconheceu a região: uma baía, tendo ao fundo uma praia arenosa. Cortaram então os cabos das âncoras, que ficaram perdidos no mar: soltaram-se as amarras dos lemes, içou-se a vela do traquete, oferecendo-a ao vento, e rumou-se em direção à praia. O navio foi levado para uma língua de terra batida do mar pelos dois lados e encalhou. A proa afundou na areia e ficou imóvel; a popa, ao contrário, batida pelo lodo, oscilava e ia se deslocando a cada onda. Nestas condições os salvamentos são fáceis nas costas do Mediterrâneo, porque a maré é pouco considerável: o navio encalhado forma um abrigo. Mas a condição de prisioneiros, em que se encontrava uma grande parte dos passageiros, agravava a situação; podiam escapar a nado; os soldados propunham que os matassem. O honesto Júlio repeliu esta idéia bárbara e ordenou aos que sabiam nadar que se lançassem à água e alcançassem a terra, para ajudar a salvar os outros; os que não sabiam nadar deviam tentar escapar em pranchas e objetos de toda a espécie. Ninguém morreu.

Logo souberam que estavam na ilha de Malta. A ilha, há muito

[8] O narrador sucumbe à tentação de exagerar a importância do papel de Paulo.

submetida aos romanos e já latinizada, era rica e próspera. Os habitantes mostraram-se gentis e acenderam uma grande fogueira para aquecer os náufragos que estavam enregelados pelo frio e pela chuva que continuava a cair torrencialmente. Um incidente muito simples, exagerado pela imaginação dos discípulos de Paulo, então ocorreu:[9] segurando um punhado de gravetos para os lançar ao braseiro, Paulo segurou ao mesmo tempo uma serpente. Acreditou-se que ela o tinha picado na mão, disseminando-se então a idéia de que esse homem era um assassinado, perseguido pela deusa Némesis, que, não conseguindo atingi-lo no meio da tempestade, o perseguia em terra. Os habitantes da ilha esperavam vê-lo inchar e cair morto. Como não aconteceu nada, passaram a considerá-lo como um deus.

Próximo da baía em que o navio naufragara situavam-se as terras de Públio, *princeps* do município que a ilha formava com Gaulos, que veio receber os náufragos, pelo menos, uma parte deles, hospedou em sua fazenda entre os quais Paulo e os seus companheiros, e durante três dias foram tratados, com grande hospitalidade. Aí também ocorreu um desses milagres que os discípulos de Paulo acreditavam ver surgir a cada instante. O apóstolo curou, diz-se, pela imposição das mãos, o pai de Públio, que sofria da febre e de disenteria e na ilha cresceu a sua reputação de taumaturgo e começaram a levar-lhe doentes de toda a parte. Ignora-se que aí tivesse fundado alguma igreja. A infeliz travessia que acabavam de fazer não os encorajava para de novo viajarem ao mar. Permaneceram três meses em Malta, mais ou menos de 15 de novembro de 60 a 15 de fevereiro de 61.

Júlio contratou a passagem dos seus prisioneiros e dos seus soldados num outro navio alexandrino, o *Castor et Polux*, que tinha permanecido no porto da ilha. Alcançaram Siracusa, onde permaneceram três dias; depois foram para o estreito, e atingiram Reggio. No dia seguinte levantou-se um bom vento sul, que levou o navio em dois dias a Pouzzoles, que era o porto de Itália mais freqüentado pelos judeus. Era aí que também realizavam a descarga os navios de Alexandria.[10] Em Pouzolles, ao mesmo tempo que em Roma,

[9] Cf. *Marc.*, XVI, 18.

[10] Estrabão, XVII, 1, 7; Plínio, XXXVI, 14; Suetônio, *Aug.*, 98; Jos., *Vita*, 3; Fílon, *In Flacc.*, § 5.

havia nascido uma pequena sociedade cristã. O apóstolo foi muito bem acolhido; pediram-lhe que se demorasse uma semana, e graças à bondade do centurião Júlio, que se tinha ligado muito a Paulo, isso foi possível. Seguiram, depois, a caminho para Roma.

A notícia da chegada de Paulo havia-se espalhado entre os fiéis dessa cidade, que para alguns era, desde a sua epístola, um mestre conhecido e respeitado. Em Foro de Apio,[11] a 43 milhas de Roma, na Via Ápia, esperava-o um primeiro grupo. Dez milhas após, na saída dos lagos Pontinos, perto do lugar chamado "as Três Tavernas", devido às hospedarias aí estabelecidas,[12] um novo grupo veio recebê-lo. A alegria do apóstolo manifestou-se em ações de graças.

O grupo santo percorreu, repleto de comoção, as onze ou doze léguas que separavam as Três Tavernas da porta Capena e, seguindo sempre a Via Ápia, por Arícia e Albano, o prisioneiro Paulo entrou em Roma, em março do ano 61, no sétimo ano do reinado de Nero, sob o consulado de Cesênio Peto e de Petrônio Turpiliano.[13]

[11] Atualmente São Donato.

[12] Cíc., *Ad Att.*, II, 10, 11, 13: *Miner. Anton.* p. 107, ed. Wesseling. Hoje Cisterna.

[13] Borghesi, *Fastes cons.* (ainda inéditos) no ano 61.

CAPÍTULO XXII

Breve exame da obra de Paulo

Paulo viverá ainda mais três anos, e esses três anos serão os mais intensos da sua laboriosa existência: suas viagens apostólicas continuarão, mas envolverão o Ocidente, e não nos países que já havia visitado.[1] Essas viagens, se realmente aconteceram, não tiveram resultados apreciáveis para a propagação do cristianismo. É porém já permitido avaliar a obra de Paulo: metade da Ásia Menor recebeu a semente cristã, na Europa, a Macedônia foi profundamente conquistada, compreendendo a Grécia e seus limites. Se somar-se a isto somar-se a Itália, de Pouzzoles a Roma, já sulcada por cristãos, ter-se-á o quadro das conquistas efetuadas pelo cristianismo nos dezesseis anos que este livro abrange. A Síria, nós o vimos, recebera anteriormente a palavra de Jesus e possuía igrejas organizadas. Os progressos da nova fé haviam sido verdadeiramente enormes, e ainda que o público se ocupasse pouco com isso, os sectários de Jesus tinham importância para as populações do exterior. Nós os veremos, no ano 64, despertar a atenção do mundo e desempenhar um papel histórico muito importante.

Em toda esta história, é preciso acautelarmo-nos da ilusão que a leitura das Epístolas de Paulo e dos *Atos dos Apóstolos* produz Segundo essa leitura, se é levado a imaginar conversões em massa, países inteiros passando a acreditar no culto novo. Paulo, que freqüentemente nos fala de judeus rebeldes, jamais fala da imensa maioria

[1] *Atos*, XX, 25.

dos pagãos, que desconheciam a fé. Fazendo-se a leitura das viagens de Benjamim de Tudéle, acreditar-se-ia também que o mundo do seu tempo estava totalmente povoado por judeus. As seitas estão também sujeitas a essas ilusões de óptica; para elas, nada existe fora do seu âmbito; os acontecimentos que se desenvolvem no seu seio parecem-lhes que interessam todo o universo. As pessoas que têm relações com os antigos são-simonistas impressionam-se com a facilidade com que eles se consideram o centro da humanidade. Do mesmo modo, os primeiros cristãos viviam tão isolados no seu círculo, que não sabiam quase nada do mundo profano. Considerava-se um país evangelizado desde que o nome de Jesus aí tivesse sido pronunciado[2] e que uma dúzia de pessoas se tivessem convertido.

Uma igreja era freqüentemente constituída por doze ou quinze pessoas. Talvez todos os convertidos de Paulo na Ásia Menor, na Macedônia e na Grécia não excedessem mil.[3] Porém, foi um número assim tão reduzido, este espírito de comitê secreto, de família espiritual restrita, o que constituiu a força indestrutível dessas igrejas, e delas fez outros tantos embriões para o futuro.

Um homem contribuiu para essa rápida extensão do cristianismo mais do que nenhum outro; esse homem rasgou a espécie de tecido grosso e prodigiosamente perigoso com que o cercaram e o apertaram logo após o seu nascimento; proclamou que o cristianismo não era uma simples reforma do judaísmo, mas sim uma religião completa, existindo por si mesma. Dizer que este homem deve ser colocado num lugar de destaque da história, é dizer uma coisa

[2] *Rom.*, XV, 19-20. Comp. *Atos*, XX, 25-27. *Col.*, I, 6 e sobretudo 23.

[3] Supõe-se que as saudações de *Rom.*, XVI, 3-16, compreendem mais ou menos a igreja de Paulo em Éfeso. Paulo saúda abertamente 26 pessoas; menciona três igrejas domésticas e emprega duas vezes a fórmula *kai tous sun autois*. Estimando-se em vinte o número de pessoas que constituíam cada igreja doméstica e em dez o de pessoas compreendidas na fórmula *kai tous sun autois*, chega-se a compor a Igreja de Éfeso com I 100 120 pessoas. A igreja de Corinto devia ser menor, porque não constituía mais que uma *ecclesia*, a qual se reunia inteira numa casa (*Rom.*, XVI, 23, texto grego). Consideremos em duzentos os cristãos da Macedônia; admitamos duzentas ou trezentas pessoas para as igrejas da Galácia; restará ainda, para atingir a cifra de mil, uma soma de trezentas ou quatrocentas pessoas, que parece mais que suficiente para representar as igrejas de Atenas, Troas, Chipre e outros grupos menores.

evidente: mas não pode ser considerado fundador. Paulo é inferior aos outros apóstolos: não viu Jesus, não ouviu a sua palavra. Os divinos *logia*, as parábolas, tudo ele pouco conhece. O Cristo que lhe faz revelações pessoais é o seu próprio fantasma; é a ele mesmo que ele escuta acreditando ouvir Jesus.

Falando apenas no seu papel exterior, é preciso realmente que Paulo tivesse tido em vida a importância que lhe atribuímos. As suas igrejas ou não foram muito sólidas ou o renegaram. As igrejas da Macedônia e da Galácia, que são a sua obra própria, não têm grande importância nos séculos II e III. As igrejas de Corinto e de Éfeso, que lhe pertenciam apenas por um título muito exclusivo, passam aos seus inimigos ou não se encontram fundadas canonicamente, se o foram apenas por ele. Depois do seu desaparecimento das lutas apostólicas, vamos encontrá-lo quase esquecido. É provável que sua morte tenha sido considerada, pelos seus inimigos, como a de um charlatão. O século dele fala vagamente e parece procurar sistematicamente apagar a sua lembrança. As suas Epístolas são pouco lidas e têm autoridade apenas para um grupo muito pequeno.[4] Os seus próprios seguidores atenuam muito as suas pretensões.[5] Não deixou discípulos célebres: Tito, Timóteo, e tantos outros que o cercaram, sumiram sem serem notados. Na verdade, Paulo tinha uma personalidade muito enérgica para formar uma escola original. Sempre absorveu os seus discípulos, e eles desempenharam junto do apóstolo o papel de secretários, de servidores, de mensageiros. O respeito pelo mestre era tal, que não ousaram ensinar livremente. Quando Paulo estava com o seu grupo, apenas ele existia; todos os outros se reduziam ou somente viam a ele.

Nos séculos III, IV e V, Paulo engrandecer-se-á singularmente: tornar-se-á o doutor por excelência, o fundador da teologia cristã; o verdadeiro presidente desses grandes concílios, que fazem de Jesus a chave da abóbada de uma metafísica. Porém, na Idade Média, principalmente no Ocidente, a sua obra sofrerá um estranho eclipse.

Paulo nada dirá ao coração dos bárbaros; não terá lenda fora de Roma; a cristandade latina pronunciará o seu nome depois do do

[4] O grupo de onde se originaram as epístolas, tanto autênticas como apócrifas, de Clemente Romano, Inácio e Policarpo.

[5] É o que se observa no autor dos *Atos*. Vejam-se *Os Apóstolos*.

seu rival. Paulo, na Idade Média, perde-se de certo modo no resplendor de São Pedro. São Pedro, enquanto movimenta o mundo, o faz tremer e obedecer, deixa o obscuro *S. Pou* desempenhar um papel secundário na grande poesia cristã, que enche as catedrais e inspira os cantos populares. Quase ninguém, antes do século XVI, se recorda do seu nome; aparece apenas nos monumentos figurados; não tem devotos, não lhe edificam igrejas,[6] não lhe acendem velas. Os que o cercavam, Tito, Timóteo, Febe, Lídia, não encontram lugar no culto público, em especial dos latinos.[7] Não tem lenda quem quer: para ter uma lenda é preciso ter falado ao coração do povo; é preciso ter impressionado as imaginações. Ora que diz ao povo a salvação pela fé, a justificação pelo sangue de Cristo? Paulo era quase antipático à consideração popular e também talvez demasiadamente conhecido pela história, para que se pudesse formar em volta da sua cabeça a auréola das fábulas. Falai-me de Pedro, que faz curvar a cabeça dos reis, despedaça os impérios, pisa sobre a serpente e o basilisco, derruba o leão e o dragão, e tem as chaves do Céu.

A Reforma abre para Paulo uma era nova de glória e de autoridade. O próprio catolicismo chega, por estudos mais desenvolvidos que os da Idade Média, a idéias muito precisas sobre o apóstolo dos gentios. A partir do século XVI, o nome de Paulo propaga-se por toda a parte. No entanto, a Reforma, que tantos serviços prestou à ciência e à razão, não soube tecer uma lenda. Roma, lançando um véu complacente sobre as rudezas da Epístola aos Gálatas, eleva Paulo a um pedestal quase igual ao de Pedro. Paulo se torna o santo do povo. Que lugar lhe dará a crítica? Que categoria lhe assinará na hierarquia dos que serviram o ideal?

Praticando o bem serve-se o ideal. À frente da santa procissão da humanidade marcha o homem de bem, o homem virtuoso; o segundo lugar pertence ao homem da verdade, ao sábio, ao filósofo; vem depois o homem do belo, o artista, o poeta. Jesus, surge diante de nós, sob a sua auréola celeste, como um ideal de bondade e de beleza. Pedro ama Jesus, compreende-o e foi, segundo parece, apesar de certas fraquezas, um homem íntegro. O que foi Paulo? Não foi um santo. Não é a bondade o traço dominante do seu caráter. Foi altivo, áspero, volúvel; defendia-se, afirmava-se (como se diz hoje); disse palavras duras; acreditou ter absolutamente razão; é intransigente nas suas opiniões; encontra-se a cada passo envolvido em intrigas com várias pessoas. Não foi um sábio; pode mesmo dizer-se que ofendeu muito a ciência pelo seu desprezo paradoxal da razão, pelo seu elogio da loucura aparente, pela sua apoteose do absurdo transcendental. Nunca foi um poeta. Os seus escritos, obras da mais alta originalidade, não têm encanto; a forma é áspera e quase sempre despida de graça. Que foi ele então?

Paulo foi um homem de ação, uma alma forte, avassaladora, entusiasta, um conquistador, um missionário, um propagandista, tanto mais ardente quanto ter ele, até ali, desperdiçado o seu fanatismo num sentido oposto. Ora, o homem de ação, por mais nobre que seja, quando se trata de um fim nobre, está mais distante de Deus do que o que viveu no amor puro da verdade, do bem e do belo. O apóstolo é, por sua natureza, um espírito limitado; pretende triunfar e para isso faz sacrifícios. O contato com a realidade mancha sempre um pouco. Os primeiros lugares no reino dos Céus são reservados àqueles que um raio de graça tocou, aos que adoram apenas o ideal. O homem de ação é sempre um artista fraco, porque ele não tem por único objetivo refletir o esplendor do universo: não poderá ser um sábio, porque regula as suas opiniões segundo a utilidade política; não é mesmo um homem muito virtuoso, porque jamais é irrepreensível, visto que a estupidez e a maldade dos homens o força a pactuar com elas. Nunca é amável; a mais encantadora das virtudes, a reserva, é-lhe impossível.

O mundo premia os audaciosos, os que ajudam a si mesmos. Paulo, por mais honesto que fosse, foi obrigado a tomar o título de apóstolo. Resumindo, o personagem histórico que mais semelhança apresenta com Paulo é Lutero. Em um ou em outro existe a mesma violência na linguagem,[8] a mesma paixão, a mesma energia, a

---

[6] O vocábulo "São Pedro e São Paulo" é comum, mas o de Paulo sozinho, é muito raro. São Pol de Leão, São Paulo de Narbona são lugares santos.

[7] As narrativas relativas a São Trófimo, a São Crescente, são mais lendas do que deturpações refletidas dadas à história para satisfazer a vaidade de certas igrejas.

[8] Veja-se sobretudo *Fil.*, III, 2. No fundo, a obra que se parece mais, com a Epístola aos Gálatas, é a *De Captivitale Babylonica Ecclesiae.*

mesma nobre independência, o mesmo agarrar-se, frenético, a uma tese considerada como a verdade absoluta.

Considero que, na criação do cristianismo, a parte de Paulo deve ter sido muito inferior à de Jesus. Em minha opinião deve-se situar Paulo abaixo de Francisco de Assis e do autor da *Imitação*, que conheceram Jesus perfeitamente. O Filho de Deus é único. Surgiu como um cometa, lançou uma luz doce e profunda, morreu muito jovem: é esta a vida de um deus. Lutar, disputar, vencer: é esta a vida de um homem. Depois de ter sido, há trezentos anos, o doutor cristão por excelência, graças ao protestantismo ortodoxo, Paulo vê acabar o seu reinado; Jesus, ao contrário, continua vivo.

Não é a *Epístola aos Romanos* o resumo do cristianismo, e sim o *Sermão da Montanha*. O verdadeiro cristianismo, que há de durar eternamente, vem dos Evangelhos, não das Epístolas de Paulo. Os textos de Paulo foram um perigo e um obstáculo, a causa dos principais erros da teologia cristã; Paulo é o pai do sutil Agostinho, do árido Tomás de Aquino, do sombrio calvinista, do impertinente jansenista, da teologia irada que danifica e perverte. Jesus é o pai de todos que procuram nos sonhos do ideal o descanso das suas almas. O que faz cristianismo viver o é o pouco que sabemos da palavra e da pessoa de Jesus: só o homem de ideal, o poeta divino, o grande artista desafia o tempo e as revoluções. Só Ele está sentado à mão direita de Deus, o Pai, por toda a eternidade.

Humanidade, algumas vezes és justa, e algumas vezes julgas corretamente!

Carta das Viagens de Paulo

Legenda: Mapa das viagens de Paulo

Ernest Renan*

Radical em seu anticlericalismo, mas por longo tempo conservador nas atitudes políticas, Renan foi nome de primeira grandeza na evolução do racionalismo do século XIX. Filósofo e historiador, escreveu textos literários, tratados filológicos e preciosas memórias, mas é lembrado sobretudo por seus estudos sobre a história das religiões.

Joseph-Ernest Renan nasceu em Tréguier, Bretanha, em 28 de fevereiro de 1823. Uma crise de fé, quando cursava o seminário de Saint-Sulpice, em Paris, levou-o em 1845 a abandonar a Igreja Católica. Prosseguindo os estudos laicos, formou-se em filosofia e letras.

A revolução de 1848 na França inspirou-lhe *L'Avenir de la science* (*O futuro da ciência*), livro apenas publicado em 1890, no qual Renan proclama sua crença na libertação da humanidade pela tecnologia e pela cultura. O processo revolucionário criou um ambiente de expectativas messiânicas que Renan interpretou como sendo o início de uma nova religião. Dedicou-se então a estudar a origem das

* *Fonte*: Nova Enciclopédia Barsa.

religiões e escreveu *Études d'histoire religieuse* (1857; *Estudos de história religiosa*), em que aponta princípios éticos de civilização na origem das religiões, e os *Essais de morale et de critique* (1859; *Ensaios de moral e de crítica*), em que expõe a convicção de que as reformas sociais devem ser dirigidas por uma aristocracia do espírito.

Em 1860 Renan participou de uma expedição arqueológica ao Oriente Médio e, no ano seguinte, foi à Terra Santa reunir material para escrever sobre a vida de Jesus. Em 1862 assumiu a cátedra de hebraico do Collège de France. O escândalo em torno de sua preleção inaugural, quando tentou humanizar o Cristo, chamando-o de "homem incomparável", ocasionou sua suspensão do cargo. Em 1863 publicou a *Vie de Jésus* (*Vida de Jesus*), seu livro mais conhecido, em que atribui o desenvolvimento do cristianismo à imaginação popular. Em 1869, derrotado nas eleições para o Parlamento, escreveu *La Monarchie constitutionnelle en France* (*A monarquia constitucional na França*). A partir de então, envolveu-se cada vez mais em política.

Readmitido no Collège de France em 1870, realizou a seguir novas viagens e, em Atenas, escreveu as famosas páginas que compõem a *Prière sur l'Acropole* (1876; *Oração na Acrópole*). Em 1878, foi eleito para a Academia Francesa. Em seus últimos anos, abandonou o elitismo político e tornou-se republicano. Na *Histoire du peuple d'Israël* (1887-1893; *História do povo de Israel*), sua última grande obra, se revela o paradoxo permanente que envolveu o autor, entre o desejo de alcançar a fé e o ceticismo. Ernest Renan morreu em Paris, em 2 de outubro de 1892.

Cronologia

1823

28 de fevereiro — Nascimento, em Tréguier, de Joseph-Ernest Renan. É o terceiro filho de Philibert Renan, capitão de barcos de cabotagem, e de Magdelaine Féger Lasbleiz, natural de Lannion. Seus irmãos mais velhos são Alain, nascido em 1809, e Henriette, nascida em 1811.

1828

1º de julho — É descoberto o cadáver de Philibert Renan, pai de Renan, em uma praia deserta a uns 30 quilômetros de Saint-Malo. Ele estava desaparecido de seu navio desde 11 de junho. Sua morte deixa a família em um estado quase miserável. A senhora Renan, levando Henriette e Ernest, abriga-se junto aos familiares em Lannion.

1832

Setembro — Ernest Renan entra na escola eclesiástica de Tréguier, no curso primário, onde se mostra um excelente aluno.

1837-1838

Último ano escolar de Renan na escola eclesiástica de Tréguier. Ali, obteve os primeiros prêmios em todas as matérias.

1838

Setembro — Renan, com a intervenção de sua irmã Henriette, ganha uma bolsa de estudos para o pequeno seminário de Saint-Nicolas-du-Chardonnet, dirigido em Paris pelo abade Dupanloup.

1841

Janeiro — Henriette Renan aceita tornar-se preceptora na casa do conde André Zamoyski, na Polônia.

19 de outubro — Renan entra no seminário de Issy-les-Moulineaux para aí fazer dois anos de estudos de filosofia.

1843

Fins de maio — Seu professor de filosofia, sr. Gottofrey, repreende Renan por não ser cristão.

12 de outubro — Renan vai de Issy-les-Moulineaux para o Seminário de Saint-Sulpice em Paris, apesar de hesitar quanto a sua vocação religiosa.

1845

Abril-junho — Renan atravessa uma dolorosa crise de consciência.

Maio — Escreve o *Ensaio psicológico sobre Jesus Cristo.*

9 de outubro — Volta da Bretanha para Paris e deixa o seminário, de comum acordo com seus mestres.

1846

23 de outubro — Renan obtém licenciatura em Letras.

1847

2 de maio — Ganha um prêmio pelo *Ensaio histórico e teórico sobre as línguas semíticas.*

13 de agosto — Apresentado por Reinaud e Mohl, Renan torna-se membro da Sociedade Asiática.

1848

Fevereiro-abril — Renan segue com atenção os acontecimentos políticos e sociais, freqüentando a juventude liberal que se reúne em torno de *A Liberdade de Pensar,* revista filosófica e literária fundada por Jules Simon e Jacques.

Setembro — É admitido em 1º lugar como professor secundário de filosofia.

1849

15 de março e 15 de abril — Publica em *A Liberdade de Pensar* um extenso artigo sobre "Os historiadores críticos da vida de Jesus", que desperta a atenção de Quinet e de Michelet.

20 de agosto a 19 de setembro — Em Saint-Malo, Renan prepara *O futuro da ciência.*

Setembro — Recebe do ministro Falloux uma missão na Itália, destinada a explorar as bibliotecas romanas.

28 de outubro — Renan chega a Roma, vindo de Civita-vecchia.

Fins de dezembro — Permanece em Nápoles até meados de janeiro de 1850.

1850

Janeiro-fevereiro — Renan, deixando Nápoles, visita o monte Cassino, depois Florença, Pisa, Livorno e retorna a Roma.

Abril-junho — Fica em Roma até 22 de abril; depois, em busca de documentos sobre a história do averroísmo, visita Bolonha e Veneza em maio e Pádua, Milão e Turim em junho.

1851

27 de abril — É nomeado suplente para a Biblioteca Nacional, no departamento de manuscritos.

15 de dezembro — Publica em *A Revista dos Dois Mundos* um artigo sobre "Maomé e as origens do islamismo", iniciando um longo período de colaboração nesta revista.

1852

Agosto — Renan obtém o doutoramento em Letras com sua tese sobre *Averroes e o averroísmo* e sua tese latina *De philosophia peripatetica apud Syros.*

1853

22 de abril — Inicia colaboração no *Jornal de Debates.*

1856

11 de setembro — Casa-se com Cornélie Scheffer, filha de Henri e sobrinha de Ary Scheffer.

Dezembro — É eleito para Academia de Inscrições, na cadeira de Augustin Thierry.

1857

23 de março — Publicação de *Estudos de história religiosa*, nos quais Renan esboça, no prefácio, o desejo de estudar as origens do cristianismo.

28 de outubro — Nascimento de Ary Renan.

1860

Maio — Recebe do governo uma missão arqueológica na Fenícia.

21 de outubro — Renan e sua irmã Henriette saem de Marselha para Beirute, onde chegam oito dias depois.

1861

12 de fevereiro — Renan vai para Saïda e Tiro, onde se instala para suas escavações a partir de 1º de março.

20 de abril — Vislumbra de Kasyoun, do outro lado do lago de Huleh, a região do alto Jordão, "berço do cristianismo".

26 de abril — Renan parte para sua viagem à Palestina: através de Saint-Jean d'Acre, Haifa e Carmel, atinge Naplouse, depois Jerusalém. De lá, desce para Jaffa, depois visita a Galiléia e retorna a Beirute.

Agosto-setembro — Primeira redação da *Vida de Jesus* em Gazir. Em meados de setembro esta primeira redação está quase pronta.

18 de setembro — Renan e sua irmã vão para Amschit. Henriette, cuja saúde vem piorando, fica doente. No dia seguinte, Renan, por sua vez, é acometido de um violento acesso de febre.

23 de setembro — Henriette Renan morre na noite de 23 para 24 de setembro. Renan é transportado para Beirute, onde conseguem salvá-lo.

10 de outubro — Renan, desistindo de continuar a missão arqueológica que havia programado em Chipre, embarca para voltar à França.

1862

11 de janeiro — É nomeado, por decreto, professor no Colégio de França.

22 de fevereiro — Aula inaugural de Renan no Colégio de França, na qual ele trata "Da participação dos povos semíticos na história da civilização". O auditório liberal acolhe em triunfo sua frase sobre Jesus: "homem incomparável, tão grande que eu não gostaria de contradizer os que o chamam de Deus".

26 de fevereiro — Por sentença do ministro da Instrução Pública, o curso de Renan é suspenso sob pretexto de que ele expõe doutrinas injuriosas à fé cristã e de forma a produzir agitações perigosas.

1º de março — Nascimento de Noémi Renan. Ela se casará em 20 de novembro de 1882 com Jean Psichari. Deste casamento nascerão vários filhos: Ernest (1883-1914), Henriette, atenta exegeta de seu avô (1884-1972), Michel (1887-1917) e Cornélie (1894).

15 de julho — Renan publica uma brochura explicativa de sua atitude, que termina com um desafio ao governo que não conseguirá lhe impor silêncio.

1863

24 de junho — Lançamento nas principais livrarias de *Vida de Jesus*.

1864-65

Segunda viagem de Renan ao Oriente. Ele visita o Egito (novembro-dezembro de 1864), Damasco e Antioquia (janeiro-fevereiro de 1865), a Grécia (fevereiro-março), a Ásia Menor (maio) e retorna a Paris no fim de junho de 1865.

1866

12 de abril — Lançamento de *Os Apóstolos*, tomo II de *Origens do cristianismo*.

1867

25 de janeiro — Renan propõe à Academia de Inscrições a composição de um *Corpus inscriptionum semiticarum*.

1º de setembro — Publicação da 13ª edição de *Vida de Jesus*.

1868

10 de março — Publicação de *Questões contemporâneas*.

1869

Julho — Renan acompanha o príncipe Jerôme Napoléon em uma viagem ao mar do Norte. Ele recebe, em 15 de julho, a notícia da declaração de guerra da França à Prússia.

21 de julho — Retorna a Paris.

17 de novembro — É reintegrado ao Colégio de França por Jules Simon.

1871

1º de maio — Renan se instala em Versalhes, onde fica até 28 de maio. Ele escreve a maior parte dos *Diálogos filosóficos*.

6 de dezembro — Publicação de *A reforma intelectual e moral*.

1875

Setembro-outubro — Em Ischia, Renan começa a escrever *Lembranças de infância*, cujo início é publicado em *A Revista dos Dois Mundos* de 15 de março de 1876.

1878

13 de junho — É eleito para a Academia Francesa, na cadeira de Claude Bernard. Aí será recebido por Alfred Mézières em 3 de abril de 1879, com Victor Hugo e Jules Simon como padrinhos.

1879

Agosto-setembro — Renan escreve *A água da juventude* em Ischia.

1881

14 de novembro — Lançamento de *Marco Aurélio*, último volume de *Origens do cristianismo*.

1882

11 de março — Renan faz uma conferência na Sorbonne: "O que é uma nação?".

1883

Maio — É eleito administrador do Colégio de França.

1884

14 de novembro — É eleito presidente da Sociedade Asiática.

1885

Começo de julho — Renan passa o verão em Rosmapamon, onde, a partir de então, passará suas férias.

18 de novembro — Lançamento de *Sacerdote de Nemi*.

1886

25 de outubro — Lançamento do primeiro volume de *História do povo de Israel*.

1888

30 de outubro — *Exame de consciência filosófica,* a ser publicado em *A Revista dos Dois Mundos* de 15 de agosto de 1890.

1890

9 de abril — Publicação de *O futuro da ciência*, escrito em 1848-1849.

1892

17 de setembro — Renan, doente, deixa Rosmapamon para retornar a Paris.

2 de outubro — Morte de Renan. Seu funeral, por conta do Estado, se deu em 7 de outubro.

Índice

Relação dos Volumes Publicados

1. Dom Casmurro
   Machado de Assis
2. O Príncipe
   Maquiavel
3. Mensagem
   Fernando Pessoa
4. O Lobo do Mar
   Jack London
5. A Arte da Prudência
   Baltasar Gracián
6. Iracema
   José de Alencar
7. Inocência
   Visconde de Taunay
8. A Mulher de 30 Anos
   Honoré de Balzac
9. A Moreninha
   Joaquim Manuel de Macedo
10. A Escrava Isaura
    Bernardo Guimarães
11. As Viagens - "Il Milione"
    Marco Polo
12. O Retrato de Dorian Gray
    Oscar Wilde
13. A Volta ao Mundo em 80 Dias
    Júlio Verne
14. A Carne
    Júlio Ribeiro
15. Amor de Perdição
    Camilo Castelo Branco
16. Sonetos
    Luís de Camões
17. O Guarani
    José de Alencar
18. Memórias Póstumas de Brás Cubas
    Machado de Assis
19. Lira dos Vinte Anos
    Álvares de Azevedo
20. Apologia de Sócrates
    Platão
21. A Metamorfose/ Carta a Meu Pai/ Um Artista da Fome
    Franz Kafka
22. Assim Falou Zaratustra
    Friedrich Nietzsche
23. Triste Fim de Policarpo Quaresma
    Lima Barreto
24. A Ilustre Casa de Ramires
    Eça de Queirós
25. Memórias de um Sargento de Milícias
    Manuel Antônio de Almeida
26. Robinson Crusoé
    Daniel Defoe
27. Espumas Flutuantes
    Castro Alves
28. O Ateneu
    Raul Pompéia
29. O Noviço
    Martins Pena
30. A Relíquia
    Eça de Queirós
31. O Jogador
    Dostoiévski
32. Histórias Extraordinárias
    Edgar Allan Poe
33. Os Lusíadas
    Luís de Camões
34. As Aventuras de Tom Sawyer
    Mark Twain
35. Bola de Sebo e Outros Contos
    Guy de Maupassant
36. A República
    Platão
37. Elogio da Loucura
    Erasmo de Rotterdam
38. Caninos Brancos
    Jack London
39. Hamlet
    William Shakespeare
40. A Utopia
    Thomas More
41. O Processo
    Franz Kafka
42. O Médico e o Monstro
    Robert Louis Stevenson
43. Ecce Homo
    Friedrich Nietzsche
44. O Manifesto Comunista
    Marx e Engels
45. Discurso do Método / Regras para a Direção do Espírito
    René Descartes
46. Do Contrato Social
    Jean-Jacques Rousseau
47. A Luta pelo Direito
    Rudolf von Ihering
48. Dos Delitos e das Penas
    Cesare Beccaria
49. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo
    Max Weber
50. O Anticristo
    Friedrich Nietzsche
51. Os Sofrimentos do Jovem Werther
    Goethe
52. As Flores do Mal
    Charles Baudelaire
53. Ética a Nicômaco
    Aristóteles
54. A Arte da Guerra
    Sun Tzu
55. Imitação de Cristo
    Tomás de Kempis
56. Cândido ou o Otimismo
    Voltaire
57. Rei Lear
    William Shakespeare
58. Frankenstein
    Mary Shelley
59. Quincas Borba
    Machado de Assis
60. Fedro
    Platão
61. Política
    Aristóteles
62. A Viuvinha/ Encarnação
    José de Alencar
63. As Regras do Método Sociológico
    Émile Durkheim
64. O Cão dos Baskervilles
    Sir Arthur Conan Doyle
65. Contos Escolhidos
    Machado de Assis
66. Da Morte / Metafísica do Amor / Do Sofrimento do Mundo
    Arthur Schopenhauer
67. As Minas do Rei Salomão
    Henry Rider Haggard
68. Manuscritos Econômico-Filosóficos
    Karl Marx
69. Um Estudo em Vermelho
    Sir Arthur Conan Doyle
70. Meditações
    Marco Aurélio
71. A Vida das Abelhas
    Maurice Materlinck
72. O Cortiço
    Aluísio Azevedo
73. Senhora
    José de Alencar
74. Brás, Bexiga e Barra Funda / Laranja da China
    Antônio de Alcântara Machado
75. Eugênia Grandet
    Honoré de Balzac
76. Contos Gauchescos
    João Simões Lopes Neto
77. Esaú e Jacó
    Machado de Assis
78. O Desespero Humano
    Sören Kierkegaard
79. Dos Deveres
    Cícero
80. Ciência e Política
    Max Weber
81. Satíricon
    Petrônio
82. Eu e Outras Poesias
    Augusto dos Anjos
83. Farsa de Inês Pereira / Auto da Barca do Inferno / Auto da Alma
    Gil Vicente
84. A Desobediência Civil e Outros Escritos
    Henry David Toreau

Para Além do Bem e do Mal
Friedrich Nietzsche

86. A Ilha do Tesouro
    R. Louis Stevenson
87. Marília de Dirceu / Cartas Chilenas
    Tomás A. Gonzaga
88. As Aventuras de Pinóquio
    Carlo Collodi
89. Segundo Tratado Sobre o Governo
    John Locke

Amor de Salvação
Camilo Castelo Branco

91. Broquéis / Faróis
    Cruz e Souza
92. I-Juca-Pirama / Os Timbiras / Outros Poemas
    Gonçalves Dias
93. Romeu e Julieta
    William Shakespeare
94. A Capital Federal
    Arthur Azevedo
95. Diário de um Sedutor
    Sören Kierkegaard
96. Carta de Pero Vaz Caminha a El-Rei Sobre o Achamento do Brasil
97. Casa de Pensão
    Aluísio Azevedo
98. Macbeth
    William Shakespeare
99. Édipo Rei / Antígona
    Sófocles
100. Lucíola
     José de Alencar
101. As Aventuras de Sherlock Holmes
     Sir Arthur Conan Doyle
102. Bom-Crioulo
     Adolfo Caminha
103. Helena
     Machado de Assis
104. Poemas Satíricos
     Gregório de Matos
105. Escritos Políticos / A Arte da Guerra
     Maquiavel
106. Ubirajara
     José de Alencar
107. Diva
     José de Alencar
108. Eurico, o Presbítero
     Alexandre Herculano
109. Contos
     Lima Barreto
110. A Luneta Mágica
     Joaquim Manuel de Macedo
111. Fundamentação da Metafísica dos Costumes
     Immanuel Kant
112. O Príncipe e o Mendigo
     Mark Twain
113. O Domínio de Si Mesmo pela Auto-Sugestão Consciente
     Émile Coué
114. O Mulato
     Aluísio Azevedo
115. Sonetos
     Florbela Espanca
116. Uma Estadia no Inferno / Poemas / Carta do Vidente
     Arthur Rimbaud
117. Várias Histórias
     Machado de Assis
118. Fédon
     Platão
119. Poesias
     Olavo Bilac
120. A Conduta para a Vida
     Ralph Waldo Emerson
121. O Livro Vermelho
     Mao Tsé-Tung
122. Oração aos Moços
     Rui Barbosa
123. Otelo, o Mouro de Veneza
     William Shakespeare
124. Ensaios
     Ralph Waldo Emerson
125. De Profundis / Balada do Cárcere de Reading
     Oscar Wilde
126. Crítica da Razão Prática
     Immanuel Kant
127. A Arte de Amar
     Ovídio Naso
128. O Tartufo ou o Impostor
     Molière
129. Metamorfoses
     Ovídio
130. A Gaia Ciência
     Friedrich Nietzsche
131. O Doente Imaginário
     Molière
132. Uma Lágrima de Mulher
     Aluísio Azevedo
133. O Último Adeus de Sherlock Holmes
     Sir Arthur Conan Doyle
134. Canudos - Diário de uma Expedição
     Euclides da Cunha
135. A Doutrina de Buda
     Siddharta Gautama
136. Tao Te Ching
     Lao-Tsé
137. Da Monarquia / Vida Nova
     Dante Alighieri
138. A Brasileira de Prazins
     Camilo Castelo Branco
139. O Velho da Horta / Quem Tem Farelos?
     Gil Vicente
140. O Seminarista
     Bernardo Guimarães
141. O Alienista
     Machado de Assis
142. Sonetos
     Manuel du Bocage
143. O Mandarim
     Eça de Queirós
144. Noite na Taverna / Macário
     Álvares de Azevedo
145. Viagens na Minha Terra
     Almeida Garret

Série Ouro

(Livros com mais de 400 p.)

1. Leviatã
   Thomas Hobbes
2. A Cidade Antiga
   Fustel de Coulanges
3. Crítica da Razão Pura
   Immanuel Kant
4. Confissões
   Santo Agostinho
5. Os Sertões
   Euclides da Cunha
6. Dicionário Filosófico
   Voltaire
7. A Divina Comédia
   Dante Alighieri
8. Ética
   Baruch de Spinoza
9. Do Espírito das Leis
   Montesquieu
10. O Primo Basílio
    Eça de Queirós
11. O Crime do Padre Amaro
    Eça de Queirós
12. Crime e Castigo
    Dostoiévski
13. Fausto
    Goethe
14. O Suicídio
    Émile Durkheim
15. Odisséia
    Homero
16. Paraíso Perdido
    John Milton
17. Drácula
    Bram Stocker
18. Ilíada
    Homero
19. As Aventuras de Huckleberry Finn
    Mark Twain
20. Paulo – O 13º Apóstolo
    Ernest Renan
21. Eneida
    Virgílio
22. Pensamentos
    Blaise Pascal

tão buscando informações de todos os tipos. Nesse contexto cultural o livro, nas suas várias formas físicas, cada vez mais reforça sua verdadeira função: informar e transformar.

A coleção *A Obra-Prima de Cada Autor* é um projeto com mais de 300 volumes de importantes autores brasileiros e de outras nacionalidades, abrangendo vários gêneros literários.

Em formato de bolso e preço acessível, estes agradáveis volumes vêm preencher uma lacuna editorial: livros clássicos de leitura obrigatória que estavam (a maioria) ausentes das nossas livrarias e pontos alternativos de venda.

Nossa missão editorial é oferecer aos leitores brasileiros uma opção de leitura já altamente qualificada e de fácil acesso. Queremos popularizar o livro.

Revolucione-se culturalmente — leia mais para ser mais!

MARTIN CLARET

Ernest Renan

TEXTO INTEGRAL

O personagem histórico chamado Saulo pelos judeus e Paulo pelos romanos, nascido na cidade de Tarso por volta do ano 10 da era cristã, membro da seita ortodoxa dos fariseus, foi um homem de avassaladora ação.

A suprema missão de Paulo foi pregar e transformar a mensagem evangélica de Jesus em religião universal cristocêntrica. Paulo é considerado uma das maiores figuras da história do cristianismo.

Esta biografia de Paulo, de Ernest Renan, é parte de um ambicioso projeto literário do autor denominado "A História das Origens do Cristianismo".

Neste volume Renan centra seus estudos principalmente nas epístolas escritas ou atribuídas a Paulo, também chamado o "13º apóstolo".

MARTIN CLARET